

OBRAS COMPLETAS
DE
ALMEIDA GARRETT

XII

- OBRAS COMPLETAS DE ALMEIDA GARRETT
- I — Retrato de Venus — Historia da
tura — Fragmentos de poemas
ditos.
 - II — Lyrica — Vol. 1.º «Liricas de Jodo Minim»
«Fabulas e contos» — «Sonetos» — «Odas
crenticas».
 - III — Lyrica — Vol. 2.º «Flores sem fructo»
«Folhas esahias».
 - IV — Camões, poema em dez cantos.
 - V — D. Branca, poema em dez cantos.
 - VI — Adozinda — Romances reconso-
dos.
 - VII — Romanceiro — Vol. 1.º «Romances de
dição oral».
 - VIII — Romanceiro — Vol. 2.º «Romances de
dição oral» — «Romances com forma litteraria».
 - IX — Theatro — Vol. 1.º «Catilas».
 - X — Theatro — Vol. 2.º «Meropes» — «Im-
pe-
de Cintas» — «Coreunia por amors».
 - XI — Theatro — Vol. 3.º «Auto de Gil Vice-
«Philippa de Vilhena».
 - XII — Theatro — Vol. 4.º «Alfagema de Sant'Anna»
— «Tio Simplicio».
 - XIII — Theatro — Vol. 5.º «Falar verdade a m-
— «As prophecias do Bandarra» — «U-
ndo no Difundo» — «O Camões do Rio»
 - XIV — Theatro — Vol. 6.º «Frei Luiz de São
«A Sobrinha do Marquez».
 - XV — Arco de Sant'Anna — «Chronica por
— Manuscrito achado no convento dos
los, no Porto, por um soldado do corpo
mico». — Vol. 1.º.
 - XVI — Arco de Sant'Anna — Vol. 2.º.
 - XVII — Helena (Fragmento de um romance).
 - XVIII — Viagens na minha terra — Vol. 1.
 - XIX — Viagens na minha terra — Vol. 1.
 - XX — Da educação — «Cartas dirigidas a u-
nhora Ilustre, encarregada da institui-
uma joven princesa».
 - XXI — Bosquejo da Historia da Poesia
Lingua portugueza — Outros
criptos — Impressões e viage-
 - XXII — Memorias biographicas.
 - XXIII — Portugal na balança da Euro-
na nova ordem de coisas do mundo civil
 - XXIV — Politica — «Reflexões e opusculos» —
respondencia diplomatica» — Vol. 1.º.
 - XXV — Politica — «Reflexões e opusculos» —
respondencia diplomatica» — Vol. 2.º.
 - XXVI — Discursos parlamentares.
 - XXVII — Cartas intimas.
 - XXVIII — Garrett e a sua obra, por Theophilo L
 - XXIX e XXX — Obras posthumas.

OBRAS COMPLETAS
DE ALMEIDA GARRETT
Edição revista, coordenada e dirigida pelo Dr. Theophile Braga
XII

THEATRO

VOLUME IV

Alfageme de Santarem
Tio Simplicio

EDIÇÃO ILLUSTRADA



LISBOA
EMPREZA DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA

R. Augusta, 95 || 45 Rua Ivens, 47
1904

TYPOGRAPHIA

O ALFAGEME DE SANTAREM

PROLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Quiz-se pintar n'este quadro a face da sociedade em um dos grandes cataclysmos por que ella tem passado em Portugal. O pintor isolou-se de todo o sentimento e sympathia — paixões politicas, não as tem — para vêr e representar, como elles foram, são e hão de sempre ser, os dois grandes elementos sociaes, o popular e o aristocratico. Tomou para primeira luz do quadro as principaes figuras da interessante anecdota da espada de Nun'Alvares Pereira e da prophecia do alfageme de Santarem, tão sinceramente contada n'aquelle ingenuo estylo patriarchal da primeira *Chronica da Condestabre*, d'on-de passou depois pára os historiadores e poetas que a repetiram.

O fundo e accessórios do quadro têm o mesmo carácter de desenho e de côres.

Em Fernão Vaz, o alfageme, e na sua gente, Gil Serrão, Braz Fogaca, etc., estão os populares com todos os sabidos defeitos e com todas as inquestionaveis virtudes da classe. Nun'Alvares Pereira é o bello ide-

da nobreza. Mendo Paes o typo de seu abastardeamento. No ultimo está a prosa torpe das revoluções, nos outros a poesia d'ellas.

Froilão-Dias é o homem sincero do passado, e o ministro da paz e da verdade, porque é verdadeiro ministro de Deus. Risonha com os pequenos, austero com os grandes, a sua voz clama sempre no deserto; — que não ha deserto mais surdo, nem mais cego tambem, do que a tumultuaria praça da revolta.

O amor é essencial parte do drama, porque o drama é a vida, e o amor a essencial parte da vida. Em Alda está o amor puro, e estrême de vaidade, muito menos raro na mulher que no homem, mas sempre raro. Em D. Guiomar o commun dos amores vulgares, cuja base de composição é a vaidade, e que segundo o temperamento ou o acaso deixam de preponderar, mais ou menos o instincto sensual, assim se chamam depois criminosos ou virtuosos na estupida e falsa linguagem do mundo convencional.

Delineou-se este drama em meados de 1839, e effectivamente se compoz agora.

Bemfica, 1.^o de Outubro de 1841.

O ALFAGEME DE SANTAREM

DRAMA

PESSOAS

O ALFAGEME (FERNÃO-VAZ)
NUN'AI VARES PEREIRA
FROILÃO-DIAS

ALDA
MENDO-PAES
D. GUIOMAR
O ALCAIDE
JOANNA
SERAPHINA
CORO DAS DONZELLAS DO ALFAGEME
GIL SERRÃO
BRAZ-FOGAÇA
CORO DOS SERRALHEIROS DO ALFAGEME
POVO

DAMAS E CAVALEIROS DE SANTAREM ; CAVALHEIROS
PAGENS E HOMENS D'ARMAS DE NUN'ALVARES ;
AGUAZES DO ALCAIDE

Logar da scena — A Ribeira de Santarem
1383-1385

ACTO PRIMEIRO

E' no suburbio de Santarem, dito A Ribeira. A' esquerda uma casa antiga, apalaçada, com vestigios de grandeza senhorial, mas muito arruinada, com escada exterior de pedra, descoberta e praticavel, e collocada de modo que os actores, quando descem, ficam com a face para o espectador. No alto da escada, patim com parapeito, e coberto com uma parreira. — A' direita uma casa abarracada mas vasta e bem reparada, em que estão os armazens e serralharias do Alfageme, cujas forjas accesas e trabalhando são visiveis para o espectador; a parte mais posterior da casa é mais antiga e acanhada, com só duas janellinhas agudas e porta no meio. No fundo Marvila ou parte alta de Santarem. — Em baixo corre o Tejo. — Da esquerda vem a estrada de Lisboa, pela direita se sobe para Santarem. — No meio da scena, entre as duas casas alguma arvore. — E' de inverno. — A mesma vista em todos os actos.

SCENA I

ALDA e GUIOMAR no patim, encostadas ao parapeito; o ALFAGEME ás portadas de sua casa. CÔRO DE SERRALHEIROS e DONZELLAS do Alfageme, dentro.

As levantar do panno, continúa a introduçao na orchestra acompanhando o tinir das bigornas e o assophar das forjas

Alfageme (*dando a ultima demão a uma espada, canta estylo de romance popular antigo*)

Já lá vem o sol na serra,
Já lá vem o claro dia,
E inda o Conde de Allemanha
Com a... (tosse) hum, hum, hum!...
dormia.

A trova diz : Alemanha ;
 Eu digo : Gallegaria...
 Onde chegou Portugal
 Mais a sua bisarria !

Côro

Onde chegou Portugal
 Mais a sua bisarria !

Alfageme —

Mangas da minha camisa.
 Não n'as chegue eu a romper,
 Se em vindo.
 Se em chegando o nosso infante,
 Não ha aqui muito que ver !

Côro

Deus nos traga o nosso infante
 Que tem muito que fazer !

Alfageme (*falando*) — Muito que ver e muito que fazer ! Ha como nunca houve, Gallegos, Castelhanos, scismaticos apossados de tudo... Estrangeiros senhores do reino... do reino e da rainha ! E para nós tributos não faltam. — Veremos, veremos, que isto não está para muito, e não tarda o dia de juizo. (*Canta*)

Quem não deve, não deve, não teme :
 Espadas e lanças faz o Alfageme.

Côro

Quem não deve, não deve, não teme ;
 Espadas e lanças faz o Alfageme.

Alfageme — E vamos a ellas, rapazes ; fazer bem espadas, bem lanças, bem hachas, azevans e partazanas, que hão de ser muito feiradas, e cedo. Anno de safra para o alfageme, meus amigos. Do modo que isto anda revoltado ! — E' trabaihar, rapazes.

Alfa (*á parte para Guiomar*) — Tambem m'o adivinha o coração, que cedo havemos de ter grandes alterações n'esta terra. Quanto ha que el-rei faleceu, senhora D. Guiomar ?

Guiomar — El-rei D. Fernando ? Haverá... Estamos a 8 de dezembro. Elle morreu a 22 de outubro

— é pouco mais de um mez. E já como esta gente anda sólta e revoltita! — A rainha D. Leonor por boccas do povo d'este modo! Não ha villão ruim que se lhe não atreva. — Ah! Ah! quem podéra...

Alda — E' villania. Uma mulher, uma senhora — rainha que ella não fosse — andarem-lhe com a vida por trovas e motetes! E Deus sabe quantos aleivos, quantos falsos testemunhos por ahi não andam... (*O Alfageme entra para a sua casa.*)

SCENA II

ALDA, GUIOMAR

Guiomar — Lá isso!... Aquellas amizades com o conde Andeiro não ha negal-as; e muito mal lhe fazem a ella e a todos nós que seguimos seu partido. Mas emfim ella é a regente do reino, que lh'o deixou el-rei no seu testamento e o reino é de sua filha.

Alda — N'essas coisas me não metto eu, que não entendo... — Vamos para baixo que está a manhã tam bonita. Mas afflige-me ouvir diffamar uma pobre mulher, talvez inocente. (*Vão descendo e falando, e ficam em baixo.*) Ha de ser inocente. — E vêr andar revolvendo o povo com estes aborecidos cantares... E este nosso visinho que me parecia homem serio e de outros pensamentos ajudando tambem... Não o esperava d'elle. Dizei-lhe alguma coisa, senhora; fazei-lhe vergonha com isso, que vos ha de attender de certo; é homem que foi criado em vossa casa... que vos deve tanto...

Guiomar — Aonde isso vae! — Aqui foi nado e criado certamente; aqui o teve meu pae como a filho, que por tal lhe queria; e com meu irmão se criou, que é seu collaço, e ao trato e usos de cavalleiro se acostumou. Ninguem teve mais altos espiritos. Mas des que Deus levou meu pae, começou a enfadar-se da vida que levava e a dizer que não era para cavalleiro quem cavalleiro não nascera; que seu pae fôra alfageme, e elle alfageme havia de ser; que mais queria fazer armas para senhores e vender-lh'as como mercador, do que vender-se elle

a si, para lh'as deixarem tratar como escudeiro e em dependencia de senhores; — que era pobre e queria ser rico, para não comer o pão de ninguem, mas o seu. E um dito d'elle de todos os dias era que — villão por villão, antes em sua casa, que na de seu sogro não.

Alda — Nobres espiritos tem. — Que pena!

Guiomar — Pena de quê? A sua fortuna foi essa teima em que persistiu. Foi-se ás forjas e ferramentas do pae, deixou todo o uso e trato de cavalleiro, começou a trabalhar por seu officio, e tanto lidou, que entrou a ganhar freguezia e credito, e hoje é o mais perfeito, e tambem o mais rico alfageme de Portugal.

Alda — Inda assim!

Guiomar — Vês aquellas casarias todas, com tanta forja a trabalhar, tanta gente occupada, tantos armazens cheios de armas de toda a sorte e valia? — Pois tudo isso tem: elle feito. A casita do pae era só aquillo que se vê lá no canto, no fim, com a portinha baixa e duas janellas estreitas, que o filho não quiz mudar, nem pôr á feição do resto da casa, por honra e memoria do pae, diz elle. — É um homem muito fóra do trilho dos outros; faz soberba e vaidade do que a mais gente se envergonha.

Alda — Já o vejo com outros olhos. Parecia-me de um trato tam...

Guiomar — Grosseiro... não? — E' fingido. Diz elle que para viver com os da sua igualha assim precisa. Não sei. Mas quando elle queria, não tinha a corte d'el-rei D. Fernando mais guapo cavalleiro; nem se assenta, nas almofadas do estrado da rainha D. Leonor, dama a quem seu galanteio não agradasse e desvanecesse.

Alda — Maravilhas me contaes do alfageme. Cuidei que lhe querieis mal: nunca lhe falaes, e elle apena vos saída de longe.

Guiomar (estremecendo e corando) — Eu!... — Elle d'antes vinha aqui mais vezes. Mas... é um homem muito ás vessas dos outros; já te disse. — Desde que meu irmão... a nossa casa entrou a cahir de fortuna.

Alda — Por isso foge de vós?... — E tam brioso o dizieis?

Guiomar — Como não conheço outro. — Meu irmão que está em Lisboa, como sabes, em requerimento de serviços de nosso pae ha tantos annos, tem consumido, sem fructo, na dependencia da corte o pouco resto de fazenda que nosso pae não perdeira no serviço d'el-rei... que assim o tem pago a seus filhos!... Entrou a valer-se d'elle meu irmão... hoje devemos-lhe muito, uma quantia que nem eu sei. De protegido passou a protector. E se ainda moramos n'esta casa e lhe chamamos nossa, é mercê do alfageme, Alda. Teu tio, quando para aqui veiu para Santarem que seu padrinho D. Alvaro lhe deu esta capellania de Santa Iria, por nos ajudar veiu morar commosco. As rendas d'essa pobre capellania (abençoadas são elles que para tanto chegam!) são quasi o unico rendimento de que hoje se sustenta esta casa, que já teve tanto e tanto d'u. Tu estás aqui ha poucas semanas, cuidavas talvez...

Alda — Não cuido nada senão em vos servir, em vos agradecer de todo o meu coração, o amparo que achei n'esta casa quando, por morte de meu senhor D. Alvaro Gonçalves, o meu santo padrinho que está em gloria, fiquei tam sósinha, tam sem abrigo.

Guiomar — Pois quê? Da Flôr-da-Rosa, d'aquella casa tam bemfazeja e tam rica, verdadeira casa de Hospitaleiros, te lançariam os filhos do Prior? Pedro Alvares Pereira, que é hoje o prior, em vez de seu pae, e todos elles, que são cavalleiros de tanto nome e de tam principal nobreza, te haviam de abandonar?

Alda — N'aquella casa em que nasci, morreria contente e satisfeita de minha situação humilde, alli passaria toda a vida sem desejar mais nem mais pretender, se... se... mas como havia de eu ficar n'uma familia de mancebos, gentis homens, e que o mais velho não tem trinta annos? Não os terá Pedro Alvares, o prior, não.

Guiomar — O mais moço é D. Nuno: não é? que edade tem?

Alda — Dois annos mais que eu. — Bem vêdes que não podia ficar n'aquella casa. Em quanto viveu o santo Prior, — eu era criada em casa, filha do seu mórdomo, ninguem reparava em que vivesse alli

entre os bons cavalleiros do Hospital uma pobre orphā a quem o mesmo D. Alvaro Gonçalves trataba por filha, e todos os seus filhos, todos os seus cavalleiros por irmā; mas depois que elle morreu, era outra coisa; senão fosseis vós e meu tio ficava sem abrigo — a triste orphā desvalida e dependente...

Guiomar — Dependente, filha! de quem? Já te confessei, com toda a sinceridade, que aqui não ha senão as paredes velhas d'esta casa, a que ainda chamamos nossa por mercē de Fernão Vaz o alfageme, de quem já tudo é, Alda; de quem e dos seus populares em breve será tudo quanto era da gente nobre d'esta terra, que elles crescem e nós minguamos. Toda a riqueza vae passando a mãos de vilões...

Alda — Se elles trabalham tanto...

Guiomar — E nós ficaremos a pedir. — Meu irmão custa-lhe a dever estas obrigações... péza-lhe estar em divida com um homem que já foi seu dependente. — Elle percebe-o, soze de o vexar, e por isso agni não vem. — Eis ahi está.

Alda — Honrado homem!

Guiomar — Bem o pôdes dizer.

SCENA III

ALDA, GUIOMAR, ALFAGEME

Côro de donzelas do Alfageme, dentro

Alfageme (chegado à porta da sua casa vem cantando):

Quem não deve... não deve...

(Vê-as, para de cantar e tira o barrete com muito respeito)

Deus vos salve, senhoras. (*Guiomar corteja com a cabeça.*)

Alda — Bons dias, visinho. — Muito ocupado estás hoje.

Alfageme — Hoje e sempre: é o meu officio, é a minha vida, é o para que vim a este mundo — para trabalhar. Já que é sina, quero cumpril-a alegremente.

Alda — Bem, alegre, que tanto cantaes.

Alfageme — Cantar!... Musica de alfageme, solfa de ferreiro: é acompanhar o tinir da bigorna. Que ha-de a gente fazer?

Alda — Bem me agrada a musica e a toada; é singela e de folgar. — As letras que hoje cantastes é que...

Alfageme — As letras! Nem eu sei o que foi: algum romance velho que já se não usará de cantar por sarões de senhores — cousas cá da gente do povo; é o que nós sabemos.

Alda — Quereis que vos diga o que tenho no coração?

Alfageme — Para quê. — Bem o sei.

Alda — Como sabeis?

Alfageme — Assim o não soubera!

Côro, (dentro)

Só se fôr o Conde Alarcos,
E esse tem mulher e filha!

Outras vozes

Ai rico pae da minha alma,
Esse é o que eu queria!

Alda (perturba-se e córa, disfarçando e encaminhase para a escada) — E' um descante continuo n'esta vizinhança... Não se pôde.

Alfageme (em accão de voltar para dentro) — Já as farei callar...

Alda (com enfado e subindo a escada) — Para quê? que me importa? — Mas valha-me Deus! meu tio sem chegar! Vou vêr se...

Alfageme — Ahi vem elle descendo aquella encosta: não tardará aqui cinco minutos. Então não me dizeis o que tendes no coração?

Alda (do meio da escada) — Se o sabeis...

Alfageme — Dizei embora.

Alda — Outra vez será. — Meu pobre tio! Como elle ha de vir tolhido com tanto frio que faz! vou tratar de ter tudo prompto para o seu jantar. (Entra para casa; Guiomar a segue, mas fica no meio da escada.)

SCENA IV

GUIOMAR, do meio da escada ; **ALFAGEME** de baixo

Guiomar — Fernando ?

Alfageme — Senhora D. Guiomar.

Guiomar — Sempre me haveis de falar assim ?

Alfageme — I rato-vos como quem sois, com o respeito que vos devo.

Guiomar — Já me não deveis senão respeito ?

Alfageme — Tudo quanto sou vos devo, e a vosso pae, senhora, e á vossa familia, d'isso me não esqueço um instante.

Guiomar — D'antes, Fernando, eram outras divididas as que vos pesavam mais no coração.

Alfageme — D'antes era outro tempo, senhora. — Aquelle Fernão Vaz que se atrevia a levantar os olhos para — para onde não devia, aquelle pobre escudeiro que tam mal cabido andava entre senhores tam altos e damas tam esquivas, morreu : — nem memoria d'esse louco deve ficar. — Vós, que tanta vez vos esquecieis d'elle em vida... para que vos lembra agora que está defuncto ? — D'esse não sei nem eu já : agora só conheço o alfageme.

Guiomar — Se tam esquecido quereis estar do que fostes e da creaçao que tivestes — e tanta gala fazeis do trato grosseiro em que só vos daes por feliz, como vos deixaes tomar assim do amor de uma donzella que, se não é nobre, como tal foi creada e viveu sempre — rica só em prendas e donaires de senhora, feita para dama, e como tal havida e tratada sempre em uma das mais nobres e mais poderosas familias do reino, que ainda hoje a protege e tem por sua ? — Alda é...

Alfageme — Alda é tudo o que dizeis, e muito mais ainda : é um anjo, um anjo de innocencia, de singeleza e bondade... Foi creada, como dizeis, no meio d'essas tentações da grandeza — e da vaidade; mas não a desvairaram. Alda é do povo como eu; o meu amor não pôde envergonhal-a. Quem me ha-de impedir de a amar, de ser feliz em amal-a, de esperar, de procurar que ella aceite o meu amor ? Um amor sem paixão para que dure — sem remorsos

para que nunca amargue — Quem m'o hade impedir?...

Guiomar — Quem? — Se eu me quizera vingar de vós e d'ella com uma palavra podia.

Alfageme — Dizei-a por vossa vida.

Guiomar — Mereciei-o.

Alfageme — Dae-me o que mereço.

Guiomar — Não quero.

Alfageme — Porquê?

Guiomar — Porque ainda não é tempo. (*Sobe e entra.*)

SCENA V

Alfageme, só. — Esta mulher é má. — Agora conheço que nunca a amei, nem ella a mim. — E' má e vaidosa: queria-me para escravo de seus caprichos, detesta-me porque eu o não quiz ser. — Quer-se vingar... de quê?... se foi ella a que... me desprezou, que antes quiz a vergonha de... do que degradar-se a ser a mulher de um homem do povo... Não me accusa a consciencia: adeus! — Oh! mas ahi vem o santo velho do nosso capellão. Isto é que é um honrado clérigo. Uma virtude alegre que não pesa, que chama a gente. (*Falando para dentro das oficinas*) Raparigas, ahi vem o nosso padre Froilão. — Morrem por elle todas. — Elle ahi vem de dizer a sua missa, e de rezar o officio da manhã. Coitado, como elle vem cançado! Estamos em dezembro e o sol queima como de verão. Mas já elle vem a rir. E' sempre aquella santa paz, aquella alegria do céo.

SCENA VI

ALFAGEME, FROILÃO DIAS, JOANNA, SERAPHINA e côro de donzelas do Alfageme, que saem correndo de dentro das oficinas ao encontro do padre.

Côro

(Música simples imitando um estylo popular português)

Padre capellão,
Casae-me, meu padre, pela vossa mão,
Que eu já não tenho nem pae nem irmão,
E quero casar-me, padre capellão

Froilão (arremedando-as) — Casae-me, casae-me,
padre capellão ! Não ha mais senão casae-me, ca-
sae-me. E' com que ellas sonham. Raparigada ! —
Então que queres tu, Joanna ? um noivo ? — Hade-
se achar um noivo. E tu, Seraphina ? O mesmo, hein !
Pois tambem Seraphina hade ter. — E estas todas,
Anna, Magana, Rebeca, Suzanna... Hade haver para
todas. (*Cercam'-no as raparigas todas, dando as
mãos e dansando á roda d'elle, cantam*) :

Côro

Viva o nosso padre, padre capellão,
Que é o nosso santo de mais devoção !

Joanna —

Que me hade casar.

Seraphina —

E a mim porque não ?

Côro

A todas, a todas, quer queira, quer não .

Froilão, (arremedando-as)

A todas, a todas, quer queira, quer não ?

(Falando) Que ! eu sou aqui San'Gonçalo de Ama-
rante, que é o santo casamenteiro ?

Joanna —

San Gonçalo d'Amarante,
Bem lhe reza minha tia ;
Casamenteiro é de velhas,
Vá para outra freguezia,

Côro

Vá para outra freguezia.

Froilão (falando) — Quê, quê ! Ai que eu excom-
mungo isto tudo...

Todas (falando) — Excommungadas as velhas ! As
yelhas, hu, hu, hu, surriada !

Froilão — E os velhos tambem ; não é assim ? En-
tão n'esse caso...

Côro

E os velhos tambem, menos frei Froilão,
Que é o velho das moças, velho de feição.

As moças donzellias
Casa Dom Froilão :
Quer feias, quer bellas...

Froilão —

Só as que são bellas...

Côro

A todas, a todas, que elle é de feição,
E é o nosso santo de mais devoção.

Froilão (arremedando-as a dansar e a cantar)

E eu aqui estou feito San'Paschoal Baillão.

Côro

E' o nosso santo de mais devoção.

Froilão (do mesmo modo)

E' um fresco santo San'Paschoal Baillão !

(Falando) Apage com ellas, que dão cabo do pobre velho. Dá cá d'ahi um banco, alfageme, que me não posso já ter nos pés. (Correm as raparigas todas a buscar um banco, traçem-lh'o ; senta-se : e ellas, umas se sentam no chão aos pés do padre, outras ficam em pé.) Toda a manhã no côro a rezar psalmos, e a cantar antiphonas... e esta raparigada agora sae-me com jaculatorias... para me descançar, não é assim ? — Ora vão, minhas filhas, vão que bom é rir e folgar, e cantar e dansar, que não offenda a Deus nem ao proximo, alivia do trabalho e alegra a vida, que nos não faz Deus para tristes e pezarios. Triste ande o peccado e as más tenções. Mas quem tem o coração folgado, folgue-lhe o rosto, que é de razão. O santo temor de Deus não mette medo, antes alegra e dá conforto. — Ora vão, vão trabalhar, filhas.

Alfageme (á parte) — Isto é que é padre. Não houvera mouro nem judeu, nem d'esses heréjes que agora se diz que ha, se todos os padres fossem como este.

Joanna — A sua benção, padre capellão !

Seraphina — A sua benção !

Todas (em chusma, e umas depois das outras, ajoelhando deante d'elle.) — A sua benção, a sua benção, a sua benção !

Froilão (enternecido) — Minhas filhas, Deus vos abençoe a todas, e vos faça mulheres honradas para serdes felizes, que não ha uma coisa sem a outra. Coitadinhas ! — Então o pobre do velho trôpego que mal serve para se zombar d'elle...

Joanna — Não diga isso, padre capellão, não diga isso ?

Todas — Não diga isso !

Froilão — O pobre clérigo velho e brincalhão, pois que lhe quereis ?

Joanna — Que nos abençoeis, padre, que nos deis a vossa mão a beijar : tudo nos corre bem quando levamos a vossa benção.

Froilão (estendendo as mãos sobre elles e com as lagrimas nos olhos) — Em nome de Deus vos abenço, filhas. — Minhas filhas, coitadinhas ! (Beijam-lhe todas as mãos.) Ora vão trabalhar, vão — Fóra d'aqui, pequenada, safá ! (Bate as palmas, e todas as raparigas voltam pulando para dentro das officinas.)

SCENA VII

FROILÃO DIAS, ALFAGEME

Alfageme — Que feitiço daes a estas moças, que assim morrem por vós, nem ha mais alegria para elles do que vér-vos e folgar comvosco ? — Nem vos respeitam menos ; que uma palavra que lhe digaes, é Evangelho para ellas... e para nós todos. Ha tres annos que aqui estaes n'esta capellania, e já todo o povo vos quer como a pae, já nos tendes a todos por filhos.

Froilão (levantando-se) — Menos tu, que, se és filho, és máo filho.

Alfageme — Eu !

Froilão — Tu, sim. — Anda cá, anda cá, alfageme, que me não importam as tuas alfagemias... Anda meu armeiro, meu espadeiro, que as tuas armas e as tuas espadas dou em todas com um trinco ao demo... Dize-me cá: tu não sabes que eu sou o pae d'estas raparigas todas ?



Alfageme — Não é nada, senhor, vêde.

1—ALFAGENE

Acto III, Scena xii

Alfageme — Sei.

Froilão — Que ha tres annos, como ainda agora dis-seste, que estou n'esta capellania que me deu o prior do Hospital, meu senhor, que Deus tem, e que já sou o tio Froilão, o mestre Froilão, o papá Froilão de toda esta pequenada ? E que não soffre que ninguem m'as desencaminhe, — e ou me hâode casar honestamente com ellas, ou ninguem mas hâde endoidecer com tontarias, senão vae tudo com trezentos milheiros de belzebus ?

Alfageme — Sei. Mas que tendes que me dizer a mim n'esse ponto? Mais de vinte moças de todas as edades ahi trabalham n'essas serralharias, e em minha vida não tive uma palavra leviâna que dizer a uma d'ellas. Antes sou tam rigoroso e severo com os meu officiaes, como sabeis. Com vossa ajuda e conselho, estas minhas officinas cheias de gente rude e popular, podiam servir de exemplo... e de confusão a muita casa de senhoras presumidas que nos olham com desprezo... e upa, upa, ao mais alto... E falam, que a quem as ouvir...

Froilão — Deixemos lá essas contas : cada um faz o que deve, e deixa falar os outros. Má lingua que muito fala, com sua vergonha por fim se cala. Não me caias, homem, no vicio do tempo, que é andar a assoalhar as fraquezas do proximo... e sem se lembrarem que o sol que n'ellas dá tambem dá em quem as põe ao soalheiro... Vamos a outro conto — Pois sabeis que eu sou cá a meu modo cavalleiro andante de donzellias desvalidas... cavalleiro de garnacha sim — mas, por esta cruz de San'João de Jerusalém que trago ao peito, que sou cavalleiro tambem ! Por cima d'esta armadura negra visto, em logar da sobreveste de paladim, uma sobre-peliz de clérigo ; mas com ella vou destemido por esse mundo a endereçar *tuertos* de quanta dona dolorida e de humilde condição por mim chama...

Alfageme — Sei que muita mulher de bem vos deve honra e estado, muito homem feliz o socego e quietação da vida em que vive; que a rir e a folgar tendes ganho mais almas para Deus e desviado mais peccadores da má vida, e feito mais felizes n'este mundo do que todos os prégadores de São Domingos e todos os...

Froilão — Adeus, adeus ! Deixemo-nos de compa-

rações: cada um préga como sabe. Eu sou o padre Freilão, de meu natural folgazão, que não sei se não rir e brincar, e a rir e a brincar vou prégando. Se faço algum bem, é porque Deus me abençôa. E adeante. — Pois sabeis tudo isso, meu dom Alfageme da má morte, e dizei-me cá, homem de gervas e arnezes, ruim cabide de ruins armas, meu estafermo de não sei que diga, dizei-me cá, homem: que maldito demo vos apertou o gorgel do pescoço, que vos fez arregalar os olhos para a minha Alda, a menina dos meus olhos, a filha do meu coração? — A minha Alda, só alfageme remendão de más armas ferrugentas? (*O alfageme fica confundido e cabibaixo.*) Anda cá, anda cá; que te hei de aqui correger e esfregar, como tu corregeas uma durindana emplastada de escudeiro velho.

Alfageme — Eu, senhor, confesso que... Mas era...

Freilão — Era o quê, só Vulcano d'aldeia? não sabe que a minha Alda foi creada como sénhora entre sénhoras, com mais prendas que elas todas, com mais virtudes que nenhuma d'ellas? Que é filha de paes honrados e limpos? Já não falo em ser minha sobrinha. — Que meu senhor D. Alvaro lhe queria como a filha, que com seus filhos se creou n'aquelle honrada e virtuosa casa da Flor-da-Rosa? Que meu chorado amo só a morte o pôde apartar de sua querida afilhada? E que agora ha umas semanas que veiu para a minha companhia, depois que elle morreu, e aqui está commigo em casa d'estes nossos primos? primos arredados...

Alfageme — Tam arredados d'antes quando eram ricos, e tam chegados agora que não têm

Freilão — Quem lhe pergunta por isso? Vou-me eu agora casar com elles, para saber o grão de parentesco de que heide tirar dispensa? Cale-se, e ouça. Sabe tudo isto, vê tudo isto, — vê como a trata meu senhor D. Pedr'álv'res Pereira, seu irmão D. Nuno, que aqui esteve ainda outro dia e aqui hade voltar cedo... D. Nuno, moço tam fidalgo e tam bizarro, não vê como a trata? Como irmão sua...

Alfageme — E' o peior parentesco que lhe conheço.

Freilão, (á parte) — Meu Deus, já aqui andará a calúnia! (*Alto*) Que dizeis, homem, que dizeis! D. Nuno Alvares Pereira!

Alfageme — O senhor D. Nuno Alvares Pereira é o

mais gentil e mais bemquisto cavalleiro moço que tem hoje Portugal. Assim elle seja pela boa causa ! Mas isto cá...

Froilão — Que falaes vós de boa causa, e que sabéis vós de qual é a boa causa, homem dos meus peccados ?

SCENA VIII

FROILÃO-DIAS ALFAGEME, e ALDA

que chega ao alto da escada, sem a presentirem

Alfageme — A boa causa é a do povo e a do seu legitimo rei.

Froilão — Valha-te Deus por estadista, homem; que assim te perderás, alfageme, e as tuas alfagemias, se te metteres n'esses dibuchos. Deixa isso para senhores.

Alfageme — Demais lh'o temos deixado ; por isso tam arrastados andâmos, e tam soberbos eiles nos trazem o pé no pescoço.

Froilão — Ai, meu Deus, meu Deus ! Santa Maria da Alcáçova nos acuda, que deu em fazer política o alfageme em lugar de fazer espadas !

Alfageme — Com espadas se faz ella, padre, a boa, a devéras. E se nós, que fazemos o que com ella se faz, nos desenganarmos a trabalhar por nossa conta...

Froilão — Tem-te lá, Portugal ; arreda, Castella, que aqui vae el-rei alfageme meu senhor ! — Cerra, Santiago !

Alfageme — Tem-te Portugal, que te não caias em Castella : digo eu, que não sou rei alfageme : mas alfagemes e outros que taes, a podér que possam, hão de fazer rei a quem de direito é, e não a estrangeiros e schismaticos. Lá está o infante D. João em Toledo.

Alda — Desejaes para rei esse João infante que está coberto de sangue innocent ! Por de melhor coração vos tinha, Fernão-Vaz.

Froilão — Oh ! ahí estavas tu, minha Alda ?

Alda — Agora cheghei para vos dizer que venhaes a comer alguma coisa. Achei-vos a fazer tanta algarra com essas questões d'estado que não enten-

do, que me vou já muito depressa. — Mas não vi-
reis comer alguma coisa, meu tio?

Froilão (*tomando o alfageme pelo braço, e baixo para elle*) — Vêde-me aquelle anjo, alfageme. Sa-
beis que é um anjo, um anjo do paraíso?

Alfageme — Por anjo o adoro.

Froilão — Com fé?

Alfageme — Fé viva e pura.

Froilão — Ora pois, tende esperança.

Alfageme — Com a fé e a esperança por minha
parte haverão caridade commigo?

Froilão — Tu és um homem honrado, que eu bem
o sei, alfageme. Dá cá um abraço. (*Abraça-o*) Dei-
xa-te de políticas, governa a tua vida e não queiras
governar o mundo. Vae trabalhar, e falaremos. Fa-
laremos: adeus!

(*Sóbe pelas escadas e pára em cima ao pé de Alda*)

Alda — Parece-me que já eram horas, tio?

Froilão — São horas e mais que horas de te eu
dar um beijo, Alda, que ainda hoje não abracei a
minha querida filha. (*Abraça-a e beija-a; e tendo-a*
ainda abraçada, diz para baixo ao alfageme que os
está contemplando.) Alfageme, alfageme, que estás
tu ahí a olhar? Vae-te para a forja. (*Voltando-se*
para Alda.) Alda, olha que aquillo trabalha em
ferro, mas é ouro de lei... como uma dobra d: D.
Pedro.

SCENA IX

FROILÃO-DIAS, ALDA

Alda — Ai, meu querido tio!

Froilão, (*arremedando-a*) — Meu querido tio! Não
sou o seu querido tio; sou uma figa para você, se
não tiver juizo.

Alda — Pelejaes commigo?

Froilão — Não pelejo, nem tu o mereces, filha.
Mas olha, Alda; amores são amores... isto é,
amores não são amores tal, quando... Sabes tu
como diz a trova?

(*Canta por entre dentes*)

Flores que não dão fructo, flores,
Não regues, jardineiro, não,

Que perdes o tempo em vão
Com essas flores.

Alda — Que queréis dizer!

Froilão — Que leio em ti como em breviario aberto, Alda: sei o que tens n'esse coração que o atormenta. Mas sei que, ao pé d'essa desgraçada paixão que lá está, tambem está muita virtude e muita honra. E são as que hão de vencer. Não é assim filha?

Alda, (com firmeza) — Sim, meu tio; decerto.

Froilão — Pois e ajudal-as com tempo, que são fortes batalhadoras ambas, mas querem auxiliadas com a firmeza da vontade e com... Sabes tu, Alda, como se diz entre o povo, que a mordedura do cão com o pêlo do cão se cura? — Pois alegria, minha filha, que tristezas para nada aproveitam. Já tu reparaste como este nosso vizinho alfageme fez da sua forja uma capella de musica, que até os foles lhe assopram a compasso, e a bigorna lhe afina em *ut sol la re*, como o hymno de San' João? Pois olha que é bonito. Adeus que eu já venho. (Vae para dentro entoando o hymno latino.)

*Ut queant laxis — resonare fibris
Mira gestorum — famuli tuorum,
Solve pollutum — labii reatum,
Sancte Joannes!*

(Torna para fora e diz)

Quer dizer, que o bem cantar
Nas cordas do coração
Tem a sua affinação,

SCENA X

ALDA no patim, ALFAGEME em baixo,
CÔRDO DE SERRALHEIROS E DONZELLAS do Alfageme, dentro

Alfageme (saindo de sua casa e caminhando para junto do patim da escada) — Por aquellas regras do breviario de D. Froilão, não vos pôde agradar a minha musica, que a não sei afinar por essa entoação... Não sei ou não me atrevo, que tenho medo.

Alda — De quê?

Alfageme — De quebrar as cordas todas ao pobre instrumento, grosseiro e mal construído, tosco e sem harmonia. E porfim para quê?... para se rirem das minhas vãs pretenções.

Alda — Rir!... A mim nunca me faz rir a musica. Nenhuma toada, por mais alegre, me causou nunca senão tristeza.

Uma voz, (dentro) —

(*O mesmo estylo antigo*)

Assomae-vos, minha mãe,
A essa janella do mar,
Vinde ver o Conde Alarcos
Que ahi vae a degollar,

Côro, (dentro)

Conde Alarcos... conde Andeiro,
Que ahi vae a enforcar.

Alda, (descendo) — Que feias letras! E' pena, Fernão Vaz, que ha por ahi tam bonitas coplas, tam gentis vilancetes, e vós e vossa gente, ha dias a esta parte, desseis em cantar esses mal agourentos romances que não resam senão de feias mortes e feios peccados que as trouxeram!

Alfageme — Que quereis, senhora! O cantar do povo anda com as acções de seus amos. O povo é como as crianças. Quando lhe cheira a guerra entre a gente grande, já vereis os rapazes pelas ruas a cavalo em canhas e arrodelados de papel, gritando arma e guerra, e fingindo em seu folguedo os combates que devérás adivinham. O povo canta de mortes e castigos quando os espera da justiça de Deus, porque vê os grandes fazer por elles.

Alda — Dobra-se o mal assim a esperar por elle, a antecipal-o.

Alfageme — Quando o mal vem por castigo, é justiça.

Alda — Pois deixae a Deus fazel-a quando e como lhe prouver; não tomeis em vossa mão vingar agravos de que elle vos não fez juiz. — Sabeis vós, Fernão Vaz, que ha muitas apparencias falsas n'este mundo; que o maior inocente passa ás vezes por criminoso; que um erro involuntario uma fraque-

za leve e muito perdoável nas mãos da calúnia se erige em crime atroz? Sobretudo comosco, pobres mulheres, a quem uma palavra basta para perder, que um volver d'olhos diffama, um dito considerado pôde deshonrar!

Alfageme — Sei, Alda. — Mas sei também que a virtude e o mérito de uma mulher são a coisa mais difícil de offuscar quando são verdadeiros. Que rieis-me ainda agora dizer o que tinheis no coração. Vou dizer-vos eu o que tenho no meu. Vós sois um anjo, Alda, em quem creio como n'uma coisa do céo. Que me dissessem de vós quantas infamias pôde inventar a calúnia mais negra não as cria.

Alda — Não?

Alfageme — Não.

Alda — Olhae bem o que dizeis.

Alfageme — Não.

Alda — Porquê?

Alfageme — Porque vos tenho estudado e vos conhecço.

Alda — Quem sabe?

Alfageme — Sei eu. Eu que vos amo na singelleza de meu coração, que toda a minha ventura seria fazer a vossa; eu que, se não receasse, se não visse que o trato grosseiro e humilde de um homem do povo desdizia tanto das vossas prendas e costumes...

Alda — Tamanha senhora sou eu! Creio que zombais de mim, senhor Fernão Vaz: não vol-o mereço, que sou vossa amiga devéras. Basta o que meu tio Froilão vos quer e o bem que de vós diz, para vos eu estimar. Eu sou uma pobre orphan desvalida que amparou a caridade de meu senhor e padrinho; em cuja casa me criei com mais mimo, é verdade, com mais regalho do que a minha condição cumpria... mas por caridade. Sabeis o que valem estas palavras?

Alfageme — Não sei? Oxalá que o não soubera, e tam bem, e por mim!

Alda — E agora não tenho outra protecção senão este meu pobre tio velho e enfermo... — E dizeis-me vós que!...

Alfageme — Digo-vos uma coisa só: podeis vós casar com um homem que não amae?

Alda — Que não amo ?

Alfageme — Que não amaes.

Alda — Ama-me elle a mim ?

Alfageme — Como o entendeis ?

Alda — Se me tem amor ?

Alfageme — Amor?... (hesita) não. Tem-vos amizade de pae, de irmão, tem por vós uma devoção, uma...

Alda — Pesso.

Alfageme — Imaginaes que podereis vir a amal-o?

Ald a — Crê elle que poderá chegar a amar-me ?

Alfageme — Se não tendes outro amor...

Alda — Eu!...

Alfageme — Vós.

SCENA XI

ALFAGEME, ALDA, NUN'ALVARES

CAVALLEIROS

Nun'Alvares — Alda !

Alda — Nuno ! (Desmaia. Nuno corre a ella e a sustem nos braços.)

Alfageme (fica pensativo e com os olhos cravados nos dois por algum tempo ; depois, cruzando os braços e olhando para o céo, diz amargamente :)

Meu Deus, meu Deus ! Mais outra que me enganava !...

ACTO SEGUNDO

SCENA I

JOANNA, SERAPHINA, em côro com as outras donzelas do Alfageme que estão ás portas e janellas da casa, mostrando as varias peças d'armadura, espadas, montantes, etc., aos cavalleiros em côro, que de fóra as examinam e falam para dentro como quem apreça e quer comprar.

Côro dos Cavalleiros —

Oh que ricos arnezes brilhantes,
Oh que bellas espadas cortantes !
São lindas, lindas !

Joanna —

Meus nobres senhores,
Feirae, feirae, feirae ;
São lindas, lindas, comprae

Côro das Donzelas —

Feirae, feirae, meus nobres senhores :
São lindas armas.

Côro dos Cavalleiros —

Feiremos d'amores,
Que mais lindos são.

Seraphina —

Pois este montante ?

Um Cavalleiro —

Cortante !

Joanna —

Este morrião

Outro Cavalleiro —

Brilhante !

Côro dos Cavalleiros —

Mais brilham, mais cortam no meu coração
Armas d'esses olhos.

Côro das Donzelas —

Feirae, meus senhores.

Côro dos Cavalleiros —

Feiremos d'amores.

Côro das Donzelas —

Não ha d'esse trato aqui, não, não, não.

Joanna —

Ha lanças e espadas,
Cotas e pavezes,
Grevas e celladas
E os peitos que temos...

(*Tocando nos peitos d'armas*)

Não têm coração ;
São de aço...

Alguns Cavalleiros (querendo abraçal-as) —

Provemos !

Algumus Donzelas (repellindo-os) —

Provados estão.

Côro dos Cavalleiros —

Oh que ricos arnezes brilhantes,
Oh que bellas espadas cortantes !
São lindas, lindas !

Côro das Donzelas —

Meus nobres senhores
Feirae, feirae !

Côro dos Cavalleiros —

Feiremos d'amores

Joanna e Seraphina —

Lindas armas !

Dous Cavalleiros —

Lindos mercadores !

Côro das Donzelas —
Pois seirae.

25691

Um Cavalleiro —
Feiremos d'amores;
Dar-vos-hei em troca o meu coração

Côro das Donzelas —
Não ha d'esse trato aqui, não, não, não.

As donzelas não recolhendo as armas; alguns dos cavalleiros se vão dispersando, outros galanteiam ainda com as donzelas; mas estas desapparecem de todo, e os cavalleiros se dispersam e retiram por fim.

SCENA II

O ALFAGEME apparece à porta ultima da sua casa no alto da scena, NUN'ALVARES vem descendo a escada da casa de Mendo; FROILÃO DIAS atraç d'elle, mas fica no alto da escada; côro das donzelas do Alfageme, dentro.

Froilão (ajoelhando) — Senhor, meu senhor.

Nun'Alvares (parando no meio da escada e voltando-se para traz) — Que fazeis!

Froilão — Estou de joelhos deante de vós, senhor, pedindo misericordia. Tende dó d'estas cans: lembrae-vos que ainda o outro dia as arrepellaveis ao pobre clérigo velho quando vos trazia ao collo. Lembrae-vos de vosso pae, D. Nuno! Lembrae-vos...

Nun'Alvares — Não vos basta a minha palavra?

Froilão (erguendo-se) — Dae-m'a, e fico descansado.

Nun'Alvares — Dou... dou a minha palavra.

Froilão — Fé e palavra de homem de bem?

Nun'Alvares — Fé e palavra de homem de bem.

Froilão — De que nunca mais?...

Nun'Alvares — De que nunca mais.

Froilão — Tornareis a fallar-lhe?

Nun'Alvares — Falar-lhe, falar-lhe... — Entendamo-nos, meu bom Froilão, meu velho amigo Froilão. A minha palavra, dei-a, está dada: sou filho de quem sou, hei-de cumpril-a. Que me custe a vida... custe o que custar, heide cumpril-a. De hoje em diante, Alda é minha irmã, minha irmã como se nascesse da mesma mãe, como se nos gerasse o mesmo pae.

Froilão (correndo pela escada abaixo com os braços abertos) — Meu filho, meu querido filho, meu Nuno?... D. Nuno Alvares Pereira, filho d'aquelle grande homem que... (*No alvoroco em que vai, ao chegar a Nun'Alvares quasi que o faz cahir e ambos se precipitariam se Nun'Alvares se não firmasse de repente no guarda mão da escada, segurando ao mesmo tempo a Froilão.*)

Nun'Alvares — Tomae tento, Froilão, que ambos iamos cahindo. Estaes louco? (*Descem de todo a escada e vem para o meio da cena*).

Froilão — Louco! Doido, doido varrido de contente. Quero saltar, quero bailar, quero cahir, e quebrar as pernas se fôr preciso... e a cabeça — e tudo... — Salta Froilão, baila, Froilão. (*Cantando e dansando*.)

Que é um grande santo San'Paschoal Bailão.

Côro das Donzelas (*dentro*) —

E' o nosso santo de mais devoçao.

Nun'Alvares — Estaes alvorocando a vizinhança: vêde.

Froilão — Não é nada, não é nada. — As pequenas alli do alfageme. Isso é santa gente. (*Falando para as janellas da casa do alfageme*) Raparigas, logo; logo sa-taremos e dançaremos e cantaremos. Agora quietas.

Côro das donzelas (*dentro*) —

Casae-me, meu padre, pela vossa mão
Que eu já não tenho...

Froilão (*para dentro*) — Então? Quietas. — (*Para Nun'Alvares*) Mas como a trova diz bem:

Que eu já não tenho nem pae nem irmão!

Côro das Donzelas (*dentro*) —

E quero casar-me, padre capellão.

Froilão — Agora fui eu o culpado que lhes dei o alamiré — (Falando para dentro.) Acabou-se; vejamos! (para Nun'Alvares.) Então, meu rico D. Nuno da minha alma?...

Nun'Alvares — Já vos disse: é minha irmã. Fé e honestidade de irmão lhe guardei sempre. Deshonradas veja eu mulher e filhas, quando as tiver, se a honra e a fama de Alda me não foram sempre mais caras do que a propria vida!

Froilão, (chorando) — Nuno, meu querido Nuno! — Senhor D. Nuno, meu amo (ajoelha e beija-lhe as mãos muitas vezes) meu nobre amo!

Nun'Alvares — Basta, homem; cetae respeito a essa loba que arrastzes pelo chão. Estas mãos não são ungidas como as vossas.

Froilão, (erguendo-se direito e com solemnidade) — D. Nuno Alvares Pereira, vosso pae foi meu amo e meu bemfeitor. O pão que como, este hábito que visto, o alto ministerio que tão indignamente exerço, tudo lhe devo; e sei que é muito. O pobre velho tonto e folgazão sabe o alto logar a que, por auxilio de vosso pae e mercê de Deus, foi subido. — E quando está deante do altar na presença do Senhor, na cadeira do Evangelho, ou no tribunal da Penitencia... que appareçam ahi os grandes do mundo, os reis da terra... Heide-lhes dizer: «Ajoelhae-vos deante do sacerdote do Deus vivo, humilhiae-vos, beijae estas mãos, onde desce o cordeiro immaculado.» — (Com humildade). Mas fóra d'ahi, meu filho, o sacerdote de Christo é o servo de seus servos, deve ser humilde, submisso e manso de coração como seu divino Mestre. — Já vos disse, que devi muito a vosso pae, senhor D. Nuno: desde hoje muito mais é o que vos devo a vós. Não quereis que vol-o agradeça?

Nun'Alvares — Não: faço o que manda a honra, não o que me pede a vontade — A honra!... Eu sei... mais honra seria...

Froilão (com anciadade) — O quê, senhor?

Nun'Alvares (com entusiasmo) — Não me deixar violentar de vãos respeitos humanos, de preconceitos ridiculos e mesquinhos; buscar a felicidade onde o coração me diz que ella está, tomar nos braços a minha Alda, e dizer-lhe: Alda, vem, vem ser...

Froilão (*com mais anciadade*) — Vem ser? . . .

Nun'Alvares (*resoluto*) — Minha mulher.

Froilão (*enternecido*) — Quereis matar-me. — Que mal vos fez este pobre velho, Senhor? (*Encosta-se a uma arvore, como não podendo com o sentimento que se apoderou dele*).

Nun'Alvares (*accudindo-lhe*) — Meu amigo, meu bom Froilão . . . então, então! — Em que vos ofendi?

Froitão (*rompendo a chorar*) — Oh senhor, senhor... Não sei se agora, se quando me offendestes mais. — O filho de meu amo, o filho de D. Alvaro Gonçalves, as ricas esperanças de uma familia tam nobre, para quem nada ha tam alto, n'esta terra a que não possa aspirar, por sangue, por virtude, pelos altos espiritos que Deus lhe deu e que tanto medraram na boa criação que tiveram! . . . E eu havia de consentir? . . . Antes morrer, antes. — Mas vós não haveis de fazer tal, senhor: estae despossado com aquella rica-dona de Entre-Douro e Miño com quem vosso pae tanto gôsto tinha de vos ver casado; senhora tam formosa, tam fidalga, tam rica dos bens da fortuna . . . Oh, senhor D. Nuno, e déstes-me a vossa palavra.

Nun'Alvares — Dei-vos palavra que de hoje em deante Alda seria para mim uma irmã — querida e adorada sempre! — mas sagrada como irmã até para o meu pensamento. Esta palavra heide cumpril-a se . . .

Froilão — Se! — Condições ainda D. Nuno?

Nun'Alvares — Uma só. — Se ella não quizer ser . . . minha mulher.

Froitão — Aceito. A vossa mão.

Nun'Alvares (*dando-lhe a mão*) — Aqui está.

Froilão — Victoria! — Sei quem tenho na minha Alda; hâde recusar. O seu nascimento, a sua pobreza, o mesmo amor que . . . a generosidade da sua alma! . . . Hâde recusar.

Nun'Alvares — Ella!

Froilão — Ella.

Nun'Alvares — Veremos.

Froilão — Não temos que ver: já vímos.

Nun'Alvares — Mas não haveis de usar da vossa auctoridade.

Froilão — Não.

Nun'Alvares — Não a haveis de prevenir, de lhe
metter medos.

Froilão — Nem uma palavra.

Nun'Alvares — Deixar-me-heis falar com ella á
vontade.

Froilão — Deixarei.

Nun'Alvares — Aqui n'este logar: eu aqui, Alda
n'essa escada.

Froilão — E eu em cima no patim.

Nun'Alvares — Concedido.

Froilão — Podéra não!

Nun'Alvares — Se recusar... partirei só, esta
mesma noite.

Froilão — E ireis cumprir a vossa palavra, ireis ao
Minho receber D. Leonor d'Alvim que vos está es-
perando.

Nun'Alvares — Irei... irei, se... — Primeiro me
espera o Mestre d'Aviz em Lisboa, onde não falta
que fazer, antes que... — Mas tudo isso é se eu fôr
como dizeis. Mas sei que não heide ir.

Froilão — E eu sei que haveis de ir.

Nun'Alvares — Veremos.

Froilão — Veremos.

Nun'Alvares — Pois veremos. Mas se Alda fôr
fiel ao que .. se ella não recusar, esta madrugrda
nos recebereis logo, ahi n'essa capella, e por noite
partirei para Lisboa a servir meu amo, mas já es-
poso da minha Alda, já feliz e socegado d'este co-
ração.

Froilão — Prometto. Mas sei que não teremos d'es-
sas alvoradas.

Nun'Alvares — Ora muito me heide eu rir do meu
Froilão velho !

Froilão — Dito e concluido. Até á noite, meu se-
nhor.

Nun'Alvares — Dito e concluido. Até á noite.
(Froilão sobe a escada e vai para dentro da casa.)

SCENA III

NUN'ALVARES encaminha-se para as janellas do Alfageme em que estão os moradores com as armas ; o ALFAGEME sae da sua porta do alto da scena, e vem á roda para o meio do proscenio.

Alfageme (á parte) — Que animada pratica tiveram !... e que estranha devia ser ! — O padre ria e chorava, e foi-se tam contente ! (Reparando em Nun'Alvares). E Nun'Alvares está triste ! — Oh Alda, Alda !... Mas quê ! Eu sou o alfageme. — A tua forja, alfageme (Encaminha-se para sua casa.)

Nun'Alvares (vendo o alfageme) — Bellas espadas e bem corrigidas, por santa Maria ! — Maravilhas tinha ouvido do alfageme de Santarem ; mas vejo que ainda não diziam nada para o que é. — Que reis-me correger esta espada velha ? Pór-m'a-heis tam guapa e tam bem guarneida como essas que ahi tendes ?

Alfageme (olhando com attenção e lentamente, ora para a espada, ora para Nun'Alvares) — Espada tam velha para cavalleiro tam moço !

Nun'Alvares — Era de meu pae ; não a trocára pelo melhor damasco.

Alfageme (provando-a no chão) — E' uma bella folha, da melhor tempora. — Como um espelho vol-a porei, se quizerdes.

Nun'Alvares — Quando ?

Alfageme — Estaes com pressa ?

Nun'Alvares — Como quem tem de partir por horas.

Alfageme — Por horas ?

Nun'Alvares — Esta madrugada irei para Lisboa.

Alfageme — Tam depressa !

Nun'Alvares — Tam devagar é elle : já eu lá devia estar com meus cavalleiros e a minha gente a servir o Mestre d'Aviz.

Alfageme — Boas novas me daes, cavalleiro : te-reis de alviçaras a mais bem guarneida espada que ainda appareceu em batalha ou torneio. Dar-lhe hei um fio !... — Não a poupeis, que tendes folha para muito ; e com o fio que lhe eu heide dar, cortará, sem fazer bocca, por armaduras de ferro ...

quanto mais que... hollandas e setins que são fáceis de cortar.

Nun'Alvares — Que dizeis? Não vos entendo.
Alfageme (olhando para a espada e como quem fala consigo) — A espada do Prior do Crato, D. Alvaro Paes, o mais honrado fidalgo que teve esta terra, cingida por cima das armas do Mestre d'Aviz com que foi armado cavalleiro — aqui em Santarem, e foi um dia de prazer e de bom agouro! — D. Nuno Alvares Pereira em presença d'el-rei D. Fernando, a quem Deus perdoe, e pelas proprias mãos... lindas mãos... oh! lindas são elas — de certa rainha que...

Nun'Alvares — Sabeis a minha vida toda, pelo que vejo, senhor alfageme.

Alfageme — E por tal signal, que nenhuma das serviram ao joven escudeiro senão as do Mestre d'Aviz que dita rainha lhe mandou pedir. Ora bem se vê que já andava fado n'estas coisas, e que o que tem de ser, tem de ser. — E assim ides agora para o Mestre d'Aviz?

Nun'Alvares — E para quem havia eu de ir?

Alfageme — E o Mestre, senhor cavalleiro, não hade ser por seu irmão, pelo filho de seu pae, o nosso rei verdadeiro, o infante D. João que está em Castella?

Nun'Alvares — Perguntaes-me por coisas, senhor alfageme!... E' materia tão delicada que não sei, em verdade, o que vos responda.

Alfageme — Não sabeis! — (Com entusiasmo) Mas é que não podeis dar senão uma resposta: a que daria o mesmo Mestre, a que dá toda a gente honrada d'este reino, a que hade dar todo o povo quando...

Nun'Alvares — Quando lh'o perguntarem.

Alfageme — Ou quando elle quizer falar sem que lh'o perguntiem.

Nun'Alvares — Bravo estaoes!

Alfageme — Bravza chamaes á justiça, á razão... de quem não quer ver em mãos de estrangeiros este reino que é nosso, que tanto sangue custou a nossos paes para o resgatar de mãos de mouros!

Nun'Alvares (com lhaneza) — Enganaes-vos, meu amigo.

Alfageme (*desabrido*) — Não sou vosso amigo.

Nun'Alvares — Sereis, quando souberdes que o meu empenho é o vosso, que o mesmo ardor nos inflamma.

Alfageme — Talvez.

Nun'Alvares — De certo. Que ambos temos o mesmo amor.

Alfageme — Inda mal !

Nun'Alvares — Inda mal ! — Estranho homem sois. Pois o mesmo amor á causa ?...

Alfageme — A causa ! Ah ! — a causa, a causa...

Nun'Alvares — Como assim ? Estareis jogando commigo ? Sabéis que me chamo Nun'Alvares Pereira ?

Alfageme (*tranquillamente*) — Sei.

Nun'Alvares — Que sigo o Mestre d'Aviz ?

Alfageme — Agora o dissetes.

Nun'Alvares — Sereis do partido da rainha ?

Alfageme — Eu !... de uma mulher que... que não tem nome para se dizer deante de gente ?

Nun'Alvares — Então não vos entendo.

Alfageme — Nem podeis entender. Vós sois D. Nuno Alvares Pereira, o homem do Mestre d'Aviz; eu sou Fernão Vaz, o alfageme, o homem do povo. A vossa causa é a do vosso príncipe cujo sois, a minha a da terra em que nasci. Bem vedes que diferentes andâmos. — E contudo, por diversos que sejam nossos fins... Deus faça triumphar o mais justo !

Nun'Alvares — Amen !

Alfageme — Amen ! — Por diferentes que sejam em uma coisa nos entendemos e trabalharemos juntos : em castigar esse estrangeiro que nos opri-me e nos deshonra, em libertar o reino d'esta insup-portavel tyrannia. — Contae com o povo, senhores cavalleiros. E pelo de Santarem vos respondo eu.

Nun'Alvares — Sois um homem de honra e de primor, Fernão Vaz. (*Offerecendo-lhe a mão*) Daem-me a vossa mão.

Alfageme (*fugindo com a sua*) — A minha mão, senhor D. Nuno ! Já vos disse que não era vosso amigo.

Nun'Alvares — Mas sou-o eu vosso ; e em penhor d'esta amizade sincera vos peço que aceiteis a minha mão. (*Offerecendo-lh'a outra vez*)

Alfageme — Não posso aceitá-la.

Nun'Alvares — Porquê?

Alfageme — Porque não dou a um homem, em testemunho de amizade, esta mão que talvez, antes de muito, tenha de pegar n'uma espada para lhe atravessar o coração.

Nun'Alvares — Pois não são meus contrários os vossos? Na hora do combate não estaremos ambos do mesmo lado?

Alfageme — Sim, contra o inimigo comum, e até que elle seja destruido; mas... Não me peças mais explicações, senhor D. Nuno... A vossa espada estará prompta esta noite. E o alfageme estará prompto sempre, ele e os seus, todo este povo de Santarem, para defender a liberdade do reino. Que mais quereis? — Irmãos os vossos segredos, e eu os meus: cada qual guarde o que é seu. — Olhares: (apontando para o fundo esquerdo) vedes aquelle homem que ahi vem correndo a toda a brida.

Nun'Alvares (olhando para o mesmo lado) — Vejo. E se me não engano, é, é...

Alfageme — É Mendo Paes, meu collaço, que ainda antes d'hontem d'aqui partiu.

Nun'Alvares — Como elle vem açodado!

Alfageme — Mendo Paes, o irmão de D. Guiomar d'allí defronte? (apontando para a casa defronte.) E torna de Lisboa já. Grande caso deve de ser. — Lá dá a volta, lá entra no pateo. Apeia-se. Ei-lo aqui vem.

SCENA IV

NUN'ALVARES, o ALFAGEME e MENDO PAES

Mendo — Alviçaras, alviçaras! Ganhão-as eu? diz-me. Não sabeis ainda as novas?

Nun'Alvares — Quaes?

Mendo — Ah! Não sabeis; já vejo — A rainha... o Mestre... (Reparando em Nun'Alvares) — Oh! senhor D. Nuno, perdoae que vos não conhecias com o alvoroco, perdoae — O senhor D. João, vosso amo, aquelle grande príncipe, verdadeirão filho de el-rei D. Pedro, sangue de Pedro Justiciero!...

Nun'Alvares — Que lhe sucedeu ? Dizei, por vossa alma.

Mendo — Eu fui logo offerecer-me ao serviço do Mestre, que me deu esta carta para vós, senhor D. Nuno.

Nun'Alvares — Dae, dæe depressa (*Toma a carta e abre.*)

Mendo — Oh que grande principe ! Aquelle infame conde Andeiro ..

Alfageme — O conde Andeiro ? ...

Mendo (*reparando no alfageme*) — Oh ! Fernão Vaz, meu collaço, tambem vos não tinha visto. Se eu ainda não estou em mim. Parabens, homem. Tinhais razão, Fernando : eu é que .. Mas, bem vos haveis de lembrar... não podia crer, parecia-me impossivel. Emfim...

Alfageme — Emfim explicae-vos. O conde Andeiro ?

Nun'Alvares, (*levantando os olhos da carta que está lendo*) — O Mestre ? ...

Mendo — Morto, morto vilmente como...

Nun'Alvares e Alfageme (*a um tempo*) — Quem? quem?

Mendo — João Fernandes Andeiro, o conde d'Ourem.

Alfageme — Victoria, victoria ! A justiça de Deus que por fim começa.

Nun'Alvares (*tristemente*) — Começando está. Quando acabará agora ?

SCENA V

NUN'ALVARES, *continuando a ler a carta*; ALFAGEME, MENDO-PAES, FROLÃO-DIAS, JOANNA e mais DONZELLAS, BRAZ-FOGAÇA, GIL SERRÃO e mais SERRALHEIROS do Alfageme que accodem aos brados d'este.

Alfageme — Vinde: vinde, acudi todos a ouvir a boa nova. Morreu o traidor. Viva Portugal ! Morreu o conde Andeiro .. (*Voltando-se para Mendo*) E dizei, Mendo: ás mãos do povo ?

Mendo — A's do mestre d'Aviz, que no paço mesmo, e quasi aos olhos da rainha, o cravou de punhaladas.

Alfageme (*descontente*) — Paciencia: foi só meia ju-

tica. — Mas contao-me : que sucedeu depois ? A rainha ?...

Nun'Alvares — O Mestre ?

Mendo — Pouco mais sei do que isto. No instante que sucedeu o que vos contei, logo o Mestre me deu essa carta : sahi de Lisboa e pouco descânço tomei no caminho, corri sempre até aqui chegar. Pelas ruas que passei já andava tudo alvorotado. Esperavam-se grandes coisas.

Alfageme — E grandes coisas: haverá eu vol-o prometido.

Nun'Alvares (aos cavalleiros que o rodeiam) — Senhores, estae prestes que esta alvorada partimos para Lisboa.

Alfageme (com intenção) — E por que não já, D. Nuno Alvares Pereira ?

Nun'Alvares — Porque... porque... (A parte a Froilão) Esta madrugada parto ; não vos esqueças.

Alfageme (com intenção) Perdereis todo este tempo d'aqui até ámanhã ?

Nun'Alvares — São as ordens do Mestre, que saia d'aqui ao romper d'alva ámanhã, para estar em Lisboa, às portas de Santo Antão, a... (pegando na carta como quem se afirma e lendo) Eis aqui o que me diz o Mestre : «O honrado povo de Lisboa abraçou a nossa causa... »

Alfageme — Porque o Mestre d'Aviz tomou a d'elle. E enquanto o mestre nos fôr fiel...

Nun'Alvares — Pois quem é o Mestre d'Aviz, homem ? De quem é a liberdade que elle defende, se não do povo ?

Alfageme — Todos juram pela liberdade do povo quando precisam d'elle.

Nun'Alvares — Sois desconfiado.

Alfageme — Sou. — Não era ; fizeram-me.

Nun'Alvares — Guardae para vós — ao menos por agora — essas desconfianças. A todo o tempo é tempo para ser ingrato.

Alfageme — Ingrato ! Já ! Cedo começa a accusação do costume.

Nun'Alvares — Homem, por Deus, o que precisamos agora todos é de confiança e união para vencermos. Se nos desunimos já, vencerá o estrangeiro.

Alfageme — Boa palavra dissetes. Venha d'on

vier a razão é sempre razão. (*Para a sua gente*)
Viva a nossa liberdade e o infante D. João !

Serralheiros e Donzelas — Viva a nossa liberdade e o infante D. João !

Nun'Alvares — E viva o Mestre d'Aviz !

Cavalleiros — Viva o Mestre d'Aviz !

Alfageme (*friamente*) — Viva !

Nun'Alvares (*tornando a ler a carta*) — «O povo de Lisboa não deixou acclamar el-rei D. João de Castella. Investiu com a cavalgada que saiu dos paços do concelho para a acclamação, e o conde de Cea D. Henrique Manuel, que levava a bandeira, custou-lhe muito a escapar das mãos do povo amotinado.»

Alfageme — O povo de Santarem não hade ficar atraç. Esta tarde querem acclamar aqui tambem o tal rei de Castella. Nós lh'o diremos logo. — Agora cantar, raparigas, e folgar que este é dia de grande alegria. — Jornal dobrado a todos. — Joanna, Sraphina, então, raparigas, vamos a isto.

Joana — Que trova quereis que cantemos ?

Alfageme — Dizei a canção do Alfageme.

Todos — A canção do Alfageme.

CANÇÃO DO ALFAGEME

Uma voz

Assopra, assopra ó alfageme,
E não descances de assoprar :
A quem tem alma, a quem não teme
Não pôde este fogo queimar.

Côro

A quem tem alma, a quem não teme
O nosso fogo não pôde queimar.

Voz

É o fogo que a espada tempéra
Que tempera nosso coração :
O Alfageme, se a patria o espera,
Se ella arvorá seu nobre pendão.
Deixa a forja — e á patria, que espera,
Leva a espada ! — leva o coração !

Côro

Alfageme, a patria te espera
Deixa a forja ! — leva o coração.

Voz

O Alfageme, que faz a espada
Com que a glória se vae ganhar,
Tambem lhe pôde a mão crestada
Levá-la ao campo a triumphar.

Côro

Oh ! pôde, pôde a mão co'a a espada ;
Levemol-a ao campo a triumphar !

Voz

O Alfageme, que espadas tempéra,
Queima o braço, calleja-lhe a mão.
Pela patria que a vida lhe dera,
Como a forja, lhe arde o coração ;
O Alfageme, se a patria o espera,
Deixa a forja, leva o coração !

Côro

Alfageme, a patria te espera ;
Deixa a forja, leva o coração !

Gil Serrão — Viva o Alfageme !

Todos — Viva !

Braz Fogaca — Morram os schismaticos !

Todos — Morram !

Alfageme — Viva a nossa liberdade !

Todos — Viva !

Alfageme — Os nossos vereadores estão vendidos ; os nossos mestres são uns covardes ; hoje querem acclamar rei estrangeiro, querem-nos dar por senhor a el-rei D. João de Castella : havemos de sofrê-lo ?

Todos — Não, não.

Alfageme — Puzeram as armas de Castella no

pendão da nossa villa, e as de Portugal... as nossas Quinas, as santas Chagas de Christo por baixo!

Todos -- Traidores !

Alfageme — Pois a elles, meus amigos que (*ouve-se um sino ao longe*) o bando não tarda a sahir dos paços do concelho. Não ouvis o sino da torre das Cabaças? É o sino das cabaças ; é o bando que vae sahir. Não lhes deixemos acclamar o rei estrangeiro, um excommungado. A elles, e viva a nossa liberdade !

Todos — Viva ! viva !

(Continua a dobrar o sino ao longe. O Alfageme toma do seu armazém uma enorme hacha de armas ; todos os trabalhadores se armam, cada um com a primeira coisa que acha ; fica tudo em grande desordem, armas pelo chão, etc. Säem em tumulto, dando vivas e repetindo o estribilho da canção do Alfageme.

Alfageme, a pátria te espera ;
Deixa a forja, leva o coração !

ACTO TERCEIRO

As forjas do Alfageme estão apagadas

SCENA I

FROILÃO DIAS encostado à varanda do patim no alto da escada, olhando tristemente para os serralheiros e donzellias do Alfageme que entram aos dois e aos tres, e como que vêm muito cansados. Depois de algum espaço que dura esta scena muda, o Alfageme entrando com a sua hacha d'armas às costas.

Alfageme — Tornem para cá a acclamar rei estrangeiro ás barbas de portuguezes ! — Inda que o povo do reino se deixe quebrantar, aqui está o de Santarem para pôr pé atraz — pé de boi, portuguez velho — que não ha movele-o ! — Foi como em Lisboa, foi melhor que em Lisboa; não o acclamaram e fugiram com a cabeça quebrada alguns dos taes fidalguinhos !

Froilão — Valha-me Deus !

Alfageme (reparando em Froilão) — Que é isso ? estaeis triste ! Não vos alegraes de nos ver contentes, não tomaes parte na nossa alegria ?

Froilão — Meu amigo, Deus vol-a conserve, e as não faça mudar em tristezas essas alegrias ! Em toda a sinceridade do meu coração lh'o peço : mas quando elles vêm tam alvoracadas, não duram.

Alfageme — Pois quê ! achaeis que fazemos mal em renegar dos estrangeiros e punir por nossos direitos ?

Froilão — Se fosse isso só !

Alfageme — E metter medo aos traidores para que nos não vendam ?

Froilão — Andae, andae. Deus que o permitte, bem sabe por quê: altos são os seus juizos. Mas eu gosto de alegrias mais quietas e pacíficas. Ha muito tinir de espadas n'essa solfa: não me agrada não sei affinar por ella. Sou homem de paz, filhos, sou muito de paz.

Alfageme — A paz já não é possível. Sobre quem accendeu a guerra, caia todo o mal que d'ella vier, todo o sangue que se derramar! Nos somos inocentes.

Freilão — Oh Fernão Vaz! na guerra civil não ha inocentes e culpados. E' um flagello da ira divina que desafiam os peccados dos reis — e dos povos tambem. Todos são executores e todos são victimas: os que vencem porfim são ás vezes os que perdem mais. Mas... seja feita a vontade de Deus. Já que as coisas chegaram a isto!... — Para mim... acabou o rir e o folgar.

Joaninha — Pois não! E nós que havemos de fazer, sem o nosso padre capellão, sem o nosso bom Froilão? Venha para baixo, venha o nosso...

(Cantando)

Venha o nosso padre, padre capellão.

Côro das Bonzellas, (*Querendo dançar, mas timidamente*) —

Que é o nosso santo de mais devoção!

Froilão (tristemente e descendo a escada) — Vou filhas, vou, mas é rezar por vós, e pedir áquelle Senhor em cuja mão está o coração dos reis — e o dos povos — que a todos o assocegue, e nos mande paz e quietação.

Alfageme — É justiça.

Froilão (já em baixo) — É justiça e justiça — que nunca andou senão abraçada com a paz. E' verdade, é verdade.

Alfageme — Bem, bem. Deus disporá como fôr sua vontade: nós ponhamos de nossa parte. Que bem sabeis. Quem se fia na Virgem e não corre... Emfim, tenho dito. o povo de Santarem não hâde ficar atraç do de Lisboa!

SCENA II

FROILÃO vae-se encaminhando para sahir ; o ALFAGEME como para entrar em casa ; NUN'ALVARES.

Nun'Alvares — Froilão, o dito, dito.

Froilão — Ah ! sois vós, senhor D. Nuno ?

Nun'Alvares — Venho de estar com meus irmãos. O prior — quem tal diria ! — o prior, meu irmão Pedro, está por Castella ! — L'aciencia, deixál-o. Diz que tem medo do povo; que isto que não pôde sahir bem. Veremos. — Diogo Alvares não ; meu irmão Diogo : lembras-te ? que sempre foi muito meu amigo....

Froilão — E' guapo mancebo, é. E D. Pedro também, e vós todos, vós todos. — Oh! que vivesse eu para vos ver armados uns contra outros

Nun'Alvares — (reflectindo) — E' verdade. — Mas Diogo, resolvi-o: vae commigo para Lisboa. — Assim vêde: parto ao romper d'alva. E antes de partir...

Froilão — Justaremos as nossas contas : está dito.

Nun'Alvares — Eu vou ter com meu irmão Diogo, que está esperando por mim alli em baixo.

SCENA III

FROILÃO DIAS, o ALFAGEME
á porta da sua casa, com a espada de Nun'Alvares,
depois GIL-SERRÃO.

Froilão — Uma palavra, Fernão Vaz.

Alfageme — Já sou comvosco: deixae-me dar ordem a esta espada que prometti de ter prompta esta noite, e já não sobra tempo. (*Falando para dentro*) Oh lá, Gil Serrão! (*Apparece Gil Serrão à janela*) Vós, que já não sois para reboliços e que ficas estropiado de saltar e gritar como essa gente toda que abi entrou agora, — vós ide-me trabalhar no corregimento d'esta espada, que d'aqui a duas horas tereis prompta de vosso trabalho. Eu por minha mão lhe virei depois dar o último fio — que é obra de primor, e para quem... (*como quem duvida e depois se resolve*) para quem a merece; é verdade ; merece.

Froilão (*chegando-se e pegando na espada*) — Ou eu já estou tonto de todo, ou estou conhecendo esta espada.

Alfageme (*dando-lh'a*) — Vêde lá, vêde lá.

Froilão — E' a mesma: não ha outra em todo o Portugal como esta. De Rhodes a trouxe quando lá foi servir suas commendas meu senhor D. Alvaro que Deus tem em gloria, com ella foi ao Salado quando em suas victoriosas mãos levava hasteado o lenho da Véra Cruz, com ela voltou triumphante. — Oh espada de meu santo amo, raio de Deus que tanto brilhaste n'aquellas mãos bemaventuradas! Deixa-me te beijar, espada invencivel, symbolo de glória e de justiça que nunca defendeste senão a honra e a virtude, deixa-me beijar a tua santa cruz por cuja causa triumphaste sempre! — Reliquia preciosa de meu santo amo! — E como veiu ás tuas mãos este thesouro, alfageme?

Alfageme — Deram-m'a correger e guarnecer

Froilão — D. Nuno?

Alfageme — Esse foi.

Froilão — Providencia de Deus! a espada querida do pae toucou ao filho mais querido! — Honrados são todos e cavalleiros; mas o do coração era este. Inda bem que lhe cahiu em partilha. — Meu Deus, meu Deus, tenho fé que com esta espada ninguem ferirá sem justiça, ninguem poderá defender uma causa má e reprovada de vos. — (*Para o alfageme*) Ter-lh'a-heis prompta logo?

Alfageme — Para esta noite lh'a prometti, e não faltarei. (*Dá a espada ao oficial para dentro de casa.*)

SCENA IV

FROILÃO DIAS, ALFAGEME, GUIOMAR e MENDO PAES *chegando ao alto da escada*

Froilão — Ora vinde cá.

Alfageme — Dizei o que quereis.

(*Conversam em voz baixa para um lado*)

Guiomar (*a Mendo*) — Fica tu Mendo; que eu vou vêr a doente. Logo me explicarás tudo isso, e eu te acabarei tambem de informar do que por cá vai.

— Mas apesar do pouco bem que lhe quero, não posso deixar de a ir ver.

Mendo — A quem, a Alida? Pois tam mal está?
Guionar — Não: é coisa que logo lhe passa. E' sujeita a esses estremecimentos que dizem — mal de coração. Na verdade o que é, é que está derancada da boa vida em que a criaram para fidalga. — A filha do mórdomo de Alvaro Gonçalves, com efeito!

Mendo — Nossa prima ainda.

Guionar — Mas que prima! já nem se lhe sabe o grão. — Como é delicada aquella Senhora! Só de ver o mano... — Está forte mano! o mano Nuno, lhe deram aquelles enturvamentos de cabeça. — Boa mulher de casa para um homem de trabalho, que precisa de lidar!

Mendo — Sim, que tu n'outro tempo... Mas isso já lá vai. — Pois com efeito, Fernão Vaz?

Guionar — Logo te direi tudo; e avisaremos no que se hade fazer.

Mendo — E Nun'Alvares?

Guionar — Chegou hoje do Alemtejo, poucas horas antes que tu chegasses de Lisboa; encontrou-a em requebros com o alfageme — e d'ahi é que foram aquelles desmaios. — O amor dos manos ainda é o mesmo de parte a parte. Mas ahi ha coisas. Froilão, Froilão é que anda tecendo isto. Vês? Elles alli estão a cochichar. (Apontando para onde está o alfageme) — Olha se percebes alguma coisa, e logo falaremos.

SCENA V

FROILÃO DIAS, ALFAGEME, MENDO PAES
no patim da escada

Froilão, (como continuando a conversação e tomando calor) — E' a vossa última palavra?

Alfageme — A derradeira.

Froilão — Estaes determinado?

Alfageme — E' uma resolução firme, insalterável, como são todas as minhas.

Froilão — Que esperaes ganhar com isso?

Alfageme — Nada — perder muito talvez.

Froilão — E' o certo.

Alfageme — Embora. Resolvi, não mudo.

Froilão — Paciencia!... Perdi a mais doce, a mais querida esperança da minha vida.

Alfageme — Pois que esperaveis de mim? Que chegado o ensejo de obrar, vinda a hora do perigo e do trabalho, eu desamparassem os do meu partido, os meus populares, e aqui me ficasse a amolar espadas, enquanto outros as vão dar ao vento das batalhas? — Nunca.

Froilão — Um homem como vós, abastado, independente... lançar-se no remoinho da guerra civil, renunciar ao socêgo, à paz da sua casa, à felicidade tranquilla que podia gosar com uma esposa querida!

Alfageme — Padre, essa ventura não a creou Deus para mim... Deixa-me: para infeliz basto eu, a minha negra sina hei de correl-a eu só... (prosegue como quem diz involuntariamente o que não queria dizer) E quem vos diz, homem, que não é o desespero que me arremeça na voragem? — que não é o ver-me fechadas para sempre as portas d'esse paraizo com que sonhei, o que me arroja ao terrivel abysmo?... abysmo espantoso, mas em cuja tremenda agitação só pôde haver socego, vida para um coração desatinado, para uma alma perdida, como a minha! Quem sabe se o desejo, se a esperança de satisfazer a unica paixão, o unico prazer dos desesperados, a vingança?...

Froilão — Vingança, Fernando! de quem?

Alfageme — De quem!... de quem? — De um homem que sou obrigado a estimar, a respeitar, cujas qualidades e espirito superior me acovardam e humilham, de um homem que... Não me pergunteis quem é, Froilão; não volço direi. E nunca lhe perdoarei a elle nem quando nas agonias do passamento, abraçado com a cruz do Redemptor.

Froilão — Calae-vos, calae-vos, Fernando; tende dó da vossa alma.—Oh meu Deus, meu Deus, e este era o homem que eu tinha escolhido para meu herdeiro, para lhe deixar o precioso thezouro que a nenhum outro confiara! Este era o homem virtuoso, sem ambição, e quebrado nas paixões do mundo, a quem eu queria entregar a minha Alda!...

Alfageme (com ironia amarga) — Alda me daveis vós a mim?

Froilão — Dava sim, porque te não conhecia, homem de soberbas e vinganças, que em teu coração de republico tens mais requintados e violentos todos os vícios de que tanto accusas a esses que Deus pôz acima de ti na ordem do mundo. (*Com tristeza e desconsolação*) Ah Fernão, Fernão, Deus te perdoe o mal que me fazes—e Deus te pague o desengano que ainda me dás a tempo !

Alfageme (com violencia crescente) — Desengavos eu?... Será—Mas quem, pelo sangue de Christo, quem é que me enganava a mim?

(*Nestas ultimas palavras aperta com tanta força a mão de Froilão, que o faz desfalecer e curvar-se.—E logo como cahindo em si, o ampara e faz sentar no banco ao pé das arvores.*)

Froilão — Quereis... matar-me?... Começaes por mim vossas bizarrias de campeador?

Alfageme (meio ajoelhado) — Oh perdoae-me, perdoae-me por quem sois. Estou louco, estou perdido. Perdoae-me, que não sei o que faço nem o que digo.

Froilão (sem olhar para elle, fazendo-lhe signal com a mão) Pois sim, sim, estais perdoado ; mas deixae-me, por caridade, deixae-me...

Alfageme (indo-se pelo fundo da scena) — Agora sim que sou um homem reprovado e maldito de Deus!

SCENA VI

FROILÃO DIAS, MENDO PAES, (que se vem chegando.)

Froilão (sem vér Mendo) — Minha filha, minha rica filha, que hade ser de ti ! — ou a vida ou a razão estão por pouco; bem o sinto. Mas antes seja aqui que se acabe (pondo a mão no coração) do que aqui, meu Deus! (batendo na testa) — Oh ! seja... seja feita a vossa vontade sobre tudo. (*Silencio longo; Froilão está todo absorto em seus tristes pensamentos.*)

Mendo (chegando-se a elle como quem o quer consolar) — Não vos afflighes assim, meu velho Froilão; não hade ser nada. Alda está melhor: agora me disse minha irmã que já estava boa, que não é nada.

Froilão (*sem olhar para elle*) — Não é nada?

Mendo — Não; não é para vos affligirdes assim.

Froilão — Não é para me affligir! — (*Levantando-se e olhando para elle*) Senhor Mendo Paes, vós sois moço, cheio de vida e de esperança: não sabeis o que isto é; não sabeis o que é ser velho, sentir-se com um pé já frio dentro da cova, e as mãos ainda apegadas a este mundo — e o coração a vaziar-se de esperanças e a encher-se de saudades... Deixa-me, deixae-me ir abraçar a minha filha, que preciso... preciso.

Mendo — Se é Aida que vos dá cuidado, padre...

Froilão — Pois que hade ser, homem! Que outro apego tenho eu a este mundo! Tam bello é elle?

Mendo — Estou pasmado de vos ouvir. Vós tam alegre de vosso natural, que sempre nos prégaeis que a tristeza e a desconfiança em Deus é peccado, — que, seja qual for a nossa sorte, devemos estar contentes com ella e viver satisfeitos!... Vós, Froilão!

Froilão — Eu, Froilão, eu, aquelle velho alegre e descuidado que, zombando com elles, venci os trabalhos da existencia, que, a rir e a folgar, passei, cantando, as ruas da amargura d'esta vida, e cheguei ao calvario da velhice, tremendo com os annos, mas sem penas nem remorsos... eu n'este derradeiro termo da decrepitude, onde cuidei adormecer sem sobresalto, expirar sem agonia, mais abraçado com a minha cruz do que pregado n'ella... oh! a minha esperança era uma esperança impia e descrida. Castigou-me Deus: tenho na boca a esponja do fel e do vinagre; — nem o justo passou sem ella, como passaria o peccador! — Oh meu Deus, meu Deus, para que vivi eu até esta hora!

Mendo — Socegaa. Pois é Aida que vos dá cuidado, aqui está com minha irmã, commigo...

Froilão (*andando e sem olhar para elle*) — Sim, sim.

Mendo — Que lhe queremos como parentes.

Froilão (*do mesmo modo*) — Sim, sim.

Mendo — Nunca lhe faltará abrigo nem protecção; e do que tivermos repartiremos com ella sempre.

Froilão (*parando e voltando-se para elle*) — Sim, sim. Deus vol-o pague, Mendo. — Deus vol-o pague. — Mas já disse o 'Evangelho [que nem só de pão

vive o homem. E o maior desabrido e desconforto de uma alma é não ter outra alma a que se encoste. E a minha Alda, a minha Alda quando eu não estiver cá para a amar, quem hade amala como ella merece, como aquelle coração precisa, se não fôr um esposo... um esposo que saiba o que ella vale?

Mendo—Tambem... se quereis que vos diga, meu amigo, não sei que amisade era aquella do prior do Crato, do vosso D. Alvaro Gonçalves, que nem um triste dote soube deixar á sua rica afilhada por quem tanto morria.

Froilão (com vehemencia)—Não lhe deixou dote! Quê? As prendas, a criação que lhe deu, aquella innocencia, aquelle juizo, aquella virtude... Bem digo eu que me não entendéis, Mendo. Inda bem que ella não tem outro dote.

Mendo—Porquê?

Froilão—Porque não faltariam cubicosos, e... quem sabe? Talvez vos cabisse nas mãos (*Sóde pela escada acima depressa e entra.*)

SCENA VII

MENDO-PAES

— E não se engana, que para eu morrer de amores por ella, para a eu preferir a todas as mulheres d'este mundo, não lhe falta senão essa virtude que todas as outras realça: um dote honesto e decente.—Belleza, graças, donaire, tudo me arrebata na rica priminha. Mas casar... minha pobre Alda, isso agora!... Virtude... virtude tem ella de mais! e fraca esperança posso eu ter...—E d'ahi, quem sabe? ella não tem dote...—Se a quererá mesmo assim o alfageme?—Quer, quer, que não é homem de reparar n'essas coisas. Elle também, com o cabedal que elle tem, pôde fazer o que quizer.—Um vilão rico como um senhor! E eu pobre, miserável, e devendo-lhe uma somma que nem eu já sei.—É preciso livrar-me d'elle e da dívida. Veremos: estes tempos de alterações são optimos para a gente se arranjar. (*Olhando para o fundo da cena.*) Ahi vem Nun'Alvares Pereira. Vou-me antes que me veja, que tenho medo d'elle. Não sei o que tem nos

olhos aquelle moço que parece lér no coração da gente. Desconfio que me conheça, que perceba que me finjo tão affeçoadão ao Mestre d'Aviz porque assim me faz geito para servir melhor o meu partido—O partido da rainha ! Sou do partido da rainha, sou. Por quem havia de eu ser? Sou pela rainha, porque ella tem os exercitos d'el-rei de Castella atraç de si, e por fim é quem hade vencer, deixál-os andar.

SCENA VIII

MENDO PAES ; GUIOMAR *do alto da escada*

Guiomar — Mendo !

Mendo — Quê ?

Guiomar — Vem cá, vem já, que tenho muito que te dizer com pressa.

SCENA IX

NUN'ALVARES, embuçado na capa, e com o chapéu caído sobre os olhos.—*E' quasi noite.*

São horas ; é noite, noite quasi fechada, escura já — e cada vez escurece mais — como a pede o meu desejo.—Oh Alda, vou desenganar-me do teu amor; vou-te dar tal prova do meu coração, que se tu... (*Encosta-se a uma árvore e fica como absorvido em seus pensamentos.*)

SCENA X

O ALFAGEME e NUN'ALVARES, sem se verem um ao outro :

Alfageme (entrando) — Não é possivel! Este alvorôto, estes tumultos que tanto excitei, já me não podem excitar a mim. Este favor do povo, que por toda a parte me accolhe, que era o alvo de todos os meus desejos já me não move, já me não satisfaz, não me distrae d'este fatal, d'este insupportavel tormento que se me apossou d'alma. — O povo que faça o que quiser, que sirva aos Castelhanos ou ao Mestre d'Aviz. Que me importa ! Que reine D.

João o legitimo ou D. João o bastardo, D. Leonor ou D. Beatriz, catholicos ou schismaticos, que se me dá a mim! Quebrou-se-me o pulso para a espada, quebrou-se-me o coração para o odio. — Mataram-te, alfageime... Pois mattaram um homem! — Disputae entre vós esta pobre terra de Portugal... combatei á vontade que o terreiro é vosso. — Por mim já agora... (entra para sua casa sem ver Nun'Alvares, e atira violentamente com a porta.)

Nun'Alvares, (ouvindo bater a porta) — Quem vai ahi! quem é? — Enganei-me, não é ninguem. (Corre a scena observando). Está tudo só.

SCENA XI

NUN'ALVARES, que voltou a encostar-se à arvore; **ALDA e FROILÃO DIAS,** apparecendo no alto da escada.

Froilão, (baixo para Alda) — Parece-me que é elle que alli está encostado áquella arvore.

Alda, (sem olhar) — E'.

Froilão — Vês bem?

Alda — Não vejo, sinto.

Froilão, (á parte) — Coitadinha! (Alto) Vae, desce até meia escada: eu aqui fico; não tenhas receio, se vier alguém, a minha presença aqui te salva de toda a calunnia. — Mas não virá ninguem; é tarde, em casa todos estão accommodados, e ahi defronte tambem não percebo... (Observando) Está tudo quieto e só. — Minha filha, sou eu que auctoriso, fui eu que ordenei esta expliação entre vós: — era indis- pensavel, mas deve ser a ultima.

Alda — Sim, meu tio.

Froilão — Tenho plena confiança em ti, Alda. Tudo o que fizeres dou por bem feito e approvo já. Tudo, menos continuar n'este fatal galanteio.

Alda — Galanteio, meu tio!

Froilão — Pois seja paixão, sejam esses requintados amores que imaginaes.

Alda — Tam innocentes, tam puros

Froilão — E que por isso mesmo te desacreditam mais, porque não tens malícia para os encobrir. —

Emfim vae, vae, e acabemos com isto. (*Esconde-se*).

Alda, *descendo lentamente a escada, e parando de degrão em degrão*—Meu Deus! tremo toda... Desço esta escada como quem... Creio que não custa mais a subir a do patíbulo! (*Tomando resolução*) Meu Deus, dæ-me força; Virgem do Amparo, sêde commigo. (*Desce apressadamente uns poucos degraus, para como quem ficou muito cansada, põe a mão no coração, e depois, olhando para onde está Nun'Alvares*). E' elle que alli está decerto. (*chama*) Nuno!

Nun'Alvares, (*sobressaltado*)—Quem me chame?

Alda, (*chamando outra vez*)—Nuno!

Nun'Alvares—E's tu, Alda? (*Correndo para ella*) Oh! és: não ha outra voz que sôe assim.

Alda—Sou eu, Nuno; sou eu que venho falar-te... que te venho dizer... Ai, Nuno! não ha remedio, é preciso. Isto havia de acabar. Bem m'o advinha va o coração. Eu fechava os olhos para não vêr a realidade, para não acordar d'este sonho de creanças em que temos vivido... eu, ao menos, eu... e que se desvaneceu portim.—Um sonho, um sonho, Nuno, mas em que eu era tam... tam feliz: para que o heide negar? Não sabes tu?

Nun'Alvares—Sei, minha Alda, sei. Que tens, que pôdes ter tu n'esse coração que eu não veja?

Alda—Inda bem, Nuno, que assim o crês: não duvidarás nunca de mim?

Nun'Alvares—Duvidar de ti!

Alda—E hasde acreditar tudo o que eu te disser?

Nun'Alvares—Tudo.

Alda—Pois quero-te confessar uma coisa, querote dizer...—Faço mal n'isto; não se deve dizer; uma donzella honesta, assim na cara de um homem... —Mas tu és meu irmão, Nuno.

Nun'Alvares—Sou, dize: que me queres confessar?

Alda (*depois de breve silêncio*)—Lembras-te dos nossos primeiros annos, dos nossos innocentes brinquedos de creanças, na Flor da-Rosa, quando tu, pouco mais velho do que eu, terias dez annos...

Nun'Alvares—E tu oito.

Alda—Te chamavas o meu cavalleiro, e me sentavas ao pé da fonte da Moira no fim da quinta, debaixo d'aquelles castanheiros tam altos... E fazia

uma calma! mas alli era tam fresco.—E eu era a Bella Infanta, dizias tu, no meu jardim assentada, e tu eras o cavalleiro que vinhas da Terra Santa perguntar-me pelo annel de sete pedras, de que me tinhas deixado metade...

Nun' Alvares, (*mostrando-lhe a mão esquerda, e fazendo ação de tirar um anel*) — Pois a minha eil-a aqui.

Alda — Bem sei.—E vinha teu irmão Diogo disputar-te o direito... E brigaveis ás lançadas... de canna; tu para defender a tua dama, que era eu. — e elle, mais velho que tu, ficava sempre vencido. E depois, tu vinhas a mim e... e...

Nun' Alvares — E beijava-te... (*quer abraçal-a*).

Alda (*dando-lhe a mão*) — A mão, cavalleiro.

Nun' Alvares, (*tomando-lhe a mão e beijando-lh'a*) — E verdade, era só a mão d'essa vez.

Alda — E teu irmão, desesperado.

Nun' Alvares — Ah! assim é que era: quando ella se desesperava muito, muito. — então, para o fazer raivar ainda mais, o beijo era... (*Quer beijal-a na face*).

Alda, (*evitando-o*) — Não está aqui teu irmão agora, Nuno...

Nun' Alvares, (*resignando-se*) — E verdade.

Alda — E eu tinha oito annos! — (*pausa*) E lembras-te quando teu pae nos vinha achar n'estes inocentes folguedos, como elle ria, e me tomava no collo, e dizia: — «Ora basta de brincadeira, que me parece que a bella infanta vae tomardo o caso a serio.» — E eu, d'aquella edade! ... eu corava, Nuno.

Nun' Alvares — Córavas porquê?

Alda — Porque teu pae dizia... a verdade. — Já não tinha outro prazer senão estar contigo, ja me aborrecia onde tu não estavas, já te amava... como agora te amo.

Nun' Alvares — E eu! Se os nossos corações nasceram assim, se já Deus nos crêou um para o outro.

Alda — Deus, pode ser; não sei. Mas desde então até agora e à proporção que fomos crescendo, se foi alargando — n'este mundo em que temos de viver — a immensa distancia que hoje nos separa. — Amo-te ainda, Nuno... Sabe a Virgem do ceu com quantas lagrimas lh'o tenho confessado, que lhe tenho pedido que me ampare, que me defenda.

Nun'Alvares — De quê, Alda? — O meu amor com ser apaixonado e violento, deixou jámais, ao pé de ti, de ser timido e recatado, innocent como o amor de um irmão? E tu pedias á Virgem que te defendesse! . . de quem?

Alda, (abaixando os olhos) — De mim, Nuno.

Nun'Alvares (com entusiasmo) — Oh Alda, esta noite é o primeiro dia da minha vida!

Alda (tristemente) — E o derradeiro da minha.

Nun'Alvares — Que dissesse!

Alda — O que é verdade, o que hade ser, o que é tam certo e resoluto na minha alma, como, como é certa acrença, a confiança que tenho em Deus que me hade ajudar, que me hade salvar.

Nun'Alvares — Oh Alda!

Alda — Este amor nasceu antes da razão e tomou o logar ù'ella: quando a edade a trouxe, ja não achou onde caber: mas tambem nasceu sem esperanças, elle! Innocente creancinha como eu era quando nasceu, bem vi que as não tinha. Nasceu . . — cresceu sem ellas, que é maior prodigo! — mas já vês que não podia ser vividouro: traz a morte em si. E o termo fatal chegou; está na agonia, bem vês. Deixa-o morrer em paz, meu irmão.

Nun'Alvares — Morrer! Este amor que nasceu commosco, que é parte da nossa vida! Não o deixarei morrer; não eu, Alda, que ainda quero viver.

Alda — Tambem eu quero... Não queria, mas agora preciso viver. E Deus e a Virgem, e o sentimento de minhas obrigações, e a satisfação de as ter cumprido me hão-de dar animo para affrontar com a vida e soffrel-a.

Nun'Alvares (com despeito) — Bem dizes que nasceu fraco o teu amor, Alda, que assim podes ser tam valente com elle. Eu não.

Alda — Tu não! Porquê? — Porque me tens mais amor do que eu a ti? — Oxalá que o acreditasses? Mas não o crês. Esta valentia por que me motejas, d'onde vem ella por fim senão do mesmo excesso do meu amor? — Nuno, eu sei quanto te amo; e tu tambem o sabes. Assim como sei todo o amor que me tens: com elle contei. Nuno, meu querido irmão, ajuda-me, salva-me de mim mesma. Tem dó de mim, meu irmão!

Nun'Alvares (tristemente) — Irmão! (Resoluto)

Sou, Alda, sou teu irmão. Que queres tu que eu faça?

Alda — Que partes já.

Nun'Alvares — Jurei partir ao romper d'alva...

Alda (com sobressalto) — Tam cedo!

Nun'Alvares (enternecido e pegando-lhe na mão) — Oh Alda!

Alda — Oh Nuno!

(Fazem algum tempo assim como em suspense
e abafando-lhe as lágrimas.)

Alda (esforçando-se para serenar o rosto) — Bem:
partirás ao romper d'alva... e irás para muito
longe, para muito longe... aonde te espera...
(Quer tirar a sua mão da d'elle.)

Nun'Alvares — Quem?

Alda — Meu Deus, que força é preciso!... onde
te espera a tua espôsa.

Nun'Alvares (largando-lhe a mão) — Nunca!
Jamais... Nunca!

Alda — Prometteste.

Nun'Alvares — Prometti... fizeram-me prometer.
Assignei sim, uma escritura que está nulla, nulla.

Alda — Meu irmão, tu queres-me perder? De que
me serve a minha innocencia de que Deus e tu são
testemunhas, se tu atiras assim com a minha fama,
com a minha honra ás esfaimadas bôccas da calumnia! Que dirá o mundo, que dirá essa poderosa fa-
milia que assim vaes injuriar? A tua propria fami-
lia o que hade dizer? — Que o criminoso amor de
uma donzella que não pôde ser tua mulher... e
que tu fizeste... que tu abaixaste a tua... (Com
grande afflictão e desconsolo) Oh Nuno, Nuno! tua
irmã, a tua Alda com similhante nome pelo mun-
do! (Desata a chorar.)

Nun'Alvares (tomando-lhe as mãos) — Por
Deus que está no céo, Alda, pela alma de meu pae,
pela sua espada que aqui... (Vae com a mão ao
lado da espada e não a acha) Que é da minha es-
pada?... Ah sim. — Mas pela santa cruz d'aquelle
santa espada te juro que tal esposa não tomarei
por mulher se tu...

Alda (cobrindo o rosto com as mãos) — Se eu o quê?

Nun'Alvares — Se tu queres ser minha espôsa,
minha mulher.

Alda (com entusiasmo e alegria) — Meu Deus, meu
Deus! — Que disseste, Nuno?

Nun'Alvares (*resoluto*) — O que hoje, hoje mesmo, agora, n'este mesmo instante quero cumprir. Tenho a palavra de meu tio.

Alda (*incredula*) — De meu tio?

Nun'Alvares — Sim, de meu tio, que logo, aqui, n'essa capella nos receberá. Eu tenho de partir ao romper d'alva, que me chama o Mestre a Lisboa; mas partirei teu esposo (*com jubilo*), teu marido, Alda, teu para sempre, teu á face do céo e da terra. (*Quer abraçal-a*).

Alda (*evitando-o*) — Ainda não, Nuno. — (*Fazendo esforço para se tranquilizar*) Ouve. Tu vae para Lisboa a chamado do Mestre?

Nun'Alvares — Vou: que tem?

Alda — Não te apartarás de sua companhia, de sua casa, não o abandonarás nos perigos, nas arriscadas emprezas que já começou...

Nun'Alvares — Não por certo; nunca, antes morrer mil vezes.

Alda — Viverás na corte, no paço, com os teus eguaes, com os teus parentes, entre essas damas tam nobres e tam desdenhosas... cercado de...

Nun'Alvares — Que importa. Alda? Na corte ou no campo, rico ou pobre, grande senhor ou obscuro cavalleiro, serei teu sempre, teu.

Alda (*vucillando*) — Não digas mais, Nuno, não digas mais. (*Enternecidamente*) Deus te hade pagar a consolação que me deram as tuas palavras. Fizeram-me um bem... — Oh Nuno! eu tinha vergonha, tinha remorsos do meu amor; já não tenho — Eu, uma pobre orphã, sem nome e quasi sem parentes... tu D. Nuno Alvares Pereira... Como havia de eu aspirar?... Havia não sei quê n'este amor, que me degradava, me envilecia a meus proprios olhos. Agora faço gloria d'elle. — D. Nun'Alvares Pereira queria-me para sua esposa! (*Com agradecimento*) Oh meu Nuno!

Nun'Alvares — Não eras tu minha irmã, Alda? Tirando-te esse nome que te foi dado por meu pae, qual te havia de dar eu?

Alda — Obrigada, Nuno; Deus t'o pague! Deus t'o hade pagar — Até aqui tive eu força, mas agora...

Nun'Alvares — Agora o quê?

Alda (*resoluta*) — Agora que medi toda a generosidade d'esse coração, agora que te devo mais que

a vida, mais que a honra—porque a meus próprios olhos me elevaste e ennobrecessete—agora que vejo, Nuno, que sou obrigada a confessar que o teu amor ainda excede o meu... Excede? — Excede, sim: eu não tinha senão a minha honra, e não t'a dava... não; prezava mais o meu nome que a tua felicidade.—E tu! tu sacrificavas-me nome, grandeza, esperanças do mundo... quem sabe se a honra também?—Pois quê, Nuno! Reflecte bem: que haviam de elles dizer?—«D. Nuno Alvares Pereira, coitado!... aquillo foram escrupulos de consciencia... era uma pobre de Christo, teve dó d'ella... Elle também não é rico; e depois já não havia outro remedio...» E hão de te apontar ao dedo, e hão de sorrir quando tu passares...

Nun'Alvares — E tu não sabes que com tres polegadas de ferro da minha espada cravo, na boca do infame, a língua que se atrevesse a... e calo para sempre os faladores todos?... se taes houvesse, que não ha; enganas-te, Alda: fazes-te injuria a ti propria.

Alda — Bem sei que o farias como dizes, que os havias de calar. Mas a fama de tua mulher... de tua mulher, Nuno! A tua fama, a tua honra seria feita á ponta da espada. E ella, a mal-agourada, em continuos transes, em sustos sempre pela vida de quem lhe dava a honra!—(Com resolução) Tal não será, Nuno! não has de ser mais generoso do que eu; não me amas mais do que eu te amo.

Nun'Alvares (enternecido) — Alda!

Alda — Não posso, não devo, não hei de ser tua mulher.

Froilão (apparecendo) — Bem, minha filha, bem! — que vos disse eu, Nuno? (Desce.)

Nun'Alvares (Olhando para cima) — Oh! Froilão... Já me não lembrava; agora entendo porque... (Para Alda com vehemência) Isso não vem do teu coração, Alda; não pode ser. Foi elle.— Pois juro o sangue de Christo que...

Froilão — Não jureis, D. Nuno, que é falso.

Alda (com brandura) — Nuno, em tam pouco me estimas que me não julgas capaz de uma accão boa por mim?

Nun'Alvares (perdendo a cabeça) — Não sei, não sei. Já não creio em ninguem, já não creio em nada.

—E que farás tu, Alda? Que fareis vós d'ella, Froilão? Vós, no fim da vida, ella que mal a começa agora!... Já vejo. — Oh Alda, Alda! uma prisão perpetua... tal será o premio do meu amor e da tua virtude... um mosteiro!

Froilão — Não por certo.

Nun'Alvares — Então o quê? — Ousareis?...

Froilão — Casal-a com um homem honrado, da sua igualha, que tenha um coração para avaliar o que lhe dou, e fazenda para a poder estimar.

Nun'Alvares — Alda, Alda casada com um vilão! A minha Alda! Aquella flor, tam mimosa de outro trato, criada em jardins de senhores, não de lançál-a na coundela de um labrego... Oh Alda! (*Passeia agitado pela cena; para no meio como ferido de uma ideia subita, e diz á parte:*) Disfarcemos para saber, (*Alto e voltando para os dois*) Não consinto, não hade ser... Só se... — Bem, Alda, bem: eu, pelo menos, sou teu irmão, e tenho direito de saber quem é o meu... o esposo que me preferes.

Alda — Disseste bem, Nuno: que te prefiro.

Nun'Alvares — A mim!

Alda — A ti, meu irmão: porque tu não podes ser... senão meu irmão.

Nun'Alvares — E é?

Froilão — Este honrado vizinho que aqui mora defronte, homem de...

Nun'Alvares — O alfageme?

Froilão — Esse.

Nun'Alvares — Um homem grosseiro.

Alda — Não é, Nuno.

Nun'Alvares — Com que olhos o vês já!

Alda — Com os da razão: bem vês que o não amo.

Nun'Alvares (*para Froilão*) — Um cabeça de motim!

Froilão — Cabeça não, D. Nuno: este motim, todos os motins começam por mais alto. — Mas descançae, que ou elle hade assocegar e deixar-se d'esses bandos, ou Alda não hade ser sua mulher.

Nun'Alvares — E tu queres, e tu consentes, Alda?

Alda — Quero, sim, meu irmão. E' um homem de bem, de bom coração, honrado, generoso; teve uma criação muito acima do seu estado... como eu, Nun o; — para cavalleiro estava, mas teve a no-

bre resolução de voltar a seu estado natural... como eu hei de ter, meu irmão.

Froilão — Tem dos bens da fortuna, é laborioso e honesto. Adora-a...

Nun'Alvares, (*inquieto*) — Adora-te?

Alda — Não.

Nun'Alvares — E tu queres casar com um homem que te não ama?

Alda — E eu tenho-lhe amor?

Nun'Alvares — Mas se... se elle te vier a amar? — E hade, oh! hade. Hade amar-te, Alda! — Um villão hade amar a minha Alda? Hade amar-te, elle hade amar-te... e tu... tu?

Alda, (*com firmeza*) — Meu irmão, eu heide fazer a minha obrigação; heide...

Nun'Alvares, (*interrompendo-a*) — Hasde o quê, Alda?

Alda, (*com serenidade*) — Heide amar a meu marido.

Nun'Alvares — Voto a Satanaz...

Alda — Nuno!

Nun'Alvares — Que tal não será. — Tu, Alda, tu amarás outro homem, vivo eu! Santo Lenho da Vera Cruz que... (*desvairado e resoluto*) Para amante não me queres... nem eu queria. Por esposo não me acceptaste... Pois será o que escolheres; mas uma das duas coisas hade ser. (*Toma-a de repente nos braços e vai a fugir com ella. Alda desmaiada.*)

Froilão — Nuno, D. Nuno! — Acudam, acudam. (*Gritando a brados*). Aqui de!...

Nun'Alvares, (*arrojando Froilão de si*) — Deixa-me, eu juro pela espada de meu pae...

SCENA XII

O ALFAGEME, saindo de sua casa, com a espada na mão; NUN'ALVARES; FROILÃO DIAS, caindo como desmaiado; ALDA.

Alfageme, (*tomando-lhe o passo*) — Não jureis em vão, senhor D. Nuno. A espada de vosso pae, tenho-a eu aqui: (*brandindo-a*) tomarei-a primeiro, depois jurareis.

Nun'Alvares — Quem és tu? (*Recuando e reparando n'elle*) Oh! o alfageme. (*Vai depôr Alda ao pé do tio, e volta com ira concentrada*) Obrigado, meu amigo! A ponto vindes. Hoje é dia de bom agou-

ro. (*Deita a mão ao lado da espada, e não a achando, diz amargamente e por entre os dentes*) Oh fatalidade, sinal má, não tenho espada!

Alfageme, (abatendo a espada e tranquillamente) — Entrae n'aquelle armazem e escolhei.

Nun'Alvares — Vae tu mesmo; e dá-me essa que é minha.

Alfageme — Era de vosso pae. Está para ver se sois digno d'ella.

Nun'Alvares, (enfurecido) — A mim, a mim, alfageme! Caro pagarás tudo. (*Corre a casa do Alfageme e volta com uma espada.*) Não dou esta honra a todos. Mas contigo...

Alfageme, (tranquillamente e com dignidade) — Por ora tenho na mão esta espada, e sou mais digno de lhe pegar do que vós. — Brigaes com a espada de vosso pae, senhor D. Nuno, não com o villão que a tem no punho.

Nun'Alvares, (mais enfurecido) — Defende-te, homem, por Christo, que já me peza a tua vida mais que a minha. (*Investe furioso com o Alfageme, que se defende com todo o sangue frio, e procura desarmá-lo sem lhe fazer mal.*)

Alda, (acordando com o tinir das espadas) — Nuno, Nuno, meu irmão, meu!...

(*Nuno cai*)

Alda — Ai! (*Acode-lhe e abraça-se com elle.*)

Froilão, (levantando-se) — Que fizeste, homem! — Oh meu querido amo! (*Vae lhe acudir também.*)

Alda, (erguendo a cabeça, sem olhar para o Alfageme, mas levantando a mão para elle) — Fernão Vaz, que vos não tornem a ver os meus olhos.

Alfageme, (com um sorriso amarelo) — Não é nada, senhor; vêde. Foi um leve bote no ombro, que lh'o não pude evitar por mais que fiz.

Nun'Alvares, (tornando a si e sentando-se) — Alda! — Foi a espada de meu pae: a justiça era por ella. (*Levantando-se em pé*) Não estou ferido: o poder d'aquelle espada me derribou e me fez cair em mim. Sois um homem honrado, alfageme. — Alda perdões-me, perdões a teu irmão, a teu irmão... que não é já... que hade vir a não ser... mais que teu irmão. — A minha espada, Fernão Vaz.

Alfageme — Ei-a aqui, senhor cavalleiro.

Nun'Alvares (*beijando-a muitas vezes*)—Espada de meu pat, que tam bem começas a servir-me! tu serás na minha mão...

Alfageme (*com entusiasmo*)—Um raio de gloria!

Alda, (*do mesmo modo*)— Um symbolo de honra!

Alfageme—A defensão de Portugal!

Froilão—A victoria de Christo!

Alfageme, (*como em extase*)—Sereis o primeiro homem de Portugal, D. Nuno Alvares Pereira! Não vos pese, não vos pejeis de ser vencido do pobre alfageme. Foi essa espada que tem o condão de dar sempre a victoria a quem a empunhar pela virtude. Essa espada é de encanto. Nunca vi lâmina assim. Boas fadas a fadaram; ou antes, no rio Jordão por mãos de anjos foi temperada. Tenho feito, tenho corregido muita espada, nunca vi fazer scentelhas como de fogo do céo, quaes essa deita. Essa espada vos fará grande, vos dará titulos, honras, vos fará... conde, Condestavel do reino... e digno de tudo isso!

Nun'Alvares, (*olhando a espada com complacencia*) Que brilhante está! (*Torna a beijal-a; depois ao alfageme*) Ainda vos devo o preço...

Alfageme, (*sorrindo*) — Não me paguei já por minhas mãos?

Froilão, (*sorrindo*)—Fez de moleiro o alfageme.

Nun'Alvares, (*com bondade*)—Embora—Esta bolsa contém mil dobras: será o dote de minha irmã (*entregando a boleia a Froilão, e depois sorrindo para o Alfageme*), e o preço da correção... da espada.

Alfageme, (*tomando a bolsa das mãos de Froilão e tornando a pôr-a nas de Nun'Alvares*)—O dote de Alda é aquelle coração. Alda, eu ouvi tudo o que dissesse.

Froilão—Ouvistes!

Alfageme—Ouvi, e fiquei sabendo o thesouro que me daes.—Senhor D. Nuno, o preço da correção... da espada dar-m'o-heis quando fordes Condestavel do reino.

Nun'Alvares, (*rindo*)—Quereis zombar. Eu Condestavel!

Alfageme—É uma inspiração que Deus me deu, uma visão que tive quando a estava affiando. Vela-heis cumprir, de certo; e então me pagareis.—Agora (*apontando para Alda*) que mais me quereis dar?

Nun'Alvares — Tendes razão. — Alda, a tua mão. (*Toma a mão de Alda e lhe põe na do Alfageme*). Alfageme, esta mulher é minha irmã; dou-t'a eu.

Froilão, (estendendo as mãos sobre elle) — E eu vos abençõo.

Nun'Alvares, (com um suspiro) — Adeus, Alda... adeus!

Alda — Nuno!

Alfageme — Não abraçaes vosso irmão, Alda?

(Alda olha para o Alfageme como quem o admira,
Nuno faz outro tanto; abraçam-se.)

Nun'Alvares — Adeus, Alda!

Alda — Adeus, meu irmão!

SCENA XIII

NUN'ALVARES, ALDA, FROILÃO DIAS, ALFAGEME. *Côro dos Cavalleiros*

Nun'Alvares, (para os cavalleiros) — A cavallo, meus senhores, e para Lisboa! (*Para o Alfageme*) Por Deus, que sois o vilão mais cavalleiro!...

Alfageme — Se ha tanto cavalleiro vilão...

(Os Cavalleiros rodeiam Nun'Alvares e se dispõem para partir.)

Côro dos Cavalleiros

(Música guerreira)

Partamos!

Corramos;

Partamos que a espada

Por sangue já brada!

Corramos!

Na ponta da lança

Flammeja a esperança

Da gloria!

A victoria

Nos quer coroar.

Partamos,

Corramos!

Galopa, galopa a bom galopar,

Que a gloria,

A victoria

Nos quer coroar!

ACTO TERCEIRO

E muito de madrugada : tudo fechado em casa do Alfageme ; a de Menlo-Paes está iluminada, e ouve-se dentro musica festiva : ha toda a apparen-
cia possivel de um sarão sumptuoso que se prolongou até de manhã.

SCENA I

D. GUIOMAR, *Damas e Cavalheiros*

Um Cavalheiro (dentro) — Por despedida, a canção d'el-rei Arthur e da sua Tavola-redonda.

Uma Dama (dentro) — Já rompe a manhã.

Guiomar (chegando á varanda) — E dia, dia já claro, e este infernal festim sem acabar! — E meu irmão que ainda não voltou? Que terá sucedido!

Um Cavalheiro (dentro) — Traição! a bella Guiomar que nos deixa, a rainha da festa que nos desampara, a nossa rainha Ginebra!

Vozes (dentro) — A rainha para o seu throno!

São vários Cavalheiros e Damas ao patim, que levam
D. Guiomar para dentro

Todos — A rainha da festa, e vamos á canção.

(Alguns Cavalheiros e Damas ficam de sôra no patim)

Uma voz (canta):

Copla I

El-rei Arthur — o coitado !
El-rei Arthur de Inglaterra,
Cos seus doze cavalleiros,
Vêdel-o, vae para a guerra.
Vão pagens, vão escudeiros,
Tudo vae por seu mandado ;
Que el-rei Arthur de Inglaterra
Vae para a guerra — coitado !

Coro

El-rei Arthur de Inglaterra,
Deixa-lo ir para a guerra !

Copla II

Fica a rainha Ginebra,
Fica a Tavola-Redonda...
Deixa-lo ir com seu primor !
Lá de sangue espuma a onda,
Aqui serve almo licor.
Suas glórias elle celebra,
Nós a Tavola-Redonda
E a rainha Ginebra.

Coro

Suas glórias elle celebra,
Nós a rainha Ginebra.

Um Cavalheiro—Guapa canção! É a propósito: o Mestre de Aviz e os seus valentes que o têm a elle pelo rei Arthur e a si por outros tantos Galaizes e Lancelotes! Pois que batalhem elles e nós ficaremos com a Tavola-Redonda e...

Todos (cantando :)

E a rainha Ginebra.

Outro Cavalheiro (andando ao patim com o copo na mão)—A' bella rainha Gidebra! E a virar.

Todos (bebendo)—A' bella rainha Ginebra!

Alguns—Outra copla, outra copla.

Copla III

Pela Tavola-Redonda
Tambem vae rija a batalha,
Rija, rija de matar.
Nem capete, nem malha
Valem n'este pelejar;
Que a taça que gira á ronda
É quem traz esta batalha
Pela Tavola-Redonda.

Coro

Gire, gire a taça á ronda
Pela Tavola-Redonda !

Copia IV

Pela rainha Ginebra
 Aqui só se ha de justar ;
 E el-rei Arthur — o coitado !
 Por lá que ande a brigar.
 Cada qual tem o seu fado :
 Enquanto elle escudos quebra,
 Nós os cópos — e a justar
 Pela rainha Ginebra.

Côro

Lança e cópo aqui-se quebra
 Pela rainha Ginebra.

(Entram para dentro os que estavam de fóra e ouve-se musica festiva e timir de cópos, etc.).

SCENA II

MENDO-PAES ricamente vestido ; depois D. GUIOMAR, Damas e Cavalheiros.

Mendo — Ainda por cá dura a festa ! — E' mister que acabe agora para começar a outra. Estão furiosos os populares contra elle, e não tardarão aqui. (*Vae a subir a escada*).

Guiomar (Saindo do patim) — E's tu, Mendo ? Inda bem ! Que ha ?

Mendo — Que está a entrar el rei de Castella, o meu, o nosso rei.

Guiomar (descendo a meia escada) — Ao menos, graças a Deus, acabou isto. — Deixas-me aqui com esta gente ha mais de tres horas. E dia e ainda se não vão ; eu já não posso...

Mendo — Agora se irão, espera : em lhe dando a noticia. Que queres ? Não havia remedio senão festejar este grande dia com os amigos, os bons, os nossos.

Guiomar — Bons, nossos ! — Serão.

Mendo — Pois não são ? Os principaes cavalheiros de Santarem — Espera que já te livro d'elles — E temos que falar. (*Sóbe e diz para dentro da porta*) Meus cavalheiros, el-rei D. João que chega. — El-rei D. João de Castella e Portugal.

Vozes, dentro — Vamos-lhe ao encontro. Vamos.
Mendo — Ide, que eu já vou.

(Sâem damas e cavalheiros)

SCENA III

MENDO-PAES torna a descer; **D. GUIOMAR** o segue

Mendo — Estamos salvos, Guiomar. Custou. Dois annos de lidas e perigos. Dois annos quasi. Vejamos Em 6 de dezembro foi a morte do conde de Ourem. A 8 cheguei eu aqui, e foi...

Guiomar — Aquella famosa aventura da espada do Condestavel.

Mendo — Já tu lhe chamas tambem Condestavel.

Guiomar — Se todos lh' o chamam!

Mendo — Mas nós não, que é reconhecer um titulo illegitimo. Quem deu ao Mestre d'Aviz o direito de fazer Nun'Alvares Pereira Condestavel do reino que não é seu?

Guiomar — Pois sim: que me importa a mim com isso.

Mendo — Oh! importa-me a mim. — Mas vamos: 8 de Dezembro... passou todo o anno seguinte; estamos a 8 de Agosto d'este anno. Ha justamente vinte mezes —inda não ha dois annos; é verdade. Mas o que se tem passado! ora vence o Mestre, ora el-rei de Castella. E um homem de bem sem saber por quem se hade resolver. — Emfim agora estou seguro.

Guiomar — Porquê? Estás certo que vencem os Castelhanos?

Mendo — Creio que sim; mas nunca fiendo. Para descargo de consciencia e pelo que pôde succeder, tenho servido a um e a outro, e com ambos tenho ganho. E quanto cá ao nosso Alfageme e á enor-mate divida que lhe devêmos, que é o mais importante — aqui estão os alvarás ambos, (mostra dois pergaminhos com sellos pendentes, um de fita azul, outro encarnado.) Provavelmente hade servir este, o vermelhinho. Mas se não servir, cá está o outro que tambem não é feio. E' azul: linda cõr, boa cõr igualmente! Todas as cõres são boas, a falar a verdade.

Guiomar — Oh Mendo, Mendo, que não sei que te diga!

Mendo — Pois não digas nada, que é melhor. Agora o caso é resolver o alfanje a partir. Elle detesta os Castelhanos — e isso bom é para nós; — mas está irresoluto na causa do Mestre, e é preciso decidir-o. — Nun'Alvares e D. João estão em Abrantes: e se elle se resolver a ir para lá... tudo está feito — Tenho arranjado cá uma coisa que me parece que não falha. Deixa estar.

Guiomar — Coitado!

Mendo — Isso! vê agora se te chega a compaixão; à boas horas. — Mulheres! Já te não lembra a injúria que soffreste de um villão, Guiomar! Já te não lembra que a presença d'elle aqui, a sua vida, seja onde for, é um insulto, uma affronta para ti, para teu irmão... obrigado a devorá-la em silencio por não diffamar o nobre sangue da nossa familia!

Guiomar (córando) — E' verdade, meu irmão.... Mas porque não mataste tu esse homem antes... antes de elle casar?

Mendo — Mulher, mulher!... ciumes! — O nome, a fama, a honra da sua gente, a sua, nada a moveu... e o ciume, esse...

Guiomar — Que te importa o motivo, se eu consinto na infamia de tam baixa vingança? — que é o que tu queres. — O indigno, o hypocrita, tenho-lhe odio; a ella, á presumida mulher, aborreço-a quasi tanto como ao marido... parece-me que mais. E ha dois annos que ahi estão casados e vivendo felizes... — Feliz elle! oh não, que eu bem conheço Fernando. Ralam-n'o os ciumes como a mim... lads bem... Mas não basta: preciso mais solemne vingança. — Dizes tu que por esse modo, e partindo elle para o Mestre d'Aviz?...

Mendo — Ficarás vingada.

Guiomar — Villanamente,

Mendo — Com villão, villão e meio. Querias tu casar com elle?

Guiomar (hesitando) — Eu!... Bem sabes que não quiz. Um homem que se deshonrou, que se fez mechânico, podendo ser...

Mendo — Um cavalheiro pobretão. Pois bem, não quizeste. Que lhe havia de eu fazer? Matal-o, sabendo todos quanto lhe devo? — Como ficava eu? Per-

dido no conceito publico e sem me livrar da divida. — Assim é patriotismo, é lealdade ; foi um sacrifício que fiz das minhas mais caras aflições no altar da patria. — O partido que vencer — o meu partido haverá de me acclamar um heroe, que é o costume.

Guiomar — Podias tê-lo provocado a um duello por qualquer pretexto — e n'í tal-o honrada e lealmente.

Mendo — Um villão ! Um duello com um baixo mecanico ! Mendo Paes reptando a Fernão-Vaz, cruzar a sua espada com a do alfaceme !

Guiomar — Não teve esse escrupulo o Condestavel.

Mendo — Nun'Alvares Pereira ? E achas que fez muito bem ? Não sabes como Fernando joga a espada ? — O que lhe valeu a Nun'Alvares foi que elle o não queria matar.

Guiomar — Ah !... entendo.

Mendo — Nada; isto assim é melhor. — E a minha bella Alda, a minha desdenhosa priminha... Ella é a nossa prima, arredada sim, mas... E agora é preciso valer-lhe, amparal-a.

Guiomar — Mendo, esqueces-te que eu sou uma senhora e tua irmã ?

Mendo — Não: nem de que essa senhora me deu o direito de a expulsar de minha casa, e declarar a todo o mundo...

Guiomar — Mendo és um covarde.

Mendo — Sou.

Guiomar — Um espia, traidor...

Mendo — Sou.

Guiomar (*começando a soluçar e a chorar de repente*) — Meu irmão, perdão-me pelo amor de Deus — deixa-me ir, deixa-me ir já para um convento... o das Claras...

Mendo — E o dote ?

Guiomar — Oh meu irmão, por alma do nosso pae; serei freira conversa, serei tudo... Mas vamos e já, já, senão morro... (*Está de joelhos*)

Mendo — Guiomar !... (*D. Guiomar levanta-se*) — Vamos. Um dia heide fazer uma accão boa. Irás para as Claras. Está resolvido ; mas primeiro, haveremos de resolver est'outro arrependido a partir para melhor destino.—Oh eis-os ahi vêm por tim. (*Ouve-se tumulto dentro*.)

Guiomar — Quem?

Mendo — Agora verás. Vêm optimos; bons tostões e boas canadas de vinho me custou.
(Sobem ambos a escada)

SCENA IV

D. GUIOMAR e MENDO PAES no alto da escada. O povo entra em magotes e amotinado; entre elles como chefes GIL SERRÃO, BRAZ FOGAÇA e mais servilheiros do Alfageme JOANNA, SERAPHINA e outras mulheres com elles

Coro do povo

Traição, traição, traição!

Gil Serrão — Quem nos perdeu!

Braz-Fogaça — Quem nos vendeu!

Coro

Traição, traição, traição!

Gil-Serrão — E' não ter alma.

Braz-Fogaça — Não ter coração.

Coro

Traição, traição, traição!

Guiomar (para Mendo) — São capazes de o matar, Mendo.

Mendo — E se fossem, a perca! — Mas não, não é nada; deixa estar.

Guiomar — Então o que é, que tem esta gente?

Mendo — Tem o que ainda agora te disse; que está el-rei de Castella perto da villa, que ahi vai subindo a calçada da Atamarma; e agora estão com medo do castigo que merecem. E' o costume: chega-lhe tarde, mas chega-lha devêras. Até aqui, o Alfageme era o seu homem, o seu capitão; agora hão-de querer pendurar o caudilho á porta do Sol para ver se lhes escapa a garganta d'elles, e hão-de gritar que ainda bem que se livraram do Alfageme, que era quem os obrigava a fazer as maldades e as cruezas que fizeram.

Guíomar — Mas todos nós vimos o contrario ; e a ti mesmo por duas vezes te salvou elle a vida, escondendo-te do povo e defendendo-te quando esses amotinados gritavam por esta escada acima : «Morrer o castelhano, o scismatico, o traidor, o espia !»

Mendo — E' verdade : e é a mesma coisa agora, a mesma gente, agora querem-no matar a elle por não ser castelhano nem scismatico.

Guíomar — Pois sim ; mas acode-lhe tu, e salvalhe a vida ao menos, que bem sabes quanto lhe devemos.

Mendo — Devemos, devemos ; e para lhe não dever é que...

Guíomar — Anda, vae.

Mendo — Se elles estiverem pelo que lhes eu disser...
(Começa a descer lentamente a escada.)

Coro

Traição, traição !

Joanna — Meu pae !

Gil Serrão — Minha filha !

Seraphina — E tu, meu irmão !

Coro

De nós que será ?

Gil Serrão —

Ai quem nos perdeu !

Braz Fogaça —

Ai quem nos vendeu !

Gil Serrão —

Foi elle.

Coro

Foi elle, foi elle.

Braz Fogaça —

Pois já,

Pois hoje por todos aqui pagará.

Coro

Pois hoje por todos aqui pagará.

SCENA V

GIL SERRÃO, BRAZ FOGAÇA, JOANNA, SERAPHINA e mais amotinados; o ALFAGEME abrindo a porta de casa e saindo; atraç d'elle ALDA, FROILÃO DIAS e MENDO PAES; D. GUIOMAR no patim da escada.

Alfageme — Quem é que hade pagar por todos? Se sou eu, aqui estou. Em que moeda quereis que vos pague?

Alda, (abraçando-se com o Alfageme) — Fernando, Fernando, lembra-te de teu filho?

Alfageme, (desembaraçando-se d'ella) — Deixa-me Alda: estas coisas não são para mulheres. Vae para zo pé de teu filho, deixa-me.

Guiomar (para Mendo) — Então, vae, olha que... (Impaciente e levantando a voz) Foge, Fernando, que té matam.

(Rumor entre os amotinados, que todos se voltam para onde está Guiomar.)

Alda — Ella tem razão, foge, Fernando.

Mendo (chegando-se ao pé d'elle) — E' o mais prudente, Fernando. Essa gente está furiosa e com medo; por consequencia capazes de tudo. Sae pela porta de traz da tua casa que deita para o rio. Eu terel mão n'elles por aqui. Nun'Alvares... a quem chamam o Condestavel, lá entre a gente do Mestre — está em Abrantes.

Alda — Em Abrantes tam perto d'aqui! Vae para elle, vae que te hade acolher bem. Oh! de certo! E escaparás d'esta má gente... Mäos! coitados, estão loucos.

Froilão — E espicaçados de más moscas anzoneiras, de ruins agulhas ferrugentas que aqui andam tecendo mentiras e desgraças. (Olha para Mendo; depois querendo afastar o Alfageme.) Deixa-me falar com elles.

Alfageme (segurando-o) — Com estes aqui? Que quereis fazer? Pedir-lhes que me perdoem! A mim! Pelo Santo Milagre de Santarem que ajustarei minhas contas com elles, eu em propria pessoa e sem mais ninguem.

Alda — Fernando !

Alfageme — Deixa-me, já te disse. (*adiantando-se para os amotinados*) Que me quereis vós, que vos devo eu? Falae. — Appelidastes-me de traidor: em que vos atraíçoei, quando, por quem? — Que vos vendi... Eu, Fernão Vaz, eu o Alfageme de Santarem! Por que preço? Dizei. — Olhae para essas officinas! Abandonadas, desertas. Essas forjas!... ha dois annos apagadas! Esses armazens!... vazios. A minha fazenda!... gasta, consumida. Em quê? — Em vos sustentar com essas armas na mão. Essas armas que eu vos dei... para quê? Para defenderdes a vossa propria causa. A vossa causa que vós desertastes... que nunca defendestes; porque é ruim sinal do povo que nunca a sua causa soube defender, — precisa de um homem, de um nome, de um phantasma—da sombra de qualquer couisa, contanto que não seja a sua, para tomar calor por ella. Qual foi o meu crime? Pretender tirar-vos d'essa cegueira! — Não querieis a rainha para não servir a estrangeiros; tinheis razão. Mas é força servir alguém?

Gil Serrão — O Mestre d'Aviz é pelo povo, é-nos leal.

Alfageme — E' leal o Mestre d'Aviz! E passou pelas ruas de Lisboa com aquele pendão em que estavam pintados seus dois infelizes irmãos, o infante D. João e o infante D. Diniz, os verdadeiros, legítimos herdeiros d'el-rei D. Pedro e da corôa d'estes reinos, para depois...

Braz Fogaça — As côrtes já decidiram o contrario.

Alfageme (*com escárneo*) — As côrtes... as côrtes... Meia duzia d'homens que lá mandoú o seu bando d'elles!

Gil Serrão — Traição, traição!

Todos — Traição, traição!

(*Mendo Paes anda por entre os grupos dos amotinados, fingindo que os accommoda, e excitando-os mais*)

Alfageme (*levantando a voz*) — Traição é para traidores. Eu sou o Alfageme de Santarem. Digo-vos eu que o Mestre d'Aviz não foi leal com o povo, não foi leal com seus irmãos. Fizemol-o Defensor do reino, elle fez-se rei a si. Protestou guardar a corôa para seu irmão, e guardou-lh'a... pondo-a

na cabeça. — O mais povo de Portugal que faça o que quiser : o de Santarem... não acclamou o Mestre, e enquanto eu fôr vivo não o ha de acclamar.

Braz Fogaça — O Mestre foi acclamado nas côrtes de Coimbra : é o rei de Portugal. — Viva el-rei D. João ! Viva o Mestre d'Aviz.

Mendo (*a um grupo de amotinados*) — Lembrei-vos que a vanguarda d'el-rei de Castella está já ás portas de Santarem.

Gil Serrão — El-rei D. João de Castella que vem ahi, e todo o poder do seu reino com elle.

Braz Fogaça — Está um forte rei ! Eu quero o nosso rei natural. Viva o Mestre d'Aviz !

Gil Serrão — Pois esse é que está um fresco rei ! Não o quero para mim.

Alguns — Nem para mim

Outros — Nem para mim.

Gil Serrão — Ninguem o quer. Tem razão o Alfageme.

Todos — Tem razão o Alfageme.

Alfageme — Ah ! elle é isso ? — Pois agora o tomaria eu para meu se me elle quizesse, homens sem coração, mãos Portuguezes ! O Mestre d'Aviz enganou o povo e foi mão irmão. Enganou o povo, menos a mim, que sempre vol-o disse. — Gritaveis-me que elle era pela nossa liberdade, que era pelo reino. E' por si : dizia eu, e acertei. — A coroa era do infante D. João, ou do infante D. Diniz. Não faltou quem lh'o dissesse até lá em Coimbra. E' o que vos eu dizia aqui : «O nosso rei natural é o infante D. João; a bandeira do mestre é falsa.» — Mas agora que o poder todo de Castella vem sobre elle, e sobre nós. . . — rei ou não rei, antes seguir o pendão d'Aviz e morrer com elle... mil vezes !

Mendo (*approximando-se do Alfageme com hipocrisia*) — Mas, a falar a verdade, alguma razão dou ás queixas d'esta gente, Fernando. Porque não acclamastes vós o Mestre d'Aviz diretamente, como fez Affonso Eannes, o tanoeiro de Lisboa ?

Alfageme — Bom pago teve.

Freilão — O pago que sempre têm todos os sinceros defensores de qualquer causa.

Alfageme — Os que se mettem com príncipes.

Freilão — Com os povos não. E' vêr !

Mendo — Mas enfim era uma coisa que se entendia, era um partido, um bando declarado.

Todos — E' verdade, é verdade.

Gil Serrão — Nem por Castella, nem pelo Mestre de Aviz, nem por ninguem.

Alfageme — Eu era só por vós : dizeis bem que não era por ninguem.

Gil Serrão — Trouxe-nos sempre em suspensão ; que esperassemos, que ainda não era tempo, que viria o infante D. João... .

Todos — E' verdade, é verdade.

Mendo (baixo a Gil Serrão) — Foi traição.

Gil Serrão — Foi traição.

Alguns — Foi traição.

Alfageme — Quem fallou outra vez aqui em traição ? Sois vós, senhor Mendo Paes !

Mendo — Eu !

Alfageme — Pareceu-me... Mas não podieis ser vós ; — é impossivel.

Alda — Oh Fernando, meu Fernando !

Gil Serrão — A verdade é que, desde que casastes, sois outro do que d'antes erais.

Braz Fogaca — D'antes andava com a gente; era um popular devéras; um bom matalote, o verdadeiro rei dos Alfagemes. D'abi para cá, e mal que se casou com essa tal senhora que é tam fidalga e tam prendada... marido e mulher era o mesmo, só nos davam conselhos.

Froilão — E quanto tinham de seu, que ninguem mais vos sustentou, ha dois annos que não trabalhaes.

Gil Serrão — Isso é verdade, lá isso !...

Alfageme — Aconselhei-vos que trabalhasseis : não quizestes nunca. Já não querieis fazer espadas, se não trazel-as á cinta... E eu... .

Braz Fogaca — E vós... vós é que sois a culpa. Se tomámos este officio e deixámos o outro, quem nol-o ensinou senão vós ?

Alfageme (convencido) — Tendes razão, meus amigos ; ahí, tendes razão. — Soltei da mão a pedra e quando a quiz parar, não pude. Foi peor, foi peor querel-a parar. E' verdade, é verdade. (*Humilhando-se deante dos amotinados*). Perdoae-me, meus amigos.

Froilão — Boa razão, alfageme; és um homem d' bem e de verdade.—Ora pois, tende paciencia, q u

não sois o primeiro, nem sereis o último a quem tal sucede. Com a melhor fé e a melhor vontade se começam quasi sempre, quanto pelo povo, estas alterações: rara vez os que sopram a labareda desejam que se ateie o incendio destruidor que depois vem. — Pois bem, meus amigos todos, não fallemos mais n'isso: o que lá vae, lá vae. Ide para vossas casas, para vossas famílias, e assegae. — Dizeis que está entrando na vossa villa el-rei...

Altageme (acudindo) — De Castella.

Freilão — De Castella, sim. — E que o outro... o outro está em...

Mendo — Em Abrantes. Cedo teremos uma batalha decisiva.

Freilão — Pois bem. Deus é grande, e dará a vitória a quem fôr de razão. — Vós não tendes feito mal a ninguém... graças ao Alfageme; não haveis que receiar de um ou de outro. Assegae e aguardaremos que Deus decida entre ambos.

Mendo — A decisão é facil de antevêr: el-rei D. João... (para o Alfageme) de Castella, como vós dizeis... traz vinte e tantos mil homens de peleja, a mais luzida gente de toda a Castella e Leão, afora tantos senhores portuguezes que com elle andam... (para Alda) entre os quaes o prior de Rhodes, D. Pedr'álvares Pereira, irmão de Nun'álvares, meu senhor. (Inclinando-se com reverencia ironica) São dois irmãos um tanto diferentes!

Alda — São. Mas ambos honrados, ambos seguiriam um partido só. (Arrastando estas ultimas palavras.)

Mendo (á parte) — Cuida que me faz móça! (Alto) Toda esta gente vem com el-rei. — de Castella. Sem falar n'esses engenhos de fogo, n'essas novas machineas de guerra que pela primeira vez agora nos vêm a Portugal aterrar com seu espantoso bramido.

Gil-Serrão — O que será aquillo? Alguma diabolica invenção dos scismaticos.

Mendo — Catholicos ou scismaticos, é uma coisa terrivel a tal invenção dos trons de fogo, que estoiram como bramido de trevoada e ferem como raio.

Braz-Fogaça — Senhor Deus, misericordia!

Mendo — É D. João, o Mestre d'Aviz, o que tem?

Seis mil e quinhentos homens, gente bisonha, feita de hontem, sem armas — gente de chuço e varapão a mór parte d'elles.

Braz-Fogaça — Vamos esperar el-rei de Castella.
Alguuns — Vamos.

Froilão — E a espada do Condestavel, não a contaes tambem? Quantos mil homens vale essa gente sem fé?

Gil-Serrão — Eu vou para Abrantes, que lá está o Condestavel.

Froilão — Ide para vossa casa; tomare o meu conselho, filhos; deixae-vos de mais alterações e desordens. Não estaes ainda ensinados, — não aprendestes já bem á vossa custa? — Pobres, estragados de saude e de fazenda!

Mendo — El-rei D. João está entrando: deixae-vos de mais conselhos. Não faltará quem vos denuncie por seus inimigos se lhe não ides ao encontro. Ide se quereis escapar.

Braz-Fogaça (riamente) — Pois viva el-rei D. João de Castella!

Mendo — E de Portugal.

Alguuns (riamente) — Viva!

(*Braz-Fogaça e mais alguns trabalhadores saem, dando vivas froixamente. — Gil-Serrão e os outros olham para o Alfageme, que está com os braços cruzados encostado à sua porta e como quem não vê nem ouve o que se passa, com os olhos fitos em Alda, que também immóvel o contempla. O Alfageme não repara n'elles, que, fazendo signaes uns aos outros, por fim se retiram e seguem os primeiros.*)

SCENA VI

O ALFAGEME, ALDA, FROILÃO-DIAS,
MENDO-PAES, *ao pé da casa do Alfageme*
D. GUIOMAR *no alto da sua escada*

Alfageme (depois de considerável silêncio) — Aqui está o que é o povo! Fiae-vos em seu favor: tomae a peito as suas coisas: fazei-vos caudilho, defensor da multidão, mettei-vos a guia-a!

Mendo — Que vos dizia eu, Fernando? Villões pagam como quem são!

Alfageme — Que me importa a mim como elles pagam! Servi-os eu para que me pagassem? — A causa

do povo é a causa dos pobres, Mendo : — que recompensa hade esperar quem a serve ?

Mendo — Oh homem ! Vós não viveis n'este mundo. Ahi andam com o Mestre d'Aviz tantos servidores do povo que o outro dia não tinham um saio velho com que se cobrir, e hoje são senhores grandes e poderosos.

Alfageme — Bem sei ; esses não serviam o povo, serviam-se d'elle.

Mendo — Mas são esses os que o povo segue e em quem se fia ; e vós, com toda a vossa independencia e devoção desinteressada, ficaes pobre, estragado de saude, malquisto de todos os partidos, e pelos vossos proprios alcunhado de...

Alfageme — De traidor, de corrupto, de vendio, de scismatico.— Que se me dá a mim de estar mal com todos, se estou bem commigo ? — Fico pobre? Trabalharemos : não é assim, Alda ? Mal me querem os meus ? Terras tem esse mundo de Christo para onde ir viver. E para quem vive do trabalho de suas mãos, toda a terra é patria.

Alda (deitando-lho os braços) — Sim, meu Fernando, vamos para muito longe d'aqui, para onde não haja d'estes alvorótos, d'estes sustos.

Froilão — Deste rat-vos, homem ! Queres deixar a terra em que nasceste, ir mendigar o pão do estrangeiro ! Homem, tu sabes o que é sentar-se um foragido nas ribeiras da terra estranha, a olhar para aquelles campos que não são seus, a ver aquelles rostos que não conhece, a ouvir aquellas falas que não entende, e sentir-se... sentir-se cahir o coração de desapêgo e desconforto ? — Oh ! antes morrer ; morrer só, abandonado... desamparado de seus proprios filhos, como eu aqui morrerrei... (Rebentam-lhe as lagrimas. Alda e Alfageme o abraçam; elle rompe a soluçar.)

Alda — Não, meu tio, não vos deixaremos, não, nunca.

Mendo (fingindo-se commovido) — Ora pois, isso não é vosso, Froilão : estás aggravando o mal sem o remediar. A necessidade aperta, e é preciso tomar uma resolução. El-rei de Castella está perto da villa. Um podér immenso — e não exagero — todo o podér de Castella vem com elle. (Olhando para o fundo) Vedes além aquella gente que passa ? — São os nossos sete vereadores com a bandeira

da Camara, e a Casa dos Vinte-e-Quatro com os seus balsões, que o vão esperar e entregar-lhe as chaves da villa. (*Ouve-se dobrar o mesmo sino do terceiro acto*) Oh ! lá toca o sino na nossa torre das Cabaças. O poder d'aquelle torre em Santarem é invencível; bem sabeis. E maior é o da torre Al-barran, que tambem soôu por nós nas consciencias patrióticas dos bons santarenos. Ora, uns por ôcos, como as cabaças de barro de uma torre, outros por cheios, como as arcas da outra ; em conclusão, temos por Castella clero, nobreza e povo. (*Ouvem-se vivas e vozearia*.)

Alfageme — O povo, o povo !

Mendo — Que ha de ser, se elle traz um exercito de vinte mil homens ! Não ha nada que faça um rei amado e querido como um bom exercito ; todos o adoram. — D'aqui a pouco vereis como triumpham por ahi os mais timidos e indecisos, os que mais duvidam da legitimidade da rainha D. Beatriz. Vereis os vossos populares submissos e leaes... — E não faltará entre elles, principalmente nos que mais violentos foram e mais atrocidades commeteram, quem, para se salvar a si, vos vá denunciar como o mais perigoso cabeça de motim.

Alda — Elle, que se oppoz sempre a essas violencias, que, por sua moderação, perdeu todo o ascendente que tinha no povo ?

Mendo — Por isso mesmo. Conheceis bem mal os homens, minha bella Alda.

Alda — Não os conheço, não .inda bem ! nem desejo.

Alfageme — E' assim o que elle diz: moderações me perderam. Metti-me a querer ordenar o que não tem ordenação; destrui a minha propria força... E agora todos zombam de mim, escarnecem-me e detestam-me.

Mendo — Eu bem t'o dizia.

Froilão — Eu bem t'o dizia, eu bem t'o dizia!.. De que serve agora o que vos lhe dizeis ou o que eu lhe dizia? — Bom é dar conselhos antes do mal sucedido. Eu tambem dei os meus e não me louvo d'elles, que não foram os melhores. — Em verdade, em verdade, se fôrmos a ajuizar pelo que está sucedendo, o maior culpado aqui sou eu que sempre preguei: *Nada de partidos, nada de bandos; deixa

averiguar isso a quem toca, e não te mettas a fundo n'essas coissas. — Muito bom, muito bom, excelente mas impossível. Em as coisas chegando a estes pontos, é forçoso ser por alguém para não ficar sem ninguém... e vêr todos contra si! — Mas emfim o que passou não tem remedio. O que é preciso agora é salvar dos Castelhanos e dos maus Portuguezes que ainda são peiores. — Mendo Paes, vós deveis a vida a este homem que duas vezes vos tirou das mãos do povo amotinado. Não falo nas mais obrigações em que lhe estaes...

Alfageme — Froilão, Froilão, callae-vos: nem mais uma palavra, se não quereis que eu me vá já entregar a el-rei de Castella.

Froitão — Pois bem, não digo mais nada. Mendo sabe que...

Mendo — Sei... E se eu podesse mostrar...

Froilão — Não podeis!... Vós, homem d'el-rei de Castella, vós hoje rico e poderoso!

Mendo — Rico! Tu sabes, Fernando, como eu sou rico. — O meu valimento é muito menor do que suppondes. Para vos eu esconder em minha casa, bem vedes que.

Alda — Ai, isso não, Fernando, não!

Mendo — Eu por mim... Mas não tardavam a descobrir-o...

Alfageme — Não vos cancelis com desculpas: não irei para vossa casa.

Mendo — Tomae o meu conselho. Já sabeis que Nun' Alvares Pereira está em Abrantes: ide para elle. Tomae um dos meus cavallos. Por acaso... foi mero acaso... (confundindo-se) alcancei por um homem do Mestre que aqui passou afforrado, um salvamento para entrar em Abrantes: dar-vo I-o-bei: tomarei. (tira um papel do bolso e dá-lh'o) Aqui estamos fóra de portas, ainda podeis ir sem perigo; eu tomarei cuidado que vos não embaracem. — Bem vedes que sou generoso: mando um soldado como vós aos meus... aos meus contrários.

Alfageme — Obrigado, Mendo, agradeço-vos a boa tenção.

Froitão — Sois cavalleiro, D. Mendo: perdoae-me que vos não fazia justiça.

Mendo — E vós, Alda, se vós me não dizeis uma palavra de...

Alda — De agradecimento, senhor Mendo Paes?

Mendo — Não digo tanto, mas de...

Alda — De quê?

Mendo — De... de... — Ao menos pela boa vontade.

Alda — A vontade! Oh! essa ficas certo que a conheço, e que a não hei de esquecer nunca.

Mendo (retirando-se confuso, e indo ao pé da escada onde está D. Guiomar) — Esta conhece-me, mas não me descobre; tem vergonha.

Guiomar (para o irmão) — Então já se resolveu?

Mendo (para Guiomar) — Ainda não. Mas ha de partir: digo-t'o eu. Deixemol-os agora. (Sobe.)

SCENA VII

ALFAGEME, ALDA, FROILÃO DIAS

Alfageme (fallando consigo) — Eu soldado do Mestre d'Aviz! Eu servir o principe ingrato que enganou o povo! Eu apresentar-me deante do... do seu Condestavel, e dizer-lhe... o quê?

Alda — O quê, Fernando! — O que te pede o coração, o que eu n'elle estou lendo, porque o conheço, Fernando; o que uma falsa, uma viciosa vergonha te não deixa vir aos labios.

Alfageme — Que dizes tu, mulher?

Alda — O que é verdade, Fernando. — Cuidas que eu sou ainda uma criança, aquella donzella fraca e tímida que, só de ouvir fallar n'estas coisas, se assustava? — Já sou mãe, Fernando, e já sou tua mulher ha dois annos; e de dia a dia aprendo cada vez mais a estimar-te como devo a amar-te como me pede o coração. — Agora amo-te, Fernando, ouve-me, amo-te como nunca amei.

Alfageme (abraçando-a) — Bem vinda sejas, desgraça que tamanha felicidade me trouxeste!

Froilão — Ora pois, chorem ahí um bocadão; despeçam-se á vontade, que eu vou vêr o pequeno e já venho.



*Alfageme — Alfageme, a patria te espera,
Deixa a forja, leva o coração !*

2 — ALFAGEME

Acto IV, Scena ix

SCENA VIII

ALDA, ALFAGEME

Alfageme — Oh Alda, se tu soubesses como essas palavras, essa voz do coração com que as dissesse, me entraram aqui n'alma, e o bem que me fizeram! — Oh! venha a pobreza agora, venha a morte, a ignomínia.

Alda — Pois quê, Fernando! tu duvidavas de mim?

Alfageme — De ti, não, Alda. De ti, da tua virtude, nem um momento. Mas o teu amor... oh! se eu o soubera, se eu o adivinhasse... — Dil-o hei?... Digo. — Alda, esta aversão, esta repugnância invençivel que eu tinha ao Mestre d'Aviz, não adivinhas o que m'a inspirava?

Alda — Não.

Alfageme — Era o ciúme; ciúme que me ralava as entranhas, que me consummia a vida, que me seguia por toda a parte como a minha sombra, que erá uma voz d'agouro que nos instantes mais felizes, quando te abraçava—ainda quando te via tam alegre e satisfeita a cuidar da tua casa, a tratar do nosso querido filho... a funesta voz me dizia: «É resignação, é virtude, mas não te ama!» — Se um instante te via triste, logo eu dizia: «Suspiras por elle.» — Se falavas na tua vida passada: «Eram saudades!» Se não falavas: «Era disfarce, era por me não affligrir!» — Oh que tormento, Alda!

Alda — Porque não m'o dizias tu, porque me não abrias o teu coração, esposo? Ha muito viverias socegado. — Mas ainda bem que o não fizeste! A tua confiança, a firmeza que em mim punhas, a mesma ignorância em que eu estava do teu funesto duvidar, plantaram em meu coração este amor fervoroso com que agora te amo, e que apagou até a derradeira nágem d'essa inclinação de infancia que todos no comprazemos a exagerar tanto que tu mesmo cavadavas que ainda podia reverdecer no coração de tua mulher... Ah Fernando, tinha vontade de te não perdoar. — Eu amei a D. Nuno e amei-o muito...

Alfageme (com ansia) — Amaste?

Alda (com serenidade) — Amei; e cuidei que me fos-

se impossivel amar outro homem. Cuidei-o sempre até áquelle momento — lembras-te? — que me disseste: «Alda, não abraças a teu irmão?» Foram palavras magicas, de encanto, reviraram-me o coração. Não sabes o poder que tem n'uma mulher a generosidade e a confiança.

Alfageme — Basta, Alda: vou para o Mestre d'Aviz. Já sei o que hei de dizer ao Condestavel.

Alda (com gentileza) — A ver se eu adivinho?

Alfageme (sorrindo) — dize.

Alda (com solenidade) — O alfageme de Santarem tem coração de portuguez: não queria servir o rei estrangeiro, nem o natural que não era legitimo. A sua causa não era... não é a vossa, senhores cavalleiros. Elle queria os fóros e as liberdades do povo; vós quereis sim a liberdade do reino, mas com a grandeza e o poder, o poder todo para vós. O alfageme não vos queria ajudar. Hoje porém que os estrangeiros vêm com tanta arrogancia sobre vós, que a vossa causa parece desesperada, a vossa causa é a minha, é a do alfageme, e a do povo. Sêde grandes embora; nós vimos ajudar-vos a vencer, ajudar-vos a morrer... — E morrer saímos nós, podemos nós melhor, que menos temos por que estimar a vida... Morreremos por vós, que ao menos sois portuguezes. — (Mudando de tom graciosamente) Adivinhei, Fernando? (Com seriedade e paixão) Conheço o teu coração; amo-te eu devéras que assim leio n'elle?

Alfageme — Sim, Alda; sim, minha mulher, minha esposa adorada!

Alda — Parte, Fernando: não tenhas cuidado em mim. Já vês que a minha alma está temperada pela tua. — O nosso querido filho, o nosso bom tio ficam com a minha protecção... A minha protecção! pois? Não sou eu a mulher do Alfageme? — Vae que hasde vencer: diz-m'o o coração. Outros te aconselham que partas porque n'isso vêem a tua perdição: mas Deus confundirá os projectos dos maus. Vae e vence.

SCENA IX

ALDA, ALFAGEME, GIL-SERRÃO, BRAZ-FO-GAÇA e os moços SERRALHEIROS que voltam

Gil Serrão (*lagrimejando*) — Mestre, os castrelhanos estão entrando pela porta de Atamarra.—Partia-se me a alma, mestre, de os vêr entrar tam senhores de si pela nossa villa dentro.—Estes rapazes todos foi o mesmo. Sem dizermos nada uns aos outros, voltámos todos a cara para não vêr tanta vergonha.—Mas até aqui vá, inda vá... Mas quando a gente viu entregar as chaves ao rei scismático, as chaves da nossa terra, onde está aquelle Santo Milagre da hostia de Christo com o seu puríssimo sangue derramado por nós—que este foi só pelo povo catholico de Santarem, não é para todos como o outro... Oh mestre! quando a gente viu tal, não houve mais que falar, saltaram-nos as lagrimas pelos olhos fôra, e viemos muito depressa correndo. Já está tudo de um concerto: vamos para Abrantes ter com o Condestavel; e acabou-se.—Quereis vós vir commosco? Sois o nosso mestre, sereis o nosso capitão—Se d'esta vez tem de acabar Portugal, acabemos nós tambem com elle. Mas já agora quem começou a obra tem obrigação de a rematar, ou de acabar em cima d'ella. E, salvas as más palavras, vós, mestre, que nos mettastes n'isto, não vos fica bem...

Alfageme — Meus amigos, meus honrados amigos! (*enternecido*) — (*Para Alda*) Fui injusto para com elles, assim como fui contigo, Alda!—E elles perdoam-me como tu me perdoaste: voltam para mim!—Alda, as minhas armas. (*Aos trabalhadores*) Vamos para Abrantes, amigos. (*Alda vai usar as armas, volta com elles e ajuda-o a armá-lo*) Alda vou pedir ao Condestavel de Portugal a dívida de Nun'Alvares Pereira.

Alda — Qual?

Alfageme — A da espada. E hade pagar-m'a...

Alda — Como?

Alfageme — Quero um emprego, um lugar.

Alda — Tu! Qual? aonde?

Alfageme — Na vanguarda do exercito de D. João I de Portugal.

Alda—Oh meu Fernando!

Alfageme—Adeus, Alda!—Um abraço derradeiro, e adeus.—Este beijo ao nosso filho... ao nosso Alvaro... (enternecido) Então, Alfageme! E o nosso velho Froilão!—Pschiu! que não oíça elle: está muito velho para estes transes de despedida, Dar-lhe-has um abraço por mim, Alda.

Alda—Que é d'elle o abraço?

Alfageme (abraçando-a)—Aqui está... E adeus, adeus!

(Sai cantando)

Alfageme, a patria te espera.
Deixa a forja, leva o coração!

Todos os SERRALHEIROS seguindo o Alfageme

Vamos!

(Cantam)

Alfageme, a patria te espera,
Deixa a forja leva o coração!

SCENA X

ALDA, FROILÃO-DIAS

Froilão (súe, entoando, com o breviário na mão)—
Nunc dimittis servum tuum in pace; quia viderunt oculi mei... (Repara na falta do Alfageme) Que é do Alfageme?

Alda (tristemente e apontando para o fundo)—Vê-de-o: elle acolá vai com a sua gente toda que lhe voltou, que lhe veiu pedir perdão, que o leva em triumpho.

Froilão—E onde vai elle, onde é que vão agora?

Alda—Para o Condestável, meu tio, para o exército, do mestre d'Aviz.

Froilão—Foi, resolveu-se?—Elle é verdade que já agora... Mas, e Jesus! não sei o que me diz o coração. Ai filha, filha!

Alda—Receias que vençam os castelhanos?

Froilão—Espero em Deus que não.—Mas elles parecem que são tantos!

Alda—Que importa; não hão de vencer: tenho fé.

Froilão—Também eu. Mas o peior agora é que tu estás aqui só—porque eu... eu sinto-me... (Cae

tomado de paralisia, nos braços de Alda, que o sentia em um banco e lhe fica amparando o corpo.)

Alda—Meu querido tio! tornae a vós—Não me ouve.—Ouvist? (Froilão acena que ouve) Não se pôde mover.—Oh! Virgem bendita! que mal o tomou de repente! E eu só... só...—Fernando que partiu sem lhe tomar a bênção!—Ai Jesus! e ninguem que me ajude, ninguem que me acuda!

Côro (ouço-se ao longe o estribilho da canção do Alfageme)

Alfageme, a patria te espera,
Deixa a forja, leva o coração

Alda—A patria, a patria... Ah! (Ajoelha deante de Froilão que lhe põe a mão sobre a fronte; ella abraça o tio.)

ACTO QUINTO

SCENA I

FROILÃO-DIAS está sentado em uma cadeira de braços antiga, com os pés sobre um banquinho; ALDA concertando-o e arranjando-o com muito carinho; JOANNA e SERAPHINA sentadas no chão aos pés do padre, fiando em riscas; côro de Donzelas do Alfageme que fazem o mesmo; algumas estão ainda em pé, outras vêm chegando.

Joanna (canta)—

Padre capellão!
Casae-me, meu padre, pela vossa...

(Froilão faz sinal de que o afflige esse cantar)

Alda—Afflige-vos?—Cuidado, lembra-se de...

Joanna—Então não, não: cantaremos outra coisa para o divertir. (Canta.)

Quem não deve, não deve, não teme;
Espadas e lanças...

(Sinal mais expressivo ainda de impaciencia em Froilão)

Alda—Tambem a mim me afflige essa canção; faz-me saudades.. (Froilão acena que sim) Cantae outra coisa.

Joanna—Outra coisa! Que hade ser?—Ah sim; d'esta haveis de gostar. A chacara do Conde Alarcos.

Alda—Como é essa?

Joanna—E' a do rei que mandou chamar o conde, que matasse a mulher e casasse com sua filha; e que depois...

Alda—Ai, credo, que feia coisa!

Seraphina—Então a da *Bella Infanta*. Sim?
(Froilão faz sinal de que aprova) Pois vá a da *Bella Infanta*.

Alda (para *Froilão*) — Também me lembra saudades do outro tempo, mas que estão bem apagadas por estas mais vivas e que entraram mais fundas na alma. Não me importa avivar-as: já não tem perigo. (Para as *Donsellas*) Deixa-me ir buscar o meu Alvaro, e as minhas coisas todas (*Entra em casa, traz um berço com uma criança, depois uma roda de fiar, senta-se em um banquinho ao pé de Froilão e diz ápatre*) Estou n'uma inquietação, n'um desassocêgo! Não sei como heide encobrir. (Para *Froilão*) Já sabeis que hontem veiu um homem das bandas de Aljubarrota, que dá os dois exercitos a encontrar-se um com o outro? No dia treze d'este mez d'Agosto; foi antes de hontem .. véspera de Nossa Senhora, estavam em termos de dar batalha.

(*Froilão levanta as mãos para o céu e como que diz: O que Deus quiser!* — Alda fita em sua roda e embala o berço.)

Seraphina — A cantiga da *Bella Infanta* é como a nossa gente que foi para a guerra. E quando elles voltarem que lhe havemos de perguntar: (*Entoando*)

Dize-me, ó cavalleiro ..

Joanna — Tal e qual. E a *Bella Infanta* no seu jardim assentada que é esta; e nós, como quem diz, as suas donzellias que estão à roda. — Vês como te eu dizia: «Ella está só, a nossa patrôa que é tam boa para nós: vamos-lhe fazer companhia a fiar para ao pé d'ella, e cantaremos». — Então vês como é bonito?

Seraphina — Isso é. — E mais vamos aprendendo para quando elles voltarem. Diz que ha na nossa gente, no exercito do nosso rei, uns senhores, — não sei se é companhia se é terço, mas são muitos que se chama a *Ala dos Namorados* e outros da *Madresilva*... Que lindos nomes tomaram! — E diz que cantam e concertam elles mesmos as mais lindas cantigas de aventuras e de amores e de princesas encantadas, que é um feitiço ouvir-os. — (Para *Alda*) E' verdade, senhora?

Alda — E', sim.

Joanna — O' senhora, então aqui a senhora D. Guiomar que está no convento das Claras? Que foi aquillo, senhora?

Alda — Foi servir a Deus, filha: mais socegada estará que nós. — Canta a tua canção.

Joanna — Então vamos. (*Froilão esfrega as mãos como quem é contente de ouvir e anima Joanna no rosto como para lhe agradecer*) Gostas? Inda bem, coitado! (*Para Seraphina*) Vamos: quando chegar ás falas da infanta com o cavalleiro, eu sou a infanta e tu és o cavalleiro.

Seraphina — Pois sim.

Joanna

(*Toada popular bem conhecida*)

Estava a bella Infanta
No seu jardim assentada,
Com o pente de ouro fino
Seus cabellos penteava.

Deitou os olhos ao mar,
Viu vir uma nobre armada;
Capitão que n'ella vinha
Muito bem que a guiava.

Coro

Capitão que n'ella vinha
Muito bem que a guiava.

Joanna

Dize-me, ó cavalleiro,
Pela cruz da tua espada,
Se encontraste meu marido
Na terra que Deus pisava?

Coro

Encontraste meu marido
Na terra que Deus pisava?

Seraphina

Anda tanto cavalleiro
N'aquella terra sagrada!
Mas dize-me tu, senhora,
Os signaes que elle levava.

Coro

Dize-me tu, ó senhora,
Os signaes que elle levava.

Joanna

Levava cavallo branco
Selim de prata doirada,
No seu peito de aço fino
A cruz de Christo levava.

Côro

No seu peito de aço fino
A cruz de Christo levava.

Seraphina

Pelos signaes que me déste
Lá o vi n'uma estacada...
Morrer morte de valente;
Eu sua morte vingava.

Alda (*estremecendo*) — Boas novas vieram á pobre
da infanta.

Joanna — Esperae, tende paciencia, que ouvi-
reis agora o resto: nem sempre o peior é certo.

Alda (*suspirando*) — Mas do susto já ninguem a
livra.

Joanna — Esse teve ella muito grande; e en-
trou-se a carpir e a lastimar que fazia dó ouvil-a, e
vê-l-a arrancar seus loiros cabellos, e maguar soas
lindas faces, e dizia com muitas lagrimas: (*Canta*)

Ai triste de mim coitada,
Triste que tudo perdi !
Tres filhas que me deixaste,
Como as casarei sem ti !
Ai, esposo da minha alma,
Ai triste de mim sem ti !

Côro

Ai, esposo da minha alma,
Ai triste de mim sem ti !

Seraphina (*falando*) — E então o cavaleiro
da armada, meio sorrindo, meio com dó d'ella, lhe
tornou : (*Canta*)

Que darias tu, senhora,
A quem n'o trouxera aqui ?

Joanna

Dera-lhe ouro e prata fina,
Quanta riqueza ha por hi.

Seraphina

Não quero ouro nem prata,
Não n'o quero para mi'.
Que darias mais, senhora,
A quem t'o trouxera aqui?

Joanna

De tres moinhos que eu tenho ;
Um móe cravo e gergeli,
Outro...

Seraphina

Os teus moinhos
Não n'os quero para mi'.

Coro

Que darias mais, senhora,
A quem n'o trouxera aqui ?

Joanna

As telhas do meu telhado
Que são de ouro e marfi' ...

Seraphina

As telhas do teu telhado
Não as quero para mi'.
Que darias mais, senhora,
A quem l'o trouxera aqui ?

Joanna

De tres filhas que eu tenho,
Escolherás para ti:
Uma é loira como o sol,
Outra alva como o al-héli' ;
Tem quinze annos a mais velha,
Córada como um ribi' ..

Seraphina — Não é assim, não é assim. A Eyria Martins do pé do rio, que sabia essa xácará como ninguem, sempre l'ha ouvi cantar d'outro modo. E reza assim :

De tres filhas que eu tenho,
 Todas tres te déra a ti ;
 Uma para te calçar,
 Outra para te vestir,
 E a mais formosa de todas
 Para contigo...

Joanna — As cachópas do rio cantam como tu dizes ; mas a trova verdadeira é como a eu cantei, que m'a ensinou Mestre Froilão : e é como ella se canta entre senhores, e é mais bonita assim.—Não é, padre capellão ?

(Froilão faz sinal que sim e bate com mimo na face de Joanna)

Alda — Tens razão, Joanna ; é como tu dizes. E que não fosse, era mais bonito : assim se deve dizer. — Como foi a resposta do cavalleiro, Seraphina ? Se elle recusa tambem essa offerta ! ...

Seraphina — Oh se recusa ! — Não que elle ..
 Ora escutae : (Canta)

As tuas filhas, infanta,
 Não são damas para mi' :
 Dá-me outra coisa senhora,
 Se queres que o traga aqui.

Joanna

Não tenho mais que te dar,
 Quanto tinha offereci...

Seraphina

Tudo, não, senhora minha,
 Que inda te não déste a ti.

Joanna

Cavalleiro que tal pede,
 Que tam villão é de si..
 Por meus villões arrastado
 O farei andar ahi
 A' cauda do meu cavallo,
 A' roda do meu jardi'.

Coro

Por meus villões arrastado
 A' roda do meu jardi'.

Seraphina

Olha lá os teus vassallos
 Se estão bem certos por ti,
 Que eu, erguendo esta viseira,
 Me não obedeçam a mi'.

Coro

Se eu tirar esta viseira
 Hão de obedecer-me a mi'.

Seraphina

Este annel de sete pedras
 Que comigo reparti...
 Que é d'ella a outra metade,
 Pois a minha está aqui ?

Coro

Do annel de sete pedras
 Minha metade está aqui.

Joanna

Tantos annos que chorei,
 Tantos sustos que tremi...
 Deus te perdõe, marido,
 Que me ias matando aqui !

Joanna e Seraphina

Tive mais medo á ventura,
 Não sei como não morri.

Coro

Assustou-se co'a ventura
 Que a ia matando aqui !

Alda — Linda xácarra !

Joanna — Oh senhora, o Condestavel diz que gosta tanto de romances, que está sempre a lér n'um livro que trata dos Cavalleiros da Tavola-Redonda. Se nós lhe cantarmos este romance quando elle por aqui vier depois da batalha ?

Alda — Pois hade vir Joanna ?

Joanna — Hade sim, senhora ; tenho fé que hade vir triumphante e com toda a nossa gente.

Alda — Deus te oíça, filha ! — Podes-lhe cantar a tua xácarra que é linda. E que linda acaba !

SCENA II

FROILÁO-DIAS, ALDA, JOANNA, SERAPHINA
e as outras donzelas;

MENDO-PAES entrando; depois povo dentro

Mendo—Se elles acabassem todos assim os romances, bem bonitos eram!

Alda (assustada)—Que quereis dizer, senhor? Mendo, que é o que sucedeu?—Vindes com cara de caso... e de máo caso!—Que novas ha do exercito de?...—Por vossa vida, dizei... seja o que for—Más novas?

Mendo—Más... más! Mais para uns, boas para outros; que é a volta do mundo.

Alda—Santa Maria da Amieira nos accuda, que venceram os Castelhanos!—Se elles eram tantos, e os nossos...

Mendo—Ceda um para dez Castelhanos; é verdade.

Alda—Ai meu Deus, meu Deus! que será feito de...

Mendo—De quem?

Alda—De meu marido, senhor.

Mendo—Vosso marido... vosso marido.—Bem se trata agora de vosso marido.—O caso é que elles não venceram, o caso é que os ensinámos, que lhe démos uma lição mestra.—Ah bons Portuguezes, ah gente leal e destemida, que nunca me enganei comvosco! Só aquella *Ala dos Namorados*! Só aquella companhia da *Madresilva*! Pois com gente d'aquella, por força havia de ser.—Eu sempre o disse, sempre o esperei. Que victoria, que victoria! Não tornam cá.

Alda (suspensa)—Não tornam cá!—Em nome de Deus, explicae-vos. Quem?—Vencemos! Quem são os que venceram?

Mendo (com grande entusiasmo)—Os nossos, Alda, os nossos.

Alda—Mas quem são os vossos?—Ha tempos a esta parte que não sei.

Mendo (picado)—Não sabeis, Alda... minha senhora D. Alda! Não sabeis quem são os meus! Com que eu sou como certa pessoa que não queria os Castelhanos, porque eram Castelhanos, não queria o Mestre d'Aviz... porque era... nem eu sei

o quê... Não queria nada! Eu quero, quiz e hei de querer sempre o que...

Alda—O que vencer.

Mendo—O que vencer, sim, o que tiver justiça para vencer, porque a justiça é a força, isto é, a força é que dá a justiça... Não é assim: quero dizer que a justiça é que dá a força.

Alda—Por caridade, Mendo, que me digaes... Vós?...

Mendo—Eu sou um Portuguez leal e honrado, graças a Deus! Não quero ser escravo de estrangeiros, não quero...

Alda (ajoelhando e pondo as mãos)—Louvado seja Deus que venceram os Portuguezes!

Mendo—Assim foi. A bandeira do Campo de Ourique, a sagrada bandeira do Campo de Ourique. (Fazendo por se excitar) O pendão da honra e da lealdade!...

Povo (Que grita dentro)—Victoria, victoria!

Alda (erguendo-se)—O meu Fernando! Inda bem que o resolvemos!

Mendo—Inda bem!—E custou. (A'parte) Mal sabes tu porque eu digo ainda bem.

Alda—Mas dizei, contae...

Mendo—Contar o quê? Dizer o quê?—Foi uma coisa como nunca se viu. Castelhanos, ficou tudo em postas. El-rei D. João de Castella... o tal rei schismatico—veiu correndo a bom correr toda a noite, e esta madrugada entrou em Santarem; ahi esteve em Marvilia mettido. Deus sabe com que medo; e logo de madrugada... (Olhando para o rio) Olhae para acolá; vêdes aquellas galeotas sem pendão nem bandeira? E' elle que vae pelo rio abaixo, com vento e maré de feição, metter-se na sua armada que está á foz do Tejo, para se pôr a bom recado em terras de Castella, que estes áres de Portugal não se dão bem com elle.

Alda (affirmando-se)—E' verdade; são as galeotas castelhanas—Oh meu Deus, que alegria!—E onde foi a batalha?

Mendo—Entre Aljubarrota e Leiria, nos campos ao pé de Aljubarrota... (A'parte) E o alcaide sem chegar, e a minha gente!.. Oh! ei-los ahi vêm.

Povo (de dentro)—Victoria, victoria pelo nosso rei D. João I...—Morram os Castelhanos! Fóra os Castelhanos!

Mendo — Fóra os Castelhanos!

Alda (*á parte*) — Que vil homem! Faz-me córar.
(*Para Mendo*) Pois vós, senhor Mendo Paes, não
creis?...

Mendo — Era o que? — Esperae que já vol-o digo
o que eu era. — Graças a Deus que já se pôde falar;
(*bradando*) que já temos a nossa liberdade!

SCENA III

ALDA, FROILÃO, JOANNA, SERAPHINA, e as ou-
tras donzellias e aguazis, MENDO PAES, o AL-
CAIDE, povo.

Um do povo — Viva o Mestre d'Aviz!

Povo — Viva!

Um do povo — O nosso rei D. João I, que o fi-
zemos nós; não queremos outro.

Povo — Viva!

Mendo — Viva, viva! — E estes pêrras d'estes es-
trangeiros que nos têm avexado, que nos têm oppri-
mido... fóra com elles!

Um do povo — E os estrangeirados que ainda
são peiores, muito peiores.

Povo — Muito peiores.

Mendo — Fóra tambem.

Povo — Fóral!

Mendo (*á parte*) — Está a opinião preparada, a opi-
nião publica! — (*Alto*) Senhor alcaide, tende a bon-
dade de me lér este alvará. (*Tira das prégas do
saio um rôlo de pergaminho e o entrega ao Alcaide,
que o desenrola, e ao abrir cae-lhe o sêllo pendente
com uma grande fita encarnada. Mendo deita-lhe a
mão de repente, e diz á parte*) Olha o que eu ia fa-
zendo! E' o d'el-rei de Castella este. (*Alto, escon-
dendo o pergaminho no saio d'onde tira outro.*) En-
ganei-me, não era aquelle. (*Abrindo o segundo per-
gaminho de que pende uma fita azul com sêllo*) Este
é; é este, senhor Alcaide. — Lêde alto e bom som,
para todos ouvirem. E desde já, e na melhor fór-
ma de direito — parece-me que assim é que se diz
— vos requeiro e demando execução plena e in-
teira de todo o conteúdo n'esse alvará d'el-rei
nossa senhor.

Alcaide (*lendo*) — «Eu el-rei (descobre-se) faço
saber.

na todos os que presente virem como, havendo
 «respeito, ao que me representou Mendo Paes da
 avilla de Santarem e fidalgo da minha casa e aos
 «muitos serviços que n'essa villa se têm feito,
 «dentro e fóra d'ella, e durante o vexame e occu-
 «pação da dita villa pelas gentes de D. João que
 «se chama rei de Castella, dando-me secretamente
 «aviso e parte de muitas coisas que eram do meu
 «serviço e que...»

Mendo (*corrido interrompendo-o*) — Passae adeante,
 passae adeante. Também não sei para que era
 preciso, porém, ahi tudo tam explicado no alvará !
 — Vamos á conclusão.

Alcaide (*continuando a ler*) — «E por quanto sou
 «informado que é de justiça e razão direita, me
 «praz fazer-lhe mercê e doação, para todo o sem-
 «pre e sem reserva alguma, de todos os haveres e
 «alfaias, bens moveis e immoveis que na referida
 «villa possuia um dos mais encarniçados inimigos
 «da minha Real pessoa, o qual por este alvará,
 «com força de sentença, como se na mesma casa
 «do Civel da dita villa de Santarem fôra passado,
 «Hei por bem declarar traidor e rebel, e que por
 «nôme não perca, Fernão Vaz...»

Alda — Meu Deus, que perfidia, que aleivosia infame ! — Senhor Alcaide, ouvi-me, ouvi-me, por quem sois. Isso é falso, isso é...

Alcaide (*impassível e continuando a ler*) — «Mais
 «conhecido pelo nome de Alfageme de Santarem.

Frollão (*pondo-se de repente em pé e como soltan-
 do-se-lhe a voz pela grande paixão*) — Mente !

Todos — Oh ! oh ! oh !

Alcaide (*gravemente*) — Padre Froilão, isto é um
 alvará d'el-rei.

Froilão — Rei ! Rei que faz d'esses papeis...

Alda (*com exaltação*) — Não merece ser rei.

Froilão faz signal de appeturar com violencia, quer continuar a fa-
 lar e não pôde. Senta-se.

Mendo (*contente*) — Ora ainda bem que os ouvis,
 senhor Alcaide. E' gente d'este lote.

Alda — Oh Mendo, Mendo ! Vós vós, Mendo ?...
 — Traidor meu marido, Fernão Vaz traidor !

Alcaide (*continuando tranquillamente*) — «Portan-
 »to, mando, etc., etc». As más palavras do estilo.
 Está em boa e devida forma, não lhe falta nada.

Mendo — Em nome d'el-rei nosso senhor (*descobre-se o alcaide*) e em virtude do alvará que tendes na mão, vos requeiro que immediatamente me deis posse do que é meu, de tudo o que foi do traidor.
(Para o povo) Morram os traidores! Não fique nada dos traidores!

(O povo investe com a casa do Alfageme e começam a quebrar portas e janellas com grande furia. Alda e Joazna tomam o berço e se juntam ao pé de Froilão com as outras donzelas do Alfageme, como amparando-os).

Alda — Meu filho! meu tio!

Mendo (*ao povo*) — Não é isso, meus amigos. Tomais tudo ao pé da letra. Quando era d'elle, podia ser; agora é meu.

Um do povo — Destruir tudo! Hade tudo ficar arrazado.

Mendo — Alto lá! (*para o Alcaide*) Senhor Alcaide, acudi pela minha fazenda, restabeleci a ordem.
 — Onde está a auctoridade publica? (*O Alcaide consegue fazer cessar os amotinados.*)

Alda — Oh senhor Alcaide, meu marido, meu marido traidor! E viver eu para ouvir esta palavra... e escripta n'um alvará d'el-rei D. João I!... Não pôde ser.

Alcaide (*mostrando-lhe o pergaminho*) — Lêde.

Alda (*depois de ler*) — E' verdade; cá está «Traidor... revel...» (*lendo*) E' verdade. — «O Alfageme de Santarem!» — E esta é a justiça que temos que esperar do nosso rei natural por quem tanto padecemos! Para isto combatêmos, e sangrámos tanto sangue e chorámos tanta lagrima!

Alcaide — A falar a verdade, vosso marido... nunca se soube bem... Fernão Vaz era um tanto... Não se sabia... — E agora onde está elle? — A sua ausencia confirma...

Mendo — Confirma: está claro.

Aldia — Confirma o quê, Mendo! — Mendo — Que está no exercito de Portugal, que ha oito dias d'aqui se foi para Abrantes, para o Condestavel — Não se sabia, senhor Alcaide! Não. — Meu marido é verdade que duvidou da justiça do Mestre d'Aviz.

Alcaide — Então confessaes?

Mendo — Que remedio se não confessar.

Alda — Que vergonha me fazeis, Mendo Paes! — Con-

fesso, confessó que duvidou enquanto não viu o poder de Castella prestes a destruir-o a elle e ao povo : — então fez como verdadeiro portuguez; tomou o partido do mais fraco, declarou-se pela liberdade do reino.

Alcaide — Mas por onde consta isso, que documento, que prova ?

Alda — Prova ! Digo-vol-o eu.

Alcaide (sorrindo) — Ah, ah ! Não basta ; é preciso outras testemunhas...

SCENA IV

O ALFAGEME, todo coberto de poeira e com a sua
hacha d'armas;
ALDA, FROILÃO, MENDO PAES,
ALCAIDE e AGUAZIS
JOANNA, SERAPHINA e as outras donzelas
Povo

Alfageme — E eu serei bastante ?

Mendo (A'parte) — Estou perdido.

Alda — Fernando !

Froilão (erguendo-se e balbuciando) — Meu...

Alfageme — Alda, Froilão... (Mal os abraça, arredando-os.) Quem me accusa aqui ? Qual é o meu crime ? Onde estão os meus juizes ? E o meu accusador, o meu accusador quem é ? — (Silêncio geral.) Ninguem responde ! Eu sou o reu e todos se calam deante de mim ! (Murmúrios entre o povo) Quem murmura lá ? Quem é o covarde que só se atreve a murmurar baixo, a caluniar pelas costas ? — Levante a voz e olhe bem para mim ; levante a voz e diga : — « Sou eu que accuso o alfageme de Santarem. »

Alda (estendendo-lhe os braços) — Oh meu esposo, meu querido esposo ! não imaginas o que esta gente...

Alfageme — Alda, minha adorada Alda !... — Oh ! e o nosso filho ? (Alda mostra-lhe o berço, elle abaixa-se e beija o filho) Deixa-me primeiro... (Repara em Froilão) Oh meu bom Froilão, dæ-me a vossa benção. (Toma-lhe a benção, depois repara no Al-

caide) Vós aqui, senhor Alcaide ! E de vara na mão ! Vindes em diligencia do vosso officio ?

Alcaide (confuso) — Fui requerido ; é minha obrigação... E muito me custa...

Alfageme — Custa-vos fazer a vossa obrigação ! Como assim, senhor alcaide ?

Alcaide — O senhor Mendo Paes apresenta aqui...

Alfageme — Mendo ! — Senhor Mendo Paes, vós — pois vós é que ?...

Mendo (façendo por mostrar resolução) — Sou eu que vos accuso, é verdade. (*Levantando a voz*) O vosso procedimento duvidoso tem escandalizado todos os leaes habitantes d'esta villa. Desde o principio d'estas alterações fostes aqui o cabeça de motim ; alvorotastes o povo contra os nobres e fidalgos, favorecendo assim a causa de Castella de que vos dizieis contrario, — e não seguistes as partes do Mestre d'Aviz (*levantando a voz*), do nosso legitimo e victorioso rei, o senhor D. João II Privastel-o do auxilio dos honrados homens d'esta villa que, por suggestões vossas, se não reuniram á sua sagrada bandeira. — Accuso-vos d'isto eu e todo o povo de Santarem. (*Para o povo*) Não é assim, meus amigos ?

Povo — É assim, é assim.

Um do povo — Podíamos estar ricos e fidalgos como todos os mestres e homens d'officio de Lisboa e do Porto.

Povo — É verdade, verdade.

Alfageme (que tem estado com os braços cruzados deixando-os dizer, e olhando ora para Mendo, ora para o povo) — E se o Mestre não vencesse ?... Enforcados.

Um do povo — Lá isso também é verdade.

Alfageme — Calae-vos vós outros do povo, e deixae ouvir este fidalgo... o meu nobre accusador !

Mendo — Não tenho mais que dizer.

Alfageme — E não dissesseis já pouco por certo. — Vós, Mendo, meu collaço !... Ia quasi dizendo meu irmão ! Meu senhor D. Mendo Paes, o filho do meu nobre protector, o companheiro da minha infancia... Ah ! — E vós todos, o senhor Alcaide tambem ! — Estaveis-me aqui julgando à revelia pela mera accusação d'este fidalgo ?

Alcaide (*confuso*) — Ausentaste-vos da villa n'uma occasião...

Alfageme — E' verdade; sahi de Santarem na propria hora em que vós, senhor Alcaide, com os vereadores e mesteres, estaveis á porta da Atamarma entregando as chaves da nossa villa a el-rei de Castella.

Alcaide (*confuso*) — Estavamos coactos.

Alfageme — E eu, para o não estar, fui com a minha gente — com todos esses que arredei do serviço do Mestre, senhor Mendo Paes — apresentar-me em Abrantes ao Condestavel do reino. — Não o sabieis vós, Mendo? Não será verdade isto?

Mendo — E'! Mas assim que lá chegastes, logo vos levaram, por espio, para o castello de Abrantes, e...

Alfageme — Ah! sabieis vós isso? (*A' parte*) Já sei quem fez a denuncia falsa para Abrantes. E o empenho que elle tinha em que eu fosse!

Alda — E' verdade, aquillo, Fernando?

Alfageme — E' verdade.

Alda — Prenderam-te a ti por espio... a ti?

Alfageme — Por espio, a mim: não ha dúvida. (*Amargamente*) E não quizeram attender aos meus rogos, insultaram as minhas lagrimas!... De joelhos e com as mãos postas os suppliquei, pedi lhes que me deixassem ir morrer o primeiro na vanguarda das batalhas portuguezas... — Chamaram-me castelhano, schismatico, traidor, rebelde... espio!... — E eu não morri, Alda! e tive força para os ouvir, tive animo para supportar tantas injurias... e para esperar ainda em Deus e na justiça!

Alda — Justiça?... Oh Fernando, justiça não torna a haver n'esta terra.

Alfageme — Quando a houve entre os homens, filha? — Mas Deus ainda está no céo. — E se homens me julgassem...

Mendo — Já estaes julgado, e sem appellação. Aggravae-vos para Deus, se quizerdes; que da sentença que aqui está (*tocando no pergaminho que está na mão do Alcaide*) para outro tribunal não podeis. — Senhor alcaide!

Alcaide — O senhor Mendo Paes tem razão: nem eu nem justiça alguma do reino tem poder para...

Alfageme — Para quê, senhor alcaide?

Alcaide — Para embargar a execução d'este alvará.
Alfageme (arrebatado o papel das mãos do alcaide, lê com grande commoção, ora baixo ora alto, algumas palavras truncadas) — O zélo... os servidores... de Mendo Paes... fidalgo de minha casa... — revel, traidor... o Alfageme... — (Falando) Eu!... Sou eu. — Este alvará é de...
Alcaide (tirando a gorra) — De el-rei nosso senhor.

Alfageme — Do Mestre d'Aviz? De el-rei D. João?... — El-rei... mandou passar este alvará!... É assignou Rei n'este papel intame... que o deshonra!... O Mestre d'Aviz por quem eu, eu... — Mentes, Alfageme, que não foi por elle. — Não foi, é verdade: mas nem por isso me deve elle menos. — El-rei assignar esta vilania... — Eu desagravo assim a honra d'el-rei. (Rasga o alvará e o calça aos pés.)

Aida — Que fizeste, Fernando?

Povo — Oh! Oh!

Mendo — Traição, nova traíção! O alvará d'El-rei!... Traição!

Povo — Traição!

Alcaide — Fernão Vaz; este crime foi publico, e commettido na minha presença, deante de todo este povo. Entre-ae-vos ás justiças d'El-rei.

Mendo (á parte) — Estou salvo.

Alcaide — Entregae as vossas armas.

Alfageme — As minhas armas! — Esta que ainda está tinta no sangue de... A vós, a nenhum dos que aqui estão! — Não sois vós que lhes poreis as sujas mãos. — Esta arma (quebra nas mãos a hacha e a atira com grande arremessão para longe) ficará de trophéo no fundo do Tejo sobre a sepultura da nossa Santa protectora. Calumniada como ella, martyr, pura e immaculada como ella, também não haverá cahir em mãos de infieis.

Alcaide (para os aguasis) — Prendei esse homem.

(Os aguasis não se atrevem)

Alfageme — Fazei o que vos mandam. Não me vedes desarmado? Nem assim vos atreveis!

Alcaide — Levae-o ao Castello, para Marvella; que o mettam na torre de menagem.

Alfageme — A mim me levarão elles? — Nobre e

justiceiro Alcaide, o Alfageme de Santarem não se leva assim. Vae elle quando quer e porque... quer.

Alda — Oh Fernando, Fernando ! — E eu, eu é que sou a culpada, a causadora de tudo isto ! Se te eu não resolvesse a ir... Antes tu não fôras.

Alfageme — Tal não digas, Alda ; tu foste o anjo da minha guarda : ainda bem que segui a tua inspiração, que fui, que adquiri o direito de os desprezar, de lhes chamar ingratos, de...

Alda — Pois tu foste, alcançaste por fim ?... Não ficaste no castello de Abrantes ?... o Condestavel ?...

Alfageme — O Condestavel...

Mendo (ao povo) — E este homem hade estar aqui a zombar de nós todos, do povo ?

Um do povo — Prendam o traidor. Viva o nosso rei D. João.

Povo — Viva !

Alfageme — Qual d'elles é hoje, meus bons amigos — o de Portugal ou o de Castella ?

Mendo — Insultou o povo.

Um do povo — Insultou o povo, o traidor ! Morra. (Querem apedrejar-o : Alda abraça-se com o marido)

Povo — Morra !

SCENA V

*Os mesmos ; NUN'ALVARES e CAVALHEIROS
entrando*

Alcaide — O Condestavel !

Povo — Viva o Condestavel, viva !

Alda — Nuno !

Mendo (á parte) — Estou perdido !

Nun'Alvares — Alda, Fernando ! (com os braços abertos) Falta-me aqui... ah !... vos, Froilão. (Observando a expressão dos circunstantes) Que é isto ? Voltaes-me o rosto ! Ninguem me fala, ninguem me vem abraçar !... Alda, minha irmã... e tu, meu velho Froilão, tu tambem ! — Triumphos, aclamações por toda a parte, e só aqui esta frieza, este...

Mendo — Senhor Condéstavel, senhor conde d'Ourem

dignae-vos aceitar os sinceros emboras, os parabens do coração.

Nun'Alvares — Ah, Ah ! Vós aqui, Mendo ! E só vos me recebeis com...

Mendo (com entusiasmo) — Bem sabeis que...

Nun'Alvares — Oh sei, sei... — Parece-me que começo a perceber isto. — Fernando, vós esaias?

Alfageme — Preso.

Nun'Alvares — Preso ! Vós ! Quem vos prendeu ?

Atenide — Fui eu, senhor...

Nun'Alvares — Um samarra preta, um alcaide, um homem de vara atrever-se a um dos meus ! Como foi isto, dizei-me. — Porque o prenderam, por...

Froilão (fazendo um grande esforço) — Por traidor...

Alda — Meu tio, socegaae, por quem sois, lembrai-vos do estado em que estaaes.

Froilão — Deixa-me, já estou bom, já estou bom.

Soltou-me o despeito a fala. . . o despeito, a vergonha... (Andando desembaraçadamente para Nun'Alvares, e pegando-lhe na mão com força) — Ouvis bem, Nuno Alvares Pereira? — Por traidor o Alfageme de Santarem, o marido de tua irmã ! . . . E

por ordem d'esse rei, que vós fizestes rei para nos libertar, para nos catar nossos fóros, para nos guardar justiça ! — Ouves isto, Nuno Alvares Pereira ! — Ouvis senhor Condestável do reino, senhor conde d'Ourem ? . . . Quantos mais titulos e honras e senhorios e mercês e grandezas tendes, para vos eu chamar por elles todos, e vos dizer... para te envergonhar com elles todos, Nuno, e te dizer : «E's tudo isso, Nuno, D. Nuno ; olha agora o Alfageme, o homem do povo, e vê o que lhe fizeste.»

Nun'Alvares — O que eu fiz ?

Froilão — Tu ou os teus, tu ou o teu rei : que importa ?

Nun'Alvares — Froilão, meu velho Froilão, tu abusas do direito que te dá...

Froilão — O quê, senhor Condestável ? Este habitto, esta cruz (apontando para a cruz da Ordem que traz no peito), esta edade ? — Não vos prendaes com isso, valentes cavalleiros de D. João I. O que é isso para os vencedores, para os libertadores da patria. — Eu não fui a Aljubarrota ; não tinha pés que lá me levasssem, nem mãos que podesssem com uma

partazana... heide ser traidor como este. (*Apon-tando para o Alfageme.*)

Nun'Alvares — Este Fernando?

Froilão — O marido de tua irmã, o homem que...

Nun'Alvares — O alfageme que me temperou esta espada, que lhe deu este fio que nunca embateu.

Froilão — E lembræc-vos d'isso, senhor! E nem sequer é esquecimento!

Nun'Alvares — Esquecer-me eu! — de uma divida que ainda não paguei! — (*Indo para o Alfageme com os braços abertos*) Fernando, meu Fernando... meu irmão... nos meus braços.

Alcaide — Um traidor!

Povo — Um traidor!

Nun'Alvares (*levantando a voz*) — Traidor! O Alfageme de Santarem! — Quem se manchou com essa vil calunia?

Froilão — O teu rei.

Nun'Alvares — Mentes.

Froilão (*sentido*) — A mim, D. Nuno, a mim essa palavra!

Nun'Alvares (*com deferencia*) — Perdõa-me, meu velho amigo... Oh, perdõa-me; bem sabes como te estimo, como respeito essas cans tam honradas. — Mas dizes taes coisas... — Foste enganado. — El-rei, el-rei D. João!... — Mas tu não sabes, Froilão, que este homem, (*pegando na mão do Alfageme*) teu marido, Alda... o marido da tua escolha — este homem foi o nosso triumpho, a nossa gloria? Estava preso, sem eu o saber, no castello d'Abrantes, por falsas informações que d'aqui mandaram traidores: (*olha significativamente para Mendo Paes*) mas conseguia evadir-se da prisão...

Alda — Oh meu Fernando! (*Abraça-o*.)

Nun'Alvares — E chegando à Aljubarrota, quando o exercito castelhano já tinha rompido o centro da nossa linha, elle com os seus homens, com esta gente d'aqui das suas officinas, de repente cahiram sobre o inimigo e o aterraram, e o fizeram retroceder.

Froilão (*rindo e chorando*) — Fernão Vaz, Fernão Vaz, deixa-me te abraçar, quero-te abraçar, quero chorar, quero rir, quero morrer de contente. — Deixa-os agora; que te prendam, que te confisquem,

que te infamem se quizerem... — Despreza-os, meu alfageme, que é o que elles merecem.

Nun'Alvares — Mereciam, se não confessassem o que lhes devem. Mas...

Froilão — Mereciam? — Bem, muito bem. — Ora...
(Começa a juntar os bocados rasgados do alvará que estão pelo chão) Ajuda-me, Joanna, Seraphina; ajudae-me a apanhar... (Ajudami-n'o ellas, e Froilão vai dando os bocados a Nun'Alvares) Ide lendo, ide lendo.

Nun'Alvares (lendo-os, como lhos dão) — «Traidor, schismatico, revel...»

Froilão (affirmando-se em um dos pedaços que não pôde ler e dando-o a Alda) — Toma, toma, lê aqui, Alda.

Alda (lendo) — «Todos os seus bens e haveres...»

Froilão (repetindo) — Todos os seus bens e haveres. (Tira o pedaço de pergaminho das mãos de Alda e o dá a Nun'Alvares) Lêde vós. — Pagam assim os reis?

Alfageme — Sempre.

Nun'Alvares — Fernando!

Alfageme — Sempre.

Nun'Alvares — Aqui ha mysterio que eu não entendo. — Esperae, deixaz-me vêr.

Froilão — Não tem que vêr, é como os principes pagam as suas dívidas.

Nun'Alvares — Nem todos.

Froilão — Nem a todos: quereis dizer; aos senhores, aos fidalgos é n'outra moeda; bem sabemos; mas aos crédores que são do povo...

Alfageme — Não lhes devem nada a esses.

Nun'Alvares — Não digaes isso, homem, porque a vós...

Alfageme — A mim não me devem nada.

Nun'Alvares — A vós, a quem el-rei deve!

Alfageme — Nada.

Nun'Alvares — Por quem fizestes!...

Alfageme — Por elle, nada. O que fiz — se alguma coisa é... quatro golpes de cimitarra, puchados d'alma, n'esses estrangeiros que vinham devassar a minha terra... Se eu nasci aqui!

Nun'Alvares — Homem, dá-me um abraço e vai descansar. Depois averiguaremos o que isto é; e fíca certo que havereis satisfação e reparo. — Alda,

este homem foi quem tomou o estandarte real de Castella, e escondeu-se da acção como de uma vergonha, — e foi pôr o estandarte onde o achou Antão Vasques que o trouxe a el-rei...

Freilão (*sorrindo com desprezo*) — Dizendo que fôra elle que o tomara?

Nun'Alvares — Não, homem desrido, não disse tal; disse que não sabia e disse a verdade. Sabia-o eu, mas não o pude dizer a el-rei, porque Fernando exigiu de mim...

Alfageme (*atalhando-o com vehemencia*) — E exijo.

Nun'Alvares — Basta.

Alcaide — Senhor Condestavel, permitti que vos diga.

Nun'Alvares (*seccamente*) — Dizei.

Alcaide (*tossindo e com importancia*) — As formalidades da justiça são a mais segura fiança das liberdades...

Nun'Alvares (*interrompendo-o seccamente*) — Basta senhor Alcaide; sabemos essas coisas. Vamos ao que eu não sei. — Por que auctoridade prendestes a Fernão Vaz?

Alcaide — Primeiramente apresentaram-me um alvará d'el rei nosso senhor, em que o declarava traidor e rebel e mandava confiscar seus bens; eu ia dar-lhe devida execução, quando...

Nun'Alvares — Onde está esse alvará? Vejamos.

Alcaide — Onde está meu senhor? — Ahi é que vae o crime maior, o crime de lesa-magestade de primeira cabeça — Acreditareis, senhor, que teve a ousadia?...

Nun'Alvares — Quem?

Alcaide — O alfageme.

Nun'Alvares — De quê?

Alcaide — De m'o rasgar na cara.

Nun'Alvares — Vós, Fernando!

Alfageme (*com serenidade*) — Eu. — Estamos quites. — Serviço e desserviço de parte a parte — offensa contra offensa. — Agora já lhe não fica mal: pôde-me mandar enforcar cada vez que quiser.

Nun'Alvares — Vós... rasgastes esse papel?

Alfageme — Eu. — Como quereis que vol-o diga?

(Silencio longo e geral)

Nun'Alvares (depois de meditar, alçando a voz) — Fez muito bem o alfageme.

Todos (com grande espanto) — Muito bem !

Mendo — Um alvará d'el-rei !

Nun'Alvares (firme) — Era falso !

Alfageme — Falso !

Alda (baixo a Nun'Alvares) — Tu és o que mentes, Nuno.

Nun'Alvares (baixo a Alda) — Minto : mas que ninguém o saiba senão tu. (A'parte) Ah principes, principes ? — Nunca te fiz tamanho sacrifício, rei D. João : pela primeira vez na sua vida mentiu Nuno Alvares Pereira para te não deshonrar ! — (Alto) Era falso : eu conheço a rubrica d'el-rei. — (Para Mendo significativamente) Mendo Paes, vos... vos... O alvará é falso, Mendo : disse-o eu e basta. (Mendo vai a falar) Nem mais uma palavra. — Levae-o já preso para a Alcaçova. — (Mais baixo a Mendo) Já vedes que sei tudo : ámanhã verei se vos posso castigar sem infamia. (Vae preso Mendo Paes) — (Para o povo) O alvará era falso : tam falso que eu trago plenos poderes d'el-rei meu senhor para declarar solemnemente a Fernão Vaz de Santarem benemerito da patria, e digno de toda a sua real contemplação. — E como a tal, eu, em seu nome (tira a espada) com esta espada... E aquella Fernando — é a que está por pagar, Froilão — é a de meu pae, Alda ! — com esta espada... Ajoelhae, Fernão Vaz, escudeiro.

Alfageme — Ajoelhar para quê ?

Nun'Alvares — Para te armar cavalleiro, D. Fernando.

Um do povo (murmurando para os outros) — E' o que elle queria. Não verão o senhor D. Fernando ! São todos o mesmo não ha que vêr.

Alfageme (sem affectação) — Cavalleiro eu, señor !... um alfageme !

Nun'Alvares — O Alfageme de Santarem. — Quantas casas nobilíssimas começaram por mais baixo ?

Alfageme — Muitas — E muitas mais ainda são as que mais baixo vieram cahir. — Senhor D. Nuno, vós sois um honrado e digno fidalgo, não descereis do que nascestes ; não vós. — Eu sou filho d'alfageme... d'um alfageme honrado... e também não subirei, porque não quero descer.

Um do povo — O homem é capaz. Nunca cuidei.
Este sim, isto é que é homem.

Outro do povo — Viva o Alfageme !

Povo — Viva !

Nun'Alvares (*commovido*) — Meu irmão !

Alfageme (*enternecido e correndo a abraçal-o*) — Irmão ! Oh senhor ! Esse título sim : esta-vos bem dar-m'o, e não me peja a mim aceitá-lo. — Quanto ao mais fiquemos como estamos que estamos bem, senhor.

Nun'Alvares — Recusar o que tantos ambicionam ! — Ahi anda também muito orgulho, meu alfageme.

Alfageme — Ha algum ! confesso. — Não vêdes que eu assim sou o primeiro dos meus... e que ficava o derradeiro dos vossos ?

Nun'Alvares — Ah populares, populares !

Alfageme — Temos as nossas vaidades. E vós ! Não tendes as vossas ? — Desculpemo'-nos, respeitemo'-nos uns aos outros e poderemos viver em paz.

Vozes (*fóra*) — Viva El-rei D. João I ! Viva o Alfageme !

(*Ouve-se dentro marcha guerreira*)

Nun'Alvares — E' a tua gente que entra.

Alfageme — Os meus companheiros, os meus bravos companheiros ! — Alda, vamos abraçal-os.

SCENA ULTIMA

Os mesmos e CORO DE SERRALHEIROS DO ALFAGEME

Os cavaleiros de Nun'Alvares formam e vão ao encontro dos serralheiros que entram em forma militar, com seus aventais de couro e machados às costas. Por uma evolução rápida, cada um dos corpos fica a seu lado da cena. Tudo isto deve ser feito em um momento.

CORO FINAL

(*Marcha guerreira*)

Ca valleiros —

Erguei essas Quinas, o pendão da gloria
Que ahi vem a victoria !

Já foge o inimigo, de raiva já freme,
Que ahi vem o Alfageme !
Cavalleiro, ávante,
Co'a espada — cansada !
A'vante, segura a espada, o montante !
Firmeza na sella, no estribo que gême,
Que ahi vem o Alfageme !

Serralheiros —

Foi o Alfageme ; foi e não tremia,
Que a morrer só ia.
Mas ao cavalleiro de nobre pujança
Renasce a esperança.
Nobre cavalleiro.
A'vante — o montante !
A'vante co'a a espada, meu nobre guerreiro :
Já morrer não quero ; que vejo a esperança
Brilhar n'essa lança.

Todos —

Alcemos as Quinas, o pendão da gloria;
Que é nossa victoria.
Já foge o inimigo, de raiva já freme.

Serralheiros —

Viva o cavalleiro !

Cavalleiros —

Viva o Alfageme !

FIM DO ALFAGEME DE SAMTAREM

TIO SIMPLICIO

Se a nacionalidade de uma peça dramatica está principalmente no estylo, nos caracteres, nos costumes, é perfeitamente original portugueza a pequena comedia que aqui damos, e que o auctor compoz sobre um enredo imitado do teatro francez moderno.

Como são latinos, e como são de Plauto e de Terencio os dramas que com nome d'elles nos chegaram, assim nos pertence este; ou talvez mais, por que n'aquelle não é só a fábula, os mesmos costumes são gregos; e aqui tudo é portuguez menos a urdida.

O *Tio Simplicio* foi composto para abertura do elegante theatro da Sociedade denominada de *Thalia*, onde concorrem como actores e espectadores as primeiras pessoas e as principaes familias do reino. O auctor é vice-presidente d'aquelle esplendida sociedade, e como tal a quiz brindar com uma composição nova. Representou-se com naturalidade e primor, obteve geral aplauso, e repetidas vezes alli tem ido á scena. E' tempo que desça dos círculos exclusivos da nobreza para a exposição popular, e que o reportorio do nosso theatro nacional adquira, como tanto precisa, mais uma composição do auctor de *Gil Vicente*.

TIO SIMPLICIO

COMEDIA

*Representada, a primeira vez em Lisboa, no theatro
Thalia pela sociedade particular do mesmo nome,
em onze de Abril de*

MDCCLIV

PESSOAS

MANUEL SIMPLICIO
LUIZ DE MELLO
DONA CANDIDA
DONA LUCIA
DONA THEREZA
DOUTOR SIMOES
VICENTE

Logar da scena — uma quinta na provincia

ACTO UNICO

Sala ornada com elegancia. Portas no fundo, e portas lateraes. Uma caixa de costura sobre uma mesa á direita, á esquerda outra banca com escrevaminha.

SCENA I

DOUTOR SIMÓES, VICENTE; depois D. THEREZA

Vicente — Faz favor de entrar, senhor doutor ; eu vou chamar o senhor Manuel Simplicio.

Simões — Porquê, ainda está na cama ?

Vicente — Não, senhor, ha mais de duas horas que anda por esse palacio com os armadores e os pintores, toda essa gente que elle mandou vir da cidade.

Simões (á parte) — O palacio ! Chama-se agora o palacio ! Fidalguias da senhora D. Thereza. (alto) Deixa-o estar, não o incommodes. Aqui vem a senhora D. Thereza. (Vicente sae).

D. Thereza — Oh ! é o senhor Simões...

Simões — As minhas homenagens respeitosas e humildes á madame la belle mère.

D. Thereza — Deu em se fazer desejar o senhor doutor : ha um seculo que o não vejo.

Simões — Não se queixe, minha senhora, é bom sinal ! Quando o medico falta, é que não falta a saude. Que noticias temos das Caldas ? Desde que foi a senhora D. Cândida, não tenho que fazer n'esta casa, senão vir de vez em quando perguntar se volta... se já voltou...

D. Thereza — Ainda não: ámanhã partimos nós, eu e seu marido, para a irmos buscar.

Simões — Hade estar impaciente o nosso Manuel Simplicio, morto de saudades pela sua rica noiva.

D. Thereza—Oh! essa justiça lhe faço eu; estremece-a, adora-a, é louco por ella.

Simões—Cada vez me glorio mais de ter feito este casamento.

D. Thereza—É verdade, acertou. E é o seu forte: por isso dizem que os doentes do doutor Simões são mais os que casam do que os que saram.

Simões—Assim é, convenho. A minha medicina é toda philosophica e moral, é a verdadeira homeopathia transcendente; curo os contrarios com os contrarios. São os meus principios. Manuel Simplicio era meu amigo e meu doente; sujeitei-o à minha clinica, fil-o casar. Pobre Simplicio! não tinha a menor ideia de fazer tal.

D. Thereza—Pois deve-lhe estar muito obrigado, elle...

Simões—Tambem me parece que pela sua parte a senhora D. Thereza não tem de que se queixar. Manuel Simplicio tinha-se deixado estar solteiro um par de annos .. um bom par de annos, a falar a verdade... voltou do Brasil milionario e sexagenario ou muito perto d'isso: — eram habitos velhos. Olhae que com todo o amor que lhe inspirou a senhora D. Cândida, resistiu muito tempo .. Tinha aquella idea fixa de não querer desherdar um certo sobrinho que Deus lhe deu, e que é o unico parente que tem. Desde lá do Cantagal, ou do Ouro Preto, ou do Jacaré Açu, ou não sei de que bertas terras de Minas Geraes, d'onde esteve cavando essa riqueza toda que trouxe, vinha com o projecto feito de comprar esta quinta, e de fundar aqui no caro sobrinho uma dynastia de fidalgos d'aldeia que perpetuasse a memoria dos Simplicios por essas gerações adeante.

D. Thereza—Bem sei. .. um tal sobrinho a quem elle quer muito... Felizmente que não é senão sobrinho... que estes solteirões velhos às vezes...

Simões—Esteja descansada; o meu amigo Manuel Simplicio tem um caracter fraco, a dizer a verdade, mas lá n'isso...

D. Thereza—Sim, é o que se chama um bom homem.

Simões—Bonissimo. E d'allí não ha que desconfiar.

D. Thereza—Não, não, e o peior é que ha dezoito meses que estão casados e... e nada! Bem vê que

tenho razão de receiar, doutor: se meu genro viesse a falecer sem filhos...

Simões—Hade têl-os, hade têl-os... Um marido de sessenta annos! isso é infalivel.

D. Thereza—Bem o desejo; mas Candida ha dois mezes que está nas Caldas, e parece-me longa de mais esta ausencia. Eu não estava aqui quando ella foi, estava em Lisboa por causa d'aqueila maldita demanda que me demorou até agora: não cheguei senão ha tres dias; quando não, tinha-me opposto a esta viagem, ou pelo menos havia de acompanhar eu minha filha.

Simões—Bom seria; mas a senhora D. Candida está muito bem acompanhada. Em primeiro logar levou consigo a prima Lucia...

D. Thereza—Lucia! Está bom... E' quasi da eda-
da d'ella.

Simões—E ambas as primas foram na companhia aquí da senhora D. Joanna Pacheco, e de seu ma-
rido o nosso governador civil, pessoas de todo o
respeito... E' outro casamento que eu fiz tambem.

D. Thereza—Mas para que havia de ella sahir de casa, ir agora para as Caldas? Estava doente?

Simões—Pois enfim já que é preciso dizer-lh'o, es-
tava... estava doente... aborrecia-se, tinha hys-
tericos, tinha nervos, tinha vapores... Eu já não
sabia o que lhe havia de receitar, mandei-a para as
Caldas.

D. Thereza—O que me admira é o marido deixal-a
ir assim... Mas calemo-nos que elle ahi vem.

SCENA II

MANUEL SIMPLICIO e DITOS

Simplicio (*entra recuando, da esquerda, e falando para o bastidor*) — Olhem lá aquella commoda que não está direita... deixem descahir mais o espe-
lho... as cortinas mais tomadas... Sacode a franja... Agora sim, ah! bom! assim. (*Virando para a scena*) Como passou a noite, senhora D. Thereza? Bella mamã... Não é assim que se deve dizer, doutor?

Simões—Parfeit! á moda de Paris. Está outro, está

guapo, amavel como um estrangeiro o nosso Simplicio. E a saude excellente sempre ?

Simplicio—Quanto á saude... Espere, dê-me licença. (*Torna a virar-se para a porta da esquerda*) O toucador á esquerda... a jarra do Japão no canto, ali ao pé da janella.

Simões—Então que é isso? mobilâmos de novo estes quartos para aqui?

Simplicio—E' o quarto particular de minha mulher... o boudoir, bella mamã : não é assim que se chama?

D. Thereza—Sim, é.

Simões—Agora que tudo vem de França, modas, palavras, ideias...

Simplicio—Algumas... das palavras são mais bonitas sem duvida. Por exemplo, bella mamã, para não dizer sogra, que é uma palavra tam feia.

Simões (á parte)—Como a coisa : e já é dizer.

Simplicio—Mas outras, a falar verdade... esta de boudoir, nem eu sei bem o que isto quer dizer, mas não me agrada.

D. Thereza—E' uma expressão bonita, e para pessoas de bem, senhor Simplicio ; não ha senhora nenhuma na corte que não tenha o seu boudoir.

Simplicio—Ah! se as fidalgas da corte tem o seu boudoir, isso é outro caso, tambem minha mulher hade ter o seu ; e por isso é que eu... (*Tornando-se a virar para a porta*) O sophá e o vis a vis á direita... defronte do espelho ; o apparelho de Saxonia em cima da mesa. Vão devagar e aviem-se.

D. Thereza—Em se tratando da mulher anda aquela cabeça.

Simplicio (voltando para a scena)—Agora aqui me tem, meu doutor.

Simões—Então já sei que vae buscar a sua bella metade.

Simplicio—Vou, meu amigo, e já era tempo ; pensa-me esta viuvez. Minha mulher é tam alegre, tam divertida, tam viva ; nem eu sei como tenho podido viver estes dois mezes tam compridos, sem a vêr.

Simões—Mas porque não foi com ella?

Simplicio—Isso queria eu, mas ella é que não quiz pela muita amizade que me tem: entendeu que me fazia mal as Caldas. Coitada! é tam minha amigal...

Simões—E' um anjo.

Simplicio—E além d'isso aproveitei esta ocasião para reedificar este lado esquerdo da casa... do meu palacio... era um gosto que ella fazia, achava-o triste, gothico, e eu, obras é a minha paixão.

Simões—Tambem d'ahi não se segue mal nenhum... uma pequena ausencia aviva mais a ternura conjugal.

Simplicio—A minha não precisava d'isso, doutor. Mas, enfim, ja lá vai: agora em ella voltando fica a minha felicidade quasi completa; digo quasi, porque verdade seja... completa, completa não é... quando penso n'aquelle pobre rapaz meu sobrinho...

D. Thereza—Sempre com este sobrinho!

Simplicio—Sequer, se elle soubesse do meu casamento...

Simões—Pois quê, não lhe deu parte?

Simplicio—Não, ainda não; elle está lá para Lisboa, tam longe... e este casamento, como sabem, fez-se com tanto segredo e tam depressa...

D. Thereza—Com effeito, meu genro, a sua fraqueza faz afflictão, e uma coisa que nunca se viu, um tio que tem medo que o sobrinho lhe ralhe.

Simplicio—E' que a falar a verdade, elle tinha razão se ralhasse, se me dissesse o que eu me digo a mim mesmo. A minha posição é mais delicada do que cuidam. Luiz é filho de minha irmã, irmã querida e unica, excellente creature, mas que não tinha nada de seu: foi casar ccm um cavalheiro muito illustre, muito fidalgo, creio eu, mas que nunca passou de tenente do regimento de... e morreu deixando-lhe... este filho. Achei-a viúva quando voltei do Brazil, e quasi morta... Com toda a minha riqueza mal pude adoçar-lhe os ultimos instantes da vida. Parece-me que a estou vendendo ainda, moribunda, apertando-me a mão, e recommendando-me o filho; jurei-lhe que o tomava por meu, que lhe havia de servir de pae, e emfim deixar-lhe toda a minha fazenda. Renovei o juramento trinta vezes em cartas, em conversas com Luiz quando elle aqui veio estar commigo ha dois annos; e decerto que tinha firme intenção de o não quebrar. Não sei como foi que se metteu o diabo n'isto...

D. Thereza—Senhor Simplicio!

Simplicio — Não foi o diabo, não, minha senhora, perdõe-me por quem é... Mas como hei de eu dizer a meu sobrinho que o enganei, que lhe faltei á palavra, que sou um máo tio, que cahi em... que... enfim que estou casado?

D. Thereza—Por fim de contas é preciso acabar por lh'o dizer.

Simplicio—Sim, d'aqui a algum tempo, veremos... Mesmo agora seria difficultoso porque não sei o que é feito d'elle.

D. Thereza—De seu sobrinho?

Simplicio—Já me dá cuidado. Ha coisa de um mez, ou mez e meio, que recebi uma carta d'elle, avisando-me que saia de Lisboa, e que vinha passar algum tempo commigo. Imaginem o meu susto, andei quinze dias com febre... mas não veiu, e de então para cá não soube mais d'elle.

D. Thereza—Excellentre occasião de lhe escrever, deixando cahir duas palavras sobre o casamento.

Simplicio—Acha?... Hâde affligil-o muito; coitado!

D. Thereza — Olhem a grande desgraça! E' muito amor de mais para um sobrinho, senhor Simplicio, é uma ternura desarrazoada e fóra de todo o termo, que não diz com o seu novo estado. Dá-lhe tudo quanto elle quer... deixa-lhe fazer despezas exorbitantes..

Simplicio — Pudéra! se lhe eu não mandasse dinheiro, vinha-o elle cá buscar.

D. Thereza—Pois sim, mas é preciso acabar com isto... uma carta pelo correio e adeus! não se pensa mais n'isso e fica feito.

Simões — Siga o parecer da senhora D. Thereza; não se pôde viver n'esse desassocego, é preciso tranquilisar-se.

Simplicio—Então querem por força.

D. Thereza—E se se demora, escrevo-lhe eu.

Simplicio—Não se altere bella mamã, já o vou fazer.

D. Thereza—Pois é já, aqui.

Simplicio—N'este momento.

D. Thereza—Ora graças a Deus!... E no entretanto vou eu á cidade a casa do governador civil; elle vai amanhã commosco buscar a mulher; combinaremos a hora da partida.

SIMÓES — Quer que lhe offereça o meu braço, minha senhora?

D. THEREZA — Com muito gosto. Senhor Simplicio, olhe agora se se esquece.

SIMPÍCIO — Bem sabe que quando eu prometto uma coisa...

SCENA III

SIMPLICIO, só

Ora vamos a isto... já que não ha remedio. (*Põe-se á mesa e prepara-se para escrever*) Maldita carta! Se eu sei por onde heide principiar... O Luiz é muito bom rapaz... mas fica furioso... E então um tio... uma pessoa de respeito... ter de se accusar deante de seu sobrinho... ter de lhe confessar!... quasi que é pedir-lhe perdão... Tem que se lhe diga, é de exame... Mas quem manda é minha sogra; vamos. (*Escreve*) «Meu sobrinho... meu rico Luiz...»

SCENA IV

SIMPLICIO, VICENTE, e depois LUIZ

Vicente (*no fundo*) — Senhor?...

Simplicio — Vêm-me interromper... Inda bem! — Que queres tu, Vicente?

Vicente — Senhor, um senhor, um rapaz novo que lhe quer falar.

Simplicio (*levantando-se*) — Um rapaz novo!... Quem é? Conhecel-o?

Simplicio — Não senhor; não quiz dizer quem era, diz que lhe queria aparecer de repente para lhe dar um alegrão.

Simplicio — Ai, meu Deus! Que suóres frios!...

Vicente — Mando entrar?

Simplicio — Pois sim... certamente... (*Vicente sai*)

Oh! que tolice estar-me eu a assustar! Não pôde ser. (*Vae vér ao fundo*) Jesus! é elle, e o Lutz... Tremem-me as pernas, não me posso ter...

Luz (*olhando muito para o tio sem o conhecer*) — Oh senhor, perdão! o seu criado enganou-se, eu pro-curo o senhor Manuel Simplicio.

Simplicio (abrindo os braços) — Luiz, meusobrinho!
Luiz — Meu tio! (Abraçam-se).

Simplicio — Então já me não conhecia?

Luiz — Minha palavra de honra que não. E se o tio se não visse a si desde o tempo que eu o não vejo, ha dois annos, aposto o que quizer que não era capaz de se reconhecer a si mesmo. Jesus! como está mudado!

Simplicio (assustado) — Achas?

Luiz — Mas dou-lhe os parabens, tio, está outro, não tem comparação: anda direito, está fresco e bello... e então tafulo!... não tem que ver, é uma transformação completa.

Simplicio — Ah! isso é outra coisa.

Luiz — E tanto que, se vamos n'este andar, em poucos annos está mais moço que eu.

Simplicio — Sim eu agora ando bom... E tu, meu Luiz, como vamos de saude? E a respeito de?... vamos: diverte-se a gente?

Luiz — Assim, assim, meu tio... Mas aqui está o que é ser homem solteiro! O tio vive sem pezares, sem cuidados...

Simplicio (à parte) — Está bom... não desconfia de nada... estou mais socegado (Alto) Tu hasde estar moido da viagem, homem?

Luiz — Não; tio. — Ora o que me fez mais barulho logo assim á primeira, foi o seu modo de vestir: eu que o tinha visto sempre de calça justa por baixo da bota, e com aquella sua casaca, vil-o agora achar de penteado moyen-age, frac á ingléza!...

Simplicio — Sabes tu que já me davas cuidado?

Luiz — Oh! meu querido tio, mas é que realmente está um petimetre... Ai, Deus me perdõe! pois foi-se também? coitado!

Simplicio — Quem?

Luiz — Aquelle rabichinho tam galante, tam travesso, que o tio trazia, e que realmente era...

Simplicio — Era um incommodo, pegava-se á gola da casaca...

Luiz — Que metamorphose! Pois eu por mim gostava mais do outro tio d'antes... Este, a falar a verde, parece-me um tio virado.

Simplicio — Então! não me acabas de analysar dos pés á cabeça.

Luiz — Porquê? Deixe-me gosar da minha admiração Até a quinta e esta casa toda está que ninguem a conhece. Era tam triste! e agora teu um or de opulencia, de animação. Não parece senão que andou por aqui alguma fada boa.

Simplicio (á parte) — Está insupportavel com as suas reflexões. (Alto) Então que queres? Aborreci-me da vida de ermitão que levava comecei a viver com gente... por aqui os vizinhos... pessoas muito de bem... bem vés... para os receber em casa era preciso...

Luiz — Fez muito bem tio... isso é que eu acho de juizo. Quantas vezes lh'o tenho dito!... que não sabe gosar da sua fortuna... gaste... divirta-se... não se apoquente por amor de mim... Contanto que me deixe o que lhe sobrar, ainda me hade ficar bastante.

Simplicio (á parte) — Pobre rapaz!... Está-me enterrando punhaes no coração...

Luiz — Não é que eu despreze a riqueza... por certo não; e muito sinceramente lhe digo se me não dá de ser rico. Mas graças a meu tio, nunca me faltou nada. E particularmente ha um anno a esta parte, ou dezoito mezes... tem servido os cartuxos de peças, as notas do banco... de modo que para as poder gastar foi-me preciso emprehender esta pequena viagem.

Simplicio (á parte) — E eu que cuidei que assim é que o impedia de vir!

Luiz — Faz favor de me dar uma pitada, tio!

Simplicio — Uma pitada!... pois tomas tabaco?

Luiz — A's vezes, da caixa dos outros.

Simplicio — E' um mau vicio... Eu deixei-me d'elle.

Luiz — Mais outra mudança... E' extraordinario!

Simplicio — Tu has de precisar de tomar alguma coisa. Deixa-me chamar Vicente. (Toca a campainha).

Luiz — Vicente?... E' um dos creados novos? A' entrada dei com uma quantidade de lacaios, todos moços tafulos... de librés novas... A proposito que caminho levou a Gertrudes... a sua ama velha que era tam sua amiga?

Simplicio — Coitada! estava bem velha.

Luiz — Pouco mais ou menos da sua edade.

Simplicio — Aposentei-a... estabeleci-lhe uma pen-

são... mas não se fala n'isso... que foi ás escondidas.

Luiz—Como, ás escondidas? Pois meu tio não é senhor do que é seu? Quem é que tem direito de?

Simplicio—Não, certamente... ninguém tem direito de... mas é que, bem vês... ha sempre más linguas... podiam entrar a suppôr... E este diabo d'este Vicente sem vir! (*Toca com violencia a campainha, depois duas ao mesmo tempo.*)

Luiz—Devagar, meu tio, não se impaciente... dá-me tanto gosto estar aqui a conversar...

Vicente (entrando)—O senhor quer alguma coisa?

Simplicio—Em te chamando estás sempre uma hora primeiro que venhas... Vae preparar de almoçar o mais depressa possível.

Vicente—Vou já, senhor. (Sai.)

Luiz (á parte)—O que é que elle tem este meu tio?

Simplicio—No entretanto, meu amigo, conversemos um pouco a teu respeito... dos teus negócios... que a minha amizade não é como o mais, essa é sempre a mesma.—Agora quando tu chegaste, te estava eu a escrever.

Luiz—Devérás?

Simplicio—É verdade. Para saber novas tuas... davas-me cuidado... Escreveste-me ha dois mezes que sahias de Lisboa...

Luiz—E com efeito parti... mas demorei me no caminho... fiz uma voltasita para chegar aqui... E sucedeu-me uma aventura interessantíssima... Heide-lh'a contar.

Simplicio—Ah maganam! madama no caso?

Luiz—Nada, nada. D'esta vez é uma menina... uma menina solteira... um anjo!

Simplicio—Melhor, melhor, porque emfim tu não tens nada que te impeça... de... casar.

Luiz—Casar!... não tenho pressa... na minha idade... quando a gente se diverte... que é feliz...

Simplicio—Ah... maroto... com quê casar... para você, é como o tomar o tabaco? Não quer senão da caixa do outros...

Luiz—Se visse como ella é bonita? Disse-me que ia para Lisboa... Eu não quiz passar tão perto d'aqui sem lhe vir dar um abraço, tio; mas a falar a verdade... se não fosse...

Simplicio—Dize, explica-te.

Luiz—Teaho medo de o desgostar.

Simplício—Não importa... anda, dize.

Luiz—Pois a verdade é... que estou morrendo por ir aí traz d'ella... e queria-lhe pedir licença para me logo pôr a caminho.

Simplício—Faze o que quizeres filho... eu antes queria ter-te aqui algum tempo commigo... mas uma vez que é impossível...

Luiz—Impossível não; se o tio quer...

Simplício—Não, não te incommodes... Queres partir hoje?

Luiz—A'manhã de manhã... que lhe parece?

Simplício—Cae mesmo a propósito... tinha-me esquecido de t'o dizer; também eu parto ámanhã... uma digressão sôita pequena.

Luiz—Para a banda do Porto... ou para Lisboa?

Simplício—Não, o contrario.

Luiz—O contrario!

Vicente (*no fundo*) — Senhor o almoço está na mesa

Simplício—Vae almoçar, anda, rapaz... desculpa-me, que te não posso fazer companhia... almoço muito mais cedo.

Luiz—Era o que faltava, que fizesse agora cerimônia commigo.

Simplício—Vicente?

Vicente (*chegando-se*) — Senhor.

Simplício—Ouve. (*Fala-lhe ao ouvido.*)

Vicente—Basta, senhor, esteja descansado.

Simplício—Luiz?... Ensina-lhe o caminho, Vicente.

Luiz—E é preciso; está tudo tam mudado, tam grandioso... não sei se eu acertaria com a casa de jantar.

SCENA V

Simplício (*só*) — Ah! respiremos... Umas poucas de vezes me ia perdendo... que fortuna estar minha mulher fóra de casa!... Emfim como elle parte ámanhã, d'aqui a alguns dias lhe escreverei. Por hoje, tomindo as minhas precauções... acautelando-me e tal, posso-me ainda livrar... A Vicente recommendei-lhe segredo, e que advertisse os outros criados... O caso agora é prevenir minha sogra... tarda bem! (*Vae ao fundo*) Parece-me que

a oíço... Ei-a ahi com effeito... Que senhoras
são estas que vêm com ella? Santo Deus!... mi-
nha mulher... Candida! E a prima Lucia... Está
tudo perdido.

SCENA VI

SIMPLICIO, D. THEREZA, D. CANDIDA,
D. LUCIA

Simplicio—Minha querida filha... Como ella vem
bonita! (*Abraça a mulher*).

D. Lucia—Então, e a mim, primo, não me diz nada?

Simplicio—Adeus, minha rica Lucia.

D. Thereza—Quando eu entrava em casa do go-
vernador civil, chegava a caleça d'estas senhoras.

D. Lucia—Não me esperavam tam cedo?... Não
cabe em si de contente o primo.

Simplicio—De certo... Estou n'uma alegria...
Mas o que estava ajustado era irmol-as nos lá bus-
car.

D. Lucia—Foi Candida que quiz vir por força; an-
dava aborrecida n'uma melancolia...

Simplicio—E é verdade... não reparei ao princi-
ípio. Tu que eras tam alegre, tam...

D. Thereza—Saudades do marido, da sua mamã...
Não é assim, minha filha?

D. Candida—Sim, mamã sim... já não podia estar
sem os vêr, precisava de vir para aqui, de... Eu
não tenho andado boa.

Simplicio—Doente! Oh! já, já chamar o doutor.

D. Lucia—Não é preciso, encontrámol-o, e não tar-
da ahi de certo... é uma visita mais que se conta.

Simplicio—De que serve ir ás Caldas para vir doen-
te? Então vocês não se divertiram?

D. Lucia—Nada, não! Divertimo nos immenso; to-
dos os dias bailes, funções, passeios.

Simplicio—Espera... não ouviram passos aqui
por este lado?

D. Thereza—Não...

Simplicio (*socegando*)—Ah! então iam ao baile...
tinham funções?...

D. Lucia—Não faz idéa, primo; era uma delicia. E
sabem? Candida e eu passavamos por meninas sol-
teiras.

Simplício — Ah?... Candida tambem!

D. Lucia — Também: foi uma brincadeira que muito nos divertiu. Maria do O, a mulher do governador, é que fazia de mamã: foi concertado com ella. Era um gosto ver como todos nos queriam fazer a corte... à Candida mais, porque andava mais tafula, mais rica. Muito rimos nós com ver os rapazes que queriam casar com ella.

Simplício — Sim?... tinha sua graça

D. Lucia — Era o que eu lhe dizia: é pena que não possas casar duas vezes... tinha muita graça.

D. Thereza — Muito pouca gravidade n'esses brinquedos, Lucia; cada vez me pesa mais não ter eu ido com vocês.

D. Lucia — O' tia, posso-lhe afirmar que a gente não fazia caso nenhum d'elles... dos nossos tendidos. Pela minha parte, só um ou dois é que poderiam assim...

Simplício (sobressaltado) — Oiçam!... parece-me que senti abrir uma porta...

D. Thereza — E então!... creio que está a sonhar.

Simplício — Não fale tam alto... Tem um metal de voz esta senhora!

D. Thereza — Então que é isto? Aqui ha coisa extraordinaria.

Simplício — E' verdade, ha: então que quer?... estou n'um lance n'um apperto...

D. Thereza — Porquê? diga.

Simplício — Porquê?... porque está alli elle... chegou.

D. Candida — Elle quem?

Simplício — Meu sobrinho.

D. Thereza — Seu sobrinho está aqui?

D. Lucia — Aquelle que era seu herdeiro, e de quem se escondeu este casamento?

Simplício (fazendo-lhe signal que fale baix o) — Esse mesmo... Está resolvido a partir ámanhã, e eu quero ver se faço com que elle parta hoje.

D. Thereza — Tem razão... seu sobrinho hade ser rapaz galante, certamente: se ficasse aqui... podia haver receio...

Simplício — Receio... medo de tudo!... Mas já agora não ha outro remedio senão este, é não lhe aparecer. Vão para os seus quartos e deixem-se estar até... até á tarde, não é muito tempo.

D. Thereza—Tambem sou d'esse voto.

D. Lucia—Que pena! Uma casa tam só como esta e onde quasi nunca se vê uma figura humana!

D. Thereza—Minha sobrinha!

D. Lucia—Eu não disse isto pela tia.

D. Candida—Não façam caso do que ella diz. Ha-de-se fazer como querem: a mais interessada n'isso sou eu. Seu sobrinho não pode ter gosto em me ver; ha-de-me ter por sua inimiga; eu estimo muito mais não o encontrar... Além d'isso basta que seja sua vontade...

Simplicio—E' um anjo, um genio de pomba... Ora isto... isto! Tel-a eu aqui ao pé de mim, depois de uma auzencia tamanha, e vir este diacho d'este Luiz...

D. Lucia—Luiz!

D. Candida—Luiz!

Simplicio—Sim, é o nome d'elle.—Então prometem estar em segredo todas tres.

D. Lucia (*á parte*)—E mais eu tinha bem curiosidade...

Simplicio—Perdôa-me, Candida, separar-me de ti... O que era melhor era irem-se fechar na casa do café no jardim... está mais longe, mais só.

D. Candida—Pois sim como quizer.

Simplicio—Vão por dentro dos quartos, que não sinta elle...

SCENA VII

SIMPLICIO e depois LUIZ

Simplicio (*á parte, da esquerda, seguindo com os olhos a mulher*)—Que pena! Nunca a vi tam boa commigo, tam mansinha, tam... Adeus, adeus! (*Atirando-lhe beijos.*)

Luiz (*entrando da direita*)—Apre, senhor meu tio.

Simplicio (*fechando a porta de repente*)—Hein! Então que é isso?

Luiz—Digo-lhe, meu tio, que a sua cosinha sempre está! seguiu a marcha da civilisação; é d'este seculo o seu cosinheiro, é un: homem de luzes, não tem dúvida.

Simplicio (*á parte*)—Pregou-me um susto!...

Luiz—Agora, meu tio, estou prompto a correr os

seus estados: vénha-me mostrar as mudanças, os melhoramentos, todas essas coisas novas... Leio-lhe nos olhos que está morrendo por isso, e eu também estou com n'inha curiosidade de saber...

Simplicio (á parte) — Como hade ser para o resolver a partir já?

Luiz — Primeiro vamos ao jardim se quizer... Parece-me de longe uma casa de fresco nova... e linda... E' um kiosque... ou é...

Simplicio (á parte) — Tem um instinto para me tormentar, este meu sobrinho!... (Alto) Com muito gôsto eu ia... mas estou n'um cuidado...

Luiz — Coisa que o afflige, tio?

Simplicio — E' verdade; e não sei como t'o heide dizer.

Luiz — Alguma noticia desagradavel?

Simplicio — Muito desagradavel! (A parte) Bom! chegámos a ellas. (Alto) Uma carta de Lisboa, que recebi n'este instante, em que me avisam que uma casa em que eu tinha bastante dinheiro, cem mil cruzados, está a fallir.

Luiz — Diacho! E' terrivel essa.

Simplicio — Agora o ponto era não perder um instante... Bem vês que a mais pequena demora... Eu tinha-me lembrado que talvez tu... se te não desse...

Luiz — De partir hoje? Em casos taes não se olha a coisa nenhuma: estou á sua disposição.

Simplicio — Queres? Não esperava menos de ti. Vou escrever depressa duas palavras, e trazer-te os papeis necessarios... Tratarás de te entender com o meu correspondente.

Luiz — Em o tio acabando monta a cavallo.

Simplicio — Meu Luiz! Ninguem tem um sobrinho como eu. (A parte) Estou livre d'elle. (Alto) Espera aqui, eu venho já. (Vicente atravessa o theatro do fundo para a esquerda com uma caixa de chapéos, um challe e um guarda sol de senhora.)

Luiz — Tio Simplicio!

Simplicio — Hein!

Luiz — O que é aquillo que alli vae? o seu criado com um challe... um guarda-sol de senhora?

Simplicio (á parte) — Bonita a fez Vicente! tem um juizo!

Vicente — Chama-me, o senhor?

Simplicio — Não, não ; vae-te.

Luiz — Então tem senhoras em casa o tio, e não m'o dizia?

Simplicio — Senhoras... Ah! sim... é que nem já me lembrava... E' uma pessoa... uma senhora d aquella quinta no alto... Vae para o Porto... e...

Luiz — Ah! vae para o Porto! anda tudo por aqui a viajar, pelo que vejo.

Simplicio — Teve medo de descer na liteira lá d'aquellas alturas... offereci-lhe que viesse aqui esperal-a... e...

Luiz — E' mais commodo... E é moça a tal senhora?

Simplicio — Está bom ! Uma edade respeitável. Querem ver que já tu cuidavas?... Oh! está socegado, não tenhas medo. Quando me acontecesse... Adeus! não tardo aqui dez minutos.

SCENA VIII

Luiz de Nello (só) — Senhor meu tio, senhor meu tio ! aqui ha coisa, seja ella qual fôr. Por modo que se quer ver livre de mim. Já esta manhã não instou commigo para ficar. E agora de repente esta casa de Lisboa que quebrou assim como de encommenda... Aqui ha mysterio... Eu já tinha minhas suspeitas... Este casarão velho todo arranjado de novo... meu tio deixado de tomar tabaco... com o rabicho cortado... E este luxo, estes trastes elegantes... E esperem; eu ainda não tinha visto aquillo... uma caixa de costura... isto não pôde ser. (abre a caixa) Tal e qual. Bordados... lás!... Que maganão que é o tio Simplicio! Demitiu a Gertrudes velha, e deu o logar a alguma criadinho moça e tafuls, meia ama, meia criada... O costume! E' o flagello dos solteirões velhos. Pobre tio Simplicio! Mas onde a tem elle escondida? Se terá ciumes de mim ? Oh ! isso agora é que me faria rir.

SCENA IX

LUIZ e D. LUCIA

D. Lucia—(entrando pé-ante-pé)—Não posso resistir. Por força hei-de ver este sobrinho que mette medo a toda a gente.

Luz—Esta não é má! Eu lhe prometto que heide descobril-a... Vou revolver a casa toda. (vae a sair.)

D. Lucia (dando de repente com os olhos n'elle)—Ai!

Luz—E' possivel!

D. Lucia—Pois é o senhor?

Luz—A senhora D. Lucia aqui? Conhece meu tio Simplicio?

D. Lucia—Seu tio!... Então o senhor é que é o sobrinho?

Luz—Que feliz acaso! Tenho tantas cousas que lhe perguntar!... E primeiro que tudo, aquella menina que andava em sua companhia nas Caldas... sua prima, creio eu... onde está, que é d'ella. Aqui... estou vendo. Não se separaram...

D. Lucia—Pois separamo-nos, e bem sabe o senhor... Porquê? ella não lhe disse que voltava para Lisboa?

Luz—E' verdade, e foi tudo quanto me disse... Mas a senhora D. Lucia conhecer meu tio? De onde o conhece? Dar-se-ha o caso que sejamos parentes? Não veiu sósinha para esta quinta... de certo. Fica aqui muito tempo?

D. Lucia—Não, não senhor, foi um acaso... de passagem...

Luz—Ah! vae para o Porto?

D. Lucia—Dê-me licença que me retire... Se nos vissem aqui a conversar...

Luz—Que quererá dizer isto?... Temos outro misterio...

SCENA X

DITOS e SIMÓES

Simões—Ah! senhora D. Lucia! Venho correndo com uma pressa... O senhor Simplicio diz que viesse, que viesse... quer que lhe eu veja imediatamente a mulher.

Luiz—Sua mulher!

Simões—Certamente.

D. Lucia—(á parte)—Vamos já dar parte a minha tia. (*Escapa-se pelo fundo.*)

Luiz—Então meu tio é casado?

Simões—(á parte)—Ai, que é o sobrinho!... Fil a bonita.

Luiz—É horrivel... é indigno isto! Casar-se, e ocultar-me o seu casamento! Nunca cuidei que fosse capaz de me enganar assim...

Simões—(á parte)—Vejamos se socego (*Alto*) Venha cá, senhor; a coisa não é tam feia como lhe parece.

Luiz—Mas enfim como se fez este casamento?... que tempo ha... com quem? Hade sabêl-o o senhor... creio que é seu amigo.

Simões—Sou... isto, é sou o seu facultativo.

Luiz—Não vem a ser bem a mesma coisa... mas não importa... Quem é que lhe metteu na cabeça similhante loucura? Não foi coisa d'elle... é que abusaram da sua fraqueza.

Simões—Permita-me que lhe diga que os meus principios me não deixam metter em negocios de familia; todo o meu tempo é dos meus doentes... Hade permittir... (*querendo partir.*)

Luiz—Por quem é, senhor, responda-me... Quem é esta mulher?... Está aqui na quinta? Não poderei sequer ao menos vêl-a?...

Simões—Torno a repetir-lhe, senhor... Mas espere... olhe: aqui vem uma senhora que lhe pôde explicar todo isso muito melhor do que eu. (*Aparece D. Thereza no fundo.*)

Luiz—Uma senhora!

Simões—Safa! lá se avenham como poderem. (*Vae-se pela esquerda.*)

SCENA XI

LUIZ, D. THEREZA

Luiz (á parte)—Querem ver que é esta? Com a fortuna!... E tem-me cara de o ser...

D. Thereza (á parte)—Hade estar desesperado... mas eu o farei entrar na razão.

Luiz — Minha senhora... acabo de saber n'este instante...

D. Thereza — Que seu tio está casado?... Sim senhor, é verdade; e fez muito mal em lh'o encubrir... por meu voto não foi; e se elle tomasse os meus conselhos, há muito que seu sobrinho o saberia.

Luiz (*á parte*) — Bem n'o dizia eu!... E' minha tia, Vamos... o doutor não deixa de ter razão... o mal não é tamanho como se cuidava.

D. Thereza — Seu tio tem-lhe muita amizade; e eu espero que o senhor não ha-de procurar, nem pelas suas palavras nem pelo seu procedimento, destruir a felicidade de um parente que o tem enchedo de benefícios.

Luiz — Assim é, minha senhora.

D. Thereza — E se assim não fosse... eu bem sei como me hei-de haver... desde já lh'o declaro.

Luiz (*á parte*) — Parece-me extremamente amável a tal minha tia (*Alto*) Confesso-lhe, minha senhora, que no primeiro momento... não pude ser senhor de mim. . Bem vê que era natural... eu não sabia que este casamento tinha sido tam acertado, tam igual... em todos os sentidos

D. Thereza (*á parte*) — Que quererá elle dizer com isto?

Luiz — E não posso deixar de louvar a meu tio o ter escolhido uma esposa cujas qualidades amadurecidas pela idade e pela experiência....

D. Thereza (*á parte*) — Isto é mangação, ou?..

Luiz — E pela minha parte... eu tambem espero que me não hão de alienar o coração de meu tio; e que em vez de perder a sua amizade, antes hei-de merecer a da minha respeitável tia. (*Faz-lhe uma inclinação profunda.*)

D. Thereza (*á parte*) — Pois então!... não estás persuadido que? .. Não me atrevo a desenganá-lo.

Luiz (*á parte*) — Meu pobre, desgraçado tio!... Foi mesmo de quem estava abandonado de Deus.

SCENA XII

DITOS e SIMPLICIO

Simplicio (entrando) — Luiz, aqui tens a carta e os papeis... (Parando) A sogri! Justos céos!

Luiz (dando-lhe a mão) — Toque, meu tio, toque. (A parte) — Coitado!

Simplicio (admirado) — Com muito gôsto, meu Luiz... mas dizes-me isso com um modo...

Luiz (chamando-o de parte) — Já sei a desgraça que lhe sucedeu.

Simplicio (em voz baixa) — A desgraça?

Luiz — Caludal!

D. Thereza (áparte) — Deus queira que me não vá elle agora desmentir!

Luiz (compungido) — Diga-me se é feliz, tio; preciso saber se é feliz, tio Simplicio.

Simplicio — Ora esta! Que pergunta! Tu conheces-me, sabes que não me amo fino facilmente... E de mais, quando a gente é livre, quando é...

Luiz — Quando é casado...

Simplicio — Hein! Que dizes tu... (Assustado).

Luiz — Eu sei tudo, meu tio.

Simplicio (áparte) — Deus do céo, que horrivel so-
gra! Foi ella quem me deitou a perder.

Luiz — Não receie das minhas queixas, tio, não; realmente é um casamento muito rasoavel.

Simplicio (muito animado) — Não é verdade? Parece-me que é muito rasoavel... Entretanto ha pessoas que notam a desproporção da edade.

Luiz — N'essa parte têm sua razão. Meu tio é muito moço de mais para ella, mas...

Simplicio — Estás zombando?

D. Thereza (áparte) — Que estarão elles dizendo?

Luiz — Salvo, comtudo, se é inclinação antiga, de ou-
tros tempos... e de...

Simplicio — Antiga!... O quê?... como?

Luiz — Então algum amor de infancia... a sua pri-
meira paixão... Porque não seria?

Simplicio — (áparte) — Que me mellem se eu enten-
do o que elle diz.

Luiz — No seu tempo havia de ser bella mulher... E examinando-a bem inda agora...

Simplicio—Hein? Examinando quem? (*Olha para todos os lados.*)

voiz—Veja o perfil (*Apontando para D. Thereza*)

E' classico... Veja... e como dizem agora os jornalistas, é plastico... Eu não sei bem o que é, nem elles... mas não importa.

Simplicio—Sim, sim; ainda tem os seus restos... (*á parte*) Começo a desconfiar.

Luiz—Ora vamos, já sei; é alguma paixão do seu tempo... Mas falle com ella: é exquisito estarmos nós assim a conversar para aqui sós, à parte...

Simplicio—E' verdade (*A D. Thereza*) Minha se... minha querida, pelo que vejo já informou... tu já informaste meu sobrinho...

D. Thereza—O acaso fez tudo... E eu assentei que não devia negar...

Simplicio (*á parte*)—Que excellente invenção! (*Alto*) Olha... não sabes quanto sou feliz; e se conhecesses tua tia... é um anjo, um seraphim. (*Beija a mão de D. Thereza*)

Luiz (*á parte*)—Ainda bem que a vê com tam bons olhos!

Simplicio—Quanto a ti, meu caro Luiz, este casamento pouco te deve assustar... a idade da minha mulher...

D. Thereza—Senhor!...

Simplicio—(*a D. Thereza*)—Cale-se: é para o persuadir mais.

Luiz (*á parte*)—Não é muito amavel com a noiva o tal meu tio Simplicio.

Simplicio—Podes ficar descansado, não tens que receiar de outros herdeiros...

D. Thereza—Basta, senhor, basta,

Luiz—Meu tio!...

SCENA XIII

DITOS e SIMÓES

Simões (*aparte*)—Estão juntos, e tiveram já tempo de se explicarem.

Simplicio (*á parte*)—O doutor? Sempre vem fóra de propósito.

Simões—Andava á sua procura, senhor Simplicio,

porque queria dizer-lhe que se não falham certos indícios, a cara esposa não está muito boa.

Simplicio (á parte) — Oh meu Deus!

Simões — Ainda não posso definir o que é, mas tem alguma coisa... parece-me que não há dúvida: também já era tempo...

D. Theresa — Esta louco, doutor, não é possível... e pelo menos... Eu nunca me senti tão bem.

Simões — A senhora D. Thereza?...

Simplicio — Certamente: basta vê-la, aquela cor... aquela frescura.

Simões — Então, então, entendamo-nos.

D. Thereza (baixo ao doutor) — Cale-se doutor.

Simões (á parte) — Ah! isso é outro caso; pelos modos cometi outra imprudencia.

Simplicio — O doutor queria assustar-nos. (Á parte) Pobre Cândida, e eu sem estar ao pé d'ella.

Simões — Em todo o caso eu voltarei outra vez, preciso estudar os symptomas.

Simplicio — E' isso, venha jantar connosco, verá que appetite que ella traz... E tu, meu sobrinho, podes voltar para Lisboa, sem o menor cuidado na saude de tua tia. (*Sae o doutor e D. Thereza.*)

SCENA XIV

SIMPLICIO, LUIZ

Luz — Partir? então sempre quer que parta?

Simplicio — Que remedio? Aquela quebra... os meus dez contos de réis!...

Luz — Tinha-me dito cem mil cruzados.

Simplicio — Cem mil cruzados, é verdade... Maior motivo para te apressares... Toma: aqui está a carta e os papeis.

Luz (pegando-lhe) — Basta, meu tio. (Cf parte) Cuidas que me enganas?...

Simplicio — A malla está no teu quarto onde tu costumas ficar.

Luz — Sim senhor, meu tio. (Vae-se.)

SCENA XV

Simplicio (só) — Ah ! d'esta vez ainda eu escapei
Safa, que medo ! Mas a pobre Cândida que está á
minha espera... Se eu fosse... enquanto meu so-
brinho está no seu quarto arranjando-se... E' arris-
cado, mas não importa : vou. (*Toma para a porta
da esquerda*).

SCENA XVI

SIMPLICIO, D. CANDIDA

D. Cândida — Está só ?

Simplicio — E's tu, querida ? Então vieste só para
me ver, anjinho ? (*com piéguaice*.)

D. Cândida — Tenho que lhe dizer... e é coisa
séria. Está certo que ninguém nos ouve ?

Simplicio — Meu sobrinho foi para o seu quarto
apromptar-se para partir.

D. Cândida — Seu sobrinho já sabe tudo : disse-
m'o Lucia. Descobriu o nosso casamento e diz que
me quer ver.

Simplicio — Qual ! não fazes idéa que engano tão
gracioso. Pois não foi cuidar o pateta do rapaz que
tua mãe era a minha mulher ?

D. Cândida (com ironia) — Ah !... Sim ?...

Simplicio — E' ratão... não achas? Pobre rapaz !
Pois digo-te que tenho remorsos de o enganar d'esta
maneira! Mas eu o recompensarei quando se casar,
que me parece que haverá de ser cedo.

D. Cândida — O quê ? Pois pensa !...

Simplicio — Penso !... Elle contou-me certos se-
gredos...

D. Cândida (com vivacidade) — Quaes? Diga, não
posso saber-lhos eu ?

Simplicio — Por ora não ha nada positivo... Uma
menina que elle adora... que espera encontrar em
Lisboa... Mas que tens tu ? Estás agora peior :
que sentes ?

D. Cândida — Bem sabe que a minha saude... O
doutor havia de lhe dizer...

Simplicio — Ora o doutor não sabe o que diz. Eu
acho-te melhor do que antes da jornada... O teu
rosto tomou uma expressão... (*Quer abraçal-n.*)

D. Candida—Vou-me embora... Jesus, se seu sobrinho!

Simplicio—Por modo que ainda tens mais medo d'ele do que eu?

D. Candida—Confesso-lhe que enquanto elle aqui estiver...

Simplicio—Não receies... por um momento que estou só comigo... (*Quer abraçal-a.*)

SCENA XVII

DITOS e D. LUCIA

D. Lucia (*do fundo*)—Meu primo... senhor Manuel Simplicio?

Simplicio (*á parte*)—Agora é a prima... Que diabo de parentella!

D. Lucia—Tu aqui, Candida?

Simplicio—Vamos, priminha, que quer?

D. Lucia—E' que seu sobrinho, andava eu a passear no jardim... e... elle viu-me da janella...

Simplicio—Imprudente! Para que sahiu? Tinha-me promettido de não sahir?... (*Ouvindo bulha*) Ahi vou, ahi vou depressa. Temos ainda outra historia que arranjar.

D. Lucia—Com tanto que elle me não seguisse.

Simplicio—Andem, entrem ambas para aquelle quarto, e não me saiam d'allí.

D. Lucia—Veja se nos deixa fechadas até ámanhã.

Simplicio—Vamos, que eu as avisarei quando elle tiver partido. Tomem sentido; quando esta campanha tocar, que é signal... Maldito sobrinho! não o torno a largar enquanto o não vir a cavallo. (*Vae-se.*)

SCENA XVIII

D. CANDIDA, D. LUCIA

D. Candida—Lucia, vamo-nos d'aqui.

D. Lucia—Ora! pois não. O tio que o prenda para elle cá não vir.

D. Candida—Tu fizeste mal em lhe aparecer.

D. Lucia—Sim! havia de estar todo o dia fechada!

- E de mais, eu não sei para que mandam o rapaz embora.
- D. Candida**—Então! é a vontade de me... —
- D. Lucia**—Tu não lhe disseste que o tinnamos encontrado nas Caldas?
- D. Candida**—Não. E faça-me o favor de o não dizeres a ninguém.. Lembra-te que m'ô prometeu teste.
- D. Lucia**—Porquê? Talvez isso fizesse com que elle ficasse... E sabes que mais?... olha, falando a verdade, este é um dos dois que se me não davam...
- D. Candjda**—O quê? pois tu... Dar-se-ha caso que tu?...
- D. Lucia**—Decerto... E elle... pareceu-me lêr-lhe nos olhos... quando dansavamos ambos... Adeante! Eu cá me entendo.
- D. Candida**—Talvez te enganes...
- D. Lucia**—Sim, bem sei o que queres dizer, que também a ti te fazia a corte... Pode ser, não digo que não. Homens! E' sabido. Mas eu bem vi que elle dansava contigo por tu seres minha prima, nada mais. De sorte que bem sei que para ti, Candida, que elle fique que não fique, é a mesma coisa, porque já estás casada. Agora eu... se elle aqui se demorasse algum tempo... Quem sabe... tem-se visto coisas mais extraordinárias.
- D. Candida**—Deixa-te d'isso, Lucia... não penses em tal.
- D. Lucia**—Mas porquê?
- D. Candida**—Porque te cansavas de balde... Este rapaz não te faz conta...
- D. Lucia**—Se eu já te disse que me fazia conta...
- D. Candida**—Lembra-te que elle se vai embora... que d'aqui a uma hora estará muito longe d'aqui... e é provável que nunca mais o vejas...
- D. Lucia** (vendo Luiz)—Nada, não! Olha, elle ahi vem.
- D. Candida**—Ah!

SCENA XIX

DITAS e LUIZ.

Luz (*a D. Candida*)—Que vejo! Ah! tinham-me enganado ambas.

D. Lucia—Onde está o senhor Manuel Simplicio?

Luz—Não tenha receio, fechei-o á chave no meu quarto.

D. Lucia (*rindo*)—Ah! ah! ah! Tocou-lhe a sua vez de ficar preso.

D. Candida—Anda, Lucia, vamo-nos embora... Vamos já, vamos.

Luz (*segurando-a*)—Não, não me escapa segunda vez, desengane-se... Cuidava ir encontral-a em Lisboa, e venho achá-la aqui. Que mysterio é este? E' preciso explicar-m'o, senhora D. Candida.

D. Candida—Explicar-lhe, o quê?

Luz—Heide sabêl-o, quero sabêl-o.

D. Lucia—Para que é máo? que tem o senhor com isso? faz favor de me dizer.

D. Candida—Lucia, faze-me o favor de ir soltar o senhor Simplicio. Eu não devo consentir que...

D. Lucia—Tens medo que elle se aborreça de estar fechado?

Luz—Sim, minha senhora vá... vá por caridade soltar o meu pobre tio... Eu não me atrevo a fazel-o... Hade estar u'm accesso de colera contra mim!

D. Lucia—Como ambos querem, lá vou.

Luz—Vá... (*A'parte*) que a chave está aqui.

D. Lucia (*áparte*)—Ai, ai! parece-me que o que elles querem é ficar sós. (*Alto*) Eu vou; eu vou. (*Sae.*)

SCENA XX

LUIZ, D. CANDIDA

Luz—Estamos sós... agora explique-me, responda-me.

D. Candida—E se me fosse impossivel fazel-o? Por quem é não inste mais... Por bem do meu socêgo lhe peço que não inste... que não pergunte nada a ninguem... e que não procure mais vêr-me...

Luiz — Não tornar a vê-la! Porquê? Duvida da minha ternura... do meu amor? Sosegue: os seus parentes conhecem decerto meu tio, e em eu lhe contando tudo... em elle sabendo do nosso amor... de...

D. Candida (vivamente) — Ah! que diz? Quer-me deitar a perder...

Luiz — Perder!

D. Candida — Por quem é não fale em tal a seu tio... que tanto o estima... e que tamanha affeção me tem...

Luiz — A quem? A ti, Candida? como? porque título?

D. Candida — Que lhe importa?... a minha sorte depende d'elle... E elle tam sincero, tam generoso! Ah, que não saiba elle nunca... Eu morria, morria, decerto.

Luiz — Que oíço? Então que é isto? Pois meu tio?... Que lhe vem elle a ser, meu tio Simplicio? Diga.

D. Candida — Não m'o pergunte, trema de o saber... Luiz... Em nome do céo, se me tem ainda algum amor, parta já... não o devo tornar a vêr... Seja esta a ultima vez.

Luiz — A ultima vez!

D. Candida — Assim é preciso. Adeus... adeus! (Sai pela esquerda)

SCENA XXI

Luiz (só) — Fugiu... Que será isto? Ella depende de meu tio... meu tio é... Oh santo Deus! e este receio de o affligir... Não ha duvida, é sua filha; não pôde ser outra coisa.

SCENA XXII

LUIZ, SIMÓES

Simões (entrando pelo fundo como quem procura alguém) — Oh meu Deus! E' o sobrinho... safá!...

Luiz (segurando-o) — Espere, senhor doutor, foi o céo que o trouxe aqui.

Simões — Não, meu senhor, foi a hora do jantar. Mas zonde está seu tio? Tenho-o procurado por toda a parte...

Luiz—O senhor doutor tem relações com meu tio ha muito tempo?

Simões—Ha mais de dez annos, meu senhor.

Luiz—Está bem: ninguem pôde servir-me melhor... Eu espero que me não recusará um favor que lhe vou pedir.

Simões—Está doente? talvez a mudança de ar... Vejamos o pulso.

Luiz—Não doutor, por'ora não; depois veremos... pôde ser, não perca a esperança, mas agora o que eu lhe peço é que se empenhe com o meu tio para...

Simões—Senhor Luiz de Mello, eu tenho por princípio de me não intrometter...

Luiz—Já m'o disse... Mas trata-se de uma coisa tam simples... tam natural... Eu sei tudo, doutor, sei a razão porque meu tio se casou. E eu que o criminava por isso, agora acho que fez o que devia... Fez bem, fez muito bem: comtudo a sua culpa para commigo sempre é a mesma; e não ha senão um meio de a reparar.

Simões—Qual é esse meio?

Luiz—Dar-me a sua filha em casamento.

Simões—E, esta!... Que é o que diz?

Luiz—Bem, bem, meu doutor! guarde o seu segredo, ninguem lh'o pergunta... o que se quer é que fale a meu tio por mim, e lhe peça a mão de sua filha.

Simões—De sua filha? Qual filha?

Luiz—Porquê? quantas tem elle?

Simões—Quantas! Eu realmente não sei aonde estou.

Luiz—Não vou eu mesmo fazel-o já, porque não tenho animo de ir lançar no rosto a meu tio uma falta... uma fraqueza de outro tempo... Não quero que elle córe deante de seu sobrinho... O doutor é outra coisa... um amigo velho...

Simões—Como! Pois está certo de que elle tem uma filha? (*á parte*) O caso não é impossivel.

Luiz—Diga-lhe que assim fica tudo arranjado... tudo se remedea. Os seus deveres para com ella, e as promessas que tantas vezes me fez.

Simões—E vossa senhoria pretende estabelecer-se... ficar morando n'estes sitios?

Luiz—Tenho essas tenções, não ha duvida.

Simões (á parte) — Bem... mais uma casa... um partido certo...

Luiz — Encarregue-se de a pedir, que eu arranjarei o resto.

Simões — E que dirá madame Simplicio?

SCENA XXIII

DITOS, SIMPLICIO

Simplicio (de fóra) — Maldito sobrinho! nunca, nunca lh'o hei-de perdoar.

Luiz — Ouve-o? elle ahi vem contra mim. (á parte) Alguem o soltou. (alto) Meu doutor, ahi lh'o deixo.

Simões — Espere... oiça...

Luiz (correndo) — Nada... nada, safo-me...

SCENA XXIV

SIMÕES, SIMPLICIO, D. THEREZA

Simões — O repaz tem um fogo... E eu que nada sabia!... Não se fiaram de mim.

Simplicio — (entrando da esquerda, seguido de D. Thereza) — Aonde está elle? aonde está? Não está aqui...

D. Thereza — Fechar seu tio á chave! Ainda bem que eu tinha outra.

Simplicio — Terá elle partido sem esperar a repre-hensão?

Simões — Nada, não partiu; agora sâe elle d'aqui.

Simplicio — Sahiu agora d'aqui? Falou-lhe, doutor?

Simões — É verdade, e encarregou-me de uma com-missão bem delicada.

Simplicio — Bom, temos outra.

Simões — Mas não sei se devo falar deante da se-nhora D. Thereza.

D. Thereza — Porquê? elle tem segredos com seu tio... era o que faltava.

Simplicio — Socegue, bella mamã, socegue. Vamos doutor, não se faça rogar.

Simões — Pois bem, eu crejo que o senhor é homem de bem, e não hade encobrir nada em um caso tam melindroso.

Simplicio—Tam melindroso! O doutor quer-me assustar.

D. Thereza—Explique-se, explique-se, doutor.

Simões—Então ahi vae em duas palavras. O senhor seu sobrinho rogou-me que lhe pedisse para elle a mão de sua filha...

D. Thereza—Sua filha!... Ahi está, ahi está o que eu receiava.

Simplicio—Minha filha! Quem julga elle então que é minha filha?

D. Thereza—Uma filha! meu Deus, que indignidade, que infamia!... Vejam que fortuna espera a minha pobre Candida.

Simplicio—Ora, senhor doutor, sabe que a graça me não vae agradando?

Simões—O quê... pois a senhora não sabia?...

D. Thereza—Não, doutor, enganou-me, enganou minha filha... Isto... isto é o cumulo do desafôro.

Simões—Ah! senhor Manuel Simplicio, senhor Manuel Simplicio!

Simplicio—Tambem o doutor! Então hoje anda o diabo á solta contra mim!

Simões—Acredite, minha senhora, que eu ignorava absolutamente... alias nunca teria coadjuvado...

D. Thereza—Pobre Candida... vítima desgraçada!

Simplicio (ironicamente)—Desgraçada!

D. Thereza—Ha muito que eu desconfiava quem o senhor Simplicio era! Mas creia que o caso não fica assim. Ha leis n'esta terra, ha tribunaes...

Simplicio—Sim, bella mamã?

D. Thereza—Cale-se, seductor!...

Simplicio—Sabe, senhora sogra, que me vae fuggindo a paciencia?

Simões—A falar a verdade, senhor Simplicio, o seu procedimento... é...

Simplicio—Vá para o diabo, senhor doutor.

D. Thereza—O senhor é um velho libertino!

Simplicio—E a senhora uma velha tonta!

D. Thereza—Accuda-me, doutor. Ai! que tenho o meu ataque de nervos. (*O doutor vae a sahir*).

SCENA XXV

DITOS e LUIZ, (*entrando quando o doutor sae*) *

LUIZ — Então, doutor?

SIMÕES — Meu caro, fale por si, que eu não costumo intrometer-me... Até logo. (*Sai pela esquerda.*)

SIMPLÍCIO — Meu sobrinho! Senhora, peço-lhe que... que se modere deante d'elle.

LUIZ — Meu tio, o doutor não lhe falou?

SIMPLÍCIO — Falou sim senhor. E com as suas graças foi vossa mercê causa de eu... de eu ter um desgosto muito grande em minha casa... E' verdade: pois vaes dizer a esse médico falador que eu tinha uma filha, para elle m'a vir pedir para casar, deante da senhora, d'esta querida mulher... que por um pouco se não encolerisou...

LUIZ — Talvez eu devesse primeiro dirigir-me á senhora.

D. THEREZA — A mim!

LUIZ — Sem dúvida, pois não é sua mãe!

D. THEREZA (*não se podendo conter*) — Justo céo! Veja, senhor, veja ao que me expõe.

SIMPLÍCIO — Eu endoudeço! palavra de honra.

LUIZ — Julga talvez que o meu amor é um capricho, um d'estes namoricos?... Não, meu tio, essa joven senhora de quem lhe falava esta manhã, que lhe disse que tinha encontrado nas Caldas...

D. THEREZA — Nas Caldas?

LUIZ — Sim, meu tio; e não sei porque ella me disse que ia para Lisboa. Julgue qual seria o meu gosto encontrando-a aqui n'esta casa. Ignorava que fosse sua filha: ella é que ha pouco m'o deu a entender, apesar do terror que lhe inspirou o meu titulo de sobrinho... porque estou certo que a haviam de prevenir...

SIMPLÍCIO — E' verdade, é verdade.

D. THEREZA (*á parte*) — Será minha sobrinha?

LUIZ — Parece-me que o tio tinha passado palavra a todos, mesmo a sua prima, que eu igualmente aqui vi, e que é muito galante também. Lá nas Caldas fiz a corte a ambas, a falar a verdade, mas...

SIMPLÍCIO — Ah! tu fazias a corte a ambas?

LUIZ — Mas uma só é que amo deveras; e parece-me

que agora nada obsta á satisfação dos meus desejos.

Simplicio—Sim, sim, quando voltares da tua viagem, veremos.

Luiz—Não, meu tio, quero agora mesmo uma resposta decisiva.

Simplicio—Eu sei, meu Luiz! fala com tua tia.

D. Thereza—Primeiro que tudo parece-me que deveríamos consultar...

Luiz—Sua filha? E' justo... com tudo eu preferia... E' talvez uma criancice... mas não fazem idéa... do terror com que ella ficou quando lhe falei em a pedir a meu tio.

D. Thereza (á parte)—Meu Deus! se eu me enganaria... se Cândida?...

Simplicio (á parte)—E' singular! Não sei porque razão Lucia...

Luiz—Talvez que o tio seja muito severo de mais com ella. Eu supponho que a tyranniza o seu tanto. A prova d'isso é que nas Caldas fugia de mim ao princípio, não me queria ouvir, evitava-me.

D. Thereza—Ao princípio? e depois?

Luiz—Depois um amor violento e sincero como o meu... bem sabe...

D. Thereza (á parte)—Estou em ancias.

Simplicio (reflectindo)—Na verdade custa-me a acreditar.

D. Theresa—O que acaba de dizer resolveu-me... Eu não dou o meu consentimento.

Simplicio (á parte)—Ella recusa!

Luiz—Pois bem, senhora; a minha felicidade e a sua talvez dependam do seu consentimento, porque ella... ama-me e... tenho provas d'isso.

Simplicio—Tu vial-a todos os dias, ias a sua casa?

Luiz—Não... Ao princípio, já lhe disse, fugia de mim, não me queria apparecer: rigor que mais me apaixonava... até que emfim...

Simplicio—Emfim?...

Luiz—Uma noite... n'um baile alcancei uma confissão...

D. Thereza (á parte)—Como hei de interromper esta conversação maldita?

Simplicio—Mais uma palavra... Tu não nos dissesse qual das duas primas...

D. Thereza—Basta, senhor, esta conversa aflige-o... Não está bom, está...

Simplicio — Não é nada... deixe-me...

Luiz — Com efeito, meu tio, está alterado!

Simplicio — Vamos, tu deves saber os nomes: responde-me.

D. Thereza — Está pallido! Eu vou chamar alguém
(*Corre á campainha e toca com muita força.*)

Simplicio — Espere, senhora. (*á parte*) Já não é tempo, elas ahi vem.

Luiz (*á parte*) — Como elle está fóra de si!

Simplicio — O seu nome... o seu nome? ... dizem'o.

Luiz — Mas que é isto, meu tio, que tem?

Simplicio — O seu nome? pergunto-te o seu nome.
(*Neste momento D. Lucia e D. Candida aparecem no fundo.*)

SCENA XVI

DITOS, D. LUCIA, D. CANDIDA

D. Thereza — Venha cá, senhora.

D. Lucia — Aqui estou... quer-me alguma coisa?

D. Candida (*á parte*) — Ainda elle aqui está?

D. Lucia — Como a tia está zangada!

D. Thereza — E tenho razão para isso, senhora... mas é inutil recordar coisas que...

Simplicio — Não é inutil, não é inutil: eu quero esclarecer este negocio.

D. Thereza — Ora, senhor!

Simplicio — Nada! Eu tenho as minhas razões... Lucia... responda-me: em nome de sua tia e no meu lhe pergunto qual foi o seu procedimento nas Caldas?

Luiz (*á parte*) — Ora esta! elle engana-se.

D. Lucia — O que eu fiz nas Caldas?... Dansci, não é assim. Candida?... passeei...

D. Candida (*á parte*) — Eu morro.

Luiz — Mas meu tio...

D. Thereza — Silencio, senhor, não a defendas.

D. Lucia — Defender-me! de quê?

Simplicio — Não se recorda de certo baile... de um passeio... de?

D. Candida (*á parte*) — Meu Deus!

Luiz (*á parte olhando para D. Candida*) — Que suspeita!

D. Lucia—Um passeio? Lembras-te d'isso, Cândida?

Simplicio—Nada de rodeios, senhora; meu sobrinho contou-nos tudo.

D. Cândida (áparte)—Elle!

D. Lucia—Foi elle, o senhor que disse? Eu não me atrevo a desmentil-o; mas ou eu me esqueci, ou... Cândida talvez se lembre melhor.

Simplicio—Então, Cândida... já que sua prima nada quer dizer, fale, recorde-se.

D. Thereza (áparte)—Isto é morrer...

Simplicio—Não responde?

D. Cândida—Senhor...

D. Lucia—Avia-te, responde a teu marido.

Luiz (estupefacto)—Seu marido! Meu Deus... que fui eu dizer! (*Tomando resolução*).

D. Thereza—(que o percebe)—Já era tempo.

Luiz (áparte) É preciso valer-lhe. (*Alto*) Meu tio, para que está com esses interrogatórios? A senhora D. Cand... ella ignorava esta aventura, e quando a soubesse, é tam amiga de sua prima, não a quer accusar.

D. Thereza—Tem razão, diz muito bem.

Luiz a **D. Lucia**—Quanto à senhora D. Lucia, peço-lhe que não dissimule por mais tempo a indiscreção que eu commetti de falar dos nossos amores a meu tio...

D. Lucia—Sim? E esta!

Luiz—O erro é imperdoável, convenho; mas tome o meu conselho, o meu exemplo, imite a minha franqueza. (*Baixo a D. Lucia*) Não me desminta, que eu caso.

D. Lucia—Não é possível!

Luiz—Sim, adorada Lucia, é preciso confessar tudo; assim poderemos esperar que...

D. Lucia (áparte)—Isto é um sonho.

Simplicio (tornando a si e alegre)—Então é verdade, Lucia, que meu sobrinho te fez a corte, que tu lhe correspondeste nas Caldas?

D. Lucia—Ora, meu primo...

D. Cândida (áparte)—Ella confessa!

Simplicio—Foste tu que n'aquelle baile passeias-te com elle!

Luiz (baixo)—Animo!

D. Lucia—Espere... parece-me que sim... Sim, agora me lembra.

Simplicio—Vejam lá a santinha!... E como ella negava com uma serenidade!...

D. Lucia—No meu lugar todas fariam o mesmo.

Simplicio—Sim, lá isso é verdade... E tu, *Candida*, minha querida, perdoas-me?

D. Candida—O quê?

Simplicio—Nada, nada. (*á parte*) E' o mesmo; mas antes quero que *Lucia* seja a mulher de meu sobrinho do que a minha...

D. Thereza—Ah! até que enfim respiro...

SCENA XXV

DITOS e SIMÓES

Simões—Meus senhores, venho dizer-lhes que o jantar está na mesa.

Simplicio—Venha cá, doutor, ha casamentos por aqui, venha.

Simões—Sim! então arranjou-se tudo?...

Simplicio—Meu sobrinho casa com a priminha...

Simões—Ah! aposto que essa era a tal filha que elle cuidava?

Simplicio—Pobre Luiz, deves estar muito contra mim.

Luiz—Meu tio, acredita que eu penso em tal! E então agora! tam feliz, tam...

Simplicio—Sim, has-de sel-o: e para começar a tua fortuna dou-te vinte contos de réis.

Luiz e D. Lucia—Meu tio!

Simplicio—E se querem ficar commosco, esta casa é grande, os jardins tambem... (*a D. Candida*) Não é assim querida? Aqui pôdem passear sós... à noite... para se lembrarem...

Luiz—Não, meu tio; eu volto para Lisboa com minha mulher... sempre preferi a capital.

D. Lucia—Decerto! nós preferimos a capital.

Simões—(*á parte*)—Ah, se eu tal soubesse! E' uma casa de menos.

Simplicio—Então, meu amigo, não te arrepentes? Estás contente?

Luiz—Sim, meu tio, e muito. (*á parte*) Era minha tia!

Simões—Como todos estão contentes, vamos jantar.

Simplicio—Dá o braço a tua tia, rapaz.

Luiz (*indo a dar o braço a D. Cândida, pára e vai oferecer-l-o a D. Lucia*)—Meu tio!... não : agora começam as minhas obrigações de marido.

D. Lucia—(baixo, por um lado, a Luiz)—Muito bem!

D. Cândida—(baixo, por outro lado)—Muito bem !

D. Thereza—Vamos jantar.

Todos—Vamos !

FIM

OBRAS COMPLETAS
DE
ALMEIDA GARRETT

XIII

VOLUMES DE QUE SE COMPÕEM AS OBRAS COMPLETAS DE ALMEIDA GARRETT

- I — **Retrato de Venus — Historia da Pintura — Fragmentos de poemas inéditos.**
- II — **Lyrica — Vol. 1.^o «Lyrica de João Minimo» — «Fabulas e Contos» — «Sonetos» — «Odes amarecenticas».**
- III — **Lyrica — Vol. 2.^o «Flores sem fructos» — «Folhas caídas».**
- IV — **Camões, poema em dez cantos.**
- V — **D. Branca, poema em dez cantos.**
- VI — **Adoxinda — Romanços reconstruídos.**
- VII — **Romanceiro — Vol. 1.^o «Romanços da tradição oral».**
- VIII — **Romanceiro — Vol. 2.^o «Romanços da tradição oral» — «Romanços com forma literaria».**
- IX — **Theatro — Vol. 1.^o «Catão».**
- X — **Theatro — Vol. 2.^o «Merope» — «Impromptu de Cintra» — «Corcunda por amor».**
- XI — **Theatro — Vol. 3.^o «Auto de Gil Vicente» — «Philippa de Vilhena».**
- XII — **Theatro — Vol. 4.^o «Alfonsina de Santarem» — «Tio Simphcio».**
- XIII — **Theatro — Vol. 5.^o «Falar verdade a mentir» — «As Prophecias do Bandarra» — «Um noivado no Dífundu» — «O Camões do Rocais».**
- XIV — **Theatro — Vol. 6.^o «Frei Luiz de Sousa» — «A Sobrinha do Marquez».**
- XV — **Arco de Sant'Anna — Chromca portuense. — Manuscrito achado no convento dos Grilhos, no Porto, por um soldado do corpo académico. — Vol. 1.^o**
- XVI — **Arco de Sant'Anna — Vol. 2.^o**
- XVII — **Helena (Fragmento de um romance).**
- XVIII — **Viagens na minha terra — Vol. 1.^o**
- XIX — **Viagens na minha terra — Vol. 2.^o**
- XX — **Da educação — «Cartas dirigidas a uma senhora ilustre, encarregada da instituição de uma jovem princesa».**
- XXI — **Bosquejo da Historia da Poesia e Língua portugueza — Outros escriptos — Impressões e viagens.**
- XXII — **Memorias biographicas.**
- XXIII — **Portugal na balança da Europa — «Do que tem sido e do que ora lhe convém ser na nova ordem de coisas do mundo civilizado».**
- XXIV — **Politica — «Reflexões e opusculos» — «Correspondência diplomática» — Vol. 1.^o**
- XXV — **Politica — «Reflexões e opusculos» — «Correspondência diplomática» — Vol. 2.^o**
- XXVI — **Discursos parlamentares.**
- XXVII — **Cartas intimas.**
- XXVIII — **Garrett e a sua obra, por Theophilo Braga.**

OBRAS COMPLETAS

DE ALMEIDA GARRETT

Edição revisada, coordenada e dirigida pelo Dr. Theophilo Braga

XIII

THEATRO

VOLUME V

Falar verdade a mentir

As Prophecias do Bandarra

Um noivado no Dáfundo

O Camões do Rocio

EDIÇÃO ILLUSTRADA



LISBOA

EMPREZA DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIBRARIA MODERNA

95 RUA AUGUSTA, 95

TYPOGRAPHIA

45, RUA IVRES, 47

1904

FALAR VERDADE A MENTIR

Completâmos este quarto volume do theatro do Sr. Garrett com a graciosa composição *Falar verdade a mentir*: é uma pequena comedia do bom, franco e jovial caracter antigo, mas nos costumes actuaes. A idéa geral tambem é do reportorio francez, como a antecedente; mas a idéa é o menos aqui, apezar de galante e engenhosa. O estylo, os modos, a phrase, o tom do dialogo, a verdade dos costumes são tudo. Este é um verdadeiro e portuguezíssimo quadro de *genero*, como se diz, em que não ha caricatura, mas tam naturaes similitudines que ninguem deixa de conhecer os originaes e de rir com elles. Os originaes porém são typos genericos bem conhecidos, sem de nenhum modo ser individuaes; são as feições de uma parte da sociedade, mas não as de nenhuma pessoa d'ella.

Equalmente foi escripta esta peça para o Thairo de *Thalia*, e n'elle representada com muita acceptação e applauso.

FALAR VERDADE A MENTIR

COMEDIA

Representada, a primeira vez em Lisboa, no theatro de Thalia
pela sociedade particular do mesmo nome, em sete d'Abri de

MDCCXLV

PESSOAS

BRAZ FERREIRA
AMALIA
DUARTE GUEDES
O GENERAL LEMOS
JOAQUINA
JOSE FELIX

UM LACAIO, UM CRIADO SEM LIBRE⁵

Logar da scena—Lisboa

ACTO UNICO

*Sala de visitas elegante. Porta ao fundo e lateraes.
A' esquerda, mesa com escrevaninha*

SCENA I

JOAQUINA, JOSÉ FELIX

Joaquina—Entre, senhor José Felix, entre. Isto são umas madrugadas!... Para uma pessoa como o senhor José Felix, o criado particular de um fidalgo da corte! Lá por fóra ainda mal são nove horas.

José Felix—Nove horas... e fidalgo da corte!... Recolha o seu espirito, senhora D. Joaquina. Meu amo é general, estamos de acordo; nove horas deram ha muito. Mas cá em Lisboa contam-se as horas e os fidalgos por outro modo. Lá na província, minha querida Joaquina...

Joaquina—Ai, como tu estás tolo! A província, a província... Ora isto! Saiba que eu que venho do Porto, senhor José Felix, que é a segunda capital do reino, e a cidade eterna, como dizem os periodicos. Província será a sua terra de você, que hás de ser a Lourinhan, ou a aldeia de Pai-Pires, ou coisa que o valha. E então?...

José Felix—Basta, Joaquina, basta; recolhe o teu espirito, que já aqui não está quem falou. Soube inda agora que tinham chegado hontem á noite no vapor, que estavam aqui n'esta hospedaria, que é pegada quasi com a nossa casa; e vim logo, minha adorada Joaquina, reclamar o premio de onze meses de eternas saudades.

Joaquina—E você, vamos a saber, você tem sido constante, fiel?...

José Felix—Horrivelmente fiel! Maldição, Joaquina, maldição!...

Joaquina—Que diz elle?

José Felix—Se tu vens da... da província não.

Não, Joaquina, tu não vens da província, vens da cidade eterna.... Virás. Maldição eterna sobre quem o duvidar! Mas vens, vens d'onde ainda se não sabe a lingua das romanticas paixões, dos sentimentos copiados do nú da natureza como nós cá a temos na rua dos Condes, e nos folhetins das folhas públicas, que são o orgão da opinião incomensurável dos séculos.

Joaquina—Se te eu entendo...

José Felix—Ah! tu não entendas? Bem, Joaquina, bem. Nem eu: nem ninguem. Por isso mesmo, Joaquina. A moda é esta. Deixa: em tu estando aqui oito dias, ficarás mais perfeita do que eu; porque a tua alma de mulher é feita para compreender o meu coração de homem. E então, vês tu? Oh Joaquina, anjo, mulher, sôpro, sylpho, demonio! eu amo-te! amo-te, porque....

Joaquina—Cruzes!

José Felix—Não me interrompas, não me interrompas, deixa ir. Sylpho, anjo, sôpro, mulher! amo-te, porque o meu coração está em braço, e tenho umas veias, e estas veias... têm umas arterias... e estas arterias têm... não têm... as arterias não têm nada; mas batem, batem como os sinos que dobram pelo finado na hora do passamento, que é morrer, morrer, morrer... oh Joaquina, morrer! E que é a morte? E' a vida que cae nos abysmos estrepitosos da eternidade, que é, que é...

Joaquina—Isto é comedia, ou tu estás a mangar commigo?

José Felix—Isto é o drama das paixões, que o sentimento, a verdade...

Joaquina—Pois olha: tinha uma coisa muito séria que te dizer; mas como tu estás doido, adeus!

José Felix—A poesia da vida é esta, Joaquina. Mas... mas passemos á vil prosa dos interesses materiaes do paiz, se é preciso. Vá. Far-te-hei mais esse sacrifício. Que exiges tu de mim?

Joaquina—Que deixes essas pateticas agora e oiças. Meu amo, o senhor Braz Ferreira, que é um ricas-

so como tu sabes, um d'aquelleas negociantes do Porto que têm dinheiro como milho, vem de proposito a Lisboa para casar a menina. E' uma filha unica e morre por mim, coitada! E' um anjo! Prometteu-me que no dia que se assignassem as escripturas tinha eu o meu dote.

José Felix—Dote! Céos! um dote... Oh Joaquina, pois tu tens um dote?... Não quero saber de quanto. Quem eu! Maldição sobre mim!

Joaquina—Cem moedas.

José Felix—Oh! seja o que fôr, que me importa! O amor, o amor verdadeiro não conta os pintos do objecto amado... Não... E é em dinheiro de contado, sonante, Joaquina!

Joaquina—Sim senhor.

José Felix—Melhor: porque bem vês, com a minha educação, um rapaz que emigrei, estive em Paris, e hoje sou criado particular de um general... habilitado para ser mórdomo de um club dos de primeira ordem—a Galocha já eu recusei—bem vês, não podia formar uma aliança que me não desse os meios de sustentar a posição social em que me acho collocado. Mas tu tens dote; acabou-se. Recolho o meu espirito e estendo a minha mão.

Joaquina—Ai, José Felix! mas o casamento de minha ama ainda não está feito.

José Felix—Fois que ha... que impedimentos?

Joaquina—Não sei... quando vinhamos no vapor pareceu-me, vi que havia transtorno. O pae e a filha tiveram suas coisas a esse respeito e a menina anda triste, desassoeegada. Estou certa que ha impedimento grande, ha obstaculos...

José Felix—Obstaculos! Não ha, não os pôde haver. A minha paixão, a nossa felicidade, cem moedas sonantes, mil pintos c'os diabos! absolutamente não pôde deixar de ser, haue-se fazer este casamento, Joaquina... A honra, a delicadeza, tudo lhe ordena, senhora Joaquina, que vá já desenganar o papá. E se é preciso que eu tome parte na questão...

Joaquina—O caso era saber a gente o que é, e onde a coisa péga... Mas espera; olha, ahí vem a senhora D. Amalia: deixa-te tu estar e... Mas não vás tu fazer falta em casa a teu amo.

José Felix—Meu amo! Toma. Tu estás muito atra-
zada, Joaquina. Meu amo é um cavalheiro, um ge-
neral, uma pessoa da primeira sociedade, portanto
costumado a fazer esperar os outros, e a esperar
elle pelos seus criados, que é a regra. Além d'isso
eu tenho licença por todo o dia, que houve lá uma
coisa em casa... A senhora chorou, o senhor ra-
lhou. Eu te contarei n'outra occasião, que hasde
rir. O caso é que hoje tenho o dia por meu. Ella
ahi vem, a tua ama. Vem triste, coitada! Firme,
Joaquina! Olha que a coisa é séria para ti, um dote
e um marido!

SCENA II

DITOS e AMALIA

Amalia—Joaquina! Joaquina! ando á tua procura. O
senhor Duarte ainda não veiu?

Joaquina—Não, minha senhora.

Amalia—Que homem é esse com quem tu estavas a
falar?

José Felix—Anda, apresenta-me como gente.

Joaquina—Minha senhora, é aquelle rapaz de quem
lhe eu dizia no Porto...

Amalia—Ah! já sei: o senhor José Felix. Tens bom
gosto, Joaquina. O peior é que se vocês não têm
de casar senão quando o meu casamento se fizer,
tenho muito medo que ainda esperem bem tempo.

Joaquina—Então porquê, minha senhora?

Amalia—Ora, estou desesperada, transtornou-se tu-
do; meu pae quer quebrar com elle.

Joaquina—Com o senhor Duarte?

Amalia—Sim: pois com quem?

José Felix (*aparté*)—Meu Deus! e as nossas cem
moedas!

Joaquina—Não é possível: a mesma familia, a mes-
ma riqueza, um casamento tam igual, tam acerta-
do... Seu pae não se hade atrever.

Amalia—Nada, não! Veiu a Lisboa—agora é que o
eu sei bem—só para achar pretexto de o desman-
char.

Joaquina—Pois não o hade achar. O senhor Duarte
é um rapaz como ha poucos. Juizo não lhe falta:
suas doidices... não é, é pancada da mocidade.

Isso passa depressa. Bom coração... não o ha melhor. Quer a senhora saber? O mal que elle faz é por moda... todos assim são... e o bem que elle faz, que é muito, esse, minha senhora, não é moda que pegue.

Amalia—Pois sim; mas já que falamos nos seus defeitos, sempre te digo que elle que tem um, que se meu pae o vem a descobrir... Tenho-lh'o encoberto até agora, mas se elle o chega a conhecer, acabou-se, nunca mais lhe perdôa. Meu pae é um negociante dos antigos, que leva a honra e probidade, a lisura e a verdade no trato, a um ponto de severidade que é quasi rudeza... e Duarte é muito bom rapaz, não ha duvida; mas não sei se é distração se é doidice, tomou o costume de nunca dizer uma palavra que seja verdade.

José Felix—Percebo: tem viajado muito...

Joaquina—Não, mas é morgado, e de raça quasi castelhana...

José Felix—Entendo, entendo: échelas usted mas blandas.

Joaquina—E de mais a mais, ha seis mezes que está em Lisboa...

José Felix—Onde todos os talentos se aperfeiçoram.

Amalia—Emfim, meu pae declarou que a primeira mentira bem clara, bem provada em que o apanhasse, tudo estava acabado.

José Felix—Ora adeus! O senhor seu pae com efecto... elle ainda é parente, bem se vê, hade ter sua costella hespanhola... O seu projecto é outra hespanholada tambem... Querer impedir que um rapaz de tom, da moda pregue a sua petal... Isso é mais do que formar castellos em Hespanha, é querer metter o Rocio pela Bitesga.

Amalia—Meu pae é que o não entende assim: e eu não sei como heide avisar a Duarte.

Joaquina—Vou eu pôr-me á espera d'elle. Não tarda a vir por ahi; e antes que entre e que fale com seu pae, heide avisál-o que tome conta em si, e que não dê noticias senão as que fôrem officiaes... a ser possivel.

Amalia—Calla-te: oijo falar no quarto de meu pae; é a voz de Duarte.

Joaquina—É que entrou pela outra escada.

Amalia—Está tudo perdido! Se elle falou com meu

pae... ápôsto que já... Nunca vi: é que não pôde, mente por habito e sem saber o que faz.

Joaquina—Então agora o que se podia... o que era de mestre, era fazer que o senhor Braz Ferreira o não conhecesse. Por fim de contas, a nós que nos importa que elle minta, comtanto que seu pae o não perceba!

José Felix—Ella tem razão, a Joaquina. E é mais facil isso. Se a senhora D. Amalia se confia em mim, e me auctoriza...

Amalia—Oh meu Deus! Se vocês encobrem aquelle defeito a meu pae, fico-lhes n'uma obrigaçao... Depois em nós casando, eu o emendaréi. Que se não fosse isso...

José Felix—Está claro, minha senhora. Mas agora é preciso que o senhor Duarte me não veja. Eu é que se pudesse ouvil-o, e fazer assim idéa do seu modo.

Joaquina (*apontando para uma alcôva, à direita*)—Ora!... aquella alcôva... e tem uma porta que dá direita na escada... Elles ahi vêm: entra depressa, esconde-te.

SCENA III

JOAQUINA, AMALIA, BRAZ FERREIRA,
DUARTE

Braz Ferreira—Agora essa é demais!... Cem mil cruzados de renda!

Duarte—Pois é tal e qual como lh'o digo... uma senhora brasileira—marqueza, que é o menos que lá ha, a marcaza de Paraguassú. Engenhos de assucar a moér, trezentos e seis; pretos... entre pretos, mulatos, cabras e cabritos, é uma conta que mette medo; sem falar em cajús, bananas, farinha de pão, papagaios e periquitos, que isso anda a rôdo pela casa—pois a mesma em pessoa é que me pediu, a mim.

Braz Ferreira—Uma marcaza devéras!

Duarte—Marqueza devéras. E eu recusei: escuso de dizer porquê... (*olhando para Amalia*.)

Braz Ferreira—E que caminho levou essa fidalga? Tomára vél-a.

Duarte—Vêl-a, coitada! Apenas lhe dei o fatal desengano, saiu d'aqui no primeiro navio para Pernambuco, de Pernambuco á Bahia, da Bahia para Nitheroy, de Nitheroy—que desgraça!—passava para o Rio de Janeiro n'aquelle vapor que arrebentou... morreu escaldada a pobre da marqueza.

Braz Ferreira—Que pena!

Joaquina (*á parte*)—Que fortuna!

Braz Ferreira—Se ella vivesse, queria saber...

Joaquina (*á parte*)—Por isso Deus a levou: inda bem!

Braz Ferreira—Sempre lhe acontecem coisas a este rapaz!

Duarte—Inda isto não é nada—Mas deixa-me falar com esta querida Amalia. Que gosto que eu tenho de a tornar a vêr! Mas chegou hontem, e não me manda dizer nada! Se eu tal soubesse, não tinha ido a S. Carlos, onde me sucedeu, comtudo, uma aventura, á saída do theatro... Queriam roubar esta prima dona que chegou ha pouco... roubá-la... levál-a a ella n'uma sege... Accudo eu, duas bengalladas no bolieiro, deito a mão ao cavallo das varas, o da boléa espanta-se, quebra os tirantes, foge... os meliantes fogem tambem e... Mas que é isso, que tem? Que tristeza é essa? En tão não sabe que seu pae consente emfim em nos unir hoje? hoje mesmo!...

Amalia—E' possivel!

Duarte—Sim, deu-me a sua palavra que esta noite, depois do jantar, se assignavam as escripturas; mas com uma condição sómente que me não quiz dizer qual era. Disse-lh'a, não disse?

Amalia—Disse, Duarte, disse; e bem medo tenho que já não esteja no seu poder cumpril-a.

Braz Ferreira—Pelo menos hade-lhe custar, me parece. Mas quero ser justo, e não heide condenar sem provas. Por desgraça estou bem persuadido que te não hasde ver afflito por me dar quantas eu queira d'aqui até á noite.

Duarte—O que a mim me parece é que no Porto deram em falar por enygmias, porque eu não entendo nada. Mas seja o que fôr: o que eu entendo bem é o amor que lhe tenho, Amalia, a affeição tam verdadeira que me inspirou, e que me persuado merecer-lhe tambem. Estou tam contente de a vêr... Separados ha seis mezes!

Braz Ferreira—Queira Deus que tu tenhas aproveitado este tempo, que adquirisses amigos, boas relações, protectores. Nas tuas cartas nunca me falavas no general Lemos, o melhor amigo de teu pae. Dar-se-ha caso que o não fosses visitar, ou que deixasses de frequentar uma casa que?...

Duarte—Ao contrario, vou lá todos os dias. E' a casa mais agradável de Lisboa: uma senhora extremamente amavel... O outro dia compuz eu uma modinha para ella... uma letra que não ficou feia... hoje tinha ficado de lhe ir levar a musica.

Joaquina (*a Amalia*)—Jesus! que medo que eu tenho! José Felix, que está em casa do general, tinha-m'o dito decerto, se fosse verdade.

Duarte—O meu general, coitado! o meu santo general Lemos tem-me obsequiado e tem-me feito serviços... interessou-se por mim de uma maneira... O caso é que hoje tenho eu á minha disposição, para escolher, tres logares de primeira ordem, recebedor geral em Evora, Santarem...

Braz Ferreira—Escolho eu: Santarem. E vamos já, já d'aqui sem demora a casa do general.

Duarte—Oral inda agora chegou, se pôde dizer, e hade ir já tratar de negocios! Não senhor, cuidemos dos divertimentos primeiro. Quero eu fazer as honras da capital a esta senhora. Ha hoje beneficio em S. Carlos, toca o Listz: mandei-lhe tomar uma friza. Depois vamos ao baile do club: temos quantos bilhetes quizerem; eu sou director.

Braz Ferreira—Tu és director, tu!

Duarte—E' verdade: eleito por duzentos votos.

Braz Ferreira—Duzentos votos! pois quantos sócios tem o club?

Duarte—Duzentos e um. Não perdi senão um voto; e mais foi cá por certa coisa que eu sei.—E' verdade, e como se arranjam n'este hotel? E' o melhor de Lisboa. Os quartos não são grandes, não... Mas eu móro nos outros de cima, e então... foi egoísmo da minha parte...

Braz Ferreira—A falar a verdade, eu gostava mais do Caes do Sodré.

Duarte—Ora se eu tal soubesse, mandava arranjar um quarto da minha casa que é mesmo no fim da rua do Alecrim.

Amalia—A sua casa!

Braz-Ferreira — Pois tu tens uma casa em Lisboa?

Duarte—E que me não custou cara. Assignei por trezentos contos na Companhia-monstro, vendi, ganhei dez por cento sem desembolsar cinco réis .. bagatella! trinta contos de réis: não sabia o que lhe havia de fazer, comprei aquella casa.

Braz-Ferreira—Com a brécal é fortuna.

Duarte—Uma casa linda, nova: sahida por tres ruas — e tenho quasi tudo alugado:—tudo, inda assim! menos o segundo andar que é o melhor, e para onde podiam ir se eu soubesse. Mas emfim sempre era um segundo andar.

Braz-Ferreira—Que me importa! Os segundos andares em Lisboa é o mais habitavel das casas. Vou para lá morar eu para a tal casa.

Duarte—Que pena que eu tenho! Se tal adivinhasse, não a tinha vendido hontem.

Braz-Ferreira—Pois já a vendeste?

Duarte—É verdade, trinta e tres contos; e inda ganhei... uma bagatella é certo; mas sempre é melhor que perder. E havia seus concertos, suas despezas que fazer.

Braz-Ferreira—Concertos n'uma casa nova?

Duarte—Eu lhe digo: é que as aguas-furtadas tinham sido feitas de empreitada, e bem sabe... Emfim, vendi e não fiz mal. Trinta e tres contos é mais certo, e não paga impostos e tal...

Braz-Ferreira—E o comprador é pessoa segura?

Duarte—Oh! segurissima. Um homem de uma fortuna immensa, um negociante retirado, Thomaz José Marques... hade conhecer...

Braz-Ferreira—Não conheço: admira-me.

Duarte—Tem estado quasi sempre no Brasil e em Inglaterra, veiu estabelecer-se aqui agora. Compra tudo quanto apparece em bens de raiz. Esta manhã ficou elle de me trazer aqui o dinheiro. Não me dá cuidado nenhum.

Joaquina (*de parte*)—Nem a mim.

Amalia (*baixo a Joaquina*)—Ai Joaquina, que esta parece-me que é...

Joaquina (*baixo a Amalia*)—Tambem a mim.

SCENA IV

DITOS, UM CREADO DA HOSPEDARIA

Creado (*trazendo uma carta*)—Para o senhor Braz Ferreira, do Porto.

Braz Ferreira—Sou eu: dá cá. (*Abre*) Ah! é para o tal pagamento. (*O criado sae*) Vejamos as minhas contas: quanto tenho eu em dinheiro?... Dá-me licença, Duarte; tenho uns papeis que arranjar. Conversa com minha filha. (*Tira a sua carteira e vai sentar-se á esquerda*).

Amalia (*baixo a Duarte*)—Não se emenda, está visto.

Duarte—De a adorar? não, decerto.

Amalia—Não é d'isso, é do seu maldito vicio, que nos deita a perder: meu pae jurou que desfazia o nosso casamento se d'aqui até á noite o apanhasse n'uma mentira.

Duarte—Oh! meu Deus, o que fiz eu.

Amalia—Pois que é, Duarte? Tudo quanto tem estado a dizer?...

Duarte—É verdade no fundo; accredite: agora os detalhes... os pormenores... eu não sei como isto é... não é com má tenção... mas a maior parte das vezes, as coisas contadas taes quaes como ellas são... ficam d'uma semsaboria tal...

Amalia (*com ironia*)—Que não pôde resistir ao desejo de as enfeitar, e de mostrar a riqueza da sua imaginação.

Duarte—Não torno mais. Juro-lhe que nunca mais.

Amalia—Calle-se, que pôde ouvir meu pae.

Duarte—Não me importa, não tenho medo; estou emendado e para sempre. Amalia prometto, heide ser o modello dos maridos, leal, sincero, verdadeiro, sempre...

Amalia—Sempre! Se meu pae ouvisse essa palavra, desfazia logo o nosso casamento.

Duarte—Amalia, isso tambem é demais!...

Braz Ferreira (*chegado com um papel*)—Não tenho dinheiro que chegue. E eu sem me lembrar!

Duarte, hasde-me fazer um favor.

Duarte—Qual? estou prompto.

Braz Ferreira—Uma letra de tres contos de réis para descontar.

Duarte—Em bem má occasião, co'a fortuna! não tenho um pinto.

Braz Ferreira—Não tens!... e aquelle dinheiro?

Duarte—Qual dinheiro?

Braz Ferreira—O da tua casa.

Duarte—Da minha casa?... Ah sim, é verdade. E' que actualmente...

Braz Ferreira—Já dispozeste d'elle?

Duarte—Não, não, isto é, decerto modo já; mas propriamente...

Amalia (*baixo a Duarte*)—Vê o que é mentir.

Duarte—Em summa, porque lhe não heide dizer francamente o que é, meu tio?... Eu tinha minhas dívidas...

Amalia—Outra, Duarte?

Duarte—Não, esta não; é verdade puríssima. Um rapaz não pôde viver sem isso. Ora sucedeu, por uma coincidencia exquisita, que o comprador da minha casa, o tal senhor José Marques...

Braz Ferreira—Inda agora disseste Thomaz...

Duarte—Thomaz José Marques, um fino agiota da gemma.

Braz Ferreira—Tinhas-me dito um negociante.

Duarte—Negociante, porque negoceia em papeis e descontos por atacado, e faz uzura em grôsso. Em-fim, o meu honradíssimo homem, que já é commendador e sâe conselheiro um dia d'estes, era o que me tinha emprestado o dinheiro. De sorte que na compra da casa, feitas bem as contas...

Braz Ferreira—E tu devias ao comprador?

Duarte—Uns dez a doze contos de réis.

Braz Ferreira—Então vendeste por trinta e tres: tem de te dar ainda de tornas vinte e um contos.

Duarte (*atrapalhado*)—Vinte contos de réis... E' o que lhe eu dizia... (A parte) Como heide eu sahir d'esta?

Braz Ferreira (*olhando para elle*)—Dar-se-ha caso que tu me pregasses uma das tuas... que tal comprador não exista?

SCENA V

DITOS, JOSÉ FELIX *disfarçado em negociante velho*, JOAQUINA

Joaquina—O sr. Thomaz José Marques.

Duarte (*pasmado*)—O senhor!...

Braz Ferreira (*idem*)—Como?

José Felix (*a Duarte*)—Peço-lhe desculpa meu caro senhor Duarte, de o perseguir assim pelas casas alheias; mas a obrigação, como lá dizem está primeiro que a devocão. E aqui, parece-me que todos parentes os senhores, não quer dizer nada... O senhor seu pae, creio eu?... E estas senhoras, suas manas? Tenho a honra de as cumprimentar. Custa-me vir importunál-o... mas são duas palavras e já me retiro.

Duarte (*á parte*)—Que historia será esta?

Amalia—Estes senhores querem tratar dos seus negócios... Meu pae dá licença, eu retiro-me.

Duarte—Para quê?... Eu por mim, não tenho segredos nenhuns...

José Felix—A falar a verdade, para uma senhora não é divertido ouvir tratar de titulos, registos, termos de posses, escripturas... ainda se fossem de casamento—vá, tem a gente paciencia, recolhe o seu espírito, e...

Braz Ferreira—Vae, minha filha, vae: nós não tardamos também.

SCENA VI

DITOS, *menos AMALIA*

José Felix—Então meu caro senhor! eu venho acabar com isto: fazemos ou não fazemos o negocio da sua casa?

Duarte (*admirado*)—Da minha casa?

José Felix—Da sua casa... inda assim! da que vossa senhoria vendeu e eu comprei: não se trata senão de entrar de posse... É verdade: que cabeça a minha! Muitos recados da senhora D. Jacintha Marques, minha mulher, uma creada de vossa senhoria. Já me ia esquecendo. É que eu

em se tratando de negócios, a respeito de tudo o mais recolho o meu espírito.

Duarte—Ah! então o senhor vem?... (a Braz) A mim sempre me sucedem coisas! Esta é a mais extraordinaria...

Braz Ferreira—Que lhe achas tu extraordinario?
Vendeste a casa...

Duarte—Está claro... pois isso é o que me admira.
Mas se o tio soubesse!...

José Felix—O contracto não está assignado, mas é como se o fosse. Oh! bem entendido: décima e impostos annexos, por este anno ainda lhe pertence a vossa senhoria pagál-os.

Duarte—Esta agora é melhor! não me faltava mais nada. Com que eu hei de pagar?... eu! a décima da tal casa que... que vendi ao senhor... senhor...

José Felix—Thomaz José Marques, um criado de vossa senhoria.—Pois, meu senhor, é como se tudo tivesse assignaturas e signaes em publico e razo. Eu sou um homem de dizer e fazer. E o dinheiro está prompto; quando quizer.

Duarte (*á parte*)—É uma pulha de enruado; está visto. Mas deixa, que eu já te apanho. (*Alto*) Então como o dinheiro está prompto, meu caro senhor Thomaz José Marques, o dito dito, faz favor de m'lo entregar...

José Felix—Essa é boa! certamente. (*procurando nas algibeiras d'onde, por fim, tira a caixa do tabaco*) Assignado o contracto e certidão tirada do registo das hypothecas...

Braz Ferreira—Tem razão.

José Felix—Além d'isso, o senhor Duarte bem sabe, aquellas continhas velhas... não lhe venho a restar senão...

Duarte (*á parte*)—Não sei como se pôde mentir com aquelle desembaraço...

José Felix—E já está em poder do tabellião o saldo...

Duarte—Pois é pena! tinha vontade de vêr as cruzes ao seu dinheiro, senhor Marques... E por causa d'este senhor meu sogro, mais por outras razões particulares... se me podesse dar aqui já algum ao menos (*á parte*) tinha mais graça a mangação.

José Felix—Faço idéa: na sua posição, hade-lhe ser preciso realizar .. ainda que não seja senão para as suas fianças.

Duarte—As minhas fianças.

José Felix—Então! a recebedoria geral de Santarem.

Braz Ferreira—O que? pois elle será verdade?... O que tu me diseste inda agora de um emprego?...

José Felix—O decreto está assignado: não ha ninguem que o não saiba... O general Lemos tem uma influencia com os ministros... Inda esta manhã estive com elle. E' um bello sujeito o general... e olhe que é seu amigo, senhor Duarte, seu amigo devéras... E então a senhora D. Mathilde, a mulher do general? não falemos n'isso. E' verdade: tenho que ralhar com vossa senhoria da sua parte. Isso não é bonito; prometteu, deve cumprir. Aquella musica, não se lembra? para aquella modinha, que lhe fez a letra—e que hade ser linda... mas não ha musica onde caiba.

Duarte (*á parte*)—Irral isto já é descôco de mais... é já muita cacoada junta. (*Alto*) Oh lá senhor... sabe que mais?...

José Felix—Aos pés de vossa senhoria, senhor recebedor geral!—Um logar magnifico! verdadeiramente dos rendosos e pouco trabalhosos! Com um poucochinho de geito e de *savoir-faire*—quaesquer boas relações no thesouro, um amigo seguro nas companhias-monstros... pôde-se andar muito caminho em pouco tempo. Hão de gritar, é o costume—hão de gritar: o recebedor geral para aqui, o recebedor geral para acolá!... Deixál-os gritar; ri-se a gente, e vae arranjando a sua vida. A minha regra, a minha regra, que é: em ouvindo tolices recolho o meu espirito. E com isto não enfado mais. Creado e fiel captivo ... (*Vae-se*).

SCENA VII

DUARTE, BRAZ FERREIRA, JOAQUINA

Duarte—Com efeito, sempre é o maior falador!

Braz Ferreira—Tenho que te pedir perdão, meu Duarte: confesso-te que tinha desconfiado, estava em duvida...

Duarte—Ó que! pois meu tio?...

Braz Ferreira—Mas acabou-se com isto, acabou-se. Vamos já immediatamente a casa do general, e apresenta-me como teu sogro, quero-lhe agradecer.

Joaquina (*á parte*)—Está perdido!

Duarte (*atravessado*)—Hoje é... domingo... hoje está elle na Outra banda na sua quinta da Lameda. E' um sitio delicioso a Lameda, á borda do Tejo, uma vista, uns áres... Vamos lá, uma, duas vezes na semana: sempre lhe digo, senhor Braz, que ha alli um bilhar em que eu tenho feito as bolas mais espantosas... O outro dia carambolei... eu lhe digo como a negra estava...

Braz Ferreira—Sim, sim; mas não é hoje que o general hade jogar no tal bilhar, porque ainda agora este Thomaz José Marques me disse que tinha estado com elle esta manhã. Assim, como eu não estou para ir só, vamos.

Duarte—A'manhã, cada vez que quizer; mas hoje é-me impossivel.

Braz Ferreira—Então porquê?

Duarte—I enho uns amigos á minha espera esta manhã—um pequeno almôço de rapazes... mas contamos com o meu caro sogro.

Braz Ferreira—Eu não posso: prometti de ir almoçar com o barão da Granja.

Duarte—Ahi está! E eu que tinha mandado fazer um almôço magnifico, um verdadeiro *ambigu*. Champagne, jii se sabe. Um cerceal da Madeira que bate quantos hocs e jobannisbergs tem o Rhim—torta de camarões e ostras, e dois faisões que me chegaram hontem de Inglaterra pelo vapor, coisa preciosa! (Joaquina parece tomar sentido na tista dos pratos.)

Braz Ferreira—Ora vá—pois seja... Mas ainda não são senão dez horas; o teu almoço hade ser como o meu, para o meio dia: e d'aqui lá, temos tempo de sobejo para ir a casa do general. Assim, anda, vem... Então que é isso!

Duarte (*á parte*)—Está teimoso com a tal visita.

Joaquina (*á parte*)—O pobre rapaz não sabe com que santo se hade pegar.

Braz Ferreira—Então! que tens tu? Que pasmaceira é essa? Não podes sahir de casa por meia hora?

Duarte—Pois emfim, meu tio, já que não ha outro remedio, vou dizer-lhe... já que lhe não posso ocultar o que eu tanto desejava... saiba que não posso sair de casa esta manhã nem um minuto. (*Baixo*) Tenho um desafio, e estou á espera do meu adversario.

Braz Ferreira—Oh meu Deus!

Joaquina—Bem n'o dizia eu: aqui temos outra.

Braz Ferreira—E então aquelle almoço que tu me dizias ainda agora?

Duarte—Lá está... lá está o almoço, posto lá, á espera... Um dos rapazes que ahi vem almoçar é que me hade servir de padrinho.

Braz Ferreira—Isso! outra cabeça doida como a tua: haviam de fazel-a bonita... Não senhor, tocame a mim: eu é que heide arranjar esse negocio.

Duarte—Ora, não se metta n'isso, deixe cá a gente. Póde compromettel-o... nós somos rapazes, é outra coisa.

Braz Ferreira—Nada, nada! quero saber como isso é, como isso foi, senão adeus casamento.

Duarte (*á parte*)—Que diacho de homem! (*Alto*) E o seu almoço em casa do barão da Granja?...

Braz Ferreira—Importa-me cá almoço nem meio almoço! que espere o almoço. Trata-se da tua vida, da tua honra... Tu, filho do meu maior amigo, e agora meu filho, que és quasi como se o fosses já! Vamos fala, conta-me lá como isso foi, quero saber tudo por meudo.

Duarte (*á parte*)—E' um homem capaz, por fim de contas o meu sogro (*Alto*) Ora pois ouça, senhor Braz, e não tome estas coisas em ponto de admiração... é um caso como ha tantos, um *mal-entendu*, uma brincadeira por fim.

Braz Ferreira—Não está má brincadeira! pôr em perigo a sua vida, a de um amigo! Assim é que vocês o entendem...

Duarte—Primeiro que tudo, é um inglez.

Braz Ferreira—E' o mesmo... E para que hasde ir tu logo ás do cabo, logo com as mãos á cara?...

Duarte—Eu não lhe toquei.

Braz Ferreira—Ou com palavras?

Duarte—Eu não lhe falei.

Braz Ferreira—Então?...

Duarte—Eu lhe digo como a coisa se passou. Fui

hontem jantar fóra, a Bemfica... uma casa linda á Beira da estrada... O dia estava bello, um dia de verão. Depois de jantar viemos tomar café para um terraço delicioso que fica mesmo rente com a casa... E' uma especie de kiosque... uma lindeza! faça ideia... e pouco elevado do chão. A casa fez-se este anno, ainda lhe não puzeram grades no terraço... repare bem n'esta circumstancia... note...

Braz Ferreira—Noto, noto, e faz-me estremecer. Querem vêr que sucedeu alguma?

Duarte—Olça; a dona da casa, senhora extremamente amavel... e moça ainda... uns olhos pretos!... a dona da casa pergunta-me se quero mais assucar... Eu tinha a chicara na mão, o café soberbo e a ferver... Eu entretido a olhar para a senhora e a dizer lhe algumas coisas agradaveis... o tio bem sabe... não reparei na chicara que estava muito cheia a deitar por fóra... e eu de sapatos... Sinto escaldar-se-me um pé, de repente, dou um pulo á retaguarda, empurro um sujeito que estava por traz de mim... para a borda do terraço... e com a fortuna...

Braz Ferreira e Joaquina—E Jesus!

Duarte—Perigo nenhum!... cinco ou seis palmos de altura... Mas a desgraça foi que justamente n'esse momento passava um official inglez da nauviria de Cintra ou das Laranjeiras, mas vinha a pé... para um inglez é indiferente; e o meu sujeito cahe-lhe mesmo em cima dos hombros.

Joaquina (*rindo*)—Ah! ah! ah! Já não posso mais. Braz Ferreira—O' Joaquina, pois ris-te?...

Joaquina (*contendo o riso*)—Oh! senhor, é que eu já não posso... não me pude conter.

Duarte—O mesmo sucedeu a toda a companhia. O inglez desesperado embirra commigo, teima que eu o fiz de propósito, que lhe atirei com o homem... eu procuro acommodar a coisa; offereço-lhe a desforra, dando-lhe até um primeiro andar de partido, isto é, que o atirem a elle do segundo sobre mim... Recusa tudo... não houve remedio senão dar-lhe a minha *adresse*; elle dá-me a sua... E lord Coockimbroock ahi vem logo buscar-me com um par de pistolas.

Braz Ferreira (*abanando a cabeça*)—Confesso-te

que a tal historia sempre me parece bem extraordinaria... Mas não importa, eu não te largo, e quero ser o teu padrinho.

Duarte (*á parte*)—E' cabeçudo ou não é? (*Alto*) Mas, senhor Braz, eu faço escrupulo de lhe pregar uma maçada... E se elle não vier?... Não era a primeira que succedia. Ha por abi sujeitinho que, à mais pequena coisa, tem logo na bocca «A sua *adressesel*». Cuidam que é para a gente lhe não escapar? Não senhor, é para se escaparem elles.

Braz Ferreira—Pois bem, se elle não vier, iremos nós ter com elle.

SCENA VIII

DITOS, JOSÉ FELIX (*de inglez*), UM CREADO

Creado—Milord Coockimbroock!

Braz Ferreira (*espantado*)—O quê?... pois devoras?...

Duarte (*admirado*)—Temos outra! Esta agora ainda é melhor.

Joaquina (*á parte*)—Bravo!... vou dizer a minha ama, e advertil-a...

SCENA IX

JOSÉ FELIX, DUARTE, BRAZ FERREIRA

José Felix—Sinhórr, eu vem tomar vóssinhórrie pór o pequena diverrtissemente de .. to exchange, querr dizerr, trrócar dois tirras de pistol entre nós ambas amiguevolmente.

Duarte (*á parte*)—A' pistola, c'os diachos!

Braz Ferreira—Pois quê, milord! o caso de hontem?

José Felix—Essa foi muito disagréavel! E ésto foi por guardarr todo o cólerra que me tem causado, que eu guardarr meu sombréro—em po tegui, meu chapello—como elle esteve hontem. (*Mosira o chapéu com o fundo dentro*) Vê vóssinhórrie? Oh! eu vem pedirr satisfáxion in fórrma.

Duarte (*á parte*)—Agora é que eu já não entendo. Estou a vêr se por acaso... Não fosse eu dizer a verdade?

José Felix—Oh, yess! foi um brincadeiro muito má.
 Eu não impedir vossinhorrie de atirrar com homem, se faz-lhe prazer, *if you please*; mas é estylo de suo capital gritar primeirra de janella: «*homem vae!*»—Eu trazia meu umbella, podia ter abrido, como faz quando dizem: «*aguo vae!*»—que é sempre um grande peto em Lisbon, este de dizer: «*aguo vae!*»—Oh, yess! não é aguo, vóssinhorrie... (Sorrindo.)

Duarte (á parte)—Irra! Chegou-me a mostarda ao nariz, com o tal engracado tolo que apostou de mangar commigo: heide saber quem elle é. (Alto) Pois senhor, uma vez que veiu para se bater, havemo-nos bater, e já.

Braz Ferreira—Essa é que é a moderação que tu me dizias?...

SCENA X

DITOS e AMALIA

Amalia (accudindo)—Oh meu Deus! que é isto?

José Felix (baixo a Amalia)—Separe-nos, ande...

(Alto) Eu não bato a mim.

Duarte—Mas mim bate a ti. Agora o veremos.

Braz Ferreira—E eu mando-te que te calles. Que tal está! Ai que eu!... (A parte) E eu que cuidava ao principio que era uma brincadeira!... e o jogo é a valer. (A José Felix) O senhor é o offendido...

Duarte—Não senhor, o offendido sou eu.

Braz Ferreira—Tu! tu que o ias matando, aleijando pelo menos!

Duarte—Não é verdade.

José Felix—E' verrdade.

Braz Ferreira—E' verdade sim senhor: a culpa é sua, não ha que duvidar.

Duarte—Se meu tio o diz, não tenho remedio eu senão acreditá-lo.

Braz Ferreira—Ora graças a Deus! que confessou a sua culpa, e entrou na razão emfim. Da sua parte, milord, espero que desista, que se esqueça...

José Felix—Se o senhor está muito triste, *very sorry*, se não tinha intenxion...

Braz Ferreira—Não tinha, não.

Duarte—Não tive.

Braz Ferreira—Então vamos! esqueça-se tudo; e em signal de reconciliação, milord, hade almoçar comnosco.

Amalia—Inda bem! respiro.

Duarte (*aparte*)—Verdade, verdade, não tenho muito de que me queixar. Inda eu lhe sou obrigado ao tal maganão que embirrou a fazer-me este serviço. (*Alto*) Oh lá! Joaquina, Izidoro! algum de vocês... E' preciso mandar arranjar depressa alguma coisa...

Braz Ferreira—Para quê?

Duarte—Pois o senhor almoça comnosco...

Braz Ferreira—Almoça: e então? tu tens almoço em casa para um príncipe. Já te esqueceste?

Duarte—Ah! sim... decerto... Mas talvez um almoço de garfo... sem chá preto... sem manteiga fresca... não será de gosto de milord...

José Felix—Eu peço o seu perdão, vóssinhorrie. O meu estomago é cosmopolita, e entende todos línguas; janta em francez, portuguiz... não importa; almoça com Turgua se é preciso, e ceia sobre Peru, se vóssinhorrie dá prazer.

SCENA XI

DITOS e JOAQUINA

Joaquina—O almôço está na mesa.

Duarte (*espantado*)—O almôço!..

Joaquina—Venha cá vêr como está bonita a mesa. (*Leva-o á porta do fundo*) Garrafas de Champagne, fructas, pastelão, tudo tam bem posto... hein?

Duarte—Não ha dúvida: o almôço alli está. Acabou-se, já me não deixam mentir... é escusado.— Agora posso dizer o que eu quizer. (*Alto*) Amalia! (*Dá-lhe o braço*.)

Braz Ferreira—Milord! (*Conduzindo-o para a porta do fundo—Sãoem todos menos Joaquina.*)

SCENA XII

Joaquina (*só*)—Pobre rapaz! ficou como pateta! Se elle não está costumado a isto... Condenado a falar verdade vinte e quatro horas a fio... Tam-

bem olhe que nos dá um trabalho! porque mente com um desembaraço e sem a menor consideração... Já se tinha esquecido da pêta do almoço. Felizmente que nós estamos prevenidos, e graças ao bolsinho de minha ama e à visinhança do Manuel Hespanhol, em poucos minutos se fez da pêta verdade... E José Felix! Não verão o meco sentado á mesa com meus arcos como se fosse gente, o pedaço de lacaio!... Mas deixem estar que o tratante tem um ár, sabe tomar uns modos, que quem o não conhecer!... Em que elle se deita a perder decerto, é que aquillo é um comilão... O que lhe vale é fazer de inglez... não se reparar.— Agora que mais falta? Vejamos. A tal visita de agradecimento ao general Lemos: essa não se pôde evitar. Só se... E' verdade; o general Lemos que venha cá... como têm vindo os outros. Vou avisar José Felix que se avie de almoçar e nos represente mais esse figurão. Não lhe hade custar muito... é seu amo.—Aíl que é isto, que quer este senhor?

SCENA XIII

JOAQUINA e o GENERAL

General—O senhor Duarte Guedes está aqui, não é assim?

Joaquina—Está sim senhor, foi agora para a mesa almoçar com o senhor Braz-Ferreira, seu sogro que está para ser.

General—Um almoço de família, almoço de noivos... Não permitta Deus que eu tal perturbe. Esperarei.

Joaquina—Se faz favor de dizer o seu nome.

General—Não é preciso.

Joaquina—Não é para saber... é que se fosse coisa que...

General—E' coisa que eu lhe quero dizer só a elle ou a seu sogro.

Joaquina—Como queira.

SCENA XIV

BRAZ FERREIRA, GENERAL, JOAQUINA

Braz Ferreira (*de guardanapo na mão falando para dentro*)—Eu venho, milord, eu venho: quero ratificar o nosso tratado de aliança com uma garrafa especial do meu Porto, é da fundação da Companhia, trouxe-o eu commigo.

Joaquina (*para o general*)—Aqui vem o senhor Braz Ferreira.

Braz Ferreira—O que é isso

Joaquina—Um senhor que lhe quer falar, ao senhor Braz Ferreira ou a seu genro. (*A parte*) Vamos ensaiar José Felix no novo papel que tem de representar.

SCENA XV

GENERAL e BRAZ FERREIRA

General—Creio que é o senhor Braz Ferreira, do Porto, a quem tenho a honra de falar? Muita satisfação de vêr a vossa senhoria em Lisboa. Conheço-o ha muito de nome, e quasi que posso dizer somos amigos sem nos termos visto. O meu antigo camarada o coronel Luiz Guedes sempre me encarece por tal modo a amisade que lhe tem! Nas suas cartas quasi que me não fala de outra coisa senão de seu filho e de vossa senhoria.

Braz Ferreira—Luiz Guedes! Então vossa senhoria é?

General—O seu mais antigo e melhor amigo, o general Lemos.

Braz Ferreira—Ah! vossa excellencia perdôe, por quem é. Mas porque se incomodou, senhor general? Eu é que devia ir aos seus pés... e hoje mesmo tencionava fazel-o—para lhe agradecer todas as bondades que tem tido com meu genro... que está para ser.

General—Bondades! eu não sei... de certo não tem nada que me agradecer... mas é sua culpa. Eu ignorava absolutamente...

Braz Ferreira—O quê, general?

General—Que Duarte estivesse em Lisboa.

Braz Ferreira—Que me diz, senhor? Ha tres meses.

General—Ainda o não vi uma só vez. Antes de hontem recebi eu uma carta de seu pae, que me pareceu um enigma: queixa-se de que o filho não tinha ainda obtido a recebedoria de Santarem que tanta conta lhe fazia... Mas que diacho! quem quer alguma coisa, pede-a. Eu não podia adivinhar, e vinha de proposito ralhar com elle.

Braz Ferreira—Ralhar, tenho eu que ralhar com o tal menino por outras muito peores. Mas como é isto, senhor? Pois Duarte não vae habitualmente a sua casa?

General—Não senhor.

Braz Ferreira—Não digo em Lisboa, mas á sua quinta?

General—A minha quinta? E' coisa que não tenho.

Braz Ferreira—Pois não digo quinta... não seja... mas a linda casa que tem da Outra banda com uma vista magnifica, um bilhar...

General—Sou tão desastrado que não jogo o bilhar.

Braz Ferreira—Estava visto... Faça ideia, general, que é o systema de mentiras mais complicado que nunca vi, e combinado de modo que ainda não sei... Mas deixál-o: vossa excellencia está aqui, hade-me ajudar a confundil-o... Com toda a certeza não lhe dou minha filha.

General—Por quem é! Eu que vinha com tanto gosto trazer-lhe a minha prenda de casamento...

Braz Ferreira—Não hade ser meu genro.

General—E a sua palavra?

Braz Ferreira—Retiro-a: e elle não tem direito de se queixar... Avisei-o de que, á primeira mentira em que o spanhasse, tudo estava acabado. Inda bem que o encontrei, general: vamos a vêr com que cara o maldito do rapaz... Oh! elle ahi vem: peço-lhe que não diga o seu nome.

General (aparte)—E esta! Eu que vinha para obsequiar o pobre do rapaz, e a seu pae de quem sou tam amigo!

SCENA XVI

DITOS, DUARTE, AMALIA, JOAQUINA

Duarte—Ora com effeito! forte companhia fazem os taes senhores!—O senhor meu sogro levanta-se no meio do almôço, e d'ahi a um instante milord desapparece á segunda garrafa de Champagne.

Joaquina—Vieram procurál-o.

Duarte—Não duvido... algum pobre rapaz que se achou em apêrto... Que é preciso confessar... o tal sujeito é a creatura mais serviçal... E então sem nenhum interesse!—Diga-me uma coisa, ambiíssimo sogro, que fazemos nós esta manhã?

Braz Ferreira—Eu tinha vontade de sair; mas temos aqui uma visita, um amigo da familia...

Duarte—Perdõe... eu não tinha tido o gosto de ver este senhor... E' do Porto?

Braz Ferreira—E' verdade.

Duarte—la jurál-o... Nós os das provincias do norte temos um ár de franqueza, um aberto de physiognomia... Se vossa senhoria se demorar em Lisboa, terei muito gosto de o acompanhar, de lhe servir de guia... Não faça cerimonia commigo... sinceramente lh'o peço... um amigo de meu sogro!...

General—Dou-lhe os parabens, senhor Braz Ferreira: o seu genro parece um rapaz extremamente amavel.

Braz Ferreira (*baixo ao general*)—Espere, espere, e depois falará. (A Duarte) E' preciso que saibas, meu caro amigo, que este senhor vem a Lisboa para negocios que tem na secretaria da guerra, e precisa muito do valimento do general Lemos.

Duarte—Melhor... Dizem que é um homem justo e imparcial; e toda a gente o estima.

Braz Ferreira—Pois sim... mas tu que tens relações de intimidade com elle, não podias pela tua influencia?

Duarte—Ah! certamente... terei a honra de lh'o apresentar. Hade gostar d'elle, verá: um homem agradável e que, sem basofia, é meu amigo.

Braz Ferreira (*rindo*)—Hein!

General (*baixo a Braz Ferreira*)—Até aqui, acho que diz a verdade.

Duarte—E alegre!... Olhe, á mesa me não deixava elle só, como aqui me fizeram. Ainda hontem almoçámos nós juntos em sua casa.

Braz Ferreira e General—Em casa d'elle?!

Duarte—Sim, juntos, ao pé um do outro.

Braz Ferreira—Então muito mudado está elle de hontem para cá.

Duarte—Porquê?

Braz Ferreira (*apontando para o general*)—Porque elle aqui está, e tu não o conheceste.

Duarte (*surprehendido*)—O general Lemos!

Joaquina (*aparte*)—Estamos perdidos.

Amalia—Tudo, tudo está perdido.

Duarte (*tornando a si logo*)—O quê! pois este é o senhor general Lemos? Muito sinto... não tenho a honra de o conhecer.

Braz Ferreira—Não duvido... mas nem por isso deixa de ser elle em pessoa.

Duarte—Hade-me perdoar, meu tio: eu não digo o contrario; mas não foi com este senhor que eu almocei hontem... a verdade pura é esta. Como isto foi é que eu não sei; mas a não ser que haja outro general Lemos em Lisboa...

General—Em Lisboa, do appellido de Lemos nem eu conheço senão meu primo o coronel Francisco de Lemos.

Duarte—Exactamente. Pois foi em casa d'elle, de certo, que hontem me apresentaram, e provavelmente com elle é que eu almocei.

General—Não teria dúvida nenhuma em o accreditar, se não fosse uma pequena dificuldade: e é que ha tres mezes que está em Inglaterra.

Duarte (*aparte*)—Co'a breca! (*Alto*) E' que volta-ria ha pouco, sem se saber... porque elle hontem estava em Lisboa.

Braz Ferreira—Não estava.

Duarte—Estava tal.

Braz Ferreira—Pois bem, rapaz, esqueço-me de tudo... se me provares essa.

SCENA XVII

DITOS, UM CREADO, JOSÉ FELIX
com farda de brigadeiro, etc.

Creado—O senhor Lemos.

José Felix (*affectando desembaraço*)—Então que é isto? que é isto?

General—Que vejo! E' o meu brejeiro do meu Félix.

José Felix—Ora vivam meus senhores... Adeus meu Duarte.

Duarte—Oh meu querido protector! Confesso que d'esta vez já não contava com o seu auxilio... Ainda bem que veiu... Vou apresental-o a meu sogro e a meu primo.

José Felix (*indo para elles com ár chibante reconhece de repente o general*)—Santo Deus, meu amo!..

General (*aparte*)—E com a minha farda, o maroto!

Braz Ferreira (*espantado*)—Conhecem-se! (*Duarte, Braz Ferreira, José Felix e Amalia ficam todos immoveis de admiração*)

General—Que painel! Enterraram-se todos até ao joelho. Ora vamos a dar-lhes a mão, que elles por si não se levantam. (*Para José Felix*) Então senhor meu primo...

Todos—Seu primo!

General—Que espanto é esse? Pois queria esconder de mim a sua volta a Lisboa?

Duarte—O quê? Pois este senhor é seu primo, o coronel Francisco de Lemos que voltou de Inglaterra?

General—Sim senhor. Porquê?... não lhes faz conta?

Duarte—Certamente que faz—Mas é que isso hoje parece mesmo um acinte... não invento senão verdades.—Pois não é minha a culpa, senhor Braz; mas em consciencia, está obrigado a dar-me sua filha.

General—Não ha duvida senhor Braz Ferreira; é preciso consentir n'este casamento. Já não tem mentiras de que o accusar.

Braz Ferreira—Excepto a da recebedoria de Santarem.

General—Aqui está o decreto. E' a prenda de casamento que lhe eu trazia.

Amalia—Pois é possível!

Duarte—Apósto que é verdade.... tudo é verdade hoje. Assim, meu caro sogro, consinta, não ha remedio...

Braz Ferreira—Estou certo que me enganaram.

José Felix—E eu tambem.

General—E eu tambem... Apezar d'isso, vamos, consinta...

Braz Ferreira—Que lhe heide eu fazer? Inda que não seja senão por curiosidade e para saber esta adivinhação.

José Felix (*atirando com o chapéu*)—Viva! A palavra do senhor Braz Ferreira é letra que não tem desconto. Eu *ritorno al mio mestiere* e ponho aos pés da minha cara Joaquina... o senhor Thomaz José Marques... milord Coockimbroock, e sobre todos, o seu fiel José Felix, criado particular do excellentissimo general Lemos.

Duarte—O' maroto, pois eras tu!

Braz Ferreira—Faze-te de novas.

Duarte—Juro-lhe que eu não sabia nada, e que nem sequer o conheço...

Braz Ferreira—Continuâmos?... Não faltava senão esta que é a mais difícil de engulir!

Amalia—E comtudo é verdade, meu pae. Eu lhe explicarei como isso foi.

Duarte—Protesto-lhe que hoje foi o último dia da minha vida que me deixei cahir n'este maldito vicio... E nem eu sei como foi; queria-me defender... vinham umas atraz das outras... porfim... não sei... Mas acabou-se: não torno mais a mentir; custa muito, dá muito trabalho. Vi-me em âncias! Juro que me heide emendar... já estou emendado.—José Felix, nunca me heide esquecer da lição que me déste, e prometto pagar-t'a.

José Felix—Deverás?

Amalia (*dando-lhe uma bo'sa*)—E eu pago-t'a já.

José Felix—Melhor ainda. (*Apalpando a bolsa*) Isto sim que são verdades puras... e não deixam mentir ninguem.

AS PROPHECIAS DO BANDARRA

AS PROPHECIAS DO BANDARRA

Comedia escripta no anno de MDCCCLXV

PESSOAS

THOMÉ CHRISPIM.....	Sapateiro
PANTALEÃO	Boticario
CATHARINA.....	Filha de Pantaleão
ANNA DA TROIXA.....	Contrabandista
SEBASTIÃO.....	Sobrinho de Pantaleão
PROCOPIO	Tabellião
LAZARO	Praticante da Botica

PRATICANTES, VELHOS, AMIGOS DE PANTALEÃO
MENINAS, AMIGAS DE CATHARINA, CRIADOS, ETC.

Logar da scena — Lisboa

ACTO PRIMEIRO

Rua na cidade velha; à esquerda um vão de escadas com todo o necessário para o estabelecimento de um remendão; no fundo uma botica antiga com duas portas praticaveis, meias portas, etc.

SCENA I

LAZARO, e outros PRATICANTES da botica pisando em almofarizes, etc., e cantando

Côro

Na nossa botica
Ha tudo, ha tudo como na botica.
Só opio é que não;
Que todo o que havia tomou-o o patrão.

Lazaro—Cheo, que ahi vem o sr. Procopio!

Praticantes — Deixa-lo vir, vamos cantando: elle não percebe.

Lazaro—Pois vamos lá. (*Canta*)

Cá no receituário
Ha um electuário,
Que o não tem igual outro boticario.

Côro

Que o não tem igual outro boticario.

Lazaro (*apontando para Procopio que vem sahindo*)
O nosso xarope,
Xarope de ginja
Não ha quem o imite, não ha quem o finja.

Côro

Não ha quem o imite, não ha quem o finja.

Lazaro (apontando para Procopio)

E o de tartaruga?
Não ha coisa tal.

Côro

Em toda a Lisboa, do Grillo a Benfica,
A nossa botica
Não tem outra igual.

Lazaro

Ha tudo, ha de tudo na nossa botica
Só opio é que não.

Côro

Só opio é que não;
Que todo o que havia, tomou-o o patrão.

SCENA II

PROCOPIO, LAZARO e PRATICANTES

Procopio — Já vocês começam logo de manhã cedo? É uma philarmonica esta rua. E o outro, o vizinho sapateiro, inda não deu o seu descante do costume? Por modo que lhe vejo a porta fechada...

Lazaro — Havia de ser grande pirua a que elle tomou hontem, que são estas horas e inda as Trovas do Bandarra se não ouvem.

Procopio — Ah! este é que é?... Percebo. Então ceou lá hontem em casa?

Lazaro — Ceou por tres, e cantou... oh que pecados!

Procopio — E o patrão?

Lazaro — Sahiu, mal era dia, por amor do grande jantar que dá hoje. V. m.cé é dos convidados? Ha-de ser.

Procopio -- Sou, mas queria falar com elle antes de....

Lazaro — Agora não pôde tardar. Espere: lá se mete o nosso vizinho; agora o verá.

Procopio — Mettam-se vocês para dentro que eu quero observal-o á minha vontade. (*Entram todos para a botica, mas ficam de observação.*)

SCENA III

DITOS, THOMÉ abre a porta e sae esfregando os olhos, espriguiçando-se e começando a preparar-se para o trabalho

Thomé—Hum, que preguiça!... Não, que o vinhito era do Porto, e de boa edade!... e então de mófo! Pubuhuf! Sabe-me a bocca a ferros velhos. Ferros velhos! mas sempre são d'outros ferros velhos mais finos. Os que a gente traz do Manuel-Zoina ou do Pilho—e mais são armazens de consciencia! e o que elles dizem que é carregado carrega devéras, o Barra-a-barra é um barra: digo-lh'o eu, que não sou nenhum côdea com todas estas côdeas que me vêem, sei da coisa. Mas, dizia eu, são outros ferros velhos os que a gente de lá traz e que sente na bôcca ao outro dia: mais saburra na lingua... (*Masca*) e quero mesmo dizer—que já digo, sei da coisa—quero mesmo dizer, outra casta de saburra, assim grossa, entrapada, carrascôa. E isto hoje... (*Mascando com gosto*) isto hoje qu'eu sinto na bôcca, inda sabe bem, homel Forte pinga! E como eu a chuchô, e o mais que hade vir! viva o *Encuberto* e santa paz co'a sua alma! Qual alma nem meia alma? Tam asno sou eu que creia em tal?

Procoorio—O homem... elle não me tem cara de tal. O nosso Pantaleão parece-me que d'esta vez que sincou.

Thomé—Alma!... Nem alma nem esp'rito. Só se for o esp'rito d'aquelle vinhote que ainda por aqui me anda a alma d'elle a pedir missas pelas goelas. Alma o *Encuberto*! Não n'a tem, juro eu. Não é tal alma, é corpo vivo e sâo... Não, que assim é que m'elle rende. Oh, senhores! vêr que eu que era um lastimado remendão, que em tres dias não tinha um par de tombas que deitar n'umas chancas suadas d'un gallego, e que agora já faço botas e sapatos para a fidalguia do bairro... e não tardarei a ter uma logea minha, com officiaes e aprendizes meus!... (*Como falando com outros*) «Senhor official, aquelles remontes estão feitos? Rapaz bate aquella sola... «Marmanjo, vae levar estas botas ao tal senhor da hospedaria, mas dinheiro para a

mão... eu sei cá se elle é deputado ou o que é: que pague e veremos pelas cruzes do seu dinheiro que casta de pessoa vem a ser». Sempre é a delicia da vida uma logea da gente mesma! Ella virá, ella virá. Nunca o pensei, mas agora digo que vem. Procopio, (*para dentro da botica*)—E Pantaleão sem aparecer! Eu vou-me: tenho muito que fazer. (*A parte*) O sapateiro é... é um sapateiro, um remendão e nada mais.

Thomé—Digo eu que faço obra para a fidalguia do bairro.. É faco. Pois que é aqui o meu bendito vizinho, o sr. Pantaleão? (*Aposta e olha para a botica: vendo Procopio*) Oh, lá está outro ginja... mas não me tem boa cara aquelle. Lá o rei dos ginjas é o meu boticario, o meu Pantaleão. Que aquillo é mesmo um fidalgo; modos, tratamento, acções d'um fidalgo. Como elle diz: «Thomé, para uma pinha... Thomé, quero que jantes bem hoje.. Thomé, anda cá.. Thomé, toma lá...» E é sempre o panto, a de doze... e mais, e mais! Se não houvesse umas terras n'este nosso reino de Portugal, chamadas Lavradio, Chamusca e outras que taes.. que estou certo que são as verdadeiras terras de Pantana onde me vae ter tudo quanto tenho e não tenho... co'a fortuna! já eu estava rico. Mas se o homem começa agora a dar-me de cear como hontem... onde houver vinho do Porto—vinho do Porto eu!.. eu, Thomé Chrispim, remendão de escada, a falar em vinho do Porto—sem vergonha d'esta cara besuntona—onde houver vinho do Porto, digo eu, fica-te em paz, carrascão. Que o beba o Pilho, maroto! que tem goelas de villão ruim. E o cachorro do Manuel Zoina que o tome em mèzinhas se lh'o não quizerem beber os freguezes. Ah, ah, ah, (*Rindo*) Pois então? Tambem os meus patacos me ficam na algibeira, e mais callo-me: que se callem elles se lhes ficar o vinho no tonel.

SCENA IV

THOMÉ, PROCOPIO e PANTALEÃO

Pantaleão—Guardo-o Deus ao sr. Procopio, nosso amigo velho? Então, hein, sr. Procopio? (*Apostando para Thomé*) viu-o?

Procópio—E' aquelle?

Pantaleão—Aquelle mesmo.

Procópio—Pois homem... (*Conversam mais baixo.*)

Thomé—Oh! já elle lá está. Trabalhar e cantar, que tanto rende uma coisa como... Alto lá! mais rende uma do que a outra, e custa menos. (*Escarra grosso, como quem limpa a voz. Cantando e coçando:*)

Eu faço obra de dura
E não ando pela rama;
Conheço bem a courama
Que convém á criatura.

Procópio—Ah! isto agora...

Pantaleão—Não lh'o disse eu? As proprias Trovas do Bandarra como as eu tenho n'aquelle manu-scripto precioso que é unico em Portugal... no mundo, meu amigo!

Thomé (*cantando e coçando*)—

Sei medir e sei talhar,
Sem que vos assim pareça,
Tudo tenho na cabeça,
Se eu o quizer usar.

Pantaleão—Então é ou não é! As palavras, a unção com que elle as repete, aquelle ár inspirado...

Thomé (*fingindo que não vê Pantaleão à porta*)—Espera que já te metto a sovella pelas viras d'alma, pateta. Hoje parece-me que chuchó nota. (*Canta batendo sola.*)

Comvosco falo estas coisas
Como com grande letrado.
As umas são perigosas;
E as outras duvidosas
Inda não hão começado.

Pantaleão (*entusiasmado*)—Não ha duvida nenhuma, agora já não ha duvida nenhuma, é elle. Mettam-se para dentro, (*a Procópio e aos aprendizes que accodem a ouvir cantar*) mettam-se para dentro, que eu vou aqui aviar uma coisa, e depois quero ir falar com elle E hoje, hoje heide acclarar este negocio e concluir o que tenho determinado. (*Entram todos na botica.*)

SCENA V

THOMÉ *só*

Thomé—Se eu sei o que isto quer dizer, estas cantarollas que me ensinou o barbeiro da minha terra, meu pae frade! Dix que n'isto, n'estes cantigarios que eu não entendo, que está claro e promettido com'o verbo d'um anjo que hade vir o Encuberto... Como lh'o elles içem n'esta letra, é o que eu não sei. Mas que hade vir, que hade vir... Pois venha. Por ora vae-me rendendo, é o que eu não sei. Apprendi a sapateiro com tanto trabalho, nunca me deu o officio com que matar a fome Apprendi estas babozices a brincar, tém-me dado!... E' verdade que é só depois que vim para esta rua, inda não ha dois mezes... mas... Oh eil-o ahi vem, o meu fidalgo do meu boticario...

SCENA VI

PANTALEÃO E THOMÉ

Pantaleão—Ora guarde-o Deus, sr. vizinho!

Thomé (*levantando-se e tirando o bonet*)—Muito boas dias, meu fidalgo! estou ás ordens de vossa...

Pantaleão—Cala-te, homem, cheo! não te oiça alguém. Inda não é tempo que se saiba... por ora encoberto! Tudo encoberto! Senta-te, senta-te, rapaz; bate! a tua sola, coze as tuas viras... Mette a sovella nas viras... hein! .. Deixa lá, deixa lá: eu fico aqui assim em pé disfarçando.

Thomé—Pois vossa?

Pantaleão—Vossa uma figa: tem juizo. Tu bem sabes ter juizo... Oh se sabes! Cuidas que eu que te não conheço?

Thomé—Que me conhece o quê, sr. Pantaleão!

Pantaleão—Isso! faze-te de novas; anda. Commigo que ha cincoenta annos ando n'isto! que não me escapa nada! que ainda não houve manhã de nevoa que eu não fosse para o alto de Santa Catharina espreitar para a barra! que ainda não veiu cartinha em bucho de pescada que eu não lêsse; que

as gallinhas com ovo de letras m'o vêm mesmo pôr aqui na mão!... Commigo, hein! Sô Thomé Chrispim!—Thomé Chrispim... maroto, maganão, olha que sempre és...

Thomé (*assustado*)—Eu sou o quê, sr. Pantaleão?
 Pantaleão—Não te assustes, homem, que cahiste em boas mãos, deixa estar. Mas olha que sempre és um tal menino, anda. Como diz lá a trova d'essas coisas que por ahi vão, estas embrulhadas novas de eleições e Constituições, que ninguem se entende? Dize:

Vejo tanta misturada...

Canta, homem.

Thomé (*recebendo*)—Canto?

Pantaleão—Canta.

Thomé (*cantando*)

Vejo tanta misturada
 Sem haver chefe que mande;
 Como quereis que a coisa ande
 Se a frida está damnada?

Pantaleão (*esfregando as mãos*) É isso, é a tal, é a tal que só o meu livro a traz. Ah Thomé, Thomé! —E damnada está, está damnada a ferida; mas nós a curaremos, hein, Thomé! Thomé, forte magano! Mas dize-me, Thomé... diga-me sr. Thomé Crispim, diga-m'o a mim que lh'o peço. Olha que sou eu, Thomé, eu Pantaleão... (*Com gravidade*) Pantaleão de Sá.

Thomé—Sr. Pantaleão da Sá!

Pantaleão—Pantaleão só, Pantaleão só para todo o bairro, para toda a gente, para todo o mundo. Fala baixo, homem; Pantaleão de Sá para ti! só para ti... e para o outro (*tirando o chapéu e fazendo uma reverencia profunda*) e para o outro que hade vir.

Thomé—Pois, sr. Pantaleão, eu não sei o que voce-mecê quer que eu diga.

Pantaleão (*zombando*)—Emfim estás... estás... nem eu sei o que te diga. (*Sério*) Ouve cá, homem, tu desconfias de mim?

Thomé—Oh senhor, eul

Pantaleão—Acreditas que eu sou um fiel, um zeloso, um devoto, um verdadeiro Sebastianista?

Thomé—Pois não heide crer, senhor? Creio, sim senhor, creio firmemente.

Pantaleão—Sabes que tenho fé viva, esperança certa?

Thomé—Pois caridade!

Pantaleão—Todas tres são precisas para fazer um Sebastianista bem feito. Mas a té sobre todas. Sabes que eu tenho fé, Thomé? Thomé...

Thomé—Capaz de engulir...

Pantaleão—De engulir como?

Thomé—De engulir um camello pelo fundo de uma agulha.. (*á parte*) Párece-me que é assim que se diz.

Pantaleão (*sentido*)—Isso! isso mesmo é que é. Bonito! Finge que não sabes a parábola.

Thomé—Parábola, senhor! Eu sei cá...

Pantaleão (*reflectindo*)—Tens razão. Olha como é: não podes encobrir... é assim. Quem sabe, por mais que disfarce, conhece-se. Tens razão, não é parábola, foi uma simples figura de expressão... e nem vinha para o caso. Tu sempre és!... Como logo deu no êrro! Ou elle não fôra quem é... Vamos, basta de brincadeira; falemos sério. Tu tens andado a experimentar-me, a vêr, a examinar... tens andado a mangar commigo.

Thomé—Eu senhor!... (*á parte*) O homem perceberia que eu que não sei nada d'isto, e que o logro?

Pantaleão—Sim tu, tu. Pois vem cá homem: tu és isso que mostras?

Thomé—Eu, senhor, que heide eu ser, senhor?

Pantaleão (*rindo e como quem se esforça para falar sério*)—Como te lembreste tu de tomar esse nome de Thomé.. ah ah ah!... de Thomé... Thomé Chrispim! Ah sh ah!

Thomé—Não o tomei, senhor, já o achei tomado e dado por meu pae e minha mãe, que foram sapateiros antes de mim, e por meu padrinho, que era sapateiro como elles, e todos devotos do nosso São Crispim d'o pé das Quingostas no Porto, onde eu fui nado e criado, e me puzeram Thomé porque era Thomé o meu padrinho. Thomé Palmilha lhe chamavam por alcunha, que d'outro nome lhe não sube nunca; e o Chrispim foi pelo santo da nossa bandeira... quando havia bandeiras. Forte pena foi tiral-as!

Pantaleão — E foi: mas deixa estar, deixa estar, que não tarda quem vem. Em elle vindo... Mas a quem o digo eu!... Em elle vindo, bem sabes, tudo ha-de tornar ao direito outra vez. Mas a quem... a quem o digo eu!—Está bom, está bom: não querest Pois não digas. E, a falar a verdade, não é muito prudente esta conversa aqui. Tu... tu! Se tu és quem és! Porque me não havias de advertir logo que isto não era logar para taes explicações? Não lh'o mereço, sr. Thomé? Mas tens razão, homem, tens razão: não é aqui logar para isto. Mudemos de assumpto. Como te soube hontem a ceia? Passaste bem a noite?

Thomé — Oh sr. Pantaleão! pois um pobre jagodes como eu...

Pantaleão — Como tu!

Thomé — Como eu, sim senhor, um pobre remendão d'escada que em chegando á pescadinha frita com seu rabo na bocca...

Pantaleão — Symbolo da eternidade!

Thomé — A's vezes é, sim senhor, é uma eternidade, de tres e quatro dias de frita... Mas o Pilho, essa justiça lhe heide eu fazer, o Pilho nunca tem petisco sédiço. Já do Manuel-Zoina não digo eu o mesmo... mas elle tem-se n'uma conta! Deixa-lo ter, o Pilho é outra casta d'homem. Pois, senhor, um pobre como eu que, já uma ceia do Pilho já era regalo de principe para elle—principe sapateiro, está claro—e que bem trezentas, das trezentas e sessenta cinco bentas noites do anno, as ceia com cruzes na bocca... uma ceia d'aquellas! Lombo de porco, sallada com ovos, doces não sei quantos—que eu não entro lá muito por isso—e vinho do Porto! Eu que mal me atiro nos dias grandes pelo rastro do Lavradio!... oh senhor! então eu, havia de me fazer mal! Só se fosse por bom de mais. Mas não fez. Dormi como um lapuz, que sou. Assim pela manhã, inda agora, senti assim pela lingua um envernizado... mas bom! Sabia-me a ferro velho —dizia eu commigo—sabia, mas ferro velho bom!... Ora o sr. Pantaleão é que está a mangar com um pobre.

Pantaleão — Meu amigo, a pobreza é propria dos grandes espiritos como o teu.

Thomé—Espírito de quê, senhor? O tal do Porto tinha, tinha-o devéras.

Pantaleão—Não te faças Thomé, não te faças André commigo, Thomé! Digo dos espíritos como o teu. E bem sei o que digo. Dá-vos esse dom, não vos pôde dar os outros—não deve ser tudo para uns—ella bem sabe o que faz, a Providencia.

Thomé—A minha providencia tem sido vocemecê, sr. Pantaleão. Eu heide dizer a verdade; e ingrato não sou, isso não. Se não fosse cahir-lhe em graça, estava hoje...

Pantaleão—Estavas o que havias de estar e estiveste sempre desde... desde que... Deixa-me vêr... D. João terceiro... mil quinhentos... mil quinhentos e... Não quer dizer nada: é uma boa conta d'annos. Emfim, Thomé—já que Thomé hasde de ser—queres vir jantar commigo hoje? É ao meio dia em ponto. Cá não se muda a hora em que se jantava no tempo... no tempo em que havia gente n'esta terra, e portuguezes em todas, e todos a tremer d'elles.—Vens jantar commigo?—Vem, e depois falaremos. Lá sim, que se pôde falar á vontade. Minha filha é boa rapariga e de segredo. Temos outros amigos que hasde gostar de vêr. O brejeiro do primo, meu sobrinho Sebastião—mal empregado nome!—despedi-o hontem de casa; não torna lá; estamos á nossa vontade. Hein? E a minha filha, a minha Catharina... olha que é boa rapariga.

Thomé—Isso é ella, oh se é!

Pantaleão—Hein?

Thomé—Que é muito boa menina: pois então?

Pantaleão—E das nossas, Thomé, das nossas, homem. E é... Tinha cá uma idéa. Que tal achas tu a minha Catharina? Dize, não tenhas vergonha nem acanhamentos commigo. Agrada-te?

Thomé—A sr.^a D. Catharina?

Pantaleão—A sr.^a D. Catharina, sim senhor, minha filha Catharina. Não lhe agrada?

Thome—Não me agrada? Elle é...

Pantaleão—Está dito, logo, logo, falaremos. Adeus, Thomé! Tho... mé (*rindo*) Thomé Chrispim! (*ao ouvido*) Adeus Gonçalo! (*chega á botica faz sinal a Procópio e sahem ambos pela direita.*)

SCENA VII

THOMÉ, LAZARO e outros PRATICANTES
espreitando da botica

Córo

Na nossa botica

Ha tudo, ha de tudo como na botica.

Só opio é que não ;

Que todo o que havia, tomou-o o patrão.

Thomé—Que diacho de cantiga é aquella dos basilicões ? Dar-se-ha caso? Eh! deixál-os. Mas eu sempre estou mettido n'uma... Gonçalo! Chamou-me Gonçalo em segredo... que quererá dizer isto? Eu endoideço. Quem serei eu com a fortuna ? Oh quem quer este patóla d'este velho que eu seja ? Oh home. Pois elle dar-se-ha caso que de verdade, haja o tal D. Sebastião escondido e encuberto lá na tal Ilha ou onde quer que é? E que ainda tenha de vir? Elles são tantos a crêr n'isto e a esperar por elle... A mim me melem se a coisa me não parece ás vezes que... eu sei cá? Pois elle tinha que rir se estas traponas d'estas cantigas—trovas, dizia o meu amigo barbeiro do Bomjardim que m'as ensinou.—Trovas ! que diacho será trovas?... Trovas... Trovar, que é como quem diz : fazer versos... que hade ser isso... Ah, ah, ah ! que é (rindo) Agora me rio eu. Sou poeta, sou poeta !... que essa é que é a historia. Boa historia ! E então porque não heide eu ser poeta? e trovar com os outros? Hein! Sim, senhor. Não são meus os versos... as trovas? Deixal-as não ser. Scu eu o primeiro que figuro com o alheio? Como faz o meu vizinho deputado, como fazia o padre fr. João que tão bons sermones que fazia? que era uma contricção d'alma ver esbofetejar aquelle mulherio todo, quando elle começava :—«Pézame!!...» E eu a rir, porque era o meu patrão—o primeiro patrão que eu servi—quem lhe fazia os Pézames e os sermones; assim com o meu vizinho deputado não lhe falta quem lhe faça os—«Agora, senhor presidente»—E os outros—Apoiado, apoiado!—E eu a rir... Pudéra não! Este mundo sempre é uma tal historia ! O caso é que, seja eu poeta ou trovista, ou o quer

que seja, tenho hoje regabofe de jantar de grande e de môfo. Viva o Encuberto e o meu grande Pantaleão! Pantaleão de Sá que é não é, que é boticario e é fidalgo—e não quer que se saiba—mas quer que o saiba eu! Com a fortuna, que diacho serei eu? E que tenho eu que haver com D. Sebastião ou com D. Pantaleão? Serei eu tambem algum encuberto? Mas que encuberto sou eu então? Dar-se-ha caso? ... Não pôde ser. Eu sei? ... Se serei eu o proprio D. Sebastião em pessoa? Hein, o caso era... Mas elle faz-me tantas festas, o Pantaleão... Elle por modo que me falou na filha assim por um modo ... Vamos, sr. Thomé, não se faça pateta de todo. Mas o que heide eu dizer hoje ao Pantaleão? O homem hade querer mais trovas que é o seu pratinho... e eu, vão-se-me acabando as que eu sei... Fazel-as não posso .. Verêmos : d'algures hâode vir. Ah! meus peccados, que ahi vem a minha... minha... Eu que lhe heide fazer? Ella é minha mulher j'agora. Encuberto ou não... Home, tudo isto vae de encubertos. Pois vá.

SCENA VIII

THOMÉ CHRISPIM e ANNA DA TROIXA

Thomé—Ora chegue, sr.^a Anna da Troixa, chegue, flor, que já me tardava.

Anna—Que alegrias, que contentamentos!! Voce-mecê cheira-me hoje a festa : que é isso?

Thomé—Anna da minha alma, Troixa da minha vida, pois não me hade cheirar, se te eu cheiro a ti, flor, (á parte) tolhida seja ella... Rosa, flor dos meus pensamentos!

Anna—Olha tu, tu, meu remendão não sei de quê! ... cuidas que estás c'o teu pateta do teu boticario? Faze-lhe lá esse verso a elle, que eu quero outros contos. Venha dinheiro, venha dinheiro, senão, digo tudo.

Thomé—Tudo, mulher! Pois ainda tu queres dizer mais, falar mais? Já tu falas!...

Anna—Ah! eu falo?...

Thomé—Não... não digo que falas. Tu és lá mulher de?... Mas eu é que não tenho dinheiro : d'on de me hade elle vir? E então isto! Ora, mulher : isto

não é a lei de Deus. Nós somos casados, é verdade, mas o ajuste foi de se não saber e de ficar isto entre nós. Tu andas lá co'as tuas troixas, eu cozo cá as minhas tombas... Eu morro de fome, tu ganhas a vida... bem e honradamente; não sou homem que diga o contrario, mas...

Anna—Não, diz, diz! (ameaçando-o com a mão aberta)

Thomé—Agora digo eu! Nunca andou troixa de contrabandista mais honrada debaixo de capote, do que a da minha Anna da Troixa: basta vêr a freguezia que ella tem. Mas o certo é, minha rica Annica, que tu por lá te andas e eu por cá me estou... E que tu, enquanto a troixa dava muito e os remendos não davam nada... puh! quem se ha de dar por mulher do sapateiro remendão? Nem vêl-o. Começa o remendão a ganhar seus vintens... já somos duas almas n'un corpo, tens ciúmes de mim que te pellias, e sobretudo, queres que te eu dê quanto tenho e quanto não tenho... já te queres declarar por minha mulher, já não queres que eu figure de solteiro...

Anna—Cala-te, cala-te d'ahi, que és um tonto! Eu tenho sido com'a Providencia contigo, palerma, que havias de morrer por ahí como um lazarento que és, se não fôra eu. Nasja pelo teu officio que ganhasses cinco réis, tu, que não és capaz d'isso. E' a patetice do nosso boticario que te tirou da miseria. Mas quem lhe metteu na cabeça a elle que tu que adivinhavas e que sabias d'essas tonterias de prophecias e do Bandarra e de tudo isso, senão eu, parvo? Quem lhe traz os ovos com letras que dizem D. Sebastião? As pescadas com as cartas no bucho, quem lh'as manda vender á porta? Quem lhe traz a cabeça tresvaliada toda, que nem elle já vê nem ouve nem sabe o que diz nem o que faz? Eu, tonto, eu!

Thomé—Pois tu! Oh mulher, pois tu é que és? Eu me benzo de ti, mulher.

Anna—Benze-me agora com dois pintos, que os preciso, e deixa o mais por minha conta. E nem por sonhos que o velho saiba que nós que somos marido e mulher... senão era capaz de desconfiar... isto é: desconfiar...inda assim! quando aquelle desconfiar... Dá cá os dois pintos.

Thomé.—Essa agora!... Pois eu tenho cá?... (Apar-te) Chupa-me tudo, meus peccados! (Desembrolha uns farrapos que tira do fundo de uma arca, e umas aparas de couro, e por fim de muito desembrulhar tira dois cruzados novos que lhe dá) Um, dois... dois dentes da bocca! Eram duas noites de sucista no Pilho.

Anna.—Inda assim... Olha lá: tu hontem á noite estavas muito asno á ceia. «Anna, dá cá, Anna, toma lá,» como se fosses alguem que viesse d'algures, e como se eu fosse tua criada. Nem tua nem d'elles, dos Pantaleões, ouviste? Eu se vou alli áquella casa, e sirvo assim ás vezes a dar uma demão ao trabalho, é porque quero, e pela boa gente que elles são, quant'ó mais! E tu meu papelão a fazeres de lord comigo...

Thomé.—Mas mulher, se tu queres, se tu é que queres, se tu é que me estás sempre a dizer, a recomendar: «não digas nada, não dês a entender... que ninguem perceba que somos casados... faze que me não conheces?»

Anna.—Pois sim, sim: assim deve ser, assim é preciso; mas tudo com termos. E você... olhe lá: você sabe os olhos que me deitava para a filha da casa! A fazer-se tolo, o velho! Olhe que sou capaz de lhe tirar as ganas do comer...

Thomé.—Eu! Essa agora... Pois eu!... E ella por modo que... Hem! Ella sempre é uma moça guapa.

Anna.—Tolo, tolo! Ora isto! Não verão?

Thomé.—O que eu sei senhora Anna, o que lhe posso dizer é que... Mas, cheio!

Anna.—Paspalhão, parvo!

Thomé.—La grande moça é ella.

Anna.—E é: e o primo um mocetão que te hade arrombar as costas, pateta, se tu te atreveres a levantar os olhos para ella. O sr. Sebastião, forte rapaz! E o tio mal com elle, que o despediu de casal! Tenho uma pena de vêr duas almas que mesmo foram feitas uma para a outra... Ora pois, Deus os fez, Deus os hade juntar. Paciencia! Não importa: tomei-os eu debaixo da minha protecção...

Thomé.—Ah! tomaste-os tu debaixo da tua protecção?... então...

Anna—Tomei, sim senhor, e heide casal-os Que cuida?

Thomé—Cuido que... Nada, não cuido nada. Adeus, Anna! minha Annica! Sabes que mais, ó Anna? Vou jantar hoje com elles.

Anna—Vae!

Thomé—Vou.

Anna—Oh maldito, e estavas calado! Então são horas: prepara-te já. E Jesus! E o besuntão que tu estás. Vae-te arranjar... (*Desfazendo a troixa*) vae, toma lá esta camisa de fólihos.

Thomé, (*pegando na camisa*)—Esta camisa de fólihos... É és tu, Anna, por tuas próprias mãos, Anna!... Oh força do destino! Pois tu queres?... (*Aparte*) E dizer que é ella, ella mesma, a infeliz! que me quer fazer irresistível, que me põe os matadores todos! (*Alt.*) Anna, com esta camisa, eu lavo as minhas mãos...

Anna—Não, hasde leval-as antes de a vestir, porcão, e bem esfregadas! Uma camisa de senhor... era para o José Rodrigues, o caixeiro alli do... Mas não importa: que espere, que isto é de mais pressa. Anda, vae, vae-te vestir.

Thomé—Vou, Anna, vou... (*Aparte*) Corta-se-me o coração de vêr a innocencia d'esta minha Anna... (*Auto*) Anna, Anna! em quanto é tempo, Anna, minha pobre Annical refléte... tu sabes as consequencias que pôde ter... olha que...

Anna—Vae, tolo, vae-te vestir. Ora o pateta!... Sempre és um parvo! (*Thomé vae dentro ao seu buraco, e sae com a camisa vestida, uns enormes collarinhos sahidos, etc.*)

Thomé—Aqui estou.

Anna—Anda cá: deixa-me-te pôr isso em termos, endireita essa cabeça. Assim. Iá cá o pente. Não tens um pente? Olhem que miseria! E quer isto ser gente, quer!... (*Tira o pente da cabeça, pentea-o*) Quero-te pentear estas farripas. O colete... (*Thomé vae tirando da arca os varios artigos que Anna lhe pede, todos extremamente ridiculos*) a casaca. (*Está vestido*) Ora adeus! Sempre estás menos nojento alguma coisa. Agora vou-me, que tenho que fazer. Ouviste? Logo lá em casa nem signal de me conheceres.

Thomé—Vae descançada. Mas oh mulher, então eu
estou menos máo assim? Parece-te!
Anna—Estás, estás um rico feitio. Adeus!

SCENA IX

THOME só; DEPOIS CATHARINA

Thomé—Máo! Qual máo! Estou famoso (*Vae buscar um bocado de espelho quebrado e mira-se a elle*) Estou... Oh Anna, Anna, mal sabes tu... Adeus! isto é sorte e hade cumprir-se. (*Reparando nas mãos*) O diacho é estas mãos. Maldito ser! Puhu? Se eu tivesse umas luvas... umas luvas amarellas, que é a moda... custa um pinto, pelo menos, uma luva... e um pinto é uma moça de truz. (*Apparece Catharina á janella*) Oh! lá está á janella a filha do meu homem. Hein! Sempre quero que me vá vendo já n'estes atavios. (*Escarra: Catharina olha para o lado d'elle; Thomé faz-lhe uma cortezia peralvilha*) Viva minha senhoral Sempre é uma moça... se eu não fôra remendão... e casadão! Casadão e remendão, é muito peccado junto. E a tal sr.^a D. Catharina sempre me tem uns olhos... como duas garrafas de... de bastardinho. Ella por modo que olha para mim c'um modo... Oh diachol! Dar-se-ha o caso? Hein? (*Dando-se áres*) Ora eu a falar a verdade hoje não pareço... Se ella me tomará por outro?... Está-me a fazer signaes?... Isso está ella... Anna, oh Anna!... eu bem queria, Anna, bem queria ser superior, mas não posso...

Catharina—Psim, mestre, psim!

Thomé—Mestre!... Oh mestre!... Mestre é coisa de... E d'ahi são gostos ás vezes.

Catharina—Psim!

Thomé—Está claro; a rapariga quer... quer conversa. Menina!

Catharina—Olhe, mestre... se vir o primo Sebastião, diga-lhe...

Thomé, (*á parte*)—Sempre sou bem asno! é um recado para o primo Sebastião...

Catharina—Se vir o primo Sebastião, diga-lhe que hoje vem cá gente de fóra jantar, e que no fim da mesa que venha á escada e que... (*Vendo Panta-leão, fecha de repente a janella.*)

SCENA X

THOMÉ, PANTALEÃO e SEBASTIAO

Thomé, (*pasmado para a janella*) — Então que é isto?

Pantaleão, (*sem ver Sebastião*) — Bom, bom! meio caminho andado. (*Entra para a botica esfregando as mãos.*)

Sebastião, (*deixa entrar o velho para a botica e vem direito a Thomé com a bengalla levantada*) — Ah só biltre de só remendão atrevido! você em cochichos e colloquios com minha prima! Diga-me já para alli que pouca vergonha é esta, senão...

Thomé, (*com gravidaderidicula*) — Mocidade estragada e sem sentimentos, mocidade de fumaças e de periodicos! geração de hymnos constitucionaes e de ponches queimados! raça ingrata de lambisqueiros que palra e não bebe!... qu' é das tuas virtudes, mocidade perdida? Sebastião! inaudito e prospero Sebastião, quando eu ia derramar sobre ti o balsamo da consolacão, da ..

Sebastião — O balsamo da melhor taberna ou armazem de vinhos que haja em Lisboa ..

Thomé — E' o Pilho: lá isso ninguem lh' o pôde negar; diga o que disser o Zoina... que se rale, que se vá ralando.. lá com'o Pilho... aquelle vinhotê de Torres que elle tem!...

Sebastião — Pois sim; o melhor que elle tiver é para ti; heide-te encher essa carcassa do tal vinhotê que tu dizes, até arrebentares, e aqui está dinheiro já, se me dizes com verdade que trama é esta que aqui anda entre ti e meu tio e minha prima. Se não o balsamo hade ser outro. (*Mostra-lhe a bengala*) Vamos e nida de trovas, das com que tu enganas o velho, que isso commigo não péga. Já, e sem os teus palanforios, já em portuguez claro e razo, senão descozo-te aqui a alma como tu descozes uma sola velha, remendão maldito.

Thomé — Venha o balsamo

Sebastião, (*indo-lhe dinheiro*) — Aqui está.

Thomé, (*á parte*) — Bom! Dois cruzios para suprir o que me levou a borrachona da minha espôsa que-
Vca. V — PROFECIAS DO BANDARIA

rida; (*alto*) Bem, sr. Sebastião! V. mercê é um rapaz de prestímo. Pois deixe estar, que eu e minha... quero dizer eu e a Anna arranjaremos a coisa.

Sebastião—Eu e a Anna? Qual Anna? Catharina, minha prima Catharina, é que eu quero saber... Thomé—Qual Anna! Pois a Anna da Troixa é uma mulher bem conhecida e como ha poucas. E que o diga eu!—Sua prima Catharina... a senhora D. Catharina: ai, é verdade, a senhora D. Catharina, que tem hoje gente a jantar—uma pessoa de respeito, um cavalheiro d'esta corte (*Dando-se áres*) talvez o não conheça ..

Sebastião—Um cavalheiro! Bem o dizia eu... Quem é elle, remendão infernal?

Thomé—Esse mesmo tu o nomeaste. E' o proprio, menos a alcunha, que não dá por ella

Sebastião—Ah! tu estás a mangar commigo! Estás-me logrando, maroto? Toma. (*Dá-lhe*)

Thomé—Não me dê, sr. Sebastião! não me dê, que lhe vou falar a verdade. (*Attrapalhando-se*) Lix ella que no fim de jantar... que eu vou lá...

Sebastião—Tu va's! Oh atrevido! leva (*Dá-lhe*)

Thomé—Qual vou! não sou eu que vou... isto é, vou, mas...

Sebastião—Ah! tu vaes... Leva, maroto. (*Dá-lhe*)

Thomé—Aqui d'elrei! Sr. Pantaleão, sr. Pantaleão! Aqui d'elrei! Aqui d'elrei D. Sebastião! Aqui do Encuberto!

SCENA XI

DITOS, PANTALEÃO *accudindo*, depois LAZARO
e OS PRATICANTES

Pantaleão—Que é isto?... Ai, meu sobrinho ás pancadas em Thomé!—Thomé, Thomé segura esse bréjeiro. Oh maldito, oh excommungado, tu impondo mãos violentas no ungido do cerol da prophecia, no homem dos séculos, no escolhido para preparar as viras d'aquelle que hade vir! Amaldiçoado sejas tu! Eu te renego de sobrinho...—(*Para a botica*) Lazaro, rapazes, accudam! Tragam balsamos, unguentos, ether, tragam fios, ligaduras... tragam tudo, que tudo é pouco!

Côro dos Praticantes
(que trazem diversas garrafas)

Acudamos já depressa!
Venha toda a medicina,
N'estes casos apertados
E' que brilha a arte divina.

Lázaro—Que tens tu?

1.º Praticante—Os emolientes.

Lázaro—E tu lá?

2.º Praticante—Os adstringentes.

Lázaro—Os tonicos?

3.º Praticante—Eu.

Lázaro—E os apperitivos?

3.º Praticante—Este.

Lázaro—Venham cá. E os sedativos? E o balsamo,
o ether! Os excitativos!

Côro—Tudo quanto havia na nossa botica...

Já nada lá fica,
Já tudo aqui está.
Só o San'Miguel é que ficou lá.

Lázaro—E o laudano liquido?

Côro

Isso é que não ha;
Só ópio é que não:
Que todo o que havia tomou-o o patrão.

Pantaleão, (tomando uma garrafa das mãos de Lázaro e dando a beber a Thomé—Bebe, bebe, homem, que é cerveja preta.

Thomé—Cerveja! bebida d'herejes, que a bebam
ellos os excommungados. Abrenuncio! D'aquelle
balsamo de hontem, sr. Pantaleão, aquillo sim!

Pantaleão—Chegue já um de vocês a casa, e traga
uma garrafa do meu Porto velho.

S.bastião—Oh meu tio, que cegueiral este sevandija é a vergonha da sua casa, a deshonra das suas
cans. Abra os olhos senhor.

Pantaleão—Tomára-os eu ter de basilisco para os
arregalar sobre ti, malvado, que te fulminassem
ahi morto! Não sei onde estou que... (Chega-se a

Thomé, e o palpando-o) Estás ferido, homem? estás mal? Sentes-te?...

Thomé—Sinto as bordoadas que me arrumou o sr. seu sobrinho...

Pantaleão—Indigno, salteador, sacrilego! nem tu sabes o crime que commetteste, bandoleiro!

Sebastião—Sei, sim senhor: commetti o crime de castigar um insolente e de lhe ensinar a olhar para uma menina de bem.

Pantaleão—Que menina? que menina, tolo.

Sebastião—Que menina?... Eu é que sou o tolo... A menina é minha prima, sua filha, para quem esse vil sevandija se atreve a levantar os chos.

Pantaleão—Deixa-l-o levantar... que levante. Quero eu que os levante... Hade levantal-os, pôde levantál-os, deve os levantar. E V. mercê abaixe, abaixe, torne a abaixál-os, e safe-se-me d'aqui antes que eu...

Sebastião—Oh senhor, será com os meus ouvidos que o eu estou ouvindo? Meu tio, meu tio repara bem, sabe bem quem é esse homem?

Pantaleão—Sei, sim senhor, sei muito bem, sim senhor. Assim o souberas tu, meu patarata. Vae, vae, vae para o botequim ler os periodicos, vae votar no regedor da parochia, vae, que d'essas coisas entenderás tu, mas d'isto não pescas.—Meu lhomé, meu pobre Thomé! deixa estar que eu te despicarei.

Sebastião—Mas, meu tio...

Pantaleão—Não sou seu tio, já não sou seu tio, não lhe sou nada, não lhe quero ser nada.

Sebastião—Mas, senhor, minha prima...

Pantaleão—Sua prima... sua figal Só não sei quê, que o parta...

Sebastião—Esse homem, senhor...

Pantaleão—Este homem é um homem... a quem tu não és digno de desatar as corriças dos sapatos... um homem como já os não ha... como nunca houve outro. E minha filha, minha filha... tem mais juizo do que tu, e sabe apreciar... Vae-te, safá-te, desaparece, tira-te da minha presença.

Sebastião—Vou, vou, meu tio... e Deus queira! Mas olha tu, remendão indigno, olha bem para mim e lembra-te...

SCENA XII

PANTALEÃO, THOMÉ, LAZARO
e PRATICANTES

Pantaleão—Deixa-o ir, deixa-o ir; não tenhas medo d'elle. Eu tomarei conta em ti. Ah! India, India! Ah boas náos da India para me levarem estes brejeiros e limpar a cidade! Deixa estar que... Vamos, meu Thomé, vamos d'aqui, que temos muito que falar, muito, muito!—Rapazes levem isso, tomem conta na botica, que eu hoje não saio mais de casa. Anda, Thomé.

Thomé (*á parte*)— Não ha dúvida; sou um grande homem, sou coisa muito grande devéras... Mas quem diacho sou eu?

Côro

Vá toda a futrica,
Vá para a botical
E toca a brincar,
A rir e a cantar;
Que hoje a dôze d'opio que toma o patrão,
Dá em grande função.

ACTO SEGUNDO

Sala em casa de Pantaleão. Portas ao fundo; e entre elas o retrato de D. Sebastião de corpo inteiro, armas brancas, grandeza natural. Velas acexas deante. Portas lateraes.

SCENA I

ANNA sahindo pé ante pé do fundo, (CÓRO dentro)

Anna—Elles já estão bons... têm-lhe bebido! Pôde vir el-rei D. Sebastião quando quizer, ou quem quiser em vez d'elle, que não é Pantaleão nem nenhum dos que com elle estão que já sabe de que cõr é esta linha. Oihem o que lá vai!

Côro, (dentro)

Hade-se chamar Gonçalo
Já que n'esta casa entrou.

Anna—E aquella teima do nosso Pantaleão, que o meu homem não é Thomé que é Gonçalo! Hade ser das taes sebastianices... mas esta não entendo eu, tomára quem m'a explicasse!

SCENA II

DITOS e SEBASTIÃO sahindo da esquerda com um grande embrulho debaixo do braço

Sebastião—Explico-t'a eu.

Anna—Ai, credo! que medo que me metteu, sr. Sebastião, menino! Por onde entrou?

Sebastião—Pela porta... inda que eu saiba de sahir pela janella; que meu tio se me pesca...

Anna—Não hade pescar; tem a minha protecção. Mas a porta estava aberta?

Sebastião—Abri-a com a chave de trinco que tu me desseinda agora.

Anna—E' verdade... já nem me eu lembrava. Se esta cabeç... Então traz tudo?

Sebastião—Tudo.

Anna—Dê cá (*Tomando o embrulho*). Deixe-me ir guardar isto onde hade ser preciso. E esteja ahi quieto que eu vou chamar a menina. Mas primeiro diga-me, já que diz que sabe; porque é esta teima do seu tio de chamar ao homé, Gonçalo?

Sebastião—Dize-me tu outra coisa antes. O teu Thomé far-se-ha Thomé commigo, ou André ou Barnabé?... olha que eu...

Anna—Já lhe disse o que lhe havia dizer; fie-se em mim, que tudo hade ir bem.

Sebastião—Então queres saber do Gonçalo?

Anna—Oiça, oiça o que elles cantam.

Côro (*dentro*)

Hade-se chamar Gonçalo
Já que n'esta casa entrou:
A tripeça do propheta
Com elle resuscitou.

Sebastião—Gonçalo, Gonçalo... A dizer-te a verdade, eu não me lembra já bem d'estas tonterias que meu tio me fazia ler quando era pequeno. Mas aíl espere, é isso. A tripeça, as prophecias... E a historia do Bandarra: querem vêr? Pois é; é que se chamava, por signal, Gonçalo Annes Bandarra, o tal sapateiro que fez as trovas, as prophecias, estas nigromancias em que meu tio tem tanta fé. Pois é isso.

Anna—Então hade ser; não é outra coisa. E como o Thomé sabe muitas das taes trovas, como lhe elles chamam, de que seu tio gosta tanto... é isso... é que lhe chama Gonçalo, como quem diz que elle é outro Bandarra.

Sebastião—Não tem que vêr.

Anna—Inda bem!

Sebastião—Inda bem porquê?

Anna—Porque é muito melhor para o nosso caso. Verá.

Sebastião—E o que têm elles estado a fazer lá dentro?

Anna—Ai menino! não faz ideia. Estão todos vestidos como um bando para as luminarias, de capas cahidas, chapéos com plumas... é um riso. O pobre do Thomé arranjaram-no como o neto dos touros de colleira teza de folhos e capinha, com laçaréos encarnados nos sapatos. Estão uns ricos feitos todos que é morrer. E as filhas do sr. Procopio, a sobrinha de fr. Bernardo, todas vestidas de galla... mais a nossa meuina tambem, sua prima, por mais que ella não queria, não houve remedio: estão de plumas e flores na cabeça; parecem umas princezas. Diz que assim é que eram os noivados n'outro tempo, no tal bom tempo que lles dizem que era e que hade tornar. Emfim, o oratorio prompto, as escripturas lavradas. O tabelião só o nome do noivo é que está em branco na escriptura, pela tal reuma que o Thomé não é homem. Eu muito me río, porque, o menino bem sabe, Thomé ou não Thomé tanto pôde elle casar como eu. Mas sabe quanto lhe dá de dote o sr. Pantaleão á nossa menina? Trinta mil cruzados. E não é lá em papeis, nem n'esses trapos de notas azues e verdes e encarnadas que por ahi andam desde que tudo é péta n'esta terra, até o dinheiro... não senhor, é em peças, peças amarellas, amarellinhas de cegar o olho, menino!... e bem contadas n'um saquinho de velludo encarnado, que é um amor d'um saqui iho... faz gosto e alegra o coração de vêlo.

Sebastião—Pois o dito, dito, minha Anna, tens certa a logeade capellista, em a coisa se arranjando, e leve a breca a troixa!

Anna—Entrouxado seja o démo n'ella, menino, que já estou cansada de a trazer debaixo da capa!

Mas deixa-me ir, deixa-me ir, que é tempo.

Sebastião—Pois vae.

SCENA III

SEBASTIÃO depois CATHARINA

Sebastião—Se eu me saio bem d'esta! A carta é arriscada, mas não tinha outra que jogar. Meu tio é um homem que não entende razão...

Catharina—Primo, primo, eu não tenho ânimo; desdigo-me do que disse. Busquem outro modo.

Sebastião—Já não pôde ser, querida prima: está tudo arranjado, e agora é impossível tornar atraz.

Catharina—Pois eu heide fazer similhante coisa... casar-me com um... Jesus! com um remendão d'escada?

Sebastião—Mas se a Anna nos assegura que não tem perigo, que não chega a esse ponto, que basta que a menina diga que sim a seu pae, que está prompta a obedecer-lhe, que finja que é muito Sebastianista... e que o mais tudo se arranja?

Catharina—Eu sei, eu sei!...

SCENA IV

ANNA, CATHARINA e SEBASTIÃO

Anna—Saia, saia, já, já, que elles não tardam ahi. Vá e fique-se quieto ahi na escada que eu lá o irei buscar pela porta da cosinha quando for tempo.

Sebastião—Querida prima, ânimo! Então?

Catharina—Pois eu prometto, eu farei quanto poderá... mas tenho medo...

Anna—Medo de quê? Não verão! Deixe-a commigo, menino, vá, vá, e vá descansado. (*Fal-o sahir e fecha-lhe a porta.*)

SCENA V

CATHARINA e ANNA

Catharina—Meu pae está como nunca o vi... pateta, pateta de todo, Deus me perdõe!

Anna—Inda bem! Isso é o que nós queremos.

Catharina—Inda bem!

Anna—Ind abem, sim senhora; e não lhe posso dizer

mais nada agora; logo verá, descance. Ai menina! que comedia, que comedia! Se soubesse o que por lá vae! ..

Catharina -- Já sei demais; finge que me doia a cabeça e levantei-me da mesa para não vêr aquillo. Faz-me dó ver meu pae com aquellas tolices... meu pae, um homem serio e sizudo a cantarollar, a beber... elle que nunca bebe um calix de viño...

Anna -- Deixe-o beber... quanto mais elle beber, melhor... Eu cá me entendo. Espere, não ouviu bater mansinho? Hade ser o Lazaro... (*Chega à porta*). E's tu, Lazaro?

Lazaro, (*de fôra*) -- Sou eu: cá vou para a cosinha e tudo fica prompto n'um quarto de hora. (*Canta*)

Só opio é que não;
Que todo o que havia tomou-o o patrão.

Anna -- Calla-te, maldito. (*Falando para a scena*) E' um demonio o Lazaro; sem elle não se arranjava tudo tam bem.

Côro, (*dentro*)

Já o tempo desejado
É chegado,
Segundo o firmal assenta.

Anna -- Parece o côro das Trinas do Mocambo. Para que lhes havia de dar aos patetas dos ginjas! Para se pôrem a cantar d'aquelle edade, com as vozes a tremer. Mas oh menina, elles cuidam de certo que o Thomé que é el rei D. Sebastião?

Catharina -- Não sei bem o que elles cuidam; uma vez me parece uma coisa, outra vez outra. Mas o que eu sei bem é que meu pae que está firmemente persuadido que o Thomé é uma grande personagem encuberta, e que por força me quer casar com elle.

Anna -- Ai que riso! Ah, ah, ah! (*rindo*).

Catharina -- Ri-te, ri-te, cá estou eu para chorar. E' que tu não sabes o que é meu pae, em se lhe mettendo uma coisa d'estas na cabeça.

Anna -- Não, não sei: se eu o não soubera, e se as-

sim não fosse, bem estavamos nós! Ora o Thomé,
o mono!

Catharina—Deante d'elle m'o disse, e deante dos
seus amigos todos, que approuvaram; e tiveram a
confiança—o animal de fr. Bernardo é que mais
zanga me faz—tiveram o descôco de me dar os
parabens!

Anna—E o Thomé—diga, menina: o parvo do remen-
dão o que dizia?

Catharina—Eu sei cá o que elle dizia? Pôz-se-me a
fazer olhos e visagens, que eu córava de raiva e de
vergonha. Até me parece—espera—até me parece
que me chegou a dizer finezas... Meu pae sempre
me faz passar por coissas!

Anna (*á parte*)—Tu m'o pagarás, tratante! (*alto*) Ah!
elle dizia-lhe finezas!

Catharina—Creio que sim. E de uma vez—agora me
lembra—parece-me que me disse assim baixo: «Fa-
le com a Anna, a Anna da Trouxa... A trouxa que
nos valhal!»

Anna—Isso então é outra coisa; deixe a menina es-
tar; tudo hade acabar em bem.

Catharina—Hade sim! Pois não? Meu primo Sebas-
tião, que já meu pae o não podia vêr, foi-lhe hoje
dar pancadas no Thomé...

Anna—E não foram mal dadas: tudo isso nos ajuda.
Olhe, menina, elles veem ahí com a sua mascara-
da de procissão áquelle retrato. Deixe-os vir, e fa-
ça-se tola como elles.

Catharina—Já eu estou n'este trajo que vês, estou
quasi mascarada.

Anna—Pois isso; ponha de conta que é entrudo, que
entra n'uma comedia, e faça o seu papel.

Catharina—Mas qual é o meu papel, e se o poderei
eu fazer?

Anna—Enthusiasme-se, seja-me Sebastianista exal-
tada. A quantas loucuras elles dissereon, applauda.
A tudo o que lhe perguntarem, diga que sim.

Catharina—Que sim! Pois quando me perguntarem
se eu quero casar com...

Anna—Diga que sim.

Catharina—E depois?

Anna—Depois... veremos quando lá chegarmos.

Catharina—N'essa não cajo eu. Casar-me!

Anna—Deixe-se casar.

Catharina—Com elle?

Anna—Com o proprio D. Sebastião que lhe appareça. Deixe-se casar, o tudo é casar... o caso é casar. Depois...

Catharina—Depois?

Anna—Depois... Já lhe disse: veremos. Em uma palavra, fia-se em mim ou não se fia?

Catharina—Fio-me, minha Anna, fio, que só tu me podes valer.

Anna—Ora pois então, faça o que eu lhe digo, e deixe o mais por minha conta. Olhe, menina, elles a representar a sua comedia que cuidam que é de veras...—E o que é esta vida toda senão uma comedia?... valha-me Deus!—deixe-os representar a sua comedia. Mal sabem elles que eu é que sou o ponto, ou o contraregra, ou como é que se diz?

Catharina—Dizes bem, contraregra: é o que está detraz dos bastidores e que manda sahir e entrar os outros.

Anna—Sem ninguem o ver de fóra?

Catharina—Sem ninguem o ver de fóra.

Anna—Pois é como é. Eu é que sou o contraregra n'esta comedia: eu é que os faço sahir, eu é que os faço entrar. Verá como lh'a eu acabo, a comedia. Prometti-lh'o á menina e a seu primo: hoje se hade desfazer esta troixa.

Catharina—Elles ahi vêem.

Anna—Que venham em boa hora. Eu vou lá dentro e aqui estou já.

SCENA VI

CATHARINA, PANTALEAO, *de capa e volta com uma especie de guião branco como o d'í camara*, THOMÉ *ridicamente vestido no trajo de D. Sebastião*, PROCÓPIO e varios outros *virjas de capa e volta*. FR BERNARDO *de samarra, varias sehoras moças vestidas de gala, LAZARO e os PRATICANTES com tochas, etc., tudo perfeitamente caricato*; e vêm em forma de procissão. Inclinam-se deante ao retrato de D. Sebastião e formam alas. Pantaleão e Thomé ficam no meio. O côro vem cantando.

Côro de damas

Já o tempo desejado
É chegado.
E el rei D. Sebastião,
Que ao leão corta a garra,
Já levanta o seu pendão.

Côro todo

Viva el-rei D. Sebastião
E o seu propheta Bandarra!

Pantaleão (*com solemnidade ridícula*)—Ei!-o aqui, meus amigos; achei-o eu, e não me custou pouco. Estava-me reservada esta glória; e creio que posso dizer sem vangloria que esta glória que a merecia a minha lealdade, a minha fé, a minha constância. Todos—Muito bem, muito bem! oiçam, oiçam.

Pantaleão—Não me agradam essas palavras peralvillhas, meus amigos. Acceito a expressão do vosso entusiasmo, da vossa approvação, mas rejeito... Rejeito também é... não quero: desaprovo a fórmula. Não estamos aqui n'isso que elles chamam as cortes!. . Mas estamos, quasi se pôde dizer, na corte do maior e melhor dos reis...

Todos—Apoiado!

Pantaleão—Não apoiem, não apoiem, que não digo mais palavra.

Todos—Fale, fale!

Pantaleão—Peior, peior, peior! Tal e qual como elles. Emfim, senhores, oiçam e callem-se que assim era d'antes, e assim hâde tornar a ser se Deus quizer—e quer—Falar, falo eu; e os outros é para ouvir—Sim meus amigos. Já o tempo é chegado. Já não são os fatídicos buchos de pescada em que nós, como os antigos augures, iamos estudar os segredos do futuro. Já não é o cacarejar prophecético da gallinha que nós espreitavamos com anciadade para ver se sahia ovo com letra, e se a letra dizia: «Viva o encuberto!» Já não são os amarillos calhamassos do pretinho do Japão, da madre Leocadia, as proprias trovas emfim do grande Bandaral (*Inclina-se a Thore*) do grande, immortal e imorredoiro Gonçalo Annes Bandarra! (*Inclina-se mais profundamente*.) Não, não é já essa escriptura misteriosa e symbolica a que precisâmos decifrar

para saber a quantas andamos, e quando será o dia, o dia feliz em que, por entre a névoa e a cerração, hade resureir outra vez o sol de Portugal a sua glória antiga, o seu rei verdadeiro, o imperador da quinta monarchia! Não, meus amigos, já nada d'isso precisâmos. Os incredulos vão ser confundidos, e os fieis premiados. Acabaram-se as duvidas e as incertezas, hoje vamos saber tudo. *Ecce homo, eis aqui o homem!*

Côro

Baile Fernando e Constança!
E pois que tudo já vemos,
Pelo bem que lhe queremos,
Seja elle o mestre da dança!

Pantaleão—O mestre da dança hade ser... e que dança!—Este é o mestre, sim, meus amigos, o mestre! o homem dos seculos, o homem que não morreu nem podia morrer. Sim, porque o nosso rei, o nosso libertador está vivo. Não o acreditaes? Falae; agora que é preciso, podeis falar. Acreditaes firmemente que está vivo?

Todos—Firmemente.

Pantaleão—Bem! Pois eu digo, e pela mesma razão, que tambem o seu propheta não podia morrer.— O propheta Elias foi arrebatado n'um carro de fogo, e não deixou n'este mundo senão o seu manto. O propheta Bandarra não sei o que deixou nem em que foi arrebatado, mas n'alguma coisa havia de ser... O caso é que o foi. Não o acreditaes?

Todos—Por certo! assim seria.

Pantaleão—E assim foi, nem podia deixar de ser. Por onde eile tem andado estes tres seculos, não sei, mas hade ser por bons e honestos sitios, que não é homem para menos. Não sei por onde andou até agora; elle o dirá se quizer, o grande homem; mas sei que voltou; que está entre nós, que está perto de nós, que está aqui. . aqui n'esta casa, inda mais—que jantou hoje commosco! .

Proopio—E' possivel!

Todos—E' possivel!

Pantaleão—Que restituindo a uma vigorosa e gentil mocidade, hoje me vae fazer a honra d' celebrar esponsaes com minha filha Catharina. Filha ditosa, filha de bençam, vem minha filha predilecta, e sejas

tu a primeira a saudar o grande propheta, o precursor immortal da nossa felicidade, o excelso Gonçalo Annes Bandarra que aqui vos apresento senhores. (*Vae buscar a filha e a traz para o pé de Th: mē.*)

Thomé—Com que... eu sou?...

SCENA VII

DITOS e ANNA que entra pelo fundo e se approxima de Thomé

Anna (á parte)—E's, és o Bandarra; e adeante!

Thomé (á parte a Anna)—Adeante? Sempre até o casorio?

Anna (á parte a Thomé)—A tudo.

Thomé (do mesmo modo)—Bem! agora o verás: espera (Alto) Sim, vassallos fieis e illustres cidadãos... (A'parte) Oh diacho! cidadãos não é d'aqui, é lá das eleições. (Alto) Vassallos, fieis, fieis... independentes... (Aparte) Independentes tam'hem é dos eleitores, com a bréca! (Alto) Sim ea sou... (á parte) Porque não heide eu sel o? (Alto) Sou o Bandarra! O proprio Bandarra em pessoa, que era sspateiro como eu, remendão como eu... e cuja tripeça não tinha senão tres pés como a minha. Podéra! Se elle era eu, e se eu sou elle! Muito tempo o neguei, nem eu sei porquê... Ah! sei. E ainda digo mais—cidadãos... quero dizer, fieis vassallos, ainda digo mais para ser franco e sincero comvosco, que este é o logar da franqueza, o templo da sinceridade...

Pantaleão—O templo da sinceridade... Sublime, sublime!

Anna (baixo a Cathrina)—Vem ahi asneira muito grossa, menina.

Catharina (baixo a Anna)—Se elles desconfiam!...

Anna (do mesmo modo)—Não tem perigo: estes sim!

Thomé—Este, digo, é o logar da franqueza, senhor presidente... quero dizer, senhor Pantaleão, Pantaleão de Sá, que presidís a esta illustre assembleia...

Pantaleão—En, meu senhor, eul

Thomé—Presidís que mando eu.

Pantaleão—Ah! Se mandaes é outro caso: presidi, rei e falarei....

Thomé—Fareis favor, primeiro que tudo, de me mandar buscar um copo d'aquele vinhote cerceal da madeira, que ainda ficou lá na mesa uma garrafa quasi cheia. E' um vinho secco e sâo, próprio para estas seccuras de garganta, que se me pregaram desde que estive n'aquelle maldita ilha encoberta.

Pantaleão—Maldita!

Thomé—Quero dizer, abençoada! E abençoado seja tudo o que d'ella vem e está para vir, que a mim nunca de lá me veiu senão bem e fortunas e... Mande buscar o vinho, senhor Pantaleão, que se me sécrá de todo a garganta, e a prosa também. (*Pantaleão se volta logo com uma salva com a grrafa e copo, dizendo primeiro*)

Pantaleão—Vou, vou já meu senhor (á parte) Forte homem é o propheta, e muito bebe!

Thomé—Bem! vá... aliás, ide, e tornando ao meu caso, ou ao meu ponto, que eu não faço obra senão ponteada ou pespontada e também de vira; e lá diz a trova, a minha trova lá digo eu:

Metto a sovella nas viras.

Tornando ao meu ponto, digo que neguei por muito tempo quem eu era, e nequei-o com boa razão... é que eu mesmo o não sabia.

Procoorio—Não sabia!

Thomé—Não o sabia, não. E foi preciso... (*Toma o copo da mão de Pantaleão e bebe*)—Ah Filho, Filho, d'este nunca tu viste, nem o Zoina! Foi preciso que o meu antigo Pantaleão, este grande homem. (*Pantaleão faz reverencias profundissimas*) este vassallo fiel, qual outro Epaminondas...

Pantaleão—Eu Epaminondas, senhor! oh!

Thomé—E's Epaminondas, Pantaleão, és; sou eu que o digo, e fica dito: és mais que Epaminondas, és um verdadeiro (*A'parte*) pedaço d'asno é pouco! (*Alto*) és um verdadeiro Rhadaman'ho.

Pantaleão—Rhadamanto! o grande juiz da antiguidade!

Thomé—Juiz (*A'parte*) Ah! elle era juiz, o tal Rhadamanto! deixá-lo ser. (*Alto*) Juiz! E que maior que melhor juiz do que tu, que logo ajuizaste que,

eu era o grande Bandarra, e que te não deixaste
embaciar por quatro tombas que me viste deitar,
por quatro asneiras que me ouviste dizer, e logo
disséste: Aquelle é o Bandarra?

Pantaleão—Lhe alguma coisa me havia de servir o
meu profundo estudo que ha sessenta annos, te-
nho feito das vossas obras immortaes! oh sancto
propheta.

Thomé—Propheta sou, dizes bem: e a ti te propheti-
so, ó Pantaleão, e á tua filha Pantasilea...

Pantaleão—Minha filha elevada á cathegoria de
Pantasileal Isto é honra de mais; eu não merecia...
Agradece, filha.

Thomé—A ti e a ella prophetiso eu que na hora em
que chegar el-rei meu amo, haveis de ficar ambos...
patetas.

Pantaleão—Se eu já o estou, só de vos vêr a vós, ó
grande homem, que fará?...

Anna—Oh senhor Bandarra, senhor Bandarra, e a
mim que me prophetisa v. ex.?

Pantaleão—Tu déste-lhe excellencia, Anna?

Anna—Então que lhe havia de dar. Senhoria hoje
em dia tem os gatos.

Thomé—Dá o que quizeres, mulher, que nós toma-
mos o que nos dá gosto. E principalmente dá-me
vinho (*Anna dá-lhe vinho que elle bebe*) Ah Pilho,
Pilho, (*Baixo*) que d'este... vou bem, mulher?

Anna (*baixo*)—Vaes; mas avia-te, que já vae sendo
massada. E são horas: tudo está prompto.

Thomé—Pois sou, meus senhores, sou eu o Bandar-
ra. E as minhs trovas, as minhas prophecias, sou
eu que as venho cumprir e fazer cumprir. Atten-
ção!

Pantaleão—Atenção!

Todos—Atenção!

Thomé—

Oh quem tivera poder
Para dizer
Os sonhos que um homem sonha!
Mas hei medo que me ponha
Gran' vergonha
De m'os não quererem crer.

Isto quer dizer que se não espantem de nada do
que virem e ouvirem.

Pantaleão—E' claro, clarissimo. E eu que nunca tinha entendido aquella!

Thomé—Callae-vos Pantaleão.

Pantaleão—Estou mudo.

Thomé—

Este será o primeiro
Que porá o seu pendão
Na cabeça do dragão:
Derrubál-o-ha por inteiro.

Isto quer dizer que el-rei D. Sebastião que não tarda, que ahi vem. Mas quando vem, a que hora vem...

Lazaro—De madrugada muito cedo. Até ahi sei eu.
Pantaleão—Calla te ignorante.

Thomé—Calla-te infimo bazalicão. Esse era o credo velho, pateota, quando vocês iam para o alto de Santa Catharina esperar por mim e por meu amo, em havendo cerração na barra; quando tu, honesto Pantaleão, enganado por traidora pescada, foste alli á Pampulha, onde te correram os gaiatos á pedrada... Mas não falemos mais n'isso: o que lá vae, lá vae. Vejam que horas são.

Procoorio—São onze horas e meia.

Thomé—Onze e metà! Bem. Chega a hora. A' meia noite em ponto, hoje, aqui, n'esta casa o vereis.

Todos—Quem?

Thomé—O original d'este retrato, el-rei meu augusto amo, o sr. rei D. Sebastião.

Pantaleão—Nesta casa!

Todos—Nesta casa!

Thomé—Nesta mesma casa, d'aqui a meia hora.

Pantaleão—Que gloria, que fortuna! Eu endouadeço. É possivel? Oh senhor .. Mas como heide eu? .. Valha-me Deus! Como hade isto ser? Não ha aqui ninguem que saiba, que possa...

Thomé—Homem de pouca fé, observa e attende. Sr. Procoorio vocemeccê é ou foi escrivão, e hoje?

Procoorio—Tabellão de notas, é o meu officio.

Thomé—Sem: está nomeado notario regio, e escrivão da puridade. É uma especie de secretario d'estado: não se admire: hade chegar a todos. Sente-se e escreva. (*Procoorio fuz o que lhe dizem, Thomé prosegue dictando*) Usando e ab ando ..

ProcoPIO—Zando.

Thomé—Dos poderes que me são concedidos...

ProcoPIO—Didos.

Thomé—Em nome do Encoberto...

ProcoPIO—Berto.

Thomé—Nomeio mordomo mórmor a Pantaleão de Sá...

ProcoPIO—Taleão de Sá.

Thomé—Que o tenha assim entendido!

ProcoPIO—Dido.

Pantaleão—Senhor!

Thomé—Acceita ou não acceita?

Pantaleão—As minhas molestias, senhor... mas o serviço d'elrei e o desejo...

Thomé—Bem: é a cantilera do costume. Dê-a por dita e vamos adeante. Tome o seu lugar. Vá lavrando os outros decretos. Para estribeiro mórmor Braz Fagundes. É o senhor?

Pantaleão—O meu compadre? que tem seges d'aluguel.

Thomé—E vocemecê que tem? Implastos e vomitários. É o que elles são! Em subindo já os outros lhe parecem... Pois hade ser alguma coisa mórmor o Fagundes, seja o que fôr, logo veremos. O padre fr. Bernardo, esmoler-mórmor, ninguém lh'o tira. Falta lhe o habitto; mas o habitto não faz o monge, como todos sabem e vossa Reverendíssima ficava fr. Bernardoinda que lhe poszessem uma albarda. Damas, todas estas senhoras; camaristas, tudo isso. A minha Anna açafata, e que deixe a troixa. Tenho concluido o despacho, e el-rei que venha quando quizer. Estaes satisfeito, Pantaleão?

Pantaleão—Tanta bondade, senhor! Mas permitta-me sómente que lhe observe. Alguns d'esses empregos... ha pessoas com direitos adquiridos a elles...

Thomé—Não quero saber de direitos nem de tortos. Estou a organizar o paiz.

Pantaleão—Ah! se isso é organizar o paiz!

Thomé—Pois organizar o paiz o que é, pateta, se não repartir a gente por si e pelos seus amigos!... Está bom; não me façam falar. Lembrem-se que eu que sou propheta, e não me puxem pela lingua.

Pantaleão—E o consorcio, senhor? Minha filha a quem estava promettida a honra...

Thomé—Não me esqueço; não cuide: mas ahi é que bate o ponto, ahi é o... Sr.^a D. Catharina?...

Catharina—Thomél!

Pantaleão—Qual Thomé, rapariga? Estás louca. Gonçalo, sr. Gonçalo...

Côro

Hade-se chamar Gonçalo
Já que n'esta casa entrou.

Thomé (*á parte*)—Entrar, entrei eu Gonçalo, agora como heide sair?... Adeus! animo, e adeante, D. Catharina?

Catharina—Que determina, sr. Gonçalo?

Thomé—Gonçalo!... E porque n'e não chamas Gonçalinho, o teu Gonçalinho, objecto dos meus cuidados, pespontada biqueira do meu coração, obra da medida da minha alma?

Catharina—Ai que coisas que diz! E tudo cheira a serol.

Pantaleão—Catharina!

Thomé—Mas que seroll! O serol da prophecia, como diz seu pae, menina! Serol que unge e consagra, e que me dá a gloria de unir esta mão besuntona (*Dá-lhe a mão*) à delicada mão da minha... (*Bairo a Catharina*) Calle-se e aguente que é preciso. Anna não lhe disse?

Catharina (*bairo a Thomé*)—Disse, disse: mas vae sendo tam comprido isto!

Thomé (*bairo a Catharina*)—Agora, agora: não se impaciente. (*Alto*) Deixa-me, ó Catharina, apertar na minha a tua mão, e...

Catharina—Tire para lá, não quero.

Pantaleão—Catharina, rapariga, que fazes? Aper-tae, apertae, ó illustre Gonçalo: vossa é a mão de Catharina. Lá a mão, mulher, dá...

Thomé—Esta mão que beijo (*Aperta e beija a mão de Catharina*). (*Dio tres pancadas solemnemente detrás do retrato de D. Sebastião.*)

Todos—Jesus!

Pantaleão—Foi o retrato d'el-rei.

Todos—Misericordia!

Thomé—O retrato! Se fosse o retrato... (*Á parte*)

E' o outro que se zanga; tenha paciencia. (*Alto*)
Esta mão, ó Pantaleão, não pôde ser minha.

Pantaleão—Que oíço!

Thomé—Isto mesmo. E ouvistes aquellas solemnes
e tremendas pancadas? Não foi retrato... foi...
não posso encobrir-o mais... foi o original.

Pantaleão—O original!

Thomé—Sim, callae-vos e attendei. Sim, o original.
Aquellas tremendas pancadas querem dizer...

Pantaleão—Querem dizer?

Thomé—Querem dizer que el-rei não está contente
commigo, e que incorrerei no seu real desagrado
se já, já não executo as ordens que recebi ao par-
tr da ilha encoberta. Dizei-me, Pantaleão, ou an-
tes que direis vós se o genro que vos está desti-
nado, em vez de ser o propheta, fosse... em vez
de ser a sombra fosse?...

Pantaleão—Que dizes, homem? Eu tremo, eu quasi
que... Eu caio n'esse chão por morto.

Thomé—Pantaleão, attenção! Attenção, todos. Pro-
kopios e Prokopias, Annas da troixa e Annas sem
troixa.

Todos quantos aqui estaaes
E que patetas ficaes
De ver e ouvir os signaes
D'estes casos immortaes,
Pasmae, pasmae,
E por terra vos prostrae.

Os ginjas ajoelham[todos

E tu, ó Catharina

(A'parte) Vamos! dê-me a mão, menina.

Tu só, pelo teu pé, que teu nome é,
Tu vem, chega-te e vê.

Real senhor, apparecei. (*Desaparece o retrato e ap-
parece um homem tal e qual como elle, mas com a
vi[eira descida*) Ei-lo ahi, o encuberto já descuberto.—Real senhor, esta é a esposa que desde tantos
seculos vos estava destinada nas minhas prophe-
cias. Eu as fiz e eu ascumpro. Se todos os proph-
etas fizessem outro tanto, não haveria quem duvi-
dsase d'elles.—Acceitae-a da minha mão, esta es-
posa, senhor, por quem tendes desprezado filhas

de reis e de imperadores, sobrinhos de papas, netas de sultões e a propria viúva do Preste João das Indias.—Que me dizes a isto Pantaleão? (A parte a Anna) Péga a coisa, mulher?

Anna (baixo a Thomé)—Vae optimo. Péga, péga. Anda para deante.

Thomé—Pantaleão, eis aqui o premio de teus longos serviços. (Põe a mão de Catharina na do homem armado e diz baixo para elles) Animol a coisa está feita. Agora não larguem (Alto) Procopio, lavræ as escripturas, eu assigno de cruz.

Pantaleão—Será possivel! São os meus olhos que vêem, os meus ouvidos que ouvem?—Real senhor, será certo que vossa magestade?...

Thomé—Silencio Pantaleão. Ninguem, senão eu, pode dirigir a palavra ao Encuberto: é contra a etiqueta.

Pantaleão—Ah! se é contra a etiqueta...

Thomé—Fr. Bernardo, sr. esmoler mór, vamos ás bençãos ao oratorio. Pantaleão, ide buscar o dote.

Pantaleão—Pois el-rei quer?...

Thomé—Nada, não quer! Tam rico vem elle com trezentos annos, ou quantos é que é, de estar metido na tal ilhazinha!

Pantaleão—Trinta mil cruzados, é o mais que eu posso...

Thomé—Venha para as urgencias do estado.

Pantaleão—Real senhor!

Thomé—Não lhe fale, já lhe disse, nem elle o ouve nem lhe responde em quanto não fôr manhã bem clara... quero dizer, bem cerrada... ao meio dia em ponto.

Pantaleão—Pois não me disseinda agora que á meia noite é que era?

Thomé—Pantaleão, não me seja incredulo, meianoi-te para chegar, meio dia para falar. Verá como elle fala ámanhã.

Pantaleão—Bem, bem! Já me callo eu.

Thomé—E vá buscar o dote.

Pantaleão—Vou.

Thomé—Tome cada um o seu lugar e saia a corte. Sem cerimonia, meus senhores. Está dispensada a etiqueta. Toquem as charamellas. Isto vae em ar de procissão, visto que vamos para a capella. Tu-

do adeante, eu e el-rei e a esposa no coice. Vamos!
(Vão saíndo todos pouco a pouco).

Thomé (*canta*)—

Já o tempo desejado
 E' chegado;
 E el-rei D. Sebastião,
 Que ao leão corta a garra,
 Já levanta o seu pendão.

Côro

Viva el-rei D. Sebastião
 E o seu propheta Bandarra!

Thomé (*baixo a Catharina*)—Conhece-o?
 Catharina (*do mesmo modo*)—Conheço.

Thomé (*do mesmo modo*)—E' Sebastião ou não é?
 Catharina (*do mesmo modo*)—Oh se é. Esta prophe-
 cia saíiu bem certa.

Thomé—Ora casem, vão-se deitar, e ámanhã expli-
 carão as prophecias ao velho. (*Para o público can-
 tando*)

E vós todos que me ouvis
 E assistis
 A esta grande funcçao,
 Fazei todos algazarra
 E applaudí a acclamaçao.

Côro

D'el-rei D. Sebastião
 E o seu propheta Bandarra.

O NOIVADO NO DAFUNDO

O Noivado no Dáfundu, ou *Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso*, foi publicado pela primeira vez em 1857 pela empreza *Theatro moderno*; fôra o sr. Francisco Palha de Faria Lacerda que, competente mente auctorizado, lhe offerecera o manuscrito.

A sua carta que acompanhára o offerecimento, sendo a historia do *Proverbio*, pedimos-lhe licença para aqui a transcrevermos.¹

O ED. C. G.

¹ «O *Proverbio* que, com auctorização competente lhe envio para ser publicado, é o auxilio mais valioso que posso prestar á empreza do *Theatro moderno*.

«Se ella não vingar á sombra do nome ilustre do Visconde de Almeida Garrett, não seriam de certo os meus fracos serviços, e muito menos os meus obscuros e humildes escriptos, que haviam de ir animal-a.

«A estas poucas scenas, esboçadas em tres ou quatro horas para serem ensaiadas e representadas n'uma sala, e em familia. não dava importancia alguma o seu auctor; porém os assignantes da sua collectão, meu amigo, é que lh'a hâode dar, porque—ainda que o Visconde de Almeida Garrett conver-

sava ao mesmo tempo que estava delineando e escrevendo essas paginas — nem por isso lhes falta a graça e elegancia d'aquelle penna immortal.

«Para mim, sei eu que este *Proverbio* tem immenso valor ;—é a recordação de um tempo alegre — passado em companhia de pessoas que eram muito queridas á minha alma, e algumas das quaes já não existem ;—é a memoria viva da amizade com que me honrou o grande poeta, a quem paguei, e heide pagar sempre, com muito respeito, e muito entusiasmo pelo seu peregrino talento.

«E para me ficar completo este monumento de saudade, publique-se tambem a carta que veio acompanhando o *Noivado no Dáfundu*. O original de tão preciosa reliquia conserval-o-hei toda a minha vida com o entranhavel amor que merece um thesouro de tão grande preço.»

F. PALHA.

EPISTOLA ROMANTICA

Caxias, 9 de setembro de 1847.

Oh tu que as praias do Dáfundo habitas
E abertos olhos na ventura fitas—
Como a aguia fita o sol—eu te saúdo
De um saudar invejoso e quasi rudo.
Porque... porque... O que é saudar? É um brado,
Uma voz óca e van, um som coado
Por labios de homem... E o homem? Um segredo,
Um mysterio de duvida e medo,
Uma coisa que fez a natureza
Como a luz faz a sombra — sem despeza
De calor — e até...

Joven das praias,
Não me digas que divago e me dês vaidas,
Que isto é puro romantico elevado,
Sublime, philosophico, exaltado,
E sobretudo novo... Maldição!
Maldição sobre quem disser que não!

Ora, pois, n'este dia que entre os dias
Da vida do universo está marcado
Para o mais triste dia de Caxias,

Eu te envio os meus Anjos¹ que guardado
Atégora me têm na soledade,
E por quem este ermo era abençoado.

Ambos de negra cõr da saudade
Trajados vão—que as roupas alvejantes
Ficaram a engommar na Eternidade.

Demais a mais, as maguas penetrantes
De um tio velho que morreu ha dias,
Lhes impedem as vestes roçagantes,
Tambem não levam azas, que em Caxias
São poucas para mim todas as penas:
“É calemburg.” — mas sério: não te rias.

..... N'este ponto sublime e quando iam sair as
mais lindas coisas d'esta epistola — sae a carroagem
e os anjos. Assim, adeus. Remetto o nosso Proverbio.

¹ D. Helena Pêo Aranha e sua irmã.

O NOIVADO NO DÁFUNDO

OU

CADA TERRA COM SEU USO CADA ROCA COM SEU FUSO

Proverbio n'um acto

MDCCCXLVII

PESSOAS

ADELIA	Noiva de
AUGUSTO	
ANNA MAXIMA.....	Mãe da noiva
PANTALEÃO.....	Esposo de Anna
ANTUNES	Caixeiro de Pantaleão
ESEQUIEL	Taverneiro
GENOVEVA	Criada

CÔRDO DE CONVIDADOS E PARENTES DA NOIVA

A scena é no Dáfundo

SCENA I

ESEQUIEL, GENOVEVA, CÔRDO dentro

Uma voz (*ao longe*)

Dáfundo!

Côrdo

Dáfundo!

Esequiel—São elles, são elles. Avia-te, Genoveva.

Côrdo (*dentro*)

Ventura como esta não ha n'este mundo!
Dáfundo!

Genoveva—Ai, senhor, a bulha que elles fazem ainda no mar! Que fará em cá entrando!—Deus nos accuda.

Esequiel—Anda, rapariga, minha Genoveva, que hoje é dia grande, pequena. (*Pondo-lhe a mão pela cara.*)

Genoveva—Tire-se para lá,—deixe-me, se quer que me avie.

Esequiel—Genoveva, rapariga, não percas a tua fortuna, não me trates com rigor;—olha que eu hoje que me sinto capaz d'uma asneira.—Genoveva, tu sabes quem en sou?

Genoveva (*A'parte*)—E's um mono d'un velho, que eu heide fazer rabiatar. (*Alto*)—Está bom, senhor, está bom:—não me desinquiète, que eu sou uma pobre rapariga, orphan de pae e mãe que quero ganhar a minha vida honradamente. O senhor é um homem que tem de seu e não lhe falta nada.

Esequiel—Falta, sim, Genoveva: dêsque morreu quem Deus tem; falta. (*Derretido*)—Pois tu não vês o que me falta?

Genoveva (*A'parte*)—Vejo, vejo;—é o juizo, pateta. (*Alto*) Olhe, senhor, mudemos de conversa, e di-

ga-me: que gente é esta que aqui vem hoje passar o dia, e que tomou a casa toda,—que encommendou um jantar tamanho?

Esequiel—São uns fanqueiros ricos de Lisboa, gente muito capaz e que paga bem.

Genoveva—E o que vêm elles cá fazer... que diz que é?...

Esequiel—Um noivado, rapariga.—Sabes o que é, minha Genoveva? Olha:—se tu quizesses, tambem nós um dia cé-lo...

Genoveva—Ai deixe, senhor: isso não é para mim, que sou pobre.—E diga-me: pois então vêm fazer aqui um noivado n'uma taverna?

Esequiel—Taverna, Genoveva!—Bem digo eu que tu não sabes o que dizes nem o que fazes.—Pois a Casa de Pasto do Dafundo é uma taverna!? Uma casa conhecida em toda a parte pelas suas caldeiradas, e os seus patos com arroz!

Genoveva—Mas enfim, seja o que for, é uma casa pública: e então esta gente não tem casa sua para casarem como os outros fazem?

Esequiel—Nada não têm! Um famoso quarto andar com varanda e janellas rasgadas.—Mas é uma moda de França que veiu agora, esta de ir fazer os casamentos para as casas de pasto.

Genoveva—Então em França ninguem se casa em casa?

Esequiel—Nada.—Nem na egreja tampouco,—parece—Em sahindo de casa do regedor, ou do juiz eleito, ou de quem quer que é, toca tudo para a casa de pasto, e é comer e beber e dançar, noivos, padrinhos, parentes e convidados, até ao outro dia.—Alguns sempre diz que vão depois á egreja, mas só por cerimónia.

Genoveva—E então agora vae-se cá usar isso?...

Esequiel—Pelo que vejo: inda bem! Estes que aqui vêm hoje diz que dispensaram com o prior, ao menos por enquanto: que fazem cá o noivado e que só amanhã é que vão á freguezia para não dar muito que ralhar.

Genoveva—Pois, senhor, eu dos tais casamentos é francesa—não entendo; não queria... Cada terra...

Esequiel—Com seu uso. Mas este é bom, e pode servir para cá muito bem.

Côro (*dentro*)

Dáfundo!

Uma voz

Dáfundo!

Ventura como esta não ha n'este mundo!

Côro

Dáfundo!

SCENA II

DITOS, ANNA MAXIMA, ADELIA, AUGUSTO
PANTALEÃO ANTUNES, *convidados e parentes*
de ambos os sexos.

Antunes (*cantando*)

Ulisses que tinha andado
Por este e pelo outro mundo,
Quando quiz fundar Lisboa,
Veiu ás praias do Dáfundo.

Côro

Veiu ás praias do Dáfundo.

Antunes

E ao cimo da Cotovia
Não foi grego facundo
Sem parar aqui primeiro
N'estas praias do Dáfundo!

Côro

Oh! que praias do Dáfundo!

Anna—Muito bem, muito bem! Isto sim que é um casamento, isto é que são modas e usos agradáveis e civilizados.—Oh sr. Pantaleão, no seu tempo sempre eram muito brutos, muito selvagens os nossos portuguezes!—Nem casar sabiam.

Pantaleão—Eu não sabia decerto o que fazia.—Lá isso é verdade.

Anna—Silencio; não diga asneiras, Pantaleão! Lembre-se a figura que hoje faz, e não me envergonhe;—considere bem o que representa n'este dia solene.

VOL. V—NOTÍCIAS NO DÁFUNDO

Pantaleão — Eu represento... Pois eu represento?

Anna — De meu marido, sim senhor, e de...

Antunes (*á parte*) — E de tolo.

Anna — E de pae da noiva, senhor!

Pantaleão — Ah! sim, é verdade.—Não me lembra.

Anna — Meu genro?

Augusto — Senhora!

Anna — Deixe-me vêr o seu ramilhete.—Bom.—Endireite essa gravata, puxe esse colete para baixo.

— Está bem, — está melhor assim. — Ora vamos, sr. Augusto, faça-se amavel, seja galante! — Jesus! parece que nunca esteve em Paris.

Augusto — Pois estive.

Anna — E então fazia lá esta mesma figura? Credo!

— E ia assim com essa cara triste e desconsolada ao Palais-Royal, á Tulherias, á Bastilha?

Augusto (*Sorrindo*) — Não; á Bastilha nunca eu fui. Graças a Deus! É coisa muito nova, não era ainda do meu tempo.

Anna — Não é do seu tempo? Não verão o velho.

Mas olhe: a falar a verdade, velho parece pelo seu modo.—Sr. Antunes, tome conta no seu amigo, e veja se o alegra. — E oiça: venha cá, sr. Antunes.

Antunes — «Je suis à vous, madame Pantaleão.» — Deixe-me arranjar a corôa da noiva. (*Para Adelia*) Então dona Adelia! Este véo cahido com mais graça.—Bem, assim! (*Em voz baixa*) Nada de lagrimas agora. Na egreja fica bem; é bom genero; em Paris é de rigor chorar no acto; mas aqui, agora é como se estivessemos no «Cadran bleu», ou «chez Grignon» — que é mais fino — «plus couusu»: — aqui é rir, brincar e dançar.

Adelia (*Baixo a Antunes*) — Não posso.—Quando me lembro que me casam com um homem, que mal conheço, que não gosta de mim, — que é um contrato todo de dinheiro...

Antunes — Não me seja portuguezona.—Vamos!

Anna — Antunes!

Antunes — Senhor! aqui estou, — aqui estou.

Anna — Vamos a isto.—Então que fazemos? Senhor Antunes, divertimo-n'os, ou não nos divertimos! Faça-nos rir, — ande. — diga-nos das suas, que tanta graça tem o mofino do rapaz.—Ora pois, em Paris como se faz quando a gente chega? (*Em voz baixa*) Ouviu — deixe-se estar ao pé de mim: não se

laça tolo. — Modas de Paris, modas de Paris... mas em termos. — Percebe-me? Olhe que se o apinho n'alguma, atiro com as francesias ao diacho, e hade ver uma portuguesa devéras.

Antunes (A'parte) — Em boa estou eu mettido. A velha por uma banda, a filha pela outra... Quem me manda a mim?... Mas adeus! Animo, e subamos á altura da situação «En avant et vive Paris!» (*Alto*) Ora pois, meus senhores e senhoras, «Messieurs et dames.» — que em França, paiz classico da galanteria, começa-se pelos homens. — Mas isso não faz nada. Minhas senhoras e meus senhores, vimos aqui hoje fazer este noivado ao Dáfundo, atirando para traz das costas com os velhos usos rabujentos dos nossos Affonsinhos, e dispostos a divertir-nos e a brincar e dançar á moda de Paris. — Portanto, enquanto se não põe o jantar na mesa, vamos á primeira contradança. — Eu na minha qualidade de «garçon de noce», e pelo privilegio que me dá este ramilhete...

Anna — Antunes... sr. Antunes!

Antunes — Madame Pantaleão!

Anna (Em voz baixa a Antunes) — Sabe quem é o seu par para a primeira contradança?

Antunes (A'parte) — Na primeira logo! (*Em voz baixa a Anna Maxima*) Isso é dar muito nos olhos. — Prudencia, madame Pantaleão, — prudencia.

Anna (Baixo a Antunes) — Prudencia! Também é moda de Paris, essa? Ora não seja pateta; ouviu? — offereça-me já a mão e com graça. — Vejamos...

Antunes (A'parte) — O diabo leve Paris, e quantas modas de lá vêm. O mono da velha já está mais parisienne que Santa Genoveva. (*Arranja-se a contradança. Adelia dança com Augusto. Antunes vai collocar-se defronte com Anna Maxima.*)

Anna — Vis-á-vis, de minha filha! Não quero. — Para ali. (*Muda de lugar — levando Antunes consigo.*)

Antunes (A'parte) — Ah diacho! que a velha parece-me que tem faro. — Que faria se eu não tivesse sido tam timido, tam pouco exigente!... (*Dançam*)

Anna (Acabando a contradança) — Bem «la contredanse est finie.» Agora vamos passeiar á praia. E então a musica? Sahimos assim monos e semsabores? — *Antunes!*

Antunes — Madame!

Anna—Não se canta?

Antunes—Já, já: vamos a isso. (*Canta*)

Oh! que lindos amores que eu tenho!
Oh! que noivos de tanta feição!

Côro

Oh! que lindos amores que eu tenho!
Oh! que noivos de tanta feição!

Antunes

N'estas praias do Dáfundo
Hoje veja todo o mundo
Como as modas de Paris
Entre nós tomam raiz.

Anna

E os janotas deixál-os falál-os
Que por fim, elles se callarão.

Côro

Oh! que lindos amores que eu tenho!
Oh! que noivos de tanta feição. (*Sahem.*)

SCENA III

PANTALEÃO, AUGUSTO

Pantaleão—Então, Augusto, não vae, fica ahi solumbatico?...

Augusto—Doe-me a cabeça.

Pantaleão—Pois então conversemos um boccado, e deixál-os—Tambem a gente não casa para andar sempre atraz das mulheres.—E que me diz a estas modas de Paris? Eu, que nunca lá estive, acho lindo. Anna Maxima, que tambem nunca saiu de Lisboa... Inda assim! não lh'o diga, olhe que desespéra: fala no Palais-Royal e nas Tulherias e em tudo aquillo, como se lá andasse tres annos. Coitada! é o seu fraco. Mas Anna Maxima é que fez tudo isto, bem vê. Eu queria casar minha filha como toda a gente casa; mas a mãe nada. E eu, por lhe fazer a vontade... não é que ella me governne... isso não!—Mas enfim, visto ser moda...

Lá ella e Antunes é que arranjaram tudo. Eu nem fui ouvido, nem sei nada do que elles fizeram... Mas parece-me isto bonito.

Augusto—Pois com effeito, sr. Pantaleão, deixa o seu caixeiro mandar em casa por esse modo?

Pantaleão—Eu que lhe heide fazer, homem? Elle esteve em Paris, sabe todas essas modas, todos estes usos que eu não sei.—E d'ahi ellaz tapam-me logo a bocca—que em França que é assim, que se faz assado, que eu que não sei viver, que os envergonho, que os nossos costumes e usos velhos que são para jarretas...

Augusto—Os nossos usos! Mas cada terra...

Pantaleão—Com seu uso.

Augusto—É cada roca...

Pantaleão—Com seu fuso. Mas eu creio que isso era quando as mulheres tinham roca.—Agora...

Augusto—São os homens: bem vejo.

Pantaleão—Olhe, Augusto: ouça uma coisa: e não diga nada, que minha mulher é capaz de me esganar se souber. Mas tome o meu conselho. Deixe-os andar, deixe-os fazer o noivado á franceza como elles quizerem, e depois... faça ás avéssas do que eu fiz.

Augusto—Como assim?

Pantaleão—Eu explico. Quando me casei.... casei-me á portugueza devéras, o mais portuguezmente que é possível. No dia do meu casamento houve arroz doce, e vitella assada e peru recheiado: comeu-se muito, bebeu-se lhe melhor. E depois, qual danças nem meias danças! Jogou-se o voltarete a real, eu tirei uma remissa formidável! e foi-se tudo embora, e ficámos muito bem casados. Não é assim? Pois eu lhe digo.—D'ahi a tempos vieram umas viúvulas para o segundo andar, que tinham estado em Paris não sei quanto tempo, fizeram amizade connosco; minha mulher começou a falar francês e logo começou a andar tudo n'uma bolanda. Anna Maxima entusiasmou-se pelas modas francesas, e influiu-se por tal modo que eu nunca mais me entendi em casa.—Emfim quando Antunes veju para a logea, que tambem tinha estado em Paris e é um moço com geito para tudo—lá isso é verdade—é que eu comecei a ter descânco, porque elle

lá se entende com ellas—com as mulheres—e eu deixo-os.

Augusto—Entendo: não diga mais. Portanto o seu conselho é que me deixe eu casar á franceza, e que viva depois á portugueza.

Pantaleão—Isso, isso; ás avéssas do que eu fiz.

Augusto—Essa era minha tenção. Bem sabe que este casamento foi arranjado entre meu pae e vo-simpecê e que eu... Emfim para não contrariar a senhora D. Anna Maxima tenho deixado ir as coisas... á vontade d'ella. E o meu plano era, se visse que sua filha... Mas parece-me...

Pantaleão—Parece-lhe o quê! Não lhe parece nada.

—A minha Adelia é um anjo. Aquillo não tem mais fel... A mãe... oh! se fosse a mãe... Se fosse a mãe não digo... Mas elas ahi veem; calluda! (*Falando muito alto*) Pois como lhe eu ia dizendo, Augusto, minha mulher, madama Pantaleão, que é o modelo das senhoras casadas, e que sabe governar a sua casa como ninguem, uma senhora que dá o tom na galocha e n'essas philarmonicas todas—uma senhora emfim que até os officiaes da fragata franceza dizem que é mesmo uma parisiense...

SCENA IV

DITOS, ANNA MAXIMA, ADELIA

Anna—Saia, senhor Pantaleão! «Sortez Panta». Que nome tam vulgar que este homem tem que nem sequer se pôde pronunciar em francez!—Saia, que temos de falar nós tres. Vá-se não é aqui o seu lugar. Vá á cosinha vêr como vae o jantar.—Ande. Pantaleão (*baixo a Augusto*)—Cautella. (*Alto*) Eu vou.

SCENA V

ANNA MAXIMA, ADELIA, AUGUSTO

Anna (*sentando-se*)—Anda cá filha:—senta-te aqui ao pé de mim e descansa sobre este coração maternal. (*Adelia senta-se*) Assim não, não me chifones as minhas blondas, rapariga! Espera. Ai, o meu

vestido de tarlatana novo! E da Lavalhan que este é, que me levou um dinheiral por elle. E' muito cara a elegancia em Lisboa. E' impossivel que custe tanto dinheiro em Paris ser elegante. — Assim, agora assim, filha, encosta-te ao peito materno,—mas com geito—Olha, filha, até no sentimento é preciso ter elegancia. Bem,—assim... Faze grupo.—Contemple este quadro, senhor Augusto, contemple, e diga-me, se tem a menor particula de romantismo n'esse coração, diga-me: viu já espetáculo mais... mais... «moyen âge» do que este?

Augusto—Com effeito, minha senhora, eu...

Anna—Na exposição das Bellas-Artes havia uma mãe e uma filha que estavam assim. E' como quem vê no mesmo ramo o botão e a...

Augusto—E a rosa.

Anna—Ora graças a Deus que já da sua bôcca saiu uma palavra de geito.—Eu bem t'o dizia, filha; elle esteve em Paris, e mais dia menos dia se lhe ha de conhecer. Olhe, Augusto, eu tenho tomado a sua defesa contra todos.—Eu e Antunes somos os unicos...

Augusto—Ah! Antunes tambem?

Anna—Antunes, sim; que é seu amigo verdadeiro.
Não é, Adelia?

Adelia—Não sei, mamã.—Creio que...

Augusto—A' moda de Paris?

Anna—Pois que queria o senhor que fosse? Um semsaborão, d'estes portuguezes velhos ralhentos e massistas, que não sabem viver, como os amigos do meu Pantaleão? os taes amigos que elle tinha quando eu casei... quando me casaram—pobre innocenté victima que eu fui! mas adeante... uns monos que não sabiam senão jogar o gamão, comer como uns ursos, e ir passeiar ao Terreiro do Paço! Não, senhor; a minha filha, a minha Adelia que aprenda na infelicidade de sua triste mãe, e que vá gosando a sua mocidade, já que eu a não gosei... isto é, a primeira mocidade, que eu graças a Deus ainda não sou...

Augusto—Velha!

Anna—Porquê, acha?

Augusto—Não lhe disse ainda agora que era uma rosa?

Anna—E' verdade que disse; e foi o que lhe valeu

essa palavra; que a falar a verdade eu vinha disposta a... Pois isto são termos sr. Augusto? N'um dia como este—o dia mais feliz da sua vida—*le plus beau jour de ma vie*,—como se diz em França, quando nós vimos aqui a estas bellas praias do Dáfundo celebrar como gente civilizada a sua ventura, o sr. Augusto massado e mono põe-se a um canto, ainda não disse uma palavra á sua noiva, e deixa os outros?

Augusto—A' moda de Paris. Pois um marido...

Anna—Um marido é um marido, e um noivo é um noivo. Quando lá chegarmos falaremos.—Agora faça-se amavel que é a sua obrigação.

Adelia—Ai, mamã! deixe-o. Eu já agora...

Anna—Já agora o quê, filha?

Adelia—Nasci para ser incomprehendida...

Anna—*La femme incomprise*; é isso. Não me faltava mais nada. Oh! Adelia, Adelia, junta as tuas lagrimas ás minhas, filha. Oh! Tu serás «Adelina» e eu serei «Consuélo». Duas mulheres de George Sand, como diz Antunes.—Oh! sr. Augusto, sr. Augusto, que se eu tal soubesse!

Adelia—Mamã? a mamã bem sabe que elle... nunca gostou de mim.—Isto foi...

Anna—Foi uma desgraca, filha; agora é que o eu vejo.—Triste de mim! Vês tu, filha? Começas a ser interessante desde o primeiro dia, quando ordinariamente antes de quatro ou seis meses não é costume.—Eu fui ao segundo anno.—A civilisação sempre tem andado muito.

Augusto (*A Adelia*)—E que mais quer, minha senhora? Sua mãe põe as coisas no seu verdadeiro ponto de vista. Nós começámos no primeiro dia o que os outros começam mais tarde.

Anna—Calle-se, monstro!

Adelia (*Chorando*)—Este homem ha-de-me matar, mamã.

Anna—Tens tua mãe, filha.

Augusto (*A'parte*)—É uma scena completa, e das mais regulares. (*Alto*) Parece-lhes, minhas senhoras, que fazermos aqui esta scena também será á moda de Paris?

Anna—Monstro, assassino!

Adelia—Minha maman!

Anna—Calla-te, filha; disfarçemos, e mostremos

caracter. (A parte.)—Eu o ensinarei, deixa passar mais alguns dias.

Augusto (A parte)—Olhem o que me esperava!

SCENA VI

DITOS e ANTUNES

Antunes—Madame Pantaleão! Par ditoso, então que é isto? «Le dernier mot de la mère à son enfant chérie? Allons donc!» Ainda temos muito tempo para isso.—Vamos jantar que está na mesa.

En avant! marchons
Contre leurs jambons...

«Par exemple» o «jambon» é delicioso, o pato com arroz—perfeito, a caldeirada de rigor, fabulosa. Não temos «suprêmes», nem «filets», nem «glacés», nem «souflets», mas adeus! «A la campagne comme à la campagne! Et vive la joie!» Madame Pantaleão, o braço ao noivo.—E eu, na minha qualidade de «garçon de noce», bella noiva, aqui estou para vos conduzir. (*Sae Augusto e Anna Maximia*)

Adelia—Augusto sabe tudo, ou desconfia pelo menos. Isto vai mal. Lembre-se do que me prometeu.—do que me jurou.

Antunes—Animo, e deixar correr.—Tudo hâde ir ás mil maravilhas.

Adelia—Mas se elle...

Antunes—Ande, ande, que ahi vem gente.

En avant! marchons
Contre leurs...

(*Vêm sahindo os convidados—dois a dois. Os homens dão o braço ás senhoras.*)

Antunes (que ia sahindo, torna atraç)—Oh lá, senhores! Vamos; «la barcarolla: Amis, la matinée est belle.» Como é que nós dizemos em português? Lembrem-se dos ensaios. (*Canta*)

Vamos, amigos; vamos á mesa!
Vamos: e toca, toca a beber!

Cuidados, e a negra tristeza
Tudo em saudes hade morrer!

E que tal é o «calembourgo J'en fais aussi, moi!»
Saudes! Hein? morrer em saudes! (Canta)

Tudo em saudes hade morrer.
E viva! E toca, toca a beber!
Beber! E a virar!
Que um só com juizo não hade ficar.

(*Grande algaçarra.—Saem todos.*)

SCENA VII

ESEQUIEL só, depois AUGUSTO

Esequiel—Disse-me que ficasse eu aqui: fiquemos.
—Que me quererá elle? Seja o que fôr: paga, e
paga bem, estamos á sua ordem.

Augusto (entrando)—Quanto se lhe resta? Diga de-
presso.

Esequiel—Não sei nada; conforme o que beberem.
Antunes—Faça de conta que bebe por tres cada
um, e diga quanto é, senão...

Esequiel—Espere, espere, deixe-me vêr.—Deu-me
quatro moedas de signal—uma nota. Era boa a no-
ta, não era?

Augusto—Maldito homem! Se a não quer...

Esequiel—Não senhor, eu creio que é boa; mas
sempre o perguntar não faz mal.—Pois, senhor,
dando-me tres mil e duzentos.—bem entendido a
rapariga que serviu e os moços... é á parte.

Augusto—Ahi tem tres moedas. Está satisfeito?

Esequiel—Oh! meu senhor v. s.* perdôe, eu...

Augusto—Chame o bolieiro, chame o bolieiro de-
pressa,—o que eu para aqui mandei esta manhã.

Esequiel—Sim senhor. (Aparte) Que diabo de noivo
este! Isto é que é casar á franceza; agora entendo.
(Alto) Bolieiro! Bolieiro! Elle ahi vem.

Augusto—Está prompta a seger?

Esequiel—A' porta já.

Augusto—Bem.—Tome lá esta carta, sr. Esequiel;

em elles dando pela minha falta e atregue-lh'a; antes não.

Esequiel — Sim senhor; vá descansado. (Augusto sae.)

SCENA VIII

ESEQUIEL e depois ANTUNES

Esequiel — Se os eu entendo, os tais noivos e a tal festança...

Vozes (dentro) — Vivam os noivos! A saúde dos noivos.

Anna (dentro) — E o noivo que é d'elle? Antunes, vá ver onde está o noivo.

Vozes (dentro) — Venha o noivo! O noivo!

Antunes (Entrando em cena) — Augusto, Augusto! Senhor Augusto! Onde está este noivo? Oh senhor patrão viu por aqui o noivo?

Esequiel — O noivo? Pois aquelle é que era o noivo

Antunes — Aquelle, qual?

Esequiel — Um que partiu agora a galope n'uma sege para Lisboa é que era o noivo!

Antunes — Partiu n'uma sege! como? Que diz, homem? Você está louco?

Esequiel — Não sou eu que o estou, não senhor. — Partiu agora mesmo, e por signal que me deixou esta carta para entregar aos senhores — não sei a qual.

Antunes — Deixe ver. (Lê) «III» sr. Ricardo Antunes. (Falandos) Sou eu mesmo. Véjamos. Que diacho quer isto dizer? Dar-se-ha caso... (Lê) «Meu caro a sigo. Devo-te a maior obrigação por teres arranjado que o meu casamento se fizesse à francesa. Como a cerimonia da egreja, coisa, segundo tu dizes, de muito pouca importância, ficou para ámanhã, tive tempo de reflectir — e estou convencido que é melhor suprimil-a de todo, pelo que me toca. — É provavel que tu arranjes isso melhor, e em todo o caso, hasde arranjál-o sem o teu amigo do c. — Augusto. Bonito! o casamento desmanchado! Um rapaz tam rico, que fazia tanto a conta! (Lendo) «É provavel que tu arranjes isso melhor.» Descubriria elle? Adelia adivinhou. — For-

te asneira foi o tal noivado á franceza. Começo a crer que o ditado tem razão. Cada terra com...

SCENA IX

ANNA MAXIMA, ANIUNES

Anna—Então que é isto? que é do noivo?

Antunes—Aqui o tem por traslado.—Leia. (Dá-lhe a carta.)

Anna (depois de ter lido)—Que quer dizer? Antunes,

Antunes, esta carta... aqui ha coisa. Ha. Ha—
Oh! meu Deus que já começo a abrir os olhos!

Antunes, você faz a corte a Adelia, Antunes.

Antunes—Eu!

Anna—Você, sim. Ingrato! D'ahi é que vinham os seus escrupulos, a sua fidelidade ao patrão Ah tralvado que não sei onde estou... Ai, ai, ai! que me vou achar mal—que desmaio...

Antunes—Accudam, accudam, que deu um faniquito em madame Pantaleão.

Côro (dentro)

N'este dia
De alegria
As tristezas vão ao fundo,
Vão as maguas!
E nas praias do Dítundo
Em vez de aguas
Sem sabor,
Corra o vinho, e viva amor!

Antunes—Viva a bréca que os leve! Que gritaria!

—Não ouvem. E eu aqui só. Se me ella estoira nas mãos! E está desmaiada devéras. (Dá-lhe um beijo) Está.—Accudam, accudam!

SCENA X

DITOS, ADELIA, PANTALEÃO, (convitados
e parentes—saindo e cantando)

Côro

N'este dia
De alegria...

Antunes—Forte dia e forte alegria? Suspendei esses harmoniosos cantos, e contemplae este espetáculo.—Pantaleão, honesto Pantaleão, aqui tendes a vossa Pantaleoa, posto que em estado de perfeito faniquito, que d'esta vez—coisa rara mas verdadeira—não é fingido.—Adelia, vosso esposo foi-se,—evaporou-se—e só deixou de si memoria n'esta conceituosa carta que vêdes pendente do chispe materno. O noivado feito está, mas o casamento...

Pantaleão—Pois ainda não estavam casados?

Antunes—Meu caro patrão, como se não quiz meter n'isto—tinhamos nós assentado de deixar a cerimonia da egreja para ámanhã... e...

Pantaleão—Ai meus peccados?

Antunes—Ora a tal cerimonia não é grande coisa em França; mas cá—a nação está tão atrasada que parece...

Pantaleão—Parece?

Adelia—Não estavamos casados, não, meu pae, inda bem. Eu casava por lhe fazer a vontade; mas a falar a verdade nós não nos podemos vêr um ao outro.

Pantaleão—Tam bom rapaz e rico!

Adelia—Que importa? E' um secante.

Pantaleão—E que hade dizer a vizinhança, os parentes, toda esta gente! Que vergonha!

Anna (*fornando a si*)—Pantaleão! Pantaleão! Andá cá, meu Pantaleão, deixa-me depor no teu seio...

Pantaleão (*á parte*)—Que quererá ella depor?

Anna—Dá-me os teus braços, Pantaleão. Assim: faze grupo, Adelai! Approxima-te filha.—Bem—sinto-me melhor. Deve ser um bello quadro!—Ouvi-me n'esta hora solemne—entre a morte a vida. Oh! Pantaleão! Eu abri os olhos... quando... os fechei!

Antunes—Coisa extraordinaria, mas sucede.

Pantaleão—Tudo me sucede,—a mim!

Anna—Cada terra com seu uso, e cada roca... dize.

Pantaleão—Com seu fuso. E' o que te eu dizia d'antes.

Anna—Dizias, dizias, respeitável Pantaleão, e eu cega que te não ouvia.

Antunes—Se fosse surda...

Anna—Cale-se, valdevinos, e respeite as scenas intimas do grande drama da natureza.—Pantaleão.

meu esposo, ámanhã de manhã muito cedo e muito depressa esta rapariga e esse Antunes para a egreja, e casem-n'os bem á portuguesa com dois pais em vez de um, se fôr possível.

Pantaleão—Antunes o meu caixeario!

Anna—Tenho dito: é a minha ultima vontade, Pantaleão...

Pantaleão—A tua ultima... Pois tu devéras tam mal te sentes! (*á parte*) Não é anno de fortuna para mim.

Anna—Sinto, sinto.—O corpo está são mas não pôde com o espirito que morreu.—Oh!... Oh! Ah! Ah!

Antunes—Tal e qual como na rua dos Condes. Ah! Oh! Oh! Ah!

Anna—Senhor Antunes!

Antunes—Amavel Pantaleão, «chère madame Pantaleon!»

Anna—Tire para lá essas tolices.—Eu sou Anna Maxima, sem mais nem menos...

Antunes—E que mais hade haver além de «maxima?» Oh Maxima, longa — breve é que não pôde ser sem faltar á...

Anna—Não me faça rir, Antunes, que isto é muito serio. Ouça.—Inda bem que estas tonterias que me metteu na cabeça não passaram de brincadeiras ridiculas.—Case com minha filha, e tenham ambos mais juizo do que... eu. Senão, bem sabe...

Antunes—Com juizo ou sem elle...

Anna—Cale-se: não seja tolo.—Pantaleão, abençõe estas novas nupcias, que hâode ser á portuguesa devéras. Porque emfim, cada...

Antunes (*cantando*)

Cada terra com seu uso
Cada roca com seu fuso.
Estas modas de Paris
Por cá não deitam raiz.

Côro

Oh! que lindos amores que eu tenho!
Oh! que modas que vem de Paris!

O CAMÕES DO ROCIO

O CAMÕES DO ROCIO

COMEDIA EM 3 ACTOS

De collaboração com Ignacio Maria Feijóo

PESSOAS

O Desconhecido.

O Camões—Corregedor do Bairro do Rocio.

Diniz Homem—Estudante da Universidade de Coimbra debaixo do nome de Gregorio.

Sebastião D'arruda—Lavrador, Juiz da vintena do Almargem.

Lourenço Gameiro—Capitão de ordenanças.

Manuel Esteves—Procurador da Irmandade da Senhora do Amparo.

Bartholomeu—Sapateiro.

D. Antonia do Menino Deus—Proprietaria.

Marianna—Filha de Sebastião.

Uma Criada—Que não fala.

Homens e Mulheres do campo, Officiaes de Justiça

O primeiro acto no Almargem; o segundo
e terceiro em Lisboa.

ACTO PRIMEIRO

O theatro representa a casa de um lavrador; porta no fundo, que é a entrada principal; duas portas lateraes uma grande meza no meio da casa; uma arca antiga á direita; cadeiras com assentos de couro. No fundo, de um e outro lado da porta, cabaçes, enxadas, ansinhos, etc., a meza está guarnecidia com pratos de estanho, dois cangirões, garfos e colheres de ferro, tijelas pequenas de loiça grosseira, etc., bancos e outros cangirões sobre a arca.

SCENA I

SEBASTIÃO, MARIANNA, GREGORIO, CRIADOS
e CRIADAS DO CASAL

Estão todos assentados á mesa, e acabando de jantar. O vestuario de Marianna é mais proprio da cidade que do campo; o vestuario de Gregorio é pouco melhor que o dos outros criados, a quem imita nos gestos e modo de falar.

Sebastião (*A Marianna*)—Então, Marianna, já vaes gostando d'esta vida cá de fóra?

Marianna—Nunca me desagradou, e sempre suspirei por estar na companhia de meu pae.

Sebastião—Bem sei, bem sei; mas se tua madrinha não qu'ria, que lh'havia de eu fazer. Quando Deus levou tua mãe, que lá está em gloria, não eras mais alta do qu'isto, tinhas uns tres annos, e minha comadre, a senhora D. Antonia do Menino Deus, (boa alma !) quiz por força levar-te consigo, e nunca mais consentiu que viesses cá á terra que te viu nascer; que por fim sempre é a nossa terra.

— Boa vontade tinha eu, quando te vi crescida, que viesses tomar conta d'esta casa mas nunca me atrevi a falar claro a minha comadre, porque mal lhe dava alguns entenderes, punha-se logo lá nos

carrapitos da lua, e então ella que tem a vento re-torcida. Vae senão quando eu menos o esperava, manda chamar-me e dá-me de conselho que te traga em minha companhia p'ro casal.
 Marianna (*A meia voz olhando para Gregorio*)—Não sei se fez bem.

(Movimento de Gregorio que disfarça comendo)

Sebastião—Assim á primeira, cuidei que' estava descontente contigo, mas certificou-me que não, e só me dando a entender que receava que tu... queria lá dizer na sua que Lisboa era uma terra muito grande... e que uma rapariga da tua edade...

Marianna (*A meia voz olhando para Gregorio*)—A's vezes ainda ha maiores perigos no campo.

(Movimento de Gregorio)

Sebastião—Seja lá o que fôr; o certo é que te apaixonei em casa, e que se minha comadre te quiser agora outra vez, pôde esperar que de mim te não largo... P'ra que tenho eu uma filha e p'ra que lhe quero eu tanto?

Gregorio (*Levantando-se*) — Se noss'amo dá licenças, vamos fazer uma saude á nossa patroa nova.

Sebastião—Com muito gosto, mas não hade sêr com este vinho... vae buscar um cangirão do melhor.

Gregorio—Isso bem via eu; e já alli está.

(Vae buscar o cangirão acima da arca e deita vinho nas tijelas)

A' saude de nossa ama nova!

Côro

Se gostaes de flores,
Em nossas campinas,
Achareis boninas,
E tambem amores.

Gregorio

Deixando os tectos doirados,
Tereis a sombra das faias;
Em vez de ricas alfaias,
O matiz de nossos prados.

Côro

Se gostaes de flores, etc.

Gregorio

Aqui o sol é mais puro,
Tem os raios mais brilhantes;
São fieis sempre os amantes,
Não tem coração perjurado.

Côro

Se gostaes de flores, etc.

Sebastião—Vês tu, minha filha, esta alegria da nossa gente? Não ha vida como a nossa vida do campo; eu não a trocava, (e então agora que tenho cá a minha filha!) pelas grandezas do maior fidalgo da corte do nosso rei o senhor D. João V.

Gregorio—Pela sorte d'el rei me não trocava eu se... se estivesse no seu caso.

Sebastião—Alto lá! tanto não digo eu. (*Vendo que os camponezes têm acabado de comer.*) Parece-me que ninguem tem mais vontade de comer. Demos gracas a Deus. (*Levanta-se e os mais todos depois d'elle. Momento de silencio; abençoando-os*) Deus vos abençõe, meus filhos.

(Os camponezes arrumam a mesa no fundo, esquerda, e pegam nos diversos utensílios de lavoiras.)

Côro

Não haja demora,
Aos campos corramos;
Prazer, abundancia
N'elles encontramos.

Gregorio

No meio de seus thesoiros
O rico está descontente;
Na sua humilde choupana
Vive o pobre alegremente.

Côro

Não haja demora, etc. *

(*Saem pelo fundo.*)

SCENA II

SEBASTIÃO e MARIANNA

Sebastião—Agora estamos sós, e podemos falar à nossa vontade: vamos a tratar do teu casamento. Tu estás uma mulher e eu dei a minha palavra a Manuel dos Pégões, lavrador do Alemtejo, homem capaz, sim senhor; tem muita terra e muito vin-tem.—E' verdade que tua madrinha não queria que se marcasse já tempo certo p'ra isto se fazer; um dia era uma razão, outro dia outra, por que não queria separar-se de ti; mas agora que podemos fazer o que quizermos, vamos nós aqui ambos assentar quando se ha de fazer este casamento.

(Todas as indicações são da esquerda do espectador para a direita)

Marianna (*Tristemente*)—Quando meu pae quizer.

Sebastião—A modo que ficaste triste... Dar-se-ha caso que te não agrade este arranjo?

Marianna—A mim agrada-me tudo o que fôr da sua vontade.

Sebastião—Dizes isso de um modo que me fazes desacorçoar. E' verdade que não perguntei o teu gosto, e que nem sequer viste ainda o noivo; estavas com tua madrinha lá em Lisboa, e ella não quer calções em casa; mas como este casamento fazia conta, ajustei-o e acabou-se. Já se sabe que ficou a condição, que lhe puz, de virem ambos para minha casa; quero que meus filhos me fechem os olhos quando eu morrer... Oh rapariga! a modo que ficas sempre tam triste, em se falando n'isto, que estou quasi arrependido de ter feito este ajuste... Fala-me claro; se tens alguma coisa a retrucar, ainda estás a tempo de te arrependeres; e mais bem me custará andar p'ra traz com a minha palavra de lavrador honrado, mas primeiro está minha filha, e o muito que lh'eu quero.

Marianna (*A parte*)—Que hei de eu responder? Não tenho uma unica desculpa. (*Em voz alta*) Meu pae—fiada na sua bondade... só lhe peço que demore por mais algum tempo...

Sebastião—Com muito gosto; queres que demore por um mez, por tres, por seis...?

Marianna—Pois seja por seis mezes; quero-me costumar primeiro á vida de lavradora.

Sebastião—E tens muita razão; nem tal me alembra-va. Sejam seis mezes, e no entretanto vou escrever a teu noivo, a dizer-lhe que venha p'ra cá es-ter co'a gente; quero que tomem confiança um c'o outro... verás que mocetão tam bem estreado!

Marianna—Meu pae... peço-lhe que não escreva por ora...

SCENA III

SEBASTIÃO, MARIANNA e GREGORIO (*entrando apressadamente pelo fundo*)

Gregorio—Sôr meu amo, sôr meu amo, vi agora o capitão Lourenço Gameiro pela azinhaga do Porto abaixoo, e parece-me que vem p'ra cá.

Sebastião—Oh diabo! que virá elle cá fazer? Se vem p'ra argumentar comigo, não estou de pachorra p'ro aturar.

Gregorio—Ha de vir com alguma das suas, mas te-nha-se-me co'elle; não se me faça mole, mostre que é um digno juiz da vintena.

Sebastião—Oh Gregorio! valha-te a paixão de Christo! Eu quero, sim puxar pelas minhas autorida-dades, mas já estou de candêas ás vessas com toda essa gente, e tenho medo que me armem alguma carrapata.

Gregorio—Qual carrapata nem meia carrapata; faça o sôr Sebastião d'Arruda o que lhe digo e deixe o mais por minha conta.

(Durante esta a cena Gregorio tem olhado continuamente para Ma-rianna; esta mostra-se cada vez mais séria)

Marianna—Meu pae ha de dar licença que me reti-re (*Sai pela esquerda.*)

Sebastião—Como quizeres.—Mas, meu Gregorio, é bem verdade que te acho muita, muita razão, e por isso tenho tomado os teus conselhos para ir de encontro ás injustiças d'esses homens, mas el-les são poderosos e podem dar alguma queixa de mim.

Gregorio—E o sôr meu amo pôde dar vinte queixas d'elles. Haviam d'estes malvados beber o sangue

cá á gente do campo sem se lh'ir á mão! ora essa havia de ser bonita!

Sebastião—Tu discorres bem, mas onde diacho foste tu aprender essas coisas?

Gregorio—O sôr meu amo não sabe? não lh'o tenho dito? Em casa d'um desembargador que eu servi em Lisboa. Aprende-se muito no serviço d'aquelles senhores,

Sebastião, (*olhando para o fundo.*)—Sinto passos... elle comigo... oh Gregorio! não me desampares.

SCENA IV

LOURENÇO, SEBASTIÃO, e GREGORIO

Lourenço—Deus seja n'esta casa.

Gregorio (*A'parte*)—E o diabo na tua.

Sebastião—Sou um seu creado, sôr capitão Lourenço.

Lourenço—V. m. sabe o que me traz a esta casa?

Sebastião—Se v. m. ainda m'o não disse como o hei d'eu saber!

Lourenço—Pois sôr juiz da vintena, é necessario que ncs entendamos por uma vez.

Sebastião—Estou ás suas ordens.

Gregorio (*A meia voz a Sebastião.*)—Isso mesmo, muita cortezia e nada de condescendencia.

Lourenço—Ora sabe você que tenho o meu milho todo por sachar?

Sebastião—Pois já era tempo; ha mais d'oitô dias qu'eu acabei a minha sacha.—Porque não mette gente?

Lourenço—Porque a não acho; todos querem ganhar jornal.

Sebastião—E tem muita razão.

Lourenço—Oh sô Sebastião d'Arruda! pois você atreve-se-me a dizer que tem muita razão! Bem digo eu que se elles não querem amanhar as minhas terras, como é pratica e costume, é por que tem as costas quentes co'a sua protecção.—N'outro tempo resmungavam, sim senhor, mas sempre iam; porém agora dizem redondamente que não querem. O anno passado não gastei eu cinco réis no amanho das minhas terras, e ainda este anno fiz

a cava e semeei o milho em paz e quietação, como os meus antepassados faziam, e como fazem ainda hoje todos os capitães de ordenanças.— Contava meu pae, que era capitão como eu, que os moradores do logar deixavam de amanhar as suas terras para ir amanhar as d'elle. Mas o sôr juiz da vintena pôe agora outras leis ! Metteu-se-lhe lá na cabeça que eu que heide gastar dinheiro na minha sacha, e gastar dinheiro em fazer a vendima?... Pois engana-se de meio a meio: heide fazer a sacha, heide fazer a ceifa, heide fazer a debulha, heide fazer a vendima sem gastar uma de cinco, quer o sôr Sebastião d'Arruda queira, quer não queira... heide-lhe pregar uma lição que o hade pôr mais macio que um veludo, heide.

Sebastião—Alto lá, sôr Lourenço Gameiro, dê as suas razões mas não me grite ; olhe que está na casa alheia e deante d'uma autoridade,

Gregorio (*A meia voz.*)—Não s'esquente.

Lourenço—Uma autoridade! ora não verão esta autoridade!—Eu lhe mostrarei em pouco tempo que você é menos que ninguem... eu lhe farei ver o que é um capitão de ordenanças offendido na sua honra!

Sebastião—Essa agora é melhor ! pois é tocar-lhe lá na sua honra aconselhar aos moradores do logar que não trabalhem de graça? Qual é a lei divina ou humana que tal manda?

Lourenço—Pois você também entende de leis?! Com quem as aprendeu? aprendeu-as com os seus carneiros?

Sebastião—Oh sô Lourenço Gameiro, ou Lourenço do diabo, não m'esquente mais a cabeça, olhe que tenho aqui um fueiro... (*Pega n'um fueiro delgado.*)

Lourenço (*Levando a mão á espada sem desembainhar.*)—Oh sôr Sebastião d'Arruda, você ameaça!... Não sei aonde estou que o não racho de meio a meio! (*Fugindo sempre.*)

Gregorio (*Rindo-se, e vindo ao meio d'elles.*)—Haja prudencia!

SCENA V

GREGORIO, SEBASTIÃO, MANUEL ESTEVES
e LOURENÇO

Esteves—Tenha lá mão!... Então que é isto?

Lourenço—Foi aqui o sôr Sebastião d'Arruda...

Sebastião—Foi lá o sôr Lourenço Gameiro...

Esteves—Ora soceguem.—Pouco mais ou menos já sei o motivo d'esta desordem; e tenho cá de mim p'ra mim que não foi o sôr capitão o culpado.

Sebastião—Pois está muito enganado o sôr Manuel Esteves; foi o sôr capitão que veiu arcar comigo de proposito e caso pensado.

Lourenço—E' porque o sôr juiz da vintena tem feito levantar contra mim todos os moradores do Almargem.

Esteves—Isso lá não admira, que eu também estou muito quêxoso do mesmo.

Sebastião—Então de que se quêxa o sôr Manuel Esteves?

Esteves—Pois inda você o pregunta? depois de me ter prohibido a festa da Senhora do Amparo, de que eu sou o précurador?...

Sebastião—Quem é que lhe proíbe a festa? O que eu não quero é que o arruido do arraial entre pela noite dentro.—Tenho dito; a festa hade acabar com o dia, em escurecendo hade-se deitar a foguetada, e um quarto d' hora despois não consinto mais ninguem no arraial, para evitar as desordens e os desafôros que tem havido estes annos atraz. Assim o mandei, e assim hade ser.

Esteves—Visto isso que ahi diz, não reconhece a auctoridade do senhor patriarcha, que deu licença para esta festivididade?

Lourenço—Que tal está o herege!

Sebastião—Ora vocês não me deixarão com um milheiro de demonios!

Gregorio (*Vendo Esteves puxar por um papel*)—Que será aquillo?

Esteves—Veja isto; examine bem; olhe que não é ahi a licença d'um qualquer, é do sôr cardeal patriarcha, que tem quasi tanto poder como o papa.

Gregorio (*A metà voz a Sebastião*)—Não esmoreça!

Sebastião—Antão você, sôr Manuel Esteves quer-me metter a mim os dedos pelos olhos! O sôr patriarca deu a sua licença p'râ festa, mas não p'rás patifarias que se fazem de noite no arraial.

Lourenço—Este homem é um impio!

Esteves—E' o que diz o nosso Padre cura; até se oppõe ás decisões da Santa Madre Egreja, e não dêxa pagar as premicias. O padre está banzando; o folar da Paschoa, este anno, não lhe rendeu mais do que seis mil e quatro centos, quando inda o anno passado lhe rendeu p'ra riba de trinta mil réis.—Alembrou-se o sôr Sebastião d'Arruda, de dizer por ahi que dê cada um aquillo que quizer ou pudér.

Sebastião—Tenho dito isso, é verdade, por que assim o entendo em minha consciencia. A Egreja não pôde mandar que eu dê o que o padre cura quizer, por que então podia elle, quando cá veiu este anno, pedir-me os bois com qu'eu andava lavrando, o que seria uma asneira muito grande, e eu estou bem certo que a Egreja não manda asneiras.

Lourenço—Jesus! Santo Nome de Jesus! que blasphemia! (Benzé-se.)

Esteves—Por isso você hade ir parar á inquisição.

Sebastião (Rindo-se)—Isso lá não me mette medo.

Esteves—Ah! você ri-se; pois mal sabe o qu'está p'ra lh'acontecer.

Gregorio (A'parte)—Oh diachol!

Sebastião—Que diz lá o sôr Manuel Esteves?

Esteves—Digo-lhe que a festa hade durar até pola manhã, e que você não hade assistir a ella.—Ah! tinha-se-lhe encaixado lá n'esses miolos qu'isto haverá de ficar assim... pois está muito mal enganado: a minha irmandade tem grandes protectores que hâode vingar a Mãe Santíssima e os seus devotos.

Gregorio (A'parte)—Os homens já lhe armaram alguma.

Lourenço—Hade comer pés e mãos n'uma cadea.

Esteves—Hade ser queimado vivo como um herege.

Lourenço—E' um malvado!

Esteves—E' um impio!

Sebastião (Deitando a mão ao fueiro) Bem pôdem ambos despejar-me a casa, quando não... (Arre-

mette com elles; fogem para o fundo; Lourenço leva a mão à espada, mas não desembainha, Gregorio ri ás gargalhadas.)

Esteves — Ah! você levanta um fueiro para o procurador d'uma santa irmandade!

Lourenço — Faz o desacato de ameaçar um capitão d'ordenanças!... Deixe estar que nós o ensinaremos.

Esteves (*Fugindo pela porta do fundo*) — E' um herrege!

Lourenço (*O mesmo*) — E' um ljjudeu! (*Saem ambos pelo fundo.*)

SCENA VI

SEBASTIÃO e GREGORIO

Sebastião (*Deitando fóra o fueiro*) — Graças ao fueiro que se foram embora; mas de certo fico mettido em trabalhos.

Gregorio — Ora deixe-se d'isso.

Sebastião — Que me deixe d'isso! Cuidas tu que os não entendo; os homens queriam capote; vieram de propósito árcar commigo p'ra m'entalarem, e vão agora por hí armaz-me algum capítulo.

Gregorio (*A parte*) — Já elle estará armado. (*Em voz alta*) Sôr meu amo, não tenha medo; eu cá estou.

Sebastião — Olha que te digo qu'estou arranjado com o teu valimento e com os teus conselhos! Mais me valêra a mim continuar a fazer como d'antes; ver e calar. E' bem verdade que me custava ver as violências que elles faziam, mas não abria bico. Vieste servir n'este casal, e entraste-me a dar conselhos que puxasse pelas minhas autoridades; assim o fiz, porque já tinha disposição para a coisa; e agora ahi tens o fructo.

Gregorio — Ora sôr meu amo, não tome o caso tanto a peito... não se afflija, e deixe tudo isso por minha conta.

Sebastião — Estou bem servido com a tua protecção, não tem duvida. (*Péga no chapeu que está sobre a arca, e sae pelo fundo.*)

SCENA VII

Gregorio (*só*) — E diz elle muito bem; que protecção lhe heide dar?... Estamos ambos entalados, e elle muito mais do que pensa; persuade se que os homens vão agora fazer-lhe a cama e ella já está feita. Os taes sujeitos ligaram-se com o cura, e gambam-se de ter dado do pobre homem uma conta que poderá muito bem leval-o ás galés... Está desgraçado, e eu tambem... Os actos d'este anno bolavérunt; desde as férias do Natal que não appareço na universidade... e já estamos em maio! Nem minha familia, nem meus professores sabem de mim... E tomava o grau de bacharel se acabasse este anno com boa fortuna!... tomei o grau de saloiç; fica uma coisa pela outra... Mas que tenho eu alcançado no fim de tantos trabalhos? Nada, pela pa'avra nada... Ah! já me esquecia; apanhei uma estocada de uma mão de ferro... Foi boa historia essa!—Nem sei mesmo como Marianna tem consentido que eu esteja ha um mez n'esta casa! debaixo d'estes trajos!—Já agora é uma teima... Mas o peior é ter eu envolvido o pobre lavrador n'uma meada de que já o não posso livrar... Para ganhar ascendente sobre o seu espirito, dei-lhe os funestos conselhos que hoje o deitam a perder!... Quanto estou arrependido da minha imprudencial... mas o amor que tenho a sua filha... (*Olhando para a esquerda*) Está alli... se eu podesse falar-lhe?... mas como, se ella foge sempre de se encontrar commigo?... Oh! ella ahi vem... isto é grande novidade!...

SCENA VIII

MARIANNA e GREGORIO

Gregorio — Minha senhora, tenho a honra de...
 Marianna (*Interrompendo-o*) — Não se cance com cumprimentos, e tenha a bondade de me ouvir: Tivemos a infelicidade de nos encontrar na primeira oitava do Natal passado... (*Movimento de Gregorio*) Digo infelicidade, porque a tem sido para

mim e igualmente para o senhor Diniz, (julgo que é este o seu nome?)

Gregorio — Sim minha senhora; esse é o nome do seu amante respeitoso e apaixonado...

Marianna (*Interrompendo-o*) — Desde esse dia começou a nossa desgraça; o senhor não voltou para os seus estudos quando acabaram as ferias; comprometeu-se com a sua família; interrompeu talvez a carreira da sua fortuna...

Gregorio — E que importa tudo isso? eu só pretendo agradar-lhe, merecer-lhe...

Marianna — E os desgostos que por sua causa tenho tido?

Gregorio — Ah! senhora!...

Marianna — Quando estávamos em Lisboa, o senhor Diniz era a minha sombra: para qualquer parte que eu fosse...

Gregorio — Eu nunca a segui senão á egreja.

Marianna — Porque minha madrinha não me levava a outra parte. Dia e noite não cessava de passear pela nossa rua...

Gregorio — E como sabe a senhora isso?

Marianna — Porque o via por dentro das adufas.

Gregorio — Ah!

Marianna — E minha madrinha também... mas ella ia disfarçando, ou talvez não percebesse; porém havia na vizinhança pessoas mais espertas ou mais curiosas que tinham observado e percebido. (*Movimento de Gregorio*) Finalmente aquelle encontro que houve uma certa noite defronte das nossas janelas acabou de abrir os olhos a minha madrinha.

Gregorio — Era mais de meia noite e supunha que já estaria recolhida.

Marianna — Despertámos com o tinir das espadas... chegámos á janela e tudo vimos. Minha madrinha mandou-me para casa de meu pae, e eu fiquei certamente desacreditada no espírito de muita gente.

Gregorio (*Afflito*) — Que me diz??

Marianna — Digo-lhe que estou desacreditada, porque toda a vizinhança ficou persuadida que fôra despedida d'aquelle casa por ter dado occasião a essa briga... e o senhor vindo a este casal debaixo d'esses trajos, quer acabar de me perder.

Gregorio — Ah Senhora! as minhas intenções são de

um homem de bem, e se me dá licença vou já falar com seu pae.

Marianna—Nada conseguiria; ha mais de um anno que estou promettida a um rico lavrador do Alemtejo... homem que eu não conheço, mas...

Gregorio (*Aterrado*)—Oh meu Deus! meu Deus!

Marianna (*Afflicta e approximando-se d'elle affectuosamente*)—Que tem, senhor? torne a si.

Gregorio — Dê-me alguma esperança; diga-me que hade oppôr-se a esse casamento que lhe querem fazer.

Marianna — E' impossivel; por muito que me custasse nunca me havia de oppor ás determinações de meu pae, e peço-lhe que hoje mesmo saia d'este casal, aliás vou declarar tudo.

Gregorio—Então não tem compaixão de mim?

Marianna (*A'parte*) — Tenho de mais. (*Alto*) Não heide desobedecer a meu pae.

(Entrada de Camões pelo fundo)

Gregorio—Mas...

Marianna (*Que sentiu gente á porta*)—Silencio!

SCENA IX

MARIANNA, o CAMÓES, GREGORIO, dois OFFICIAES
DE JUSTIÇA (*no fundo*)

Gregorio (*Olhando*)—Oh! com a fortuna! é o corregedor do bairro do Rocio.

Camões—Julgo ser esta a morada do senhor Sebastião d'Arruda, juiz da vintena do Almargem?

(*A'parte*)—Que rapariga tão bonita!

Marianna—Sim senhor, que pertende sua mercê.

Camões—Pretendo falar-lhe—Onde está elle?

Marianna — Está no seu trabalho, mas eu vou já chamal-o. (*A'parte*) Que será isto? (*Sai pelo fundo*.)

Camões (*Assentando-se á esquerda*) — Tu és criado d'esta casa?

Gregorio (*Afastando-se e fazendo-se rustico*)—Sou sim senhor.

Camões—Que se diz de teu amo na terra?

Gregorio—Que se diz de meu amo?... diz-se... diz-se muita coisa.

Camões—Mas o que? bem ou mal?

Gregorio (*A'parte*)—O homem quer puxar-me pela lingua. (*Em voz alta*)—Uns dizem bem, outros dizem mal.

Camões—Quaes são os que dizem bem?

Gregorio—Nós outros que o servimos, e todos os pobres do logar.

Camões—E os outros?

Gregorio—Os outros... esses não o podem enxergar com dois olhos que tem na cara: os lavradores porque é mais rico do que elles; o capitão da ordenança porque meu amo não consente que lhe vamos amanhar as terras sem nos pagar p'ra cá o jornal; os menzarios da Senhora do Amparo porqu'elle não quer festas lá por alta noite; o cura, porque o sôr Sebastião diz aos pobres que lhe não dêem tudo qu'elle quer, e... e outros muitos dizem mal porque o ouvem dizer a estes. (*A'parte*) Vamos a vêr se posso salvar o pobre homem.

Camões (*Que o observou com o sobrolho françido*)—E's um rustico, porém estás bem ensaiado... aprendeste bem a tua lição.

Gregorio—Que diz sua mercê?

Camões—Que vás procurar meu amo, e dizer-lhe que estou à sua espera.

Gregorio—E quem direi que é sua mercê?

Camões—E' escusado.

Gregorio—Sua mercê manda mais alguma coisa?

Camões—Por ora não.

Gregorio (*A'parte*)—O homem está perdido; ficarei perto a vêr se lhe posso valer. (*Faz cortezias ao Camões e aos officiaes de justiça. Sae pelo fundo.*)

SCENA X

O CAMÕES e os dois officiaes (*no fundo*)

Camões—Eis-me aqui pois no Almargem para prender um lavrador. Parece-me que não valia a pena de me incomodar para uma diligencia de tam pouca monta; porém, manda el-rei, não ha remedio senão obedecer. (*Reflectindo*) Que quererá dizer estar elle com uma cara tam prasenteira quando me deu esta ordem?!... Ha mais de um mez

que o não via rir; e para isto tam folgazão!...
(Reflectindo) Dar-se-ha caso que a sua tristeza e
a sua alegria tenham que vêr com a prisão d'este
homem?... Não pôde ser.—O certo é que se fôr
verdadeira a conta que d'elle deram a el-rei, e que
eu vi, deve de ser um faccínoroso!... Vamos de
vagar, que estas queixas, as mais das vezes, são
obra de inveja e de maldade... serão; mas elle vae
sempre gemer para a cadêa, enquanto não fôr
justificado... e depois, se os accusadores são po-
derosos, vá lá haver-lhe os damnos.—Assim anda
o mundo; os mais fortes pesam sobre os mais fra-
cos... e ás vezes esmagam-n'os, sem lhe valer
a justiça... Justiça! anda tão encarquilhada a po-
bre de Christo como uma velhinha de cem annos...
Muita coisa vejo eu que lhe devia dar remedio,
muitos crimes que se poderiam evitar ou punir ri-
gorosamente... mas eu não nasci para reformar o
mundo, nasci para me divertir com elle... E te-
nho cá de mim para mim que mais vale ser corre-
gedor em Lisboa do que ouvidor em alguma capi-
tania da costa d'Africa... pessimo clima, moças
muito negras... gente mais apaixonada de cacha-
ça que de versos e boa sucia... que ia eu lá fa-
zer?... Vamos fechando os olhos, e vivendo re-
galadamente no nosso Portugal velho, que é boa
terra.—Muito me arrisco eu ás vezes, confiado na
boa feição d'el-rei; mas d'isso mesmo é preciso
emendar-me. Tem seus dias de má catadura! Se
vae a gente lá n'uma occasião d'essas, dizer-lhe
alguma verdade... Príncipes não morrem por el-
las. (Olhando para o fundo e levantando-se) Che-
ga o tal marmanjo... não tem muito má cara...
mas a da rapariga ainda é melhor.—O homem vi-
ria por aqui á caça? Capaz é elle d'isso... Oh dia-
cho!... se eu soubéra!... Pois ainda t'a prégo se
pudér, que te devo uma dívida.—Vejamos o que
isto é.

SCENA XI

O CAMÓES, SEBASTIAO, MARIANNA,
GREGORIO (*afastado*), os *dois officiaes* (*no fundo*)

Sebastião—Sou um creado de sua mercê. Manda alguma coisa do seu serviço?

Camões—Sou o corregedor do bairro do Rocio, e venho intimar-lhe da parte d'el-rei que se recôlha ás cadêas da corte.

Marianna (*Afficta*)—Oh meu Deus!

Sebastião—Eu senhor?! qual é o meu crime?

Camões—Não sei; mas foi presente a el-rei uma queixa que deram de v. m.

Sebastião (*Afflicto, olhando para Gregorio e a meia voz*)—Ah Gregorio! Gregorio!

Gregorio (*Aterrado á parte*)—Que volta lhe heide eu dar? Estou tam embaçado que nada me lembra.

Camões—Portanto dê ordem á sua casa, e prepare-se para me acompanhar.

Sebastião—Que remedio tenho eu?

Marianna—Ah meu pael!

Sebastião—Socega, rapariga; cá a minha consciencia está limpa, e isto não hade ser nada com o favor de Deus. (*As Camões*)—Sua mercê hade dar licença que eu vá vestir-me com mais alguma limpeza, e dêxar cá as ordens pr'ós trabalhos do casal.

Camões (*Assentando-se*)—Pois não! arrange-se a seu gosto. (*Sebastião encaminha-se para a porta da direita e Camões dirigindo-se aos dois officiaes*) Sigam esse homem.

(*Sebastião sae pela direita, seguido de Gregorio e dos officiaes*)

SCENA XII

O CAMÓES e MARIANNA

Marianna—Ah senhor Corregedor! compadeça-se de meu pae, que está inocente; não o leve preso para Lisboa.

Camões (*Que não tem tirado os olhos de Marianna*

levantando-se) — Oh minha rica menina! muita pena tenho de lhe não poder fazer o que me pede; é uma ordem d'el-rei e hade executar-se; mas conte com a minha protecção em tudo e por tudo.

*Contae commigo; sou, sou todo vossa...
Dedos mimosos, faces de setim,
Loiros cabellos, dentes de marfim!
A taes encantos resistir não posso.*

Marianna (Que não prestou atenção aa que elle dizia) — Hei de acompanhar meu pae a Lisboa, hei de ir com minha madrinha deitar-me aos pés d'el-rei.

Camões — Aos pés d'el-rei! oh menina! não se lembre de similhante coisa; só se... A menina conhece o nosso... digo, já beijou a mão a el-rei?

Marianna — Eu! aonde?... Não senhor.

Camões (A'parte) — Então enganei-me: não é a coisa. (Em voz alta) Pois minha flor, meu suspiro branco, não se metta n'isso, olhe que pôde fazer o caso peior. E' muito bonita e não convém... (Emendando) não convém que fale por ora a el-rei que está como uma furia contra seu pae... Lá a madrinha... (ella provavelmente é velha) essa sim, essa pôde ir sem perigo — Mas o melhor é deixar tudo por minha conta; hei de ser o juiz do processo, e já lhe disse que podia esperar de mim todo o favor. (A'parte) Como ella é boa!

Marianna (Chorando) — Oh meu Deus!

Camões (Pegando-lhe na mão que ella retira) — Ora, minha linda menina, não chore; ha quem seja mais desgraçado que seu pae; a sua prisão poucos dias poderá durar, mas eu... preso pelos seus formosos olhos, toda a vida chorarei o meu captiveiro. (Quer pegar-lhe outra vez na mão que ella retira)

Marianna (Afastando-se) — Senhor?! que quer isto dizer?

Camões — Quer dizer que a amo, que a adoro, que...

Marianna (Indignada) — Senhor corregedor, deixe-me! Lembre se do seu character, do seu officio.

Camões — O meu officio é prender gente, e a menina prendeu-me agora a mim: aonde se fazem ali se pagam. — Mas eu peço vista, requeiro alvará de fiança, para o que entregarei um memorial que te-

nha... que tenha peso e valor ao relator do feito;
e espero...
Marianna—Se el-rei soubesse os ministros que
tem?...

Camões—El-rei!! Ora menina, el-rei sabe o que
são as fraquezas do proximo; a justiça tempera-se
com... (*Sentindo rumor no fundo.*) Oh diabo! que
ahi vem gente...

SCENA XIII

O CAMÕES, LOURENÇO, ESTEVES e MARIANNA

Esteves, (*Entrando pelo fundo a Lourenço.*)—Olha
meu Loirenço, lá está o ministro que vem prender
o nosso patife... e a lambisgoia da filha hade es-
tar pedindo misericordia.

Lourenço—Elle tem mangado com a tropa, mas hoje
mangamos nós com elle.

Camões (*Já muito serio, a Marianna que se afastou
d'elle.*)—Que gente é aquella?

Marianna—São os accusadores de meu pae.

(*Os dois fazem do fundo muitas cortejias a Camões*)

Camões—Que taes elles são!

Lourenço (*Approximando-se*)—Sou um reverente
creado do sôr doitor corregedor.

Esteves (*Approximando-se*)—Muito gosto tenho em
conhecer sua mercê; e desejo que Deus o ajude
em todas as suas obras.

Camões (*Friamente*)—Sou seu criado. Os senhores
pretendem alguma coisa de mim?

Lourenço—Não senhor. Soubemos que sua mercê
estava no Almargem, e vimos fazer-lhe os nossos
cumprimentos.

Camões—Muito obrigado.—O senhor, pelo que vejo,
é da tropa?...

Lourenço—Sou capitão d'ordenanças, à falta d'elles,
para servir a sua mercê.

Camões—E foi á guerra nos seus tempos?

Lourenço—Não senhor, nunca veiu a geito.

Camões—Pois é pena, porque lhe acho a catadura
de um homem valente.

Lourenço—Muito agradecido a sua mercê.

Camões (*a Manuel Esteves*)—O senhor provavelmente também é pessoa de consideração cá no lugar?

Esteves—Sou o procurador da irmandade da Senhora do Amparo, e um criado do senhor corregedor.

Camões—Ah! é procurador!... tem um bom officio se souber usar d'elle.

Esteves—Faço-lhe a diligencia.

Camões—Isso creio eu... procura bem? não é assim?

Esteves—Que diz sua mercê?

Camões—É cá uma coisa... Ora diga-me; cá pelas festas e arraias ha muitos oiteiros?

Esteves—Isso lá muitos; estamos cercados d'elles; não se faz um quarto de légua que não ande a gente a subir e a descer.

Camões (*Rindo-se*)—Não lhe falo n'esses oiteiros; pergunto-lhe se aparecem poetas por estes sitios?

Não ha por aqui perto algum convento de freiras?

Lourenço—Freiras não senhor; mas por festas vêm por abi alguns meliantes de Lisboa, e glosam alguma coisa ás raparigas, mas os rapazes da terra não gostam muito que façam versos ás moças do lugar.

Camões—Isso que têm? não lhe façam elles outra coisa... (*Sentindo rumor e olhando para a direita.*)

Bravo que tafularia! o tal juiz da vintena vem de ponto em branco!

SCENA XIV

O CAMÓES, SEBASTIÃO, LOURENÇO,
ESTEVES, MARIANNA,
GREGORIO (*com um grande chupo conduzindo*
oito criados com chupas e cajados)
e os dois officiaes de justiça.

(Os dois officiaes entram adiante de Gregorio; vêm assustados e dirigem-se logo para a porta do fundo. Sebastião traz casaca, chapéu armado, vara debaixo da portinhola direita, e espada. Gregorio fórmá a sua gente no meio da cena.)

Camões—Que quer isto dizer?

Sebastião—Eu lh'o explico: Da parte d'el rei, dou a voz de preso a sua mercê.

Camões—Eu preso?

Sebastião—É como lh'o digo: e hade fazer favor de
me acompanhar até Lisboa.

Lourenço—Isto é o cumulo da...

(Gregorio ameaça Lourenço com o choco.)

Sebastião—Sôr Loirenço Gameiro, sôr Loirenço
Gameiro! ...

Camões—Ora v. m. sabe que isto que faz não tem
pés nem cabeça, e que se hade arrepender do seu
procedimento!

Sebastião—O senhor não sabe que se acha no dis-
tricto cá da nossa jurisdição e que...

Camões—Sei muito bem, pois vim aqui de proposito
para o prender, e já effectuei a minha diligencia.

Sebastião—Esse acto está nullo.

(Gregorio ri durante esta scena; Marianna olha para elle admirada.)

Camões—E porque?

Sebastião—Porque não me apeou primeiro, que é
por onde devêra ter começado. Portanto encon-
trando um homem que não conheço, e que nem
sei se é corregedor se não é, fazendo por aqui di-
ligencias, eu juiz d'esta terra que me acho com
todas as minhas autoridades, prendo sua mercê à
ordem d'El-rei.

Camões (Rindo)—Ganhou, senhor juiz da vintena;
põe lavrar seis tentos. Ora o certo é que debaixo
de uma ruim capa se acha ás vezes ...

Sebastião—Um bom bebedor, não é assim? Pois é
para que veja que nós cá para fóra também sabe-
mos o nome ós bois.

Camões (Rindo)—Isso sabem vocês melhor que os
de Lisboa.

Gregorio (Rindo. A'parte)—Tornou-se o feitiço con-
tra o feiticeiro.

Marianna (A mesa voz)—Ainda não estou em mim!

Esteves (A'parte)—O homem tem pacto com o diabo.

Lourenço (A'parte)—Eu mesmo já me não julgo
aqui muito seguro.

Sebastião—Portanto, quando sua mercê determinar?

Camões—Estou ás suas ordens. (Pega no chapéu
que tinha posto sobre uma cadeira, A parte à boceia
da scena., Que formidaveis gargalhadas não dará
el rei... e então elle!)

Côro

Para a côrte de Lisboa
Sem demora caminhemos,
E vamos ali mostrar
O grande juiz que temos.

Camões

Que m'importa esta prisão?
Faz-me rir, não vale nada;
Mas que grande surriada
Elles todos me darão!

Côro

Para a côrte de Lisboa etc.

Sebastião

Se conselho não tivera,
Hoje ficava mamado.

Gregorio (*A'parte*)

Elle veiu buscar lá,
Mas vae mui bem tosquiado!

Lourenço (*A Esteves*)

Quem havia de pensar
Que o saloio tal faria?!

Esteves (*A Lourenço*)

Eu não sei o que te diga,
Mas parece brucharia.

Camões

Vamos pois, não ha remedio;

Sebastião

A's suas ordens estou.

Marianna

N'um momento o céo piedoso
A minha sorte mudou.

Côro

Para a côrte de Lisboa etc.

(Movimento de saída)

ACTO SEGUNDO

O theatro representa a antiga rua dos Cavalieiros. Janellas com adufas de um e outro lado. A direita, no primeiro plano, uma porta praticavel, com um pequeno alpendre; ao pé a loja de um sapateiro recomendado; do mesmo lado, no plano mais acima, a entrada de uma travessa. A esquerda, no segundo plano, janella de adufa praticavel; porta praticavel no terceiro plano, debaixo de outra janella de adufa.

SCENA I

BARTHOLOMEU, depois GREGÓRIO

(Bartholomeu está trabalhando à sua porta, debaixo do alpendre)

Bartholomeu (só)

Um velho zoupeiro,
E muito mesquinho,
Tinha por vizinho
Um bom sapateiro;

Mas não descansava,
Que o mestre batia,
E cantarolava
De noite e de dia.

O tal camafeu,
P'ra que se calasse
E não martellasse,
Dinheiro lhe deu.

Eu que sempre velo
Que canto e martello,
Não acho um diabo
Que me dê um chavo!

Dizem que quem canta seus males espanta, pois não é verdade... O officio não rende... não ha uma alma damnada que queira uns sapatos da minha mão; só aparecem concertos, e de mais a mais querem que lh'os faça pela hora da morte... no entretanto a barriga padece.—Entretenho-me a cantar e divirto-me em espreitar a vizinhança... mas que immortal não posso disfarçar o meu mal.—O que me vale é a criada da D. Antonia que me dá ás escondidas alguns restos que por lá lhe ficam... boa rapariga! mas tem a mania de querer casar, e eu estou muito escaldado de casamentos. — Ora que eu tenha tido dois officios, e que em ambos elles tenha sido infeliz!... Já quando era barbeiro, ninguém queria barba que eu fizesse... isto é sinal... (*Em quanto fala nunca deixa de correr os olhos por todos os lados.*) Oh! lá sae o maloio, criado do compadre de D. Antonia.

Gregorio (*Entrando pela porta da esquerda*) — Guarde-o Deus, só mestre!

Bartholomeu — Deus o guarde, senhor lavrador... Que tem por cá?

Gregorio — Nada... Não tenho que fazer lá em riba, venho cá p'ra baixo conversar um boccado.

Bartholomeu — Faz muito bem.—Ora diga-me, seu amo já se livrou d'aquelle crime que lhe puzeram?

Gregorio — Porque! meu amo fez algum crime? Se fosse criminoso não andava solto.

Bartholomeu — Isso lá são coisas... tem protecção, e de certo não vae á cadeia.

Gregorio — Então que protector tem elle?

Bartholomeu — Você é um homem boçal, e não tosca essas coisas.

Gregorio — Lá isso é verdade; mas como ainda não vi pessoa alguma que o protegesse...

Bartholomeu — Bem digo eu, que você está por conquistar... Pois mette-se-lhe na cabeça que sem protecção, e protecção graúda, elle se havia de livrar solto de dois crimes tamanhos? A'uma, que o mandou El-rei prender pelo Corregedor do Rio; á outra, que não foi pequena a desfeita que elle fez ao mesmo Corregedor, trazendo-o preso p'ra Lisboa, no meio d'uma chusma de phariseus.

Gregorio (*Rindo*) — Obrigado pelo elogio, que eu

tambem era dos phariseus.—Alembra-me agora que talvez seja sua protectora a sôra D. Antonia do Menino Deus.

Bartholomeu—Quem! a beatorra da velha? .. ora deixe-se d'isso. Quem o protege é a filha.

Gregorio (*Indignado*)—A filha! Marianna!? Que dir, só mestre?

Bartholomeu—Digo-lhe isto; e eu que o digo é porque o sei. Você nunca ouviu falar lá em casa n'uma briga que houve, aqui ha dois mezes, de'trante das janellas de D. Antonia?

Gregorio—Eu não. Conte-me lá isso.

Bartholomeu (*Levantando-se*)—Ah! você não sabe... pois eu lhe vou contar toda essa historia, e é uma obra de misericordia que lhe faço, que é bom para os creados saberem o viver dos amos.—(*Olhando para as janellas de D. Antonia*) Esta sua patrôa moça (isto sabe você) foi creada, aqui na rua dos Cavalleiros, em casa da madrinha a tal D. Antonia do Menino Deus; casa em que nunca houve que arranhar. Mas pelo Natal passado...

Gregorio (*A'parte*)—Por modo que sabe do negocio.

Bartholomeu (*abaixando mais a voz*)—Sim, se não foi pelo Natal, foi alli por pé, começaram-me a rondar por aqui dois mirones... porém rondavam mais de noite que de dia... Um nunca eu pude saber quem era... mas o outro!... oh! o outro... esse é muito meu conhecido.

Gregorio—Pois conhece algum?!

Bartholomeu—Como conheço as minhas sovellas... era eu... era um sujeito com quem tive n'outro tempo umas historias, quando eu era barbeiro.

Gregorio—Ah! o só mestre já foi barbeiro! bem o parece pelos vastos conhecimentos que tem... da visinhança.—Então que historia teve com o tal sujeito? e quem é elle?

Bartholomeu—Espere, homem; eu lhe digo: era eu então barbeiro, (officio para o qual nunca tive muito geito) e trabalhava na loja de Antonio Guitarra, lá p'râ rua Fresca. Era n'um sabbado á noite; entrou na loja um homem embuçado na sua capa assentou-se n'um canto—Os freguezes que estavam foram-se aviando e sahindo; entraram outros e sahiram... falou-se muito nas vidas alheias

e até mesmo em pessoas de pôlpa alta.—Por duas ou três vezes perguntou o mestre ao tal embuçado se queria fazer a barba, e elle: moita. Deram as onze e já não havia na loja senão o tal freguez.—O mestre saiu para ir cear, e eu fiquei só com o individuo.—Com o engodo de ganhar um desgraçado vintem, perguntei-lhe se queria barbear-se.—«Que tal é a sua navalha, mestre?» me perguntou elle Muito boa, lhe respondi eu.—«E a mão?»—Muito melhor ainda.—Pois vamos a isso, disse elle.—Desembuça-se, e vejo um homem bem apessoado e bem parecido. Assenta-se na cadeira do meio, e eu fiquei passado quando vi uma cara mimosa, e com a barba feita da vespere. Sempre fui tomado animo, e comecei a barbeal-o; mas logo aos primeiros talhos fiz-lhe sanguê na cara.—«Que tal está a navalha?» lhe perguntei eu.—«Muito boa,» me respondeu elle. Bom, disse eu commigo mesmo: o homem não é dorido.—Continuei com mais algum desafogo, e elle muito contente da sua vida, sem tugir nem mugir, e mais já tinha a cara que nem um santo sudario. Por fim acabei, e perguntei-lhe se estava satisfeito—«Muito.» me respondeu elle, com um ár de riso. E pondo a capa e puxando pela bolsa que estava reben-tando com ouro, tirou um cruzado que deitou em cima da mesa, e com a mesma mão com que me deu o dinheiro... oh Virgem Sagrada! desanda-me um murro nos dentes que me quebrou a frontaria toda. . Ora veja esta miseria!

Gregorio (*Rindo*)—Então já vejo porque se desgostou do officio de barbeiro?

Bartholomeu—É verdade.

Gregorio—Mas quem era o do murro?

Bartholomeu—Quem era?... quem era?... isso lhe não digo eu.

Gregorio (*Agitado*)—E porquê?

Bartholoméu—Porque... porque... porque tenho medo de outro murro ou de mais alguma coisa.

Gregorio (*Agitado, à parte*)—Oh meu Deus! tenho uma desconfiança... desgraçado de mim se ella se realiza. . (*Em voz alta*) Pois bem; não quer dizer o nome do homem, não importa; mas que tem essa historia com a da briga?

Bartholomeu—Espere, que já lá vamos. Como lhe

ia contando: haverá dois mezes, era mais de meia noite, um dos taes mirones, (não o meu conhecido, o outro) zangado de ver passear aquele vulto por defronte das janellas da rapariga, que elle também namorava, lembrou-se de se fazer pimpão, e n'uma das voltas em que o meu conhecido vinha para baixo, atravessa-se-me no meio da rua, e diz-lhe com alma: «Por aqui ninguem passa!» O tal desconhecido, (que é aquelle que eu conheço pelo murro, mas não digo quem é, tão tolo era eu!) o tal desconhecido, como ia dizendo, que é um grande espadachim e morre por estes encontros, mette mão à espada e o outro também.—Agora o verás; esgrimiram mais de um quarto de hora... mas o meu conhecido, que é forte de pulso, deu uma estocada no pobre diabo e deixou-o.—O golpe, supponho eu, que não foi de morte, porque o melro foi andando pelo seu pé, porém nunca mais tornou a aparecer até agora.

Gregorio—Ora vejam o que o só mestre sabe de coisas!—Mas quem lhe disse que os taes dois mirones (como lhe chama) andavam namorando minha patróna?

Bartholomeu—Quem m'o disse? Ninguem. Para que tenho eu dois olhos n'esta cara? E ainda digo mais, a rapariguinha por modo que se inclinava para o que levou a estocada.

Gregorio (Com satisfação)—Como sabe você isso?

Bartholomeu—Via-o eu muito bem: quando passava o meu conhecido, estava a adufa inteiramente fechada; mas quando passava o outro, logo se abria um bocadinho, e em elle virando as costas, era de todo, para o ver melhor, já se sabe.

Gregorio (A'parte)—E eu que nunca percebi similar coisa!

Bartholomeu (Indo arranjar o seu trem)—Mal ella voltou para Lisboa, começaram logo outra vez a rondar dois rebuçados: um d'elles é o meu conhecido, e a respeito do outro tenho cá uma desconfiança...

Gregorio—Ora diga lá essa desconfiança.

Bartholomeu (A meia voz)—Parece-me... parece-me que é o Camões do Rocio.

Gregorio (Fingindo-se admirado)—Ah!! o tal Corregedor que meu amo trouxe preso para Lisboa!

Bartholomeu—Esse mesmo.

Gregorio—Mas porque me não hade dizer o sôr mestre o nome do seu conhecido, já que não teve duvida em me dizer o nome d'este. Ou é pessoa de maior consideração, ou muito medo tem você d'elle.

Bartholomeu—E' uma coisa e outra. (*Voltando à scena*)—Ora venha cá; você nunca ouviu contar casos d'El-rei?

Gregorio—Eu não. (*A'parte*) Vão crescendo as minhas suspeitas.

Bartholomeu—Pois eu lhe conto alguns que sei. Este nosso rei o senhor D. João V é um grande jogador de espada preta, e gosta de andar passeando pela cidade, disfarçado e de noite (já se sabe). Entra n'uma loja, entra n'outra e ouve o que se diz d'elle e do seu governo para depois se regular. Tambem namora a sua rapariguinha e tem por ahi suas brigas, coisas de que elle gosta muito, e quasi sempre dá. Comtudo já achou uma vez um saloio que, sem saber o jogo, e dando a torto e a direito, apertou de tal modo com el rei, que este foi obrigado a apitar para lhe acudirem, quando não o saloio dava cabo d'elle.

Gregorio—Não está mão divertimento!

Bartholomeu—N'outra occasião entrou na loja de uma pobre mulher que vendia lenha. Os parceiros para a conversa eram a dita mulher, e tres criados de servir, que estavam alli fazendo horas. El-rei armou logo palestra com elles, e de que se havia de lembrar? de dizer mal de si. Os tres criados, que parece que eram gallegos, riram muito, e não se escandalisaram... mas a boa da mulher, que era portugueza nos ossos, offendida de ouvir injuriar o seu rei, sae-me muito surrateira para fora do balcão com uma acha de lenha escondida... toma-lhe a porta e desanda-me no rei tres formidáveis arrochadas, segundo dizem, que eu não vi. — O certo é que a mulher nunca mais tornou a vender lenha, e tem hoje uma tença muito boa e muito mal paga, por causa da obra de Mafra.—Então que lhe parece, só lavrador?

Gregorio—Que me hade parecer? que quem faz isso, podia muito bem quebrar com um murro os dentes a um máo barbeiro.

Bartholomeu — Hein!! A modo que você não é tão lórpia como parece (*Olhando para o fundo, e vendo um vulto embuçado que aparece á esquerda e vem descendo pela rua abaixo, fica espantado*) Adeus! Adeus! temos conversado os farrapos. (*Mette com precipitação a tripeça e a alcofa para dentro de casa e fecha a porta*).

Gregorio — Que tem elle?! (*Olhando para o fundo*) Ah!!! Agora é preciso representar bem de saloio, quando não estou perdido.

SCENA II

O DESCONHECIDO, e GREGORIO

(*O desconhecido traç chapéu desabado e vem embuçado*)

O Desconhecido (*A Gregorio, que está na extrema direita*) — Anda cá!

Gregorio — Quem? eu!...

O Desconhecido — Approxima-te.

Gregorio (*Sem tirar o chapéu*) — Antão que me quer?

O Desconhecido — Quero que me faças um recado.

Gregorio — Um recado?!

O Desconhecido — Hasde levar uma carta a tua ama, mas com muito segredo.

Gregorio — Essa é boa; é p'rá senhora D. Antonia... dê cá isso.

O Desconhecido — D. Antonia! não, lórpia; é para entregar á senhora Marianna.

Gregorio — E de quem é a carta.

O Desconhecido — Isso não é da tua conta?

Gregorio — Pois antão não lhe peço.

O Desconhecido (*Com imperio*) — Mando eu!... (*caindo em si*) Anda, anda que te heide dar para umas botas. (*Apresenta lhe a carta*.)

Gregorio — Como dá alguma coisa... vá feito. (*ACEITA A CARTA*)

O Desconhecido — Toma bem sentido; olha que hasde entregar a carta em particular.

Gregorio — Sem que ninguem veja, sim senhor.

O Desconhecido — Isso mesmo; e se trouxeres resposta terás o que quizeres. Em fechando a noite estarei á tua espera no cimo da rua. Adeus!

Gregorio—Adeus lá! e sempre obrigado.

(O Desconhecido embuça-se e vai pela rua acima. Desaparece pelo ultimo piano à esquerda.)

SCENA III

Gregorio (*Só. Olhando para a carta que tem na mão*)
 —Ah cartal carta!... Quem me dera saber o que
 ella contém... mas abril-a era arriscar-me a mu-
 ito... Guardal-a-hei fechada, pois talvez possa
 servir para alguma coisa. (*Guarda a carta*) Eis-me
 aqui pois feito mensageiro de um e outro... O tal
 Camões não pôde tardar... hade vir buscar a re-
 sposta, e já está preparada.—Esse é que hade pagar
 por ambos; hade levar uma lição que o escarmen-
 te para sempre de andar a correr aventuras d'a-
 morem. Protesto que hade ser bem castigado...
 Mas o outro?... o homem da carta?... esse...
 (*Reflectindo*) Verêmos... Eu sou tão feliz, e elle
 gosta tanto de gracejar... mas o que eu não sei é
 se gosta que se graceje com elle... (*Reflectindo*)
 Vá á sorte! preso por mil, preso por mil e quinhentos:
 também levará a sua lição. Dar, não me dá
 elle porque já sei o seu golpe da mestre, que o diga
 este hombro que ainda não está curado de todo...
 O caso sempre é muito melindroso!... Ora com
 efeito, metti-me n'uma tal embrulhada, que se sair
 bem d'ella, levo as palmas a todos os estudantes
 passados, presentes e futuros.—(*Olhando para o fundo*) Oh! ahi vem o Camões; como elle hade fi-
 car contente com a resposta que lhe vou dar! (*Tira o chapéu e faz-lhe muitas cortezias*)

SCENA IV

CAMÕES e GREGORIO

Gregorio (*Subindo a scena e levantando a voz*)—Sou
 um seu creado sór doitor Corregedor!

Camões—Nada de comprimentos; vamos ao que im-
 porta: que resposta me trazes do recado que man-
 dei a tua ama? Respondeu por escripto?

Gregorio—Não senhor: de palavra. O sór doitor Cor-
 regedor não lhe escreveu, também ella não.

Camões—Então que manda dizer?

Gregorio (*Levantando a voz*)—Manda dizer...!

Camões—Oh diabo! fala mais baixo que nos podem ouvir.

Gregorio (*Abaixando muito a voz*)—Manda dizer o sôr doitor Corregedor que lhe não pode falar das janellas de sua madrinha.

Camões (*A parte*)—Tenho entendido; é por causa d'elle. (*Em voz alta*) E é a resposta que trazes? Olha que te digo que és forte embaixador.

Gregorio—Se o sôr doitor corregedor toma o recaudo na escada!...

Camões—Pois avia-te!

Gregorio (*Levantando a voz*)—Diz ella...!

Camões—Fala mais baixo!

Gregorio (*Abaixando muito a voz*)—Diz ella que vai esta noite com a madrinha a casa de D. Francisca d'Albuquerque que mora no Postigo de Santo André, e que em sendo dez horas falará a sua mercê a uma das janellas rentes da rua.

Camões—Oh que bela ideia!... (*Reflectindo*) Mas as taes janellas têm grades?

Gregorio—Isso lá não sei eu.

Camões—Está bem; sahiste melhor do que eu pensava. Tens teu geito para o officio, e se puxares por ti hasde fazer fortuna em Lisboa. Ora toma lá... (*Vae a puxar pela bolsa, sente-se o sapateiro mexer na porta*.)

Gregorio—Oh sôr Corregedor! pelo amor de Deus, não me dê dinheiro na rua; sinto o sapateiro mexer na porta, e meu amo pôde estar por dentro das adufas.

Camões—Pois então passa lá por casa quando quizeres.

Gregorio—Munto obrigado sôr doitor Corregedor.

(*Fazendo muitas cortezias e sempre de chapéu na mão afasta-se para o fundo*.)

Camões (*Só*)—Isto vai bem; a filha hade pagar pelo maroto do pae.—Não me importa a desfeita; o que me faz desesperar é o gosto que tiveram os meus inimigos, e a caçoada que tenho sofrido dos amigos, principalmente d'El-rei que não pôde olhar para mim que não dê uma gargalhada... E quando elle me pergunta muito sério se quero ir fóra da terra a uma diligencia?—E cuidar eu que o tal

marmanjo não havia de ir á cadeia, e havia de alcançar d'El rei o poder-se livrar solto!... isto é o que eu não posso levar á paciencia!... Mas não importa, como a rapariga não é arisca, eu me pagarei por minhas mãos, e o saloio não se hade fícar rindo de mim. Mas elle?... elle que tambem arrasta a aza á minha Marianna!... se o vem a saber temos historias... porém alguma coisa lembrará para metter o caso a bulha, e heide escapar como de outros mōnos que lhe tenho pregado. Ainda hoje lhe preguei eu um, e não sei como tomará o negocio. (*Reparando no sapateiro que durante o soliloquio abriu mansamente a porta, e está arranjando o seu trem*) Oh! está alli um remendo... não me conheça elle! (*Sae pelo fundo, direita.*)

SCENA V

GREGORIO e BARTHOLOMEU

Bartholomeu (*A parte, antes de Gregorio ter desido a scena*)—Vamos a vêr se lhe metto medo, para elle repartir commigo o porte das cartas. (*A Gregorio*) Quando eu disse que você não era tam lópra como parecia, não me enganava eu.—Com que então você, com esse ár de innocencia, faz jogo para ambos os lados?

Gregorio—Que diz lá o sôr mestre?

Bartholomeu—Digo que você, para saloio, não é dos mais pêcos... leva a sua cartinha...

Gregorio—Qual cartinha!?

Bartholomeu—A que lhe entregou aquelle sujeito; cuida que o não vi? Tenho ali uns buraquinhos n'a quella porta, e nada me escapa.

Gregorio (*A parte*)—Oh que maroto!

Bartholomeu—E tambem percebi o seu negocio com o Camões do Rocio; você é tão fino que lhe não quiz acceitar o dinheiro na rua...

Gregorio—Ora o sôr mestre sabe que assim como ficou sem dentes, pode muito bem ficar sem olhos?... se o souber o sujeito do murro...

Bartholomeu—Oh senhor Gregorio, pelo amor de Deus!... olhe que estou gracejando, e isto não pas-

sa d'aqui. (*Aparte.*) O diabo do saloio já o conhecerá? (*Em voz alta.*) Não desconfie commigo.
Gregorio—Eu não; mas veja o que faz; ao depois não se queixe.

Bartholomeu—Não tenha medo, senhor Gregorio; d'aqui não sae nem uma palavra... Mas você sempre paga uma pinça.

Gregorio—Isso lá sim... e mais alguma coisa.

Bartholomeu—Oh rapaz! toma lá um abraço. (*abraça Gregorio.*)

Gregorio—Está bom; não me aperte tanto que me amolga as costellas.

SCENA VI

D. ANTONIA, GREGORIO, BARTHOLOMEU, UMA CRIADA (*que segue D. Antonia,*) DEPOIS SEBASTIAO (*saindo de casa à esquerda, e fica em numero 2;*) MARIANNA (*à janella.*)

(D. Antonia vem vestida como as beatas d'aquelle tempo, traz manto, assim como a criada, que fica atrás d'ella; mas depois vai passando para a direita para se aproximar do sapateiro.)

D. Antonia (*Com máo modo, a Gregorio.*)—Então que fazes tu por fóra?

Gregorio—Estava ajustando uns tacões aqui c'o mestre.

Bartholomeu—É verdade. (*Vae assentar-se.*)

D. Antonia (*Idem.*) E se teus amos precisarem de ti lá em cima?

Gregorio—Elles deram-me licença.

D. Antonia—Ah! isso então é outra coisa.—Porém já que tinhas uma hora vaga era melhor que a aproveitasses em ir ao sagrado Lausperenne; olha que a gente n'este mundo vive dois dias e no outro...

Gregorio—Eu já tinha essa tenção, mas...

D. Antonia—Pois não a percas. Sabes onde está?

Gregorio—Está... nos Martyres (*Aparte*) Ouvi-lh'o dizer esta manhã.

D. Antonia—Pois vai, meu filho, e bem podes estar com muita devoçao; não faças como tantos que mais valia que lá não fossem.

Gregorio—Sim senhora.

(Abre-se a primeira aduifa e aparece Marianna à janella.)

Sebastião (*Sahindo de casa.*)—Já voltou, senhora comadre?

(Durante esta cena Gregorio e Marianna fazem sinalaes de intelligença, que não escapam ao sapateiro, que também está de intelligença com a criada.)

D. Antonia—Cheguei agora, senhor comadre...
Mas muito me admira sahir v. m. para fóra, e deixar só em casa uma menina donzella?!

Sebastião—Oh sôra comadre, pois eu cá havia de suppôr... nós lá p'ra fóra não somos tam desconfiados.

D. Antonia—Lá fóra é uma coisa e na cidade é outra. O senhor comadre não sabe o que por cá vai, que está sempre mettido no seu casal. É tanta a maganagem em Lisboa, que todos os olhos são poucos para vigiar as raparigas. Mas que hade ser se os grandes dão o exemplo! Deus tenha compaixão de nós! os costumes estão estragados... e então o luxo? isso Deus nos acuda, não trajam senão sedas bordadas... e se uma pessoa de alguns têres não anda como as mais, fazem logo escarneo d'ella. Nossa Senhora do Monte do Carmo se lembre de nós. (*Olha para traç e não vendo a criada, procura-a com os olhos, e muito arrenegada faz-lhe signal para que se afaste de Bartholomeu.*)

Sebastião—Com effeito, sôra comadre, não sabia que isso estava tam máo.

D. Antonia—O que eu digo ainda não é nada; os escândalos não têm fim; o que vale é a muita indulgência que vem de Roma... isso então, nunca houve tanto! E reliquias, breves e bullas, que é mesmo uma consolação! Dizem que tudo isto custa muito dinheiro... deixál-o custar... (*Com ironia*) era melhor gastál-o em touros e cavalhadas como d'antes? Não senhor; dotam-se conventos, fazem-se basilicas, e temos duas Sés em Lisboa... Mal empregado dinheiro que se foi na obra livre; para que é toda aquella arcaria? Fazia-se outra Mafra com aquelle cabedal, e que rebentassem os invejosos... Nunca houve tanta festa d'egreja, e diz um cereiro, meu conhecido, que tudo isto parece mais obra dos anjos que dos homens... E as grandes esmolás que vão para Roma? Só isso levaria ao céo a El-rei nosso senhor, por muitos pecados que elle tivesse; que eu estou persuadida

que os não tem... é muito bom senhor... o que por ahi se diz tudo é mentira, e eu tal não acredito. (*Durante esta scena, D. Antonia que t. aq. um grande roçario na mão, vae sempre passando as contas e conversando*)

Sebastião—Ah sôra comadre! hade perdoar; mas já tem pa-sado para baixo mais de tres mysterios.

D. Antonia—Ah! senhor compadre! se os passei é porque os rezei; estou costumada a falar e a rezar ao mesmo tempo.

(*Gregorio e Bartholomeu riem-se. D. Antonia reparou no sapateiro que está fazendo signaes à criada*)

Sebastião—Pois isso pôde fazer-se?!

D. Antonia—Aí! tudo vae do costume... (*Ao sapateir*) Ora diga-me, senhor vizinho, porque não trabalha! Não sabe que a ociosidade é a mãe de todos os vícios, e que a preguiça é um peccado mortal...

Bartholomeu—Estava ouvindo com tanta devoção a senhora D. Antonia do Menino Deus, que me não lembra o trabalho (*A'parte*) Muito atrevidas são estas beatas! (*Pega na pedra, sola e martelo, e com ça a bater.*)

D. Antonia (*A Sebastião*)—Mas com tudo isso ha muita gente, (e mal de nós se assim não fôral!) que ainda presa os bons costumes... verbi gratia, a nossa casa. (*D. Antonia encomodada com a cunha, ouha varius vezes p'ra o sapateiro*)—Quer me creia, quer não; desde a morte de meu marido, que Deus haja em gloria, nunca mais entrou sombra d'homem d'quella porta para dentro.

Gregorio—E então nós, sôra D. Antonia?

D. Antonia—Pois ainda tu ahi estás?

Gregorio—Agora diz que sou preciso lá em riba.

D. Antonia—Pois sóbe, não estejas ahi com as mãos debixio dos braços.

Gregorio—Pois sim senhora. (*Sae pela esquerda.*)

Bartholomeu (*A'parte*)—E diz ella que lhe não entra sombra d'homem em casa... ah toleirona! (*Fica rindo.*)

Sebastião—A sôra comadre hade dar licença; é quasi noite, e eu quero falar ainda hoje com o procurador p'ra saber em que altura vae o meu negocio.

D. Antonia—Pois vá, senhor compadre, e Nossa Senhora do Monte do Carmo lhe dê tudo á medida

do seu desejo. (*Bartholomeu bate mais forte, D. Antonia olha para ele com raiva.*) Ora o senhor visinho não deixará de fazer tanta bulha... não pôde pegar n'outro trabalho?

Bartholomeu—Já não vejo para cozer, e em quanto não accender a luz... (*Bate com mais força.*)
 D. Antonia (*Muito arrenegada, e bençendo-se*)—Nunca as almas estão livres de tentações! Jesus esteja commigo!... Adeus, senhor compadre! vá aonde tem de ir e recolha-se cedo, parece mal um homem da sua idade recolher-se fóra d'horas. (*Sebastião sae pelo terceiro plano á direita. D. Antonia olha com rancor para Bartholomeu que continua a bater.*) O senhor visinho é capaz de tentar um santo. (*Para a criada, que quando ella se volta abaixa os olhos e a cabeça*) Vamos lá, grandísima não sei que lhe disséra! você cuida que a não tenho percebido? (*Dá-lhe um empuxão.*)

(D. Antonia sae pela esquerda, a criada segue-a e diz adeus ao sapateiro antes de fechar a porta. Marianna recolhe-se e fecha a zeda)

SCENA VII

(Vae escurecendo)

Bartholomeu (*Só, e rindo*)—A bruxa da velha vai desesperada commigo, mas não importa... (*Começa a recolher o seu trem*) E' quasi noite... vou acender a candéa e fechar a porta.—O serão não hade ser muito comprido, que as noites são pequenas e a obra pouca. (*Vendo o Desconhecido no fundo á esquerda*) Oh! lá está um vulto parado no cimo da rua... que será aquillo?... já faz escuro e não distingo bem... (*Observando*) Mas se me não engano, é o meu homem... Toca a recolher que de dentro ainda espreito melhor. (*Entra em sua casa, mas não fecha de todo a porta e fica espreitando.*)

SCENA VIII

(Noite)

GREGORIO, BARTHOLOMEU (*entre portas*) O
DESCONHECIDO (*no fundo*)

Gregorio (*Tendo entrado pela esquerda e olhando para o fundo*)—Oh! lá está elle (*Vae ao fundo e fala em voz baixa com o Desconhecido.*)

Bartholomeu (*Com a cabeça fóra da porta*)—Lá está o saloio (se é que o é) a cochichar com o embuçado... Quem me dera ouvir o que elles estão dizendo, mas não me atrevo a chegar-me, não me succeda o que disse o tal Gregorio, que eu fique sem olhos assim como fiquei sem dentes.

(O Desconhecido separa-se de Gregorio e desapparece pela esquerda; Gregorio desce a scena. Bartholomeu recolhe-se, mas espreita de vez em quando.)

Gregorio—Este tambem está arrumado. Tenho tudo disposto, agora mãos á obra e fortuna me valha. (*Olhando para a direita.*) Vejo um vulto... parece-me que é o pae de Marianna. (*Vae para casa e fecha a porta.*)

SCENA IX

SEBASTIÃO, BARTHOLOMEU (*entre portas,*)
depois LOURENÇO e ESTEVES.

Bartholomeu—Lá entrou para casa o saloio (se é que o é.)

Sebastião (*Atravessando a scena*)—A conversa de minha comadre fez-me demorar, e não achei o précurador em casa. (*Bate à porta da esquerda.*)

Gregorio (*Fóra*)—Quem é?

Sebastião—Podes abrir, que sou eu. (*Abre-se a porta e Sebastião entra.*)

Bartholomeu (*Apparecendo*)—O lavrador pouco se demorou; poderá ter medo de andar de noite... (*Escutando para a direita fundo.*) A modo que sinto gente. (*Esconde-se.*)

Lourenço (*Vindo do fundo direita com Esteves*)—O nosso patife está em casa do seu précurador... e

fui avisar-te para me ajudares a dar-lhe uma esfregada.

Esteves—Vê lá no que te mettes. (*Desceu.*)

Lourenço—Isto não tem outra cura. Nós ámanhã não temos provimento no aggravo e pagamos as custas; mas o maroto não se hade ficar rindo de nós.

Bartholomeu (*A parte*)—Isto certamente é com o lavrador; mas vem tarde porque já está recolhido.
Esteves—Pois dê-se-lhe uma maçada; tu não lhe tens mais gana do que eu... Porém se chegam a saber que somos nós ficamos perdidos.

Lourenço—Não tenhas medo; hoje em dia cá em Lisboa dá quem quer, ou quem pôde.

Esteves—Está dito, eu estou prompto... mas o peior é que não trago outra arma senão esta bengala.

Lourenço—É quanto basta, que nós não havemos de dar a matar; é sómente um lembrete... e de mais não tenho eu aqui a minha espada?

Bartholomeu (*A parte*)—Que taes são os marotos!

Esteves (*Olhando para a esquerda*)—A modo que sinto abrir uma porta?...

Lourenço—Pois vamo-nos safando por essa travessa. (*Saem ambos pela direita.*)

(Bartholomeu fecha a porta em quanto elles passam, e abre-a logo que elles saem.—Gregorio, vestido convenientemente, embuçado e com chapéu derrubado, entra pela esquerda, fecha a porta e guarda a chave. Atravessa o theatro e sae pelo fundo direita.)

Bartholomeu (*Apparecendo*)—Quem será aquelle embuçado que saiu agora de casa de D. Antonia? E diz ella que não vae lá sombra d'homem... Coitada!—Tomára já que a minha deusa me fizesse signal para ir receber a pitança do costume... já tenho vontade de cear. (*Olhando para o fundo esquerda.*) Ahí vem gente... toca a recolher. (*Recolhe-se e fecha a porta como acima.*)

SCENA X

O DESCONHECIDO, CAMÕES, e BARTHOLOMEU
(escondido.)

(Vem do fundo esquerdo, ambos embuçados e com chapéus desbarbados. Descem em silêncio até à boca da cena. O Desconhecido olha de passagem para as janellas de D. Antonia.)

O Desconhecido (*Indicando a direita*)—A's onze horas estarás com a tua gente n'aquelle travessa, e vem encontrar-te comigo n'este sitio.

Camões—E nada mais?

O Desconhecido—Mais nada... Ah! dize-me: prenreste com effeito aquele homem?

Camões—Não senhor.

O Desconhecido (*Coterico*)—Como assim! tenho toda a certeza de que estava em casa quando o foste prender.

Camões—Ora diga-me, meu senhor; El-rei governa de telhas a baixo, ou de telhas a cima?

O Desconhecido—A pergunta é ociosa; de telhas a baixo.

Camões—Pois meu senhor, não prendi o homem porque fu à para o telhado.

O Desconhecido (*Rindo-se*)—Ora esta!... é das tuas... Deixaste escapar o homem porque o julgas inocente?

Camões—Sim senhor; mas agora está em meu poder prendel-o quando quizer.

O Desconhecido (*Depois de ter reflectido*)—Não. Esse homem tem serviços e El-rei está melhor informado... Fizeste bem, Camões, fizeste bem; salvaste El-rei de fazer uma injustiça, e elle t'o saberá agradecer.

Bartholomeu (*A'parte*)—Lá está o desconhecido que eu conheço.

Camões—Determina mais alguma coisa?

O Desconhecido—Não. Pódes retirar-te. (Sobe alguma coisa e olha para as janellas da esquerda)

Camões (*A'parte, rindo*)—Cuida que Marianna está em casa, e ella lá em cima á minha espera. (Correja respeitosamente o Desconhecido, e sae pelo fundo direita.)

O Desconhecido (*Passando por diante das janellas de D. Antonia, olha para cima e fosse*.—Mo-

mento de silêncio.) Ainda é muito cedo. (Torna a tossir e a olhar para cima; espera um momento e sai pelo fundo, esquerda.)

Bartholomeu (*Em cena*) — Agora eu. (Tese com força, e olha para a janela:—momento de silêncio.) Não aparece... não estarão ainda os amos recolhidos.—Enquanto D. Antonia tiver esses hóspedes em casa, não podemos conversar à nossa vontade... pois gosto da conversa; a rapariga tem seu tino... mas quer casar, e eu viúvo de duas não me metto com terceira que me hade mandar para o cemiterio. (Tosse com força: abre-se a aduifa, e correspondem-lhe de cima tossindo.) Até que afinal apareceu. (Vae collocar-se debaixo das janelas.)

O Desconhecido (*Que n'este intervallo tornou a aparecer no fundo à esquerda*) — Que será aquillo? Vejo um vulto debaixo da janella de Marianna!... (Desce precipitadamente — momento em que da janela acitam por um cordel um guarda-chuva pelas rontas, tento dentro um prato com comer e um pão.— Deitando a mão à gola de Bartholomeu) Que faz ahi debaixo d'essa janella?

Bartholomeu (*Atemorizado*) — Ah!

(De cima deixam cair o atado e fecham a aduifa)

O Desconhecido — Que é isto?

Bartholomeu (*Reconhecendo-o, e cahindo de joelhos*) — Ah, meu senhor! tenha compaixão de mim!... que eu... eu... eu digo a verdade toda... sou um sapateiro que moro alli defronte... e a criada d'esta casa... (que é uma rapariga de muita caridez) costuma dar-me alguma coisa de comer... Esta é a verdade pura... e mande-me enforcar se assim não é.

O Desconhecido (*Rindo*) — Está bom; cuidei que era outra coisa. Pôde se recolher.

Bartholomeu (*Lvantando-se atemorizado e fazendo muitas cortezias*) — Muito obrigado, meu senhor, muito obrigado.

(O Desconhecido embuça-se e sobe a cena)

Bartholomeu (*Apanhand o que pode aproveitar*) — Ainda não estou em mim... Hoje não torno a sair à rua que me cheira a trovoada... Vou fechar a minha porta e não quero espreitar mais. (Olhando

para o fundo direita) Ei-lo ahí vem outra vez; safa!... (Recolhe-se, mas não fecha a porta de todo.)

SCENA XI

GREGORIO e BARTHOLOMEU (*escondido*)

Gregorio (*Descendo, e vindo do fundo direita; traz duas espadas na mão, uma com bainha outra sem ella*) O Corregedor já levou a sua lição. Não é de perigo que só lhe apanhei o braço da espada, mas foi preciso dar-lhe duas vezes para a largar.—O homem não deixa de saber o jogo, e é valente, mas coitado!... tem que andar alguns dias de braço ao peito, e hade perder a vontade de fazer festa á minha Marianna... Vamos para casa que não poderá tardar muito o outro; avisei-o para a meia-noite... (*Mette a chave na fechadura, entra e fecha a porta.*)

Bartholomeu (*Com a cabeça fóra da porta*)—Aquel le não é o Camões nem o meu Desconhecido, é já outro... parece-me que é o mesmo que de lá saiu ind'agora... Olhem se os outros dois tal soubessem... (*Escutando para a direita*) Sinto passos pela travessa... será talvez a ronda. (*Recolhe-se e fecha a porta.*)

SCENA XII

ESTEVES, LOURENÇO, BARTHOLOMEU (*escondido*), depois O DESCONHECIDO; GREGORIO (*á janella com a aduifa pouco aberta*)

Esteves (*A Lourenço, entrando pela direita*)—O homem já não pôde estar em casa do precurador; isto é muito tarde, e certamente já está recolhido.

Lourenço—Oh Manuel Esteves! não me digas tal; elle ainda não veiu para casa, e logo verás se tem razão ou não... Vamos esperar aqui por elle.

Esteves—Pois vá feito.

Gregorio (*Da janella, á parte*)—Se me não engano é o capitão Lourenço com Manuel Esteves.

Lourenço (*Olhando para o fundo esquerdo*)—Parece-me que vejo lá em cima... é elle certamente... prepara lá a bengala.

Esteves—Vamos a elle; dã-lhe p'ra valer, Lourenço
Gámeiro.

Bartholomeu (*Abrindo alguma coisa a porta, e à parte*)—Mal sabem os tolos com quem se mettem!

Gregorio (*A'parte*)—E então! não vinham elles fazer uma espera ao pobre velho! Felizmente ha muito tempo que está dormindo a somno solto.

Lourenço—Oh Manuel Esteves! não me esmoreças.
Esteves—Conta commigo.

(O Desconhecido aparece no fundo esquerda)

Gregorio (*A'parte*)—É' noite de aventuras para o meu competidor.

(Os dois caminham para o Desconhecido, que desembainha a espada)

Lourenço (*Recuando*)—O homem traz chanfalho!... por esta não esperava eu.

Esteves (*Recuando*)—Puxa pela espada e vamos a elle!

O Desconhecido—Quem vem lá?!

Lourenço (*Levantando a bengala*)—Sôr Sebastião, se é homem largue a espada.

Gregorio (*A'parte*)—O caso é divertido!

O Desconhecido—Puxa pela tua! de que te serve essa roca á cinta?

Lourenço (*Recuando*)—Eu não brigo com espada.

O Desconhecido—Puxa por ella, quando não!...

Esteves (*A Lourenço*)—Oh diabo! que foste fazer? esse homem não é Sebastião d'Arruda.

Lourenço (*Affirmando-se*)—E dizes bem. (*Ao Desconhecido*) Queira perdoar; o caso não era com sua mercê.

O Desconhecido—Visto isso, era uma espera que estavam fazendo?...

Esteves—Não senhor; era uma brincadeira.

O Desconhecido (*Investindo com elles*)—Ah canalha vil! ..

(Os dois fogem pela travessa, o Desconhecido segue-os sem correr. Um momento depois ouve-se o apito.)

Bartholomeu (*Deitando a cabeça*)—Aquellos têm casas pagas; não é mal feito.

Gregorio (*Da janella á parte*)—A noite é brilhante!

O Desconhecido (*Entrando pela direita, e embainhando a espada*)—Corriam bem, mas sempre foram presos. (*Olhando para cima*) Parece-me que

são horas. (*Tosse.*—*Gregorio* tosse também com o som muito fino; *Bartholomeu* fecha a sua porta mansamente) Está ahi, senhora D. Marianna?

Grégorio (*Com voz de mulher*)—Estou, sim senhor. O Desconhecido—Muito tempo ha, que suspirava pela felicidade de lhe falar.

Gregorio (*Como acima*)—Mas quem ó sua mercê?

O Desconhecido—Não lhe mandei dizer na minha carta que era um fidalgo da corte?

Grégorio—Mas o seu nome?

O Desconhecido—Não julgo conveniente dize-lo em voz alta, que poderão ouvir-me; mas eu lh'o direi em particular.

Gregorio (*Idem*)—Em particular não posso eu falar com sua mercê, que estou em casa de minha madrinha como n'um convento de freiras.

O Desconhecido (*A'parte*)—Convento de freiras! A quem o vem dizer! (*Em voz alta*)—Mas podemos encontrar-nos em alguma outra parte... Ora diga-me: quaes são as casas que sua madrinha frequenta na corte?

Gregorio (*Idem*)—Nós só vamos visitar algumas vezes a senhora camareira-mór.

O Desconhecido—Nada, nada... gente do paço! nem pensar n'isso é bom. (*A'parte*) Ella diz bem; é peior do que se estivesse n'um convento; antes fosse freira de Odivellas.

Gregorio (*Idem*)—Ah senhor! .. tenha a bondade de se retirar... Parece-me que se levantou meu pae ou minha madrinha.

O Desconhecido—Pois até já, minha senhora!

Gregorio (*Idem*)—Até logo! (*Fecha a aduza*)

(O Desconhecido sobe a scena e desaparece pelo fundo esquerda)

Bartholomeu (*Deitando a cabeça*)—O meu conhecido conversou com a tal rapariguinha, mas desgraçadamente não pude pescar uma unica palavra... falavam muito baixo... (*Sentindo abrir a porta de D. Antonia*) Oh! lá se abre a porta da beata. . (*Vendo Gregorio*) E' o mesmo homem que entrou ha pouco... que historia será esta?!. (*Vendo que Gregorio vem para a direita, recolhe-se e fecha a porta de vez*.)

N'este intervallo Gregorio embuçado, com chapéu derrubado, tem aberto a porta que torna a fechar, e vira para a direita

collocar-se na boca da travessa. Jí traz a espada desembainhada na mão. O Desconhecido aparece no fundo à esquerda. Gregorio caminha para elle.)

Gregorio—Por aqui ninguem passa!

O Desconhecido—Oh! outra vez! (*Desembainhando*) Muito caro te custarão já essas palavras... levarás nova lição.

Gregorio (*Já brigando*)—Hoje espero eu tomar a minha desforra.

O Desconhecido—Agora o verás.

(Durante a briga Gregorio passa para cima)

Gregorio (*Já de cima*)—Se não sabe outro, esse já eu conheço.

O Desconhecido—Apprendeste á tua custa. (*Continua a briga por um momento*) E este?

Gregorio (*Caindo mortalmente ao meio da scena para o fundo*) Ai que me matou!...

O Desconhecido—Fatalidade!... A espada mal lhe tocou... (*Examinando a espada*) Não tem signal de sangue... (*Examinando o corpo*) Porém o desgraçado está sem movimento!... (*Afflito*) Foi certamente no coração!... e Camões sem apparecer...

SCENA XIII

O DESCONHECIDO, CAMÕES e GREGORIO
(estendido no fundo.)

Camões (*Entrando pela direita*)—Aqui estou meu senhor.

O Desconhecido—Sabes o que me aconteceu? matei um homem!

Camões—Pois paciencia!

O Desconhecido (*Indo*)—Se viesses ás horas que te determinei, talvez que isto não tivesse acontecido; teria chamado e o infeliz estaria vivo.

Camões (*Mostrando ao Desconhecido a mão direita que traz ligada*) A minha desculpa, senhor, é o estado em que me acho: estou ferido no braço e mão direita.

O Desconhecido (*Colérico*)—Como foi isso?! atacaram a ronda?

Camões—Não senhor; foi uma briga que tive por causa de uma certa menina a quem ia falar esta

noite, ás dez horas. Fiquei ferido, e estive até agora em mãos de cirurgião — E' o fructo que se tira d'estas aventuras nocturnas; mas o que me consola é ter tantos companheiros.

O Desconhecido (*Afflito*) — O que te aconteceu é uma bagatella; o meu caso é mais sério... uma morte!... eu!... Esse homem tinha já brigado comigo n'este sitio, ha dois meses e ficou ferido no hombro direito... o desgraçado tinha de morrer... oh meu Deus! e por minhas mãos! (*Fica consternado*.)

Camões — Já agora é mandar-lhe dizer missas por alma. (*Indo examinar o corpo*.) Vamos tirar d'aqui este corpo.

O Desconhecido — Que remorsos para o resto da minha vida!... que vergonha se isto se divulgar! Gregorio (*A parte, levantado a cabeça depois de Camões o examinar*) — O que mais me tem custado é representar o papel de defunto!

Camões (*Depois de ter descido*) — E que dirá quando souber que é o mesmo que me feriu esta noite?

O Desconhecido — Que dizes?

Camões — A verdade; é elle mesmo... muito bem o reconheco.

O Desconhecido — E' caso bem extraordinario!

Camões — Até incomprehensivel!

O Desconhecido — Manda levantar esse corpo.

Gregorio (*A parte*) — Querem vêr que me mandam enterrar! isso não consinto eu.

Camões (*depois de ter apitado á bocca da travessa*) — Aonde quer que seja conduzido?

O Desconhecido (*Afflito*) — Aonde te parecer. (*Fica na extrema esquerda consternado e encostado á espada*.) Que desgraça! que fatalidade! (*Entram seis homens pela travessa a direita*.)

Camões (*Aos homens*) — Levantem aquelle corpo, e conduzam-n'o ao hospital de Todos os Santos. (*Os seis homens estão na direita baixa*.)

Côro

Seu preceito cumprido
Num momento será;
E d'este triste caso
Ninguem saberá.

(Dirigem-se para o fundo. Gregorio levanta-se ligeiramente e索e pela rua da esquerda. Todos ficam estupefactos. O Desconhecido e Cambes olham um para o outro e desatam a tirar.)

ACTO TERCEIRO

O theatro representa a sala de D. Antonia. Porta no fundo que é a entrada principal. Duas portas à direita; duas janelas à esquerda. Trastes antigos: uma mesa à esquerda no primeiro plano.

SCENA I

MARIANNA e GREGORIO

Gregorio (*Rindo*)—Ah! ah! ah!

Marianna (*Sorrindo-se*)—O senhor Diniz está rindo? pois eu não tenho motivo para isso; todos esses acontecimentos não podem deixar de ser funestos para a minha reputação.

Gregorio—Hoje mesmo espero reparar todas as minhas extravagâncias; mas entretanto deixe-me rir da peça que lhes preguei a ambos.

Marianna—Diga-me: ficaria o Camões perigosamente ferido?

Gregorio—Não senhora; mal lhe toquei duas vezes com a ponta da espada... mas o outro! (*Rindo*) Ah! ah! ah! esse levou uma lição muito maior.

Marianna—A quanto se tem exposto!

Gregorio—Ambos são homens de boa feição, e estou certo que afinal hão de rir ainda mais do que eu.

Marianna—Mas não me contará qual foi o resultado da sua briga com elle?

Gregorio—O resultado foi muito cômico: fingi que tinha caído morto; (a espada mal me tocou no fato.) Cuidou que me tinha ferido; affligiu-se, disse mal à sua vida... e chamou o Camões.—Ora imagine como este ficou quando reconheceu ser o mesmo que o tinha ferido pouco tempo antes. Nova admiração de parte a parte... Finalmente o

Corregedor apitou, veiu a sua gente e mandou levantar o morto. (*Rindo*) Vinham para me levantar, mas levantei-me eu muito ligeiro, fui pela rua acima e desappareci — Julgo que foi tal o espanto que lhes causou a minha ressurreição que nem sequer me seguiram. (*Rindo*) E não quer que eu ria? Parece-me que os estou vendo a olhar um para o outro, a principio muito sérios, e depois soltarem ambos uma grande gargalhada.

Marianna— Talvez não rissem tanto como pensa; é mais provável que ficassem furiosos, e que façam diligencia para descobrir quem os escarneceu.

Gregorio— Têm que procurar. Não imaginam certo que n'esta mesma casa é que está o seu defunto.

Marianna— Estou bem arrependida da minha descendencia!...

Gregorio— Ah senhora!

Marianna— É muito arrependida. É verdade que o amo, e mal o poderia negar... porém certifico-lhe que se não fosse o perigo em que vi meu pae, e a necessidade que elle tinha do senhor Diniz para se livrar, não teria consentido que estivesse em nossa casa.— Ainda que a sua empreza seja coroada por um sucesso feliz, já não evito o desdóiro que de tudo isto me resulta.

Gregorio— Não se affliga; o marido fará esquecer todas as loucuras do amante.

Marianna— Mas, como ha de vencer a oposição de meu pae, e talvez de minha madrinha?

Gregorio— Assim como tenho vencido tudo o mais.

Marianna— Silêncio! ahí vem gente.

(*Gregorio* disfarça limpando as mesas e cadeiras.)

SCENA II

D. ANTONIA, MARIANNA e GREGORIO (*no fundo*)

(D. Antonia vem pela primeira porta da direita.)

D. Antonia (*A Gregorio*)— Ainda esta casa não está limpa?! (*A Marianna*) Minha afilhada ainda não pegou em trabalho!?

Marianna— Ia agora principiar.

(D. Antonia apresenta-se à esquerda ao pé da mesa. Marianna do outro lado da mesa e começa a trabalhar. Gregorio continua por um momento a limpar a mobília e sae pela ultima porta à direita.)

D. Antonia

O trabalho, minha filha,
Livre de mãos pensamentos
Se os tivesse passaria
Mil desgostos, mil tormentos.

Ave Maria!

A mulher e o vidro
Sempre estão em perigo.

Atraz da vida ociosa
Chegavam logo os amores;
Só com festas sonharia,
Noivos e coisas peiores;
Santa Maria!

A mulher e o vidro
Sempre estão em perigo!

Eu que as ciladas do mundo
T'êgora tenho evitado,
Não sei mesmo o que faria
Se me lembrasse um noivado.

Ave Maria!

A mulher e o vidro
Sempre estão em perigo.

Que tem, afilhada, que está hoje tam triste?

Marianna—Eu não estou triste, minha madrinha.

D. Antonia—Não me diga isso; não negue a verdade reconhecida, or tal, que é um peccado contra o Espírito Santo.—E então que lhe parece o que contou agora a vizinha tecedeira? Que bonitos casos aconteceram a noite passada n'esta rua! Louvado seja Deus! o mundo está todo perdido! O que mais me desespera é acontecerem estas coisas debaixo das minhas janellas.

Marianna (*Agitada*)—E que culpa temos nós do que se passa na rua!

D. Antonia—Não sei, minha afilhada, não sei. A briga que houve n'este sítio ha dois mezes tambem deu muito que falar... A afilhada tem muito juizo, e é muito honesta, isso é verdade; mas quem

sabe se esses homens que andam por ahi ás estocadas uns aos outros são seus apaixonados?

Marianna — Oh madrinha! pois v. m. pensaria que...

D. Antonia — Já da outra vez eu tive essa desconfiança, e por isso mandei chamar o meu compadre para a levar. Em quanto lá esteve andou isto por aqui muito socegado... agora já tornam a aparecer embuçados... não me dirá o que quer que eu pense?

Marianna — A madrinha pôde pensar o que quizer; mas parece-me que nunca dei motivo...

D. Antonia — Eu tambem ainda não disse que deu motivo; mas as coisas acontecem e as más linguas afiam-se... Ninguem se livra de falsos testemunhos, e eu mesma, n'esta edade, não estou livre d'elles. Quantas pessoas haverá por essa vizinhança que me tenham abocanhado... sou uma senhora viúva, e hade haver muito quem os acredeite.

Marianna — Deus permitta que meu pae ultime hoje o negocio que o detem em Lisboa, para voltarmos para o casal.

D. Antonia — Ah ingrata! você quer-me deixar?... quer abandonar sua madrinha que a creou de pequena, e a quem deve tantas obrigações!... Está muito enganada, hade ficar em Lisboa.

Marianna — Mas a madrinha já me mandou para casa de meu pae... e em que occasião!... Olhe; não me pareceu da sua prudencia...

D. Antonia (*Levantando-se colérica*) — Oh atrevida! você chama-me imprudente!...

Marianna (*Levantando-se e com humildade*) — Minha senhora!...

D. Antonia — Bem digo eu que está o mundo perdido; a gente moça já se levanta contra seus pais e seus superiores.—Cuida que a não entendo! quer ir para o Almargem para estar á larga, para fazer o seu casamento com o tal *salvage* do Alemtejo. Tão pouco juizo tem meu compadre como a minha afilhada.—A criação que lhe dei não era para ser mulher de um labrego; destinava-a para um cavalheiro, filho de um parente meu... mas seu pae entendeu lá outra coisa, e eu não quero desmanchar prazeres.

Marianna — Pois madrinha, se quer que lhe diga "

verdade, tenho a maior repugnância ao tal casamento; e se dependesse da minha vontade...

D. Antonia—Pois de que depende senão da sua vontade e da minha?

Marianna—Ah senhora! porventura tem uma filha o direito de se oppôr ás determinações de seu paes!

D. Antonia—Sim senhora, quando são injustas. E visto que a afilhada confessa ter essa repugnância, tornarei ás minhas tenções antigas, e haverá casar com o meu parente.

Marianna—Mas senhora, eu não conheço esse cavaleiro...

D. Antonia—Que importa! basta que o conheça eu. É verdade que o não vejo há muitos annos; mas dizem que está um moço perfeito... e como a afilhada diz que...

Marianna—Ah minha senhora! eu ainda não disse nada; ainda não concordei...

D. Antonia—V. m. tem obrigação de concordar comigo em tudo, porque estou em lugar de sua mãe. (*Indicando a mesa á direita*) Dê cá aquelle tinteiro... Vou imediatamente escrever a meu primo que está em Coimbra a olhar pelo filho, que anda na Universidade... Não, que elle não é como os paes do tempo presente, que abandonam a mocidade á discreção; não senhora, esse é cá dos meus, e por isso me empenho tanto n'esta união. (*Assenta-se á mesa e passa as contas para a mão esquerda*.)

Marianna (*Depois de ter posto com muita impaciencia o papel e a escrevaninha sobre a mesa da esquerda*)—Porém a madrinha não sei o que faz... sem dar parte a meu paes...

D. Antonia (*Estimulada*)—Não sei o que faço! A afilhada é que não sabe o que diz. (*Escrive, e sempre passando as contas*.)

Marianna (*A'parte*)—Não ha desgraça igual á minha!... dois casamentos ao mesmo tempo, e ambos contra minha vontade... que haverá ser de mim?

D. Antonia (*Ditando a si mesma*)—«Por tanto espero que meu primo venha a Lisboa para concluirmos este negocio.—Sua prima, amiga e muito obrigada—D. Antonia do Menino de Deus.» (*Fechado*)

chando a carta) Chama lá o Gregorio para ir deitar esta carta no correio. (*Acaba de a fechar.*) Marianna (*Indo à ultima porta à direita*) Senhor Gregorio!... minha madrinha que o chama!

SCENA III

D. ANTONIA, GREGORIO e MARIANNA

Gregorio—Aqui estou.

D. Antonia—Venha cá... vá deitar esta carta no correio.

Gregorio (*Olhando para o sobre*) *fica espantado*. Então a senhora quer que eu leve esta carta ao correio?

D. Antonia—É muito depressa.

Gregorio—(*A'parte*)—É uma carta para meu pae!...

D. Antonia—Então, não me ouviu bem?... Não sabe que não gosto de dar um recado duas vezes?

Gregorio Eu vou, senhora D. Antonia. (*Passando ao lado de Marianna, a meia voz*)—Declarou tudo a sua madrinha; quer a minha desgraça... pois bem! eu lhe farei a vontade! (*Sae precipitadamente pela ultima porta da direita.*)

Marianna (*A'parte*)—Que diz elle? (*Em voz alta*) Ah madrinha!... não sei o que me diz o coração... parece-me que hei de ser muito infeliz.

D. Antonia—A sua felicidade, minha afilhada, corre por minha conta... (*Olhando para o fundo*) Parece-me que sinto meu compadre.

(Marianna vai ao fundo recebê-lo.)

SCENA IV

D. ANTONIA, SEBASTIÃO, e MARIANNA

Sebastião (*Entrando pelo fundo muito alegre.*)—Ora venha de lá esse abraço, sôra comadre. (*Abraça a velha que recua, e depois a filha.*) Bem podem darm-me os parabens; a sentença saíu na Relação a meu favor, e os taes indivídos hamde pagar as cutas e as percas que lhe hamde cheirar a esturro. Agora estou eu como quero,

D. Antonia—Muito estimo, senhor compadre...
 Mas sempre lhe dou de conselho que nunca mais
 se torne a metter com gente da Egreja. (*Movi-
 mento de Sebastião.*) Ora pois, saberá que tenho
 justo o casamento de minha afilhada com um pa-
 rente meu, e...

Sebastião—Que diz, sôra comadre? Não se alem-
 bra que está promettida a um lavrador como eu,
 o meu amigo Manuel dos Pégões; que dei a minha
 palavra e que não haverá coisa alguma n'este mun-
 do...

D. Antonia—Que me importa a mim a sua palavra!
 Sebastião—Oh sôra comadre!

D. Antonia—Já disse que me não importam os ajus-
 tes que fez; entendeu-me, senhor compadre?

Sebastião (*Escondido.*) Não me diga isso, sôra D.
 Antonia do Menino Deus!... pois eu havera de
 negar a minha palavra de lavrador honrado!?

D. Antonia—O que! casar sua filha contra vontade
 d'ella!

Marianna—Minha madrinha, eu disse-lhe que esta-
 va prompta a obedecer a meu pae.

Sebastião—Antão ouve, sôra comadre?

D. Antonia—Ouço muito bem, que não soutam ve-
 lha que já esteja surda... mas se minha afilhada
 lhe obedece é á viva força, e contra o preceito de
 Deus.

Sebastião—Eu tambem consultei a rapariga, e ella
 não se mostrou descontente.

D. Antonia—Em uma palavra, senhor Sebastião d'Ar-
 ruda, não quero que Marianna case com o seu
 alemtejão... não hade casar senão com o meu pa-
 rente.

Marianna—Minha madrinha...

Sebastião—Como quer minha comadre que eu me
 desculpe com o homem? Como pôde isso ser?

D. Antonia—Desculpe-se lá como quizer. Eu já es-
 crevi ao pae do noivo, e em poucos dias tudo fi-
 cará concluido.

Sebastião—E a rapariga está por isso?

Marianna—Eu, meu pae? tanto conheço um como
 o outro.

D. Antonia—Então ouve o que ella diz?

Sebastião—Do qu'ella diz não se entende outra coi-
 sa senão que está prompta a obedecer.

D. Antonia—Eu tambem assim o entendo.

Sebastião—Por esse dizer julga antão minha comadre que tem mais poder sobre ella do que eu mesmo?

D. Antonia—Agora acertou; a mim é que me pertence tratar do casamento de Marianna, porque estou em lugar de sua mãe; e faça favor de me não quebrar mais a cabeça; pois desde que começo a altercar commigo, ainda não pude resar um mysterio (*Sente-se rumor na rua e no fundo*) Mas que bulha é esta?... parece-me que vem gente pela escada acima.

Marianna (*Crestando a uma das janellas*)—Estão muitos homens parados na rua, e outros vêm entrando.

Sebastião—Que será isto?

SCENA V

D. ANTONIA, SEBASTIÃO, GREGORIO (*vindo pelo fundo*) e MARIANNA

Gregorio—Sôr meu amo, sôra D. Antonia... ahi vem a justiça.

D. Antonia e Sebastião—A justiça!

Marianna—Oh meu Deus!

Gregorio—Não s'assustem; julgo que andam em diligencia de encontrar o espadachim que fez essas desordens a noite passada.

Sebastião—Essa é boa! pois aqui é que o vêm procurar?

SCENA VI

D. ANTONIA, SEBASTIÃO, O CAMÓES
MARIANNA, GREGORIO, o DESCONHECIDO, UM
ESCRIVÃO E CINCO OFFICIAES DE JUSTIÇA

(O Desconhecido fica no fundo embuçado com a cabeça descoberta entre os officiaes de justiça.)

Camões (*Ainda no fundo, a meia voz ao Desconhecido*)—Já disse, quero perder a minha vara, se não lhe apresentar hoje o tal fradinho da mão furada.

O Desconhecido (*A meia voz*)—Veremos isso.

Camões (*Descendo, a D. Antonia*)—Sinto muito, minha senhora, dar-lhe este incommodo, mas venho da parte d'El-rei fazer uma averiguação.

D. Antonia—Então que vem cá averiguar o senhor Corregedor?

Camões—Muita coisa... mas a senhora ha de dar licença... (*Para o fundo*) Senhor escrivão, assente-se a esta mesa.

(O Escrivão, que traz um grande rolo de papel, abre-o sobre a mesa, e assenta-se da parte de cima. D. Antonia assenta-se à esquerda da mesa no lugar que ocupou no princípio do acto; o Camões na cadeira que ocupava Marianna.)

Gregorio (*Em voz baixa, a Marianna*)—Não esteja aqui, retire se.

Marianna (*A meia voz*)—Que vem a ser isto?

Gregorio (*A meia voz*)—Logo o saberá.

(Marianna sai pela segunda porta à direita *—Gregorio fica no fundo à esquerda, e examina tudo.)

Camões (*Já assentado*)—Principiarei tomando o depoimento à senhora D. Antonia do Menino Deus.

D. Antonia—O meu depoimento! para quê?

Sebastião (*A parte*)—Que trapalhada será esta?

Camões—A senhora terá a bondade de declarar quais são as pessoas que frequentam a sua casa?

D. Antonia—Além de meu compadre, que é meu hóspede, não entra aqui outra pessoa senão a nossa vizinha tecedeira e o aguadeiro.

(O Escrivão escreve.)

Gregorio (*A parte*)—O caso está intrincado.

Camões—Pois não vem outras pessoas a sua casa?

D. Antonia—Não senhor... a não ser alguma amiga minha que me vem visitar de tempos a tempos.

Camões—E a senhora D. Antonia não tem desconfiança que pessoa da sua família introduza alguém de dia... ou de noite?...

D. Antonia (*Benzendo-se*)—Jesus! Santo Nome de Jesus! Que está ahi dizendo, senhor Corregedor?

Camões—O que digo não deixa de ter algum fundamento. (*Para o fundo*) Mandem entrar o sapateiro.

Gregorio (*A parte*)—Vae-se embrulhando o caso.

(Um oficial de justiça sae por um momento, e torna a entrar com Bartholomeu.)

* D. Antonia, o Camões, Sebastião; os mais no fundo.

SCENA VII

OS MESMOS, E BARTHOLOMEU **

(O Desconhecido que está à meia scena, à direita, volta às costas a Bartholomeu quando elle passa. Bartholomeu corre tudo com os olhos, desce e fica em pé à esquerda do Corregedor.)

Camões—Chegue, senhor mestre!

Bartholomeu (*Descendo e fazendo cortezias a todos*)
—Estou ás ordens de sua mercê.

Camões (*A Bartholomeu*)—Consta-lhe que a casa d'esta senhora seja frequentada por algum homem estranho, principalmente de noite?

(Bartholomeu mastiga.)

D. Antonia—Ah senhor Corregedor! isto é uma grande injuria que se me faz; n'esta casa não entra sombra d'homem.

O Desconhecido (*Descendo alguma coisa*)—A sombra não decerto.

Camões (*A Bartholomeu*)—Diga o que sabe.

Bartholomeu (*Mastigando, e coçando-se*)—E' bem verdade que até hontem nunca vi entrar n'esta casa pessoa alguma que fizesse desconfiança; mas a noite passada... (*Mastiga*.)

Sebastião—A noite passada... o quê? (*A parte*) Estou tremendo; mais valêra que a rapariga estivesse no casal.

Camões—Então, mestre! fala ou não fala? Você já fez o seu depoimento; agora queremos ver como o ratifica!

Bartholomeu (*Coçando-se*)—Hontem á noite, antes das dez horas... vi sahir d'esta casa um vulto embuçado n'uma capa, e de chapéo derrubado... fechou a porta da escada... e guardou a chave n'algibeira...

Sebastião—Era eu que sahi para ir a casa do meu precurador.

D. Antonia—E' verdade, que havia de ser o compadre.

Bartholomeu (*Com a voz pausada*)—O senhor Se-

** D. Antonia, o Camões, Bartholomeu, Sebastião; os mais no mundo.

bastião d'Arruda não ia de capa, nem de chapéo derrubado: sahiu ao anoitecer, e ainda eu estava trabalhando... por signal que estava batendo a sola, vejam se se lembraram bem... e o sujeito que eu digo sahiu muito depois das nove horas.

Gregorio (*A'parte*)—Maldito espreitador!

Sebastião—O mestre está enganado nas horas.

D. Antonia—Valha-me a Senhora do Monte do Carmo!

Camões—Vamos ao resto!

Bartholomeu—Pouco antes da meia noite, vi o mesmo vulto abrir a porta e entrar...

Sebastião—Era eu quando vim de casa do précurador.

Bartholomeu—O senhor Sebastião sahiu às Ave-Marias, e não se demorou meia hora... não tinha chave da porta como o outro, e foi preciso bater para que lh'a abrissem.

D. Antonia (*Benzendo-se*)—Jesus! Santo Nome de Jesus! para que eu estava guardada!

Gregorio—Oh que patifal quem pudéra arrancar-lhe a lingua!

D. Antonia—Que se façã similhante injuria a uma casa tam honrada como a minha!...

Camões—Mas que diz a isto, minha senhora?

D. Antonia—Que esse homem não têm dito senão mentiras... é um máo visinho! é um calumniador!

Camões (*A Bartholomeu*)—Retire-se (*Bartholomeu vae para o fundo fazendo muitas cortezias*).—A D. Antonia) Socegue, minha senhora... Uma dona de casa não pode vêr tudo o que se passa dentro d'ella; e talvez alguma pessoa da sua fau ilia...

D. Antonia—Em minha casa não se passa coisa que eu não saiba... E de mais, nem minha afilhada nem minha criada eram capazes...

Camões—Ora diga-me: a que horas veiu hontem de casa de D. Francisca de Albuquerque?

D. Antonia—Que diz, senhor?! pois eu ponho lá os pés em similhante casal! D. Antonia do Menino Deus não vae a casas de saróis... Foi tambem o sapateiro que levantou essa mentira?

Camões (*A'parte*)—E que tal é a afilhadinha, que avisou o amante para me fazer uma esperal... como ella me enganou!! (*Fica pensativo.*)

O Desconhecido (*A'parte*)—O Camões vae perdendo o fio á meada.

Sebastião—Ora o sôr Corregedor hade perdoar, mas parece que não quer outra coisa senão tirar a boa fama a esta familia. Qual é a fé que merece uma só testemunha, e de mais a mais uma testemunha d'aquelle qualidade?

Camões—Pois persuade-se o senhor doutor d'aldêa que importa ás justiças d'El-rei que entre qualquer homem n'uma casa, quando os familiares d'ella lhe dão faculdade para isso? O caso é outro: ha toda a probabilidade que o homem, que tem uma entrada tam franca n'esta habitação, é o mesmo que hontem á noite teve uma briga n'essa rua, e deu duas estocadas n'uma personagem d'esta capital.

Gregorio (*A'parte*)—Estou salvo! pois cuidei que estava perdido de todo.

Camões (*Depois de um momento de reflexão, para o fundo*)—Chegue esse criado!

Gregorio (*Descendo para a direita e fazendo cortezias*)—Eu, sôr doitor Corregedor!

Camões—Sim, tu. Sabes... se de noite ou de dia entra n'esta casa algum homem estranho?

D. Antonia (*Levantando-se*)—Homem estranho! que quer isso dizer? Saiba o senhor doutor Corregedor que nem quando solteira, nem depois de viuva tenho dado que fazer ás más linguas!

Sebastião (*A'parte*)—Eu não estou em mim!

Camões (*A Gregorio*)—Então que respondes?

Gregorio—Eu cá nada sei do que me pregunta; nunca vi entrar ninguem n'esta casa ás escondidas.

Camões—Vê lá o que dizes... Olha que se não falias verdade, vaes d'aqui mesmo para a cadea.

Gregorio—Se ameaça lá com a cadea, antão digo tudo o que o sôr Corregedor quizer... veja lá o que quer qu'eu diga?

Camões—O que eu quero?!... a verdade.

Gregorio—Antão já disse.

Camões (*Medindo-o com os olhos*)—Está bom, senhor. (*Gregorio retira-se para a direita. A Sebastião levantando-se*) Tenho alli um requerimento e uma representação que v. m. fez a El-rei sobre a accusação de que hoje ficou absolvido... Desejo saber quem lhe fez uma e outra coisa?

Gregorio (*Que ficou à direita, à parte*)—O homem
vai aprofundando muito o caso.

Sebastião (*Indeciso*)—Esses papeis... são feitos por
mim.

Camões—Escriptos pela sua mão, sim senhor; mas
que v. m. os fizesse, isso não é verdade.—Pretendo
saber quem lh'os ditou?

Sebastião (*Indeciso, e olhando para Gregorio*)—Já
disse ao sôr Corregedor que são obra cá da minha
cabeça e da minha mão.

Camões—Fale verdade; v. m. não tem o talento
necessario para escrever d'aquellea sorte... Tam-
bem não são feitos por letrado de profissão, por-
que lhe faltam as palavras do estylo e os termos
da pratica. Mas quem os fez sabe soffrivelmente
direito civil, e mesmo direito canonico.—Senhor
juiz da vintena, não me venha deitar poeira nos
olhos; quaeas são os conhecimentos que v. m. tem
para poder citar tantos paragraphos da Ordenação,
Concilios e Santos Padres? V. m. sabe que pena tem
quem mente a El-rei?

Gregorio (*A'parte*)—Ei!-os commigo; mas não tem
duvida. (*Chegando-se a Sebastião, a meia voz*)—
Diga a verdade: que fui eu... não importa.

Sebastião (*Que ficou atmorizado*)—Pois sôr Corre-
gedor, como era obra caseira, cuidei que podia di-
zer que era minha; mas na verdade, quem m'os fez
escrever foi este meu criado. Elle é que me tem
aconselhado em tudo.

O Desconhecido e Camões—Ah!!

O Desconhecido (*A'parte*)—Ambos fômos engana-
dos... quem será o sujeito? (*Desce para a boca
da scena, à direita*)

Camões (*A'parte*)—Já vejo que não perco a minha
vara. (*Em voz alta*) Venha para cá, senhor saloio,
e diga-nos onde aprendeu direito civil, e direito
canonico? V. m. é um prodigio; tem feito maravi-
lhais!

(Gregorio approxima-se)

Sebastião—Elle diz que aprendeu essas coisas lá em
casa de um Desembargador do Paço a quem ser-
viu.

Camões (*Aos officiaes*)—Vão dar busca a essas ca-
sas. (*O Escrivão levanta-se, e entra com quatro of-*

ficiaes pelas portas da direita.—A Gregorio) Então que me diz?

Gregorio—Meu amo já respondeu por mim.

D. Antonia—Estou pateta de tudo quanto vejo!

Camões—Pois com efeito aprendeu de ouvido todas aquellas coisas? Muito bem, muito bem!... Ora quem tal diria!—(Ao oficial que ficou em cena) Chame essa senhora moça que se retirou lá para dentro.

(O oficial entra na segunda porta à direita)

Gregorio (A' meia voz)—Senhor Corregedor, peço lhe que faça isto de maneira que Marianna não fique desacreditada.

Camões—Até que finalmente descobri o coelho. (Aproximando-se do Desconhecido, e a meia voz) E' com efeito o nosso homem; e é um maroto de muito bom gosto.

O Desconhecido—Quem será elle? (Tem subido alguma coisa à cena.)

Camões (A meia voz)—Breve o saberemos. (Rindo) Pelo que vejo foi o que deu o conselho para eu vir preso entre oito varapáos... (Voltando para a cena, à parte) E estava de portas a dentro em quanto nós andavamos a rondar ao frio.

SCENA VIII

D. ANTONIA, SEBASTIÃO, GREGORIO, O CAMÕES MARIANNA, O DESCONHECIDO e o OFFICIAL (que fica no fundo)

(Marianna vem atemorizada, e entra pela ultima porta à direita; o Desconhecido que já tem subido à cena diz-lhe quando ella passa por elle:)

O Desconhecido (A meia voz a Marianna)—Negue tudo. (Torna a descer.)

(Marianna olha para elle a imirada e vem descendo a cena.)

Camões — Venha cá, minha senhora; faça favor de me dizer se conhece este homem?

Marianna (Olhando para o Desconhecido, e depois para Camões)—Conheço, sim senhor; é um criado do casal de meu pae.

O Desconhecido (A' parte)—Esta voz!... então não

era ella que conversou hontem á noite commigo da janella abaixu. (Rindo) Que tal está a peta! Camões (*Depois de ter reflectido*)—E está com effeito persuadida que o senhor não é senão o que figura?

Marianna (*Depois de ter olhado para o Desconhecido*)
—E então que hade elle ser?

Camões—Está bem. (A *Gregorio*) Ora, meu amigo, tenha a bondade de nos dizer quem é?

Gregorio (*Rusticamente*)—Sou o Gregorio, moço do casal aqui do sôr Sebastião d'Arruda.

O Desconhecido (*A'parte, rindo-se*)—Que tal é o sugeitinho!

Camões (*Imitando as maneiras de Gregorio*)—Pois com effeito ainda quer continuar a figurar de sa-loio!

(Entram os quatro officiaes) com o Escrivão pela direita, trazendo uma capa, um chapeo derrubado, uma espada com bainha, outra sem elia, que põem em cima de duas cadeiras à esquerda. Camões vae examinar.)

Sebastião—Que me diz a isto, sôra comadre?

D. Antonia—Que me diz a isto, senhor compadre?

Camões (*A'parte*)—F' a minha espada. (*Descendo outra vez, e em voz alta*)* Alli está o trem com que sua mercê anda correndo as ruas, e dando a sua estocadasinha. Sempre o pilhei; pois já lhe ia perdendo as esperanças, e perdia uma aposta de bastante valor.

Gregorio (*Com voz e gesto naturaes*)—Então foi o interesse da aposta que obrigou o senhor Correge-dor a fazer tam bem a sua diligencia?

Camões—Ah! v. m. está gracejando, senhor espada-chim; não sabe que feriu a noite passada (*Engros-sando a voz comicamente*) um homem de muita consideração.

Gregorio—Eu, senhor ?!

(O Desconhecido faz sinal aos officiaes, que se retiram para a direita fundo).

Camões—V. m. conhece-o muito bem: alli está a espada com que o senhor lhe ficou depois de o desarmar.

* D. Antonia, Marianna, Sebastião, Gregorio, O Desconhecido, Camões, Bartholomeu; e os mais no fundo.

Gregorio—Então briguei eu com elle em leal desafio e não me pôdem criminhar de assassino?

Camões—Tem razão, sim senhor; mas sempre o vou autoando, e d'aqui marcha para a cadea. (*Procura com os olhos o escrivão.*)

Gregorio — Mas o senhor Corregedor é o proprio queixoso .. (*Inclinando-se profundamente para o Desconhecido*) Appello para quem alli está embuçado; elle decidirá se a Ordenação permite que um homem possa ser juiz em causa propria?

El-Rei (*Largando a capa*) *—Não!

D. Antonia, Sebastião e Marianna—(*Curvando o joelho*)—El-rei!

(Camões e Gregorio tambem se inclinam, Bartholomeu egualmente.)

El-Rei (*fazendo signal para que se ergam.*)—A Gregorio—Quem és?

Gregorio—Perdõe-me vossa magestade as minhas extravagancias... (*Indicando Marianna*) Eis alli a desculpa... Sou um estudante da Universidade, e chamo-me Diniz Homem.

D. Antonia (*A meia voz a Marianna*)—Diniz Homem! E' o noivo que eu te queria dar.

Marianna—Ah!

Camões (*A parte*)—E o mais é que está salvo, e eu com um braço aleijado.

El-rei—Com effeito, senhor Diniz Homem, tem v' m. rido muito á custa de muita gente. (*A meia voz*) Já sei quem me falou hontem á noite da janell' abaixo.

Diniz (*Affectando muito respeito.*)—Peço perdão a vossa magestade.

El-rei (*A meia voz*)—E a minha carta?

Diniz (*Apresentando-lh'a.*)—Ei-a aqui, meu senhor.

El-rei (*Recebendo-a, e a meia voz*)—Não cahiu na tentação de a abrir... Pois é o que lhe vale. (*Em voz alta*) Ha coisas que não precisam muita expli-cação. (*A D Antonia e a Sebastião*) Diniz Homem pretende casar com D. Marianna, eu sou o padriño... julgo que todos consentem...

Sebastião—Vossa magestade manda.

D. Antonia—Com muito gosto, real senhor; era o noivo que eu lhe destinava. É verdade que é muito extravagante, mas já seu pae assim era; eu que o diga!

El-rei (*Rindo*)—Pois com effeito! (*A Diniz*) Que estudava na Universidade?

Diniz—Direito civil, meu senhor, e estava no ultimo anno; mas infelizmente não posso fazer os meus actos, porque as faltas são muitas.

El-rei (*Voltando-se para o Camões*)—Camões, julga que se poderão dispensar os actos a um resuscitado?

Camões—Pois não, meu senhor; e elle que está prompto... Que mais havia de ir aprender a Coimbra?

El-rei—Pois bem; está vago um lugar de juiz de fóra perto de Lisboa, e...

Diniz (*Como acima*)—Beijo as mãos a vossa magestade... mas se podesse ser para mais longe!...

El-rei (*Rindo*)—Bem o entendo; irá para uma das províncias do norte... Será longe bastante?

Diniz—Nunca de mais, meu senhor.

Côro

(Apontando para os actores)

Se o pintor d'estes retratos
Com perfeição os não fez,
Tende indulgência com ele,
Fará melhor outra vez.

D. Antonia

E ter eu dentro de casa
(Ora quem tal pensaria!)
O fogo perto da estôpa;
Tudo a arder! Santa Maria!

Sebastião (A'parte)

Ora se os grandes da terra
D'estes exemplos nos dão,
Que esperam estes senhores
Que faça um pobre peão?

Bartholomeu

(Apparecendo na extrema direita)

Quem não espreita não sabe
Meu mestre assim o dizia,
E do que tenho espreitado
Forte livro se fazia!

Camões

Coimbra tem produzido,
Apezar dos verdeaes,
Heroes de fama preclara

(Indicando Gregorio)

Elle, e eu, e outros que taes.

Diniz

No quadro da vida humana
Não se encontra muito sizo;
A'quelle que é menos louco
Chama-se homem de juizo.

Côro

Se o pintor d'estes retratos
Com perfeição os nñio fez,
Tende indulgencia com elle,
Fará melhor outra vez

Cópia da sentença exarada a fl. 177 do original
do drama em 3 actos «Camões do Rocio»

Tendo-se resolvido em conferencia geral do Conservatorio do primeiro do corrente, que a comedia em tres actos, *O Camões do Rocio*, merecia ser admittido ás provas publicas, aconselhando-se ao autor mais alguma vivacidade no estylo, digo, no dialogo, e alguns toques mais caracteristicos na personagem que dá o titulo ao drama; mando que a dita peça seja entregue ao empresario do Theatro nacional normal de Lisboa para que se represente. Lisboa, Inspecção geral dos Theatros e espectaculos publicos, em quatro de Dezembro de mil oitocentos trinta e nove.—J. B. de Almeida Garrett.

Está conforme.—Secretaria da Inspecção geral dos Theatros e espectaculos do reino, em 9 de Maio de 1842.

Cópia da sentença definitiva exarada a fl. 119
do mesmo drama

Tendo-se resolvido, na conformidade do artigo cincoenta e tres, capitulo quinze, titulo segundo dos Estatutos, em sessão plena e publica do Conservatorio Real de vinte seis de Março de mil oitocentos quarenta e dois que, entre os dramas admittidos ás provas publicas nos annos de mil oitocentos trinta e nove a mil oitocentos e quarenta e de mil oitocentos e quarenta a mil oitocentos quarenta e um, deviam obter o premio definitivo os seguintes: a saber:—*Os Dois Renegados*—*O Camões do Rocio*—*Os Dois Campeões*—e *O Captivo de Fez*,—immediatamente se procedeu á abertura das cedulas, ha-

vendo-se por dispensado o que determina o artigo cincoenta e quatro dos Estatutos, em attenção á extrema demora que este processamento havia tido; e foram proclamados por autores das ditas peças: a saber: dos *Dois Renegados* o sr. José da Silva Mendes Leal Junior—do *Cambés do Rocio* o sr. Ignacio Maria Feijóo—dos *Dois Campeões* o sr. D. Pedro de Costa de Souza de Macedo—e do *Captivo de Fez* o sr. Antonio Joaquim da Silva Abranches. Portanto, mando que se expeça a favor de cada um dos ditos autores, ou de seus cessionarios, ordens de pagamento pela somma complementar do premio sobre o empresario que é, ou era, do Theatro nacional normal a quem, na forma das escripturas, incumbe satisfazel-o. Conservatorio Real de Lisboa e Inspecção geral dos Theatros e espectaculos do reino em trinta de Março de mil oitocentos quarenta e dois.—O vice-presidente do Conservatorio e Inspector geral dos Theatros—*Joaquim Larcher.*

Está conforme.—Secretaria da Inspecção geral dos Theatros e espectaculos do reino em 9 de Maio de 1842.—O Secretario, *Antonio Gomes Lúna.*

OBRAS COMPLETAS
DE
ALMEIDA GARRETT

XIV

VOLUMES DE QUE SE COMPÕEM AS OBRAS COMPLETAS DE ALMEIDA GARRETT

- I — **Retrato de Venus — Historia da Pintura — Fragmentos de poemas inéditos.**
- II — **Lyrica** — Vol. 1.^a «Lyrica de João Mímino» — «Fábulas e Contoss» — «Sonetos» — «Odes anacreonticas».
- III — **Lyrica** — Vol. 2.^a «Flores sem fructos» — «Folhas caídas».
- IV — **Canções**, poema em dez cantos.
- V — **D. Branca**, poema em dez cantos.
- VI — **Adozinda — Romances reconstruídos.**
- VII — **Romanceiro** — Vol. 1.^a «Romances da tradição oral».
- VIII — **Romanceiro** — Vol. 2.^a «Romances da tradição oral» — «Romances com forma literaria».
- IX — **Theatro** — Vol. 1.^a «Estácio».
- X — **Theatro** — Vol. 2.^a «Merope» — «Impromptu de Cintra» — «Corcunda por amora».
- XI — **Theatro** — Vol. 3.^a «Asto de Gil Vicente» — «Filipe de Vilhena».
- XII — **Theatro** — Vol. 4.^a «Alfageme de Santarem» — «Tio Simplicio».
- XIII — **Theatro** — Vol. 5.^a «Falar verdade a mentir» — «As Profecias do Bandarra» — «Um noivado no Dafundo» — «Os Canhões do Rocío».
- XIV — **Theatro** — Vol. 6.^a «Frei Luiz de Sousa» — «A Sombra do Marquez».
- XV — **Arco de Sant'Anna** — Chronica portuguesa. — Manuscrito achado no convento dos Grilos, no Porto, por um soldado do corpo academico. — Vol. 1.^a
- XVI — **Arco de Sant'Anna** — Vol. 2.^a
- XVII — **Helena** (Fragmento de um romance).
- XVIII — **Viagens na minha terra** — Vol. 1.^a
- XIX — **Viagens na minha terra** — Vol. 2.^a
- XX — **un'educação** — «Cartas dirigidas a uma senhora ilustra, encarregada da instituição de uma jovem princesa».
- XXI — **Mosquejo da Historia da Poesia e Língua portuguesa — Outras escriptos — Impresões e viagens.**
- XXII — **Memorias biographicas**.
- XXIII — **Portugal na balança da Europa** — «Do que tem sido e do que ora lhe convém ser na nova ordem de coisas do mundo civilizado».
- XXIV — **Politica** — «Reflexões e opusculos» — «Correspondência diplomática» — Vol. 1.^a
- XXV — **Politica** — «Reflexões e opusculos» — «Correspondência diplomática» — Vol. 2.^a
- XXVI — **Discursos parlamentares**.
- XXVII — **Cartas íntimas**.
- XXVIII — **Garrett e a sua obra**, por Theophilo Braga.

DE ALMEIDA GARRETT

Légião revista, coordenada e dirigida pelo Dr. Theophilo Braga

XIV

THEATRO

VOLUME VI

Frei Luiz de Souza
A Sobrinha do Marquez

EDIÇÃO ILLUSTRADA



LISBOA

EMPREZA DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA

55 Rua Adm. Sampaio, 55

TYPOGRAPHIA

45, Rua Ivens, 47

1910

FREI LUIZ DE SOUSA

Não havia a minima tenção de entregar nunca á scena *Frei Luiz de Sousa*, nem tão cedo á imprensa, quando se acabou de compôr nos fins do inverno passado. Resolveu, porém, o auctor apresental-o ao Conservatorio, com a memoria que adeante vae transcrita, em testemunho de consideração por aquelle estabelecimento que fundára.

Lida a memoria em conferencia, segundo o costume academico, e deposita na mesa com o drama, foram geraes as instancias para que este se lêsse tambem. O auctor não se fez muito rogar, porque bem desejava observar o effeito que produziria em auditorio tão escolhido a sua nova tentativa.

Se o não illudiu a cegueira de poeta, nem o quiz enganar a benevolencia dos muitos amigos que alli estavam, o effeito foi maior do que nunca se atreveriam a prevê-lo as mais sanguineas esperanças do escriptor mais seguro de si e do seu publico.

A imprensa fez ecco ao favoravel juizo do Conservatorio; e o drama teve a boa estreia de começar a ser bemquisto do publico antes ainda de lhe ser apresentado.

Foi isso causa de lhe pedirem, e o auctor fazer com muito gosto, outra leitura d'elle na sociedade intima de uma familia que préza como sua e á qual o prendem de sincera e estreita amisade—não só, nem tanto, as relações de algum contraparentesco, mas muito mais as de affeição verdadeira, de estima bem fundada e experimentada em qualidades que se vão fazendo cada dia mais raras n'esta terra.

Em tudo e sempre—excepto n'uma coisa que não vem para aqui—se pôde e deve ter mais fé, nas mulheres que nos homens: em coisas d'arte o seu voto é decisivo. Desde aquella leitura o auctor começou a acreditar na sua obra como composição dramatica, pois até então ingenuamente a reputava mais um *estudo* para se examinar no gabinete, do que proprio quadro para se desenrolar na exposição publica da scena.

Resolveu-se alli logo, e na excitacão do momento, representar o drama em um theatro particular. Distribuiram-se as partes, começaram os ensaios, e em poucas semanas, apezar de todas as difficultades, subiu à scenā na quinta do Pinheiro, a cujos amáveis donos não ha obsequio nem fineza que não deva o auctor e a peça.

O theatro é pequeno, mas accommoda muita gente; e encheu-se do que ha mais luzido e brilhante na «sociedade». As lagrimas das senhoras e o applauso dos homens

fizeram justiça ao incomparavel merito dos actores, principalmente das damas, a quem, sem a menor sombra de lisonja, nem sequer de cumprimento, o auctor pôde dizer que deve a mais apreciavel corôa litteraria que ainda recebeu.

Na tribuna e no fôro, nos theatros e nas academias, nas assembleias do povo e nos palacios dos reis, em toda a parte lhe têm cortado d'essas palmas que verdejam um dia, que hoje dá o favor, que ámanhã tira a inveja; que, em quanto estão no viço, fazem curvar o joelho ao vulgo dos pequenos, e ao vulgo — muito mais vulgo — dos grandes; mas que em seccando, no outro dia, são açoite que empunha logo a vileza d'esses covardes para se vingarem nas costas do que os humilhou, e a quem não perdôam o tempo que estiveram de joelhos... Coitados! pois não é essa a sua vida. a sua posição natural? E'; mas querem fingir, de vez em quando, que não, e que podem estar direitos como a gente de bem. O auctor de *Frei Luiz de Sousa* avalia isso no que isso vale; e só pendura d'est'outras corôas no templo singelo da sua memoria, onde o fasto nunca entrou nem foi adorada a vaidade.

Para lembrança d'aquella noite de satisfação tão pura, se escrevem aqui os nomes dos amaveis artistas que verdadeiramente foram os que realizaram e deram vida ás vagas concepções que o poeta esboçára n'este drama. Eram distribuidos os papeis d'este modo:

Ex^{ma} Srs.

D. Emilia Krus de Azevedo.....	<i>Magdalena.</i>
D. Maria da Conceição de Sá.....	<i>Maria.</i>
Joaquim José de Azevedo.....	<i>Manuel de Sousa.</i>
Antonio Pereira da Cunha	<i>Frei Jorge.</i>
Duarte Cardoso de Sá.....	<i>Romeiro.</i>
Antonio Maria de Sousa Lobo...	<i>Prior.</i>
Duarte de Sá, Junior.....	<i>Miranda.</i>

O auctor suppriu, no papel de *Telmo*, a falta de um amigo impossibilitado. Ponto, córos, e os mesmos comparsas, tudo eram parentes ou amigos íntimos.

Faz gosto recordar todas estas circunstancias: é roubar uma pagina á monotonía historia da semsaboria do tempo.

Lisboa, 31 de dezembro de 1843.



AO CONSERVATORIO REAL¹

SENHORES:

Um estrangeiro fez, ha pouco tempo, um romance da aventurosa vida de Frei Luiz de Souza. Ha muito enfeite de maravilhoso n'este livro, que não sei se agrada aos extranhos; a mim, que sou natural, pareceu-me empanar a singela belleza de tam interessante historia. Exponho um sentimento meu; não tive a minima ideia de censurar, nem sequer de julgar a obra a que me refiro, escripta em francez, como todos sabeis, pelo nosso consocio o sr. Fernando Diniz.

E' singular condição dos mais bellos factos e dos mais bellos caracteres que ornam os fastos portuguezes, serem tantos d'elles, quasi todos elles de uma extrema e estreme simplicidade. As figuras, os grupos, as situações da nossa historia—ou da nossa tradição—que para aqui tanto vale—parecem mais talhados para se moldarem e vasarem na solemnidade severa e quasi estatuaria da tragedia antiga, do que para se pintarem nos quadros, mais animados talvez porém menos

¹ Foi lida esta Memoria em conferencia do Conservatorio Real de Lisboa em 6 de Maio de 1841.

profundamente impressivos, do drama novo — ou para se interlaçarem nos arabescos do moderno romance.

Ignez de Castro, por exemplo, com ser o mais bello, é tambem o mais simples assumpto que ainda trataram poetas. E por isso todos ficaram atraz de Camões, porque todos, menos elle, o quizeram enfeitar julgando dar-lhe mais interesse.¹

Na historia de Frei Luiz de Sousa—como a tradição a legou á poesia, e desprezados para este efecto os embargos da critica moderna — a qual, ainda assim, tam sómente allegou mas não provou—n'essa historia, digo, ha toda a simplicidade de uma fabula tragic a antiga. Casta e severa como as de Eschylo, apaixonada como as de Euripides, energica e natural como as de Sophocles, tem, demais do que ess'outras, aquella unção e delicada sensibilidade que o espirito do Christianismo derrama por toda ella, molhando de lagrimas constrictas o que seriam desesperadas ancias n'um pagão, accendendo até nas ultimas trévas da morte, a véla da esperança que se não apaga com a vida.

A catastrophe é um duplo e tremendo suicidio; mas não se obra pelo punhal ou pelo veneno: foram duas mortalhas que cahiram sobre dois cadaveres vivos:—jazem em paz no mosteiro, o sino dobra por elles; morre-

¹ Profunda observação de Mr. Adamson, citando um critico alemão, a respeito das causas por que entre tantas tragedias de *Ignez de Castro*, portugueza, castelhana, francesa, ingleza e alemãs, nenhuma tinha sahido verdadeiramente digna do assumpto. Veja *Memoirs of Camoens* by John Adamson.

ram para o mundo, mas vão esperar ao pé da Cruz que Deus os chame quando fôr a sua hora.

A desesperada resignação de Prometheu cravado de cravos no Caucaso, rodeado de curiosidades e compaixões, e com o abutre a espicaçar-lhe no fígado, não é mais sublime. Os remorsos de Edipo não são para comparar aos exquisitos tormentos de coração e de espirito que aqui padece o cavaleiro pondonoroso, o amante delicado, o pae estremecido, o christão sincero e temente do seu Deus. Os terrores de Jocasta fazem arripiar as carnes, mas são mais asquerosos do que sublimes; a dor, a vergonha, os sustos de D. Magdalena de Vilhena revolvem mais profundamente no coração todas as piedades, sem o paralysar de repente com uma compressão de horror que excede as forças do sentimento humano. A bella figura de Manuel de Sousa Coutinho, ao pé da angelica e resignada fôrma de D. Magdalena, amparando em seus braços interlaçados o innocent e mal estreado fructo de seus fataes amores, formam naturalmente um grupo, que se eu podesse tomar nas mãos o escopro de Canova ou de Torwaldsen — sei que o desentranhava de um cépo de marmore de Carrara com mais facilidade, e decerto com mais felicidade, do que tive em pôr o mesmo pensamento por escriptura nos tres actos do meu drama.

Esta é uma verdadeira tragedia — se as pôde haver, e como só imagino que as possa haver sobre factos e pessoas comparativamente recentes. Não lhe dei todavia esse no-

me porque não quiz romper de vizeira com os estafermos respeitados dos seculos que, formados de peças que nem offendem nem defendem no actual guerrear, inanimados, ôcos e postos ao canto da sala para onde ninguem vae de proposito — ainda têm com tudo a nossa veneração, ainda nos inclinamos deante d'elles quando alli passamos por acaso.

Demais, posto que eu não creia no verso como lingua dramatica possivel para assuntos tam modernos, tambem não sou tam desabusado comtudo que me atreva a dar a uma composição em prosa o titulo soleiro que as musas gregas deixaram consagrado à mais sublime e difficil de todas as comp. sições poeticas,

O que escrevi em prosa, podéra escreverem verso; — e o nosso verso solto está provado que é docil e ingenuo bastante para dar todos os effeitos d'arte sem quebrar na natureza. Mas sempre havia de apparecer mais artificio do que a indole especial assumpto podia sofrer. E dil-o-hei porquê é verdade — repugnava-me tambem pôr na bocca de Frei Luiz de Sousa outro rythmo que não fosse o da elegante prosa portugueza que elle, mais do que ninguem, deduziu com tanta harmonia e suavidade. Bem sei que assim ficará mais clara a impossibilidade de imitar o grande modelo; mas antes isso, do que fazer falar por versos meus o mais perfeito prosador da lingua.

Contento-me para a minha obra com o título modesto de drama; só peço que a não julguem pelas leis que regem, ou devem re-

ger, essa composição de forma e indole nova; porque a minha, se na forma desmerece da categoria, pela indole ha-de ficar pertencendo sempre ao antigo genero tragicó.

Não o digo por me dar applauso, nem para obter favor tão pouco; senão porque o facto é esse, e para que os menos reflectidos me não julguem sobre dados falsos e que eu não tomei para assentar o problema que procura va resolver.

Não sei se o fiz: a dificuldade era extrema pela extrema simplicidade dos meios que adoptei. Nenhuma accção mais dramatica, mais tragicó do que esta; mas as situações são poucas: estender estas de invenção era adelgaçar a força d'aquella, quebrar-lhe a energia. Em um quadro grande, vasto — as figuras poucas, as attitudes simples, é que se obram os grandes milagres d'arte pela correccão no desenho, pela verdade das cōres, pela sábia distribuição da luz.

Mas ou se ha-de fazer um prodigo ou uma semsaboria. Eu sei a que empreza de Icaro me arrojei, e nem tenho mares a que dar nome com a minha queda: ellas são tantas já!

Nem amores, nem aventuras, nem paixões, nem caractéres violentos de nenhum genero. Com uma accão que se passa entre pae, mãe e filha, um frade, um escudeiro velho, e um peregrino que apenas entra em duas ou tres scenas — tudo gente honesta e temente a Deus — sem um máo para contraste, sem um ty ranno que se mate ou mate alguem, pelo menos no ultimo acto, como eram as tragedias d'antes — sem uma dansa macabra de assas-

sírios, de adulterios e de incestos, tripudiada ao som das blasphemias e das maldições, como hoje se quer fazer o drama—eu quiz vêr se era possível excitar fortemente o terror e a piedade—ao cadaver das nossas pláteas, gastas e cacheticas pelo uso continuo de estimulantes violentos, galvanisal-o com sós estes dois metaes de lei.

Repiro sinceramente que não sei se o consegui; sei, tenho fé certa que aquelle que o alcançar, esse achou a tragedia nova, e calçou justo no pé o cothurno das nações modernas; esse não acceite das turbas ~~temporais~~ consagrado, o bode votivo; não subiu ao carro de Thespis, não bezuntou a cara com bôras de vinho para fazer visagens ao povo, esse atire a sua obra ás disputações das escolas e das parcialidades do mundo, e recolha se a descansar no septimo dia de seus trabalhos, porque tem creado o theatro da sua epoca.

Mas se o engenho do homem tem bastante de divino para ser capaz de tamanha criação, o poder de nenhum homem só não virá a cabo d'ella nunca. Eu julgarei ter já feito muito se, directamente por algum ponto com que acertasse, indirectamente pelos muitos em que errei, concorrer para o adeantamento da grande obra que trabalha e fatiga as entranhas da sociedade que a concebeu, e a quem peja com affrontamentos e nôjos, porque ainda agora se está a formar em principio de embryão.

Nem pareça que estou dando grandes palavras a pequenas coisas: o drama é a expressão litteraria mais verdadeira do estado

da sociedade: a sociedade de hoje ainda se não sabe o que é: o drama ainda se não sabe o que é: a litteratura actual é a palavra, é o verbo ainda, balbuciante de uma sociedade indefinida, e comtudo já influe sobre ella; é, como disse, a sua expressão, mas reflecte a modificar os pensamentos que a produziram.

Para ensaiar estas minhas theorias d'arte, que se reduzem a pintar do vivo, desenhar do nu, e a não buscar poesia nenhuma nem de invenção nem de estylo fóra da verdade e do natural, escolhi este assumpto, porque em suas mesmas difficuldades estavam as condições de sua maior propriedade.

Ha muitos annos, discorrendo um verão pela deliciosa beira-mar da província do Minho, fui dar com um theatro ambulante de actores castelhanos fazendo suas recitas n'uma tenda de lôna no areal da Povoa de Varzim, além de Villa do Conde. Era tempo de banhos, havia feira e concorrência grande; fômos á noite ao theatro: davam a *Comedia famosa* não sei de quem, mas o assumpto era este mesmo de *Frei Luiz de Sousa*. Lembra-me que ri muito de um homem que nadava em certas ondas de papelão, enquanto n'um altinho, mais baixo que o cotovelo dos actores, ardia um palacinho tambem de papelão... era o de Manuel de Sousa Coutinho em Almada!

Fosse de mim, dos actores ou da peça, a acção não me pareceu nada do que hoje a acho, grande, bella, sublime de tragica magestade. Não se obliteram facilmente em mim impressões que me entalhem, por mais leve que seja, nas fibras do coração: e as

que alli recebi estavam inteiramente apagadas quando, poucos annos depois, lendo a celebre Memoria do sr. bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo, e relendo, por causa d'ella, a romanesca mas sincera narrativa do padre Frei Antonio da Encarnação, pela primeira vez attentei no que era de dramatico aquelle assumpto.

Não passou isto, porém, de um vago relancear do pensamento. Ha dois annos, e aqui n'esta sala, quando ouvi lêr o curto mas bem sentido relatorio da commissão que nos propoz admittir ás provas publicas o drama, o *Captivo de Fez*, é que eu senti como um raio de inspiração nas reflexões que alli se faziam sobre a comparação de aquella fabula engenhosa e complicada com a historia tão simples do nosso insigne escriptor.

Quizeram-me depois fazer crêr que o drama portuguez era todo tirado, ou principalmente imitado, d'esse romance francez de que já vos falei e que eu ainda não tinha lido então. Fui lêl-o immediatamente, e achei falsa de todo a accusação, masachei mais falsa ainda a preferencia de ingenuidade que a esse romance ouvia dar. Pareceu-me que o assumpto podia e devia ser tratado de outro modo, e assentei fazer este dráma.

Escuso dizer-vos, Senhores, que me não julguei obrigado a ser escravo da chronologia nem a regeitar por improprio da scena tudo quanto a severa critica moderna indigitou como arriscado de se apurar para a historia. Eu sacrifico ás musas de Homero não ás de Herodoto: e quem sabe, por fim,

em qual dos dois altares arde o fogo de melhor verdade!

Versei muito e com muito afincada atenção, a Memoria que já citei do douto socio da Academia Real das Sciencias o sr. bispo de Vizeu; e collacionei todas as fontes de onde elle derivou e apurou seu copioso cabedal de noticias e reflexões; mas não foi para ordenar datas, verificar factos ou assentar nomes, senão para estudar de novo, n'aquelle bello compendio, caracteres, costumes, as côres do logar e o aspecto da época, aliás das mais sabidas e averiguadas.

Nem o drama, nem o romance, nem a epopéa são possíveis, se os quizerem fazer com a Arte de verificar as datas na mão.

Esta quasi apologia seria ridícula, Senhores, se o meu trabalho não tivesse de apparecer senão deante de vós, que por intuição deveis de saber, e por tantos documentos tendes mostrado que sabeis, quaes e quão largas são, e como limitadas, as leis da verdade poetica, que certamente não deve ser oppressora, mas também não pôde ser escrava da verdade historica. Desculpae-me apontar aqui esta doutrina, não para vós que a professaes, mas para algum escrupuloso mal advertido que me pudesse condenar por infracção de leis a que não estou obrigado porque não as acceitei.

E todavia cuido que, fóra dos algarismos das datas, irreconciliaveis com todo o trabalho de imaginação, pouco haverá, no mais que ou não seja puramente historico, isto é, referido como tal pelos historiadores e biographos, ou implicitamente contido, possi-

vel, e verosimil de se contér no que elles referem.

Offereço esta obra ao Conservatorio Real de Lisboa, porque honro e venero os eminentes litteratos, e os nobres caracteres cívicos que elle reune em seu seio, e para testemunho sincero tambem da muita confiança que tenho n'uma instituição que tão util tem sido e ha-de ser á nossa litteratura renascente, que tem estimulado com premios, animado com exemplos, dirigido com sabios conselhos a cultura de um genero que é, não me canso de o repetir, a mais verdadeira expressão litteraria e artistica da civilisação do seculo, e reciprocamente exerce sobre ella a mais poderosa influencia.

Eu tive sempre na minha alma este pensamento, ainda antes—perdoae-me a innocentíssima vaidade, se vaidade isto chega a ser—ainda antes de elle aparecer formulado em tão elegantes phrases por esses escritores que alumiam e caracterisam a época, os Victor-Hugos, os Dumas, os Scribes. O estudo do homem é o estudo d'este seculo, a sua anatomia e physiologia moral as sciencias mais buscadas pelas nossas necessidades actuaes. Colligir os factos do homem, emprego para o sabio; compará-los, achar a lei de suas séries, occupação para o philosopho, o político; revestir os das fórmulas mais populares e derramar assim pelas nações um ensino facil, uma instrucção intellectual e moral que, sem apparato de sermão ou preleccão, surprehenda os animos e os corações da multidão, no meio de seus proprios passatempos — a missão do littera-

to, do poeta. Eis aqui porque essa época litteraria é a época do drama e do romance, porque o romance e o drama são, ou devem ser, isto.

Parti d'esse ponto, mirei a este alvo desde as minhas primeiras e mais juvenis composições litterarias, escriptas em tam desvairadas situações da vida, e as mais d'ellas no meio de trabalhos serios e pesados, para descansar de estudos mais graves ou refocilar o espirito fatigado dos cuidados publicos—alguma vez tambem para não deixar seccar de todo o coração na aridez das coisas politicas, nas quaes é força apertá-lo até endurecer para que nol-o não quebre o egoísmo duro dos que mais carregam onde acham mais brando, ferem com menos dó e com mais covarde valentia onde acham menos armado.

Eu tinha feito o meu primeiro estudo sobre o homem antigo na antiga sociedade: pul-o no expirar da velha liberdade romana, e no primeiro nascer do absolutismo novo, ou que deu molde a todos os absolutismos modernos, o que vale o mesmo. Dei-lhe as fórmulas dramaticas, é a tragédia de CATÃO.

O romance de DONA BRANCA não foi senão uma tentativa encolhida e timida para espreitar o gosto do publico portuguez, para vêr se nascia entre nós o genero, e se os nossos jovens escriptores adoptavam aquella bella fórmula; entravam por sua antiga história a descobrir campo, a colher pelas ruínas de seus tempos heroicos os typos de uma poesia mais nacional e mais natural.

O CAMÓES levou o mesmo fito e vestiu as mesmas fórmas.

Os meus ensaios de poesia popular na ADOZINDA vê-se que prendem no mesmo pensamento — falar ao coração e ao animo do povo pelo romance e pelo drama.

Este é um seculo democratico; tudo o que se fizer hade ser pelo povo e com o povo... ou não se faz. Os principes deixaram de ser, nem podem ser, Augustos. Os poetas fizeram-se cidadãos, tomaram parte na coisa publica como sua; querem ir, como Euripedes e Sophocles, solicitar na praça os suffragios populares, não como Horacio e Virgilio, cortejar no paço as sympathias de reaes corações. As cortes deixaram de ter Mecenas; os Medicis, Leão X, Dom Manuel e Luiz XIV já não são possiveis; não tinham favores que dar nem thesouros que abrir ao poeta e ao artista. Os sonetos e os madrigaes eram para as assembléas perfumadas d'essas damas que pagavam versos a sorrisos:—e era talvez a melhor e mais segura letra que se vencia na carteira do poeta. Os leitores e os espectadores de hoje querem pasto mais forte, menos condimentado e mais substancial: é povo, quer verdade. Dae-lhe a verdade do passado no romance e no drama historico, —no drama e na novella da actualidade oferece-lhe o espelho em que se mire a si e ao seu tempo, a sociedade que lhe está por cima, abaxio, ao seu nível—e o povo ha de applaudir, porque entende: é preciso entender para apreciar e gostar.

Eu sempre cri n'isto; a minha fé não era tam clara e explicita como hoje é, mas sem-



Romeiro — Ninguem!

FREI LUIZ DE SOUSA

Acto II, Scena xiv.

pre foi tam implicita. Quiz pôr a theoria á prova experimental e lancei no theatro o AUTO DE GIL VICENTE. Já escrevi algures, e sinceramente vos repito aqui, que não tomei para mim os aplausos e favor com que o recebeu o publico; não foi o meu drama que o povo applaudiu, foi a idéa, o pensamento do drama nacional.

Esta academia real deante de quem hoje me comprazo de falar, e a quem, desde suas primeiras reuniões, expuz o meu pensamento, os meus desejos, as minhas esperanças e a minha fé, vós, Senhores, o entendestes e accolhestes, e lhe tendes dado vida e corpo. Directa ou indirectamente o Conservatorio tem feito nascer em Portugal mais dramas em menos de cinco annos do que até agora se escreviam n'um seculo.

O anno passado, quando publiquei o AFAGEME, aqui vos disse, Senhores, a tençao com que o fizera, o desejo que tinha de o submitter á vossa censura e os motivos de delicadeza que tive para não o fazer entrar a ella pela fieira marcada nas nossas leis academicas. Os mesmos motivos me impedem agora de apresentar FREI LUIZ DE SOUSA sob a tutella do incognito e protegido pelas fórmulas que haveis estabelecido para o processamento imparcial e meditada sentença de vossas decisões.

Mas nenhuma delicadeza, nenhum respeito humanos podem vedar-me que eu venha entregar como offerenda ao Conservatorio Real de Lisboa este meu trabalho dramatico, que provavelmente será o ultimo, ainda que Deus me tenha a vida por mais tempo; por-

que esse pouco ou muito que já agora terei de viver está consagrado, por uma especie de juramento que me tomei a mim mesmo — a uma tarefa longa e pesada que não deixarí nem a sesta do descanso ao trabalhador — que trabalha no seu, com a estação adeantada, e quer ganhar o tempo perdido. Incita-o esta idéa, e punge-o, demais, o amor proprio: porque hoje não pôde já deixar de ser para mim um ponto de honra desempenhar funcções de que me não demitti nem demitto — escrevendo, na historia do nosso seculo, a Chronica do ultimo rei de Portugal o Senhor Dom Pedro IV.

Assim quasi que dou aqui o ultimo vale a essa amena litteratura que foi o mais querido folguedo da minha infancia, o mais suave enleio da minha juventude, e o passatempo mais agradavel e refrigerante dos primeiros e mais agitados annos da minha hombridade.

Despeço-me com saudade; — nem me peja dizer-o deante de vós: é virar as costas ao Eden de regalados e preguiçosos folgares, para entrar nos campos do trabalho duro, onde a terra se não lavra senão com o suor do rosto; e quando produz, não são rosas nem lyrios que affagam os sentidos, mas plantas — uteis sim, porém desgraciosas à vista; fastiantas ao olfacto — é o real e o necessário da vida.

FREI LUIZ DE SOUSA

DRAMA

Representado, a primeira vez em Lisboa, por uma sociedade particular, no theatro da quinta do Pinheiro em quatro de Julho de

MDCCLXIII

PESSOAS

MANUEL (FREI LUIZ) DE SOUSA
DONA MAGDALENA DE VILHENA
DONA MARIA DE NORONHA
FREI JORGE COUTINHO
O ROMEIRO
TELMO PAES
O PRIOR DE BEMFICA
O IRMÃO CONVERSO
MIRANDA
O ARCEBISPO DE LISBOA
DOROTHEA

CÔRDO DE FRADES DE SAN DOMINGOS

Clerigos do Arcebispo, frades, criados, etc.

Lugar da scena — Almada

ACTO PRIMEIRO

Câmara antiga, ornada com todo o luxo e caprichosa elegância portugueza dos princípios do século dezesse. Porcelanas, xarões, selas, flores, etc. No fundo duas grandes janellas rasgadas, dando para um círco que olha sobre o Tejo e d'onde se vê toda Lisboa: entre as janellas o retrato em corpo inteiro, de um cavalleiro moço vestido de preto com a cruz branca de noviço de S. João de Jerusalém.— Defronte e para a bôcca da cena um bufete pequeno coberto de rico panno de velludo verde franjado de prata; sobre o bufete alguns livros, obras de tapeçarias meias-feitas, e um vaso da China de collo alto, com flores. Algumas cadeiras antigas, tamboretes rasgos, contadores. Da direita do espectador, porta de comunicação para o interior da casa, outra da esquerda para o exterior. — E' no fim da tarde.

SCENA 1

MAGDALENA só, sentada junto à banca, os pés sobre uma grande almofada, um livro aberto no regaço, e as mãos cruzadas sobre elle, como quem descalhou da leitura na meditação.

Magdalena (repetindo machinalmente e de vagar o que acabava de ler.)

«N'aquelle engano d'alma ledo e cego
Que a fortuna não deixar durar muito...»

Com a paz e alegria d'alma... um engano, um engano de poucos instantes (que seja...) deve de ser a felicidade suprema n'este mundo.— E que importa que o não deixe durar muito a fortuna? Viveu-se, pôde-se morrer. Mas e u!... (Pausa) Oh! que o não saiba elle ao menos, que não suspeite o estado

em que eu vivo...ste medo, estes continuos terrores que ainda me não deixaram gozar um só momento de toda a linda felicidade que me dava o seu amor.—Oh que amor, que felicidade... que desgraça a minha! (*Torna a cahir em profunda meditação: silêncio breve.*)

SCENA II

MAGDALENA, TELMO PAES

Telmo (chegando ao pé de Magdalena que o não sentiu entrar.)

A minha senhora está a ler?...

Magdalena (despertando) — Ah! sois vós, Telmo...

Não, já não leio: ha pouca luz de dia já; confundi-me a vista:—E é um bonito livro este! o teu valido, aquelle nosso livro, Telmo.

Telmo (deitando-lhe os olhos) — Oh, oh! Livro para damas—e para cavaleiros... e para todos: um livro que serve para todos; como não ha outro, tirante o respeito devido ao da Palavra de Deus! Mas esse não tenho eu a consolação de ler, que não sei latim como meu senhor... quero dizer como o sr. Manuel de Souza Coutinho—que lá isso!... acabado escholar é elle. E assim foi seu pae antes d'elle, que muito bem o conheci: grande homem! Muitas letras e de muito galante prática—e não somenos as outras partes de cavalleiro: uma gravidade!... Já não ha d'aquelle gente.—Mas, minha senhora, isto de a Palavra de Deus estar assim n'outra língua que a gente... que toda a gente não entende... confesso-vos que aquelle mercador inglez da rua Nova, que aqui vêm ás vezes têm-me dito suas coisas que me quadram... E Deus me perdoe! que eu creio que o homem é hereje d'esta seita nova d'Allemanha ou de Inglaterra. Será?

Magdalena — Olhae, Telmo; eu não vos quero dar conselhos: bem sabeis que desde o tempo que... que...

Telmo — Que já lá vae, que era outro tempo.

Magdalena — Pois sim.... (suspira) Eu era uma criança; pouco maior era que Maria.

Telmo—Não, a senhora D. Maria já é mais alta.

Magdalena—É verdade, tem crescido de mais, e de repente n'estes dois mezes ultimos...

Telmo—Então! Tem treze annos feitos, é quasi uma senhora, está uma senhora... (A'parte) Uma senhora aquella... pobre menina!

Magdalena (com as lagrimas nos olhos)—És muito amigo d'ella, Telmo?

Telmo—Se sou! Um anjo como aquelle... uma vi-vez, um espirito!... e então que coração?

Magdalena—Filha da minha alma! (Pausa:)—mudando de tom) Mas olha, meu Telmo, torno a dizer-t'o: eu não sei como heide fazer para te dar conselhos. Conheci-te de tam criança, de quando casei a... a... a primeira vez—costumei-me a olhar para ti com tal respeito: já então eras o que hoje és, o escudeiro valido, o familiar quasi parente, o amigo velho e provado dos teus amos.

Telmo (enternecido)—Não digaes mais, senhora, não me lembreis de tudo o que eu era.

Magdalena (quasi offendida)—Porquê? não és hoje o mesmo, ou mais ainda, se é possivel? Quitaram-te alguma coisa da confiança, do respeito—do amor e carinho a que estava costumado o aio fiel do meu senhor D. João de Portugal, que Deus te uha em gloria?

Telmo (A'parte)—Terá...

Magdalena—O amigo e camarada antigo de seu pae!

Telmo—Não, minha senhora, não, por certo.

Magdalena—Então?

Telmo—Nada. Continue, dizei, minha senhora.

Magdalena—Pois está bem—digo que mal sei dar-vos conselhos, e não queria dar-vos ordens. Mas, meu amigo, tu tomaste—e com muito gosto meu e de seu pae,—um ascendente no espirito de Maria... tal que não ouve, não crê, não sabe se não o que lhe dizes. Quasi que és tu a sua donna, a sua aia de criação.—Parece-me... eu sei... não fales com ella d'esse modo, n'essas coisas.

Telmo—O quê? No que me disse o inglez, sobre a sagrada Escrifptura que elles lá têm em sua lingua, e que?

Magdalena—Sim... n'isso decerto... e em tantas outras coisas tam altas, tam fóra de sua idade, e

muitas do seu sexo tambem que aquella creança está sempre a querer saber, a perguntar—E' a minha unica filha: não tenho... nunca tivemos outra... e, além de tudo o mais, bem vês que não é uma creança... muito... muito forte.

Telmo—E... delgadinha, é. Hade enrijar. E' têl-a por aqui, fora d'aquelles áres apestados de Lisboa: e deixae, que se hade pôr outra.

Magdalena—Filha do meu coração!

Telmo—E do meu.—Pois não se lembra, minha senhora, que ao principio, era uma creança que eu não podia...—é a verdade, não a podia ver: já sabereis porquê... mas vêl-a, era ver... Deus me perdoe!... nem eu sei...—E d'ahi começoou-me a crescer, a olhar para mim com aquelles olhos... a fazer-me taes meiguices, e a fazer se-me um anjo tal de formosura e de bondade que—vêdes-me aqui agora que lhe quero mais do que seu pae.

Magdalena (sorrindo)—Isso agora!...

Telmo—Do que vós.

Magdalena (rindo)—Ora, meu Telmo!

Telmo—Mais, muito mais. E veremos: tenho cá uma coisa que me diz que antes de muito se hade ver quem é que quer mais á nossa menina n'esta casa.

Magdalena (assustada)—Está bom, não entremos com os teus agouros e prophecias do costume: são sempre de aterrarr... Deixemo-nos de futuros...

Telmo—Deixemos que não são bons.

Magdalena—E de passados tambem...

Telmo—Tambem.

Magdalena—E vamos ao que importa agora.—Maria tem uma comprehensão...

Telmo—Comprehende tudo!

Magdalena—Mais do que convem.

Telmo—A's vezes.

Magdalena—E' preciso moderar-a.

Telmo—E' o que eu faço.

Magdalena—Não lhe dizer...

Telmo—Não lhe digo nada que não possa, que não deva saber uma donzella honesta e digna de melhor... melhor...

Magdalena—Melhor quê?

Telmo—De nascer em melhor estado.—Quizestes ouvir-o... está dito.

Magdalena — O Telmo! Deus te perdoe o mal que me fazes. (*Desata a chorar*).

Telmo (*ajoelhando e beijando-lhe a mão*) — Senhora... senhora D. Magdalena, minha ama, minha senhora... castigae-me... manda-me já castigar, manda-me cortar esta língua pêrra que não toma ensino — Oh! senhora, senhora!... é vossa filha, é a filha do senhor Manuel de Sousa Coutinho, fidalgo de tanto primor, e de tam boa linhagem como os que se teem por melhores n'este reino, em toda a Hespanha... A senhora D. Maria... a minha querida D. Maria é sangue de Vilhenas e de Sousas: não precisa mais nada, mais nada, minha senhora, para ser... para ser...

Magdalena — Calae-vos, calae-vos, pelas dôres de Jesus Christo homem.

Telmo (*soluçando*) — Minha rica senhora!...

Magdalena (*Enchuga os olhos, e toma uma atitude grave e firme*) — Levantae-vos, Telmo, e ouvi-me. (*Telmo levanta-se*) Ouvi-me com attenção. E' a primeira e será a ultima vez que vos falo d'este modo e em tal assumpto. — Vós fostes o aio e amigo de meu senhor... de meu primeiro marido, o senhor D. João de Portugal; tinheis sido o compa-nheiro de trabalho e de gloria de seu illustre pae, aquelle nobre conde de Vimioso, que eu de tamanhinha me acostumei a reverenciar como pae. Entrei depois n'essa familia de tanto respeito; achei-vos parte d'ella, e quasi que vos tomei a mesma amizade que aos outros... chegastes a alcançar um poder no meu espirito, quasi maior... — de certo, maior — que nenhum d'elles. O que sabeis da vida e do mundo, o que tendes adquirido na conversação dos homens e dos livros — porém, mais que tudo, o que de vosso coração fui vendo e admirando cada vez mais — me fizeram ter-vos n'uma conta, deixar-vos tomar, entregar-vos eu mesma tal auctoridade n'esta casa e sobre minha pessoa... que outros poderão estranhar..

Telmo — Emendae-o, senhora.

Magdalena — Não, Telmo, não preciso nem quero emendar-o. — Mas agora deixae-me falar. — Depois que fiquei só, depois d'aquella funesta jornada de Africa que me deixou viúva, orphan e sem ninguem... sem ninguem, e n'uma edade... com

dezessete annos!—em vós, Telmo, em vós só, achei o carinho e protecção, o amparo que eu precisava. Ficastes-me em lugar de pae: e eu... salvo n'uma coisa!—tenho sido para vós, tenho-vos obedecido como filha.

Telmo—Oh minha senhora, minha senhora! mas essa coisa em que vos apartastes dos meus conselhos...

Magdalena—Para essa houve poder maior que as minhas forças... D. João ficou n'aquella batalha com seu pae, com a flor da nossa gente. (*Signal de impaciencia em Telmo*). Sabeis como chorei a sua perda, como respeitei a sua memoria, como durante sete annos, incredula a tantas provas e testemunhos de sua morte, o fiz procurar por essas costas de Berberia, por todas as sejanas de Fez e Marrocos, por todos quantos aduares de Alarves ahi houve... Cabedais e valimento, tudo se empregou; gastaram-se grossas quantias; os embaiadores de Portugal e Castella tiveram ordens apertadas de o buscar por toda a parte; aos padres da Redempção, a quanto religioso ou mercador podia penetrar n'aquellas terras, a todos se encorria o seguir a pista do mais leve indicio que podesse desmentir, pôr em duvida ao menos aquella noticia que logo viera com as primeiras novas da batalha de Alcacer. Tudo foi inutil; e a ninguem mais ficou resto de duvida...

Telmo—Senão a mim.

Magdalena—Dúvida de fiel servidor, esperança de leal amigo, meu bom Telmo! que diz com vosso coração, mas que tem atormentado o meu...—E então sem nenhum fundamento, sem o mais leve indicio... Pois dizei-me em consciencia, dizei-m'o de uma vez, claro e desenganado: a que se apéga esta vossa credulidade de sete... e hoje mais quatorze... vinte e um annos?

Telmo (*Gravemente*)—A's palavras, ás formaes palavras d'aquella carta escripta na propria madrugada do dia da batalha, e entregue a Frei Jorge que vol-a trouxe.—«Vivo ou morto»—resava ella—vivo ou morto... Não me esqueceu uma letra d'aquelas palavras; e eu sei que homem era meu amo para as escrever em vão: — «Vivo ou morto, Magdalena, hei-de vêr-vos pelo menos ainda uma vez

Não era assim que dizia?

Magdalena (*aterrada*)—Era.

Telmo—Vivo não veiu... e ainda mal!—E morto...
a sua alma, a sua figura...

Magdalena (*possuída de grande terror*)—Jesus, homem!

Telmo—Não vos appareceu de certo.

Magdalena—Não: credo!

Telmo (*mysterioso*)—Bem sei que não. Queria-vos muito; e a sua primeira visita, como de razão, seria para minha senhora. Mas não se ia sem aparecer também ao seu aio velho.

Magdalena—Valha-me Deus, Telmo! Conheço que desarrasoaes, contudo as vossas palavras mettem-me medo... Não me faças mais desgraçada.

Telmo—Desgraçada! Porquê? não sois feliz na companhia do homem que amais, nos braços do homem a quem sempre quizestes mais sobre todos? Que o pobre do meu amo... respeito, devocão, lealdade, tudo lhe tivestes, como tam nobre e honrada senhora que sois... mas amor!

Magdalena—Não estás em nós dal-o, nem quital-o, amigo.

Telmo—Assim é. Mas os ciumes que meu amo não teve nunca—bem sabeis que tempera d'alma era aquella—tenho-os eu... aqui está a verdade nua e crua... tenho-os eu por elle: não posso, não posso vêr... e desejo, quero, forcejo por me acostumar... mas não posso. Manuel de Sousa... o senhor Manuel de Sousa Coutinho é guapo cavaleiro, honrado fidalgo, bom portuguez... mas—mas não é, nunca houve ser, aquelle espelho de cavalaria e gentileza, aquella flor dos bons... Ah meu nobre amo, meu santo amo!

Magdalena—Pois sim, tereis razão... tendes razão, será tudo como dizeis. Mas reflecti, que haveis cabedal de intelligencia para muito:—Eu resolvi-me por fim a casar com Manuel de Sousa; foi do agravamento geral de nossas famílias, da propria família de meu primeiro marido que bem sabeis quanto me estima; vivemos (*com affectação*) seguros, em paz e felizes... ha quatorze annos. Temos esta filha, esta querida Maria que é todo o gôsto e alegria da nossa vida. Abençoou-nos Deus na formosura, no engenho, nos dotes admiraveis d'aquelle anjo... E tu, tu, meu Telmo, que és tam seu que

chegas a pretender ter-lhe mais amor que nós mesmos...

Telmo—Não, não tenho!

Magdalena—Pois tens, melhor.—E és tu que andas, continuamente e quasi por accinte, a sustentar essa chimera, a levantar esse phantasma, cuja sombra, a mais remota, bastaria para ennodoar a pureza d'aquelle innocent, para condemnar a eterna deshonra a mãe e a filha... (*Telmo dá signzes de grande agitação*). Ora dize: já pensaste bem no mal que estás fazendo?—Eu bem sei que a ninguém n'este mundo, senão a mim, falas em taeis coisas... falas assim como hoje temos falado... mas as tuas palavras mysteriosas, as tuas allusões frequentes a esse desgraçado rei D. Sebastião, que o seu mais desgraçado povo ainda não quiz acreditar que morresse, por quem ainda espera em sua leal incredulidade!—esses continuos agouros em que andas sempre de uma desgraça que está iminente sobre a nossa familia... não vês que estás excitando com tudo isso a curiosidade d'aquelle criança aguçando-lhe o espirito—já tam perspicaz!—a imaginar, a descobrir... quem sabe se a acreditar n'essa prodigiosa desgraça em que tu mesmo... tu mesmo... sim, não crês deveras? Não crês, mas achas não sei que doloroso prazer em ter sempre viva e suspensa essa duvida fatal. E então considera, vê: se um terror similhante chega a entrar n'aquelle alma, quem lh'o hade tirar nunca mais?—O que hade ser d'ella e de nós?—Não a perdes, não a matas... não me matas a minha filha?

Telmo em grande agitação durante a fala precedente, fica pensativo e aterrado: fala depois como para si—É verdade que sim! a morte era certa. E não hade morrer: não, não, não, tres vezes não. (*Para Magdalena*) A' fé de escudeiro honrado, senhora D. Magdalena, a minha bocca não se abre mais; e o meu espirito hade fechar-se tambem... (*A parte*) Não é possível, mas eu heide salvar o meu anjo do céo! (*Alto para Magdalena*) Está dito, minha senhora.

Magdalena—Ora Deus t'o pague.—Hoje é o ultimo dia de nossa vida que se fala em tal.

Telmo—O ultima-

(levantando-se) que não esteja a ler ainda, a estudar sempre. (*Telmo vai a sair*) E olha: chega-me depois ali a San'Paulo, ou mandaes, se não podeis.

Telmo — Ao convento dos Dominicos? Pois não posso!... quatro passadas.

Magdalena — E dizei a meu cunhado, a Fr. Jorge Coutinho, que me está dando cuidado a demora de meu marido em Lisboa; que me prometeu de vir antes de véspera, e não veiu; que é quasi noite, e que já não estou contente com a tardança. (*Chega à varanda e olha para o rio.*) O ar está sereno, o mar tan quieto, e a tarde tam linda!... quasi que não ha vento, é uma viração que afaga... Oh e quantas falúas navegando tam garridas por esse Tejo! Talvez n'alguma d'ellas — n'aquella tam bonita — venha Manuel de Souza. — Mas n'este tempo não ha que fiar no Tejo, d'un instante para o outro levanta-se uma nortada... e então aqui o pontal de Cacilhas! — Que elle é tam bom mareante... Ora, um cavalleiro de Malta! (*Olha para o retrato com amor.*) Não é isso o que me dá maior cuidado. Mas em Lisboa ainda ha peste, ainda não estão limpos os áres... e ess'outros áres que por ahí correm d'estas alterações publicas, d'estas malquerenças entre castelhanos e portuguezes! Aquelle caracter inflexível de Manuel de Sousa traz-me n'um susto continuo. — Vae, vae a Frei Jorge, que diga se sabe alguma coisa, que me assocegue, se puder.

SCENA III

MAGDALENA, TELMO, MARIA

Maria (entrando com umas flores na mão, encontra-se com *Telmo*, e o faz tornar para a cena) — Bonito! Eu ha mais de meia hora no eirado passeando — e sentada a olhar para o rio a ver as faltas e os bergantins que andam para baixo e para cima — e já aborrecida de esperar... e o senhor *Telmo*, aqui posto a conversar com a minha mãe, sem se importar de mim! — Que é do romance que me prometeste? não é o da batalha, não é o que diz:

Postos estão, frente a frente.

Os dois valorosos campos;

é o outro, é o da Ilha encuberta onde está el-rei D. Sebastião, que não morreu e que hade vir um dia de névoa muito cerrada... Que elle não morreu; não é assim, minha mãe?

Magdalena—Minha querida filha, tu dizes coisas! Pois não tens ouvido, a teu tio Frei Jorge e a teu tio Lopo de Sousa, contar tantas vezes como aquillo foi? O povo coitado imagina essas chimeras para se consolar na desgraça.

Maria—Voz do povo, voz de Deus, minha senhora mãe: elles que andam tam crentes n'isto, alguma coisa hade ser. Mas ora o que me dá que pensar é vêr que, tirado aqui o meu bom velho Telmo, (*chega-se toda para elle, acarinhando-o*) ninguem n'esta casa gosta de ouvir falar em que escapasse o nosso bravo rei, o nosso santo rei D. Sebastião.—Meu pae, que é tam bom portuguez, que não pôde soffrer estes castelhanos, e que até ás vezes dizem que é demais o que elle faz e o que elle fa-la... em ouvindo duvidar da morte do meu querido rei D. Sebastião... ninguem tal hade dizer, mas pôe-se logo outro, muda de semblante, fica pensativo e carrancudo: parece que o vinha affrontar, se voltasse, o pobre do rei.—O' minha mãe, pois elle não é por D. Filipe; não é, não?

Magdalena—Minha querida Maria, que tu hasde de estar sempre a imaginar n'essas, coisas que são tam pouco para a tua edade! isso é o que nos afflige, a teu pae e a mim; queria-te vêr mais alegre, folgar mais, e com coisas menos...

Maria—Então minha mãe, então!—Vêem, vêem?... tambem minha mãe não gosta. Oh! essa ainda é peior, que se afflige, chora... ella ahi está a chorar... ella ahi está a chorar... (*Vae-se abruçar com a mãe que chora*) Minha querida mãe, ora pois então!—Vae-te embora, Telmo, vae-te; não quero mais falar, nem ouvir falar de tal batalha, nem de taes historias, nem de coisa nenhuma d'essas.—Minha querida mãe!

Telmo—E é assim: não se fala mais n'isso. E eu vou-me embora. (*A parte indo-se depois de lhe tomar as mãos*) Que febre que ella tem hoje, meu Deus! queimam-lhe as mãos... e aquellas rosetas nas faces... Se o perceberá a pobre da mãe!

SCENA IV

MAGDALENA, MARIA

Maria—Quereis vós saber, mãe, uma tristeza muito grande que eu tenho? — A mãe já não chora, não! já se não enfada commigo?

Magdalena—Não me enfado contigo nunca, filha, e nunca me affiges, querida. O que tenho é o cuidado que me dás, é o receio de que...

Maria—Pois ahi está a minha tristeza: é esse cuidado em que vos vejo andar sempre por minha causa. Eu não tenho nada, e tenho saude, olhae que tenho muita saude.

Magdalena—Tens, filha... se Deus quizer, hasde ter; e hasde viver muitos annos para consolação e amparo de teus paes que tanto te querem.

Maria—Pois olhae: passo noites inteiras em claro a lidar n'isto, e a lembrar-me de quantas palavras vos tenho ouvido, e a meu paes... e a recordar-me da mais pequena acção e gesto, — e a pensar em tudo, a vêr se descubro o que isto é—o porque tendo-me tanto amor... que, oh isso nunca houve de certo filha querida como eu!...

Magdalena—Não, Maria.

Maria—Pois sim, tendo-me tanto amor, que nunca houve outro igual, estaes sempre n'um sobresalto commigo?...

Magdalena—Pois se te estremecemos!

Maria—Não é isso: não é isso: é que vos tenho lido nos olhos... Oh, que eu leio nos olhos, leio, leio!... e nas estrellas do céo tambem—e sei coisas...

Magdalena—Que estás a dizer, filha, que estás a dizer? que desvarios! Uma menina do teu juizo, temente a Deus... não te quero ouvir falar assim.—Ora vamos: anda cá, Maria, conta-me do teu jardim, das tuas flores. Que flores tens tu agora? O que são estas? (Pegando nas que ella traç na mão.)

Maria (abrindo a mão e deixando-as cahir no regaço da mãe)—Murchou tudo... tudo estragado da calma... Estas são papoulas que fazem dormir, colhi-as para as metter debaixo do meu cabeçal esta noite, quero-a dormir de um sonno, não

quero sonhar, que me faz ver coisas... lindas ás vezes, mas tam extraordinarias e confusas...

Magdalena — Sonhar sonhas tu acordada, filha!

Que, olha, Maria, imaginar é sonhar : e Deus pô-nos n'este mundo para velar e trabalhar — com o pensamento sempre n'elle sim, mas sem nos extranhamos a estas coisas da vida que nos cercam, a estas necessidades que nos impõe o estado, a condição em que nascemos. Vês tu, Maria: tu és a nossa unica filha, todas as esperanças de meu pae são em ti...

Maria — E não lh'as posso realizar, bem sei. — Mas que hei-de eu fazer? eu estudo, leio...

Magdalena — Lês demais, canças-te, não te distraes como as outras donzellias da tua edade, não és...

Maria — O que eu sou... só eu o sei, minha mãe...

E não sei, não: não sei nada, senão que o que devia ser não sou... — Oh! porque não havia de eu ter um irmão que fosse um galhardo e valente mancebo capaz de commandar os terços de meu pae, de pegar n'uma lança d'aquellas com que os nossos avos corriam a India, levando adeante de si Turcos e Gentios ! um bello moço que fosse o retrato proprio d'aquelle gentil cavalleiro de Malta que alli está. (Apontando para o retrato.) Como elle era bonito meu pae! Como lhe ficava bem o preto!... e aquella cruz tam alva em cima? Para que deixou elle o habitu, minha mãe, porque não ficou n'aquelle santa religião a vogar em suas nobres galeras por esses mares, e afugentar os infieis deante da bandeira da Cruz?

Magdalena — Oh filha, filha!... (*Mortificada*) porque não foi vontade de Deus: tinha de ser d'outro modo. — Tomára eu agora que elle chegasse de Lisboa! Com effeito é muito tardar... valha-me Deus

SCENA V

JORGE, MAGDALENA, MARIA

Jorge — Ora seja Deus n'esta casa!

Maria beija-lhe o escapulario e depois a mão; Magdalena sómente o escapulario.)

Magdalena — Sejais bemvindo, meu irmão!

Maria — Boas tardes, tio Jorge!

Jorge — Minha senhora mana! — A benção de Deus te cubra, filha! — Também estou desassoegado como vós, mana Magdalena: mas não vos affiliaes, espero que não hade ser nada. — E' certo que tive umas notícias de Lisboa...

Magdalena (*assustada*) — Pois que é que foi?

Jorge — Nada, não vos assusteis; mas é bom que estejais prevenidas, por isso vol-o digo. Os Governadores querem sair da cidade... é um capricho verdadeiro... Depois de aturarem mettidos ali dentro toda a força da peste, agora que ella está, se pôde dizer, acabada, que são rarissimos os casos, é que por força querem mudar de áres.

Magdalena — Pois coitados!

Maria — Coitado do povo! — Que mais valem as vidas d'elles? Em pestes e desgraças assim eu entendia, se governasse, que o serviço de Deus e do rei me mandava ficar, até á ultima, onde a miseria fosse mais e o perigo maior, para attender com remedio e amparo aos necessitados. — Pois, rei não quer dizer pae communum de todos?

Jorge — A minha Donzella Theodora! — Assim é, filha; mas o mundo é d'outro modo: que lhe faremos?

Maria — Emendal-o.

Jorge (*Para Magdalena, baixo*) — Sabeis que mais? Tenho medo d'esta creança.

Magdalena (*Do mesmo modo*) — Também eu.

Jorge (*Alto*) — Mas enfim, resolveram sair; e sabereis mais que, para corte e «buen-retiro» dos nossos cinco reis, os senhores Governadores de Portugal por D. Philippe de Castella, que Deus guarde, foi escolhida esta nossa boa villa d'Almada, que o deu á fama de suas aguas sadias, áres lavados e graciosa vista.

Magdalena — Deixa-l-os vir.

Jorge — Assim é: que remedio! Mas ouvi o resto. O nosso pobre convento de San'Paulo tem de hospedar o senhor arcebispo D. Miguel de Castro, presidente do Governo. — Bom prelado é elle; e, se não fosse que nos tira do humilde socego da nossa vida, por vir como senhor e principe secular. . . o mais, paciencia. Peior é o vosso caso. . .

Magdalena — O meu!

Jorge — O vosso e de Manuel de Sousa; porque os outros quatro Governadores — e aqui está o que me

mandaram dizer em muito segredo de Lisboa—dizem que querem vir para esta casa, e pôr aqui apsentadoria.

Maria (*Com vivacidade*) — Fechamos-lhes as portas. Mettemos a nossa gente dentro — o terço de meu pae tem mais de seiscentos homens — e defendem' o-nos. Pois não é uma tyrannia?... — E hade ser bonito!... Tomára eu vêr seja o que fôr que se pareça com uma batalha!

Jorge — Louquinha!

Magdalena — Mas que mal fizemos nós ao conde de Sabugal e aos outros Governadores, para nos fazerm esse desacato? Não ha por ahí outras casas; e elles não sabem que n'esta ha senhoras, uma familia... e que estou eu aqui?...

Maria (*Que esteve com o ouvido inclinado para a janela*) — E' a voz de meu pae! Meu pae que chegou.

Magdalena (*Sobresaltada*) — Não oiço nada.

Jorge — Nem eu, Maria.

Maria — Pois oiço eu muito claro. E' meu pae que ahí vem... e vem affrontado!

SCENA VI

JORGE, MAGDALENA, MARIA, MIRANDA

Miranda — Meu senhor chegou: vi agora d'aquella alto entrar um bergantim que é por força o nosso, Estaveis com cuidado; e era para isso, que já vae a cerrar-se a noite.. Vim trazer-vos depressa a noticia.

Magdalena — Obrigada, Miranda. — E' extraordinaria esta creança; vê e ouve em taes distancias...

(*Maria tem sahido para o eirado, mas volta logo depois*)

E' verdade. (*A'parte*) — Terrivel signal n'aquelle annos e com aquella compleição!

SCENA VII

JORGE, MAGDALENA, MARIA, MIRANDA, MANUEL DE SOUSA, entrando com varios creados que o seguem—alguns com brandões accesos—E' noite fechada.

Manuel (Parando junto da porta, para os creados) Façam o que lhes disse. Já, sem mais detença! Não apaguem esses brandões; encostem-n'os ahi fora no patim. E tudo o mais que eu mandei.—(Vindo ao proscenio) Magdalena. Minha querida filha, minha Maria! (Abraça-as) Jorge, ainda bem, que aqui estás, preciso de ti: bem sei que é tarde e que são horas conventuaes; mas eu irei depois contigo dizer a «mea culpa» e o «peccavi» ao nosso bom prior.—Miranda, vinde cá. (Vae com elle á porta da esquerda, depois ás do eirado e dá-lhe algumas ordens baixo.)

Magdalena—Que tens tu? nunca entraste em casa assim. Tens coisa que te dá cuidado... E não m'o dizes? O que é?

Manuel—E' que... E' que... Senta-te, Magdalena; aqui ao pé de mim Maria. Jorge, sentemo-nos, que estou cansado. (Sentam-se todos). Pois agora sabe as novidades, que seriam estranhas se não fosse o tempo em que vivemos. (Pausa). E' preciso sahir já d'esta casa, Magdalena.

Maria—Ah! inda bem, meu pae!

Manuel—Inda mal! mas não ha outro remedio. Sahiremos esta noite mesmo. Já dei ordens a toda a familia: Telmo foi avisar as tuas aias do que haviam de fazer, e lá anda pelas camaras velando n'esse cuidado. Sempre é bom que vás dar um relance d'olhos ao que por lá se faz: eu tambem irei por minha parte.—Mas temos tempo: isto são oito horas, á meia noite vão quatro: d'aqui lá o pouco que me importa salvar estari salvo... e elles não virão antes da manhã.

Magdalena—Então sempre é verdade que Luiz de Moura e os outros Governadores?...

Manuel—Luiz de Moura é um vilão ruim, faz como quem é; o Arcebispo é... o que os outros querem que elle seja. Mas o conde de Sabugal, o conde de Sancta Cruz, que deviam olhar por quem são, e

que tomaram este encargo odioso... e vil de opimir os seus naturaes em nome de um rei estrangeiro!... Oh que gente, que fidalgos portuguezes!... Heide-lhes dar uma lição, a elles e a este escravo d'este povo que os soffre, como não levam tyrannos ha muito tempo n'esta terra.

Maria—O meu nobre pae! Oh, o meu querido pae! Sim, sim, mostraes-lhes quem sois e o que vale um portuguez dos verdadeiros.

Magdalena—Meu adorado esposo, não te deites a perder, não te arrebates. Que farás tu contra esses poderosos? Elles, já te querem tam mai pelo mais que tu vales que elles, pelo teu saber—que esses grandes fingem que desprezam... mas não é assim, o que elles tem é inveja!—O que fará se lhes deres pretexto para se vingarem da affronta em que os traz a superioridade do teu merito!—Manuel, meu esposo, Manuel de Sousa, pelo nosso amor...

Jorge—Tua mulher tem razão. Prudencia, e lembra-te de tua filha.

Manuel—Lembro-me de tudo, deixa estar.—Não te inquietes, Magdalena: elles querem vir para aqui ámanhã de manhã; e nós forçosamente havemos de sahir antes d'elles entrarem. Por isso é preciso já.

Magdalena—Mas para onde iremos nós, de repente a estas horas?

Manuel—Para a unica parte para onde podemos ir: A casa não é minha... Mas é tua Magdalena.

Magdalena—Qual?... a que foi?... a que pega com San'Paulo?... Jesus me valha!

Jorge—E vão muito bem: a casa é larga e está em bom reparo, tem ainda quasi tudo de trastes e paramentos necessarios; pouco tereis que levar com-vosco.—E então para mim, para os nossos padres todos que alegria! Ficamos quasi debaixo dos mesmos telhados.—Sabeis que temos alli tribuna para a capella da Senhora da Piedade, que é a mais devota e a mais bella de toda a igreja... Ficamos como vivendo juntos.

Maria—Tomára-me eu já lá. (*Levanta-se pulando*)

Manuel—E são horas, vamos a isto. (*Levantando-se*)

Magdalena (*vindo para elle*).—Ouve, escuta que tenho que te dizer; porque quem és, ouve: não haverá algum outro modo?

Manuel — Qual, senhora, e que lhe heide eu fazer?

Lembræs vós, vêde se achæs.

Magdalena — Aquella casa... eu não tenho animo...

Olhae: eu preciso de falar a sós comvosco — Frei Jorge, ide com Maria ahi para dentro; tenho que dizer a vosso irmão.

Maria — Tio, venha, quero vêr se me accommodam os meus livrinhos; (*confidencialmente*) e os meus papeis, que eu tambem tenho papeis: deixae que lá na outra casa vos heide mostrar... Mas segredo?

Jorge — Tontinha!

SCENA VIII

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA

Manuel (*passeia agitado de um lado para o outro da cena, com as mãos cruzadas detrás das costas; e parando de repente*) — Hade saber-se no mundo que ainda ha um portuguez em Portugal.

Magdalena — Que tens tu, dize, que tens tu?

Manuel — Tenho que não heide soffrer esta affronta... e que é preciso sahir d'esta casa, senhora.

Magdalena — Pois sahiremos, sim: eu nunca me opuz ao teu querer, nunca soube que coisa era ter outra vontade differente da tua; estou prompta a obedecer-te sempre, cegamente, em tudo. Mas oh! esposo da minha alma... para aquella casa não, não me leves para aquella casa. (*Deitando-lhe as mãos ao pescoço*)

Manuel — Ora tu não eras costumada a ter caprichos! Não temos outra para onde ir: e a estas horas n'este aperto... Mudaremos depois, se quizeres... Mas não lhe vejo remedio agora. — E a casa que tem? Porque foi de teu primeiro marido! é por mim que tens essa repugnancia? Eu estimei e respeitei sempre a D. João de Portugal; honro a sua memória, por ti, por elle e por mim; e não tenho na consciencia por que receie abrigar-me debaixo dos mesmos tectos, que o cobriram. — Viste alli com elle? Eu não tenho ciumes de um passado que me não pertencia. E o presente, esse é meu, meu só, todo meu, querida Magdalena... Não falemos mais n'isso; é preciso partir e já.

Magdalena — Mas é que tu não sabes... eu não sou melindrosa nem de invenções: em tudo o mais sou mulher e muito mulher, querido; n'isso não... mas tu não sabes a violencia, o constrangimento d'alma, o terror com que eu penso em ter de entrar n'aquelle casa. Parece-me que é voltar ao poder d'ele, que é tirar-me dos teus braços, que o vou encontrar alli... — Oh perdão, perdão-me, não me sáe esta idéa da cabeça... — que vou achar alli a sombra despeitosa de D. João que me está ameaçando com uma espada de dois gumes... que a atravessa no meio de nós, entre mim e ti e a nossa filha, que nos vae separar para sempre... — Que queres...? bem sei que é loucura; mas a idéa de tornar a morar alli, de viver alli contigo e com Maria não posso com ella. Sei de certo que vou ser infeliz, que vou morrer n'aquelle casa funesta, que não estou alli tres dias, tres horas sem que todas as calamidades do mundo venham sobre nós. — Meu esposo, Manuel, marido da minha alma, pelo nosso amor t'o peço, pela nossa filha... vamos seja para onde fôr, para a cabana de algum pobre pescador d'esses contornos, mas para alli não, oh! não.

Manuel — Em verdade nunca te vi assim; nunca pensei que tivesses a fraqueza de acreditar em agouros. Não ha senão um temor justo. Magdalena, é o temor de Deus; não ha espectros que nos possam aparecer senão os das más acções que fazemos. Que tens tu na consciencia que t'os faça temer? O teu coração e as tuas mãos estão puras: para os que andam deante de Deus, a terra não tem sustos, nem o inferno pavores que se lhes attrevam. Rezaremos por alma de D. João de Portugal n'essa devota capella que é a parte da sua casa; e não hajas medo que nos venha perseguir n'este mundo aquella santa alma que está no céo, e que em tam santa batalha, pelejando por seu Deus e por seu rei, acabou martyr ás mãos dos infieis. — Vamos, D. Magdalena de Vilhena, lembrae-vos de quem sois e de quem vindes, senhora... e não me tires, querida mulher, com vãs chymeras de creanças, a tranquilidade do espirito e a força do coração, que as preciso inteiras n'esta hora.

Magdalena — Pois que vae tu fazer?

Manuel—Vou, já te disse, vou dar uma lição aos nossos tyrannos que lhes hade lembrar, vou dar um exemplo a este povo que o hade alumiar...

SCENA IX

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, TELMO,
MIRANDA, e outros CREADOS entrando apressadamente.

Telmo—Senhor, desembarcaram agora grande comitiva de fidalgos, escudeiros e soldados que vêm de Lisboa e sobem a encosta para a villa. O Arcebispo não é de certo, já cá está ha muito no convento: diz-se por ahi...

Manuel—Que são os Governadores? (Telmo faz um sinal afirmativo.) Quizeram-me enganar, e apresentam-se a vir hoje... parece que adivinharam... Mas não me colheram desapercebido. (Chama à porta da esquerda) Jorge, Maria! (Volta para a cena.) Magdalena, já já sem mais demora.

SCENA X

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, TELMO, MIRANDA e outros CREADOS, JORGE e MARIA entrando.

Manuel—Jorge, acompanha estas damas. Telmo, ide, ide com elas.—(Para os outros creados.) Partiu já tudo, as arcas, os meus cavallos, armas e tudo o mais?

Miranda—Quasi tudo foi já; o pouco que falta está prompto e sahirá n'um instante... pela porta de traz, se quereis.

Manuel—Bom; que saia. (A um sinal de Miranda saem dois creados.) Magdalena, Maria, não vos quero ver aqui mais. Já, ide; serei comvosco em pouco tempo.

SCENA IV

MANUEL DE SOUSA, MIRANDA e os outros
CREADOS

Manuel—Meu pae morreu desastrosamente cahindo sobre a sua propria espada; quem sabe se eu morrerei nas chamas atecadas por minhas mãos? Seja. Mas fique-se apprendendo em Portugal como um homem de honra e coração, por mais poderosa que seja a tyrannia, sempre lhe pôde resistir, em perdendo o amor a coisas tam vis e precarias como são esses haveres que duas faiscas destróem n'um momento... como é esta vida miseravel que um sópro pôde apagar em menos tempo ainda! (Arrebatas duas tochas das mãos dos creados corre á porta da esquerda, atira com uma para dentro; e vê-se atear logo uma lavareda immensa. Vae ao fundo atira a outra tocha e succede o mesmo. Ouve-se alarido de fôra.)

SCENA XII

MANUEL DE SOUSA e CREADOS; MAGDALENA,
MARIA, TELMO e JORGE (accusando)

Magdalena—Que fazes... que fizeste?—Que é isto oh meu Deus!

Manuel (tranquillamente)—Illumino a minha casa para receber os muito poderosos e excellentes senhores Governadores d'estes Reinos. Suas excellencias podem vir quando quizerem.

Magdalena—Meu Deus, meu Deus!... Ai, e o retrato de meu marido!... Salvem-me aquelle retrato.

(Miranda e o outro criado vão para tirar o painel; uma coluna de fogo saíta nas tapeçarias e os afugenta.)

Manuel—Parti, parti. As materias inflammaveis que eu tinha disposto vão-se ateando com espantosa velocidade. Fugi.

Magdalena (cingindo-se no braço do marido)—Sim, sim, fujamos.

Maria (tomando-o ao outro braço)—Meu pae, nós não fugimos sem vós.

Todos—Fujamos, fujamos...

(Redobramos gritos de fôra, ouve-se rebate de sinos: cai o pano.)

ACTO SEGUNDO

E' no palacio que fôra de D. João de Portugal, em Almada, salão antigo de gosto melancolico e pesado, com grandes retratos de família, muitos de corpo inteiro, bispos, donas, cavalleiros, monges; estão em lugar mais conspicuo, no fundo, o d'El-rei D. Sebastião, o de Canhões e o de D. João de Portugal. Portas do lado direito para o exterior, do esquerdo para o interior, cobertas de reposteiros com as armas dos condes de Vimioso. São as antigas da casa de Bragança, uma aspa vermelha sobre campo de prata com cinco escudos do reino, um no meio e os quatro nos extremos da aspa, em cada braço e entre dois escudos uma cruz floreteada, tudo do modo que traçem actualmente os duques de Cadaval; sobre o escudo coroa de conde. No fundo um reposteiro muito maior e com as mesmas armas sobre as portadas da tribuna que deita sobre a capella da Senhora da Piedade na egreja de San'Paulo dos Dominicanos d'Almada.

SCENA I

MARIA e TELMO

Maria (saindo pela porta da esquerda e traçando pela mão a Telmo, que parece vir de pouca vontade) —Vinde, não faças bulha; que minha mãe ainda dorme. Aqui, aqui n'esta sala é que quero conversar. E não teimes, Telmo, que fiz tenção e acabou-se.

Telmo —Menina!...

Maria — «Menina e moça me levaram de casa de meu pae:» é o principio d'aquelle livro tam bonito que minha mãe diz que não entende: entendo-o eu. — Mas aqui não ha menina nem moça; e vós, senhor Telmo Paes, meu fiel escudeiro, «faredes o que mandado vos é.» — E não me repliques, que então

altercamos, faz-se bulha, e acorda minha mãe, que é o que eu não quero. Coitada! Ha oito dias que aqui estamos n'esta casa, e é a primeira noite que dorme com socego. Aquelle palacio a arder, aquelle povo a gritar, o rebate dos sinos, aquella scena toda... Oh! tam grandiosa e sublime, que a mim me encheu de maravilha, que foi um spectaculo como nunca vi outro de igual magestade!... á minha pobre mãe aterrrou-a, não se lhe tira dos olhos: vae a fechal-os para dormir e diz que vê aquellas chamas enoveladas em fumo a rodear-lhe a casa, a crescer para o ar, e a devorar tudo com furia infernal... O retrato de meu pae, aquelle do quarto de lavor tam seu favorito em que elle estava tam gentil homem, vestido de Cavalleiro de Malta com a sua cruz branca no peito—aquele retrato não se pôde consolar de que lh'o não salvasssem, que se queimasse alli. Vês tu? ella que não cria em agouros, que sempre me estava a reprehender pelas minhas scismas, agora não lhe sae da cabeça que a perda do retrato é prognostico fatal de outra perda maior que está perto, de alguma desgraça inesperada, mas certa que a tem de separar de meu pae.—E eu agora é que faço de forte e assizada, que zombo de agouros e de si nas... para a animar, coitada!... que aqui entre nós, Telmo, nunca tive tanta fé n'elles. Creio, oh se creio! que são avisos que Deus nos manda para nos preparar.—E ha... oh! ha grande desgraça a cahir sobre meu pae... de certo! e sobre minha mãe tambem, que é o mesmo.

Telmo (disfarçando o terror de que está tomado)—
 Não digaes isso... Deus hade fazel-o por melhor, que lh'o merecem ambos. (*Cobrando animo e exaltando-se.*) Vosso pae, D. Maria, é um portuguez ás direitas. Eu sempre o tive em boa conta; mas agora, depois que lhe vi fazer aquella accão,—que o vi com aquella alma de portuguez velho, deitar as mãos ás tochas, e lançar elle mesmo o fogo á sua propria casa; queimar e destruir n'uma hora tanto do seu haver, tanta coisa do seu gosto, para dar um exemplo de liberdade, uma lição tremenda a estes nossos tyrrannos... Oh minha querida filha, aquillo é um homem. A minha vida que elle queira é sua. E a minha pena, toda a minha pena é que o

não conheci, que o não estimei sempre no que elle valia.

Maria (com lagrimas nos olhos, e tomado-lhe as mãos)—Meu Telmo, meu bom Telmo!... E' uma gloria ser filha de tal pae: não é? diz.

Telmo—Sim é: Deus o defenda!

Maria—Deus o defenda! amen. E elles os tyrannos Governadores ainda estarão muito contra meu pae? Já soubeste hoje alguma coisa das diligencias do tio Frei Jorge?

Telmo—Já sim. Vão-se desvanecendo—ainda bem!—os agouros de vossa mãe... hão de sahir falsos de todo. O Arcebispo, o conde de Sabugal, e os outros, já vosso tio os trouxe á razão, já os moderou. Miguel de Moura é que ainda está renitente; mas hade-lhe passar. Por estes dias fica tudo socegado. Já o estava se elle quizesse dizer que o fego tinha pegado por acaso. Mas ainda bem que o não quiz fazer; era desculpar com a vilania de uma mentira o generoso crime por que o perseguem.

Maria—Meu nobre pae!—Mas quando hade elle sahir d'aquelle homizio! Passar os dias retirado n'essa quinta tão triste d'além do Alfeite, e não poder vir aqui senão de noite, por instantes, e Deus sabe com que perigo!

Telmo—Perigo nenhum; todos o sabem e fecham os olhos. Agora é só conservar as apparencias ahi mais uns dias, e depois fica tudo como d'antes.

Maria—Ficará, pode ser, Deus queira que seja!—Mas tenho cá uma cousa que me diz que aquella tristeza de minha mãe, aquelle susto, aquelle terror em que estás—e que ella disfarça com tanto trabalho na presença de meu pae (tambem a mim m'o queria encobrir, mas agora já não pode, coitada!) aquillo é pressentimento de desgraça grande...—Oh! mas é verdade... vinde cá; (*leva-a deante dos tres retratos que estão no fundo; apontando para o de D. João*) de quem é este retrato aqui, Telmo?

Telmo (*olha e vira a cara de repente*) Esse é... hade ser... é um da familia, d'estes senhores da casa de Vimioso, que aqui estão tantos.

Maria (ameaçando-o com o dedo)—Tu não dizes a verdade, Telmo.

Telmo (*quasi offendido*)—Eu nunca menti, senhora D. Maria de Noronha.

Maria—Mas não diz a verdade toda o senhor Telmo Paes, que é quasi o mesmo.

Telmo—O mesmo!... Disse-vos o que sei, e o que é verdade; é um cavalleiro da familia de meu outro amo que Deus... que Deus tenha em bom lugar.

Maria—E não tem nome o cavalleiro?

Telmo (*embarracado*)—Hade ter: mas eu é que...

Maria (*como quem lhe vai tapar a boca*)—Agora é que tu ias mentir de todo... cala-te.—Não sei para que são estes mysterios: cuidam que eu heide ser sempre creança!—Na noite que viemos para esta casa, no meio de toda aquella desordem eu e minha mãe entrámos por aqui dentro sós e viemos ter a esta sala. Estava alli um brandão acceso, encostado a uma dessas cadeiras que tinham posto no meio da casa: davatodo o clarão da luz n'aquelle retrato... Minha mãe, que me trazia pela mão, pôe de repente os olhos n'elle e dá um grito, oh meu Deus!... ficou tam perdida de susto, ou não sei de que, que me ia cahindo em cima. Pergunto-lhe o que é; não me respondeu: arrebata da tocha, e leva-me com uma força... com uma pressa a correr por essas casas, que parecia que vinha alguma cousa má atraz de nós.—Ficou n'aquelle estado em que a temos visto ha oito dias, e não lhe quiz falar mais em tal. Mas este retrato que ella não nomeia nunca de quem é, e só diz assim ás vezes: «O outro, o outro...» este retrato, e o de meu pae que se queimou, são duas imagens que lhe não saem do pensamento.

Telmo (*com anciedade*)—E esta noite ainda lidou muito n'isso?

Maria—Não; desde hontem pela tarde, que cá esteve o tio Fr. Jorge e animou com muitas palavras de consolação e de esperança em Deus, e que lhe disse do que contava abrandar os Governadores, minha mãe ficou outra; passou-lhe de todo, ao menos até agora.—Mas então, vamos, tu não me dizes do retrato? Olha: (*designando o d'El-rei D. Sebastião*) aquelle do meio, bem sabes se o conhecerei; é o do meu querido e amado rei D. Sebastião. Que majestade! que testa aquella tão austera, mesmo d'um rei moço e sincero ainda, leal, verdadeiro

que tomou ao serio o cargo de reinar, e jurou que
hade engrandecer e cobrir de gloria o seu reino !
Elle alli está... E pensar que havia de morrer ás
mãos de mouros, no meio de um deserto, que
n'uma hora se havia de apagar toda a ousadia re-
flectida que está n'aquelle olhos rasgados, no aper-
tar d'aquelle bôcca !... Não pôde ser, não pôde
ser. Deus não podia consentir em tal.

Telmo—Que Deus te ouvisse, anjo do céo !

Maria—Pois não ha prophecias que o dizem ? Ha, e
eu creio n'ellas. E tambem creio n'aquell'outro que
alli está; (*indica o retrato de Camões*) aquelle meu
amigo com quem tu andaste lá pela India, n'essa
terra de prodigios e bizarrrias, por onde elle ia...
como é ? ah, sim...

«N'ua mão sempre a espada e n'outra a pena...»

Telmo—Oh ! o meu Luiz, coitado ! bem lh'o pagaram.
Era um rapaz mais moço do que eu, muito mais...
e quando o vi a ultima vez... foi no alpendre de
San'Domingos em Lisboa—parece-me que o estou
a vêr !—tam mal trajado, tam encolhido... elle que
era tam desembaraçado e galan... e então velho !
velho alquebrado,—com aquelle olho que valia
por dois mas tam sumrido e encovado já, que eu
disse commigo : «Ruim terra te comerá cedo corpo
da maior alma que deixou Portugal !»—E dei-lhe
um abraço... foi o ultimo... Elle pareceu ouvir o
que me estava dizendo o pensamento cá por den-
tro, e disse-me : «Adeus Telmo ! San'Telmo seja
commigo n'este cabo da navegação... que já vejo
terra, amigo»—e apontou para uma cova que alli
se estava a abrir. —Os frades resavam o officio dos
mortos na egreja... Elle entrou para lá, e eu fui
me embora. D'ahi a um mez, vieram-me aqui dizer:
«Lá foi Luiz de Camões n'um lençol para Sant'-
Anna.» E ninguem mais falou n'elle.

Maria—Ninguem mais !... Pois não lêem aquelle li-
vro que é para dar memoria aos mais esquecidos ?

Telmo—O livro sim: aceitaram-n'o como o tributo
de um escravo. Estes ricos, estes grandes, que
opprimem e desprezam tudo o que não são as suas
vaidades, tomaram o livro como uma cousa que
lhes fizesse um servo seu e para honra d'elles. O

servo, acabada a obra, deixaram-n' o morrer ao desamparo sem lhe importar com isso... quem sabe se folgaram? podia pedir-lhes uma esmolla—escusavam de se incomodar a dizer que não.

Maria (*com entusiasmo*)—Está no céu, que o céu fez-se para os bons e para os infelizes, para os que já caída terra o adivinharam! Este lia nos mysterios de Deus; as suas palavras são de propheta. Não te lembras o que lá diz do nosso rei D. Sebastião?... como havia de elle então morrer? Não morreu. (*Mudando de tom*) Mas o outro, o outro... quem é ess' outro, Telmo? Aquelle aspecto tam triste, aquella expressão de melancolia tam profunda... aquellas barbas tam negras e cerradas... e aquella mão que descansa na espada como quem não tem outro arimo, nem outro amor n'esta vida ..

Telmo (*deixando-se surprehender*)—Pois tinha, oh se tinha...

(Maria olha para Telmo, como quem comprehendeu, depois torna a fixar a vista no retrato; e ambos ficam desente d' elle como fascinados. No entretanto e ás ultimas palavras de Maria, um homem embuçado com chapéu sobre os olhos levanta o posteiro da direita e vém, pé ante pé, approximando-se dos dois que o não sentem.)

SCENA II

MARIA, TELMO e MANUEL DE SOUSA

Manuel—Aquele era D. João de Portugal, um honrado fidalgo, e um valente cavalleiro.

Maria (*Respondendo sem observar quem lhe fala*)—Bem m'o dizia o coração.

Manuel (*Desembuçando-se e tirando o chapéu com muito affecto*)—Que te dizia o coração, minha filha?

Maria (*Reconhecendo-o*)—Oh meu pae, meu querido pael já me não diz mais nada o coração senão isto. (*Lança-se-lhe nos braços e beija-o na face muitas vezes*)—Ainda bem que vieste.—Mas de dia!... não tendes receio, não ha perigo já?

Manuel—Perigo, pouco. Hontem á noite não pude vir; e hoje não tive paciencia para aguardar todo o dia: vim bem coberto com esta capa...

Telmo—Não ha perigo nenhum, meu senhor; podeis estar á vontade e sem receio. Esta madrugada

muito cedo estive no convento, e sei pelo senhor Frei Jorge que está, se pode dizer, tudo concluído.

Mannel—Pois ainda bem, Maria. E tua mãe, tua mãe, filha?

Maria—Desde hontem está outra...

Manuel (*Em acção de partir*)—Vamos a vê-la.

Maria (*retendo-o*)—Não, que dorme ainda.

Mannel—Dorme? Oh, então melhor.—Sentemo-nos aqui filha, e conversemos. (*Toma-lhe as mãos; sentam-se.*) Tens as mãos tam quentes! (*Beija-a na testa.*) E esta testa, esta testa!... escalda.—Se isto está sempre a ferver! Valha-te Deus, Maria! Eu não quero que tu penses!

Maria—Então que heide eu fazer?

Manuel—Folgar, tir, brincar, tanger na harpa, correr nos campos, apanhar as flores...—E Telmo que te não conte mais historias, que te não ensine mais trovas e soláos. Poetas e trovadores padecem todos da cabeça... e é um mal que se péga.

Maria—Então para que fazeis vós como elles?... eu bem sei que fazeis.

Manuel (*Sorrindo*)—Se tu sabes tudo! Maria, minha

Maria (*Animando-a*)—Mas não sabias ainda agora de quem era aquelle retrato...

Maria—Sabia.

Manuel—Ah! você sabia e estava fingindo?

Maria (*Gravemente*)—Fingir não, meu pae. A verdade... é que eu sabia de um saber cá de dentro; ninguem m'o tinha dito, e eu queria ficar certa.

Mannel—Então adivinhas, feiticeira. (*Beija-a na testa*)—Telmo, ide vê se chamaes meu irmão: dei-lhe que estou aqui.

SCENA III

MANUEL DE SOUSA e MARIA

Manuel—Ora ouve cá, filha. Tu tens uma grande propensão para achar maravilhas e mysterios nas cousas mais naturaes e singelas. E Deus entregou tudo á nossa razão, menos os segredos de sua natureza ineffável, os de seu amor, e de sua justiça e misericordia para comnosco. Esses são os pontos sublimes e incomprehensiveis da nossa fé! Esses crêem-se: tudo o mais examina-se.—Mas vamos,

(sorrindo) não dirão que sou da Ordem dos Pré-gadores! Hade ser d'estas paredes, é unção da casa: que isto é quasi um convento aqui, Maria... Para frades de San'Domingos não nos falta senão o habito...

Maria—Que não faz o monge...

Manuel—Assim é, querida filha! Sem habito, sem escapulario nem correia, por baixo do setim e do veludo, o cilicio pode andar tam apertado sobre as carnes, o coração tam contracto no peito... a morte—e a vida que vem depois d'ella—tam deante dos olhos sempre, como na cella mais estreita e com o burel mais grosseiro cingido. Mas emfim, chega-te aos bons... sempre é meio caminho andado. Eu estou contentissimo de virmos para esta casa—quasi que nem já me peza da outra. Tenho aqui meu irmão Jorge e todos estes bons padres de San'Domingos como de portas a dentro.—Ainda não viste d'aqui a egreja? (*Levanta o reposteiro do fundo e chegam ambos á tribuna*). E' uma devota capella esta. E todo o templo tam grave! dá consolação vél-o. Deus vos deixe gosar em paz de tam boa vizinhança. (*Tornam para o meio da casa*.)

Maria (*Que parou deante do retrato de D. João de Portugal, volta-se de repente para o pae*)—Meu pae, este retrato é parecido?

Manuel—Muito; é raro vér tam perfeita similitude; o ár, os ademanes, tudo. O pintor copiou fielmente quanto viu. Mas não podia ver, nem lhe cabiam na tela, as nobres qualidades de alma, a grandeza e valentia de coração,—e a fortaleza d'aquelle vontade, serena mas indomavel, que nunca foi vista mudar. Tua mãe ainda hoje estremece só de o ouvir nomear; era um respeito... era quasi um temor santo que lhe tinha.

Maria—E lá ficou n'aquelle fatal batalha...

Manuel—Ficou.—Tens muita pena, Maria!

Maria—Tenho.

Manuel—Mas se elle vivesse... não existias tu agora, não te tinha eu aqui nos meus braços.

Maria (*Escondendo a cabeça no seio de seu pae*).—Ai meu pae!

SCENA IV

MARIA, MANUEL DE SOUSA, JORGE

Jorge—Ora aiviçaras, minha dona sobrinha: venha-me já abraçar, senhora D. Maria. (*Maria beija-lhe o escapulario; e depois abraçam-se.*) Inda bem que vieste, meu irmão! Está tudo feito: os Governadores deixam cair o caso em esquecimento; Miguel de Moura já cedeu.—O Arcebispo foi hontem a Lisboa e volta esta tarde. Vamos eu e mais quatro religiosos nossos buscal-o para o acompanhar, e tu has-de vir commosco para lhe agradecer; que não teve parte no aggravo que te fizeram, e foi quem acabou com os outros que se não resentissem da offensa ou do que lhes prouve tomar como tal... dei-xemos isso. Volta para o convento e quasi que vem ser meu hospede! é preciso fazer-lhe cumprimento, que nol-o merece.

Manuel—Se elle vem só, sem os outros.

Jorge—Só, só: os outros estão por essas quintas d'aquem do Tejo. E nós não chegamos aqui senão lá por noite.

Manuel—Se entendas que posso ir...

Jorge—Podes e deves.

Manuel—Vou decerto.—E até eu preciso de ir a Lisboa: tenho negocio de importancia no Sacramento, no vosso convento novo de freiras abaixo de San Vicente; necessito falar com a abbadessa.

Maria—Oh meu pae, meu querido pae, leva-me por quem sois, comvosco! Eu queria ver a tia Joanna de Castro; é o maior gosto que posso ter n'esta vida. Quero ver aquelle rosto... De mim não se hade tapar...

Manuel—E tua mãe?

Maria—Minha mãe dá licença, dá. Ella já está boa... oh, e em vos vendo fica boa de todo, e eu vou.

Manuel—E os áres maos em Lisboa?

Jorge—Isso já acabou de todo: nem signal de peste. —Mas enfim a prudencia.

Maria—A mim não se me péga nada.—Meu querido pae, vamos, vamos.

Manuel—Veremos o que diz tua mãe, e como ella está.

SCENA V

MARIA, MANUEL DE SOUSA, JORGE;
MAGDALENA (*entrando*)

Magdalena (*correndo a abraçar Manuel de Sousa*)—Estou boa já, não tenho nada, esposo da minha alma, todo o meu mal era susto; era terror de te perder.

Manuel—Querida Magdalena!

Magdalena—Agora estou boa: Telmo já me desse tudo e curou-me com a boa nova.—Maria, Deus lembrou-se de nos: ouviu as tuas orações, filha, que as minhas... (*Vae a recahir na sua tristeza*.)

Jorge—Ora, pois, mana, ora pois!... Louvado seja Elle por tudo. E haja alegria! Que era sermos desagradecidos para com o senhor, que nos valeu, mostrar-se hoje alguém triste n'esta casa.

Magdalena (*fazendo por se alegrar*)—Triste porquê? As tristezas acabaram (*Para Manuel de Sousa*.) Tu ficas aqui já de vez. Não me deitas mais, não saes d'ao pé de mim?—Agora, olha, estes primeiros dias ao menos, has-de-me aturar, has-de-me fazer companhia. Preciso muito, querido

Manuel—Pois sim, Magdalena, sim; farei quanto quizeres.

Magdalena—E' que eu estou boa... boa de todo mas tenho uma...

Manuel—Uma imaginacão que te atormenta. Haveremos de castigal-a, ainda que não seja senão para dar exemplo a certa donzella que nos está ouvindo e que precisa... precisa muito.—Pois olha: hoje é sexta feira.

Magdalena—Sexta feira! (*aterrada*) ai que é sexta feira!

Manuel—Para mim tem sido sempre o dia mais bem estreado de toda a semana.

Magdalena—Sim!

Manuel—E' o dia da paixão de Christo, Magdalena.

Magdalena (*Cabendo em si*)—Tens razão.

Manuel—E' hoje sexta feira; e d'aqui a oito... vamos —d'aqui a quinze dias bem contados, não saio de casa. Estás contente?

Magdalena—Meu esposo, meu marido, meu querido Manuel!

Manuel—E tu, Maria?

Maria (Amuada)—Eu não.

Manuel (para Magdalena)—Queres tu saber por que é aquele amuo? E' que eu precisava de ir hoje a Lisboa...

Magdalena—A Lisboa... hoje!

Manuel—Sim: e não posso deixar de ir, sabes que por fins d'esta minha pendencia com os Governadores, eu fiquei em dívida—quem sabe se da vida? Miguel de Moura e esses meus degenerados parentes eram capazes de tudo!—Mas o certo é que fiquei em muita dívida ao Arcebispo. Ele volta hoje aqui para o convento; e meu irmão, que vai com outros religiosos para o acompanharem, entende que eu tambem devo ir. Bem vês que não ha remedio.

Magdalena—Logo hoje!... Este dia de hoje é o peior... se fosse ámanhã, se fosse passado hoje!... E quando estarás de volta?

Jorge—Estamos aqui sem falta á bôcca da noite.

Magdalena (fazendo por se resignar)—Paciencia; ao menos valha-nos isso. Não me deixam aqui só outra noite... esta noite, particularmente, não fico só...

Manuel—Não, socega, não; estou aqui ao anoitecer. E nunca mais saio d'ao pé de ti. E não serão quinze dias; vinte, os que tu quizeres.

Maria—Então vou, meu pae, vou?—Minha mãe dá licença, dá?

Magdalena—Vaes aonde, filha? que dizes tu?

Maria—Com meu pae que tem de ir ao Sacramento, de caminho.—E bem sabeis, querida mãe, o que eu ando ha tanto tempo para ir áquelle convento para conhecer a tia D. Joanna...

Jorge—Soror Joanna: assim é que se chama agora.

Maria—E' verdade. E andam-me a prometter, ha um anno, que me hão de levar lá... D'esta vez hão de m'lo cumprir... não é assim, minha mãe, (acarinhando-a) minha querida mãesinha!—Sim, sim, dizei já que sim.

Magdalena (abraçada com a filha)—Oh Maria, Maria... também tu me queres deixar!—também tu me desamparas... e hoje!

Maria—Venho logo, minha mãe, venho logo.—Olhae; e não tenhaes cuidado commigo: vae meu pae, vae

o tio Jorge,—levo a minha aia, a Dorothea... E, é verdade, o meu fiel escudeiro hade ir tambem, o meu Telmo.

Magdalena —E tua mãe, filha, deixal-a aqui só, a morrer de tristeza? (*á parte*) e de medo!

Manuel —Tua mãe tem razão, não hade ser assim, hoje não pode ser. (*Maria fica triste e desconsolada*).

Jorge —Ora pois; eu já disse que não queria vêr hoje ninguem triste n'esta casa.—Venha cá a minha donzella dolorida, (*pegando-lhe pela mão*) e faça aqui muitas festas ao tio frade, que eu fico a fazer companhia a sua mãe. E vá, vá satisfazer essa louvável curiosidade que tem de ir vêr aquella santa freirinha que tanto deixou para deixar o mundo e se ir enterrar n'um claustro. Vá, e venha... melhor de coração, não pode ser —que tu és boa como as que são boas, minha Maria—Mas quero-te mais fria de cabeca: ouves?

Maria (*á parte*) —Fria!... quando ella estiver óca!—
(*Alto*) Vou-me apromtar minha mãe?

Magdalena (*sem vontade*) —Se teu pae quer...

Manuel —Dou licença: vae. (*Maria sae a correr*.)

SCENA VI

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, JORGE

Manuel —E' preciso deixal-a esparecer, mudar de lugar, distrahir-se: aquelle sangue está em chamas arde sobre si e consome-se, a não o deixarem correr á vontade —Hade vir melhor: verás.

Magdalena —Deus o queira!—Telmo que vá com ella; não o quero cá.

Manuel —Porquê?

Magdalena —Porque... Maria... Maria não está bem sem elle—e elle tambem... em estando sem Maria—que é a sua segunda vida, diz o pobre do velho,—sabes? Já treslê muito... já está muito... e entra-me com scismas que...

Manuel —Está, está muito velho, coitado! Pois que vá: melhor é.

SCENA VII

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, JORGE,
MARIA *entrando com TELMO e DOROTHEA*

Maria—Então vamos meu pae.

Manuel—Pois vamos.

Jorge—E são horas, vão. A' ribeira é um pedaco de rio; e até ás sete, o mais, tu precisas de estar de volta a porta da Oira, que é onde irão ter os nossos padres á espera do Arcebispo.—Eu cá me desculparei com o prior. Vão.

Maria—Minha mãe! (*Abraçando-a*) Então, se choraes assim, não vou.

Manuel—Nem eu, Magdalena. Ora pois! Eu nunca te vi assim.

Magdalena—Porque nunca assim estive....—Vão, vão... adeus!—Adeus, espôso do meu coração!—Maria, minha filha, toma sentido no ár, não te resfries. E o sol... não saias debaixo do tôlido no bergantim Telmo, não te tires d'ao pé d'ella.—Dá-me outro abraço, filha.—Dorothea, levaes tudo? (*Examina uma bolsa grande de damasco que Dorothea leva no braço.*) Pôde haver qualquer coisa, molhar-se, ter frio para a tarde... (*Telmo examinando a bolsa.*) Vae tudo: bem!—(*Baixo a Dorothea.*) Não me apartes os olhos d'ella, Dorothea. Ouve, (*Fala baixo a Dorothea que lhe responde baixo também: depois diz alto.*) Está bom.

Manuel—Não tenhas cuidados; vamos todos com ella. (*Abracam-se outra vez; Maria sae apressadamente, e para a mãe não ver que vae suffocada com choro,*)

SCENA VIII

MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, JORGE

Magdalena (*Seguindo com os olhos a filha, e respondendo a Manuel de Sousa.*)—Cuidados!... eu não tenho já cuidados. Tenho este medo, este horror de ficar só... de vir a achar-me só no mundo.

Manuel—Magdalena!

Magdalena—Que queres? não está na minha mão.—Mas tu tens razão de te enfadar com as minhas

impertinencias. Não falemos mais n'isso. Vae. Adeus!—Outro abraço. Adeus.

Manuel—Oh querida mulher minha, parece que vou eu agora embarcar n'um galeão para a India... Ora vamos: ao anoitecer, antes da noite, aqui estou.—E Jesus!... Olha a condessa de Vimioso, esta Joanna de Castro que a nossa Maria tanto deseja conhecer... olha se ella faria esses prantos quando disse o ultimo adeus ao marido...

Magdalena—Bemdita ella seja! Deu-lhe Deus muita força, muita virtude. Mas não lh'a invejo, não sou capaz de chegar a essas perfeições.

Jorge—É perfeição verdadeira; é a do Evangelho: Deixa tudo e segue-me.

Magdalena—Vivos ambos... sem offensa um do outro, querendo-se, estimando-se... e separar-se cada um para a sua cova! Vêrem-se com a mortalha já vestida—e... vivos, sãos... depois de tantos annos de amor... e convivencia... condenarem-se a morrer longe um do outro—sós, sós!—E quem sabe se n'essa tremenda hora... arrepentidos!

Jorge—Não o permitirá Deus assim... oh, não. Que horrivel coisa serial

Manuel—Não permitte, não.—Mas não pensemos mais n'elles: estáos entregues a Deus... (Pausa.) E que temos nós como isso? A nossa situação é tam diferente... (Pausa.) Em todas nós pôde El-le abençoar.—Adeus, Magdalena, adeus! até logo, Maria já lá vae no caes a esta hora... adeus!—Jorge, não a deixes. (Abraçam-se; Magdalena vai até fóra da porta com elle.)

SCENA IX

JORGE (só)

Eu faço por estar alegre, e queria vê-los contes-tes a elles... mas não sei já que diga do estado em que vejo minha cunhada, a filha... até meu irmão o desconheço! A todos parece que o cora-ção lhes adivinha desgraça... E eu quasi que tam-bém já se me pega o mal. Deus seja commosco!

SCENA X

JORGE, MAGDALENA

Magdalena (*fa ando ao bastidor*) — Vae, ouves Miranda? Vae e deixa-te lá estar até vêres chegar o bergantim; e quando desembarcarem, vem-me dizer para eu ficar descansada. (*Vem para a cena.*) Não ha vento, e o dia está lindo. Ao menos não temo sustos com a viagem. Mas a volta... quem sabe? o tempo muda tam depressa...

Jorge — Não, hoje não tem perigo.

Magdalena — Hoje... hoje! Pois hoje é o dia da minha vida que mais tenho receiado... que ainda temo que não acabe sem uma grande desgraça... É um dia fatal para mim: faz hoje annos que... que casei a primeira vez — faz annos que se perdeu el-rei D. Sebastião — e faz annos tambem que... vi pela primeira vez a Manuel de Sousa.

Jorge — Pois contaes essa entre as infelicidades da vossa vida?

Magdalena — Conto. Este amor — que hoje está sancificado e bendito no céo, porque Manuel de Sousa é meu marido — começou com um crime, porque eu amei-o assim que o vi... e quando o vi — hoje, hoje... foi em tal dia como hoje! — D. João de Portugal ainda era vivo. O peccado estava-me no coração; a bôcca não o disse... os olhos não sei o que fizeram, mas dentro d'alma eu já não tinha outra imagem senão a do amante... já não guardava a meu marido, a meu bom... a meu generoso marido... senão a grosseira fidelidade que uma mulher bem nascida quasi que mais deve a si de que ao esposo. Permittiu Deus... quem sabe se para me tentar?... que n'aquelle funesta batalha de Alcacer, entre tantos, ficasse tambem D. João...

SCENA XI

MAGDALENA, JORGE, MIRANDA

Miranda (*Apressado*) — Senhora... minha senhora!

Magdalena (*Sobressaltada*) — Quem vos chamou, que quereis — Ah! és tu, Miranda. Como assim! já chegaram?... Não pode ser.

Miranda — Não, minha senhora; ainda agora irão passando o pontal. Mas não é isso...

Magdalena — Então que é? Não vos disse eu que não viesseis d'alli antes de os vêr chegar?

Miranda — Para lá torno já, minha senhora: ha tempo de sobejo. — Mas venho trazer-vos recado... um estranho recado, por minha fé.

Magdalena — Dizei já, que me estaes a assustar.

Miranda — Para tanto não é, nem coisa séria, antes quasi para rir. E' um pobre velho peregrino, um d'estes romeiros que aqui estão sempre a passar, que vêm das bandas d'Hespanha...

Magdalena — Um captivo... um remido?

Miranda — Não, senhora, não traz a cruz, nem é ; é um romeiro — algum d'estes que vão a Sant'Iago; mas diz elle que vem de Roma e dos Santos Lo-gares.

Magdalena — Pois, coitado! virá Agasalhae-o; e dêem-lhe o que precisar.

Miranda — E que elle diz que vem da Terra Santa, e...

Magdalena — E porque não virá? — Ide, ide, e fazei o accommodar já. — E' velho?

Miranda — Muito velho — e com umas barbas!... Nunca vi tam formosas barbas de velho, e tam alvas. — Mas, senhora, diz elle que vem da Palestina e que vos traz recado...

Magdalena — A mim!

Miranda — A vós; e que por força vos hade vêr e falar.

Magdalena — Ide vêl-o, Frei Jorge. Engano hade ser, mas ide vêr o pobre do velho.

Miranda — E' escusado, minha senhora: o recado que traz, diz que a outrem o não dará senão a vós, e que muito vos importa sabel-o.

Jorge — Eu sei o que é: alguma reliquia dos Santos Lo-gares — se elle com effeito de lá vem! — que o bom do velho vos quer dar... como taes coisas se dão a pessoas da vossa qualidade... a troco de uma esmola avultada. E' o que elle hade querer: é o costume.

Magdalena — Pois venha embora o romeiro! E trazei-m'o aqui, trazei.

SCENA XII

MAGDALENA, JORGE

Jorge—Que é precisa muita cautella com estes peregrinos! A vieira no chapéu e o bordão na mão, ás vezes não são mais que negaças para armar à caridade dos fieis. E n'estes tempos revoltos...

SCENA XIII

MAGDALENA, JORGE e MIRANDA *que volta com o ROMEIRO*

Miranda (*da porta*)—Aqui está o romeiro.

Magdalena—Que entre. E vós, Miranda, tornae para onde vos mandei; ide já, e fazei como vos disse.

Jorge (*chegando á porta da direita*)—Entrae, irmão, entrae. (*O Romeiro entra devagar*) E' esta a senhora D. Magdalena de Vilhena.—E' esta a fidalga a quem desejaes falar?

Romeiro—A mesma.

(A um signal de Frei Jorge, Miranda retira-se)

SCENA XIV

MAGDALENA, JORGE, ROMEIRO

Jorge—Sois portuguez?

Romeiro—Como os melhores, espero em Deus.

Jorge—E vindes...

Romeiro—Do Santo Sepulchro de Jesus Christo.

Jorge—E visitastes todos os Santos Logares?

Romeiro—Não os visitei; morei lá vinte annos cumpridos.

Magdalena—Santa vida levastes, bom romeiro.

Romeiro Oxalá!—Padeci muita fome, e não soffri com paciencia: deram-me muitos tratos, e nem sempre os levei com os olhos n'Aquelle que alli tinha padecido tanto por mim... Queria rezar, e meditar os mysterios da Sagrada Paixão que alli se obrou... e as paixões mundanas, e as lembranças dos que se chamavam meus segundo a carne, travavam-me do coração e do espirito, que os não deixava estar com Deus, nem n'aquella terra que

é toda sua. — Oh! eu não merecia estar onde estive: bem vêdes que não soube morrer lá.

Jorge — Pois bem: Deus quiz trazer-vos á terra de vossos paes; e quando fôr sua vontade, ireis morrer socegado nos braços de vossos filhos.

Romeiro — Eu não tenho filhos, padre.

Jorge — No seio da vossa familia...

Romeiro — A minha familia... Já não tenho familia.

Magdalena — Sempre ha parentes, amigos...

Romeiro — Parentes! . Os mais chegados, os que eu me importava achar... contaram com a minha morte, fizeram a sua felicidade com ella; hão de jurar que me não conhecem.

Magdalena — Haverá tam má gente... e tam vil que tal faça?

Romeiro — Necessidade pôde muito. — Deus lh'o perdoará, se poder!

Magdalena — Não faças juizos temerarios, bomromeiro.

Romeiro — Não faço. — De parentes, já sei mais do que queria: amigos, tenho um; com esse, conto.

Jorge — Já não sois tam infeliz.

Magdalena — E o que eu poder fazer-vos, todo o amparo e gasalhado que puder dar-vos, contae comigo, bom velho, e com meu marido, que hâde folgar de vos proteger...

Romeiro — Eu já vos pedi alguma coisa, senhora?

Magdalena — Pois perdoae, se vos offendii, amigo.

Romeiro — Não ha offensa verdadeira senão as que se fazem a Deus. Pedi-lhe vós perdão a Elle, que não vos faltará de quê.

Magdalena — Não, irmão, não decerto. E elle terá compaixão de mim.

Romeiro — Terá...

Jorge (*cortando a conversação*) — Bom velho, dissesse trazer um recado a esta dama: dae-lh'o já, que haveréis mister de ir descansar ..

Romeiro (*sorrindo amargamente*) — Quereis lembrar-me que estou abusando da paciencia com que me têm ouvido? Fizestes hem, padre; eu ia-me esquecendo... talvez me esquecesse de todo da mensagem a que vim... estou tam velho e mudado do que fui!

Magdalena — Deixaes, deixae, não importa, eu folgo

de vos ouvir: dir-me-heis vosso recado quando quizerdes... logo, amanhã...

Romeiro—Hoje hade ser. Ha tres dias que não durmo nem descanso, nem pousei esta cabeça, nem pararam estes pés dia nem noite, para chegar aqui hoje, para vos dar meu recado... e morrer depois... ainda que morresse depois; porque jurei... faz hoje um anno... quando me libertaram, dei juramento sobre a pedra santa do Sepulchro de Christo...

Magdalena—Pois ereis captivo em Jerusalém?

Romeiro—Era: não vos disse que vivi lá vinte annos.

Magdalena—Sim, mas...

Romeiro—Mas o juramento que dei foi que antes de um anno cumprido, estaria deante de vós e vos diria da parte de quem me mandou...

Magdalena (aterrada)—E quem vos mandou, homem?

Romeiro—Um homem foi,—e um honrado homem... a quem unicamente devi a liberdade... a ninguem mais. Jurei fazer-lhe a vontade, e vim.

Magdalena—Como se chama?

Romeiro—O seu nome nem o da sua gente nunca o disse a ninguem no captiveiro.

Magdalena—Mas enfim, dizei vós...

Romeiro—As suas palavras, trago-as escriptas no coração com as lagrimas de sangue que lhe vi chorar, que muitas vezes me cahiram n'estas mãos, que me correram por estas faces. Ninguem o consolava senão eu... e Deus! Vede se me esqueceriam as suas palavras.

Jorge—Homem, acabaes.

Romeiro—Agora acabo; sofri, que elle tambem sofreu muito.—Aqui estão as suas palavras: «Elde a D. Magdalena de Vilhena, dizei-lhe que u.n homem que muito bem lhe quiz... aqui está vivo... por seu mal... e d'aqui não pôde sahir nem mandar-lhe novas suas de ha vinte annos que o trouxeram captivo.»

Magdalena (Na maior angiedade)—Deus tenha misericordia de mim! E esse homem, esse homem... Jesus! esse homem era... esse homem tinha sido... levaram-n'o ahi de d'onde!... de Africa?

Romeiro—Levaram.

Magdalena—Captivo?...

Romeiro—Sim.

Magdalena—Portuguez?... captivo da batalha de...
Romeiro—De Alcacer Kebir.

Magdalena (espavorida)—Meu Deus, meu Deus! Que se não abre a terra debaixo dos meus pés?... Que não caem estas paredes, que me não sepultam já aqui?...

Jorge—Callae-vos, D. Magdalena: a misericordia de Deus é infinita; esperae. Eu duvido, eu não creio... estas não são coisas para se crêrem de leve. (*Reflecte, e logo como por uma ideia que lhe accudiu de repente*) Oh! inspiração divina... (*Chegando ao Romeiro*) Conheceis bem esse homem, romeiro: não é assim?

Romeiro—Como a mim mesmo.

Jorge—Se o vireis... ainda que fôra n'outros trajes... com menos annos—pintado, digamos—conhecê-lo-heis?

Romeiro—Como se me visse a mim mesmo n'un espelho.

Jorge—Procurae n'estes retratos, e dizei-me se algum d'elles pôde ser.

Romeiro (*sem procurar, e apontando logo para o retrato de D. João*)—É aquelle.

Magdalena (*com um grito espantoso*)—Minha filha, minha filha, minha filha!... (*Em tom cavo e profundo*) Estou... estás... perdidas, deshonradas... infames! (*Com outro grito de coração*) Oh minha filha, minha filha!... (*Foge espavorida e n'este gritar.*)

SCENA XV

JORGE, e o **ROMEIRO**, que seguiu Magdalena com os olhos, e está alçado no meio da casa com aspecto severo e tremendo.

Jorge—Romeiro, romeiro! quem és tu?

Romeiro (*apontando com o bordão para o retrato de D. João de Portugal*)—Ninguem.

(Frei Jorge cai prostrado no chão, com os braços estendidos diante da tribuna. O pano desce lentamente.)

ACTO TERCEIRO

Parte baixa do palacio de D. João de Portugal, communicando pela porta á esquerda do espectador, com a capella da Senhora da Piedade na egreja de San'Paulo dos Dominicos d'Almada: é um casarão vasto sem ornato algum. Arrumadas ás paredes, em diversos ponto, escadas, tocheiras, cruzes, círculos e outras alfaias e guizamentos d'egreja de uso conhecido. A um lado um esquife do que usam as confrarias; do outro uma grande cruz negra de tábua com o letreiro J. N. R. J., e toalha pendente, como se usa nas ceremonias da Semana Santa. Mais para a scena uma banca velha com dois ou tres tamboretes; a um lado uma tocheira baixa com tocha accesa e já bastante gastar; sobre a mesa um castiçal de chumbo, de credencia, baixo e com vela ace sa tambem, — e um hábito completo de religioso dominico, tunica, escapulario, rosario, cinto, etc. No fundo porta que dá para as officinas e aposentos que occupam o resto dos baixos do palacio.—É alta noite.

SCENA I

MANUEL DE SOUSA (*Sentado n'um tamborete, ao pé da mesa, o rosto inclinado sobre o peito, os braços caídos e em completa prostração d'espirito e de corpo; n'um tamborete do outro lado JORGE, meio encostado para a mesa, com as mãos postas, e os olhos pregados no irmão.*)

Manuel — Oh minha filha, minha filha! (*silêncio longo.*) Desgraçada filha, que ficas orphan!... orphan de pae e mãe... (*Pausa*) e de familia e de nome, que tudo perdeste hoje... (*Levanta-se com violenta afflictão.*) A desgraçada nunca os teve.— Oh Jorge, que esta lembrança é que me mata, que me desespera! (*Apertando a mão do irmão, que se levantou apôs d'elle e o está consolando do gesto.*) E' o castigo terrivel do meu erro... se foi erro...

crime sei que não foi. E sabe-o Deus, Jorge, e castigou-me assim, meu irmão.

Jorge—Paciencia, paciencia; os seus juizos são imperscrutaveis. (*Acalma e faz sentar o irmão: tornam a ficar ambos como estavam.*)

Manuel—Mas eu em que mereci ser feito o homem mais infeliz da terra, posto de alvo á irrisão e ao discursar do vulgo?... Manuel de Sousa Coutinho, filho de Lopo de Sousa Coutinho, o filho do nosso pão, Jorge!

Jorge—Tu chasmas-te o homem mais infeliz da terra... Já te esqueceste, que ainda está vivo aquele...

Manuel (*caindo em si*)—É verdade. (*Pausa; e depois, como quem se desdiz.*) Mas não é, nem tanto: padeceu mais, padeceu mais longamente, e bebeu até ás fezes o calix das amarguras humanas... (*Levantando a voz.*) Mas fui eu, eu que lh'o preparei, eu que lh'o dei a beber, pelas mãos... inocentes mãos!... d'essa infeliz que arrastei na minha queda, que lancei n'esse abysmo de vergonha, a quem cobri as faces — as faces puras e que não tinham corado d'outro pejo senão do da virtude e do recato... cobri-lh'as de um véo de infamia que nem a morte hade levantar, porque lhe fica, perpétuo e para sempre, lançado sobre o tumulo a cobrir-lhe a memoria de sombras... de manchas que se não lavam! — Fui eu o auctor de tudo isto, o auctor da minha desgraça e da sua deshonra d'elles... Sei-o, conheço; e não sou mais infeliz que nenhum?

Jorge—Vê a palavra que dissesse: «deshonra»: lembra-te d'ella e de ti, e considera, se podes pleitear misérias com esse homem a quem Deus não quis acudir com a morte antes de conhecer ess'outra agonia maior.—Elle não tem...

Manuel—Elle não tem uma filha como eu, desgracado... (*Pausa*)—Uma filha bella, pura, adorada, sobre cuja cabeça — oh, porque não é na minha! — vae cahir toda essa deshonra, toda a ignominia, todo o opprobrio que a injustiça do mundo, não sei porquê, me não quer lançar no rosto a mim, para pôr tudo na testa branca e pura de um anjo que não tem outra culpa senão a da origem que eu lhe dei.

Jorge—Não é assim, meu irmão; não te cegues com a dôr, não te faças mais infeliz do que és. Já não és pouco, meu pobre Manuel, meu querido irmão! E Deus hade levar em conta essas amarguras. Já que te não pôde apartar o calix dos beiços, o que tu padeces, hade ser descontado n'ella, hade resgatar a culpa.

Manuel—Resgate! sim para o céo: n'esse confio eu... mas o mundo?

Jorge—Deixa o mundo e as suas vaidades.

Manuel—Estão deixadas todas. Mas este coração é de carne.

Jorge—Deus, Deus será o pae de tua filha.

Manuel—Olha, Jorge: queres que te diga o que eu sei decerto, e que devia ser consolação... mas não é, que eu sou homem, não sou anjo, meu irmão — devia ser consolação, e é desespêro, é a corda de espinhos de toda esta paixão que estou passando... é que a minha filha. Maria... a filha do meu amor a filha do meu peccado, se Deus quer que seja peccado — não vive, não resiste, não sobrevive a esta affronta.

(Desata a soluçar, cai com os cotovelos fixos na mesa e as mãos apertadas no rosto: fica n'esta posição por longo tempo. Ouve-se de quando em quando um soluço comprimido. Pref Jorge está em pé, detrás d'elle, amparando-o com o seu corpo, e os olhos postos no céo.)

Jorge (chamando timidamente)—Manuel!

Manuel—Que me queres, irmão?

Jorge (animando-o)—Ella não está tam mal; já lá estive hoje...

Manuel—Estiveste?... oh! conta-me, conta-me; eu não tenho... não tive ainda ânimo de a ir vêr.

Jorge—Haverá duas horas que entrei na sua camara, e estive ao pé do leito. Dormia, e mais socegada da respiração. O accesso de febre, que a tomou quando chegámos de Lisboa e que viu a mãe n'aquelle estado,—parecia declinar... quebrar-se mais alguma cousa. Dorothea, e Telmo... pobre velho coitado!... estavam ao pé d'ella, cada um de seu lado... disseram-me que não tinha tornado a... a...

Manuel—A lançar sangue?... Se ella deitou-o do coração!... não tem mais. N'aquelle corpo tam franzino, tam delgado, que mais sangue hade ha-

ver?—Quando hontem a arranquei d'ao pé da māe e a levava nos braços, não m'o lançou todo ás goladas aqui no peito! (*Mostra um lenço branco todo manchado de sangue.*) Não tenho aqui .. o sangue... o sangue da minha vítima?.. que é o sangue das minhas vêas... que é o sangue da minha alma—é o sangue da minha querida filha! (*Beija o lenço muitas vezes.*) Oh meu Deus, meu Deus! Eu queria pedir-te que a levasses já... e não tenho ânimo. Eu devia aceitar por mercê da tua misericordia que chamasses aquelle anjo para junto dos teus, antes que o mundo, este mundo, infame e sem commiseração, lhe cuspisse na cara com a desgraça do seu nascimento.—Devia, devia... e não posso, não quero, não sei, não tenho ânimo, não tenho coração. Peço-te vida, meu Deus (*ajoeilha e põe as mãos*) peço-te vida, vida, vida .. para ella, vida para a minha filha!... saude, vida para a minha querida filha!... e morra eu de vergonha, se é preciso, cubra-me o escarneo do mundo, deshonre-me o opprobrio dos homens, tape-me a sepultura uma loisa de ignominia, um epitaphio que fique a bradar por essas éras deshonra e infamia sobre mim!... Oh meu Deus, meu Deus! (*Cae de bruços no chão...* Passado algum tempo, Frei Jorge se chega para elle, levanta-o quasi a peso, e o torna a assentar.)

Jorge—Manuel, meu bom Manuel, Deus sabe melhor o que nos convém a todos; põe nas suas mãos esse pobre coração, põe-n'o resignado e contricto, meu irmão, e Elle fará o que em sua misericordia sabe que é melhor.

Manuel (*com vehemencia e medo*)—Então desenganas-me... desenganas-me já? .. é isso que queres dizer? Fala homem: não ha que esperar?... não ha que esperar d'allí, não é assim? dize: morre? morre?... (*Desanimado*) Tambem eu fico sem filhal!

Jorge—Não disse tal. Por caridade contigo, meu irmão, não imagines tal. Eu disse-te a verdade: Maria pareceu-me menos opprimida; dormia...

Manuel (*intirando*)—Se Deus quizera que não acordasse!

Jorge—Valha-me Deus!

Manuel—Para mim aqui está esta mortalha: (*tocando*

no hábito) morri hoje... vou amortalhar-me logo; e adeus tudo o que era mundo para mim! Mas minha filha não era do mundo... não era, Jorge; tu bem sabes que não era: foi um anjo que veio do céo para me acompanhar na peregrinação da terra, e que me apontava sempre, a cada passo da vida, para a eterna pousada d'onde viera e onde me conduzia. Separou-nos o archanjo das desgraças, o ministro das iras do Senhor que derramou sobre mim o vaso cheio das lagrimas, e a taça rasa das amarguras ardentes de sua colera. (*Cahindo de tom.*) Vou com esta mortalha para a sepultura... e, viva ou morta, cá deixo a minha filha no meio dos homens que a não conheceram, que a não hão de conhecer nunca, porque ella não era d'este mundo nem para elle... (*Pausa*)—Torna lá, Jorge, vae vel-a outra vez, vae e vem-me dizer; que eu ainda não posso... mas hei de ir, oh! hei de ir vél-a e beijal-a antes de descer á cova... Tu não queres, não podes querer...

Jorge—Havemos de ir... quando estiveres maissocegado... havemos de ir ambos: descansa, has de vél-a.—Mas istoinda é cedo.

Manuel—Que horas são?

Jorge—Quatro, quatro e meia (*Vae à porta da esquerda e volta.*) São cinco horas, pelo aívor da manhã que já dá nos vidros da egreja. D'aquí a pouco iremos, mas socega.

Manuel—E a outra... a outra desgraçada, meu irmão?

Jorge—Está—imagina por ti—está como não podia deixar de estar; mas a confiança em Deus pode muito: vae-se conformando. O Senhor fará o resto.—Eu tenho fé n'este escapulario (*tocando no hábito em cima da meia*) para ti e para ella. Foi uma resolução digna de vos, foi uma inspiração divina que os alumiou a ambos. Deixa estar; ainda pode haver dias felizes para quem soube consagrar a Deus as suas desgraças.

Manuel—E isto está tudo pronto? Eu não sofro n'estes hábitos, eu não aturo, com estes vestidos de vivo, a luz d'esse dia que vem a nascer.

Jorge—Está tudo concluído. O Arcebispo mostrou-se bom e piedoso prelado n'esta occasião: e é um santo homem, é. O arcebispo já expediu todas as

licenças e mais papeis necessarios. Coitado! o pobre do velho velou quasi toda a noite com o seu vigario para que não faltasse nada desde o romper do dia. Mandou-se ao provincial, e pela sua parte e pela nossa tudo está corrente. Frei João de Portugal, que é o Prior de Bemfica, e tambem vigario do Sacramento, sabes, chegou haverá duas horas, noite fechada ainda, e cá está: é quem te ha de lançar o habitu, a ti e a Dona... a minha irmã. —Depois ireis, segundo vosso desejo, um para Bemfica, outro para o Sacramento.

Manuel — Tu és um bom irmão, Jorge: (*Aperta-lhe a mão*) Deus t'o ha de pagar. (*Pausa*) Eu não me atrevo... tenho repugnancia... mas é forçoso perguntar-te por alguém mais. Onde está elle... e o que fará!...

Jorge — Bem sei, não digas mais: o romeiro. Está na minha cella, e de lá não hade sahir—que foi ajustado entre nós—senão quando quando eu lh'o disser. Descansa: não verá ninguem, nem será visto de nenhum d'aquelle que o não devem ver. Demais, o segredo de seu nome verdadeiro está entre mim e ti—alem do arcebispo, a quem foi indispensavel communical-o para evitar todas as formalidades e delongas que aliás havia de haver n'uma separação d'esta ordem—Ainda ha outra pessoa com quem lhe prometti—não pude deixar de prometter, porque sem isso não queria elle entrar em accordo algum—com quem lhe prometti que havia de falar hoje e antes de mais nada.

Manuel — Quem' será possivel?... Pois esse homem quer ter a crueldade de rasgar, fevra a fevra, os pedacos d'aquelle coração já partido? Não tem entranhas esse homem: sempre assim foi, duro, desapiedado como a sua espada.—E' D. Magdalena que elle quer ver?...

Jorge — Não, homem; é o seu aio velho, é Telmo-Paes Como lh'o havia eu de recusar!

Manuel — De nenhum modo: fizeste bem: eu é que sou injusto. Mas o que eu padeço é tanto e tal... —Vamos; eu ainda me não entendo bem claro com esta desgraça: dize-me, fala-me a verdade: minha mulher...—minha mulher! com que bôcca pronuncio eu anda estas palavras!—D. Magdalena o que sabe?

Jorge—O que lhe disse o romeiro n'aquelle fatal sala dos retratos... o que já te contei. Sabe que D. João está vivo, mas não sabe aonde; suppõe-n'no na Palestina talvez; é onde o deve suppor pelas palavras que ouviu.

Manuel—Então não conhece, como eu, toda a extensão, toda a indubitável verdade da nossa desgraça. Ainda bem! talvez possa duvidar, consolar-se com alguma esperança de incerteza.

Jorge—Hontem de tarde não; mas esta noite começava a raiar-lhe no espírito alguma falsa luz d'essa van esperança. Deus lh'a deixe, se é para bem seu.

Manuel—Porque não hade deixar? não é já desgraçada bastante!—E Maria, a pobre Maria!... Essa confio no Senhor que não saiba, ao menos por ora...

Jorge—Não sabe. E ninguem lh'o disse, nem dirá. Não sabe senão o que viu: a mãe quasi nas agoniais da morte. Mas o motivo, só se ella o adivinhar.—Tenho medo que o faça...

Manuel—Também eu.

Jorge—Deus será connosco e com ella!—Mas não: Telmo não lhe diz nada por certo; eu já lhe asseverei—e acreditou-me—que a mãe estava melhor, que tu ias logo vê-la... E assim espero que até lá por meio do dia, a possâmos conservar em completa ignorância de tudo. Depois ir-se-lhe-ha dizendo, pouco a pouco, até onde for inevitável. E Deus... Deus acudirá.

Manuel—Minha pobre filha, minha querida filha!

SCENA II

JORGE, MANUEL DE SOUSA, TELMO

Telmo (*Batendo de fóra à porta do fundo.*)—Acor-dou.

Manuel (*Sobressaltado.*)—É a voz de Telmo.

Jorge—É. (*Indo abrir a porta.*) Entrae, Telmo.

Telmo—Acordou.

Jorge—E como está?

Telmo—Melhor, muito melhor, parece outra. Está muito abatida, isso sim; muito fraca, a voz lenta, mas os olhos serenos, animados como d'antes e

sem aquelle fusilar de hontem. Perguntou por vós... ambos.

Manuel—E pela māe?

Telmo—Não: nunca mais falou n'ella.

Manuel—Oh filha, filha!...

Jorge—Ir-emos vel-a. (*Pega na mão do irmão.*) Tu promettes-me?

Manuel Prometto.

Jorge—Vamos. (*Chamando a Telmo para a boca da cena*) Ouvi, Telmo: lembraes-vos do que vos disse esta manhan?

Telmo—Nao me heide lembrar?

Jorge—Ficas aqui. Em nós sahindo, puchae aquella corda que vae dar á sineta da sacristia: virá um irmão converso; dizei-lhe o vosso nome, elle ir-se-ha sem mais palavra, e vós esperae. Fechae logo esta porta nor dentro, e não abraes senão á minha voz. Entendestes?

Telmo—Ide descançado.

SCENA III

TELMO, depois o IRMÃO CONVERSO

Telmo (*Vae para deitar a mão á corda, para suspenso algum tempo e depois*)—Vamos: isto hade ser. (*Ouve-se tocar longe uma sineta: Telmo fica pensativo e com o braço alevantado e immovel.*)

Converso—Quem sois?

Telmo (*Estremecendo.*)—Telmo Paes.

(O Converso fia venia e vai-se.)

SCENA IV

Telmo (só.)—Virou-se-me a alma toda com isto: não sou já o mesmo homem. Tinha um presentimento do que havia de acontecer... parecia-me que não podia deixar de succeder... e cuidei que o desejava em quanto não veiu.—Veiu, e fiquei mais aterrado, mais confuso que ninguem!—Meu honrado amo, o filho do meu nobre senhor estai vivo... o filho que eu criei n'estes braços... vou saber novas certas d'elle—no fim de vinte annos de o julgarem todos perdido—e eu, eu que sem-

pre esperei, que sempre suspirei pela sua vinda... —era um milagre que eu esperava sem o crer! Eu agora tremo... E' que o amor d'est' outra filha, d'esta ultima filha, é maior; e venceu... venceu, apagou o outro. Perdõe-me Deus, se é pecado. Mas que peccado hade haver com aquelle anjo? Se me ella viverá, se escapará d'esta crise terrível! —Meu Deus, meu Deus! (Ajoelha-se) Levae o velho que já não presta para nada, levae-o por quem sois! (Apparece o Romeiro a porta da esquerda, e vem lentamente approximando-se de Telmo que não dá por elle.) Contentae-vos com este pobre sacrificio da minha vida, Senhor, e não me tomeis dos braços o innocentinho que eu criei para vós, Senhor, para vós... mas ainda não, não m'o leveis ainda. Já padeceu muito, já trespassaram bastantes dores aquella alma: esperae-lhe com a da morte algum tempo!...

SCENA V

TELMO e o ROMEIRO

Romeiro—Que não oiça Deus o teu rôgo!

Telmo (Sobressaltado)—Que voz! — Ah! é o Romeiro.

— Que me não oiça Deus! porquê?

Romeiro—Não pedias tu por meu desgraçado amo, pelo filho que creaste?

Telmo (A'parte)—Já não sei pedir senão pela outra.

(Alto) E que pedisse por elle, ou por outrem, porque me não hade ouvir Deus se lhe peço a vida de um inocente?

Romeiro—E quem te disse que elle o era?

Telmo—Esta voz... esta voz! — Romeiro, quem és tu?

Romeiro (tirando o chapéu e levantando o cabello dos olhos)—Ninguem, Telmo; ninguem, se nem tu já me conheces.

Telmo (deitando-se-lhe ás mãos para lhe as beijar)— Meu amo, meu senhor... sois vós? — sois, sois. — D. João de Portugal, oh, sois vós, senhor!

Romeiro—Teu filho já não é.

Telmo—Meu filho!... Oh! é o meu filho todo; a voz, o rosto... Só estas barbas, este cabello não... Mais branco já que o meu, senhor!

Romeiro — São vinte annos de captiveiro e miseria, de saudades, de âncias que por aqui passaram. Para a cabeça bastou uma noite como a que veiu depois da batalha d'Alcacer; a barba, acabaram de a curar o sol da Palestina e as aguas do Jordão.

Telmo — Por tam longe andastes!

Romeiro — E por tam longe eu morrêra! — Mas não quiz Deus assim.

Telmo — Seja feita a sua vontade.

Romeiro — Péza-te!

Telmo — Oh, senhor!

Romeiro — Péza-te?

Telmo — Hade-me pezar da vossa vida? (*A' parte*) meu Deus! parece-me que menti...

Romeiro — E porque não, se já me péza a mim d'ella, se tanto me péza ella a mim? — Amigo, ouve... Tu és meu amigo?

Telmo — Não sou?

Romeiro — É's: bem sei. E comtudo, vinte annos de ausencia, e de conversação de novos amigos, fazem esquecer tanto os velhos!... mas tu és meu amigo! É se tu o não fóras quem o seria?

Telmo — Senhor!

Romeiro — Eu não quiz acabar com isto, não quiz pôr em effeito a minha ultima resolução sem falar contigo, sem ouvir da tua bocca.

Telmo — O que quereis que vos diga, senhor? — Eu...

Romeiro — Tu, bem sei que duvidaste sempre da minha morte, que não quizeste ceder a nenhuma evidencia; não me admirou de ti, meu Telmo, mas tambem não posso — Deus me ouve — não posso criminar ninguem porque o acreditasse: as provas eram de convencer todo o ânimo; só lhe podia resistir o coração. E aqui... coração que fosse meu... não havia outro.

Telmo — Sois injusto.

Romeiro — Bem sei o que queres dizer. — E é verdade de isso? é verdade que por toda a parte me procuraram, que por toda a parte... ella mandou mensageiros, dinheiro?

Telmo — Como é certo estar Deus no céu, como é verdade ser aquella a mais honrada e virtuosa dama que tem Portugal.

Romeiro — Basta: vae dizer-lhe que o peregrino era um impostor, que desappareceu, que ninguem

mais houve novas d'elle; que tudo isto foi vil e
grosseiro embuste dos inimigos de... dos inimigos
d'esse homem que ella ama... E que socgue,
que seja feliz—Telmo, adeus!

Telmo—E eu heide mentir, senhor, eu heide renegar
de vós, como ruim vilão que não sou?

Romeiro—Hasde porque eu te mando.

Telmo (*Em grande angústia*)—Senhor, senhor
não tenteis a fidelidade do vosso servo. E' que vós
não sabeis... D. João, meu senhor, meu amo, meu
filho, vós não sabeis...

Romeiro—O quê?

Telmo—Que ha aqui um anjo... uma outra filha
minha, senhor, que eu também criei...

Romeiro—E a quem já queres mais que a mim; di-
ze a verdade.

Telmo—Não m'o pergunteis.

Romeiro—Nem é preciso. Assim devia de ser. Tam-
bém tu!—Tiraram-me tudo. (*Pausa*)—E têm um
filho elles?...—Eu não...—E mais imagino...
Oh passaram hoje peior noite do que eu. Que lh'o
leve Deus em conta e lhes perdoe como eu per-
doei já.—Telmo, vae fazer o que te mandei.

Telmo—Meu Deus, meu Deus! que heide eu fazer?

Romeiro—O que te ordena seu amo—Telmo, dá-me
um abraço. (*Abraçam-se*)—Adeus, adeus até...

Telmo (*Com angústia crescente*).—Até quando, se-
nhor?

Romeiro—Até ao dia de juizo.

Telmo—Pois vós?

Romeiro—Eu...—Vae, saberás de mim, quando fôr
tempo. Agora é preciso remediar o mal feito. Fui
imprudente, fui injusto, fui duro e cruel. E para
quê—D. João de Portugal morreu no dia em que
sua mulher disse que elle morrerá. Sua mulher
honrada e virtuosa, sua mulher que elle amava...
oh Telmo, Telmo com que amor a amava eu!—
Seu mulher que elle já não pôde amar sem des-
honra e vergonha!?. Na hora em que ella acre-
ditou na minha morte, n'essa hora morri. Com a
mão que deu a outro riscou-me do numero dos
vivos. D. João de Portugal não hâde deshonrar a
seu viúva. Não: vae; dito por ti terá dobrada força:
dize-lhe que falaste com o romeiro, que o exami-
naste, que o convenceste de falso e de impostor...

dize o que quizeres, mas salva-a a ella da vergonha e ao meu nome da affronta. De mim já não ha se não esse nome, ainda honrado; a memoria d'ele que fique sem mancha.—Está em tuas mãos, Telmo, entrego-te mais que a minha vida. Queres faltar-me agora?

Telmo—Não, meu senhor; a resolução, é nobre e digna de vós. Mas pode ella aproveitar ainda?

Romeiro—Porque não?

Telmo—Eu sei! — Talvez...

SCENA VI

ROMEIRO, TELMO; MAGDALENA (*de fóra à porta do fundo.*)

Magdalena—Espôso, espôso! abri-me, por quem sois. Bem sei que aqui estaeas; abri.

Romeiro—É ella que me chama. Santo Deus! Magdalena que chama por mim...

Telmo—Por vós!

Romeiro—Pois por quem?... não lhe ouvis gritar; —«Espôso, espôso!»

Magdalena—Marido da minha alma, pelo nosso amor te peço, pelos doces nomes que me deste, pelas memorias da nossa felicidade antiga, pelas saudades de tanto amor e tanta ventura, oh! não me negues este ultimo favor.

Romeiro—Que encanto, que sedução! Como lhe heide resistir!

Magdalena—Meu marido, meu amor, meu Manuel!

Romeiro—Ah!... E eu tam cego que já tomava para mim. —Ceo e inferno! abra-se esta porta...

(*Investe para a porta com impeto, mas pára de repente.*) Não: o que é dito é dito. (Vae precipitadamente á corda da sineta, toca com violencia; aparece o mesmo irmão converso e a um sinal do Romeiro ambos desapparecem pela porta da esquerda.)

SCENA VII

TELMO, MAGDALENA; depois JORGE
e MANUEL DE SOUSA

Magdalena (*Ainda de fóra*) — Jorge, meu irmão, Frei Jorge, vós estais aí, que eu bem sei; abri-me por caridade, deixai-me dizer uma única palavra a meu... a vosso irmão: — e não vos importuno mais, e farei tudo o que de mim quereis, e... (*Ouve-se do mesmo lado ruído de passos apressados, e logo a voz de Frei Jorge.*)

Jorge (*de fóra*) — Telmo, Telmo, abri, se podeis... abri já.

Telmo (*abrindo a porta*) — Aqui estou eu só.

Magdalena (*entrando desgrenhada e fóra de si, procurando, com os olhos, todos os recantos da casa.*) — Estaveis aqui só, Telmo? E elle para onde foi?

Telmo — Elle quem, senhora?

Jorge (*vindo à frente*) — Telmo estava aqui guardando por mim, e com ordem de não abrir a ninguém em quanto eu não viesse.

Magdalena — Aqui havia duas vozes que falavam.

Telmo (*aterrado*) — Ouvistes?

Magdalena — Sim, ouvi. Onde está elle, Telmo? onde está meu marido... Manuel de Sousa?

Manuel — (*que tem estado no fundo, em quanto Magdalena sem o ver, se adiantara para a cena, vem agora à frente*) — Esse homem está aqui, senhora; que lhe quereis?

Magdalena — Oh que ár, que tom, que modo esse com que me falas!

Manuel (*enternecedendo-se*) — Magdalena... (*Caindo em si e gravemente*) Senhora, como quereis que vos faie, que quereis que vos diga? — Não está tudo dito entre nós?

Magdalena — Tudo! quem sabe? Eu parece-me que não. Olha: eu sei?... mas não dariamos nós, com demasiada precipitação, uma fé tam céga; uma crença tam implicita a essas misteriosas palavras de um romeiro, um vagabundo... um homem em fio que ninguem conhece? Pois diz...

Telmo (*à parte a Jorge*) — Tenho que vos dizer, ouvi. (*Conversam ambos à parte.*)

Manuel—Oh Magdalena, Magdalena! não tenho mais nada que te dizer.—Crê-me que t'ô juro na presença de Deus: a nossa união, o nosso amor é impossível.

Jorge (*continuando a conversação com Telmo, e levantando a voz com aspereza*)—É impossível, já agora...—e sempre o devia ser.

Magdalena (*virando-se para Jorge*)—Também tu, Jorge!

Jorge (*virando-se para ella*)—Eu falava com Telmo, minha irman.—(*Para Telmo*) Ide, Telmo, ide onde vos disse, que sois mais preciso lá (*Fala-lhe ao ouvido; depois alto*) Não m'a deixes um instante, ao menos até passar a hora fatal.

(Telmo sai com repugnância, e rodeando para ver se chega ao pe de Magdalena, Jorge, que o percebe, faz-lhe um sinal imperioso; elle recua, e finalmente se retira pelo fundo.)

SCENA VIII

MAGDALENA, MANUEL DE SOUSA, JORGE

Magdalena—Jorge, meu irmão, meu bom Jorge, vós, que sois tam prudente e reflectido, não daes nenhuma pêso ás minhas duvidas!

Jorge—Tomára eu ser tam feliz que podesse, querida irman.

Magdalena—Pois entendéis?...

Manuel—Magdalena... senhora! Todas estas coisas são já indignas de nós.—Até hontem, a nossa desculpa, para com Deus e para com os homens, estava na boa fé e seguridade de nossas consciências. Essa acabou. Para nós já não ha senão estas mortalhas, (*tirando os habitos de cima da banca*) e a sepultura de um claustro.—A resolução que tomámos é a unica possível; e já não ha que voltar atraz... Ainda hontem falavamos dos condes de Vimioso... Quem nos diria... oh incompreensíveis mysterios de Deus!... Animo, e ponhamos os olhos n'aquella cruz! — Pela ultima vez Magdalena... pela derradeira vez n'este mundo, querida... (*Vae para a abraçar e recua*) Adeus, adeus! (*Foge precipitadamente pela porta da esquerda*)

SCENA IX

MAGDALENA, JORGE; (*Côro dos frades dentro*)

Magdalena—Ouve, espera; uma só palavra; Manuel de Sousa!... (*Toca o orgão dentro.*)

Côro (dentro)—De profundis clamavi ad te, Domine; Domine, exaudi vocem meam.

Magdalena (*indo abraçar-se com a cruz*)—Oh Deus; senhor meu! pois já, já? nem mais um instante, meu Deus?—Cruz do meu Redemptor, oh cruz preciosa, refúgio de infelizes, ampara-me tu, que me abandonaram todos n'este mundo, e já não posso com as minhas desgraças... e estou feita um espetáculo de dor e de espanto para o céo e para a terra!—Toma, Senhor, tóma tudo...—A minha filha também?... Oh! a minha filha, a minha filha... também essa vos dou, meu Deus—E agora, que mais quereis de mim, Senhor? (*Toca o órgão outra vez.*)

Côro (dentro)—Fiant aures tuae intendentes; in vocem deprecationis meae.

Jorge—Vinde, minha irman, é a voz do Senhor que vos chama. Vae começar a santa cerimónia.

Magdalena (*enxugando as lágrimas e com resolução*)—Elle-foi?

Jorge—Foi sim, minha irman.

Magdalena (*levantando-se*)—E eu vou. (*Saem ambos pela porta do fundo.*)

SCENA X

Corre o pano do fundo, e aparece a egreja de São Paulo: os frades sentados no côro. Em pé junto ao altar-mór. o PRIOR DE BEMFICA. Sobre o altar dois escapularios dominicano. MANUEL DE SOUSA de joelhos com o hábito de noviço vestido, à direita do Prior, o ARCEBISPO de capa magna e barrete no seu throno, rodeado dos seus clérigos em sobrepeças. Pouco depois entra JORGE acompanhando MAGDALENA também já vestida de noviça e que vai ajoelhar à esquerda do Prior. — Toca o órgão.

Côro—Si iniquitates observaveris, Domine; Domine, quis sustinebit?

Prior (tomando os escapularios de cima do altar) — Manuel de Sousa Coutinho, irmão Luiz de Sousa, pois em tudo quizestes despir o homem velho, abandonando tambem ao mundo o nome que n'ele tinheis! — Soror Magdalena! Vós ambos, que já fostes nobres senhores no mundo, e aqui estaes prostrados no pó da terra, n'esse humilde habito de pobres noviços; que deixastes tudo até vos deixar a vós mesmos... filhos de Jesus Christo, e agora de nosso padre San'Domingos, recebei com este bento escapulario...

SCENA XI

O PRIOR DE BEMFICA, o ARCEBISPO, MANUEL DE SOUSA, MAGDALENA, etc. MARIA (que entra precipitadamente pela egreja em estado de completa alienação; traç umas roupas brancas, desalinhadas e caídas, os cabellos soltos, o rosto macerado, mas inflamado com as roseas éthicas; os olhos desvairados; para um momento, reconhece os paes, e vae direita a elles.) — Espanto geral: a cerimonia interrompe-se.)

Maria — Meu pae, meu pae, minha mãe! levantae-vos, vinde (Toma-os pelas mãos: elles obedecem machinalmente, vém ao meio da scena: confusão geral.)

Magdalena — Maria! minha filha!

Manuel — Filha, filha!... Oh, minha filha... (Abraçam-se ambos n'ella.)

Maria (separando-se com elles da outra gente, e trazendo-os para a bocca da scena.) — Esperae: aqui não morre ninguem sem mim. Que quereis fazer? Que ceremonias são estast? Que Deus é esse que está n'esse altar, e quer roubar o pae e a mãe a sua filhat? — (Para os circumstantes) Vós quem sois, espectros fataes?... quereis-m'os tirar dos meus braços?... Esta é a minha mãe, este é o meu pae... Que me importa a mim com o outro? Que morresse ou não, que esteja com os mortos ou com os vivos — que se fique na cova ou que resuscite

meus. — Não ha mais do que vir ao meio de uma familia e dizer: Vós não sois marido e mulher?... e esta filha do vosso amor, esta filha criada ao collo de tantas meiguices, de tanta ternura, esta filha é... — Mãe, mãe, eu bem o sabia... nunca t'ô disse, mas sabia-o: tinha-m'o dito aquelle anjo terrível que me apparecia todas as noites para me não deixar dormir... aquelle anjo que descia com uma espada de chamas na mão, e a atravessava entre mim e ti, que me arrancava dos teus braços quando eu adormecia n'elles... que me fazia chorar quando meu pae ia beijar-me no meu collo. — Mãe, mãe, tu não hasde morrer sem mim... Pae, dá cá um panno da tua mortalha... dá cá, eu quero morrer antes que elle venha: (*Encolhendo-se no habitto do pae*) Quero-me esconder aqui, antes que venha esse homem do outro mundo dizer-me na minha cara e na tua — aqui deante de toda esta gente: Essa filha é a filha do crime e do peccado!... Não sou; diz, meu pae, não sou... diz a essa gente toda, diz que não sou. (*Vae para Magdalena*) Pobre mãe! tu não podes... coitada!... não tens animo... — nunca mentiste?... Pois mente agora para salvar a honra de tua filha, para que lhe não tirem o nome de seu pae.

Manuel — Misericordia, meu Deus!

Maria — Não queres? Tu tambem não, pae? — Não querem. E eu heide morrer assim... e elle vem ahi...

SCENA XII

MARIA, MAGDALENA, MANUEL;
o ROMEIRO e TELMO que aparecem no fundo
da scena sahindo detrás do altor-mór

Romeiro (para Telmo) — Vae, vae; vê se ainda é tempo; salva-os, que ainda podes. (*Telmo dá alguns passos para deante.*)

Maria (apontando para o Romeiro) — É aquella voz, é elle — Já não é tempo. Minha mãe, meu pae, cubri-me bem estas faces, que morro de vergonha... (*Esconde o rosto no seio da mãe*) morro... de vergonha... (*Cae e fica morta no*

chão. Manuel de Sousa e Magdalena prostram-se ao pé do cadáver da filha.)

Manuel (*Depois de algum espaço, levanta-se de joelhos*) — Minha irman, rezemos por alma... encomendemos a nossa alma a este anjo que Deus levou para si. Padre Prior, podeis-me lançar aqui o escapulario?

Prior (*indo buscar os escapularios ao altar-mór e tornando*) — Meus irmãos, Deus afflige n'este mundo aquelles que ama. A corôa de gloria não se dá senão no céu.

(*Toca o orgão e cai o pano*)

NOTAS

A Memoria ao Conservatorio

Nota A

Todos ficaram atras de Camões, porque todos o quiseram esfumar (o assumpto de Ignez de Castro) julgando dar-lhe maisusteridade..... pag.

Ignez de Castro, o mais bello e poetico episodio do riquissimo romance da historia portugueza, está por tratar ainda, ou eu muito me engano. Camões fez o que fizeram todos os grandes poetas nacionaes chamados por sua augusta missão a enfeixar, n'um magnifico e perpetuo monumento, todas as glorias, todas as tradições poeticas de um povo: este é o caracter da sua epopeia e de todas as verdadeiras epopeias; fixam as crenças e a historia maravilhosa de uma nação, são elles mesmas parte consubstancial, typica e quasi hieratica d'essa nacionalidade que consagraram pela religião da poesia. Taes foram para os gregos os dois poemas de Homero, para os persas o *Scháhnámeh* (Livro dos Reis) de Firdusi, para os povos do norte o *Niebelungen*, para as nações christans do meio dia o *Irlande* de Ariosto. E por isto nos mais antigos se duvida ainda hoje de seu verdadeiro auctor, que alguns não querem que seja senão collector, como o nome de rhapsodias, dado aos contos de Homero, parece inculcar.

Nem eu nem o logar somos proprios para se decidir a questão. O que para mim é decidido é que o nosso Homero portuguez deu ao seu poema o cunho e caracter de epopeia nacional quando n'elle reuniu todas as nossas mais queridas memorias e recordações antigas, desde Viriato, o vencedor dos Romanos, até D. João de Castro o triumphador romano. Assim juntou todas as rhapsodias do romance portuguez, e

fez a *Iliada* dos Lusitanos. Ignez de Castro entrou no quadro como elle a achou nas tradições populares, e nas chronicas velhas, que pouco mais eram do que as tradições populares, escriptas.—ou como então se diria, «postas por escriptura.» A pintura é rapida, e bella da simplicidade antiga dos grandes pinceis, como só os sabe menear a poesia popular; não pécca senão nos ornatos classicos do mao gôsto da Renascença a que por vezes sacrificou o grande poeta; tal é a fáha de Ignez a el-rei. . .

O romance de Garcia de Rezende não tem esse defeito: tem menos d'elle a tragedia de Antonio Ferreira, apezar de tam moldada pelos exemplares gregos. Mas estas são as tres composições sobre Ignez de Castro que verdadeiramente se approximaram do assumpto. O mais tudo que produziu a litteratura portugueza e castelhana, e que reproduziram tam descorado as extranhas, está abaixo da craveira.

Exceptuemos todavia as Chronicas antigas, que são mais poeticas na sua prosa tam sincera, do que a maior parte dos poetas que as traduziram para a affectação das suas rhymes.

Não haverá um portuguez que se affoite a competir por este grande premio, o maior que a litteratura patria tem levantado no meio da arena poetica? Precisa, é verdade, ser um Shakspeare ou um Schiller: sobretudo precisa esquecer todos os exemplares classicos e romanticos, não querer fazer á Racine ou á Victor Hugo, à maneira d'este grego ou d'aquel l'outro latino ou d'est'outro inglez, e «crear-se a si para» o assumpto. O que principalmente falta é esta resolução.

Nota B

Se eu podesse tomar nas mãos o escopro de Canova ou de Thorwaldsen..... pag. 7

Não escrevi esta phrase á tóa: é uma convicção minha que na poesia da linguagem o genero paralelo á Estatuaría é a Tragedia: assim como a Epopeia á grande architectura: e os outros generos, especies e variedades litterarias aos seus correspondentes na Pintura: ode á allegoria, idylho á paizagem, epigramma á caricatura, romance e drama ao quadro historico, e assim os mais. A Musica segue as divisões da Poesia falada, cuja irman gemea nasceu. Ao cabo, ARTE é uma só, expressada por variados modos segundo são

variado os sentidos do homem. Em vez de tantos mestres de rhetorica e poetica, ou de litteratura como agora creio que se chamam, um só que desenvolvesse esta doutrina tam simples como verdadeira, aproveitava no curso de um anno o que elles perdem e têm perdido em muitas dezenas.

Nota C

Essa é essa verdadeira tracedia—se as pôde haver, e como só imagino que as possa haver sobre factos e pessoas comparativamente recentes..... pag. 7

Racine desculpa-se de ser posto na scena tragica um assumpto tam moderno como Bajazet, julgando suprido o dffefito da edade com a distancia do logar, a diversidade dos costumes e o mysterio das coisas do serralho. Nos assumptos nacionaes, porém, ao menos para nós, ha um termo além do qual a scena não supporta o verso. D. Sebastião é talvez o ultimo caracter historico a quem ainda podessemos ouvir recitar hendecasyllabos: d'ahi para cá duvido. Do tempo de Frei Luiz de Sousa pode ser que ainda se ature o verso em assumpto ou bem tragico ou bem heroico: dependerá porém muito do modo por que os fizerem, e os declamarem, os taes versos.

Nota D

O nosso verso sólo está provado que é docil e inequuo bastante para dar todos os effeito, d'arte sem quebrar na natureza..... pag. 8

Todavia o rythmo dramatico está ainda por aferir entre nós. Nem os Gregos nem os Latinos nem os Ingleses nem os Allemães escreveram as suas tragedias no mesmo metro que as suas epopeias. Fazem-n'o os franceses porque mais não podem, com a mofina lingua que Deus lhes deu. Os Castelhanos tambem não punham no theatro quasi outro verso mais que a redondilha popular. Gil-Vicente usou de todos os metros possiveis em portuguez, mas rarisima vez do endecasyllabo. E todavia este é quasi o unico a que a prosodia da lingua dá harmonia e força bastante para soar bem sem rima. Que se hade fazer? Variar-lhe o rythmo, quebrar-lhe a monotonia da cadencia, como fez Alfieri, a quem todavia o toscano faltou com as desinencias fortes que não tem, e que no portuguez abundam tanto.

Quando para a tragedia, creio que é este o unico expediente; n'outros generos de drama entendo que se pôde tentar o exemplo dos Castelhanos.

Ainda hoje o Sr. Breton-de-los-Herreros e o proprio Sr. Martinez-de-la-Rosa estão metrificando co medias, puramente comedias, em verso de redondilha, o octasyllabo que não menos popular e natural é n'esta nossa que n'aquell'outra lingua das Hespanhas.

D'esta e de outras coisas que taes é que se devia ocupar a nossa Academia e o nosso Conservatorio.

Nota E

Ao cadaver das pláticas gastaas e escherices pelo uso comum de stimulantes violentos, galvanisal-o com sis estes dois metaes de lei: (o terror e piedade.) pag. 70

N'este ponto sou mais classico do que Aristoteles, mais estacionario que o velho Horacio, e mais ortodoxo do que Racine. Na tragedia e no drama tragico não podem entrar outros affectos. O horror, o asco, serão bons — não sei se são — para o drama a que, por falta de melhor nome talvez, chamam grande. Este ultimo genero porém, que muitos querem que não seja senão uma especie hybrida ou uma aberração, este genero, digo, tem sobretudo provado a sua incapacidade para exercer o predominio na scena, pela desmoralisacão artistica com que tem corrompido o publico. Symbolo e reflexo da anarchia, não põe limites aos desejos, devassa e franqueia tudo: em pouco tempo gasta-se, com ella, sobre si mesmo.

Não lhe fica mais que dar nem que esperar. A tendencia natural do publico, depois das saturninas da escola Ultra-romantica, é portanto toda para a ordem, para as regras, para o regimen da moderação. Felizmente na litteratura não ha oligarchias, à espreita, destes cansassos e tendencias populares, para as grangear fraudulentamente em proveito do privilegio e do absolutismo.

Nota F

Não sabia as caras de Trespaix, não beijavam a cara com bôrbas de vischio para fazer visagens ao povo... pag. 70

A escola romântica foi tam manifesta reacção contra os vicios e abusos dos ultra-classicos, tal e

tem perfeita como a do liberalismo contra a corrupta monarchia feudal. Ambas cahiram na anarchia pelo forte impulso que traziam, ambas destruiram muito porque podiam, e edificaram pouco porque não sabiam; ambas têm de oscilar ainda muito, antes que se ache o verdadeiro equilíbrio das coisas, sem voltar ao impossível que acabou, nem ir para o impossível que nunca houve ser. Nestas duas questões anda o mundo: questões que estão mais ligadas e dependentes do que cuida o vulgar dos patetas — chamados homens d'Estado, porque outra coisa não sabem ser — e o vulgar dos timidos litteratos que, ou non bene relictæ formula nos campos das disputas civis se condemnam a soneteiros de bastardos Mecenas, ou abdicam a augusta coroa de poeta popular que em nossos tempos, como nos de Alceu e de Sôphocles, e como nos de Dante, tem espinhos debaixo dos loiros e precisa tanta coragem como talento para se trazer com dignidade. — E a vida da carne é tam curta para o homem de lettras!... a da glória não lhe põem termo os homens.

Nota G

A litteratura actual é a palavra, é o verbo ainda belo ciente de uma sociedade inculta, e contudo já infeliz sobre ella..... pag. 11

Esta continua e réciproca influencia da litteratura sobre a sociedade, e da sociedade sobre a litteratura, é um dos phenomenos mais dignos da observação do philosopho. Quando a historia fôr verdadeiramente o que deve ser — e já tende para isso — haverá falar menos em batalhas, em datas de nascimentos, casamentos e mortes de principes, e mais na legislação, nos costumes e na litteratura dos povos. — Quem vier a escrever e a estudar a historia d'este nosso seculo nem a entenderá nem a fará entender decente, se o não fizer pelos livros dos sabios, dos poetas, dos moralistas que caracterizam a época, e são ao mesmo tempo causa e efeito de seus mais graves successos.

Nossos barbaros avoengos não conheciam outro poder senão a força — a força material; d'ahi não historiaram senão d'ella. As rhapsodias de historia legislativa e litteraria que algum adepto redigia, mais por curiosidade ou por espírito de classe do que por

outra coisa, não eram obras populares, nem foram nunca havidas por tais, nem por quem as escrevia, nem por quem as lia. Assim tam difícil é hoje o trabalho de ligar e comparar umas historias com outras para poder achar a historia nacional. Mas deve ser muito estupido o que não vir melhor a historia de D Manuel em Gil Vicente do que em Damiao de Goes, e a d'el-rei D. José nas leis do Marquez de Pombal e nos escriptos de José de Seabra do que nas gazetas do tempo, ou ainda nas proprias memórias mais intimas de seus amigos e inimigos.

Nas obras de Chateaubriand e de Guizot, de Delavigne e Lamartine, nas de Victor Hugo e até de George Sand, nas de Lamennais e de Cousin está o seculo dezenove com todas as suas tendencias indefinidas e vagas, com todas as suas timidias saudades do passado, seus terrores do futuro, sua desanimada incredulidade no presente. Falo da França porque é o coração da Europa: de Lisboa a San'Petersburgo, d'ahi ao rio de Janeiro e a Washington os membros todos do grande corpo social d'allí recebem e para allí refluem os mesmos accidentes de vida.

Nota H

A Comedia famosa não sei de quem, mas o assumpto era este mesmo..... pag. 11

Revolvi muitas collecções de *Comedias famosas*, que são bastantes e volumosas as que temos em Lisboa, e não pude achar aquela que vi na Povoa em 1818. É tam difícil ter aqui informações litterarias dos nossos vizinhos d'aopé da porta, que abandonei a empreza de a descobrir, apesar do vivo interesse que n'isso tinha.—É mágoa e perda que duas litteraturas que tanto ganhariam em se entender e ajudar reciprocamente, como é a nossa e a castelhana, estejam hoje mais estranhas uma á outra do que talvez nenhuma conhecidas na Europa.

Nota I

Que me não julguem sobre dados falsos e que es não to-me para assentir o problema que procurava resoltar..... pag. 11

Uma obra d'arte, seja qual fôr, não pôde ser julgada pelas regras que a critica lhe apraz estabelecer-lhe, senão pelas que o auctor invocou e tomou para

sua forma. De não entenderem ou não quererem entender este princípio de eterna verdade e justica, os encontrados anathemas com que, vae n'um seculo, se estão fulminando classicos e romanticos uns aos outros. O theatro inglez era uma galeria de monstruosidade repugnante para Voltaire e para toda a Academia franceza; as mais suaves modulações da musa de Racine pareceram trilles de capados da cappella do papa a Schlegel e a toda a escola shakspeareana d'alem do Rhin e da Mancha.

Qual tinha razão? Nenhum.*

Nota J

O drama, o *Captive de Fes* pag. 12

O relatorio da commissão do Conservatorio Real é datado de 18 de Dezembro de 1840.

Nota K

Eu sacrifico ás musas de Homero não ás de Herodoto. pag. 15

Herodoto dividiu a sua Historia, como todos sabem, em nove livros ou secções, cada uma das quaes tem o nome ou titulo de uma das nove Musas. A historia, assim como a poesia, eram para os antigos coisas sagradas e religiosas que não tratavam senão debaixo da invocação dos deuses. E as Musas, filhas da memoria, não eram o symbolo nem a inspiração dos bellos fingimentos, mas da verdade bellamente narrada. Quantas fábulas tem a *Illiada* e a *Odisseia*, não as houve por tais o poeta; senão por tradições e crenças respeitadas e respeitáveis no seu tempo. Herodoto tam pouco imaginava entrar nas provincias da poesia quando narrava as incríveis maravilhas que elle e os seus contemporaneos tinham por historia.

Nota L

O primeiro nascer do absolutismo novo, ou que deu molde a todos os absolutismos modernos, o que vale o mesmo. pag. 15

O despotismo asiatico antigo era o principio, era a regra; o absolutismo europeu moderno é o facto, a exceção, a deviação. Os despotismos da Ásia, como então eram e ainda hoje são, nascem da exageração do governo patriarchal do chefe da familia, da tribo, da nação. O absolutismo europeu é a usurpa-

cão dos direitos do povo: lá a coisa publica formou-se pelo principe e com elle; aqui é o principe que se impoz á republica. Desde Julio Cesar até agora, a origem de todas as monarchias absolutas na Europa, a fundação de todas as suas dynastias tem sido a usurpação mais ou menos violenta, mais ou menos flagrante, mais ou menos astuciosa, dos direitos da nação por um homem.

Nota M.

Para ver... se os nossos jovens escriptores... entravam por sua antiga historia a descobrir campo, a colher pelas ruinas de seus tempos heroicos os tipos de uma poesia mais nacional e mais natural..... pag. 15

Por muitos defeitos que se possam notar na nossa litteratura actual, ninguem poderá todavia asseverar que ella não seja mais natural e mais nacional, do que a sua immediata predecessora. Os sonetos, as eglogas, as odes pindaricas e os dithyrambos que, ate o primeiro quarto d'este seculo, eram a gloria dos Arcades da segunda camada, os *Jonios* e os *Josines*, os *Elmiros* e os *Belmiros*, teriam talvez—e creio que tinham—menos erros de linguagem e menos faltas de estylo do que têm os romances e os dramas de tantos rapazes de muito e de pouco talento que por ahi se deitam hoje a escrever. Mas também não tinham um pensamento, uma idéa, quasi uma phrase que não fosse copiada, imitada servilmente. Quem cantava um assumpto nacional, quem descrevia um sitio da sua terra, quem recorria a outro maravilhoso que não fosse o do Olympo? Toda a nossa litteratura era franceza com o reflexo grego e latino; ainda quando os assumptos eram nacionaes, não passava a nacionalidade dos nomes dos heroes, ou dos titulos dos poemas. O Garcão, o Tolentino e Francisco Manuel vê-se que sentiam a falsidade do tom em que estavam afinadas as suas bellas e riquissimas lyras, mas certamente lhes faltou a coragem para romper com os preconceitos academicos ainda muito poderosos então. Bocage teria podido fazê-l-o; mas aquele pasmoso talento nunca reflectiu no que era e podia, nem na alta missão a que o chamavam, tanto o seu genio como a sua popularidade.

Não me atrevo a dizer que já temos uma litteratura nacional, nem sequer sei se chegaremos a isso;

mas é sem dúvida que para lá caminhâmos, e com mais largos e mais certos passos do que nunca, desde os *Lusiadas* para cá.

Ao Drama — Acto primeiro

Nota A

Toda o luxo e caprichosa elegância portuguesa dos principios do século desesete..... pag. 21

Citarei o interessante Ms. descoberto pelo Sr. Alexandre Herculano na bibliotheca real da Ajuda, e do qual alguns extractos já foram publicados no PANORAMA de 1843.

«Posto que Lisboa seja tamanha e tam nobre povoação, não tem palacio algum de burguez ou de fidalgo que mereça consideração quanto á materia; e quanto a architectura, são edificios muito grandes. Ornám-os porém de tal modo, que na verdade ficam magnificos. Costumam forrar os aposentos de razes, de damascos e de finissimos razes no inverno, e no verão de couros dourados mui ricos que se fabricam n'aquelle cidade.»

(Ms. da Bibl. d'Ajuda.)

Nota B

N'aquelle engano d'altas ledo e cega.
Que a fortuna não deixa durar muito..... pag. 21

Os *Lusiadas* eram de certo então, no principio do século desesete, um livro da moda e que devia andar sobre o bofete de todas as damas elegantes. Hoje está provado que só no primeiro anno da sua publicação se fixeram em Lisboa duas edições, que por sua grande similitud confundiram muito tempo os criticos e bibliophilos. Até o anno de 1613, época da separação de Manuel de Sousa Coutinho e D. Magdalena de Vilhena, as edições dos *Lusiadas* eram já nove, desde a primeira de 1572 até à do referido anno de 1613, que é a dos celebres commentarios de Manuel Correia, feita por Pedro Crasbeeck. Das Rhymas contam-se tres edições no mesmo periodo, a quarta fez-se no seguinte anno de 1614. Dois Autos tinham saído na colleccão do Prestes.

Nota C

E assim foi seu pae antes d'elle..... pag. 2.

Lopo de Sousa Coutinho, pae de Frei Luiz de Sousa, era natural de Santarém, filho de Fernão Coutinho, e bisneto do segundo conde de Mariaiva, D. Gonçalo Coutinho. Serviu na India com muita distinção desde a idade de dezoito annos, no governo de Nuno da Cunha. Voltando ao reino, foi muito estimado de D. João III, que lhe deu o governo da Mina. D'alli tornou com a merecida reputação de honestidade e zélo; e succedendo na casa a seu irmão mais velho, Rui Lopes, que falecera, casou com D. Maria de Noronha, dama da rainha D. Catharina, de quem teve os seguintes filhos: Rui Lopes Coutinho, Lopo de Sousa Coutinho, Gonçalo Vaz Coutinho, Manuel (depois Frei Luiz) de Sousa Coutinho, João Rodrigues Coutinho, André de Sousa Coutinho, N... (que foi provincial dos Gracianos) e Jorge Coutinho, depois Frei Jorge de Jesus — Barbosa dá-lhe mais tambem uma filha, D. Anna de Noronha, freira nas Donas de Santarem.

Era Lopo de Sousa grande cultor das letras e das sciencias, sabia a physica e as mathematicas, foi profundo na litteratura antiga e professava, como todos os bons espiritos do seu tempo, a poesia. «Uniu com tudo isto» diz o Sr. Bispo de Vizeu «grande religião, pureza de costumes e tal isenção no serviço do rei e da patria, que nunca solicitou premios, nem pediu compensações da fazenda que despendera largamente quando visitou os logares d'Africa, e exercitou o posto de capitão mór da armada da corte. Tam nobres prendas e tamanhos serviços o faziam digno de respeito, a que obrigava ainda mais a sua presença venerável; de tal sorte que até el-rei, se refere que «lhe não falava sem indícios de grande consideração.»

A phrase de Frei Antonio da Encarnação, é mais mimosa e portugueza: «A presença e gravidade da pessoa era tal, que dizem que o mesmo rei se compunha quando falava com elle.»

Escreveu varias obras, que aponta Barbosa: dois livros do *Cérco de Diu*, Coimbra por João Alvares 1556, fol.; um livro da *Perdição de Manuel de Sousa de Sepulveda*, 4º;— varias obras poeticas no Can-

cioneiro-geral de Anvers 1570;— traduccões do Lucano e de Seneca tragicos; e *Empréas de illustres Varnes portuguezes na India*. Ms.—Frei António da Encarnação menciona também escriptos mathematicos, provavelmente Ms. de que não ha outra noticia.

V. Prologo á II parte da *Hist. de S. Domingos*; Fr. José da Natividade, *Agiolog. Domini; Histor. Genealog. t. XII*; e *Bibliothec. Lus.; Memor. da Academ. R. das Sc., de Lisboa*, t. VIII, p. I. 1823.

Nota D

Aquelle mercador ingles da rua-Nova, que aqui vem ás vezes, tem-me dito suas cásas que me quadram. pag. 22

A rua-nova era o Chiado de então, a *rue de La-Paix*, o *Regent street* da Lisboa, capital d'aquella imensa monarchia que D. Sebastião ainda deixou. Cito outra vez a Relação ou viagem dos Venezianos Tron e Lippomani:

«Quando as ruas em geral são más e incommodas para andar, assim a pé como em coche, tanto é facil, deleitosa e bella a rua Nova pelo seu cumprimento e larguezza, mas sobretudo por ser ornada de uma infinitade de lojas cheias de diversas mercadorias para uso de nobre e real povoação.»

(Ms. da Bibl. real d'Ajuda.)

Nota E

Hérige d'essa seita nova d'Allemanha ou de Inglaterra, pag. 22

Até em Portugal, o paiz mais exclusivamente católico da terra, não deixou de fazer sua impressão a lucta pela liberdade religiosa que no seculo XVI tanto amotinou o norte da Europa. Até aqui a reforma teve, se não proselytos determinados, pelo menos seus admiradores que sympathisavam com certos principios proclamados pelos christãos dissidentes. Um dos caracteres mais illustres da época, e que mais illustravam então na Europa o nome portuguez, Damião de Goes, foi suspeito e accusado—cuido que não sem algum fundamento—de sua intelligencia com os reformistas de Allemanha.

Nota F

O escudeiro valido, o familiar quasi parente, o amigo velho
e provado de tessa amos..... pag. 23

D'estes antigos familiares das casas illustres, ou que viviam a lei de nobreza, ainda na minha infancia conheci alguns representantes. Nas provincias, e principalmente nas do norte, ate o começo deste seculo, o escudeiro não era um criado, era um companheiro, muitas vezes nem inferior em nobreza, e só dependente pela fortuna. Foi o ultimo vestigio do pouco que havia de patriarchal nos habitos feudais. O escudeiro é uma figura caracteristica no quadro dos costumes portuguezes, enquanto os houve; e hoje mais interessante depois que se apagou toda a phisionomia nacional com as modas e usos estranhos, nem sempre mais elegantes que os nossos.

Nota G

E' a minha unica filha: não tenho... nunca tivemos outra..... pag. 24

D. Magdalena de Vilhena, filha herdeira de Francisco de Sousa Tavares, capitão-mór do mar da India e das fortalezas de Cananor e Diu, e de D. Maria da Silva, sua mulher, foi casada em primeiras nupcias com D. João de Portugal, neto do primeiro conde de Vimioso, e filho do celebre D. Manuel de Portugal, que immortalizaram os versos de Camões; teve d'elle um filho que morreu moço, e duas filhas. D'estas, uma casou com D. Pedro de Menezes, da casa dos condes de Linhares, e não teve sucessão; outra, por nome D. Joanna de Portugal, casou com D. Lopo d'Almeida, avô do primeiro conde de Assumar, em cuja sucessão veiu a reunir-se depois a descendencia das duas casas, Portugal e Sousa Coutinho, pelo casamento de D. Diogo Fernandes d'Almeida com D. Joanna Thereza Coutinho. Singular coincidencial observa com razão o Sr. bispo de Vizeu na sua Memor. cit.

Do segundo marido, o nosso Manuel de Sousa Coutinho, não teve senão esta filha, que Francisco de Santa Maria chama D. Anna, e eu D. Maria de Noronha, fundado na grande auctoridade de meu tio D. Fr. Alexandre, que assim o tinha emmendado

no exemplar de seu uso, e era homem de escrupuloso rigor em todos os pontos.

Nota H

Tam boa linhagem como es que se têm por melhores
n'este reino, em toda Hespanha..... pag. 25

Do que fica dito na nota C a este acto, pag. 775, se vê que não ha amplificações n'estas expressões. Oico aos praticos em genealogias que esta illustríssima familia dos Sousas Coutinhos, tam distinta por armas, letras e virtudes, se extinguira completamente; e que os que hoje usam juntar os dois nobres appellidos ao seu nome têm muito pouco direito verdadeiro para isso—Dirão os genealogicos quanto ao sangue, e a opinião do publico quanto ao mais.

Nota I

Por todas as sejanas de Fez e Marrucos, por todos quantos aduas de Alarves ali houve..... pag. 26

Todos os nossos chronistas e escriptores de memórias do tempo chamam *sejanas* áquelles bairros ou districtos fechados das cidades de Berberia em que viviam os judeus, e aonde foram geralmente alojados e guardados os portuguezes captivos que esperavam seu resgate.

Nota K

Os embaixadores de Portugal e Castella tiveram ordens appertadas de o buscar por toda a parte..... pag. 26

Não só no breve reinado de D. Henrique, o cardeal-rei, mas ainda durante o do primeiro Philippe, II de Castella, estiveram lidando constantemente no resgate e protecção dos captivos christãos em Berberia e os dois agentes de Portugal e de Castella, que rivalizavam de zélo e generosidade em seus nobres esforços.

Todos os escriptos do tempo dão testemunho d'este facto tam honroso para as duas cortes de Hespanha.

Nota L

Mas não se ia sem aparecer também ao seu aio velho. pag. 27

Não é de invención minha este argumento, que convence tam fortemente o bom do aio velho, e que me lisongeio de ser uma das coisas mais caracteristicas

e originaes que o observador não vulgar encontrará talvez n'esta composição. Tirei-o de um precioso thesoiro d'onde tenho havido quasi tudo o que em meus escriptos litterarios têm tido a fortuna de ser mais applaudido. O thesoiro são as reminiscencias da minha infancia, e o estudo que incessantemente teho feito da linguagem, do sentir, do pensar e do crêr do nosso povo, que é o mais poetico e espirituoso povo da Europa.

Quero contar como me lembrou de pôr aquellas palavras na bocca de Telmo Paes. Eu passei os primeiros annos da minha vida entre duas quintas, a pequena quinta do Castello, que era de meu pae, e a grande quinta do Sardão que era, e ainda é, da familia de meu avô materno, José Bento Leitão; ambas são ao sul do Douro, ambas perto do Porto, mas tam isoladas e fora do contacto da cidade, que era perfeitamente do campo a vida que alli viviamos, e que ficou sendo sempre para mim o typo da vida ferna, velha, a boa Rosa de Lima, de quem eu era o menino bonito entre todos os rapazes, e por quem zindava chôro de saudades apezar do muito que me ralhavam ás vezes, era a chronista mór da familia, e em particular da capella e da quinta do Sardão, que ella julgava uma das maravilhas da terra e venerava como um bom castelhano o seu Escurial. Contava-me ella, entre mil bruxarias e coisas do outro mundo que plamente acreditava, que tambem n'aquellas coisas «se que tinha apparecido embrulhado n'um lençol passando á meia noite em cima dos arcos que trazem a agua para a quinta: o que era inteiramente falso, porque ella estava certa que, se o Sr. José Bento podesse vir a este mundo, não se ia embora sem apparer á sua Rosa de Lima.»—E arrazavam-se-lhe os olhos de agua ao dizer isto, luxia-lhe na bocca um sorriso de confiança que ainda agora me faz impressão quando me lembra.

A poesia verdadeira é esta, é a que sae d'estas suas fontes primeiras e genuinas; não são arrebiques de phrases tiradas de gregos ou latinos, de francezes ou de inglezes segundo é moda; nem rifacimentos exagerados—hoje da semsaboria decorada da escola passigraphica que destinguiu a nacionalidade de toda

as littieraturas no fim do seculo passado e principios d'este — amanhan de quanto ha mais obsoleto e *irrevocavel* no stylo enrevezado, nas idéas confusas, nos principios indeterminados dos chroniqueiros velhos. A litteratura é filha da terra, como os Titans da fábula, e á sua terra se deve deitar para ganhar forças novas quando se sente exhausta.

Nota M

Esse desgraçado rei D. Sebastião, que o seu mais desgraçado povo ainda não quiz acreditar que morresse, por quem ainda espera em seu leal incredulidade. pag. 28

A incredulidade popular sobre a morte d'el-rei D. Sebastião começou logo com as primeiras noticias que chegaram ao reino da derrota de Alcacer Kebir. Querem alguns que as esperanças do povo fossem adrede sustentadas pelos que mais haviam instigado aquella triste jornada, para evitarem a responsabilidade de seus fataes conselhos. O facto é que no público nunca se acreditou bem na morte d'el-rei. E nenhum, de tantos que escaparam, nenhum disse nunca que o vira morrer. No epitaphio de Belem posse a ressalva *si vera est fama*. Os varios impostores que em diversas partes apareceram tomando o nome de D. Sebastião, em vez de destruirem, confirmaram as suspeitas nacionaes. O verdadeiro ou falso Sebastião, que foi entregue em Veneza e atormentado em Napoles, deixou duvidas profundas nos animos mais seguros.

Menos bastava para dar cõr e crença á multidão de fábulas romanescas e poeticas de que se encheu logo Portugal e que duraram até os nossos dias. O sebastianista é outro caracter popular que ainda não foi tratado e que, em haheis mãos, deve dar riquíssimos quadros de costumes nacionaes. O romancista e o poeta, o philologo e o philosopho acharão muito que lavrar n'este fertilissimo veio da grande mina de nossas crenças e superstiçãoes antigas.

Nota N

O romance da batalha... que diz:

Postos estão, frente a frente,

Os dois valerosos campos

pag. 29

Este romance que se cantava, diz Miguel Leitão, ao som de uma melodia simples e plangente, de que

elle na sua *Miscellania* nos conservou as notas, vem alli em castelhano; achei-o em Portuguez nos Aportamentos do cavalheiro de Oliveira, e tambem o publicou em portuguez A. L. Caminha, na sua *Collecção de Ineditos*.

Nó logar competente do meu *Romanceiro* o dou em ambas as linguas, sem me atrever a decidir em qual d'ellas fosse originalmente composto.

Nota O

D. Sebastião... que hade vir n'um dia de névoa muito cerrada..... pag. 30

Era opinião firme e corrente entre os derradeiros sebastianistas, e talvez ainda hoje o seja, porque me dizem que alguns ha ainda, que el-rei D. Sebastião havia de vir n'um dia de névoa muito cerrada. Assim rezavam certas Prophecias populares.

Outro thesoiro de poesia nacional não estas Prophecias que ainda ninguem examinou philologicamente como elles merecem. No meu *Romanceiro* procurei restituirl-as ao logar e categoria litteraria que estou convencido lhes compete.

Nota P

Pois não tens ouvido, a teu tio Frei Jorge e a teu tio Lopo de Sousa, constar como squillo foi?..... pag. 30

Lopo de Sousa, irmão de Frei Luiz de Sousa ficou, captivo na batalha de Alcácer. *Hist. Geneal.*, t XII.—Frei Jorge, estou persuadido que foi frade graciiano—posto que as conveniencias dramaticas me fizessem adoptar a opinião de Touron e Echard, dando-o aqui por dominico.

Entre os que se renderam ás promessas de Castella para entregar Portugal foi, com bastante probabilidade, Rui Lopes Coutinho, o irmão mais velho de Frei Luiz de Sousa; d'onde, não se dariam muito irmãos de tam diferentes sentimentos. Por isso aqui não é apontado o seu nome, ainda que se achasse, como sabemos, na jornanada de África.

V. Faria e Sousa, *Europ.*, t. III. p. I.; e a Mem. cit. do sr. Bispo de Viseu.

Nota Q

- Eles que andam tam crentes n'isto, alguma coisa hâde
s.t..... pag. 30

Veja a nota M a este acto. E consulte o dizer de todos os escriptores do tempo: vêr-se-há que o engano popular, se o era, recahia com effeito em muito grandes e fundadas suspeitas. Nunca uma pura falsidade chega a obter credito geral; é preciso que tenha algum fundamento: a imaginação do povo não é creadora, augmenta, exagera, mas não tira do nada.

Nota R

- Elle não é por D. Philippe..... pag. 30

Se é como parece, somos obrigados a admittir com lastima este labéo (de se ter vendido a Philippe de Castella) na descendencia de Lopo de Sousa Coutinho, e a confessar que muito desdisse do desinteresse e dignidade de um pae tam illustre, e muito desprezou as lícões da primeira edade o seu mesmo primogenito. (V. not. P a este acto.) Contudo, à vista da mágoa profunda com qua Manuel de Sousa Coutinho fala da fatal jornada d'Africa em tantos logares, e do patriotico entusiasmo de que a cada passo nos offerece argumentos, é muito de presumir que o contagio nem tocou levemente o seu delicado pandonor.»

Memor. cit. do Sr. Bispo de Vizeu.

Nota S

- Para que deixou elle o habito... porque não ficos n'aquela santa religião..... pag. 32

Manuel de Sousa foi a Malta, pouco mais ou menos, no anno de 1576, para noviciar n'aquela religião. Davidam Frei Antonio da Encarnação e Frei Lucas de Santa Catharina se effectivamente elle seria já noviço quando o aprisionaram os Argelinos em uma galé da ordem, pois que o deixaram resgatar; e é sabido que tal não permittiam nunca aos cavalleiros maltezes. A opinião mais geral dos escriptores é porém que elle chegou a noviciar. E é certo que no anno de 1577 (segundo elle proprio escreve na P. I, Liv. VI, cap. 3 da *Hist. de S. Domingos*) estava captivo em Argel. D'ahi computa o sr. Bispo de Vizeu

que seria captivado pelo anno de 1576. Tomaram-n-o sahindo de Sardenha, conforme refere no prologo as obras de Jayme Falcão.

*Qui in Melitensi triremi adversa tempestate pene
versa a piratis ad Sardiniam capti, Algerium que
in Africa trajecti.*

Ahi «achou entre os captivos», diz Barbosa, «o celebre Miguel Cervantes Saavedra, com quem contraiu muito estreita amizade.» Ficou-nos testimonho d'esta amizade na linda novella de Cervantes, *Trabálios de Persiles e Sigismunda*.

Nota T

Agora que ella (a peste) está, se pode dizer, acabada... é que por força querem mudar de ares..... pag. 33

A peste começou no fim de Outubro de 1598, estava quasi extinta pelos fins de Agosto do anno seguinte; mas no Outubro immediato começaram a picar novos reutes, não acabando de levantar de todo até Fevereiro de 1602.

Hist. de S. Domingos, P. III, L. VI, Cap. 10.

Nota V

A minha donzella Theodora..... pag. 33

Ainda hoje, na phrase commum, a *Donzella Theodora* é o typo da sabedoria feminina mais superior. Todos conhecem o romance provençal, de genero e stylo byzantino, que, traduzido em portuguez, obteve igual acceitação e popularidade ao *Roberto do Diabo*, à *Formosa Mangalona* e seus pares.

Nota X

Para corte e «baixa-retiro» dos nossos cinco reis... pag. 33

«Quinqueviratus ille invidiam sibi non levem conflavit, mihi inopinatum exilium peperit.»

Prologo de Fr. Luiz de Sousa ás *Obras* de Jayme Falcão

Nota Y

O terço de meu pae tem mais de seiscentos homens. pag. 34

«Praefecturam mihi imposuerat rex septingentorum peditum, equitum ferme centum.»

Prolog. ás *Obras* de Jayme Falcão.



Marquez — Oh padre, padre ! Vamos, a sua mão.

SOSSENHA DO MARQUEZ

Acto III, Scena XII

Nota Z

O conde de Sabugal, o conde de Santa Cruz..... pag. 35

Quando Philippe II saiu de Lisboa em 1583, deixou por governador o Archiduque Alberto, auxiliado pelo arcebispo de Lisboa D. Jorge de Almeida, Pedro d'Alcaçova, e Miguel de Moura, secretario. Em 1584, chamado Archiduque para o Arcebispado de Toledo, deu o governo a D. Miguel de Castro, neto arcebispo de Lisboa, aos Condes de Portalegre, de Santa Cruz, do Sabugal, e a Miguel de Moura.

Nota Aa

A [casa] que foi de... a que péga com São Paulo..... pag. 36

D. João de Portugal, primeiro marido de D. Magdalena de Vilhena, tinha bens e casas do lado d'Almada. E não foram decerto estas as que incendiou Manuel de Sousa para resistir á prepotencia dos Governadores do reino: todas as probabilidades são que a scena do romeiro se passaria em uma casa que tivesse sido de D. João, pois estava alli o seu retrato. Ser ella pegada com a egreja e convento de São Paulo, é que sómente foi probabilidade poetica ou dramática.

Nota Bb

Meu pae morreu desastrosamente cahido sobre a sua propia espada: quem sabe se eu morreria nas chamas, atendidas por minhas mãos?..... pag. 40

Sucedeu isto na villa de Povos em Janeiro de 1577. V. Frei Antonio da Encarnação, Prolog. à P. II da Hist. de S. Domingos.

Nota Cc

Illumino a minha casa para receber os muito poderosos e excellentes senhores Governadores d'estes reinos. pag. 40

«Cum vehementer animo commotus essem, nova et inaudita metamorphosis indignantes parietes injuria subduxit, in summum et cineres abierte....»

Prolog. ás Obr. de Falcão.

O epigramma latino do mesmo Frei Luiz de Sousa, segundo o refere Barbosa, ainda é mais veemente e elevado:

*Quos flamma absumpsit reddet mihi fama Penates,
Ponet et æternam, non moritura domum.*

Acto segundo

Nota A.

As armas dos condes de Vimioso. São as antigas da casa de Peragunça pag. 42

V. Memorias dos Grandes de Portugal por D. Antonio Caetano de Sousa.

Nota B

E o principio d'aquelle livro tam bonito pag. 41

São efectivamente estas, que Maria cita gracejando, as primeiras palavras do mysterioso livro das Saudades de Bernardim Ribeiro, que tam popular foi entre nós, apesar, ou talvez pela mesma obscuridade, de seus enigmas e anagramas. Na rara edição, que agora alcanço, de 1559, têm alguma diferença.

Nota C

Fazedes o que mandado vos é pag. 41

E' o antiquado de «faseis», que Maria aqui emprega com graciosa affectação, para falar em estylo de donzella romanesca dando ordens ao seu escudeiro.

Ponho isto aqui porque sei que me notaram o archaismo como improprio do tempo; era-o com effeito no seculo xvi em que ahí estamos, se não fora trazido assim.

Nota D.

Aousadi reflectida que está n'aquelle olhos rasgados, na apertar d'aquelle bocca pag. 45

De todos os retratos de D. Sebastião que sei existirem, creio que o mais authentico é o que está, ou estava pelo menos até 1832, em Angra na ilha Terceira, no palacio do governo que antigamente fôra Collegio dos Jesuitas. E' tradição ter sido para alli mandado por el-rei mesmo em sua vida. Muitas vezes contemplei longamente aquelle retrato na minha mocidade, e por elle é feita a descripção que puz na bocca de Maria.

Nota E.

Pois não ha prophecias que o dizem? pag. 45

Veja a nota O ao primeiro acto, pag. 94.

Nota F

Quando o vi a ultima vez... foi no alpendre de San Domingos em Lisboa pag. 45

E sabido que o nosso illustre poeta passou os ultimos tempos da sua vida na conversação e intimidade dos bons padres de San'Domingos de Lisboa, e que reviu e alterou em muitas coisas o seu poema pelo conselho e aviso de alguns varões doutos que abundavam n'aquelle ordem, e de quem era tam estimado quanto foi mal visto e perseguido dos Jesuitas. O alpendre de San'Domingos é dos sitios mais historicos de Lisboa. Alli se passaram muitos dos memoraveis successos das nossas revoluções, alli se fizeram e desfizeram reis, alli levaram os povos muito engano e desengano. Era logar de commun frequencia para ociosos e negociosos, que o habito geral e a popularidade dos padres alli attrahia.

Nota G

San'Telmo seja comigo n'este cabo de navegação pag. 45

San'Telmo (San'Pedro Goncalves Telmo, da ordem dos dominicos) é o advogado dos mareantes. Todos sabem o que é o fogo de *San'Telmo* em que a nossa gente do mar não quiz nunca vêr o phenomeno natural senão o annuncio da protecção do seu santo.

Nota H

Lá foi Luiz de Camões n'un lençol para Sant'Anna pag. 45

A egreja de Sant'Anna, hoje do convento de freiras do mesmo nome, era então parochia. Veja o que a este respeito escrevi nas notas ao poema *Camões*, I vol. d'esta collecção.

Nota I

Não te lembras o que li diz da noeso rei D. Sebastião? pag. 46

A invocação a D. Sebastião, nos *Luízadas*, parece escripta depois da primeira jornada d'el-rei a África; não é um tributo de van lisonjaria, como a do *Orlando* ou a de *Jerusalem* e as de quasi todas as outras epopeias modernas; mas o entusiasmo ardente do guerreiro, a offerta sincera do patriota que põe à disposição do seu rei mancebo e comprehendedor «o braço ás armas feito» e «a mente ás musas dada.»

D. Sebastião era talvez homem para sentir o valor da offerta: mas tinha uma corte, como são todas as cortes, em que só tem valia e valimento a baixeza covarde e a intriga sem merito: Camões foi tratado como devia ser.

Nota J

Então para que fazéis vós versos: como elle? pag. 47

Além do bello epigramma que já citei na nota Cc ao primeiro acto, pag. 97, restam-nos alguns outros fragmentos de poesias de Frei Luiz de Sousa que bem mostram quanto era intimo no commercio das musas. Alguns versos do seu poema *Navegatio antarctica* conservados por Barbosa, e em que elle encarece as saudades da mulher e da filha, são dignos de se recordarem:

*Quin et curarum fluctu contundor acerbo
Dum, procul a patria, toto jam divisor orb,
Et subeunt conjux, et natae dulcis imago.*

No prologo ás *Obras* do seu amigo e mestre, Jayme Falcão, assim descreve elle Almada e a vida poetica e descuidosa que alli vivia antes que o obrigasse a emigrar a prepotencia dos Governadores. *Locus Ulys-siponi imminet brevi freto interfluente Tago, saluber cælo, fontibus exuberans, masaram otii commodissi-mus.*

Mas que não tivessemos nenhum d'estes documentos na suave melancholia, nas sinceras bellezas da prosa de Frei Luiz de Sousa, tinhamos segura prova de que, na mocidade e no seculo, devia ter sido grande poeta quem, na velhice e na religião, escrevia d'aquelle prosa. Ha, na *Vida do Arcebispo* e na *História de São Domingos*, trechos de poesia descriptiva — de drama — aspirações de quanto ha mais sublime e elevado no coração humano — que são moldos perfeitos d'arte, verdadeira reverberação do ideal em que unicamente está, e esteve sempre, a genuina poesia.

Nota K

E' raro ver tam perfeita similitudine pag. 48

Devia de ser extremamente parecido um retrato que pôde ser imediatamente reconhecido pelo pe-

regrino que apenas tinha visto a D. João em Jerusalém no fim de tantos annos e depois de tantos trabalhos. E assim é como a historia se conta pelos biographos de Frei Luiz de Sousa. No presupposto do presente drama, a explicação é mais facil e podia ser outra.

Nota L

O vosso convento novo de freiras abaixo de San Vicente..... pag. 49

Este convento, instituido por causa do religioso divorcio dos condes de Vimioso, D. Luiz de Portugal e D. Joanna de Castro Mendonça, esteve interiormente, desde 1607, n'umas casas que foram de morgado, dos campos abaixo de San Vicente do Fóra e sobre o bairro de Alfama. Só em 1616 é que se mudaram as freiras em solemne procissão para a nova e propria casa *sobre o rio, junto á ponte de Alcântara*.

V. *Hist. de S. Dom.*, T. III, Cap. XV.

Nota M

Sexta feira! ai que é sexta feira..... pag. 50

Em algumas partes do reino a terça é mais aziago dia ainda do que a sexta feira. Esta porém, não só entre nós mas em quasi todo o mundo, é havida por dia nefasto e de máo agouro.

Nota N

Olha a condessa de Vimioso, esta Joanna de Castro, que a nossa Maia tanto deseja conhecer..... pag. 51

E' altamente interessante ver como o mesmo Frei Luiz de Sousa narrou depois a historia d'esta separação, que fôra o exemplar da da sua

V. *Hist. de S. Dom.*, P. III, Cap. XV.

Nota O

Um captivo, um remido? — Não, senhora, não traz a Cruz..... pag. 56

Os remidos traziam um escapulário branco com a cruz da ordem das Mercês ou da Redempção, que entre nós se chamou da Trindade. São frequentes

nos nossos escriptores as descripções da solemne procissão em que davam como a sua entrada pública no seio da christandade a que eram restituídos os captivos. Com aquelle signal, que a todos inspirava respeito e sympathia, estmolavam depois pelas terras e muitos ajuntaram quantias avultadas.

Acto terceiro

Nota A

Frei João de Portugal, que é o prior de Bemfica, e tambem vigario do Sacramento..... pag. 65

«Frei João de Portugal foi prior de Bemfica, vigário do convento do Sacramento, inquisidor da mesa grande, e ultimamente bispo de Vizeu de 1625 até 1629 em que acabou uma carreira de bom exemplo.»

Memor. do sr. bispo de Vizeu; V. Frei Luc. de S. Cath, P. IV. L. I; Collecção dos Doc., da Acad. R. de Hist. etc.

Nota B

O segredo do seu nome verdadeiro está entre mim e ti..... pag. 66

Seja verdadeira ou não a historia da apparição do peregrino em casa de D. Magdalena, ella foi geralmente acreditada até ás judiciosas duvidas do sr. bispo de Vizeu, que não passam de duvidas comtudo. Fazer do peregrino o proprio D. João de Portugal, foi suposição poetica, todavia bem provavel e possivel, e que mais facilmente explicaria todas as circumstancias mysteriosas d'aquelle apparição e das suas consequencias.

Nota C

Para a sabepa encanecer bastou uma noite como a que veio depois da batalla d'Alcacer..... pag. 70

Ha muitos exemplos de encanecerem gentes de repente por grandes medos ou desgostos. São justamente celebrados os versos de Lord Byron que se referem a este notável phemoneno, no *'Prisioneiro de Chillon'*.

My hair is gray, but not with years,
Nor grew it white
In a single night
As men's have grown from sudden fears.

Nota D

Diz-lhe que tudo isto foi vil e grosseiro embuste dos inimigos a esse homem..... pag. 71

Talvez assim fosse, com effeito. Nem o padre Encarnação, nem nenhum dos outros que referem a historia do peregrino, dizem o que foi feito d'elle: e a explicação mais plausivel que a tam estranho successo achou o bom do padre, foi que seria talvez um anjo mandado por Deus para chamar aquellas duas almas ao céo, pelo caminho do claustro. E' quasi uma sahida dramatica, das que tanto incorreram na censura de Horacio: *nec Deus ex machina.*

Nota E

... se tem um filho elles?... Eu não..... pag. 71

D. João de Portugal teve, de D. Magdalena de Vilhena, os filhos que vão enumerados na nota G do acto I, pag. 90. Não designando Telmo o sexo do filho de Manuel de Sousa, fica natural e possivel a reflexão de D. João aqui.—Além d'isso, ao drama e á posição das suas pessoas, como o auctor a concebeu, e ao interesse que elle queria concentrar todo, n'esta unica filha de Manuel de Sousa, não convinha considerar por nenhun modo os filhos da primeira união de D. Magdalena de Vilhena.

Nota F

Todas estas coisas são já indiginas de nós..... pag. 74

As palavras que Frei Antonio da Encarnação põe na bocca de Manuel de Sousa, n'esta occasião, merecem appontar-se aqui:

«Chegando elle (Manuel de Sousa) de fóra, ella lhe relatou tudo o que tinha passado com o peregrino, e o mais que tinha visto seu irmão, o mestre Frei Jorge, e assim, que visse o que na materia se devia fazer. Não se suspendeu, mas respondeu logo, dizendo: Até agora, senhora, vivi em boa fé com vosco; e creio de vós, que na mesma fé vivestes commigo; porque fio de vos que não casarieis outra vez se não tivessesis por certa a morte do vosso primeiro marido.. O que convem mais, é fugir para o sacerdote da religião... etc.»

Prologo à II P. da Hist. de S. Dom.

Nota G

De profundis clamavi ad te, Domine..... pag. 75

Tive conselhos para não pôr em latim estes bellos versetos do Psalmo penitencial que faço cantar aos frades. Não cedi, porque era faltar á verdade, e diminuir a solemnidade da impressão que a lingua latina inquestionavelmente produz nas ceremonias da egreja. Mostrou-me a experencia que eu é que tinha razão.

N'um poema narrativo, teria feito como fiz no segundo canto do *Camões*, que traduzi os versos de Job: em drama, o que se representa deve ser o mais proximo possivel do que effectivamente se passou, ou devia de passar.

APPENDICE

JUIZO CRITICO SOBRE FREI LUIZ DE SOUSA

Advertencia dos editores

Extrahimos da *Revista Universal*, publicação litteraria bem conhecida, e damos aqui, em appendice, o juiz critico de *Frei Luiz de Sousa*, que alli apareceu, e que obteve geral acceptação, tanto pelos profundos conhecimentos d'arte que o joven escriptor n'elle desenvolveu, como pela concisão com que tratou as mais vastas questões estheticas e moraes que o assumpto suscitava, e sem as quaes não podia ser dignamente examinado. O sr. Luiz Augusto Rebello da Silva mostrou que era capaz de subir a altura das grandes considerações em que hoje está envolvida a litteratura; e com os fracos e justificados louvores que lhe tributa, associou o seu nome á gloria litteraria do nosso auctor.

FREI LUIZ DE SOUSA

A ideia progressiva que revolve a sociedade actual, na expressão litterária, criou uma crítica sua: já se não sabe, nem que se soubesse, se podia moldar o *bello* moderno pelos baixos relévos de Pompeia: o pincel de David, correcto e verdadeiro na copia, era todo romano como os Horacios,—quebrou-se deanente de Meduza:—a estatua no quadro sahia grandiosa e sublime nos traços do mestre, mas sempre estatua: e hoje a poesia hade retratar a vida em todos os seus aspectos—no interno, o mysterio intimo do coração e da alma nas suas luctas e tormentos—no externo, todas as cores e matizes, todas as attracções,

todas as antinomias, laços umas vezes claros, outras quasi invisiveis—invisiveis de todo, que ligam o Prometheu á sociedade, que o põem d'alvo ao espetáculo tristíssimo; á profunda tragedia da humanidade em todas as suas variadas fórmas de vêr, sentir e padecer.

Antigamente custava pouco o ser Frazon: estendiam o escriptor no leito do Procusto, e o affieriam desapiedadamente por uma medida herdada de Stagyra ha dois mil annos; desconjunctavam-n'o até dar a altura requerida n'aquelle bemaventurado código penal de Aristoteles; e para lhe tapar a bôcca no meio das intoleraveis dôres d'estes tratos inquisitoriaes em vez de fel, faziam-lhe engulir, em doses enor-missimas, centos de páginas copiadas da *Pratica de Theatros*, do reverendo Aubignac, mil vezes mais custosas de tragaz do que o absintho mais amargo. Tudo isto tinha seus laivos de similitudine com a vata legal do recrutador; os infiezados afugentavam-n'os com um par de golpes puxados d'alma; os gigantes ficavam a marcar o passo e a fazer exercicio pelos doze tempos prussianos.—Era delicioso.

Esta existência, que deixou saudades, foi dura de vida: chegou-lhe a sua hora extrema; chamaram-lhe indecente e aristocrata, e morreu no garrote de revolução, ás mãos do velho Ducis, como hecatomba sagrada aos manes do honrado Shakespeare.

É era justiça. A academia de Richelieu, atrazada um seculo, como todas as academias, tinha afogado o Cid logo á nascença; La Harpe cravára de settas o poeta inglez e a scena hespanhola —andaram a levantar um calvario, onde depois a philosophia de Kant e a critica allemã pregou na cruz adoradores e ídolos: trocou-lhes a regalada festa do banquete olympico em desconsolado desterro; emparedou-os nos armarios sepulchraes das bibliothecas; correu-se o voo que escondia Borgia, acabou o *ipse dixit*, miraculoso santelmo dos lances apertados. Partidas aos pedaços as andadeiras e muletas classicas, já os invalidos greco-romanos não podiam nem ousavam dar passo; pararam e foram-se sentar ao soalheiro da praça, de cabeça pendida e olhos chorosos, a vêr as turbas derribar e arrastar pelo lodo a estatua de Pasquino—o povo não entendia ainda o *post fata, quiescit!*

Mas as actas do concilio classico estão registadas no *Spectador* do secretario do conde Wharton; do virtuoso Addison, aquelle mimoso poeta do *Catão*, que nos offerece o exemplo da maior atrocidade humana na teima de tentar á força empalmar as notas da opera *Rosamunda*, com a mesma semcerimonia com que os seus amabilissimos conterraneos mettem o braco até ao cotovello pela bolsa dos outros reis. Deus lhe perdoe, aonde quer que está, os artigos e a furia musicante.

Felizmente agora, outras ideias de arte demandam outro escalpelio critico; em tudo, mas no romance e no drama especialmente.

Aqui falâmos só do drama.

Raro se desata robusto e viçoso o theatro com as primeiras flores da litteratura de qualquer nação; tem aquella lyra cordas mui suhtis, delicadezas melodicas mui altas para sofrer que a ensaiem dedos inexperientes. O frontão do harmonioso templo das musas gregas levantou-o a tragedia de Eschylo; ornam n'ó as creações de Euripedes, mais puras e sentidas; completou-o a Melpómene tam casta e reflextida de Sophocles.

A scena hespanhola veiu depois de Cervantes, que mal a antevira; mas purificou-se debaixo dos dedos de Calderon, das impurezas de Lope da Vega, dos choutos de Gongora. Shakespeare tirou a ingleza do pégo da semsaboria do mais estragado gosto euphoistico, peor cem vezes do que o tumido castelhano, que tinha muita coisa boa para resgatar a sua intolleravel affectação.

Ainda hoje a hesitação da poesia n'este ramo está provando que a arte vacilla incerta; a esthetică ainda não assenta em bases solidas.—Esta arvore quer a terra já revolvida para deitar bons fructos, quer o ar livre de furacões que a não desarreiguem à nascente, só pega bem em terra propria; é como a sensitiva, encolhe e fecha, se lhe falta o sol da patria; se lhe negam o céo e as nascentes do clima onde nasceu; nas estufas murcha e morre.

E' que nenhuma ha mais nacional: e deve-o ser, ou não é nada.

O theatro é quem retrata, a cores fieis, as feições moraes de uma nação, que aponta o caminho que ella leva andado na estrada legitima da civilisação,

quem firma as raias do seu progresso intellectual em todas as relações variadas com o mundo externo; porque o drama, que é devéras, pinta a vida d'alma, da época e da arte. E' o espelho do estado social, a que revê todos, até os mais imperceptíveis traços do grande vulto chamado povo.

No fundo do quadro está o pensamento: a ideia una da actualidade, no seu aspecto multiforme.— Pensamento, ideia profunda sempre, que se enlaça como o invisível pelas aspirações religiosas, com o interno pelos fios da tradição, dos costumes e das crenças do passado, porque a eternidade não é negativa, mas absoluta; não significa termo de tempo, significa plenitude indivisa. Deante da arte, na sua expressão symbolica, na sua fórmula philosophica que é a eternidade? a morte! Se a arte é a imagem da criação! a vida? A vida, sim, mas essa vida immensa, amplissima e mysteriosa, composta do que foi e do que é: vida em que o passado se transfunde no presente, em que o presente se enriquece com os elementos das edades mortas, para legar uma herança doirada de esperanças, de lições, de futuros; herança que passa em deposito das gerações que hoje se revolvem da terra ás que não viram ainda o *fiat lux* do verbo de Deus. A arte encerra em si o passado e o presente; tem nas mãos o talisman do futuro, o pômo da vida ou o pômo da morte; é já do que haja vir pela sua aspiração etherea, está entre o mundo externo e o mundo invisível. Gera-se da fé do que é sublime, na admiração do que é grandioso na sua belleza vive pelo amor. O amor intrínseco, íntimo, indivisível, que tirou da natureza o symbolo, que assentou aos umbraes do tumulo a esperança para receber o suspiro extremo do que morre na terra, para trocar nas vestes candidas da pureza o lucto da desesperação, para ferir com a vara a rocha, e brotar da aridez da amargura a fonte da consolação suprema. Aonde acabava a arte antiga começa a nova. Na fronte do que expira rompe o sello do nada, e com os olhos nas myriadas de spectaculos divinos, quebra a loisa e os grilhões, e aponta para a aurora da glorificação, que ve.n rompendo sobre a imobilidade das trevas interiores.

D'este ponto maximo deve a critica alongar a vista até à perfeição secundaria dos meios plasticos; já não

representa o papel do povo romano nas luctas do circo, não é para medir com a vista a elegancia do rosto, a ardileza e porte engracado do gladiador, que ella se fez; não é para se ficar imbellecada deante da formosura das fórmas e apuros das cōres; mas se lhe requer; tem maiores brios hoje, maiores responsabilidades. A fórmula sensual e terrena do pagão morreu no dia em que a primeira gotta de sangue do martyr se embebeu nas areias do amphitheatro para consummar o sacrificio—que renascia o mundo novo das cinzas do mundo velho, que infundia no coração humano outro paraizo intellectual, esperançoso e santo, que este seculo, herdeiro dos desvios e experiencias de mil e oitocentos annos, hade encarnar na poesia, e desenvolver ate o completar na sua ultima e ainda desconhecida expressão.

Rasgou-se o véo do templo, e veiu a regeneração da arte a par da regeneração do homem. Nasceu a poesia saudosa, chorada n'alma, sentida do coração, inspirada e espiritual; poesia variada nas fórmas mas unia na expressão intellectual; caminhando umas vezes da fé para o mundo, como Dante, Milton e Klopstock; atirando-se outras do mais agrô da peregrinação aos braços da religião a verter-lhe no seio uma lagrima ardente, que na procela dos affectos abravados fica sellada no sepulchro da existencia material, além da qual o espirito vôa solto nas suas dores mais espinhosas, a buscar o nardo, o balsamo que lhe ameigue as chagas cortadas n'alma — como nos suaves canticos de Lamartine, no melancolico e profundo Chateaubriand, no puro e mavioso Schiller.

Só o bello, que é eterno sempre, da natureza e da humanidade soffre este painel, o invisivel do mundo superior e espiritual não se pode tomar para primeira luz do quadro, sem descahir muitas vezes nos erros dos que o tentaram já: foge ao pincel, retrae-se da imagem o abstracto puro. Mas o fim da poesia é enlaçal-o, traval-o com a vida terrestre, nas suas aspirações e varias tendencias. O presente, que só por si destroea as mais das vezes, pela approximação, todo o ideal, funde-se no quadro, se o recuarmos com o esplendor vicejante das crenças, com o clarão das paixões nobres ou tremendas, com a reflexão da actualidade em todos os seus aspectos até um pas-

sado rico e glorioso; se entretecemos o matiz de cores vivas, e cambiantes acertados, com as lendas e tradições, com o thesouro poético da nação, assim visto de longe, quando no frouxo e esbranquiçado crepusculo dos séculos apenas resplandecerem no horizonte os vultos colossais dos grandes feitos e dos grandes nomes. A arte revê mais livre a sua idealidade, fica mais arte e mais e mais poesia, afastada da imitação mediata e quasi sempre servil do que palpamos com os dedos, do que o hábito tornou raso e prosaico. Tem-se feito, mas poucas vezes com felicidade.

D'esta relação do tempo com a poesia nos dá Homero exemplo: o passado nos seus versos revê o presente palpitante e formoso, sem resvalar no comum da copia. — Em Ossian, no *Niebelungen*, nas tradições poéticas do norte aparece o mesmo, sempre o mesmo.

D'esta altíssima teoria d'arte filha da meditação alemã, nasceu o drama *Fr. Luiz de Sousa*. O nosso poeta tomou a base terrena para d'ahi alargar os traços: as memórias saudosas, as glórias, o viver e sentir e crer do tempo ofereceram-lhe o colorido magestoso, que realça n'esta sua obra, a mais profunda e portuguesa de quantas excellentes e primorosas temos já da sua pena.

E' o que veremos na analyse mais attenta e miuda que tentamos, receiosos com tudo de desfigurar a belleza e perfeição de uma criação dramática, original na forma e no pensamento, fundamental para a escola de um theatro que deveras seja nosso, e não copiado sem pudor dos reportórios estrangeiros.

A história tam sabida de Fr. Luiz de Sousa parecia entre as nossas tradições, propria a resolver um grave problema d'arte: os atavios com que um estrangeiro a quis ornar, não sei se despindo-a do singular antigo, lhe estragaram a ingenua belleza, em vez de a realçar: se compararmos o romance de Mr. Denis com o drama português, fica, a nosso ver, corrente esta opinião de leve esboçada no prologo do sr. Garrett. O assumpto que á primeira vista se configura o mais dramático, olhado de perto é insuficiente para se fundir n'uma peça; a não o carregarem de cores poéticas, de traços falsos que necessariamente hão de desmentir a verdade, que é o seu

maior enfeite; o nosso Poeta, das entradas do facto, tirou a sublime creacão que liga e enriquece a obra, conservando-lhe o mimo, o ideal e a riqueza lyrica, depurados de matizes estranhos, que cabem mal, quasi sempre, que sempre lhe desfiam as feições severas, prostituindo-lhe a nobreza a requebros fingidos e fóra do natural.

N aquella edade em que os affectos e as paixões, sem se apagarem, vão mais fundos, e saltam menos á superficie, a linguagem arrebatada e as pompas de amores gastos, ridiculos já, se os pintarem com o fervor proprio de annos verdes servem só de remendar com retalhos inviusados a tela da vida: de roubar á tragedia a formosura graciosa, séria compositura, para lhe substituir as lantejoilas, as bordaduras de ouropel, com que alguns bobos cegam os olhos de longe, á força de copiar as dobras variegadas do seu manto de histriones.

Estes assumptos, que requerem a simplicidade do antigo theatro, se lhes mudam a natureza, ficam contrafeitos, sem poesia, sem verdade: e d'esses aleijões não se curam. Galas de peralvílio, espartilho hyggenico, que, em se desatacando, larga tudo a rir, por pouco enganam; vê-se logo o estafermo torto e desenxabido que alli anda entalado; uma coisa parecida com a resurreição truanesca: cada almofada, cada atacador a voar da mumia, e a ossada nua que vem surdindo: depois um quasi esqueleto de Mathusalem! eis em que param os taes arrebiques, as bellezas de emprestimo!

Ora havia ter que vêr e muito que rir, andados tantos annos de casamento, o serio Manuel de Souza Coutinho, tam reflectido, tam sabedor, e a virtuosa e casta D. Magdalena de Vilhena, sós, dentro de um casarão neogothico, a declamar, em cantochão de frades, sedicós galanteios, furias apaixonadas de namoricos imberbes! Deus o levaria em conta ao autor, que o reino do céu é dos pobres de espírito. Tinha já o passaporte para lá.

O sr. Garrett, com o seu gosto apurado e alto engenho, deu de mão a estas molas enferrujadas, cansadas de todo, viu que a melancholia resignada, a unção religiosa, não sei de que suave e triste, que chega logo dentro a quem lê uns trechos do melhor prosador portuguez, deviam de revelar, transparecer

algum reflexo das agonias occultas d'aquelle coração robusto, d'aquelle alma inteira que se não abalou com o furacão repentino do temporal; que o affrontou de pé, fugindo nos braços da religião á maior, i mais acerba dôr de quantas cortam chagas vivas dentro do peito.

Esta resignação quasi sobre humana com que se consumou o sacrificio, com que o coração curtiu, sem estellar alli, as maiores angustias, os espantosos tratos inoaraes que a cada hora crescem e o dilaceram, podia parecer demasiado sublime no theatro, se a não precedesse um painel, onde se pintassem ao natural as feições historicas d'aquelle nobre carácter; se o poeta não adivinhasse esta duvida, e lhe não respondesse com a maior accção que viram aquelles tempos de lodosa e torpe covardia cívica.

Representar o generoso e severo Manuel de Sousa Coutinho, erguendo-se recto e firme no meio de tanto arbusto infestado que levantara a copa ousadamente, e se vergava agora servil ao sôpro lisongeiro do Escorial; mostral-o a pagar á sua custa a divida honrada de um reino inteiro, com a maior lição que nunca um homem só dera a uma terra, e a uma gente degenerada, a estrangeiros e a estrangeirados ainda piores cem vezes; pôl-o deante do mando absoluto dos governadores, a resistir-lhe, ao passo que o célebre defensor de Diu, D. João Mascarenhas, com os pés dentro da cova, estendia a mão para aceitar o preço da infâmia por que vendera Portugal a Castella; e fechar o quadro com aquellas palavras tam portuguezas, tam verdadeiras, no meio do incendio; largar-lhe de corrida os tristes presentimentos de D. Magdalena deante do retrato a arder; aquelles sustos e agoiros tam proprios de mulher que se teme, sem poder dizer de quê, tudo falado em dialogo singelo, natural, sem poesia de emprestimo nas palavras, sem as imagens altisonantes que só aparecem para esconder a pobreza lyrica das situações, do pensamento e do fundo do drama; tudo isto prova que o auctor, e já o tem mostrado assás, conhece profundamente os mysterios do coração humano; as contradições perrennes dos affectos;—é ver muito alto as combinações mais sublimes da arte, encarnal-as na natureza, olhal-as á luz da epoca, e correr-lhe um pincel facil, delicado e gracioso como o do Corregio,

que deita a fugir, os toques magicos, quasi sem ostentar que os sabe. E' possuir, ate nos relèvos menos apparentes, nos que só aventurem com felicidade grandes engenhos, a verdadeira perfeição, que não faz gala do primor, dos esmeros embellezados de correção miope que não são, nunca podem ser de mestre.

Na desgraça...ssima batalha de Alcacer Kibir, em que os areaes d'Africa beberam o sangue da flor da nossa libresa, caiu tambem D. João de Portugal, primeiro marido de D. Magdalena de Vilhena: as diligencias e indagações, que sua esposa arriscou, por aduares de moiros, por bazares de escravaria, para descobrir se acaso gemia captivo e perdido entre tantos e nobilissimos cavalleiros que se disfarçaram por não accrescentar o resgate, provaram claramente que o alfange dos filhos do Islam cortara, com o cedro real, um dos mais robustos guerreiros que o defodiham, n'este duello entre duas crenças, — entre a velha Europa e a soberba Africa! — O cadaver de D. João lá ficara a par do rei, como penhor da victoria, exposto ao sol abrazador dos sertões. Pelo menos todos o acreditaram: já não era crime o amor ardente que D. Magdalena tinha a Manuel de Sousa Coutinho, amor sumido dentro da alma, calado sempre, e que então, só então, se revelou: casaram, e nunca, por largos annos, um vislumbre de suspeita lhes envenenou as alegrias d'este viver tam innocent e socegado.

A volta de D. João ao reino, e a separação dos dois esposos, sendo, como é, um lance essencialmente tragico, não basta só por si para dar um drama: entrecer-lhe lances estranhos, correr-lhe tres passes de espada preta, especie de embrocata ou punto-ri-verso, com que os modernos Vicentios Saviolas da esgrima theatrical cortam as dificuldades, deitar-lhe por cima uns enredinhos á Lope da Vega, era estragar o assumpto e crear uma pessima obra. O sr. Garrett apartou-se sem cerimonia dos sans-culotes do romantismo tonto, e dos estafermos classicos, que para tudo têm promptas as suas dôses hemocopathicas; voltou-se para a simplicidade da tragedia grega. Sem beaterio e com as situações moraes, com os santos affectos, com a virtude singela, e limpa de arrebiques, alcançou o maior triumpho.—O terror e

a compaixão, a lyrica mais profunda, os grandes lances das paixões reaes da existencia, repassaram-se-lhe debaixo dos dedos de um ár, de uma cór, de um natural tam portuguez, tam verdadeiro e tam do coração, que n'aquelle auditorio escolhido, aonde leu a sua peça, nem um rumor nem um lançar de olhos se percebia. A tragedia moderna, á vista do seu *Fr. Luiz de Sousa*, já ninguem dirá que é impossivel: achou-a, é sua. Schlegel, Antonio Allegri, Schiller, e ultimamente um poeta francez de fama, já tinham demonstrado que se podia fazer: mas, e não se estranhe á conta de vangloria o que os entendidos sabem que é justiça rigorosa, aquelles escriptores parece que se dão mais á imitação das fórmas, do que a sondar, com o prumo da boa critica, o fundo da poesia grega: o nosso poeta entendeu-a e soube transplantal-a. Os presentimentos, os agoiros, a tradição e as glorias nacionaes, que aproveitou com tanto primor, dão-nos um retrato mais fiel do sentido da arte antiga do que a copia mais ou menos livre do seu theatro na parte plastica. Foi por isso que, tomando para primeira luz do quadro, não a separação dos dois esposos pela volta de D. João, mas as consequencias que d'ahi resultavam a uma filha unica, criada entre tanta meiguice, e tam estremecida de ambos, supriu, com o interesse d'esta situacão sublime, a falta de accão do facto principal. Disseram ahi que era meio velho, usado já no theatro grego! Desde que ha mundo, ha amor de pae; mas a expressão, as circumstancias, o nó que este desaperta, é o mais perfeito, mais original, mais profundo que até agora nos apresentou o theatro.

Aquella filha, pura rosa virginal ainda em botão, traz já no seio a morte: vae murchando a pouco e pouco nos braços da mãe, deante dos olhos do pae; e não o percebe a innocent: a febre devora-a lentamente: cada dia desprende uma folha, e adeanta um passo tremendo para o tumulo. Aos treze annos, em que a vida se desata tão florida de esperancas, em que se alarga descuidada por futuros doirados, ella vê a campa a vacillar, erguida ao despedir da estação das flores: mas esta flor irá dormir com as outras no frio berço da morte. E todavia nem o suspeita: como acontece na tysica tem uma fé viva de que não padece, adivinha coisas que espantam-na

sua edade, solta uma ligeira ironia de criança, um riso que despedaça, um talento, um acerto, uma agudeza que é como o ultimo lampejar da lampada quasi extinta. Neste caracter tão novo e difficult, o sr. Garrett copiou a natureza, estudou, sentiu profundamente esta contradição que punge, que dilacera; a vida quasi apagada que se abraça com o mundo e não descobre o sepulchro que a chama.—O contraste é mais lyrico, mais melancholico e commove mais do que as tristezas e os suspiros do que se despede da terra, porque já antevê a morte.

E sobre a dôr dos paes, que a vêem caminhar para lá, a realidade, que se levanta entre elles para os remessar do meio da existencia amena que levavam, para a solidão do claustro, aquella separação, aquelle ferrete de infamia que a sociedade vae pôr na fronte candida da filha dos seus amores! São as scenas mais tragicas que conhecemos, as do III acto do sr. Garrett, em que o pae tam extremoso sente uma alegria horrenda ao contar os instantes que medeiam entre o cahir da ultima folha do lyrio, e a hora em que tem de se consumar o seu suicidio moral: aquella hesitação, aquella lucta cruelissima, que remata na capella com o ultimo suspiro do anjo que vôou para o regaço dos outros anjos.

Que nos digam se ha lances mais sublimes do que este padecer de horas, que comprehende todos os supplicios possiveis; exemplo maior de resignação, poesia mais intima do que as ultimas palavras que fecham o drama, sahidas da alma deante do cadaver da filha e ao pé da triste mãe! Todo este acto é o maior esforço dramatico de que temos noticias. Os affectos, os contrastes, a scena de Telmo Paes com o Peregrino, o equívoco d'este ao ouvir as vozes de D. Magdalena, as esperanças e apêgo que ella tem a seu esposo, a força de animo de Manuel de Sousa, são bellezas que rara vez saem tam perfeitas da mesma mão. A ultima scena que resume o drama, que o moralisa, a scena em que a victima vem morrer de vergonha e de dor, não se imita nem se pinta; escreve-se só uma vez.

L. A. REBOLLO DA SILVA.

A SOBRINHA DO MARQUEZ

Esta lucta continua em que anda a humana-
nidade — e a que parece não haver termo
na duração dos seculos — varia comtudo de
objecto e de contendores segundo as epo-
cas.

Nossos paes e avós travaram a guerra da classe-média com a aristocracia, e tiveram os reis de sua parte. Durava inda a peleja aqui ou alli, quando viémos ao mundo quasi todos os que hoje vivemos: assistimos por tanto á victoria dos burguezes; e vimos a monarchia, sua auxiliar e protectora assustada e vacillante no campo da batalha, tremer de seu proprio triumpho, porque se viu e sentiu na dependencia dos mesmos a quem tinha ajudado a vencer.

Elles, com effeito, tiraram para si o forte dos despojos, e pouco deixaram — ou pouco tempo o deixaram — á corôa. Fizeram mais: substituiram-se aos vencidos em quanto puderam, que foi em tudo, menos no respeito popular, porque o povo, que se inclinava ao 'coronel' dos duques e dos marquezes feudaes, que olhava com veneração para os arminhos e cottas d'armas das familias historicas, nunca tomou a sério os brazões dos novos condes, e ria ás gargalha-
das da economica pelle de gato branco que o poupado burguez punha aos seus hombros

de villão para arremedar a nobreza antiga,
e se vestir baratinho de gran'senhor.

Certare pares!

Ainda combatiam para ser pares dos outros, mas já era só n'isto.

Não falo dos abusos, dos erros, dos crimes de ninguem, de nenhuma classe: digo o que foi e o que é, mais nada.

E como estamos em pontos de comedias, menciono o que é mais saliente no ridículo da epoca.

A classe-média, vencedora, foi para as suas delicias de Capua, e amolleceu n'ellas. Hoje quer defender o que ganhou, e a monarchia com quem o ganhou — e cujas formas lh'o mantem — dos novos contendores que lhe surgiram, e com que não contava em sua orgulhosa cegueira de *parvenu*.

Hade-lhe custar: não tem no solo, não tem nas crenças, não tem no material nem no moral do paiz, força nenhuma que se pareça com a que tinham seus antigos contrários, que tantos annos combateu, que hoje quer em vão fazer seus aliados, seus pares.

Podiam ter creado outra ordem de coisas, podiam ter-se organisado... Talvez! Não sei. Mas sei que o não fizeram, e que tudo o que n'esse sentido tentaram, foi absurdo, foi inconsequente, e o que mais importa aqui agora — porque é da provincia da arte — ridículo.

Ridículo, tam ridículo que dava assum-

pto a novo *Bourgeois-gentilhomme*. E' uma comedia que está por fazer.

A que eu fiz nem pertence a este genero nem a esta epoca: é de duas ou tres gerações, mais atraz, é do tempo da outra lucta.

A' frente d'essa, esteve entre nós o marquez de Pombal. E' ocioso mencionar que teve por contrarios os Jesuitas e a alta nobreza; mas é muito necessario recordar que, para os combater, suscitou, se não creou elle, a classe média; que a separou do povo; que a arregimentou sob o commando da corôa; que reinou com ambas, dominando uma e outra, erguendo-as e contendo-as com a mesma mão.

Aniquilar de todo a aristocracia, ou deixar triumphar completamente a burguezia—que fôra o mesmo—era abdicar nas suas mãos; e o ministro d'el-rei D. José tudo queria, menos abdicar.

Tal foi o pensamento e tal foi a epoca do marquez de Pombal.

Para fazer bem sentir tudo isto, colloquei o meu drama nos ultimos dias, nas derradeiras horas d'aquelle celebre reinado. Os antigos dominadores proscriptos, os nobres, os Jesuitas, levantam a cabeça com a primeira agonia d'el-rei, mas ainda a levantam a medo. Apezar da elevação que lhe deve, que sabe dever-lhe a elle, a classe-média teme o marquez de Pombal, não o ama, e detesta a disciplina e subordinação em que a tem,—embora seja para sua vantagem d'ella; aborrece-a, incommoda-a como uns sapatos novos á recruta nos primeiros dias de marcha.

Demais, reagem os antigos habitos da clientella aristocratica e da submissão jesuitica. Em todo o modo de ser social, que durou longamente, ha vantagens por força: e quando elle se destroe, lembram mais essas do que os inconvenientes. Saudades do bem que se teve, duram mais de que o aborrecimento dos males que o acompanhavam. Embora fosse muito maior o mal, que o bem. Fez-nos assim a natureza.

Este era o estado dos animos de Portugal ao expirar D. José I, e ao sentir-se cahir do poder o seu grande ministro. Pareceu-me que esse dia supremo devia, melhor que nenhum outro, pôr em evidencia as paixões, os interesses, as accções e reacções todas de uma epoca tam memoravel.

Estou certo que as figuras, as roupas, o desenho e o colorido todo do meu quadro, são de exactissima verdade. Só e apenas nas attitudes da arte, e menos por usar d'ellas, do que por evitar personalidades desagradaveis aos netos que ainda vivem, se lhes representassem individualmente os avós.

Assim, tirado o marquez de Pombal—typo de si mesmo, e que sómente por si, podia ser representado—todos os outros personagens são typicos; e cada um d'elles figura, não um individuo que existisse, mas uma classe de que é representante.

No padre Ignacio, claro é que se personalisam os proscriptos Jesuitas, movendo surdamente e por todos os meios, sua impiacavel vingança; em D. Luiz a antiga fidalgua descahida; na familia do mercador da rua Angusta a burguezia vacillante, in-

Obras completas de Almeida Garrett

certa ainda do presente, com terrores e saudades do passado.

Agora nos dois caixeiros de Manuel Simões balbuciam as primeiras aspirações do povo que ainda não entra em nada, que assiste á contenda das duas classes superiores sem poder nem saber decidir bem ainda nem as suas proprias sympathias, que ora tendem a uma, ora a outra.

Mas, vença uma, ou vença a outra, o que ha para elle na victoria?

Quando o poder muda, seja para quem fôr, applaude, porque o instincto lhe diz que n'essas mudanças descansará elle.

Dei-lhe dois caixeiros ao Manuel Simões, um do norte, outro do sul do reino, porque, além de ser essa a verdade material dos factos e dos costumes, a verdade topographica, para assim dizer, do bairro commercial de Lisboa — tambem se caracterizam assim melhor as tendencias e instinctos, não tam claras como hoje, mas já então visiveis, das duas principaes divisões do povo portuguez.

Se alguem queria vêr outra coisa n'uma comedia do tempo do marquez de Pombal, esse alguem, perdõe-me a sua ausencia, é tolo; e tanto sabe o que é o Portugal em que vive, como aquelle em que viveu seu pae e seu avô.

Lisboa, Abril de 1848.

A SOBRINHA DO MARQUEZ

COMEDIA

Representada a primeira vez em Lisboa, no theatro
de Dona Maria Segunda, em 4 de abril

MDCCLXVIII

PESSOAS

MARQUEZ DE POMBAL
PADRE IGNACIO
D. LUIZ DE TAVORA
MANUEL SIMÕES
TIA MONICA
D. MARIANNA DE MELLO
ZEPHIRINO
ZÉ-BRAGA
SECRETARIO DO MARQUEZ
POVO

DRAGÕES DO MARQUEZ, CALECEIROS, GALLEGOS

Logar da scena — Lisboa

ACTO PRIMEIRO

Sala, meia escriptorio, meia armazém; mobilia dos meados do seculo dezoito. Rumo de fazendas a um lado, carteira alta de escrever, com seu mocho. Portas ao lado e no fundo.

SCENA I

SIMÓES, MONICA, ZEPHIRINO, ZÉ-BRAGA

Simões (Sentado á carteira, chapéo na cabeça.) —
Está bom, tia Monica, está bom. Vá cuidar no mais.
Minha sobrinha pôde chegar de um instante para outro; é uma menina delicada, que vem do convento costumada a todo o melindre, não quero que estranhe.

Monica (À parte.) — Sobrinha, sobrinha!... Será. E muito me dá que fazer a tal sobrinha! *(Alto.)* Pois então lá vou. Elle está tudo prompto, mas enfim...

Simões — Vá, vá.

SCENA II

SIMÓES, ZÉ-BRAGA, ZEPHIRINO

Simões (Distraido, à parte.) — A sobrinha do marquez em minha casa, e vir aqui passar por minha sobrinha!... E têl-a eu em casa, ter de a tratar deante de gente como tal! Grande honra, Manuel Simões, grande honra!... mas... E o padre-Ignacio sem vir! Não sei como me heide sahir d'esta embrulhada. *(Levanta-se, vem ao meio da scena, e repara em Zephirino e Zé-Braga.)* Esses drogues para baixo... Dez peças na prateleira da esquerda, uma peça no banco da amostra á porta. Entendem? *(Outra vez distraído.)* Que eu sou pelo

marquez... Quem não hade ser por elle? É meu compadre... e tam pouco lhe devo eu!... Mas aquelles gritos em Belem... aquellas cruidades... aquella pobre marquezza de Tavora... (*Reparando nos caixeiros que fazem o que lhss mandou.*) Não lhes esqueça de regarem o passeio adeante da porta. (*Falando consigo.*) E o duque... Oh! aquillo foi por demais. (*Torna a reparar nos caixeiros.*) Sacode essas capas, rapaz: hade estar bonito aquelle panno encarnado se vocês o deixam assim... (*Comsigo.*) É verdade: mas também quem lhes mandou atirar aquelles tiros?... (*Aos caixeiros.*) Não sacudas assim, bruto, que tiras a flor ao panno. Ai, que te mando outra vez para Villa-nova-de-Famalicão para andar atraz dos bois, gallego! ...

Zé Braga—Num sou gallego, só patrão, nem sou lá de Famalicão, sou de Vraga nado e criado: cantei o tio avade vem n'o save.

Simões—Sejas tu de Vraga ou de Voiças, cala-te, que não estou para te aturar. (*Comsigo.*) Mas quem sabe se foram elles por fim? e fosse como fosse, fosse quem fosse que desse aquelles tiros, nunca eram as pobres senhoras que pucharam o gatilho. (*Para os caixeiros.*) Agora tu, hein! meu alfacinha não sei de quê? isso! endireita o pescocilho e riça o topete, em vez de ires medir aqueile baetão que já veiu ha dois dias, e nada! Não sei como não trazes polvilhos, meu papa... pa... parrotão. Ai que eu!... Um brutamontes, outro peralvílio; um minhoto cerrado, outro deslavado alfacinhal estava aviado eu se não fosse o Sr. Luiz (*Aparte.*) Pobre D. Luiz, quem te diria! (*Alto.*) Que é do Sr. Luiz, madraços? Ainda está no seu quarto?

Zephirino—Nós é que semos os madraços, sim senhor... São oito horas, e o Sr. Luiz ainda está no seu quarto... mas para nós é que andem serem os... Aqui vem o Sr. Luiz. (*Olhando ao bastidor.*)

Simões—Calem-m'a a bocca! Xó d'aqui ambos! Para a logea, olhar pelos freguezes: e fechem-me essa porta. (*Vão a sahir os caixeiros.*) Oh! e oiçam cá: (*Voltam os caixeiros.*) Em vindo o padre-Ignacio...

Zephirino (*Rosnando*)—O padre Ignacio é um famoso jesuíta!

Simões—Que rosnas tu lá?

Zephirino—Nada: é que ouvi por modo de uma carruagem... Se fosse o Sr. marquez...

Simões—Papalvalhão mettido a esperto! como te lembraste do marquez a estas horas?... Sete horas... sete e meia, o muito.

Zephirino—Que elle não esteve aqui hontem ás oito? E mais a carreira que deu o Sr. Luiz mal que o avistou?

Zé-Braga—An que lh'o démo corresse atraç, num podia correr mais! Deu-m'um pincho para traz do valcão e foi-se metter na locha de traz...

SCENA III

SIMÕES, ZEPHIRINO, ZÉ-BRAGA, LUIZ
(parando á porta do quarto)

Zé-Braga (*continuando sem ver Luiz*)—Que é isso, que l'eu dixe, sor Luiz? qu'o nosso marquez que num mette medo senão os xesuitas. Bocencê é cá dos que elle faz festa, da sua chente...

Simões (*que viu Luiz, tira o chapéu com disfarce*)—Cala a bôcca Boiças, e marcha já para a logea.

Zephirino—Então em vindo o padre Ignacio?

Simões—Que entre logo para aqui. Vae-te.

Zephirino—Inda que esteja o Sr. marquez?

Simões—Quem te fala agora no marquez, babau d'alfacinha?

Zephirino—É que o padre Ignacio... já por ahi dizem pelo arruamento...

Simões—Dizem... dizem. (*Encolerisando-se*) O que é que dizem, tolo?

Zephirino—Que é um refinado...

Simões (*pegando no covado*)—Um refinado o quê?

Zephirino (*fugindo com o corpo*)—Não dizem nada, senhor; está bom.

Zé-Braga—Dizem, sim senhor, dizem: eu cá num tenho medo, digo-lhe a berdade. Dizem que é um xesuita disfarçado.

Simões (*contendo-se*)—E não dizem mais nada, matrotos?

Ze-Braga—Oitros dizem que é ai alma do padre Malagrida que ianda im penas. E mais que fagem grande aquella e pasmachão, os mercadores e capelistas todos, por ber o nosso patrão bindo a xer coma é, compadre do sor marquez...

Simões—Caixeirada!

Zephirino—E os patrões tambem, senhor, que por ahí falam bem n'isso. E' que lh'o não dizem na sua cara... mas por traz, tomára eu que os ouvisse. Que se admiram como o marquez vem a sua casa, e se-fia tanto no seu compadre... Que vocemecê é pelos fidalgos que foram a justiçar.

Simões (A'parte)—E não se enganam de todo.

Luiz (A'parte)—A justiçar, meu Deu!... a assassinar. Chamam áquillo justiçar!

Ze-Braga—Que num acredita qu'os xesuitas tibessem patto c'o demo...

Zephirino—Que está que santo Ignacio foi santo de veras...

Ze-Braga—Que fez uma nobena, mai'lha tia Monica, muito em xegredo...

Zephirino—A'quella imagem do santo...

Ze-Braga—Que é de prata moxixa...

Zephirino—Que tem escondida no seu oratorio ao pé da cama.

Simões—Tolos!

Luiz—Impios, servis!

Zephirino (vendo Luiz)—Ah! ahí está o Sr. Luiz. Elle que diga. Mas é que tambem deante d'elle não falam, não sei porquê... E olhe, Sr. patrão... Mas é que vossemecê... (Apontando para o covado.)

Simões (retorcendo o covado na mão com impaciencia)—Dize, dize. (Para Luiz). Muito bons dias, senhor... Muito bons dias, Luiz! (Para Zephirino) Anda tu, fala... jágora quero saber tudo o que dizem.

Zephirino—E o covado?

Simões—Não te vae o covado, alfacinha reles. (Atira o covado). Dize o que quizeres, tudo o que ouviste...

Zephirino (Abaixando a voz)—Pois dizem que a sua fazenda, toda a sua riqueza que vossemecê diz que deve à protecção do marquez... e as suas fábricas, e tudo tal não é seu, nem lhe veiu d'ahi: que tudo lhe vem pelo padre Ignacio, e que era dinheiro que

ficou escondido nas profundezas do Collegio novo, à Cotovia—E que hoje querem chamar dos Nobres—E que o dinheiro que é dos Jesuitas, e que a principal parte dos lucros que vai para Roma: que vossemecê que aceita mais letras de Genova e Lione do que o seu trato pede com aquellas terras... Que assim o disse o outro dia no meio da praça, diante de muita gente, o Sr. José Gramicho.

Simões—Bisbilhoteiros!

Luiz (*ao ouvido de Simões*)—Meu Simões, sou eu que te deito a perder.

Simões (*do mesmo modo*)—Cale-se, senhor!

Zephirino—E o que todos scismam mais, em tudo isto é a amizade do marquez com vossemecê, e o que lhe elle quer, e as visitas que lhe faz, e o que elle enche a bôcca, sendo tamanho fidalgo...

Luiz (*A parte*)—Fidalgo! onde nós chegámos!

Zephirino (*Olhando para Luiz*)—Pois sendo tamanho fidalgo o que enche a bôcca com o seu compadre Siônóes! E mais que, estando lá pelo Brazil o afilhado de quem nós eramos compadres—o seu filho de vossemecê—ficasse sempre a mesma amizade.

Simões—Invejosos!

Zephirino—Mas que, se o marquez souber—e o que hâde vir a saber, mais dia, menos dia—que vossemecê que fez, inda o outro dia a titulo de ser por alma de sua mulher, mas, mas que não era—que fez um officio de defuntos em San' José de-Ribamar por alma e tenção do duque de Aveiro que já não é duque...

Simões—Não, coitado! que lhe ficou o ducado no patíbulo...

Zephirino—E mais por aquella bruxa da marquez de Tavora que tinha enfeitiçado a él-rei...

Luiz—Villões ruins, atrevida canalha! que lhe deu a confiança de pôr sua nojenta bocca em minha... em minha madrinha!

Zé-Braga—Sim, sim! Mais cá o sor Luiz que tal sovrinho num é de bossencê que lhe biesse da terra, mais que é...

Luiz—Quem sou eu, miserável, para me conheceres tu ou elles?

Zephirino—Ah! vê, vê? Mesmo esse ár, que é o que eiles dizem; que é um dos mortos que não ficou

bem morto em Belém, e que o patrão que o trouxe para casa de noite ás escondidas, e que lhe deu vida o padre Ignacio outra vez por suas maljartas de jesuita... Deus lhe perdôe!

Simões (*compondo-se e affectando seriedade*)—E não dizem mais nada?

Zéphirino—Dizem, sim senhor. Que em o marquez vindo a saber tudo isto, um dia, quando menos se espere, desapparece d'aqui da rua Augusta a famosa logea de pannos, baetas e baetões de Manuel Simões e Companhia; e elle e a sua firma e os seus pobres caixeiros... E que, se ficar a tia Monica para contar do terremoto...

Simões (*bençendo-se*)—Como tu falas em terremotos, bruto!

Zé-Braga—E' a tia Monica: a tia Monica é que está sempre a falar n'isso; e a contar das torres da Sé que dansavam; e a casa alli de Santo Antonio que avriu como uma belancia pela sésta...

Simões—Cala-te, e faze o signal da Cruz, brutinho, quando falares n'esses terrores de Deus. O senhor Jesus seja commosco. Sanctus Deus! Sanctus fortis! Minha pobre mulher!... (*Põe as mãos na cara e vai encostar-se à carteira.*)

Zé-Braga—Quem? cá a sôra patroa que ficou mesmo esmagada devaixo da casa... a com'assim, com'a?...

Luiz—Nao fales n'isso, José; não vês como affliges o patrão?

Zé-Braga—A tia Monica é que conta assim com'a ella ficou... Stá vom, stá vom: xá me calo.

Zéphirino—Coitado do patrão! em lhe lembrando o terremoto, tudo o mais lhe passa. Vamos para a logea, Zé Braga. Ajuda a estes fardos, Sr. Luiz, olhe que é verdade o que a gente disse. Não se fala n'outra coisa por ahí; o patrão que se acutelle, e vossemecê tambem. O marquez é bom cá para nós do povo, dizem... que eu sempre duvido: os tantos esquartejados do Porto bem do povo eram. Mas cheu! Seja elle por uns ou seja por outros, todos lhe têm muito medo.

Luiz—Medo!

Zéphirino—Medo, medo; podéra não! Não que elle, sem mais tir-te nem guar-te, nem juiz nem letrado, nem procurador que te valha, agarra-me n'um ho-

mem, enforca-m'o, entaipa-m'o, esquarteja-m'o...
E se depois pelos autos se vê que era inocente...
Luiz—Trancam-se os autos.

Zéphirino—Oh! mas não tira que não seja um grande marquez, e que faz muito pela nação.

Luiz (À parte.)—A sangue tudo, a ferro nos quer emendar! com o algoz por mestre, e a violencia por ensino! (Alto.) Sim, meu amigo, sim, o marquez não é tão máo como nós o fazemos. Deixa-me-te ajudar. (*Lança mão a um fardo*).

Zé-Braga—Ajudar! Ora isto! com esses braxinhos de louba-a-deus... Olhe os seus punhos de renda não se rasguem. (*Tira-lhe o fardo, e com a ajuda de Zéphirino, o deita para as costas.*) Vá lá, homem, upa!

SCENA IV

SIMÓES, LUIZ

Luiz (Chegando-se a Simões que ainda está na mesma attitude.)—Meu Simões, meu amigo, meu verdadeiro amigo!...

Simões (Levantando-se e tomando uma attitude respeitosa.)—Meu amo, Sr. D. Luiz, perdõe V. Ex*...

Luiz—A que vêm essas excellencias, homem? Cuidas que eu eu preciso d'isso ou que posso com isso?
—Aqui sou teu sobrinho e teu caixeario. As outras honras e titulos estão enterrados acolá nos fortes da Junqueira. Esses tristes pergaminhos que não deliu tanto sangue... lá estão a apodrecer no lodo, n'água encharcada d'aquelle subterraneos. E eu, eu aqui ha dois annos em tua casa para quê? Pondo em risco a tua vida, fazendo-te passar os dias na anciedade, as noites no terror; porquê? meu velho Simões, e para quê?—Para vêr se acudo a meu pae, se lhe valho... E ha dois annos que voltei de Inglaterra, que aqui estou a empecer-te e a dar-te cuidados e trabalhos... e ainda não pude nem saber se meu pae era vivo ou morto...
Simões—Hoje, meu senhor, hoje é o dia grande, a noite de alegria que hade pagar tantos sustos e trabalhos.

Luiz—Hoje!... Ha quantos mezes me dizes tu *hoje* todos os dias? E passa-se hoje, ámanhan e outro dia e outro dia... semanas, mezes, annos... e não

sei se meu pobre pae já expiou com a morte o abominavel crime de lhe correr nas veias o proscripto sangue dos Tavoras... Viver meu pae? não pôde ser... ha quinze annos! E' impossivel. Quinze annos n'aquelle horrorosa prisão! E' uma esperanca van, uma criancice minha, porque m'o não hade dizer este perseguidor da minha familia, este verdugo de quanto havia nobre e independente n'esta terra que ha tantos annos tyranniza? Hontem á noite, dize-me: — hontem á noite que elle aqui esteve contigo mais... Oh! foi mais de tres horas... perguntaste-lhe por meu pae! Deu-te alguma resposta?

Simões — Perguntei, meu senhor; e a resposta foi a do costume.

Luiz — Qual? a infamia do casamento?

Simões — Sempre o mesmo. — «Não sei; se quer casar, verá seu pae; senão não. Sei que tu tens escondido esse filho do meu inimigo; sei que voltou de Inglaterra, sei por onde veiu, que desembarcou em Galliza, no Ferrol, em trajos de mercador, no dia ... tal, a tantas horas.» Sabe tudo o maldito do homem! Que atravessou a fronteira com passaporte que lhe arranjou o consul inglez; que esteve no Porto de noite a... taes horas.» Sempre a data a hora com o relogio e a folhinha na mão!... «Que passou pela Cordoaria, e que, ao vêr certo espectaculo, certas penduras que ainda lá estavam pelas arvores, fechou o punho exclamou: Ah tyranno!... E o tyranno sou eu... porque fiz castigar aquelles republicanos tripeiros que me queriam ensinar como se faz o negocio dos viñhos, e que el-rei meu senhor...» tirando o chapéo: tira sempre o chapéo em falando d'el-rei.

Luiz — A si se corteja, o hypocrita; porque el-rei bem sabe elle que não é nada.

Simões — «Eu sei tudo» continuou elle «sei tudo compadre Simões; e por amor de ti finjo que não sei. E o rapaz é bello rapaz, é instruido: aprendeu muito nas suas viagens. A mim m'o deve: não sabia d'aqui do canto do mundo esta gente se os eu não fustigasse...»

Luiz — Malvado!

Simões — Será, sim senhor; mas lá isso, faz-lhe justiça a V. Ex.* Ainda foi mais o que elle disse hon-

tem, muito mais: eu estava pasmado. «Tem realmente muito merecimento o teu protegido, Simões.» Suas próprias palavras: «Não se peja de sér industrioso; com o pouco que lhe escapou do sequestro, sei que tem negociado, que é teu sócio...» Fiquei a tremer quando tal ouvi. Elle: «Não tenhas medo, tolo: é um serviço que fizeste a el-rei meu senhor» barretada «e ao Estado, Esse dinheiro de fidalgos ia-se em toiros e cavallos: confiscaste tu, para a industria e civilisacão do reino, o que escapou ao fisco real. Tanto melhor! por um ganhas conto, e mais elle. Não lhe quero mal, ao contrario: o rapaz não tem as ideias de aristocracia feudal d'estes ferrabrazes que eu pux a direito...»

Luiz—Infame!

Simões—«Que eu puz a direito,» dizia elle «com sua dureza, é verdade: mas não havia outro remedio. Porém o que lá vae, lá vae: o rapaz tem juizo: estou prompto a ser seu amigo, que case com minha sobrinha. Marianna é formosa, tem espirito, e é um bom partido... leva-lhe em dote a liberdade do pae, e a casa que lhe eu mando logo entregar...»

Luiz—Indigno! Antes a barra de ferro no peito, como....

Simões—É verdade, é verdade: V. Ex.^a tem muita razão. Mas... e seu pae?

Luiz—Meu pae, meu desgraçado pae! Oh!...

Simões—«Diga elle que sim» foram as ultimas, formaes palavras do marquez—diga elle que sim, fizques tu por seu fiador; e eu farei por elle é por ti o que ainda se não fez por ninguem, desde que eu... desde que el-rei meu senhor governa. Abrir-se-hão os calaboiços da Junqueira, e verá seu pae.» Eu tremendo com muito medo, mas sempre lhe disse: «Talvez para não tornar a sahir.»—Elle muito irritado: «A minha palavra, Manuel Simões! Atreve-se a duvidar da minha palavra?»

Luiz—Atrevo eu. Mas não importa: deixe-me elle entrar, e que eu abrace, ao menos uma vez ainda, o meu pobre pae!... Oh! mas o preço...

SCENA V

SIMÕES, LUIZ, PADRE-IGNACIO

Ignacio—O preço é de quem sabe o que vende, e o freguez que tem. A bençam de Deus seja comvoso, meus filhos. Luiz, D. Luiz, coitado! Attribulados nos vemos, meu filho... Ora pacienza, pacienza! Deus dará remedio.

Luiz—A meu pae, só se fôr no céu, padre.

Ignacio—E mais na terra, e mais na terra Ora pois.
—Seu pae está vivo, D. Luiz.

Luiz—Vivo!... Oh! padre, Deus lhe pague essa nova.
Vivo, meu pae?—Mas como sabe?... Não pôde saber.

Simões—Sabe, sabe; se elle o affirma, é porque é assim. (A'parte) O que eu ainda ando para saber é qual dos dois adivinha mais cá n'esta terra, se o marquez, se o padre Ignacio.

Ignacio—Que rosnaes vós lá, Simões?

Simões—Eu nada, padre. (A'parte) Vêem o outro com os seus oiros e velludos, este com aquella loba velha e safada... a mim me melem se este o não enfia.

Ignacio—Simões?

Simões—Senhor.

Ignacio—Vós pensaveis, Simões, e...

Simões—Eui...

Ignacio—Vós, sim, Simões! (Pausa) Manuel Simões, vós fostes criado entre os padres; d'ahi, vós puz eu em casa do Sr... do pae de D. Luiz, Simões; e d'ahi, por meu respeito e da Companhia, vos fizestes gente. Ora a Companhia já lá vae, Simões... mas eu fiquei.

Simões—(tremendo)—Vossa paternidade...

Ignacio—Irmão Simões, de joelhos, e diga a culpa! (Simões ajoelha com grande humildade) Irmão Simões, eu sei o que passou por vossa fraca e chôcha cabeça, e o peccado contra Deus e a Companhia que vossa caridade commetteu agora por pensamentos. D'isso vos accusaes e pedis perdão a Santo Ignacio e aos seus padres?

Simões—Peco, meu padre, com toda a humildade do meu coração. Perdoae-me, que eu prometto...

Ignacio—Levante-se, irmão.

Coras Completas de Luiz de Camões

Luiz (á parte). — Que obediencia, que espanto !
Verdadeiramente estes padres ou são inspirados
ou possessos.

Ignacio—Está pasmado, D. Luiz ! Bem sei o que
pensa. Engana-se. Tudo isto é natural e simples.

Luiz—E porque o não faz ninguem mais?

Ignacio—Porque não estudam os homens, porque
não cuidam de sua educação, porque de todo o
sempre se tem pensado que os vinculos materiaes,
sós, podiam ligar os homens. A Companhia de
Jesus fez o contrario. A regeneração da especie
operada sem crimes nem sangue, sem violencias,
obtida só pela intelligencia, era o seu empenho...
empenho já meio conseguido. Os reis tiveram
medo de nós e do nosso systema. Seja proscripta
a Companhial carreguem-se-lhe mais crimes do
que se carregaram aos Templarios. Sejam immo-
raes, corruptos, regicidas, sacrilegos... bruxos e
lobis-homens se quizerem. . Não falta quem
crêa. Acabemos com elles antes que elles aca-
bem e consigam que o mundo se povoe de ho-
mens. Seu poder é a intelligencia, e a intelligen-
cia é a nossa inimiga grande. O fanatismo disse-
amen à tyrannia. A ignorancia tola applaudiu, e
o mundo ficou para os hypocritas... Para os hy-
pocritas da monarchia, e para os hypocritas da
philosophia. Por quantos annos, marquez de Pom-
bal! Esperem pelos recados de França que hâode
chegar um dia cedo. A especie humana está a ca-
minho. A civilisação, guiada e contida por nós,
vinha lenta e suave. Quebraram-nos as mãos no
cepo do algoz; ella ficou á solta: hâde dourdejar,
que é móça... Lá fica o cepo do algoz, e o seu
cutello tambem... Veremos contra quem se vol-
ta agora. A cruz de Jesus Christo era arvore de
sciencia, era bandeira de progresso quando nós a
tinhamos na mão .. Agora formaram-se dois cam-
pos... e vós fostes hastear a cruz nos arraiaes da
ignorancia... Lá estão os philosophos do outro
lado. São poucos? Elles crescerão. O povo não os
entende? Elle entenderá... E que não entenda, é
preciso entender para ser proselyto? Veremos
quem vos vale agora, veremos d'onde hâde vir a
paz ao mundo; veremos quem tem mão na Cruz

de Christo pregada n'esse Calvario de ignorancia e de cubica.

Luiz—Este homem é anjo, ou?..

Ignacio—Ou demonio? queria dizer. Nem uma coisa nem outra, D. Luiz. Sou um pobre clérigo velho, um triste proscripto da Companhia de Jesus, um d'esses homens tam calumniados porque tiveram a desgraça de preceder o seculo, porque sentiram o caminho que levava o mundo; porque vitam a especie humana atormentada do desejo de melhorar, da ancia das reformas, e conceberam o louco projecto de a salvar das violentas crises que a esperam. Tentaram—e a tentativa era bela!—regenerar a obra da criação sem a precipitar primeiro no cahos. O nosso empenho foi calumniado, foi proscripto: outro sistema prevaleceu. Alguma geração futura o bemdira talvez; mas duas ou tres hão-de ser victimas antes .. e os paes e avós têm de comprar, a peso de lagrimas e sangue, essas fortunas—bem duvidosas! dos filhos de seus netos cujos paes estão ainda por nascer. (*Pausa*) Pois bem! os Jesuitas são os inimigos do altar e do throno... Lá está a *Dedicação chronologica* que o diz... E o seu auctor nas pedras d'Angoche!... Pagaram-lhe bem .. como costumam. Emfim, vamos; depois de perdida a batalha, cuidar dos feridos e resgatar os prisioneiros! D. Luiz, seu pae está vivo, sei-o eu, affirmo-lh'o eu. Podemos salval-o, e é preciso fazê-lo.

Luiz—Como, padre? Diga o quê, que estou prompto. Esse resto de fazenda, a minha vida que seja preciso sacrificar .. Meu querido pae, meu desgracado pae! se o torno a ver!..

Ignacio—Nada d'isso: nem vida nem cabedaes aproveitam aqui. Precisamos de sacrificio maior.

Luiz—Há outro maior!.. faz-se.

Ignacio—Maior... é... é... É para quem, como o geral dos homens, arreda os olhos ga grandeza dos fins, para se ocupar das pequenezes dos meios.

Luiz—Não o entendo, padre.

Ignacio—É preciso acceptar esta proposta de casamento.

Luiz—Esta... proposta... de... casamento!

Ignacio—Da sobrinha do marquez.

Luiz—A sobrinha do!... Eu!... com a sobrinha d'elle!... O filho de!... Luiz de!... o filho de meu pae com uma!... E é conselho do padre Ignacio, do amigo e director de todos os meus?... de um?...

Ignacio—De um Jesuita! acabe. Mas quem lhe diz que vá já solemnizar essa alliance?

Luiz—Alliança do lobo com o cordero!

Ignacio—É verdade; mas quem lhe diz que a faça, que vá já?...

Luiz—Então não percebo. Pois como hei de eu?...

Ignacio—Acceitar uma proposta de casamento não é já assignar as escripturas, não é caminhar logo para a egreja, D. Luiz, saiba o que pouca gente sabe hoje em Lisboa. A doença d'el-rei é mais grave do que se diz. Espalham que vai para Salvaterra... mas a sua mais proxima jornada haverá de ser a San' Vicente-de-Fóra.

Simões (*aterrado e olhando para as portas*)—Estes meus caixeiros que são tam curiosos... Se elles...

Ignacio—Não ouvem, Simões; não tenhas medo. (A parte) E que ouvissem, já não ha tempo de...

Luiz—E como quer o padre Ignacio que eu acceite, que dé a minha palavra para... para quê?... para faltar a ella?

Ignacio—Faltar! Não é faltar, é...

Luiz—Quebrál-a, ser um indigno, um villão-ruim!... Meu padre, esse homem tirou-nos bens, títulos, grandeza, a liberdade, a vida. Uma só coisa nos deixou... uma coisa que elle mais que todas quizeria tirar-nos, mas não chega lá o seu poder. A minha honra, quer que lha vá eu entregar?

Ignacio—Não, D. Luiz; dé-lhe a vida de seu pae. De seu pae que está agonizando... que, se hoje o não tirarem dos calaboiços da Junqueira, alii morrerá ao desamparo... sem uma voz de amigo que o conforte... sem uma mão que lhe aperte a mão que esfria... sem a piedade dos homens, sem o auxilio da egreja... sem um filho que lhe vá cerrar os olhos!...

Luiz—Padre, padre, não é isso tentação, não é isso forçar-me?... Não é disso que accusam a Companhia! Como se combinam com isto, oh! meu Deus!

as sublimes doutrinas, os generosos principios que ainda agora escutei, que me arrebataram?...
 Ignacio— Esperava a reconvenção, filho; e não me offende. Conselhos de Jesuita! E' o que quer dizer... moral de Jesuita! Estamos affeitos a ouvir isso todos os dias, a lê-lo em quanto mascavado folheto de papel pardo por ahi se imprime. Entre dois males forçados, necessarios, inevitaveis, optar pelo menor é a nossa doutrina.

Luiz— E perder a honra, padre Ignacio?...

Ignacio (saindo) — Não, filho honrado, perca seu pae.

Luiz (correndo atrás d'elle) Padre, padre, por compaixão, padre Ignacio! tenha dó de mim... Meu pae, meu pae, meu pobre pae! — Simões que heide eu fazert! Vamos atras d'elle, vamos... Não, vae, tu, Simões, traze-o. Quem sabe! pode ser... vejamos. Se se podesse achar algum meio? Meu pae agonizando... diz elle, elle que sabe tudo! Vae, Simões, vae, faze com que volte; traze-o por força se é preciso; mas que venha. Vae, vae tu Oh! meu Deus!

Simões— Vou, vou, meu senhor... Mas se elle não quizer...

SCENA VI

Luiz (só)— Não hade querer... não me hade acudir n'este aperto? Será possivel! Oh! e que lhe importa a elle, o Jesuita? Jesuitas! Será pois verdade quanto dizem d'estes padres? E todas aquellas belas e sublimes cousas que ha pouco lhe ouvi, não seriam senão... Não quero, não posso, não devo crê-lo. Mas meu pae?... meu pae que morre por meu capricho! Capricho não é. Quereria elle, meu honrado pae, aceitar a vida por tal preço? Uma infamia! Meu Deus, meu Deus, que isto é endoudecer... a minha honra, a da minha familial! E' verdade, é... mas... Mas se... mas esta repugnancia que eu sinto para similhante casamento, não virá ella tambem de outro motivo que eu mal me atrevo a confessar a mim mesmo?... Oh! aquella visão celeste que me appareceu em Santa Joanna d'Aveiro... aquella imagem que aqui anda no meu coração, e que todas as dores, todos os cuidados, todas as desgraças da minha vida não tem podido apagar!... Apagar, só a morte!... mas nem dimi-

nuir-lhe a viveza!... Meu pae, meu pael ai, este meu coração, que tenho medo de entrar n'elle...

SCENA VII

LUIZ, TIA-MONICA

Monica (*Falando consigo.*)—Está tudo prompto; cama feita, quarto perfumado, os lençóis de es-guião com seus folhos... E' um palmito o quarto da senhora minha sobrinha que eu nunca vi... nem sabia que a tinha, que ainda é mais! Mas diz meu irmão que é; seja. Vamos, vamos, que aqui ha outro parentesco, seja elle qual fôr... (*Vendo Luiz.*) Oh, sr. Luiz! boas novas venham a mim: toca a alegrar-me esse rosto sempre triste, que se vai remoçar esta casa. Até eu me sinto outra. Com gente mōça me mate Deus, que para velha basto eu!

Luiz—Bons dias, tia Monica!

Monica—Tia Monica: diz bem. Hoje é que eu começo a ser tia Monica devéras. E que festas que a rapaziada hade fazer á tia Monica!... Já se sabe porquê.

Luiz—Não a entendo. Muito alegre está hoje! (*A parte.*) E Simões sem voltar! Se iria devéras o padre e que não queira tornar? E' impossivel. (*Alto.*) Pois olhe, tia Monica, estou hoje mais triste do que nunca.

Monica—Sabe que mais, Sr. Luiz? tome o meu conselho, e deixe-se de cuidados. Um rapaz da sua idade, com esse ár e sua figura...

Luiz—Tām rapaz sou eu! Ai tia!

Monica—Isso: faça-sevelho: não lhe falta mais nada... Que vergonha, sempre triste, sempre melancolico! valha-o Deus! Divirta-se, gose da vida, olhe que a mocidade acaba cedo.

Luiz—Eu não tive mocidade, minha boa Monica; saltei, do berço quasi, para os cuidados de homem feito; tem-se me ido a vida a esperar e a soffrer... e estou quasi velho.

Monica (*Rindo.*)—Não verão o velho! Ora não seja criança. Olhe: tenho um segredo que o não hade saber o boiças do Zé-Braga nem o bonifrate do Zephirino... e ao senhor heide-lh'o dizer, que é

um rapaz de juizo, e que me caiu em graça pelo seu bom modo. (*A' parte.*) Parece um fidalgo o dia-cho do caixeario, com aquelle ar de gente que tem... Deus me perdõe!

Luiz—Ora venha lá o segredo, tia Mónica. E é só para mim, estet.

Mónica—Só. E cuidado com o mano Simões e mais o padre Ignacio... que se elles sabem que eu falei...

Luiz—O padre Ignacio! (*A' parte.*) Que será isto? (*Alto.*) Diga, diga: bem sabe que falo pouco de meu natural.

Mónica (*Com mysterio.*)—E' uma rapariga linda e rica... e com um dote!...

Luiz—Uma rapariga?... quê... como?

Mónica—Dezesete a dezoito annos... vã que sejam dezenove!... E que fossem vinte!... se ella é mōça, se é formosa como um anjo: dizem elles todos!... Lá de cima, do Porto ou da Beira, d'essas terras lá de Traz-os-Montes. Só moios de milho, parece que são mais de vinte. Quanto é vinte moios de milho, Sr. Luiz?

Luiz (*Aborrecido.*)—E' uma figura, tia Mónica: sabe o que é?

Mónica—Essa palavra agora é que não foi sua!... o Sr. Luiz, que era o meu valido?

Luiz—Tem razão, tia Mónica; perdõe... Mas é que... Se soubesse como eu estou hoje!—Ora vamos: o segredo então é?...

Mónica—Eu lh'o digo. Hontem á noite, era já muito tarde, ia-me eu deitar; tinha sahido n'aquelle instante o sr. marquez, que esteve cá com o mano ate alta noite: chama-me elle do seu quarto, e diz: «Mónica».

Luiz—Quem, o marquez?

Mónica—Ora, sr. Luiz!—Não senhor, o mano Simões: o marquez, já se tinha ido. Vou-me eu ao quarto d'elle, e quem havia de eu lá achar?

Luiz—O marquez?

Mónica—Não senhor: valha-me Deus! se o Marquez já se tinha ido... não lhe disse? Nada, não: sabe quem? o padre Ignacio muito agachadinho.

Luiz—O padre-Ignacio! Eutão tinham estado todos tres juntos, em conferencia. O padre Ignacio com o marquez de Pombal!... Ah Jesuitas...

Monica—Sempre é muito bom rapaz, muito simples! Lá ia o padre Ignacio mostrar a sua carinha de frade da Companhia—que ficou tal qual como era, menos a roupeta, o mais é o mesmo! —o Padre-Ignacio ao marquez de Pombal! Essa faz-me rir. Mas olhe: (*Muito em segredo*) em o mano Simões estando no quarto, fechado com o marquez, conte certo que está o padre-Ignacio por perto. Como elle o faz é que eu não sei. Mas é um bom padre... lá isso é. Elle confessor, elle tudo. Não, se todos eram como este!...

Luiz (á parte.) O caso começa a ser grave. (*Alto.*) Com quê então estava lá o padre-Ignacio?

Monica—Como lhe digo: com aquella sua carinha composta e risonha. E o mano triste... E diz-me o mano: «Monica, ámanhã ha-de preparar o quarto grande que era de...» Era o da defuncta... de minha irmã... Nunca fala n'ella, o pobre do Simões, sem se lhe arrazarem aquelles olhos.—«A melhor roupa de casa, as commodas inglezas, as cadeiras de damasco azul, tudo o que houver mais fino em casa; que vem minha sobrinha, disse elle. — «Sobrinha» resmunguei eu cá commigo: d'onde vem e aonde estava esta sobrinha? Mas a elle não lhe disse nada, que lhe tenho um medo... O sr. Luiz bem sabe.—E sae de lá o meu padrinho Ignacio, todo sopinhas de mel, guardaste-me d'ellas: E' a Marianninha, bem sabe, aquella rapariga linda e rica que estava em Santa Joanna d'Aveiro; a tia Monica bem sabe.» Pois não sei! Nunca em tal ouvi falar.

Luiz—Em Santa Joanna.

Monica—«Santa-Joanna» disse eu «não pode ser, «pois se eu nunca...»—«Em Santa Joanna d'Aveiro,» tornou-me o bom do padre; «a tia Monica bem sabe.»—«Sei, sim senhor; pois não sei?» sei muito bem.»—«E' a sobrinha cá do nosso Simões» disse elle mais «vem cá para casa! é preciso pô-la à moda, dar-lhe o ár da corte, e vêr se a casamos cedo.»

Luiz (á parte).—Que estranho mysterio ha em tudo isto!

Monica—O mano Simões encolheu os hombros, e com aquelle bello modo que Deus lhe deu quando fala commigo: «Vá, Monica, vá; ámanhã «que-

ro tudo prompto. A' volta do meio dia chega minha sobrinha, e tudo hade estar feito. E Deus a livre, Monica, de que alguem n'esta casa sonehe... Sonhar só! entende? Vá-se deitar.» E eu vim... qual deitar-me! puz-me a lidar, andei com os bahus ás voltas, bati colchões, sacudi roupas... Eram nove horas, esta manhã, já o quarto estava prompto. Veiu vê-lo o padre-Ignacio em pessoa hoje, haverá uma hora...

Luiz—Uma hora!

Monica—Sim, não ha mais: esteve-o vendo muito bem, e disse-me: «A tia Monica é uma pessoa de primor.» Mesmo assim m'o disse.—«Está o quarto de uma condessa.» Eu andei á roda d'elle, a ver se lhe pescava... se percebia... Mas o padre é fino! Só me disse dos vinte moios de milho e dos dezeseis, dezessete annos. Que eu sempre lhe deito pelos vinte para me não enganar... —E então, não é um segredo de dizer a um amigo, hein? não se me alegra esse rosto com a noticia?

Luiz—É um segredo, tia Monica, um verdadeiro segredo... e bem extraordinario!—E então seu irmão tinha essa sobrinha em Santa-Joanna d'Aveiro?

Monica—Diz elle que sim... E verdade seja, o mano Simões, é lá d'essas bandas. Elle é certo que já cá estava ha muito em Lisboa quando casou com minha irmã... mas Deus sabe as sobrinhos e sobrinhas que por lá tinha deixado. Isso é certo... mas nunca lhe tinha ouvido falar em tal. Também porque não hade ser?

Luiz—Será, será. E porque não hade ser? diz bem.

SCENA VIII

LUIZ, MONICA, ZÉ-BRAGA

Zé Braga — Tia Monica, tia Monica! uma liteira que parou á porta da cassa, e perguntou se é acá que mora o sôr Manuel Simões e Companhia. E eu dixe-lhe que sim, que era acá: que num estava em cassa o sôr Manuel Simões, mas que estava a Companhia. E saíu uma rissadinha de dentro da liteira, uma risadinha fina e assucarada, e uma bósinha de seraphim que perguntou: «Qu'é d'ella a Companhia?»

—«Que sou eu minha senhora?» — E' uma senhora que está dentro: xá percebeu, tia Mónica e N'um percebeu? Ora se habia de percever! Quem, a tia Mónica que é mais fina!... «Mas bai dize-l'eu. Que sou eu, minha senhora, o Zé Braga, que assim me chamam por cá, e o Zephirino que ahi abem, e o sór Luiz e a tia Mónica que estão lá em xima para serbir a bossinhoria.» Num respondi vem, tia Mónica?

Mónica — Para um boiças, não foi mal. — E' ella, señor Luiz: vamos lá: o mano não está em casa...

Zé Braga — E' bem duas, tres, quatro, num sei quantas vestas de carga — mullas hão de ser, com tantos guissos... e fagam uma vulha! Estão os caigeiros todos ás portas pasmados a olhar, e toda a xente pela xanellas... E tudo é chismarem quem será, d'onde birá? E ninguem save, nem xiquer eu! O Zephirino lá ficou, e eu bim dar-lhe parte... Mas espere, espere, querem ber que é ella? E ail-o o Zephirino; o que é que elle traz, o Zephirino?

SCENA IX

MARIANNA, *em trajes de viagem*; ZEPHIRINO *com um regallo n'uma mão, um sacco de demasco na outra*; UM CALECEIRO E GALLEGOS *com bahuas, malas etc.* MONICA, LUIZ, ZÉ BRAGA.

Marianna — Ai! que graça que elle têm! Esperavam um bicho, aposto eu. Estão pasmados de me vêr com cara de gente. Já vejo que me heide divertir muito em Lisboa. Então onde está este senhor meu tio Manuel Simões?... e Companhia, como elles dizem... (*Vendo Luiz*) Ah!...

Luiz (*Vendo Marianna*) — Ah!

Marianna — Aqui... Pois?... Não é esta a casa do senhor... (*Tira uma carta e repara no sobreescrito*) do senhor Manuel Simões e Companhia, rua Augusta esquina de?...

Luiz — Esta, minha senhora, esta mesma... e eu que tenho a honra de ser... seu... seu...

Marianna — Seu?...

Luiz — Seu principal caixeiro e guarda-livros.

Marianna — Seu principal caixeiro e guarda-livros? o

senhor!... de Manuel Simões!... de meu tio Manuel Simões... mercador na rua Augusta? Luiz—Sim, minha senhora; e na sua ausência prompto a receber as ordens da senhora sua sobrinha.

Marianna—É verdade... é notável.

Zé Braga—E aqui está tamvem o Zé Braga que xá tebe o gosto...

Marianna—Ah! o senhor Zé Braga—galante nome! O senhor Zé Braga é!

Zé Braga—Camarada aca do sôr Luiz, caixeiro do valcom, e de fóra tamvem...

Marianna—Oh! muito bem. E esta senhora?

Zé Braga—A tia Monica.

Marianna—A tia Monica?

Monica—Monica Benavides, uma sua criada. (*A parte*). Criada! Pois ella não é quasi minha sobrinha?... Mas tem um ár... Nunca hei de tomar geito de lhe chamar sobrinha. (*Alto*) Monica Benavides, irmã de quem Deus tem, que era a mulher do mano Simões que...

Marianna—Excellente companhia! (*A parte*) Estou n'um sonho; isto não pode ser devéras, Luiz de... aquil... caixeiro do tal senhor meu tio! Eu sobrinha da tia Monica! É uma comedie, e parece-me que hade ser divertida: facamos o nosso papel... (*Alto*) Minha querida tia Monica...

Luiz (*A parte*)—E' sobrinha, não ha duvida... Que pena!

Monica (*A parte*)—Pois desdigo-me: é minha sobrinha, não ha engano. Só aquelle lindo modo!

Marianna—Se eu soubesse, querida tia, onde era a minha camara...

Monica (*A parte*)—A sua camara! uma sobrinha da província, e as falas que tem! Estou vendida. (*Alto*) Vou já mostrar-lh'a, estou morrendo que a veja, minha...

Marianna—Sobrinha, diga sobrinha. Então não sou sua sobrinha?

Monica—Pois sobrinha: seja. Não tinha geito, mas logo o tomo: deixe estar. Com uma sobrinha tam linda, com tam bonito modol Faz gosto ter uma sobrinha assim... Não é verdade, sr. Luiz?

Luiz—E' verdade, é... mas parece-me um sonho!

Marianna—Tambem a mim! Faz favor, tia Monica,

de mandar buscar... Eu não trouxe os meus criados... de mandar buscar a minha bagagem, essas coisas...

Monica (A'parte)—Os seus criados!

Luiz (A'parte)—Não trouxe os seus criados!

Marianna—Preciso de me vestir, toucar-me, cuidar um pouco em mim...

Monica—Já, já. Forte descuido meu! Zé-Braga, vamos! tudo para cima. Vou preparar, vou arranjar... Verá que lindo quarto é, e como eu o puz, que palmito! Vamos Zéphirino! tudo no seu logar.

SCENA X

LUIZ, MARIANNA e ZEPHIRINO

Zéphirino (Tornando a traç, e baixo a Luiz)—Oh sr. Luiz, ella sempre é linda, a sobrinha do patrão!

Luiz (Baixo a Zéphirino)—Achas?

Zéphirino (Baixo a Luiz)—Porque! Oh sr. Luiz!... ai! Eu cá vou-me já pôr de fato novo, ricar este topete... Quem sabe? um rapaz da corte... Ellas lá por cima não vêem d'isto...

Luiz—Faze-lhe as diligencias: está ao talhar para ti.

Zéphirino (Baixo a Luiz)—Devérás, acha?

Luiz—Acho.

SCENA XI

MONICA, MARIANNA, LUIZ, ZEPHIRINO

Monica (Voltando)—Vamos, venha, minha... minha sobrinha. O toucador está prompto, a cama feita...

Marianna—Não me quero deitar.

Monica—Ai! é verdade, o que me esquecia!... O caldo de gallinha que também está feito. Não me descuidei, deixe estar. Sr. Luiz, faça um boccadinho de companhia a esta senhora, que eu já venho. Pobre menina! ainda não jantou... querem vêr? Vou já buscar o caldo de gallinha.

Marianna—Não; antes no meu quarto.

Monica—Pois então espere aqui um nadinha. Anda d'ahi, Zéphirino.

Zephirino — Senhor Luiz!

Luiz — Hein?

Monica — Senhor Luiz, converse-me com esta menina, mostre que é da corte. Jesus, que rapaz! E dizer que andou por França, por essas terras... e acanhado assim! Oh! rapazes do meu tempo!

Zephirino (*Baixo a Luiz*) — Senhor Luiz, metta assim uma palavrinha na conversa a meu respeito, diga que a gente cá que...

Luiz — Não será preciso... mas se fôr...

Zephirino — Sempre é bom, sempre é bom. Ande-me com ella.

SCENA XII

MARIANNA, LUIZ

Luiz (*A parte*) — Estava quasi indo-lhe já falar no amor do caixeiro... era o melhor despique. . Mas não, desenganemo-nos primeiro. (*Alto*) Será verdade, minha senhora, isto que eu estou vendo com os meus olhos, ouvindo com os meus ouvidos? D. Marianna de Mello, a secular de Santa Joanna d'Aveiro, aquella menina que eu vi com sua tia... duas vezes só, é verdade. . mas que nunca mais pude esquecer!...

Marianna — O caixeiro é galante.

Luiz (*A parte*) — O caixeiro! tem razão. Que mais sou eu, e que direito tenho! (*Alto*) Aquella menina tam espíritoosa, tam gentil, e que tam... tam...

Marianna — Tam fidalga lhe pareceu... Não é isso? Ora veja; pois não era senão a sobrinha do senhor Manuel Simões. Ha enganos n'este mundo. Tambem eu, quando vi em Aveiro um rapaz que se dizia...

Luiz — Que simplesmente se dizia o amigo e recomendado do padre Ignacio.

Marianna — É verdade: mas que se deu áres...

Luiz — Áres, minha senhora! A gente como eu... não precisa...

Marianna — Muito bem, muito bem; não falemos mais n'isso. O que está visto é que, sem querer talvez, nos enganámos um ao outro. Em Lisboa e n'esta casa, a sobrinha de Manuel Simões... e o guarda-livros de Manuel Simões... Creio que este é o seu lugar na familia...

Luiz—Tenho outro mais importante ainda: sou sobrinho também.

Marianna—Oh! sobrinho também? Melhor. Somos uma espécie de primos. Que delicioso parentesco! não acha?

Luiz (A'parte)—Como me trata,inda em cima!

Marianna—Pois bem, senhor primo, e senhor guarda-livros... (A'parte) Que ridícula historial Estou corrida e desesperada! (Alto) Aqui em Lisboa devemos ambos esquecer-nos do que se passou há dois anos em Aveiro. Creio que posso contar...

Luiz (Fazendo uma profunda cortesia)—Com o respeito e discreção de um... homem de bem.

SCENA XIII

SIMÓES, PADRE IGNACIO, MARIANNA, LUIZ

Simões—Cá está ella. Como é guapa! Oh! e só aqui com D. Luiz, e em conversação tam animada! Saberão elles!... Não é possível. (Alto) Minha senhora, esta honra, este gosto...

Marianna—O senhor Manuel Simões?... meu tio não é assim?

Simões—Certamente, esta casa é de seu tio, minha senhora, e...

Luiz (Baixo ao Padre Ignacio)—Padre, padre, estou resolvido, tomo o seu conselho, mudei inteiramente de opinião. Vamos soltar meu pae.

Ignacio—Ah, caiu em si? depois que o deixei, encontrou razões?... (Olhando para Marianna.)

Luiz—Sim, padre: razões que abalaram toda a minha fé, que destruiram todas as chimeras do meu espírito, que desvaneceram todas as ilusões do meu coração. Não vivo já, não quero viver senão para meu pae. Casarei com essa mulher que nunca vi, que detesto já sem a conhecer... Mas não importa... eu...

Ignacio (A'parte)—Que enigma é este? Aqui anda enredo grande que nem eu entendo. Ah!... ah!... já percebo. Bem: melhor é assim. (Alto) Foi Deus que lhe tocou o coração, filho. Agradeça-lh'o e dê-se por feliz.

Luiz (Baixo ao padre-Ignacio)—Feliz eu! Ah! se soubesse...

Ignacio (Baixo a Luiz)—Sei.

Luiz (Baixo ao padre-Ignacio)—Sabe?

Ignacio (Baixo a Luiz)—Sei... O que é que eu não sei, meu filho?

SCENA XIV

MONICA, SIMÓES, PADRE-IGNACIO,
MARIANNA, LUIZ

Monica—Ora enfim, minha rica senhora, agora vamos. Mano, deixe esta pobre menina, que há meia hora que aqui está enfadando-se.

Marianna—Meus senhores...

Ignacio (Baixo a Luiz)—Que lhe parece, D. Luiz? E' gentil, é uma dama perfeita: não é?

Luiz (A parte, e cortejando D. Marianna)—Sobrinha d'elle!

Marianna (A parte e cortejando a Luiz)—Um caixeiro!

Ignacio (Baixo a Simões)—Como vae a coisa?

Simões (Baixo ao padre-Ignacio)—Mal.

Ignacio (A parte)—Vae bem, bem, optimamente!

ACTO SEGUNDO

Outra sala mais reservada em casa de Manuel Simões que se vê comunicar com a do primeiro acto. Porta ao fundo, e portas aos lados.

SCENA I

MARQUEZ, SECRETARIO

Marquez (Ao bastidor) — Que não entre ninguém aqui! (Na cena) São oito horas da noite: tenho tempo ainda (Para o secretario) Ponha essas pastas ahi, e vamos a isto: prepare-se para escrever. Fazemos hoje gabinete em casa de meu compadre Manuel Simões. E' mais seguro do que no paço... Oh! o paço... do que na secretaria d'Estado. Ah! estão montados os meus dragões?

Secretario — Sim, meu senhor, e promptos á primeira voz.

Marquez — As tropas em armas nos quarteis?

Secretario — Tudo está como V. Ex.^a ordenou: a guarnição toda em armas, artilharia de morrão acceso.

Marquez — E o espirito da tropa?

Secretario — Os commandantes respondem dos soldados; e se o povo...

Marquez — O povo!... Oh! o povo... Que dizem hoje os meus agentes secretos? Extractou toda essa papelada?

Secretario (Que se sentou a uma banca revolvendo as pastas) — Pela maior parte. Mas ha algumas cartas aqui que V. Ex. hade desejar vêr na sua integra talvez...

Marquez — Pois quê?... temos conspiração, temos jesuitas, temos!... Deixe vêr. (Pega nas cartas e abrindo uns) Da bella e puritanissima condessa. (Lê) «A princeza sabe tudo... estamos perdidos.»

(Fala) Sabe tudo! não sabe tal. (Lé) «Veiu o Jesuita falar com ella, e estiveram muito tempo em conferencia.» (Fala) Ah meu padre-Ignacio, cuidavas tu que eu!... (Lé) «O principe está furioso, e prometteu...» (Fala) Prometeu? Que havia de elle prometter? Uma novena a algum dos registos dos santos que traz dentro da cabelleira. Coitado! Para prior do Crato excellente... mas para rei!... Que viva mais oito dias D. José I, e eu lhe direi se o seu successor precisa de fazer mais nada do que accrescentar um ponto ao seu nome.

Secretario—Esta outra carta...

Marquez (*Tomando-a*)—Do meritissimo corregedor dos Romulares. *La robe et l'épée*: todos cá estão no livro preto... ou livro de ouro, que é mais exacto. (Lé) «Esta tarde, da uma para as duas, chegou a casa do mercador da rua Augusta Manuel-Simões, casa notada letra C...» (Fala) Ah! ah ah! Manuel-Simões! meu compadre!... O corregedor é esperto. Casa notada! (Lé) «Chegou a casa do mercador... tal, tal... uma liteira com uma senhora moça, e grande trem de bagagem!» (Fala) E' minha sobrinha, minha sobrinha que chegou (*Levanta-se*) Oh! isto é mais sério... A uma para as duas da tarde! São oito horas!—e Manuel-Simões sem me aparecer... eu sem saber nada! Seis horas, seis horas perdidas? Ah meu compadre! (*Ao secretario*) Toque essa campainha... (*Toca-se a campainha*) toque mais, mais forte. (*Toca-se*) E chego eu aqui, Manuel Simões fóra de casa... E os estúpidos dos caixeiros não me dizem nada. E ella, minha sobrinha, onde estará ella? Aqui ha de estar... Toque outra vez a campainha. (*Toca-se*) Como assim! não ouvem, ou será?... Ai Simões, Simões!

SCENA II

ZEPHIRINO, MARQUEZ, SECRETARIO

Marquez—Oh! finalmente, Manuel Simões onde está, teu amo?

Zephirino—Saberá V. Ex.^a que elle... elle...

Marquez—Elle o quê, pateta?... Onde foi, quando volta?

Zephirino—Não sei dizer, meu senhor. Mal chegou a

menina, esta senhora que é sobrinha cá da casa saiu logo.

Marquez—Saiu quem, a sobrinha?

Zephirino—Nada, não senhor, pobre menina! pois ella havia de sahir?

Marquez—Então explica-te, vejamos, e fala claro.

Zephirino—Saiu foi o patrão, desde que ella chegou, e ainda não voltou; ha bem tempo. E mais saiu na mulinha por signal.

Marquez—De mais a mais, saiu a cavalo.

Zephirino—Elle sim, a cavalo! (Rindo) O sr. marquez está brincando... O patrão a cavalo!...

Marquez—Pois não dissesse!

Zephirino—Na mulinha, senhor, na mulinha.

Marquez—Pateta!... E então a minha... a senhora... essa senhora que chegou, está deitada já?

Zephirino—Deitada, não sei; mas ha de estar descançando. Ora, uma viagem tamanha! mas ella não parecia muito cansada. Vinha tam perfeita, benza-a Deus! Bem se pôde gabar o patrão que tem uma sobrinha...

Marquez (Zombando)—Com efeito! Agrada-te? hein?

Zephirino—Se me agrada! E dizer que é lá da província, que nunca esteve em Lisboa, e o modo que ella tem! Cá nos arruamentos não ha quem se lhe ponha ao pé.

Marquez (rindo)—Muito me contas! Com quê, bonita, hein?

Zephirino—Bonita! Aquillo é... Ora Sr., V. Ex.^a está-me fazendo falar para... mas não importa. Eu digo-lhe a verdade: é uma rapariga qu'a gente...

Marquez—Que a gente o que?

Zephirino—Qu'um homem... É Jesus!

Marquez—Pelo que vejo gostas d'ella.

Zephirino—Ah senhor! Se o patrão... Elle tem-se visto coisas mais extraordinarias. Inda que eu não sou senão segundo caixeteiro, e o senhor Luiz!... Oh, lá o sr. Luiz é outra coisa; mas esse! esse sim!

Marquez—Esse?.

Zephirino—Esse não quer... esse quer lá!

Marquez—O que é que não quer o senhor Luiz?

Zephirino—O senhor Luiz não é cá como a gente. Não é que elle a não ache bonita, que eu bem vi.

Marquez—Ah! tu viste!... O que é que viste? Dize-me.

Zephirino—Ora o sr. Marquez quer rir.

Marquez—Protesto-te que nunca falei tam serio; interesso-me devéras por... por essa sobrinha do meu compadre. Com quê, tu viste?

Zephirino—Ora, o que vi não é nada. Mas sempre vi o nosso querido senhor Luiz que lhe deitou uns olhos... mas por outra parte, elle mesmo me disse: «Anda Zephirino que está ao talhar para ti.»

Marquez—Ah! elle disse isso?

Zephirino—Disse; mas eu bem n'o entendo. Era como quem dizia: «Cá eu...»

Marquez—Cá eu?...

Zephirino—Ora senhor!

Marquez—Fala, homem, explica-te.

Zephirino—Não senhor, lá isso não digo.

Marquez (severo)—Não dizes!... perguntando eu!

Zephirino (resoluto)—Não senhor. V. Ex.^a pode fazer de mim o que quizer, estou nas suas mãos; mas atraíçar eu os meus camaradas!.

Marquez (A'parte)—*Où la vertu va-t'elle se nicher!*
O caracter e a honra refugiaram-se atraç do balcão. (Alto) Muito bem, Sr. Zephirino, não lhe quero mal por isso; guarde o seu segredo. Mas para outra vez guarde-o de quem o não souber: para o marquez de Pombal não ha segredos. Entende? O sr. Luiz julga-se muito alta personagem para minha... para a sobrinha do patrão... Bem. Cuidavas tu que eu não sabia quem era o sr. Luiz!...

Zephirino—Oh senhor!... eu não é que o disse! Misericordia! eu não disse nada. Sr. Marquez, por compaixão! (A'parte). Pobre senhor Luiz, coitado! (Alto) Oh senhor, não o mande para as Pedras-Negras, não o... (A'parte) não o entaipe...

Marquez (rindo)—Vae descansado: juro-te que lhe não succede mal nenhum, ao contrario. Vae, vae, e vae-me buscar Manuel Simões, que venha logo aqui (Zephirino sae).

SCENA III MARQUEZ, SECRETARIO

Marquez (passeando) — O medo que elles têm de mim todos! Triste coisa é o poder, fatal missão a minha! Mas sem este poder, que tantas vezes é obrigado a ser cruel, como se havia de regenerar esta nação perdida, refazer este povo degenerado! Ah! se a posteridade me fará um dia justiça? (Pega nos papeis) Oh? a parte do senhor Corregedor! Não acabei de a ler... (Lê) «Uma senhora com grande trem de bagagem... tal, tal, tal... não se sabe quem é, mas suspeita-se... (Fala) Que suspeitara o animal do Corregedor? (Lê) «por vêr para lá entrar, logo depois, um certo clérigo mal conceituado que dizem ser Jesuita...» (Fala) Ora aqui tem em que mãos anda a polícia! O padre Ignacio, Jesuita em corpo e alma, que me serve, coitado! cuidando servir-se a si e aos seus, mas que eu deixo na pia crença de que me engana — porque assim me convém — aqui tem o senhor corregedor que apenas o suspeita de Jesuita? (Lê) «Que dizem ser Jesuita...» (Atira com a carta) — Ai que gente, que gente! Pobre Portugal se eu!... E somos chegados á crise enfim. El-Rei... (Para o secretario) Saia, senhor, e em vindo meu compadre, que me chamem logo.

SCENA IV

Marquez, (só). — Estou perdido... perdido sem recurso, «V. Ex.^a não é camarista» me disse hoje aquelle insolente, e não me deixou entrar na camera d'el-rei. E agora morre, não ha dúvida e a reacção é infallivel... reinado de frades e beatas! Que me farão elles a mim? — A mim que há-de fazer? Tremer deante de seu senhor, escravos! não me perdem assim o medo, não. — E quem sabe?.. Degradam-me, confiscam-me... enforcam-me talvez... Sim? pois até á ultima carta jogaremos... E quem perder pagará. — Oh! e meus filhos! e esta casa que tanto custou a fazer... e tudo isto perdido!... Não pôde ser, não hade ser. Ainda ha muito recurso, ainda tenho muitos amigos, ainda

posso conceber algum meio. Este casamento é preciso fazê-lo, já, já, e hoje... Hoje hade ser: hoje. Oh se el-rei!... mas el-rei está muito mal; não ha tempo a perder. Silencio, animo! que ah! vem o Simões. (*Senta-se.*)

SCENA V

MARQUEZ, MANUEL SIMÕES

Marquez—Ora venha, sr. compadre, venha, aqui estou ha uma hora á sua espera. Então como chegou minha sobrinha, como a acha, que me diz? E por onde anda o sr. compadre desde as duas horas da tarde que ella chegou?

Simões—Meu senhor, tenho corrido tudo á sua procura, fui á Ajuda, fui ao seu palacio; tenho andado, que se não fosse a minha mullinha...

Marquez—A mullinha do meu compadre é prudente e pausada como elle, meu amigo. Mas enfim Marianna chegou. E' preciso, já já, mandar chamar modistas, costureiras, cabelleireiro... pôr-m'a á moda. Já sei que é bonita, bom é. E' esperta, tem juizo?

Simões—Sobrinha de V. Ex.º...

Marquez—Bravo! Estás um cortezão perfeito, Simões. E querias ser d'aquella estupida Mesa do Bem-commum, tam reles e villan! Vê lá, desde que te fiz da Junta do Commercio, se não tens outro ár, (*Fica pensativo, levanta-se depois, e passando*). Com estes é que eu os mato deveras, os meus fidalgos. Elevar a classe média, tirál-a do nada do povo, desligal-a dos interesses d'elle! riqueza, saber, força tudo fica no centro. E para aqui o throno, que é o seu logar. (*Chegando familiarmente a Manuel Simões*). Em Inglaterra, não é assim, meu Simões: a nobreza e o povo são muito lá, que ha liberdade. Cá temos a sciencia certa, o poder supremo... havemos de ir mais depressa e melhor. Tu... (*tombando*) ainda tens teus resabios d'aquella roupete... hein! Vamos, vamos: não tenha medo, compadre. Foste jesuita mas isso já lá vai. B' aprendiz só... tu foste só aprendiz de Jesuita... Quantos votos fizeste tu? (*Simões entra-se*). Bom, bom! não te afflijas: não falemos mais

n'isso. Acabou-se. — Ora pois: e o teu protegido?

Simões (Confuso)—Quem, meu senhor?... qual?
Marquez. — Qual? D. Luiz.—Mas é verdade, ambos; que ambos entram no negocio: D. Luiz e o padre.

—Então! casa o rapaz! Ajuda-nos o outro devéras, ou cuida que me hade lograr?

Simões. — D. Luiz está resolvido, senhor. Convence-mo-l-o hoje: e foi o padre-Ignacio que principalmente o decidiu.

Marquez (reflectindo). — Sim? notavel! — Será que... não pôde ser. — Diga-me, compadre, que se diz cá pela Baixa da doença d'El-rei?

Simões. — D'el-rei nosso senhor... não se diz... não se diz nada... Que se hade dizer? — Em minha casa nada.

Marquez. — Em tua casa! que me importa a mim o que se diz em tua casa? Na cidade, nos arruamentos.

Simões. — Oh! por ahi... dizem... dizem... que S. M. que está melhor, e que... que como V. Ex.^a tem saude e o despacho não parou...

Marquez. — Não parou, não, que a previdente sabedoria d'el-rei meu senhor antecipou instruções e ordens para todos os casos emergentes. — Mas deixemos isso. El-rei está melhor, o seu incommodo não é nada. Falemos de minha sobrinha. Está justo o casamento: dizes tu. Vamos a isso já; hoje as escripturas feitas e assignadas. El-rei meu senhor, por sua real benignidade, manda entregar a D. Luiz a administração de todos os vinculos, capellas, commendas e bens livres que foram sequestrados a seu pae por suspeita de crime de alta traicão. São as nossas condições: bem sabes. Cumpro fielmente o que prometti. (*Toca a campainha; aparece o secretario*)

SCENA VI

MARQUEZ, SIMÕES, SECRETARIO

Marquez. — Senhor secretario, aquelles papeis que hontem trouxe o meu tabellião?

Secretario. — Aqui estão, meu senhor.

Marquez (Folheando). — Escripturas. Hoje mesmo ás...

— seja ás onze da noite — estará em minha casa o tabelliao, as testemunhas e os nossos parentes. A essa hora apparecerás tu lá com... Pode retirar-se, senhor secretario. (*Retira-se o secretario*) Estarás lá com minha sobrinha. Virá aqui uma carruagem da Casa buscai-os. Em outra irá o padre Ignacio com meu... com meu sobrinho... Meu sobrinho! Ah! eis aqui como elles são. Por traz, cobrem-me de maldições... deante de mim, ajoelham para beijar a mão que os flagella! Cada vez desprezo mais os homens.—Vamos! tens entendido bem as minhas ordens! Tu com Marianna por um lado, o padre com D. Luiz por outro: ás onze horas em minha casa todos. Está dormindo ella?

Simões — Não sei, meu senhor; mas creio que não. Eu vou saber.

Marquez — Não é preciso: se dorme deixal-a dormir; que descanse. Basta que nos vejamos logo. — Os vestidos estão promptos?

Simões — Sim, senhor, em casa tudo.

Marquez — O cabelleireiro de aviso?

Simões — Tudo se fez como V. Ex.^a mandou.

Marquez — Bem. Não se me dava de a vêr, mas... (*Puxa o relogio*) — não tenho tempo. (*Repara em Simões que está triste*). Que é isso, Simões? que estás tu com essa cara tam triste, esse ár tam abatido? que querest fala?

Simões — Senhor...

Marquez — Dize, não tenhas medo. Temos mais algum empenho dos teus, algum fradinho da mão furada, algum dos teus Jesuitas que eu tenha de proteger. Eu! Olha que tu sempre me fazes fazer coisas, Simões! Eu, o marquez de Pombal, protector de Jesuitas?

Simões — Meu senhor, não é nada disso; mas V. Ex.^a esqueceu-se...

Marquez — De que?

Simões — Da principal promessa que fez a D. Luiz, a que mais o moveu, a que seguramente tem mais valor a seu olhos...

Marquez — Promessa! Qual? Pois não lhe mando entregar a casa, tudo?...

Simões — Oh senhor! e seu pae?

Marquez — Seu pae, seu pae... Isso tem mais que se lhe diga: um preso d'Estado, suspeito de crimes...

Simões — Senhor, senhor! mas V. Ex.^a prometeu
senhor, por quem é, lembre-se...

Marquez — Estas certo que prometi?

Simões — Certissimo; e em nome de V. Ex.^a o asse-
gurei a D. Luiz.

SCENA VII

MARQUEZ, SIMÓES, SECRETARIO

Marquez (*Toca a campainha, entra o secretario.*) —
Sr. secretario, aquelle aviso para o governador do
Forte da Junqueira?

Secretario — Aqui está o sêllo volante.

Marquez (*Severo.*) — Quem lhe disse que o fechasse
a sêllo volante?

Secretario — A natureza da ordem: eu...

Marquez — A natureza da ordem? Pois Vm. mette,
se a conhecer da natureza das ordens que eu dou.
Sr. secretario, quando se escreve a segunda linha
de um aviso no meu gabinete, já deve estar esque-
cida a primeira. Tem entendido? Lacre esse Aviso,
já. (*O secretario lacra o Aviso.*) Bem! dê cá. Mande
chamar o padre-Ignacio.

Simões — Eu creio que hade estar abi. Quando eu
entrei de fóra, entrava elle tambem: hade estar
com minha irman Monica.

Marquez — Ah! está por cá? Logo vi que não havia
de andar longe. Vá chumál-o. Sr. secretario, desça
com essas pastas, metta-se na carruagem, e espe-
re-me.

SCENA VIII

MARQUEZ (*Só*)

A rainha quer que soltem todos. Perdõe S. M.;
não pode ser. E o bispo de Coimbra? Oh! esse
menos ainda. Est'outro não tem duvida, o pae de
D. Luiz. E' uma clemencia que não tem perigo e
que me faz bem a mim. Ah! se el-rei melhorasse...
Aqui vem o Jesuita.

SCENA IX

MARQUEZ, PADRE-IGNACIO

Marquez—Entre, padre, entre, e deixe-se d'essas humildades hypocritas commigo. Bem sabe que o conheço... que nos conhecemos. O padre é meu inimigo.

Ignacio—Eu, senhor! quem sou eu para?...

Marquez—É um dos reverendos padres da Companhia de Jesus a que eu fiz tirar a maldita roupeira, mas que ficou tam Loyola, tam solipso, tam jesuita como d'antes; que me tem por mais excomungado que o proprio Calvino, mas que acha, como o nosso amigo Tartufo—sabe?—que *Il y a avec le ciel des accommodements.*

Ignacio—Para fazer uma obra boa...

Marquez—É verdade: consigam-se os fins, sejam os meios...

Ignacio—Quaes forem. O marquez de Pombal Jesuita. Hade haver Jesuitas em quanto houver homens. O fim aqui é salvar uma familia illustre, honrada e infeliz. Os meios são fazer um servico a V. Ex.^a — Tam deshonesto lhe parece o meio, Sr. marquez?

Marquez—Bravo, padre! A resposta é feliz, e eu dou tudo por um bom dito. Ora pois: assim é que eu quero. Máscara fóra e tratemos como de potencia a potencia... Que a sua ainda é uma potencia... descahida, é verdade: vossas reverencias são uns r̄sis destronados — destronados por mim — mas ainda podem bastante. (Com intenção) Ainda ha muita casa de commercio que gira com enormes sommas, cujos verdadeiros senhores eu co[n]heço: e, o que mais é, sei onde elles estão e as suppostas firmas que os cobrem. Entende-me, padre?

Ignacio—Entendo o que V. Ex.^a quer dizer; mas sei que está enganado.

Marquez—Eu nunca me engano, padre.

Ignacio—Nem com a doença d'el-rei?

Marquez (turva-se) — El-rei!... (Serenando) El-rei está melhor. Quem lhe disse?...

Ignacio—Ninguem me disse nada, Sr. marquez; mas el-rei está muito mal hoje, muito peior, sem esperanças de vida. Talvez ámanhan...

Marquez (*Assustado*)—A'manhan o quê?

Ignacio—Talvez ámanhan sentada no throno de Portugal a Senhora D. Maria I tenha de julgar...

Marquez—Julgar.

Ignacio—Ou de perdoar a quem lhe queria tirar a corôa, para dar a seu filho...

Marquez—Padre!

Ignacio—V. Ex.^{*} exigia que eu depuzesse a humildade do meu estado, que lhe falasse...

Marquez—Bem, bem! Mas el-rei meu senhor ainda respira, eu ainda sou seu ministro...

Ignacio—E pôde... continuar a sel-o da filha...

Quem serviu tam bem o pae... (*A'parte*) N'esta caes tu, por isso mesmo que é mais grossa.

Marquez—Certo é que, se a princeza, minha senhora, quando chegar esse fatal dia que Deus affaste... isto é, esse dia feliz em que para gloria do throno e da nação...

Ignacio (*A'parte*)—Em que ficamos? é fatal ou feliz o tal dia?

Marquez—Se S. A., herdeira das augustas virtudes de seu augusto pae, quizer continuar o glorioso reinado que toda a Europa admira...

Ignacio—Deve conservar o ministro a quem toda essa gloria se deve.

Marquez—A gloria não é minha, é d'el-rei meu senhor...—Padre, falemos claro, e deixemo-nos...

Ignacio—De humildades hypocritas.

Marquez—Sim, senhor.

Ignacio—Nós sómos uma potencia cahida, e V. Ex.^{*} uma potencia que está para...

Marquez—Para cahir! Talvez. Entendamo-nos pois.

Ignacio—E' possivel. E' dificil, mas é possivel.

Marquez—Estipulemos.

Ignacio—Estipulemos.

Marquez—Primeiro que tudo, este casamento hoje.

Ignacio—Concedido.

Marquez—Responde-me d'elle?

Ignacio—Respondo.

Marquez—D. Luiz já viu minha sobrinha?

Ignacio—Já.

Marquez—Sabe que é a noiva que lhe destinamos?

Ignacio—Não, nem convém que o saiba por ora.

Marquez—Mas d'aqui a duas, tres horas se hão de assignar as escripturas.

Ignacio—Então o saberá.

Marquez—E o pae?

Ignacio—O pae ha de fazer o que lhe eu mandar, e o filho tambem.

Marquez—Aqui está a ordem para o governador do Forte deixar entrar a V. Reverencia e a D. Luiz. Logo a dou a Simões.

Ignacio (*a' parte*)—Perdeste a partida, marquez de Pombal!

Marquez—Fechemos aqui o protocolo. O resto, depois de assignadas as escripturas. Continuaremos as negociações no meu gabinete. Tenho muito que fazer agora.

Ignacio—Tem, bem sei. A guarnição está toda em armas, as intrigas fervem.

Marquez—Como sabe?

Ignacio—Eu sei tudo.

Marquez—Sabe, sabe. Padre, até logo. D'aqui a uma hora hão de estar duas carruagens a essa porta; metta-se n'uma com D. Luiz, vão á Junqueira; e depois ás onze em ponto em minha casa.

Ignacio—V. Ex.^a será obedecido.

Marquez (*tocando a campainha*)—Alguem d'ahi!

SCENA X

SIMÕES, MARQUEZ, PADRE IGNACIO

Simões—Senhor!

Marquez—Faze o que te ordenei, e adeus até logo.

Simões—Zephirino! Zé-Braga! as tochas.

Marquez—Fica tu, e vae cuidar do que tens que fazer. Toma. (*Dá-lhe o Aviso lacrado que traz na mão.*)

SCENA XI

SIMÕES, PADRE IGNACIO

Ignacio—Onde está D. Luiz?

Simões—No seu quarto.

Ignacio—Tornou a falar com ella?

Simões—Não; Monica disse-me que não.

Ignacio—Bem. Eu volto d'aqui a meia hora. D. Luiz que me espere.

Simões—Digo-lhe que temos a ordem? (*Mostrando e Aviso.*)

Ignacio—Pôde dizer. Mas não diga. Eu lho direi.

SCENA XII

SIMÕES, depois MONICA

Simões—Meu amo, meu pobre amo! que alegria, que felicidade! Ora vamos a isto que são horas. Monica! Monica!

Monica (*De dentro*)—Ahi vae, ahi vae. (*Sakhido*) Jesus! como esta casa anda! Estou sem cabeça. Uns a entrar, outros a sahir; este que me chama, o outro que me ralha! modistas, cabelleireiros! que desordem... Oh Senhor! haverá algum noivado hoje n'esta casa, ou que é isto?

Simões—E' um noivado: adivinhou, Monica.

Monica—Um noivado! E quem se casa? não sou eu...

Simões (*Rindo*)—Não, por ora, ainda não. Outro dia será. Hoje é minha sobrinha.

Monica—Sua sobrinha! O mano está a brincar.

Simões—Estou a falar serio.

Monica—Então para quando é, e com quem a quer casar? Pobre menina!

Simões—E' para hoje.

Monica—Para hoje?

Simões—E já.

Monica—Ora, mano!

Simões—Não é—ora mano, nem ora mana. E' que se casa hoje, já, e que d'aqui a pouco se assignam as escripturas, e que é preciso que se vista. Ahi está tudo prompto, ahi estão as modistas com os vestidos, o cabelleireiro... Vá fazel-a vestir.

Monica—Oh senhor do céo! pois a estas horas! a pobre criança estafada da jornada, e que ainda não dormiu! temos estado a conversar toda a tarde. Ai! e que ricas coisas que ella sabe, e que me contou do convento, e de!...

Simões—Fez bem, e continue; converse com ella, entretenha-a. E sobretudo, que ninguem mais lhe fale; caixeiros, gente de fóra, seja quem fôr. Tome sentido. Eu vou sahir; d'aqui a hora e meia, duas

horas, volto : quero achar D. Marianna prompta para me acompanhar.

Monica—D'aqui a duas horas ! misericordia, e a Senhora a Grande me acuda n'estes trabalhos. D'aqui a duas horas ! E ainda agora o cabelleireiro começo.

Simões—O cabelleireiro é Monsieur Frisone, homem capaz e desembaraçado, francez de mãos e inglez de palavras, que fala pouco e trabalha muito. Já estava prevenido, em poucos minutos ficará prompta de suas mãos.

Monica—Poucos minutos, senhor ! Esta gente não pensa no que diz : este homem realmente nunca hade saber o que é vestir uma senhora. Oh mano, pois só os sinaes, o pôr dos sinaes ! o recortar do tafetá !

Simões—Patetice ! Sr.^a D. Marianna, minha sobrinha, é já formosa bastante por si, não precisa d'esses arrebiques. Que vá sem sinaes.

Monica—Sem sinaes, ih Jesus ! Aqueles olhos, tam lindos, mortos sem um sinal preto que lh'os avive ! Oh mano, realmente diz coisas... Pobre menina !

Simões—Pois que leve quantos sinaes quizer, com tanto que esteja prompta à hora dada. (*O cabelleireiro atravessa a cena.*) Ahi foi o cabelleireiro : vê, não lh'o disse eu ? Ora vá, vá fazer entrar as modistas. Que m'a vistam, que m'a calcem, que m'a ponham de ponto em branco. E adeus ! Outra vez, Monica, outra vez lh'o repito, e sentido comigo ! n'esta sala, aqui, nem n'essa camera, nem d'aquella porta para dentro, ninguem mais senão eu. (*Reflectindo.*) Só se fôr...

Monica—Quem ?

Simões—O padre Ignacio. Esse... esse não é ninguem.

SCENA XIII

MONICA (Só)

Não é ninguem o padre Ignacio ! Eu quero endoidecer com isto. E o pobre do Sr. Luiz, coitado ! Que euinda tenho os meus olhos; não me digam que não; e bem vi os que lhe elle deitava. Parecia-me outro homem ! que animação, que !... E ella ! Ella por modo que... E dizer que m'a vão casar

assim de repente! Deus sabe com quem? Algum malaventurado que a não saiba estimar... Eu que já cá tinha feito os meus planos tam bem feitos! nada, não! que são mesmo ao talhar um para o outro. Como *Carlos e Rosaura* por uma penna Ella toda senhora, toda filigrana, toda gentilezas, que ninguem dirá senão que nasceu para andar na corte. Elle com aquelle ár de gravidade que parece mesmo embaixador! Ai! Deus os fez, e bem feitos que os fez; mas para os juntar, não pôde, não, que se metteu no meio o Jesuita. E Deus me perdoe, que aqui anda elle, o mofino do padre ignacio, por mais que me digam, n'este enrêdo do casamento. Ora vamos lá, vamos vêr a pobre da menina, minha sobrinha — que eu em tal sobrinha não creio ainda, apezar de tudo. Sobrinha aquillo, de Manuel Simões! Está bom.

SCENA XIV

MONICA. *Indo a sahir encontr-a-se com LUIZ*

Monica—Misericordial O Sr. Luiz aqui...

Luiz—Tia Monica!

Monica—Não sou tia Monica.

Luiz—Por caridade oiça-me.

Monica—Não tenho caridade, não tenho ouvidos, não tenho senão mêmbo. E Jesus! vá-se, vá-se já, ande senhor não me perca, deixe-me, vá-se.

Luiz—Que é isso, tia Monica, que tem, que lhe fiz eu?

Monica—Não me fez nada: vi se. Não tenho nada: deixe-me. Jesus, se o mano vem!...

Luiz—Não vem.

Monica—Quem lh'o disse?

Luiz—Sei-o eu. Foi-se e não torna tam cedo. Assim⁸ ouça, escute. E' um caso de vida e de morte... de morte só, porque eu estou resolvido a morrer.

Monica—Jesus á minha alma, Sr. Luiz! morrer, morrer! como esta gente moça fala em morrer! Bem se vê que é de longe. Quem se sente já perto d'ella, da morte, como eu, oh! fala com mais respeito... Mas tudo isto é serrar madeira para nada, Sr. Luiz. O tudo é que o mano não quer que entre aqui

ninguem esta noite. Vá-se, vá-se já: fico perdida se elle chega e o encontra aqui. Vá-se.

Luiz — Já lhe disse què elle não vem. E oiça-me, Monica. Dou-lhe eu a minha palavra que a não comprometto em nada. Fia-se na minha palavra?

Monica — Fio, fio; mas por outra parte desconfio. Ai senhor Luiz, pois não sabe como é o mano?

Luiz — Sei: mas a seu irmão, que aqui estivesse, lhe diria o mesmo que agora lhe digo. Monica, eu não sou de muitas palavras, nem leves: bem o sabe.

Monica — Sei: pois então diga. Quantas palavras?

Luiz — Duas só. Eu morro.

Monica — Ai menino! diga tres, diga vinte; mas não diga essas duas que são tam feias.

Luiz — Pois está na sua mão dar-me vida.

Monica — Na triste mão da velhal Tome-a e viva...

{A' parte} Enfeitiça-me com aquelle ár de senhor, o moifino. Manoel Simões que faça o que quizer, eu não posso resistir a isto. (Alto) Diga, diga, ande e avie-se

Luiz — Tia Monica, eu heide falar já, já, com... com sua sobrinha.

Monica — Com minha... sobrinha? Está doido, senhor. Pois não sabe?

Luiz — Sei.

Monica — Tudo?

Luiz — Tudo.

Monica — Então?

Luiz — Então?

Monica — Então vá-se e deixe-me: tenha juizo {A' parte} Que pena. Duas almas que se querem... está visto... adoram-se. Diz que morria. Já sei o que elle morre... é que...

Luiz — Duas palavras só, mas heide dizer-lh'as a ella.

Monica — Como as que me disse a mim ainda agora?

Luiz — Como... sim... as mesmas... Não sei... Pois sim... Deixe-me: heide dizer-lh'as, heide. E este o quarto, vamos.

Monica (pondendo-se deante da porta) — Que faz senhor, que é isto? Ai se o mano tal visse! Ih Jesus! senhor, pense no que faz, lembre-se...

Luiz — Não me lembro de nada: heide entrar.

SCENA XV

MARIANNA, abrindo a porta do fundo, LUIZ,
MONICA

Marianna—Não bade. Sou eu que saio, e d'esta casa
já para sempre, se não hei-de ser respeitada n'ella.
Monica—Bem vê que não é minha culpa: eu que-
ria... eu não queria...

Marianna—Queria e não queria: ha muita gente as-
sim; bem o sei.

Monica—Eu era...

Marianna—E não era. Tambem assim ha muitos
(A Luiz) Não lhe parece?

Luiz—Nem todos podem ter a presença de espirito, o
sangue frio...

Marianna—Que eu tenho. Exactamente. E' o meu
forte, o tal sangue frio. Tia Monica, o Senhor...
o Senhor... o Sr. Luiz... de?...

Luiz—Luiz só...

Marianna—O sr. Luiz só... quer-me falar; e com
tal empenho, bem vê, com o sangue tam quente.
(A Luiz) não é isto!... que lhe subiu á cabeça, e
o perturbou a ponto de querer violar o sagrado
da minha camera. Não permitta Deus que por tam
pouco se arrisque tanto. Eu estou penteada e quasi
vestida. Traga para aqui o resto das minhas coisas,
o espelho, o mais que é preciso. (Monica sae) Pôde
falar o senhor... o Sr. Luiz.

Luiz (á parte)—Dá-me vontade é de lhe virar as cos-
tas e não tornar a vê-l-a. Que mulher! que indiffe-
rença, que frialdade!... ai! (Volta Monica traçen-
do o que se indicou.)

Marianna (assentindo-se, e começando a mirar-se ao
espelho)—Fale, senhor; estou disposta a ouvir-o:
Bem vê.

Monica—O mano tinha dito...

Marianna—O mano disse que eu era sua sobrinha...
e este senhor tambem. Sômos primos portanto,
bem o vê, e temos que falar. Entre primos não ha
nada mais natural. Deixe-nos um instante sós, tia;
eu tomo toda a responsabilidade sobre mim. Vá,
vá. E que responsabilidade! É ridículo isto. (A
Luiz) Pois não é? diga...

SCENA XVI

MARIANNA, LUIZ

Luiz—E' muito sério, minha senhora; muito mais serio do que cuida.

Marianna—Assusta-me devéras. Que ár tam solemne.

Luiz—Solemne sim, e grave: trata-se da minha vida, da minha honra.

Marianna—E' um desafio: querem vêr? á espada, ou?...

Luiz—Prouvéra a Deus que eu tivesse com quem jogar a vida assim, e que a morte a que caminho, fosse...

Marianna—A morte! Oh! não zombe com essas palavras. Merecia-me o conceito de valer mais alguma coisa do que os dizedores vulgares d'essas banalidades que... que já não são moda.

Luiz—Eu não sei o que é moda, sei o que é verdade.

Marianna—Na corte, para zombar de uma provinciana, tudo é permittido: não é assim! Diga. Pois diga.

Luiz—Digo-lhe o que tenho no coração, o que n'outro tempo lhe disse, o que sabe que é verdade.

Marianna (*Confusa*)—E', bem o sei, mas não lh'o quero ouvir. Ai! já de mais o fiz! Bem sei que me ama; mas eu não posso nem devo... Eu não sei, n'esta confusão em que estou, o que é verdade, nem o que não é. Nem pretendo sabel-o. Se o objecto d'esta (*solemne e grave*) conferencia é repetir-me essas coisas que lhe ouvi n'outro tempo, quando...

Luiz—Quando?

Marianna—Quando eu era livre.

Luiz—E agora?

Marianna—Agora não o sou, e não as quero ouvir, mais. Emfim, não falemos serio no que é só para brincar. Meu tio Manuel Simões bem sabe, nosso tio, Manuel Simões e Companhia.

Luiz—Senhora, deixemos enigmas e zombarias. Eu não sou sobrinho de Manuel Simões.

Marianna—Ah! não é sobrinho?... Pois sou eu.

Luiz—Não é.

Marianna—Sou.

Obras Completas de Eça de Queiroz

Luiz — Basta. Eu tinha jurado conservar este incógnito...

Marianna — E que bem guarda os seus juramentos!

Luiz — Marianna, Marianna, por quem é, não abuse da minha situação, lembre-se...

Marianna — É justamente o que eu não quero, é lembrar-me. Preciso esquecer-me, oh! sim! esquecer-me... e heide esquecer-me.

Luiz — Quem poderá ser assim!

Marianna — Pôde sel-o quem quer, quem tem obrigações de cumprir, deveres sagrados a que obedecer. Eu...

Luiz — E eu não os tenho?

Marianna — Quaes?

Luiz — Os de um homem condenado a morrer para salvar a vida a seu pae.

Marianna — Que diz?

Luiz — A verdade: vou morrer.

Marianna — Como?

Luiz — Dando a minha mão a uma mulher que detestava, casando-me com um monstro...

Marianna — Casando! (A'parte) Ai que dórl não cudei que custava tanto. Que diz elle? (Alto) Pois vae?... Pois é verdade?... Pois assim se esqueceu?

Luiz — Não me disse ainda agora?...

Marianna — Disse... que disse eu? Eu disse? Ah! sim; mas eu é differente. E eu não disse... eu não faço... eu não posso.—Luiz, D. Luiz, que enigmas são estes, que mysterios, que enrêdos fataes andam aqui! Eu prometti, é verdade, a meu tio... a meu tio sim... meu tio verdadeiro... a meu tio que não é... que é... que... E não tenho já outro parente no mundo senão elle — prometti-lhe obediencia cega, prometti aceitar o esposo que me destinou; mas... Oh meu Deus!...

Luiz — Mas?

Marianna — Mas, se é verdade que as nossas promessas são mais antigas, e que as aceitou Deus antes... Que digo eu! eu estou louca. Não ouça o que eu digo, deixe-me, deixe-me por compaixão. D'aqui a uma hora, ai! — Mas não me disse que seu pae, a vida de seu pae?...

Luiz — Depende, sim, disse e é verdade, do infame casamento a que estou condenado; da minha

morte certa, porque eu não sobrevivo á deshonra de aceitar por mulher a... a detestavel criatura que me destinam. Não, não sobrevivo á perda de todas as minhas esperanças, ao acordar d'este sonho que nós sonhámos ambos, Marianna quando...
Marianna — Quando horas e horas nas grades d'aquele convento nos estavamos devorando com os olhos, jurando eterna fé, jurando morrer antes do que...

Luiz — Do que pertencer a outro, e eu pertenço ao algoz!...

Marianna — Meu Deus!... que diz este homem? Este homem está louco.

Luiz — Estou.

Marianna — Isso não é verdade: diga...

Luiz — E' oh! é Marianna: a minha estrella fatal não se desmente, não se desvia um instante d'esta perseguição funesta que é o meu destino.

Marianna — E se meu tio Manuel Simões?...

Luiz — O quer?

Marianna — Não fôr meu tio devéras, se?..

Luiz — Maior é a minha desgraça, mais profundo é o abyssmo em que me vou lançar, em que me arrojam! E quem sabe, oh meu Deus! se por fim meu pae?... t' capaz de me enganar, o malvado homem, de me trahir, o Jesuita... Quem sabe se meu pae vive? Quem sabe se m'o restituirão, se?... Marianna, Marianna, por Deus que está no ceo, promette-me?... (*Arrebatado, toma-lhe a mão e vai ajoelhar.*)

SCENA XVII

PADRE IGNACIO, LUIZ, MARIANNA

Ignacio — Não prometta nada, sr.^a D. Marianna. E a loucos ainda menos. Este homem não sabe o que quer, nem o que pede. Seu pae está agonisando, e elle aqui! Aqui em requebros o filho, e o pae lá... O homem a cuja sombra elle escapou ao patíbulo, á infamia, á miseria — esqueceu-se de tudo o que lhe devia, e em sua propria casa, n'este asylo a que se accolheu, aqui vem seduzir-lhe a donzella do seu sangue, a filha do seu irmão, transtornar-

Ihe as suas esperanças, fazer... Oh! se me contassem esta acção de outro, mas de...

Luiz—Padre!... padre, repare bem no que diz. Perdão-lhe porque não sabe...

Ignacio—Sei tudo.

Luiz—Não sabe.

Ignacio—Sei; e tambem sei que tenho aqui esta ordem por escripto, e que seu pae nos espera. (*Mostra um Aviso fechado*.)

Luiz (lendo o sobrescripto)—E' a minha sentença de morte. Se será o resgate da vida de meu pae? *Marianna*; Marianna, pela ultima vez e para sempre... Oh! para sempre adeus!

Ignacio—Coitados! —Deus fará tudo por melhor. Vamos, senhor.

SCENA XVIII

MARIANNA (*só*)

Partiu! vae ser de outra, tem animo para m'o dizer, para sahir de deante de mim e ir... salvar seu pae, o infeliz! Oh! que agora é que eu sei o que lhe quero, agora sim que eu conheço o que arno. Santo Deus! e d'aqui a pouco tambem eu ajudarei por minha parte a levantar entre nós um muro de separação eterna. Tambem eu... Oh meu tio, meu tio! que me importam as tuas grandezas, os teus planos, a tua fortuna? E quanto melhor não era que me deixasses na minha obscuridade? Bem o não queria eu abandonar, o meu querido convento. Oh! antes alli perpetuamente reclusa, antes morrer alli de uma vez para o mundo, do que ter de agonizar assim toda a vida no meio de suas pompas e de seus enganos.—Quem vem ahi?

SCENA XIX

MARIANNA, SIMÓES, depois MONICA

Simões—Monica, Monica, não ouve? Já, já, venha... Oh! minha senhora, perdõe, não a via, não a supunha aqui. A carruagem está á porta: são mais que horas de partir. V. Ex.^e bem sabe...

Marianna—Sei, partâmos. (*A parte*) E' morrer isto; mas se elle tem força para o fazer, tambem eu heide tel-a. (*Alto*) Vamos, senhor.

Monica—Menina, menina, minha senhora, o lenço, as luvas, o leque. Ih Jesus, olhem como ia! ai. (*Baixo a Marianna*) O mano não sabe nada do senhor Luiz?

Marianna (*Baixo a Monica*)—Não; socegue, e se souber, é por minha conta.

Monica (*Baixo*)—Ai! ainda bem. (*Alto*) Rapazes. Zephirino, Zé Braga, sr. Luiz, venham vêr a nossa menina. Como ella vai linda! ai que amor de rapariga! Deus a fade bem! Oh mano, mano. Olhe lá, mano, se... Ih Jesus! casarem-m'a assim!

Simões—Monica, tenha juizo um dia.

Monica—Juizo, juizo! elles é que o têm, os homens, e tudo fazem assim... as vésseas!

ACTO TERCEIRO

Sala livre do Forte da Junqueira. Bancos e cadeiras velhas. Luzes. E' noite.—Porta praticavel no fundo e outra ao lado.

SCENA I

PADRE IGNACIO, SECRETARIO

Secretario—São as ordem de S. Ex.*.

Ignacio (*lendo um papel*)—As ordens de S. Ex.*?... repita-me isso, senhor secretario. Tenha a bondade; não percebi bem. Estes meus ouvidos—como tudo o mais aqui—não regulam. Determina o sr. marquez?

Secretario—Disse-me que viesse a toda a pressa para o Forte da Junqueira, que entregasse este papel a vossa paternidade que cá havia de estar, e que lhe dissesse de viva voz que... que era preciso que o esperassemos aqui todos, porque elle não tardava.

Ignacio—Isso é o que está escripto n'este papel. Não trouxe mais nada o sr. secretario?

Secretario—Trouxe uma ordem para o governador do Forte.

Ignacio—Ora acabe com isso: custou-lhe! Trouxe ordem ao governador do Forte para me retêr a mim e a D. Luiz, e para...

Secretario—Não, senhor, não diz isso a ordem.

Ignacio—Então o que dir, sr. secretario?

Secretario—As ordens do sr. marquez...

Ignacio—São todas secretas e mysteriosas: bem o sabemos. Altos mysterios para quem não está iniciado n'elles, para os profanos. Commigo inuteis, perdidos todos esses segredos!—e podem ser prejudiciaes, muito prejudiciaes, a alguém. Entende-me?

Secretario—Pefectamente. Mas a verdade é esta: o sr. marquez vem ahi já, e não queria desencontrar-se...

Ignacio—De nós? Porque? E para que? S. Ex.* esperava-nos em casa, mandou-nos ir ao seu palacio

das Janellas Verdes, onde, a esta hora, devia estar reunida toda a sua familia; Manuel Simões tambem já lá deve ter chegado, e com elle a sobrinha... a senhora D. Marianna, que é uma gentil menina, verdade seja! E' pena, é pena que se desarranjem estas coisas que estavam tão bem arranjadas. Não acha, señor secretario?

Secretario—Não sei o que me quer dizer.

Ignacio—Mas sabe que tudo estava determinado assim, e que D. Luiz, depois de vêr seu pae—de vêr emfim seu pae ao cabo de tantos, tantos annos—devia ir d'aqui commigo, d'aqui d'estes horrorosos calabouços, para o magnifico palacio do sr. marquez de Pombal, e... Hein! pois não era isto?

Secretario—Sim señor: mas apenas entrava em casa o señor marquez para os esperar, quando recebeu uma carta, creio que coisa de muita pressa; expediu logo um correio a Manuel Simões, mandou-me a mim para aqui... e elle foi...

Ignacio—A Ajuda: bem sei.

Secretario—Quem lh'o disse?—Eu não sei... não creio.

Ignacio—Crê e sabe; e tambem o sei eu. Foi á Ajuda.—E el-rei? diga, el-rei?... Diga, señor secretario: el-rei?

Secretario—Não está melhor... Sua Magestade... Sua Magestade parecia...

Ignacio (*Erguendo a voz*)—Sua magestade está a esta hora na presença de outra magestade, señor, da tremenda magestade de outro rei, d'aquelle rei que não morre, d'aquelle rei que é o rei e o juiz de todos os reis. Oh! D. José I deixou de reinar. Que Deus faça, que Deus tenha... ah! Que Deus tenha misericordia com a sua alma! (*Ajoelha e reza.*)

Secretario (*A' parte*)—Que lhe pedirá elle a Deus, o Jesuita? Pobres de nós todos se aquellas orações são ouvidas. (*Ignacio levanta-se.*) Mas, señor, el-rei, nosso señor...

Ignacio—El-rei, nosso señor... nosso señor?... Não minta, señor secretario, que ja é tarde para mentir. E de que lhe serve? El-rei está morto.

Secretario—Quando Deus fosse servido chamar á sua gloria...

Ignacio—Deus chama á sua gloria os que o servem, os que o honram, os que deram gloria ao seu nome

na terra. Mas diga, diga essas phrases bennes que apprendeu com os reposteiros do gabinete; diga o que quiser agora, que a mim o que me importa é... (Chama à porta da esquerda para dentro) D. Luiz. D. Luiz! venha, D. Luiz.

SCENA II

LUIZ, PADRE IGNACIO, SECRETARIO

Luiz— Que me quer, padre? Aqui estou! Oh! não sahe! meu pae, está melhor, muito melhor, padre. Que fortuna! foi uma crise nervosa o que elle teve, diz o doutor; e de certo foi, mas terrível. Cuidei que me morria nos braços. Alegria, pasmo de me ver! Não queria acreditar os seus olhos, os seus debeis olhos desacostumados da lux, ha tanto, tanto tempo. Ai! o que tem padecido aquella alma n'aquelle corpo! Emfim passou-lhe, está melhor, e o medico responde por elle. Mas, esta noite já o não podemos tirar d'aqui: é preciso esperar pelo dia, e amanhã il-o habituando gradualmente ao ar livre.

Ignacio— Pois o meu conselho agora, D. Luiz...

Luiz— Que bem me aconselhou, padre, que bem fez em me salvar de mim mesmo! Restitui a vida a meu pae... Oh todo o sacrificio é pequeno. Vamos quando quiser, vamos já, vamos assignar essas terríveis escripturas, vamos levar ao tyranno o preço da vida de meu pae. (A'parte) Ai Deus, ai minha alma! ai meu pobre coração! (Alto) Não importa, vamos já; estou prompto, estou resoluto (A'parte) Marianna... Marianna, adeus, oh para sempre adeus! Perdão-me, Marianna; é meu pae, meu pae. Adeus! (Alto) Elle está socegada agora, padre; dorme profundamente; o medico promette não sahir d'aopé d'elle, e affiança que dormirá umas poucas de horas seguidas. Aproveitemos esta occasião, vamos: não se arrependa o nosso inimigo da sua generosidade.

Ignacio— Não tenha medo, D. Luiz, socegue. O marquez de Pombal é tam fiel ás suas promessas, é tam generoso, tam leal, que, para dissipar a mais leve sombra de receio, acaba de nos intimar.

Luiz— De intimar... o quê? Faz-me tremer, padre...

Ignacio—De nos intimar, aqui pelo senhor secretario que presente se acha, que nos dispensa da visita promettida... exigida para esta noite em sua casa, e que...

Luiz—E que?...

Ignacio—E que ficâmos nós á sua ordem n'este Forte...

Luiz—Presos?

Ignacio—Presos... litteralmente presos, não. Que diz, senhor secretario? Retidos, retidos até que... (*Secretario inclina-se em sinal d'assentimento.*)

Luiz—Devéras? Oh providencia divina! Bemditó sejaes, meu Deus! E abencoado sejas tu um dia por uma coisa emfim na tua vida, marquez de Pombal! Oh meu Deus, meu Deus, que vos dignastes acceitar o sacrificio terrivel a que eu me submettia! Oh padre, padre! Deus é pae por fim. Então prendem-me aqui, fico aqui com meu pae—E o infame casamento?

Ignacio—Inutil j'agora, desnecessario.

Luiz—Será verdade?... meu Deus! E' possive? que fortuna! Oh adorada Marianna!

Ignacio—Adorada Marianna! O rapaz está louco.

Luiz—Estou louco, estou;—doido furioso de contente. Aí! se soubesse, padre...

Ignacio—Não sei; agora não sei, confesso. Pela primeira vez não sei e não entendo. Pois D. Marianna?...

Luiz—Marianna, ou D. Marianna, chame-lhe como quizer: sobrinha ou não sobrinha, Marianna é um anjo, é a minha vida, é a minha alma, é a parte da existencia que me faltava, e que em vão tenho buscado no mundo. Achei-a, e... Oh! o padre não comprehende isto.

Ignacio—Lá me custa, a falar a verdade. Mas pôde ser que... Diga, diga.

Luiz—Achei-a, aí! encontrei-a emfim. E quando eu começava a acreditar que a Providencia se tinha compadecido de mim, quando principiava a crêr na misericordia divina, quando esta alma—tam contristada sempre—se abria á primeira felicidade que viu lusir... Oh padre, então vinha este sacrificio tremendo que era necessario para salvar meu pae, vinha cortar-me para sempre toda a esperança. Bem sabe que não hesitei, bem viu que estava

prompto. Mas o que não sabe, o que não viu, o que ninguem mais saberia na terra ou no céo, é que pela vida de meu pae eu dava mais do que a minha vida, do que a minha liberdade, do que a minha honra. Amando... oh! amando como só sabem amar os desgraçados—o amor dos felizes é um prazer de mais—sentimento, sentimento profundo, só no coração do desgraçado! — amando, amando como eu amo a Marianna...

Ignacio—Marianna! Mas qual Marianna, com Deus?

Luiz—Marianna! a minha Marianna. Pois qual? a minha. Aquelle anjo de bondade, aquelle coração de ouro, aquelle espirito celeste que só eu sei o que vale—e ninguem mais; ninguem, porque ninguem é feito para a conhecer senão eu.

Ignacio (*A'parte*)—O rapaz endoideceu de todo, de todo.

Luiz—Pois veja, padre; amando eu assim, certo de ser amado, e quando a sorte, por um mysterio que ainda não comprehendi, nem me importou entender, parecia trasel-a aos meus braços depois de longa e desesperada ausencia... veja qual seria a minha desgraça conhecendo que devia renunciar a ella, e ir entregar a minha mão, a minha vida a esse monstro... que não pôde deixar de ser um monstro, é d'aquelle sangue maldito, é d'aquelle raça de tigres que beberam todo o meu, que destruiram a minha familia, que... Oh! bendito sejam mil veses, meu Deus! eu ia como Isaac para a montanha levando a lenha para o proprio sacrificio: e Deus contentou-se com a minha resignação. Deus é pae, oh! é: agora o vejo, padre. Ficarei preso aqui: não importa: ficarei com o meu pobre pae, a ajudá-lo, a servil-o — e sobretudo a gosar da minha liberdade n'estes ferros.

Ignacio—Sim, sim, lá me parece que aqui a liberdade hâde ser...

Luiz—Pois quê? o que são essas grades, esses ferrolhos, os grilhões que me possa lançar aos pés, ás mãos, comparados com as ignominiosas cadeias que me esperavam, esta noite, no palacio do tyranno? Eu com esta mão, eu assignar tal papel! Eu, esta mão, ir levar-lh'a a elle! Eu, esta mão, ir dál-a a essa mulher! ..

Ignacio—Qual mulher?

Luiz—Qual mulher! mas essa mulher que me estava destinada, essa que...

Ignacio—A sobrinha!

Luiz—A sobrinha, sim.

Ignacio—Então?... Pois?... Agora percebo: é que não sabia que a sobrinha de Manuel Simões era a mesma que...

Luiz—A sobrinha de Manuel Simões! (*Rindo*) É muito fino o nosso padre Ignacio, sabe tudo mas...

Ignacio—Mas o quê?

Luiz (*Rindo*)—Mas ha algumas certas coisitas que escapam á sua penetração e perspicacia.

Ignacio—Sim?

Luiz—Sim, senhor, sr. padre Ignacio.

Ignacio—Com efeito? Ora veja.

Luiz (*Em ár de confidencia*)—A sobrinha do nosso Manuel Simões, da tia Monica... (*rindo*) a sobrinha da tia Monica! Que famosa histeria! E o padre Ignacio cahir n'esta!—A sobrinha não é sobrinha tal: disse m'o ella, sei o eu.

Ignacio—Ah! disse-lh'o ella? Então sabe tudo. Então ainda entendo menos... Então sabe... e sabe portanto que a sobrinha do marquez?

Luiz—Sei, padre, sei: pois não m'o disse ainda agora? que essa maldita sobrinha do marquez, essa com quem me ia casar esta noite, já não quer elle que case; que mudou de tenção, e que meu pae...

SCENA III

ZEPHIRINO, PADRE IGNACIO, LUIZ,
SECRETARIO

Zephirino—Senhor patrão, senhor patrão! Está aqui o meu patrão? não está? Senhor patrão, senhor Manuel Simões?

Luz—Que é isto? Zephirino, aqui?

Ignacio—Como o deixaram entrar?

Luiz—Que é isso, homem!

Secretario—Como entraste aqui? as guardas...

Zephirino—Quaes guardas? Bem me importam a mim as guardas! Onde estás, onde está o patrão, sr. Luiz? Ai meu Deus! este não é o sr. Luiz. O sr. Luiz tam bordado, tam tafulo? Onde está o outro?

Luiz—Qual outro?

Zephirino—O outro sr. Luiz?

Ignacio—Estás pateta, rapaz? Este é o sr. Luiz; fala. Que sucedeu, que é isso? Como vieste aqui ter? Como te deixaram entrar?

Zephirino—Ai senhor! Deixe-me tomar fôlego.

Luiz—Socega, Zephirino, descansa, vamos.

Zephirino—Jesus! que não sei onde estou. E é devéras o sr. Luiz? Será. E é: eu é que não sei, que não vejo. Ai sr. Luiz, ai sr. Luiz, ai sr. padre Ignacio, não sabe o que vae. Vm., que sabe tudo, não sabe de certo, não pôde saber. Acaba-se hoje o mundo, é outro terramoto, ou que será, senhor? Eu fui ao palacio do sr. marquez... mas qual marquez! Fui à Ajuda... peior!... Tudo alvorotado por ahi, tudo cheio de povo. Na Baixa então isso, lá pelos arruamentos, isso é então uma assuada! Pois não sabe? Queriam deitar fogo á nossa casa. E porquê, senhor! porquê? que é o que eu dizia á tia Monica, porque nós somos pelo marquez. Vá que fossemos pelo marquez; era o patrôn, está visto. Mas nós que sômos os caixeiros, e a tia Monica? A tia Monica então! a das novenas de Santo Ignacio. O padre bem sabe; ella, hein! Mas não senhor; que tudo vae na mesma firma... Elle é de rasão: Manuel Simões e Companhia. Mas companhia nas perdas sem ganhos! que acha, sr. Luiz? Pois queriam-nos deitar fogo á casa! E andam aos magotes pela rua a gritar «Abaixo o marquez de Pombal!» «morra o marquez de Pombal!» E a tia Monica disse-me: «Vae Zephirino, vae vê se encontrais o patrôn, e dize-lhe que não tenha medo, que ninguem cá hade entrar na casa nem na logea; mas que venha elle sempre o mais depressa que podér.» E lá ficou a tia Monica, mais o Zé Braga —que está a rir, o maldito boiças e não tem medo. Faz mesmo vergonha aquillo, faz saltar o sangue, vê que não tem medo nenhun, o patéta. Está tam fresco, de pão na mão, e rindo-se: diz que até vinte alfacinhas que basta elle... tolo! Pois enfim, eu vim, e aquella gente a gritar, e foram ao Terreiro do Paço para arrancar a medalha — aquella que está ao pé do cavallo: sahe?

Ignacio—E sempre a arrancaram?

Zephirino—Não, porque diz que hade de ir á cama-ra, o senado, para vêr como a coisa se faz, e que

hade ser de dia, com foguetes. Bem sabe que em Lisboa sem foguetes ...

Ignacio—Não se faz nada.

Zephirino—Sim senhor. Pois ahi está. Eu vim ás Janellas Verdes; mas já disse, nem marquez nem meio marquez! « E eu vim á Ajuda. Lá é que encontrei um criado do senhor marquez disfarçado em povo . Bom povo aquelle! mas eu bem o coñeci. E elle é que me disse que o senhor marquez e mais o patrão que vinham aqui ter: que viesse cá se a coisa era de pressa. Nada, não era de pressa! Deitei a correr; mas o povo é tanto por ahi, e tropas pelas ruas—as carruagens não podem chegar cá tão cedo. Mas ainda agora deram vivas outra vez ao senhor marquez, porque elle diz que vem aqui para soltar os presos por ordem da nossa rainha, porque el-rei..

Luiz—El-rei?

Ignacio—El-rei é morto, D. Luiz.

Zephirino—D. Luiz! Bem o dizia eu, e não me enganava. Oh! sr. Luiz, sr. D. Luiz, e o nosso patrão agora que hade ser d'elle e da nossa casa?

Luiz (*Meditando*)—El-rei, el rei D. José! morto!...

SCENA IV

LUIZ, PADRE IGNACIO, ZEPHIRINO,
SECRETARIO, povo, *de fóra*

Povo—Viva a nossa rainha! Soltem-se os presos
Queremos vér os presos.—Viva a nossa rainha!

Luiz—Que é isto?

Ignacio—Não ouve o que é, D. Luiz? E' o povo que acclama a nossa rainha, e a liberdade de seu pae a sua, a nossa.

Luiz—Meu pae, meu pae livre, e eu tambem.

Ignacio—É a tyrannia d'esse homem sem Deus e sem lei que acabou emfim.—Ah marquez de Pombal, marquez de Pombal.—D. Luiz, vamos d'aqui! Seu pae está entregue a pessoas de confiança. Deixe-mol-o descansar, e vamos nós, que é preciso.

Luiz—Padre, deixe-me respirar ... deixe-me entender esta fortuna que me espanta. Estranho-a, não a comprehendo, e não me comprehende a mim

ella. Não sei porquê, no meio de tamanha alegria, sinto uma tristeza inexplicável que me aterra... sinto como um remorso da minha felicidade. Parece-me que offendo a Deus com o meu contentamento, que falso não sei a quê, que traio não sei a quem... Aí! que térei eu n'alma e de que será feito este coração para me atormentar assim como tudo! Vá, padre, vá; eu aqui ficarei com meu pae até que o possa fazer conduzir a casa... A casa! nós já não temos casa. A minha casa, a antiga habitação de meus antepassados foi arrazada e salgada por mãos de algoz; nem herva cresceu nas suas ruínas que ficaram malditas! iremos para casa de algum amigo. Oh! sim, o meu Simões, o meu Simões, o meu bom Simões, me acudirá como sempre: para sua casa iremos. Vá padre, vá animal-o. Pobre Simões! em que sustos elle estará! Se o povo realmente...

Zéphirino—Para isso lá está o Zé Braga: não senhor, lá a casa não vão elles; não, que o Zé Braga... E sabe que mais, sr. Luiz? Eu desconfio que o Zé Braga por fim que está com elles e que não é muito pelo nosso marquez.

Luiz—Sim!

Zéphirino—Eu cá me entendo.

Luiz (A'parte)—E Marianna, e Marianna! Oh meu Deus! (Alto) Padre, agora me lembrou de repente. Tem razão, devemos voltar a Lisboa já... ambos. O caso de Manuel Simões é sério: quem sabe o que pôde acontecer? E meu pae... diz bem, padre... está entregue em boas mãos. E também nós podemos ir, e tornar logo. Mas agora vejo que é preciso ir. Vamos. Venha, padre.

Secretario—Perdõe-me, senhor, mas não tenho ordem.

Luiz—Ordem! Que ordem! Eu heide sahir...

SCENA V

SIMÕES, MARIANNA, PADRE IGNACIO, LUIZ,
ZEPHIRINO, SECRETARIO, ZÉ BRAGA

Simões—Luiz, D. Luiz, padre Ignacio! Oh! cá estão ambos. Estamos salvos. Santo Deus! respiro. Oh

que susto! Oh! estamos salvos. Ainda não entro em mim.

Luiz—Marianna aqui! Oh! Simões, e tu? Que é isto?

Simões—D. Luiz, D. Luiz, o povo... o povo... ai que gente! valeu-nos a sege da casa em que vinhamos... e valeu-nos correr á desfilada. Abençoadas mulas! Oh! padre, padre, que não sei ainda onde estou. D. Marianna, senhora D. Marianna, não lhe sucedeu nada? Esta boa, não tem nada? Diga, minha senhora, Jesus! que animo de menina! uma senhora d'aquella edade, e não ter medo assim!

Marianna—Medo de quê?

Simões—De quê! Senhor Jesus dos Terremotos! Dos gritos d'este povo, das ameaças, do que elles nos diziam.

Luiz—Onde estão os villões ruins? Quem são, onde estão elles? (*Querendo sahir.*)

Ignacio (*Contendo-o*)—D. Luiz!

Marianna (*A' parte*)—D. Luiz, com efeito! Oh! não é caixeiro. Bem m'o dizia o coração.

Luiz—Marianna, Marianna, o que foi? diga-me por Deus, que aconteceu?

Marianna—Aconteceu unicamente... Faz favor de me dar uma cadeira, uma d'essas coisas.

Luiz (*Chegando-lhe um assento*)—Oh minha senhora!

Marianna (*Sentando-se*)—Aconteceu que chegando nós ao palacio do marquez de Pombal para onde íamos, eu e... e meu tio, o sr. Manuel Simões...

Luiz—Iam para casa do marquez?

Marianna—Iamos, sim; mas quiz Deus que não podessemos entrar.

Luiz—Como assim! Pois?

Marianna—Não podémos entrar, porque era imenso o tumulto do povo, e uma vozeria: «Abaixo o marquez! Viva a rainha!»

Luiz—E então?

Marianna—Então, mudámos de caminho, e viemos para aqui, onde Simões... onde o sr. Manuel Simões diz que tinha... que vinhamos encontrar o marquez.

Simões—É verdade, quando sahiamos de casa, da rua Augusta, recebi aviso d'elle que, se o não contrassemos no palacio, que viessemos aqui ter.

Ignacio—Providentíssimo e previdentíssimo sempre o nosso marquez?

Zephirino - Oh sr. patrão, e o Zé Braga! que terí feito o Zé Braga! Ele que era tanto contra o sr. marquez!...

Simões - Deixa-me, tolo: que me importa a mim?...
Zephirino - E' que o Zé Braga é capaz por fim de andar mettido nos magotes. Eu que o conheço!

Simões - Ai minha casa! E a pobre Mónica! Mas tu, que fazes tu aqui? Eu endoideço: este é, é o dia de juizo, hoje.

Luiz (*A parte.*) - Marianna que ia para casa do marquez à mesma hora que eu devia ir!... que misterio!... (*Alto.*) Padre, quem é esta senhora?

Ignacio - A sobrinha do nosso amigo Manoel Simões e Companhia.

Luiz - Impossível!

Ignacio - Se lhe repugna vê-a sobrinha do nosso Simões... veja lá de quem quer que o seja. De quem mais estimaria! Diga. A gente hade ser sobrinho de alguém, hade ter os seus tios por força...

Luiz - Padre, veja o que diz! não zombe commigo, padre Ignacio. Eu não estou, eu não posso... D. Marianna, por Deus lh'o peço, desenrede este enigma. Oh, diga, diga por quem é... diga que não é... que não é sobrinha d'elle, diga que...

Marianna (*Levantando-se.*) - Que não sou?...

Luiz - Sobrinha d'elle, senhora.

Marianna - E não sou. Já não ha para que fingir agora, meu Simões: não sou.

Luiz - Não é? Santo Deus, que felicidade!

Ignacio - Com effeito. D. Luiz o nosso Manuel Simões muito agradecido lhe deve estar. Pois custava-lhe mais, senhor... Sr. D. Luiz, que esta menina, esta bella e gentil senhora fosse do sangue do seu bemfeitor, do seu amigo, do que lhe salvou a vida, do que tem arrostado perigos e terrores para o defender?

Simões - Padre, que está a dizer? Padre Ignacio, por quem é...

Ignacio (*Com severidade.*) - Cale-se, Simões, e não me interrompa. Que sabeis vós o que dizeis, Simões, ou que entendéis vós do que eu digo? (*Para D. Luiz.*) Custava-lhe isso mais, Sr. D. Luiz de Tavora, do que achar n'ella o sangue do seu implacável inimigo, do verdugo dos seus!...

Luiz - D. Marianna, D. Marianna, pois não me disse

agora, não acaba de me dizer que não é?...
Marianna—Que não sou sobrinha de Manuel Simões.
Luiz—Ai não era d'esse que eu falava, que com tanta anciedade lhe perguntei. Bem sabia já que não, bem o sentia. Oh! do outro, do outro é que eu pergunto, do outro...

Ignacio—Esta senhora, D. Luiz, a Sr.^a D. Marianna de Mello, é sobrinha de Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, marquez de Pombal.

Luiz—Meu Deus, meu Deus! (*Silencio geral.*)

Zepnirino—Ai! e eu! que pateta que eu sou! O que eu disse esta manham ao Sr. marquez!... Olha se elle não cae tam depressa, o que seria de mim! entaipado pelo menos, entaipado o pobre do Zephirino! Sr. patrão, Sr. patrão, viva a nossa rainha! abaixou o marquez de Pombal!

Simões—Cala-te, pateta.

Zephirino—Pois se elle já lá vae, agora pôde a gente...

Simões—Que sabes tu de quem lá vae ou de quem lá torna?

Ignacio—Simões, deixe o rapaz. Grita, rapaz, grita, que já temos liberdade...

Zephirino (*A' parte a Zé-Braga.*)—Liberdade! não lh'a quero a sua liberdade. Já não tenho vontade de gritar. O marquez era um grande marquez por fim, homem que fazia muito pela nação. Eu é que me não fio n'estes Jesuitas. Vae-te, vae-te, Jesuita, deixa que... hasde ficar logrado, porfim, eu t'o prometto, com tudo isso...

Zé Braga (*A' parte a Zephirino.*)—Tu és tolo, Zephirino, mas a modos que num és pateta de todo.

Marianna (*Que tem estado pensativa e sem ver nada do que se passa*)—Sr. D. Luiz de Tavora, agora sei que este é o seu nome, e nunca o tinha ouvido antes. Deus me é testemunha. Não o sabia em Aveiro quando o vi a primeira vez, não o sabia hoje quando nos encontrámos em casa do nosso suposto tio.—Agora me explico, agora comprehendo o invisivel e invencível poder que nos separava, quando os nossos tam cegos sentimentos pareciam querer unir nos. Fatal, funesta sympathia que se tinha apoderado de nossos corações... porque nos não conhecíamos! Nenhum de nós sabia quem era o outro; e desde que o sabemos... tudo está di-

to... Que mais pôde haver entre nós?... Ou o soubesse ou o ignorassem. (*Olhando significativamente para o padre Ignacio*) os que decidiam de nossos destinos, vejo, conheço também agora... vejo que, uns de boa, outros de má fé, tinham determinado unir-nos. Laco impossível, união abominável, D. Luiz! não é verdade? Este sacrifício que lhe exigiam, e de que a liberdade, a vida de seu pae era o preço, creia, D. Luiz, acredite-me que lh' o mereço — não teria nunca o meu consentimento... Oh! jamais. Que o não teve, bem vê. Eu sabia que me casavam com uma pessoa desconhecida, com um homem que eu supunha não ter visto nunca, um homem que eu sentia que não havia de amar nunca, oh! nunca, nunca... porque o meu coração...

Luiz—Marianna! oh Marianna!

Marianna—Basta.—Esse perigo passou, estamos livres ambos. Meu tio, meu tio verdadeiro, esse ministro tam detestado... esse homem caiu; e seu pae já não precisa do sacrifício. D. Luiz, eu volto para o meu convento... e volto mais feliz do que...

Luiz—Do quê, Marianna?

Marianna—Do que se chegasse a ser espôsa de um homem que me detesta... que tam profundamente me aborrece.

Luiz—Eu! Ah! eu? Pois assim se esquece?...

Marianna—Não me esqueço de nada. Oh! quem poderia esquecer? Sei que em Aveiro, sei que no meu convento, ignorando quem eu era...

Luiz—Amei com todas as forças da minha alma, com uma adoração que me fez esquecer...

Marianna—Tudo, menos a suposta baixeza do meu nascimento quando me julgou a sobrinha do seu bemfeitor.

Luiz—Oh! D. Marianna.

Marianna—Tudo, menos o odioso do meu sangue quando me soube parente do homem que abomina. Já vê, D. Luiz, que se enganou: é um pobre sentimento, uma débil afieção, a que não resiste nem à vaidade nem ao ódio!

Luiz—Ah! se soubesse...

Marianna—Sei que esse homem tam detestado pôde ser tudo menos infame, que tudo será, menos mao portuguez, que é...

Luiz — Que é um grande homem, D. Marianna ! E que sou eu, eu que o confesso, eu a quem a sua grandeza tanto sangue e tantas lagrimas tem custado.

Ignacio — D. Luiz, D. Luiz de Tavora!

Luiz — Sou Luiz de Tavora, sou, e bem sei as obrigações que nos impõe o meu nome.

Simões (*Ajoelhando e beijando lhe a mão*) — E' o meu amo, o filho do meu bom amo. Oh meu senhor, isso é que é ser cavalheiro, ser fidalgo devéras. Ah! se todos fossem assim!

Luiz — Deixa-me, Simões; sou Luiz de Tavora, mas não sou... (*Ouve-se ruido dentro.*)

Simões (*A parte*) — O marquez! Acudamos a isto depressa.

Luiz — Mas não sou, não...

SCENA VI

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, PADRE IGNACIO,
ZEPHIRINO, SECRETARIO

Marquez — Mas não é Jesuita. Pelo menos não tem o quarto voto. Professe, professe, e verá que o Evangelho é uma chimera, o temor de Deus um sonho, que é licito mentir, fingir, trahir, vender e vender-se... Não é assim, padre Ignacio? tudo é licito, menos perdoar as injurias, menos ser fiel ás suas promessas. Sr. D. Luiz de... Sr. D. Luiz, eu tenho estado áqueilla porta, ha alguns minutos e ouvi tudo.— Seu pae estava livre, livre por minha propria e espontanea vontade. O preço que eu parecia exigir, não era para mim, D. Luiz; era para a tranquilidade d'esta terra que é nossa, de nós todos. Ai! quantas acções parecem más, quantas motivadas por vis interesses, e que têm origem nos mais nobres sentimentos! Mas oh! é muito tarde já... ou antes, é muito cedo ainda para eu me justificar. O meu poder acabou, ou como se acabasse está; o nosso contracto de sua natureza se rompeu. Não me queira mal pelas tentações que tive. Assás motivos tem de me detestar, D. Luiz—para desprezar-me, nenhum—e ninguem os tem, bendito seja Deus! ninguem, não. Concebi este projecto quando fui informado da sua inclinação para Marianna, informado por este amigo... o nosso padre Ignacio...

Ignacio—Eu disse... eu julguei... eu não queria senão...

Marquez—Não sei o que vossa paternidade queria—mortificar-me talvez, ter-me na sua dependencia: que sei eu! Por mim, o meu principal desejo era acabar com estes odios fataes, esquecer estas funestas severidades que a dureza dos tempos...

Ignacio—A dureza d'esse coração, marquez de Pombal, a maldita crueldade d'essa alma, Sebastião José de Carvalho!—Quem hade esquecer...

Luiz—Padre Ignacio, eu estou aqui; e sou eu...

Marquez—Deixe-o, deixe-o dizer...

Luiz—Não deixo, não soffro... Eu que sou...

Ignacio—Que sou o quê, D. Luiz? O sobrinho, o filho de alguns imbecis que esse homem estrangulou sobre o patíbulo? O que é isso, o que significa isso? Quem lhe diz que esse homem não fez... que não tinha direito, que não tinha razão, que não tinha obrigação talvez de o fazer?

Luiz—Ah!

Marquez—Com effeito! E então?

Ignacio—Sim... talvez: não sei. Perdôe-lhe se quer, perdôe-lhe se pôde. Que me importa a mim, que importa a Deus e ao mundo? Mas a fé de Christo que esse homem perseguiu, a Companhia de Jesus que elle destruiu, a Egreja catholica que não pôde sustentar-se sem ella... d'esse attentado monstruoso nem Deus nem os homens podem absolver-o; por esse a maldição eterna cahirá sobre o impiô.

Marquez—Se deixassemos essa bella tirada para outra vez, padre Ignacio? Para quando concludissemos aquelles ajustes começados esta manhã?

Ignacio—Sr. marquez... eu...

Marquez—Sr. padre Ignacio, eu ainda sou ministra de S. M., e vossa reverendissima ainda não é provincial da Companhia—nem Deus tal permittirá—porque eu posso cahir, padre; (*A parte*) e cahido estou! (*Alto*) mas a Companhia não se levanta.—D. Luiz...

Ignacio—D. Luiz, vamos d'aqui, vamos, senhor, deixemos.

Luiz—Eu não deixo meu pae, não saio d'aqui agora, senhor.

Ignacio (*Saihindo*)—Bem, sr. D. Luiz, muito bem!

SCENA VII

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, ZEPHIRINO, SECRETARIO, povo (*fóra*); depois ZÉ BRAGA

Povo—Soltem-se os presos! viva a rainha! abaixo o marquez!

Marquez—Sr. secretario, que não façam mal ao povo, mas que o contenham! Dê ordem aos meus dragões que ahi estão. Oh! veja que gente é essa que grita. E' a mesma de ainda agora?

Secretario (*depois de ir vér*)—E' a mesma, senhor. Rapazes pela maior parte, e gente de pouco.

Marquez—Convidem da minha parte o cabecilha, o chefe d'essa gente, a vir-me falar. Um tribuno do povo deve ter animo para encarar face a face o tyrannol Quero ouvir, quero entender bem essas queixas do povo de Lisboa contra mim: hão de ser curiosos os capitulos. Venha, venha o coice do asno.

Zé-Braga (*de fóra*)—Deixem-me, soltem-me; eu sei ir por meu pé. Sim, senhor; conheço muito vem o marquez; num n'o habéra de conhecer? Quem, eu! Cuidam que eu que sou Zephirino? num lhe tenho medo, num senhor, nenja eu.

Zephirino—Que rapaz, que Zé Braga este!

SCENA VIII

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, ZEPHIRINO, ZÉ BRAGA *conduzido por SECRETARIO*
E DRAGÕES

Ze-Braga—Está aqui o sôr marquez? Pois sim senhor: eu lhe direi tudo o que tenho que dizer. E hade oibil-as voas. Deixem-me.

Marquez—Soltem o rapaz, o meu amigo Zé Braga. Não é este o seu nome, Zephirino?

Zephirino—Saberá v. ex.***

Zé-Braga—Ai! o Zephirino aqui tamvem!

Marquez—Ora venha o sr. Zé-Braga, venha em nome do povo de Lisboa, e diga de sua justiça, que aqui estamos para o ouvir.

Luz (*A'parte.*)—Que animo de homem, que admirável sangue frio! Oh! porque havia de este homem ser meu inimigo. Oh meu pae!—D. Marianna?

Marianna—Sr. D. Luiz?

Luiz—Se nos não tornarmos a vêr...

Marianna—Adeus D. Luiz!

Luiz—Oh! E' impossível isto, impossível!...

SCENA IX

MARQUEZ, MARIANNA, ZEPHIRINO, ZÉ
BRAGA, SECRETARIO

Marquez—Com que então, até o meu amigo Zé Braga se declarou contra mim?

Zé-Braga—De sorte qu'eu, sor marquez, eu .. não era pelo tanto... E' que lá os rapazes da Vaixa, vista a coisa estar feita... sim... de estar tudo já com'aquella... com'a quem diz... enfim que el-rei nosso senhor que estava ido, e que o sr. marquez já num intaipaba a chente—dixeram elles: «Bamos então lá, e bá tudo com ceiscentos demônios!» E' o que elles diciam. E d'ahi quiceram deitar fogo a nossa cassa, não mais senão só por ser a chente—cá o patrão — compadre do sor marquez. E eu sempre lhe digo, quando tal bi, quiz-me ir a elles. Mas a tia Monica que não, que não, que os lebasse por vem. Que lhe hoibera de eu fazer! Fui-me de por bem com elles, porque nos não queimassem a cassa e tanto panno fino que lá temos e tudo aquillo. D'ahi ó depois...

Marquez—Depois?

Zé-Braga—O' depois, a verdade, verdade, é que entrou a chente a gritar, a correr as ruas — e tomai-lhe gosto à cousa. E' que elle é vom, vom deberas. Lá isso é! nem rondas, nem patrulhas, nem corregidor, nem juiz do crime; e a chente senhora das ruas. Biba este, morra aquele! E' com'a quem diz...

Zéphirino—Ah Zé Braga, Zé Braga, que nos cobris-te de vergonha para sempre!

Zé Braga—Também tu! Pois elle é o que faltaiba. Ora isto, o alfacinha!

Zéphirino—Ah boiças, boiças!

Marquez—Basta! (A parte) E' d'isto quiz eu fazer gente! (Alto) Marianna, minha querida sobrinha, perdoa-me. E vamos d'aqui, filha. Em má hora me lembrei de te tirar o socego do teu convento.

Quiz-te engrandecer, cuidei fazer-te feliz, e não consegui senão envolver-te na minha ruina! Vamos, filha, vem apprender como se deixam as honras e as grandezas, e como na desgraça se pode ser grande, muito maior que na felicidade.—D. Luiz! (Não o vendo) Onde está D. Luiz?

Marianna—Senhor, elle...

Marquez—Ah! assim devia ser. Elles têm razão, filha. E ainda foi generoso este. Verás os outros — já os estás vendo — os que me devem tudo quanto são, a quem eu nunca fiz senão favores, que os tirei do nada... vê-lhos-has.—Oh! e Manuel Simões? também esse! Bem.—Marianna, vamos. Sr. secretario, as ordens da rainha, minha senhora, que se cumpram; todos os presos d'Estado estão livres. Começa a tremenda reacção: como acabará ella? Se eu fui talvez mais longe do que a justiça e a razão pedia!... Pode ser.—Vamos, Marianna. Mas tu estas triste, filha? Pobre meninal vieste assistir a este grande naufrágio, vê a ruina dos teus, e quem sabe? tomar também parte—ai! temo que muito grande parte n'ella... porque tu... não era possível... oh! que fiz eu! é certo, é certo, bem o vejo... tu tinhas-lhe muita affeção, Marianna?

Marianna—Tinha, meu tio; e não sei se tenho ainda. Mas creia, senhor, que a filha de sua irmã não haverá de envergonhar, nem desmentir a fortaleza d'essa alma que hoje se mostra maior que nunca. Ninguém sabe ainda que estou em Lisboa; voltarei sem que o saibam. Esta boa gente não falará; e os seus inimigos não hão de ter o gosto de se divertir com uma aventura quasi... quasi ridícula. (A parte) Oh! que me importava a mim o ridículo, se não fosse!... (Alto) Por essas poucas horas que tenho de estar em Lisboa — e que já me parecem séculos — tornarei a ser sobrinha da tia Monica...

SCENA X

MARQUEZ, MARIANNA, ZEPHIRINO,
ZÉ-BRAGA, SECRETARIO, MONICA, SIMÕES

Monica—Ella aqui a tia Monica. Ai! que noite esta, que noite, minha querida sobrinha! ai filha! que a torno a vêr. Mas donde, aonde meu Deus! n'esta

feia casa... Abrenuncio! E dizer que o marquez aqui tenha presa aquella boa gente! Ai o sr. marquez aqui! Deus me perdoe! Eu não o dizia por isso, sr. marquez; mas vê aqui a minha pobre sobrinha...

Simões (*Baixo ao marquez*) — Sr. marquez, eu fui buscar Monica, e sei que fiz bem. A sr.^a D. Marianna pôde ir com ella e tornar para aquella casa, que — V. Ex.^a bem o sabe, não pôde duvidar, sr. marquez — é mais sua do que minha.

Marquez (*Apertando-lhe a mão*) — Meu Simões, perdão-me; eu não te conhecia.

Zephirino — Oh Zé Braga, Zé Braga, ella então torna a ser sobrinha do patrão, hein?

Zé-Braga — Deixa-me homem. Sabes tu que o nosso marquez que era um grande homem porfim?

Zephirino — Oh se era! bem grande. Mas deixal-o estar assim pequeno, que sempre a gente dorme mais socegada.

Zé-Braga — Apparece-me que tu que tens razão, Zephirino.

Marquez — Pensaste bem, Simões. Assim é, e assim deve ser, meu compadre. Marianna volta com a tia Monica...

Monica — Pois com quem havia de voltar a pobre menina? Deixemos passar estes barulhos e ver em que isto pára: depois falaremos. Oh sr. marquez, pois com esta cara quem fica sem achar casamento? Lá sem falar nos taes vinte moios de milho, que eu ainda não sei bem quanto é. Aquelle sr. Luiz, aquelle sr. Luiz, que me disse uma palavra! ainda me não esqueceu: «Uma figa, tia Monica!» Uma figa a mim!

Simões (*com asperzeza*) — Monica, então?

Monica — Basta, senhor do céo! basta; já não digo nada.

Marquez — E' tarde, vamos. Adeus filha, até amanhã. Falaremos. Agora é preciso que eu appareça, que não digam os meus inimigos que o marquez de Pombal abandona o campo. Oh! o marquez de Pombal não succumbe assim, meus senhores. A lucta hade ser longa. E quem saber? Elles não podem, elles não sabem governar isto. Este já não é o Portugal dos frades e das beatas. E o que eu semeei n'esta terra — seja elle flores ou abrolhos —

já lh'o não arrancam, já o não extirpam. Oh! eu por fim sou o marquez de Pombal... e elles o que são? Que sabe d'elles o mundo, e que hade saber a historia dos seus feitos? A historia, a historia! vaidade, orgulho dos nescios... (Pausa) Vamos, Marianna, não me estejas triste.

Monica — Qual triste! ella está lá triste com a sua tia Monica!

Marianna — E é, oh! é a minha querida tia Monica.
Marquez — E depois, quem sabe? nem todos hão de ser tam vis, tam...

Marianna — Ai! meu convento, ai quem me déra...

Monica — O convento! não verão? Não hade ir para o convento, não senhora; hade ficar alli na nossa rua Augusta, que é a mais divertida rua de Lisboa. Tomára que a visse n'um dia de procissão, armada de damascos, e que...

Simões (*Ralhando*) — Monica, Monical!

Monica — Monica! está calada a Monica. Pois vamos então.

Marquez (*A'parte*) — Para ceder sempre é tempo: eu quero, eu posso ainda... (*Alto a Simões*) Vão, vão. Simões, eu conto contigo. Marianna, até amanhã.

SCENA XI

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, SIMÓES,
MONICA, ZEPHIRINO, ZÉ-BRAGA,
SECRETARIO.

Marquez — D. Luiz!

Marianna — Oh! ainda aqui estava?

Luz — Aqui estou. Que pensava de mim? Outra injustiça, oh! — Sr. marquez de Pombal, eu venho, em nome de meu pae, a cujos pés me lancei, de meu pae que foi seu inimigo e que o não é já... venho, com licença de meu pae, pedir-lhe em casamento a Sr.^a D. Marianna de Mello. E que seja esta mão, Sr. marquez (*Indo a tomar a mão de Marianna*) esta mão... (*O marquez enternecido coloca a mão de Marianna na de Luz que a beija*) esta mão que apague enfim a derradeira memória de tantas... de tantas desgraças!

Marquez — Ah! D. Luiz! eu não soube, não soube fazer nem amigos nem inimigos.

Zephirino — Que te dizia eu, Zé-Braga? Eu bem t'ô

dizia, que elle que era um, mas que eu que bem sabia que elle que era outro.

Zé Braga—E tu nem és nem um, nem outro, és só metade de um.

Zéphirino—Porquê?

Zé-Braga—Porque és um pedaço d'asno.

Monica—Eu estou pateta. Pois elle?...

Simões (*A parte*)—E o padre Ignacio? Que dirá elle a tudo isto? Estou-lhe com medo.

Marquez—D. Luiz! Marianna! oh se podessem acabar assim as nossas discordias civis!

SCENA XII

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, SIMÓES, MONICA,
ZÉPHIRINO, ZÉ-BRAGA, SECRETARIO,
PADRE-IGNACIO

Ignacio—Não acabam, não, marquez de Pombal, porque n'esse coração, porque em nenhum coração d'esses hade morrer nunca a ambição.

Luiz—Oh padre, aqui n'este... (*Apontando para o coração.*)

Ignacio—N'esse ainda ella não nasceu. Veremos com o tempo.

Luiz—Eu não vejo, eu nunca heide ver senão a ti, Marianna.

Ignacio—Por'ora.

Luiz—Para sempre!

Marquez—Que Deus o oiça, D. Luiz, e lhe não dê nunca a provar o que eu sei.

Ignacio—E eu.

Marquez—Oh padre, padre!... Vamos: a sua mão (*Dão-se a mão.*) De amigo?

Ignacio—Veremos... E a Companhia?

Marquez (*Soltando a mão do padre*)—Jámais!

Ignacio—Pois guerra!

Marquez—Sim.

Ignacio—Até á morte!

Marquez—Seja. Eu cahirei, mas...

Ignacio—Hade cahir.

Marquez—Mas os Jesuitas não se levantam.

Ignacio—Veremos.

INDICE

FREI LUIZ DE SOUSA—Introdução.....	1
Ao Conservatorio Real.....	5
Acto primeiro	21
Acto segundo.....	41
Acto terceiro.....	61
Notas.....	79
Appendice (Juizo critico sobre <i>Frei Luiz de Sousa</i>).....	105
A SOBRINHA DO MARQUEZ—Introdução.....	117
Acto primeiro	125
Acto segundo.....	149
Acto terceiro.....	171
